

**FONTES BIBLIOGRAFICAS
PARA A PESQUISA DA PRATICA MUSICAL NO
BRASIL NOS SEculos XVI E XVII**

Paulo Augusto Castagna

Volume III

(documentação)

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientador: George Olivier Toni.

- São Paulo, 1991 -

[LEONARDO DO VALE]

(c. 1538 - 1591)

DOCUMENTO: VOCABULÁRIO DA LÍNGUA BRASÍLICA, s.l., 1621.

TEXTO: O códice publicado em 1952-1953 é o de nº 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa, com o título « VOCABULÁRIO | - Da Língua Brasileira. - ». Mas em 1938 PLÍNIO AYRÓS publicou outro manuscrito, posterior ao primeiro, que leva 2 últimas páginas: « Debetur soli gloria vera Deo. | LAUS DEI, VIRGINI QUE MATRI. | Este livro intitulado | Vocabulario Brazil | foy começado em Abril | Porém em Agosto acabado. | 1622 a. | Aos 22 de Agosto citava da assunção de Nossa Senhora. | E Piratininga ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A p. 11, nota 7, da segunda edição, lê-se: « O Ms. traz o título: Vocabulário da Língua Brasileira, e não na Língua Brasileira, como o de 1621/1622, de que nos servimos para a 1ª edição ». A p. 9 há a informação: « Em 1938, após longos anos de expectativas promissoras e de desilusões amargas, conseguimos publicar o Vocabulário da Língua Brasileira, de 1621 [(nota 1): « Aurora, Plínio - In Prefácio ao Vocabulário da Língua Brasileira, São Paulo, 1938 - Pacheco, Felix - O Dicionário inédito da língua indígena. In Rev. da Acad. Brasileira de Letras, Ano 26, nº 153, Rio, 1934 »], sem dúvida um dos mais preciosos documentos para o estudo do tupi antigo. ¶ Naquela época, embora suspeitássemos da existência de outros vocabulários, mais ou menos relacionados com o que tínhamos em mãos, não poderíamos imaginar nos fosse concedida a ventura de ver confirmadas as nossas suspeitas, e mais, a verdadeira alegria de obtermos, com toda facilidade, novos manuscritos do Vocabulário, de que agora nos utilizamos para esta 2ª edição. ¶ Os estudos e as pesquisas do grande historiador Pe. Serafim Leite puseram-nos na pista desse códice [(nota 2): « Leite, Pe. Serafim - O primeiro Vocabulário tupi-guarani (português-brasileiro). In Rev. Brasileira, Vol. XIII, fasc. 2-3, 1936 - Leonardo do Vale, autor do primeiro Vocabulário da Língua Brasileira (1951). In Língua tupi-guarani, "O Vocabulário da Língua Brasileira", In Rev. de Portugal, Série A, Lisboa, 1946. »], pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa ». No « Prefácio » da 1ª ed., Vocabulário da Língua Brasileira... (São Paulo, Depto. de Cultura, 1938, pp. 1-74), há muitas informações sobre a origem e possíveis autores do texto. Há pouca diferença entre os dois códices, segundo se depreende de sua comparação.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Vocabulário da Língua brasileira. 2ª edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, nº 137, 1952-1953. 2 v. (Etnografia e tupi-guarani, nº 23).

VOLUME I

[...]

(p. 29) Alerido fazer, o mesmo q. dar grita. - Apocem 245, vel. Apocapocem.

[...]

(p. 46) Atabeque, e todos os demais desta sorte. - Guarara. Mopögaba²⁴⁶.

[...]

(p. 46) Atambor. - Guararáguaçu.

[...]

(p. 50) Bailhar, ou dançar. - Aporacey 247.
Bailhar abraçado com outro. - Uide Abraçado.
Bailo ou dança. - Moraceya.

[...]

(p. 50) Bozina, e tudo o q. se tange com uento. - Mimbig.
Bozina ter. Xereminbig 248.
Bozina tanger. - Aicopig act.

[...]

- (p. 60) Buzio, os muito grandes. - Gostapig. do mar. Outros menores (sic) Çaruiagoçu. outros menores. Çacura. Pirigoi. Paraguacaré. Çupaci. Çacurama. ec.
- [...]
- (p. 64) Campainha. - Jtanaracamiry.
- (p. 65) Campa pello cino. - Jtanaracá 248.
Campanario. - Jtanaracá shaba.
Cantar. Anheëgar. Anheengaraib.
Cantar a Ave. Anheeng
Cantar o gallo. O mesmo e Açpuosy. Ao cantar ou a cantada do gallo. Guirapucainheengoe, 1, Guirapepeme, 1, Guirapucaine 200.
- [...]
- (p. 66) Cantiga. - Nheengara
- [...]
- Canto ou sofa. - Nheëgaçaba.
Canto de ave. Nheenga.
- [...]
- Cantor. Nheëgaraipara
Cantor pollo mestre. Yiba. Nheengariba.
- [...]
- Caracol dasoa doce. - Urugoa. Outros da terra grandes. Ytitá. Yatitagueçu. Para os do mar. Vide Caraujo.
- [...]
- (p. 68) Cascavel de fruta. - Agceç.
Cascavel de latão. - Jtagoay 201.
- [...]
- (p. 69) Dança. Moraceya.
Dançador. Moraceitara.
Dançar. Aporacey.
- [...]
- (p. 118) Entoar ou começar qualquer canto, ou cantiga. Ainoin 202.
- [...]
- (p. 126) Espinha de peixe ou qualquer. Canga. Ese he ia fora do peixe Canguera.
- [...]
- (p. 138) Festas outras como seculares. - Nhemocaraya
Festajar. Nhemocaraya minonhang (reos), 1, Anhemocaray
- [...]
- (p. 146) Gaita como quer. Mibig.
Gaitero. Mibigaçara. Mibigipigara.
- [...]

VOLUME II

- [...]
- (p. 20) Letra do q. se canta. Ypapacaba.
Letra meter o q. canta. - Aispar.
- [...]
- (p. 22) Lingoa, ou linguagem. Nheenga 203.
- [...]
- (p. 45) Musica. - Nheëgara.
Musica dar, ou fazer. - uide Cantar
Musico, ou cantor. - Nheëgaçara. Nheëgaraipara.

- (p. 100) Regente como na dança, musica, etc. - Ygha 254, 1.
Cerecoara 256.
[...]
- (p. 101) Repiquar como sinos. Aimocininingo.
[...]
- (p. 118) Soar, ou toar. - Xepu. Xerigapu. Acurang
Soar myto. Xepuguaçu. etc.
[...]
- (p. 122) Susse como musica. - Matuete, porque este serue a muitas cousas.
Surdo ser. - Maxespiçay
[...]
- (p. 124) Tambor. - Guarara. Guararaguacu.
Tamboril. - Guarara. Guararamirí.
Tamborileiro. - Guararamopugara.
Tanger como tambor, sinos, e tudo o que se tange com uento.
Aimopû 256. act Xepû. neut.
Tanger como freuta e tudo o q. se tange com uento. Aicopig. act.
Aimixbig. absol.
[...]
- (p. 130) Tocar instrumento musico sã uento. - Aimopû. act. uide. Tanger
[...]
- (p. 137) Trombeta. - Itaminbig.
Trombeta de cema dos Indios. - Minbigapara. Minbigpucu.
[...]
- (p. 139) Urro na guerra. Pocema.
Urro dar assi. - Apocen, 1, Oropocen, in plurali.
[...]
- (p. 149) Zurrar como o inuento, etc. - Anheeng.
[...]

245. O verbo apocen é derivado de pocema, que os tupinólogos traduzem por grito, alarido, etc.

246. Segundo LUIS CALONG TIRIQUA (Dicionário tupi-português, 1964, p. 134), apocenga é « tipo de pescaria em que os índios entram nos rios e fazem grande alarido, balanço com as mãos sobre a superfície da água ».

247. JORD RODRIGUES BARBOSA (Vocabulário indígena cooperado, 1892, p. 33) encontrou, para a palavra dança os seguintes vocábulos indígenas: « Aheengatu - Puracay, Maracai; Língua Geral - Maracá; Acheenga - Porahí; Karai - Porahai, Poragui ». Para dançar traz « (Mh.) Parassei. (L.S.) Paracê. (A.) Parahê. (K) Poracei (Cantar) ». ANTONIO RUIZ DE MONTANA (Tesoro de la lengua guaraní, 1639, ff. 315v-316r) é mais rico em informações: « Porahai. 1. mborahéi, canto. Cheporahéi, ai câtar. y. u. Aporahéi. yo câto. ta. tara. Mlaporahéique ábó, nose câtar. Aporahéi açú. 1. áfêé ábucú gu porahéita, cantar alto. Aporahéi catupiri, cantar bien. Aporahéitê, doçemente cantar. Aporahéi levó, cantar desentonado, y con voz quebrada. Mboracá pipé aporahéi, câtar con instrumto. 1. amirv mboracá guiporahéita. Tupa vpê porahéitáha, Canto Ecclesiástico. ¶ (...) nîbahi porahéitára áfêé, disuamen los cantores. Mborahéi piáhi ayapó. 1. Amóá, componer cantares nuevos. Ameyoya porahéi, concertar las voces. 1. amingati porahéi. Mborahéitá reif. 1. Mborarahéi apítá. 1. Mborahéi yphúáo, coro de musica. Ioféw api tamê porahéitára, ponense los coros a parte. Mborahéi, Maestro de capilla ».

248. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO (*Vocabulário tupi-guarani português*, 1987, p. 561) informa: « Xeré no melhor sentido: junta-se a dicção - real, a todas as pessoas correlativas desse pronome no mesmo sentido de - meu, teu, seu, etc. - Estes possessivos se juntam com os infinitivos dos verbos activos sem accusativo, e significação, não a acção dos mesmos verbos, mas a coisa sobre que cai a sua acção ». Yarmámbá, portanto, dever ser "o meu eyabí".

249. JORD RODRIGUES BARROSA (op. cit., 1892, p. 50) informa: « Cantar, (Nh.) Nheengare. (L.B.) Nheengare. (R.) Nheengar. (X.) Nheengar »; « Cantoria, (Nh.) Nheengaraçau. (L.B.) Nheengaraçau » e (p. 83) « Voz, (Nh.) linga. (L.B.) Nheenga neng. (X.) Neng. ».

250. ANTONIO RUIZ DE MONTAÑA (op. cit., 1939, f. 132v) traz: « Guirapocai, pezoço conhecido. Guirapocai, canto de ave. Guirapocai ei, mal agouro, mala voz de ave. Guirapocai éé, dulce canto de ave ».

251. A composição da palavra itaquai por itá e aquai parece clara. Porém, os tupinólogos modernos não se referem a este termo como um instrumento musical, e sim « o rio dos barrairos, ou dos taús » (TEODORO SAMPAIO, *O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 255), « angra, emenda » (MAY H. SOLLIN, *Dicionário de tupi moderno*, 1978, v. 1, p. 81) e « O rio de itaquai » (FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO, op. cit., 1987, p. 137).

252. Frei ONOFRE (1795, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, *Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 173) dá para Aiaoin, entre quatro significados, « entrar » designar o começo do canto, ter voz mestra no coro ».

253. ERIVANO STRAGELLI (*Vocabulário de língua geral portuguesa-tupinagatú e tupinagatú-português*, 1929, pp. 575-577) traz os seguintes vocábulos na língua nheengatú: « Nheenga - O falado, língua, linguagem. ¶ Nheengara - Cantiga, canto ¶ Nheengari - Cantado ¶ Nheengari-cepi - Apreendido, cantado o preço ¶ Nheengarisara - Cantor ». Também dá (p. 140) « Cantar - Nheengare ¶ Cantador - Nheengaresira ».

254. Frei ONOFRE (1795, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, op. cit., 1934, p. 300) traz « Yba - cabo de qualquer instrumento, o mastro do navio ou canoa » e LUIS CALDAS TEIGRIG (op. cit., p. 591) dá « yba - haste, caule, vergalhão, cabo do instrumento ». Parece haver associação entre a habuta ou bastão do repente com a pessoa que desempenha esta função.

255. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO (op. cit., 1987, p. 97), que também escreve *carreçara*, traduz essa palavra por « Tutor; dono; patrão. Padrião - que deu o nome ».

256. Frei ONOFRE (1795, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA, op. cit., 1934, p. 178) informa: « Aiaopá - bater em alguma coisa com a mão. Também dizem Aiaopá. Tocar instrumento musical ».

[ANÔNIMO]

LIVRO: RELACIÃO DA TOMADA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR PELA ARMADA HOLANDESA. Veneza, Antonio Pinelli, 1624.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Um folheto, anexo ao exemplar da BIEB, contém a seguinte informação: « Com apenas 4 folhas numeradas, este raríssimo folheto – desconhecido do Dr. José Hondrio Rodrigues e do Sr. Rubens Borta de Moraes – representa uma das primeiras notícias chegadas à Europa ».

EDIÇÃO UTILIZADA: RELATIONE | Dell'Acquisto | Fatto Dell'Armata Holandese | della Città di S. Saluadore nella Baia di | tutti i | Santi, Metropoli della Prouincia | del Brasil, nell'India Occidentale. | L'anno 1624. Alli 9. & 10. di Maggio. | Con Licenza | De' Superiori, | et Privilegio. | [grav.] | In Venetia, M. DC. XXIII. [1624] | Appresso Antonio Pinelli. [4 ff. unum.] [BIEB: LR-3-12].

TRADIÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTANHA.

TEXTO ITALIANO

[1.] <...> (f. A2r) [1. 16]
 hauendo il Generale Giacomo
 Vvilkens tenuto Consiglio del modo,
 che si haueua da tenere, per la
 felice riuscita di quell'Impresa,
 la mattina de' noue entrò nella
 Baia con trentasei Vele comprese le
 Scialuppe che si sogliono portare
 à pezzi, dentro alle Naui, & poi
 ne' bisogni si congiungono insieme;
 & con il vento in poppa, con gran
 romore di Trombe, & Tamburi,
 s'appressò alla Città. <...>

[...]

TRADIÇÃO

<...> havendo o general Jakob
 Wilkens tomado conselho do modo que
 haveria de ter para o feliz êxito
 daquela empresa, na manhã do dia
 nove [de maio de 1624] entrou na
 Baía [de Todos os Santos] com
 trinta e seis veleiros, inclusive
 as chalupas que se levavam em
 peças, dentro de cada nave, que
 depois tiveram que permanecer
 juntas. E com vento em pŕopa, com
 grande rumor de trombetas e
 tambores, aproximou-se da cidade.
 <...>

[...]

BARTOLOMEU GUERREIRO

(1578 - 1642)

LIVRO: JORNADA DOS VASCALOS DA COROA DE PORTUGAL PARA SE RECUPERAR A CIDADE DO SALVADOR (EM 1625). Lisboa, Matheus Pinheiro, 1625.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Há duas edições desta obra, idênticas quanto ao texto, editor e data, diferindo apenas por detalhes sem implicação no assunto tratado. A que utilizamos possui, por exemplo, a frase «Taxase este liuro, em hum tostão em papel», no verso da página de rosto, enquanto que a outra não a contém.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES [História da História do Brasil, 1979, livro II, cap. III, nº 1, p. 60], «Bartolomeu Guerreiro (1578-1642) nasceu no Elentejo e aos 18 anos entrou para a Companhia de Jesus. A Jornada dos Vascos da Coroa de Portugal é a primeira e uma das mais importantes narrativas da restauração da Bahia. Relata os acontecimentos do assalto, a tomada da cidade pelos holandeses, e descreve os sucessos posteriores, as repercussões em Portugal, o preparo para a jornada de reconquista até a entrada, a 30 de abril de 1625, e as comemorações pela vitória».

EDIÇÃO UTILIZADA: JORNADA DOS VASCALOS DA COROA DE PORTUGAL, PARA SE RECUPERAR A CIDADE DO SALVADOR, NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS, TOMADA PELOS OLANDEZES, A OITO DE MAIO, DE 1624. É RECUPERADA AO PRIMEIRO DE MAIO DE 1625. Feita Pelo Padre Bartolomeu Guerreiro da Companhia de Iesv. [priv.] Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa. Por Matheus Pinheiro. Anno de 1625. [Impressa á custa de Francisco Alvarez Liureiro. Vendese em sua casa, defronte da Misericórdia. [20 x 14; 74 ff. num.; 1 pl.] (BIBN 2-a-25).

CAPITULO. XXIII. Do que succedeo na Bahya, sendo o Bispo capitão Mór.

[...]

[3.] <...> (f. 36v) A quinze de Iulho de 624. Sahio o Mestre de Campo, Ião Dort, a dar hum assalto nos nossos, não lhe recusou o encontro o Capitão Francisco de Padilha, antes (f. 37r) inuestindo com elle, & matandolhe o cavallo em que vinha, ficou a briga á espada, que em breue se resolveo com o Padilha cortar a cabeça ao Dort. E a hum trombete seu, dando nos mais com tanto valor, que os foy matando, & ferindo, até os fechar na Cidade, onde os Olandezez elagerão por Mestre de Campo, outro Capitão Olandez, chamado Alberto Scolt. <...>

CAPITULO XXXIII. Rendimento do inimigo

[1.] <...> (f. 55r) E no mesmo tẽpo chegou o coronel Olandez [“Hans, Ernst. Riffmannelt”, em batalha a 27 de abril de 1625], cõ até cõ homens de armas, & o Almirante da armada, com dous capitães de infantaria, & perguntarão aos tres Portuguezes, se trazião ordẽ de se fallar em concertos? responderão-lhe, q̃ não; & q̃ se trataião de os fazer, mandassem ao quartel do Carmo, hã tambor a renderse ao General, Dõ Fadrique de Toledo. E neste particular, funderão os Olandezez, o dizerem, q̃ do nosso exercito se lhe dera recado q̃ fosse o tãbor, que appareceo ensima do muro, vestido de branco, com hũ papel no chapeo, & mytos Olandezez polla muralha, fazendo meneos de quem se rendia. Caminhou o tambor polla muralha, tocando a caixa direito ao

quartel do Carmo, onde estava o General, & não sendo os Olandezes entendidos dos nossos, lhe deraõ hua carga de mosquetaria, com que matarão a muitos. Repetiraõ os Olandezes os sinais do rendimento, & insistio o tambor em fazer sua embaxada, a que acodio Antonio Moniz Barreto, Mestre de câpo de hã terço Portuguez, q̃ estava de guarda, & pera ligoa, leuou o Sargento Mór Murga, q̃ o era do terço de Dõ Ioaõ de Orellana. <...> (f. 55v) Voltou o tambor aos seus [no dia 28] com alguns Olãdezes, que o acompanhauam: & dos nossos o fizeram tambem, o Sargento Mór com alguns fidalgos Portuguezes; & Castelhanos. <...> [...]

CAPITULO. XXXVII.

[1.] (f. 58v) REsolutas estas capitulaçoens [a 30 de abril de 1625]; deram os Olandezes a entrada na Cidade, foram os primeiros que entraram, o Marquez de Cropani; & Dom Ioaõ de Orellana, a quem não tocou a entrada, & tocou a Antonio Moniz Barreto, Mestre de Campo de hã terço Portuguez. <...>

MANUEL DE MENEZES

(? - 1628)

DOCUMENTO: RECUPERAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR. 1625 no ponto depois.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: A RTIHEB publicou este documento, sem qualquer indicação de data no vol. 22, 1899, pp. 337-411 e 526-633, com o título « Recuperação da cidade do Salvador escripta por D. Manuel de Menezes cronista mor e chresographo de sua Magestade e Capitão Geral da armada de Portugal naquella empresa, cópia notejada com o manuscrito original de Madrid - por Francisco Adolpho de Varnhagen ». Podemos supor que o original tenha sido escrito logo após a derrota holandesa na Bahia, nos fins de 1625.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSE FERNANDO RODRIGUES (Ministério da História do Brasil, 1979, livro 1, cap. III, nº 1, p. 60), « D. Manuel de Menezes, herói dos acontecimentos, que narra de forma seca e fiel, foi cronista-mor do Reino, professor de astronomia, cosmógrafo-mor e dos que melhor reuniu, naquela época, a profissão literária à militar. Foi o comandante português da esquadra restauradora da Bahia e escreveu a Recuperação da cidade do Salvador, que é uma singular notícia, pela consciência e pelo caráter oficial de que vinha revestido. Cuidou de escrevê-la, segundo ele próprio diz, não pela nobre ocupação de ser cronista, mas para que, com mais cômmodo successo, pudessem referir-se aos Ministros diante de quem se justificava ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de J.M.N. Garcia, vol. 22, 1899, pp. 337-411 e 526-633.

LIVRO PRIMEIRO - Dos successos que tantárão fazer em as
armadas á vella da Ilha de Santiago.

[...]

[12.] <...> (p. 400) Sayo a 15 de Junho [de 1625, da Bahia] o coronel
João Doart a cavallo acompanhado de alguns soldados tocando trombetinha
diante; <...>

[...]

LIVRO SEGUNDO. - Do que aconteceu até render-se praça.

[1.] <...> Em quanto esperava [pouco após 28 de abril de 1625, na
Bahia] aminhava o atambor [holânde] descoberto pelas cortinas tocando caixa
pera o quartel do Carmo; <...>

[...]

LIVRO TERCEIRO - O que succedeu ate que as armadas vitoriosas
deram vela para volta de Espanha &.

[...]

[2.] <...> (p. 618) E ate nisto avia trabalho porque não avendo officiaes na armada era necessario neste mesmo tempo em que na marinha se occupavam huns em contar dinheiro todo o dia, ou estar prontos para qualquer hora em que os soldados acudissem, assistirem outros no collegio dos padres da companhia (conforme ao aviso que lhe mandara o de Cropani em 28 do mes passado [maio de 1625] depois que quasi tudo o de valor era ou desencaminhado, ou repartido) donde se davam panos podres por excessivos preços segundo se queixavam os portuguezes, alfinetes, alnofapes, cascaveis, berinbaus, pelo que cabia a esquadra de Portugal daquela praga, estas sarcandajas se aviam de repartir depois por cada companhia conforme o que a cada hum tocava; <...>

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: CARTA ÀLMA DO BRASIL AO P. GERAL DA COMPANHIA DE JESUS. Bahia, 30 de setembro de 1626.

TEXTO: JORGE LÚCIO DE AZEVEDO, nas *Cartas do Padre Antônio Vieira* (v. I, 1975, pp. 1-2, «Anua da Província do Brasil») informa: «Esta carta existe nos arquivos da Sociedade, em Roma, dois exemplares, ambos autógrafos e assinados por A. V., um com data de 21 de Novembro, outro de 1 de Dezembro de 1626. Pelo Padre Francisco Rodrigues, jesuíta, que ultimamente os examinou, sabemos ser o texto latino mais breve, o português, evidentemente depois concertado na linguagem, mais copioso de notícias. O escrito, nesta forma, e como tem sido publicado na imprensa, difere igualmente na data, 30 de Setembro de 1626, porventura a do primitivo rascunho, vertido a latim, e a que mais tarde o autor aditou reminiscências e pôs a linguagem».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Primeiro escrito de VIEIRA (aos 18 anos), este documento é assim referido por SERAFIM LEITE na *História da Companhia de Jesus no Brasil* (tomo II, 1949, nº 222, p. 235): «Carta Àlma do Brasil, ao P. Geral da Companhia de Jesus, da Bahia, 30 de Setembro de 1626. (Bras. B, 342-355; 364-377, com a data de 1 de Dezembro de 1626, lat.). Autógr. Trad. por Vieira em port. Apógr., B. N. do Rio de Janeiro. Publ. parcialmente (Missões do Espírito Santo e Mares Verdes) na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, V (1843) 335-341; íntegra em *Anais da B. N. do Rio de Janeiro*, XIX (1897) 177-217; - *Cartas de Vieira*, I (Colâbra 1925) 3-74». Em 1935 essa carta sai como livro, recebendo o título *A Inimiga holandesa na Bahia* (Salvador, Progresso), na Coleção Ensaios, série minúscula, nº 27, contendo bibliografia. O título, como publicado nos *Anais da B. N.*, p. 175, é o seguinte: «Anua Ou Annaes Da Província Do Brasil Dos Doze Anos de 1624, E De 1625. E successos respectivos ás Cazas que por esse tempo conservavaõ naquelle Estado os extinctos Jesuitas: E por dizer respeito á mesma Narracão se tracta da Violenta entrada, que os Holandezes fizeram naquellas p.^{tes} e principalmente na Cid.^{de} da Bahia com a curioza exposiçãõ da sua situaçãõ progressos, e mudas circumstancias dessa falta, atrevida Invaçãõ Escrita Por comissãõ, e obed.^{cia} dos seus Superiores Pelo Padre Antonio Vieira da mesma Companhia». Nos *Anais da Bibl. Nat. do Rio de Jan.*, v. LXIII (1954) está descrito o apógr. acima citado por SERAFIM LEITE, levando o seguinte título («XII - Obras inéditas. V. 29, nº 54, p. 176): «Anua ou Annaes da Província do Brasil dos Doze Anos de 1624, e de 1625. E successos respectivos ás Cazas que por esse tempo conservavaõ naquelle Estado os extinctos jesuitas: e por dizer respeito á mesma Narracão se tracta da Violenta entrada, que os Holandezes fizeram naquellas p.^{tes} e principalmente na Cid.^{de} da Bahia com a curioza exposiçãõ da sua situaçãõ, progressos, e mudas circumstancias dessa falta, e atrevida Invaçãõ. Escrita por comissãõ, e obed.^{cia} dos seus Superiores pelo Padre Antonio Vieira da mesma Companhia», aparecendo no códice BNEIV/26-31 nº 5, 116 ff. (Outras cópias são catalogadas na Biblioteca Nacional: II-31, 3, B; I-8, 4, 38 nº 4; I - 12, 2, 21).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA - Anua Ou Annaes Da Província Do Brasil Dos Doze Anos de 1624, E De 1625. (...). *Anuaes Da Bibliotheca Nacional Do Rio De Janeiro Publicados Sob A Administração Do Director Dr. José Alexandre Teixeira De Mello*. Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, XIX, 1897, pp. 175-217.

[1] Collegio da Bahia

[...]

[17.] (p. 162) Com a luz do dia seguinte [9 de maio de 1624, na "Cidade da Bahia"] appareceo a Armada inimiga [holandesa], que repartida em Esquadras vinha entrando. Tocavaõ-se em todas as Nãos trombetas bastardas a sãõ de Guerra; que com o vermelho dos paveros vinhaõ ao longe publicando sangue. [...]

[18.] <...> (p. 163) E foi tal a tempestade de fogo, e ferro, tal o estrondo, e confuzaõ, que a muitos principalmente aos pouco experimentados, ceuzou perturbaçãõ, e espanto, <...> o contínuo trovaõ da Artilharia tolhia o uzo das línguas e orelhas, e tudo junto, de mistura com as trombêtas²⁵⁷ e mais instrumentos belicos²⁵⁸, era terror a muitos, e confuzaõ a todos.

[...]

[88.] <...> (p. 188) Nas Aldêas onde estavam os da Companhia, além das Orações, e penitencias, que se acrescentavam todas as sextas feiras, e sabbados, se fazia uma Procissão com Ladainhas cantadas, pedindo misericórdia a Deos: até que o mesmo Senhor no dia da Redempção do Mundo, nos quiz mostrar a nossa, antecipando-nos as Alelúyas com a primeira vista da Nossa Armada, a qual, dia de Páscoa da Ressurreição, primeiro de Abril de 1625, amanheceu toda dentro na bahia, posta em alla, para que as vélas inimigas, que no Porto estava, não pudessem sair, nem escapar.

[...]

[8] Collegio de Pernambuco

[...]

[4.] (p. 212) Também falleceu o Padre Salvador Coelho, natural da Bahia, professo de quatro Votos; <...> Fez-lhe grandes honras o Prelado da Administração de Pernambuco, com toda a sua Clerozia: entraram pelo Collegio, e o trouxeram com tochas do seu Cubiculo á Igreja, onde lhe cantaram um Officio com toda a solemnidade, e pouca poucas vezes vista, nem praticada com os da nossa profissão, e Instituto.

[...]

[10.] <...> (p. 214) Assim, enquanto não tinham o despacho [da concessão de um padre pelo Reitor, que residisse com os índios na "Aldêa de Una"], tristes, e pensativos andavam os pobres: mas tanto que o tiveram, se desfizeram em festas, e alegrias, e vendo os Nossos, saíam em Procissão a Aldêa toda, com musicas, e danças a seu modo, a recebellos, como triunfando da victoria, que tiveram em os alcançar.

[...]

[21.] (p. 216) Determinou logo o Prelado da Administração de Pernambuco, á petição de muitas pessoas de respeito, que esta tão assignalada Meroê se gratificasse a Nosso Senhor, dizendo-se todas as sextas feiras daquella anno ao Santo Crucifixo já Missa cantada, para o qual effeito se elegeram por Mordomos quatro homens graves: os quaes se tiveram por muito ditosos em ser os primeiros no Serviço de tal Senhor. Agora, com a nova Confraria, e Indulgencias, que Sua Santidade concedeo, se continúa a mesma Devopção com grande fervor.

[...]

[25.] (p. 217) A este fim [a canonização] ajudou também a Beatificação do Santo Padre Francisco de borja; a qual se celebrou neste Collegio de Pernambuco no anno de 1625, com a solemnidade que pôde ser, de vespuras²⁵⁹, Missa cantada, e Pregação, Jubileo, muitas Confissoens, e Comunhoes, e também houve algumas Luminarias.

[28.] Nos outros dous Collegios da Bahia, e Rio de Janeiro, se fez quasi o mesmo; e pelo menos, em ambos houve vespuras, Missa cantada, e Pregação.

[...]

257. ANTÔNIO VIEIRA (Serões, 1931, v. II, p. 78), no « Serão do dia de Reis » (pregado no Colégio da Bahia em 1641, durante os festejos pelos primeiros 6 meses do governo do Marquês de Montalvão), deixou a seguinte frase: « E quando não nos precitamos, ouvimos soar as trombetas holandesas por esses citeiros ».

258. De acordo com a documentação da época, haviam os de golpe ou de batar (caixas e tambores, ou atabaques) e os de sempre (trombetas, trombetas hollandesas, pífaros e clarins).

259. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latão, v. VIII, 1721, p. 434) informa: « Vesperas. Aquella parte do Officio Divino, que antigamente se dizia á boca da noyte, e que chamo Vespera, e hoje se diz pelas duas, ou tres horas da tarde ».

VICENTE DO SALVADOR

(1584 - 1639 ?)

DOCUMENTO: HISTÓRIA DO BRASIL. Lisboa, 20 de dezembro de 1627.

TEXTO: VENÍCIO MULLER, nas « Duas Palavras » da 58.ª edição deste manuscrito (cf. publicação utilizada, p. 26), assim informa sobre as cópias antigas: « Transcorrendo ora o 40.º aniversário de nascimento de Frei Vicente do Salvador, pai da História do Brasil, apresentamos a edição comemorativa desta obra corrigida e aumentada, segundo uma cópia procedente da Biblioteca das Necessidades e hoje existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Lisboa códices 49 (História do Brasil) e 24 (posteriores "Adições e emendas") da secção "livros do Brasil". A aquisição de uma fotocópia das 564 páginas que abrangem os dois códices e as decoradas pesquisas nos foram facilitadas pelo nosso Revmo. Pe. Superior Provincial Frei Serafim Frein, OFM, ao qual aqui consignamos o nosso sincero agradecimento. ¶ O papel do códice 49, de 425 páginas e do tamanho de 410 X 275 mm, remonta aos fins do século XVII, apresentando o códice a letra do século XVIII, o escudo nacional no frontispício, o título e o nome do autor rodeados por uma moldura e as letras capitais, no texto finamente desenhadas e ornamentadas. A encadernação do códice 49 é da época, em carneira, e com ferragens; enquanto o códice 24, de 139 páginas e de 300 X 207 mm, apresenta o papel e a letra do século XVII e a encadernação em pergamino da época. ¶ A cópia da Biblioteca das Necessidades que serve de base a esta edição comemorativa é mais fiel e mais completa que a aproveitada, nas edições anteriores ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro 99, cap. IV, nº 3, p. 490), « Manuel Severia pediu a Frei Vicente um tratado "das cousas do Brasil" e este deve ter escrito ou pelo menos rascunhado, na livraria daquela, segundo pensa Capistrano de Abreu, quase todo o primeiro livro, a maior parte do segundo e as partes dos outros dependentes de João de Barros, Pedro de Mariz, Diego do Couto e Antonio de Herrera y Tordesillas [(nota 89): « Nota Preliminar, História, ed. de 1931, IV »]. ¶ (...) Provavelmente o que escreveu o entusiasmo de Manuel Severia de Faria, que afinal não a publicou, não terá sido, como pensou Capistrano de Abreu, parecer-lhe o livro "uma coleção de documentos antes reduzidos que redigidos, mais histórias do Brasil do que história do Brasil", e sim a falta de austeridade e gravidade, tão comuns à historiografia portuguesa anterior, do seu século, e posterior, como a de Rocha Pitta, Jaboatão, Berredo, ao lado da pobreza da matéria central, a luta constante pelo domínio da multidão indígena ». Já nas pp. 493-494, RODRIGUES resume a história da publicação desta obra, até o ano de 1918: « A História do Brasil permanece inédita durante mais de dois séculos. O bibliógrafo Barbosa Machado, o cronista e o genealogista franciscano Jaboatão e o cronista agostiniano Frei Agostinho de Santa Maria, todos do século XVIII, conheceram e noticiaram a obra. Varnhagen diz tê-la consultado no manuscrito na Biblioteca das Necessidades em Lisboa e João Francisco Lisboa, alguns anos mais tarde, por sugestão de Varnhagen, encontrou o documento [(nota 88): « Capistrano de Abreu conta a pesquisa de João Francisco Lisboa em Portugal a conselho de Varnhagen, baseado na publicação da correspondência de ambos. Vide também José Honório Rodrigues, A Pesquisa Histórica no Brasil, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1969, 59-65; 3ª, 1978, idem »], e fez uma cópia, enviada ao Brasil, com os outros papéis que recolhera em virtude de sua comissão de pesquisas na Europa. Esta cópia ficou esquecida ou abandonada de 1806 a 1882. Capistrano de Abreu contou, em nota preliminar da edição de 1918 e em cartas a João Lúcio de Azevedo [(nota 89): « História, nota preliminar, 113-114, Correspondência de Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1954-57, vol. 2, Cartas de 18 de novembro de 1916, 19 de março de 1917 e carta de 1917, sem dia e mês. »], como o reaparecimento do manuscrito lhe fizera reviver a emoção do humanista da Renascença diante de um códice ressuscitado da antiguidade. A história das várias edições, a primeira no Diário Oficial em 1886, imprimindo-se apenas os dois primeiros livros, depois reunidos no vol. 5 dos Materiais e Achegas para a História e Biografia do Brasil sob o título Livros 1 e 17 da História do Brasil [(nota 90): « No Diário Oficial começou a sair a 23 de julho de 1886, com uma pequena nota de Capistrano de Abreu declarando que 260 anos depois de escrita ela vinha à luz e que Lino de Azevedo, seu amigo e correspondente em Lisboa, começara a tirar nova cópia na Torre do Tombo. Vide também Cartas de Capistrano de Abreu a Lino de Azevedo, Lisboa, 1946. A edição dos dois primeiros livros é da Imp. Nat. (1887), 116 pp., e a Gazeta (Rio de Janeiro) de 21 de dezembro desse ano noticia o acontecimento dizendo "A data escolhida para o aparecimento desses trechos da obra foi-o propostamente a 20 de dezembro de 1627, Frei Vicente assinou a dedicatória que punha resumo a esse trabalho, isso aos sessenta anos de idade" »], veu contada também na nota preliminar da edição de 1918. ¶ A publicação integral ocorreu pela primeira vez em 1888, nos Anais da Biblioteca Nacional [(nota 91): « Vol. 13, fasc. nº 1, b. O prefácio de Capistrano de Abreu contém 113 páginas. A obra 261 páginas e o índice, 7 páginas. Trechos referentes ao Ceará foram publicados na Revista do Instituto Carneiro, t. XI (1877), 255-271. »], com um estudo inicial de Capistrano de Abreu,

diferente da pequena nota que precede a edição do *Diário Oficial* e da nota preliminar que antecede a edição de 1918, terminando por escrever que o livro de Frei Vicente "é um dos maiores em nossa literatura colonial". A publicação integral definitiva ocorreu em 1918, trinta anos depois da primeira. Capistrano de Abreu começa nos últimos meses de 1917 a preparar o trabalho, compõe a biografia do autor e a história do manuscrito, dizendo da significação do livro na nota preliminar, escrevendo os prolegômenos que precedem cada livro, nos quais estuda as fontes do autor e indica os documentos originais conhecidos para quem quisesse aprofundar o assunto. Por volta de maio de 1918 começava a impressão e em setembro era publicada *. Uma 52ª edição foi realizada por VENÂNCIO MILLER (com revisão de CAPISTRANO DE ABREU e RODOLFO GARCIA, São Paulo, Melhoramentos, 1965), que revisou o texto com base no arquivo da Torre do Tombo. Tanto esta quanto a 66ª e 78ª edição (aqui utilizada, de 1982) mantêm as normas de transcrição de CAPISTRANO DE ABREU na 42ª edição, que aqui apresentamos, com base na reprodução da « Nota Preliminar » daquela na edição de 1982 (cf. publicação utilizada, p. 31): « A ortografia vai simplificada, exceto quando se trata de termos brasileiros em que foi, ou deveria ser, conservada. Se o vocábulo era pronunciado de modo diverso do atual, conservou-se ou tentou-se conservar a fonética do tempo; se aparecia sob mais de uma forma — *maia* e *maia*, *para* e *para*, *cabaço* e *cabaça*, *como*, *comário* e *como* e *comário*, *clera* e *clera* — não se forçava a unidade. § A pontuação foi modernizada, de modo a facilitar a compreensão. A sintaxe, mais de coordenação que de subordinação, dominante na obra, permitiu substituir por ponto final, muita vírgula, ponto e vírgula e dois pontos. § Que proximal, hoje absolutamente condenado para começo de oração quando é interrogativo ou exclamativo, antigamente não sofria esta limitação. Fer-se isso aqui da antiga liberdade. § O texto da Biblioteca Nacional, revisado diligentemente pelo lendoso Teixeira de Melo, Chefe da seção de Imprensa e depois diretor do estabelecimento, continha alguns lapsos que foram quanto possível escoados. Que outros se tenham introduzido em lugar deles é bem possível, mas de negligência não procede. [...] ».

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro I, cap. IV, nº 3, pp. 489-490) informa: « Frei Vicente do Salvador, chamado no século Vicente Rodrigues Palha, nasceu na Bahia por volta de 1564 e parece ter falecido entre 1636 e 1637. Era o filho mais velho de João Rodrigues Palha, lavrador de engenho, nos arredores do Recôncavo, casado com Nêcia de Lencos. § (...) Assistiu ao capítulo celebrado em Lisboa em 1619, e em 1620 ainda permanecia em Portugal. Em 1621 deve ter chegado ao Rio, segundo Capistrano de Abreu. Em 1624, aos 28 de maio, foi aprisionado na Bahia pelos holandeses, que dominavam o mar e a cidade. Vinha do Rio, onde assistira aos preparativos de defesa da cidade, ameaçada de igual ataque. Ficou preso a bordo durante quatro meses e depois serviu aos portugueses, que permaneceram na cidade dominada até sua libertação a 30 de abril de 1625. A 20 de dezembro de 1627 assinava a dedicatória da *História do Brasil* a Manuel Severim de Faria, erudito historiador português, irmão de Frei Cristóvão de Lisboa ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: VICENTE DO SALVADOR, FREI - *História do Brasil: 1500-1627*. Revisão de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Miller, OFM; apresentação de Aureliano Leite. 78, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982. 437 pp. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 49).

LIVRO PRIMEIRO - EM QUE SE TRATA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL, COSTUMES DOS NATURAIS, AVES, PEIXES, ANIMAIS, ETC., DO MESMO BRASIL.

CAPÍTULO PRIMEIRO - Como foi descoberto este estado.

[...]

[3.] <...> (p. 56) Mas muito mais cresceu neles [os "gentios" de "porto seguro"] o respeito quando viram a oito frades da ordem do nosso padre São Francisco, que iam com Pedro Álvares Cabral, e por guardião o padre frei Henrique, que depois foi bispo de Cepta, o qual disse ali missa e pregou, onde os gentios ao levantar a hóstia e cálix se ajoelharão e batiam nos peitos como faziam os cristãos, deixando-se bem nisto ver como Cristo senhor nosso neste divino sacramento domina os gentios, que é o que a Igreja canta em a invitatoria de suas matinas, dizendo: *Christus reges dominantes gentibus, qui se manducabitis dei spiritus pinguedinem, venite, adoremus*.

[...]

CAPÍTULO TERCEIRO - Da demarcação do terra e da costa do Brasil com a do Peru e Índias de Castela.

[...]

[3.] (p. 59) Donde se colige também que é a terra do Brasil da figura de uma harpa, cuja parte superior fica mais larga ao norte correndo do oriente ao ocidente, e as colaterais, a do sertão do norte a sul, e da costa do nordeste a sudoeste, se vão ajuntar no rio da Prata em um ponta à maneira de harpa, com se verá no mapa-múndi e na estampa seguinte 280.

[...]

CAPÍTULO NONO - Dos animais e bichos do Brasil.

[...]

[17.] (p. 72) Há outras ["cobras"] que chamam cascavéis porque os têm no rabo, com que vão fazendo rugido por onde quer que vão, e cada ano lhes nasce um de novo: algumas vi que tinham oito, e são tão venenosas que os mordidos delas de maravilha escapan. <...>

[...]

CAPÍTULO DECIMO SEGUNDO - Da origem do gentio do Brasil e diversidade de línguas que entre eles há.

[...]

[8.] (p. 78) "Fora este, que é capitão de toda a aldeia, tem cada casa seu principal, que são também dos mais valentes e aparentados e que têm mais mulheres; porém nem a estes, nem ao maioral pagam os outros algum tributo ou vassalagem mais que chamá-los, quando têm vinhos, pera os ajudarem a beber, ao que são muito dados, e os fazem de mel ou de frutas, de milho, batatas e outros legumes, mastigados por donzelas e delidos em água até se azedar, e não bebem quando comem, senão quando praticam, ou bailando ou cantando 281."

CAPÍTULO DECIMO TERCEIRO - De suas aldeias.

[...]

[2.] (p. 79) Porém as mais castas de índios [além dos "tapuias"] vivem em aldeias, que fazem cobertas de palma e de tal maneira arrumadas que lhes fique no meio um terreiro, onde fazem seus bailes e festas e se ajuntam de noite a conselho. <...>

[...]

CAPÍTULO DECIMO QUINTO - Da cura dos seus enfermos e enterro dos mortos.

[...]

[4.] (p. 83) Tanto que algum morre o levam a enterrar, embrulhado na mesma rede em que dormia, e a mulher, filhas e parentas, se as tem, o vão pranteando até a cova com os cabelos soltos lançados sobre o rosto, e depois o pranteia ainda a mulher muitos dias. Mas, se morre algum principal da aldeia, o untam todo de mel e por cima do mel o espensam com penas de pássaros de cores, e põem-lhe uma carapuça de penas da cabeça, com todos os mais enfeites que ele costumava trazer em suas festas, e fazem-lhe, na mesma casa e rancho onde morava, uma cova muito funda e grande, onde lhe arrumam sua

rede e o deitam nela assim enfeitado com seu arco e flechas, espada e tamarcá, que (p. 84) é um cabaco com pedrinhas dentro, com que costumam tanger, e fazem-lhe fogo ao longe da rede para se aquecer, e põem-lhe de comer em um alquidar e a água em um cabaco, e na mão uma canguera, que é um canudo feito de palma cheio de tabaco, e então lhe cobrem a cova de madeira e de terra por cima, que não caia sobre o defunto, e a mulher por dó corta os cabelos e tinge-se toda de janipapo, pranteando o marido muitos dias, e o mesmo fazem com ela as que a vêm visitar e, tanto que o cabelo cresce até lhe dar pelos olhos, o torna a cortar e a tingir-se de janipapo para tirar o dó, e faz sua festa com seus parentes e muito vinho.

[5.] O marido, quando lhe morre a mulher, também se tinge de janipapo, e quando tira o dó se torna a tingir, tosquia-se e ordena grandes revoltas de cantar e bailar e beber. Nestas festas se cantam as proezas do defunto ou defunta e do que tira o dó. E, se morre algum menino filho de principal, o metem em um pote, posto em cócoras, atados os joelhos com a barriga, e enterram o pote na mesma casa e rancho debaixo do chão e ali choram muitos dias.

CAPÍTULO DECIMO SEITO - Do modo de guerrear do gentio do Brasil.

[...]

[5.] (p. 85) Chegando duas jornadas da aldeia de seus contrários não fazem fogo, por que não sejam por eles sentidos, e ordenam-se de maneira que possam entrar de madrugada e tomá-los descuidados e desprecebidos, e depois entram com grande urro de vozes e estrondo de buzinas e tambores que é espanto, "não perdendo no primeiro encontro a grandes nem pequenos a que com suas espadas de pau não quebram as cabeças, porque não têm por valor o matar se não quebram as cabeças, ainda que seja dos mortos por outros, e quantas cabeças quebram tantos nomes tomam, largando o que o pai lhes deu no nascimento, que um e outros são de animais, de plantas ou do que se lhes entolha." 282

[6.] Mas o nome que tomaram não o descobrem (ainda que lho roguem) senão com grandes festas de vinho e cantares em seu louvor, "e eles se fazem riscar e lavar com um dente agudo de um animal e, lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensangüentados, ficam com eles impressos toda a vida," o que têm por grande bizzaria, porque por estes lavores e pela diferença deles se entende quantas cabeças quebraram.

[...]

CAPÍTULO DECIMO SETIMO - Dos que cativam na guerra.

[1.] (p. 86) Os que podem cativar na guerra levam para vender aos brancos, os quais lhe compram por um machado ou foice cada um, tendo-os por verdadeiros cativos, não tanto por serem tomados em guerra, pois não consta da justiça dela, quanto por a vida que lhes dão, que é maior bem que a liberdade. Porque, se os brancos os não compram, os primeiros senhores os têm em prisões atados pelo pescoço e pela cinta com cordas de algodão grossas e fortes, e dão a cada um por mulher a mais formosa moça que há na casa, a qual tem cuidado de o regalar e lhe dar de comer até que engorde e esteja para o poderem comer.

[2.] E então ordenam grandes festas e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta léguas, com os quais na véspera e dia do sacrificio cantam e bailam, comem e bebem alegremente, e também o padecente come e bebe com eles. Depois o untam com mel de abelhas, e sobre o mel o enpenam com muitas penas de várias cores, e a lugares o pintam de

jenipapo e lhe tingem os pés de vermelho e, metendo-lhe uma espada na mão, para que se defenda como puder, o levam assim atado a um terreiro fora da aldeia, e o metem entre dois mourões, que estão metidos no chão, afastados um do outro alguns vinte palmos, os quais estão furados, e por cada furo metem as pontas das cordas, onde o preso fica como touro e as velhas lhe cantam que se farte de ver o sol, pois cedo o deixará de ver e o cativo responde com muita coragem que bem vingado há de ser.

[3.] Então vão buscar o que há de matar à sua casa todos os seus parentes e amigos, onde o acham já pintado de tinta de jenipapo com carapuça de penas na cabeça, manilhas de ossos nos braços e nas pernas, grandes ranaís de contas ao pescoço, com seu rabo de penas nas ancas e uma espada de pau pesada de ambas as mãos mui pintada, com cascas de mariscos pegadas com cera, e no cabo e empunhadura da espada grandes penachos. E assim o trazem com grandes cantares e tangeres de seus búzios, gaitas²⁰⁰⁰ e taboires, chamando-lhe (p. 87) bem-aventurado, pois chegou a tamanha honra. E com este estrondo entra no terreiro, onde o paciente o espera, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, e logo remete a ele com a espada de ambas as mãos, e o padecente com a sua se defende, e ainda às vezes offende, mas, como os que o têm pelas cordas o não deixam desviar do golpe, o matador lhe quebra a cabeça e toma nome, que depois declara com as cerimônias que vimos no capítulo passado.

[4.] Em morrendo este preso, logo as velhas o despedaçam e lhe tiram as tripas e forcuna, que mal lavadas cozem para comer, e reparte-se a carne por todas as casas e pelos hóspedes que vieram a esta matança, e dela comes logo assada e cozida e guardam alguma, muito assada e mirrada, a que chamam moquém, metida emovelos de fio de algodão e posta nos caniços ao fumo, para depois renovarem o seu odio e fazerem grandes alguidares de nugas e papas de farinha de carinã, para suprir a falta de carne, e poder chegar a todos.

[5.] O que o matou nenhuma coisa come dele, antes se vai logo deitar na rede e se faz todo sarrafagar e sangrar, tendo por certo que morrerá se não derramar de si aquele sangue. Nem faz o cabelo dali a sete ou oito meses, os quais passados faz muitos vinhos e apelida os amigos para beber e cantar e com essa festa se tosquieia, dizendo que tira o dó daquele morto. E é tão cruel este gentio com os seus cativos que não só os matam a eles, mas, se acontece a algum haver filho da moça que lhe deram por mulher, a obrigam que o entregue a um parente mais chegado, para que o mate quase com as mesmas cerimônias, e a mãe é a primeira que lhe come da carne; posto que algumas, pelo amor que lhes têm, os escondem, e às vezes soltam também os presos e se vão com eles para suas terras ou para outras.

LIVRO TERCEIRO - DA HISTÓRIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNADOR TOMÉ DE SOUSA ATÉ A VINDA DE MANUEL TELES BARRETO.

CAPÍTULO PRIMEIRO - De como El-Rei mandou povoar outra vez a Bahia por Tomé de Sousa, primeiro Governador-Geral do Brasil.

[...]

[4.] (p. 144) Porém chegando à Bahia [Tomé de Sousa, a 28 de março de 1549] e ancorando no rio de Paraguaçu, junto à ilha dos Franceses, lhes mandou uma noite cortar a amarra, com que deram à costa e, despojados de quanto traziam, foram todos mortos e comidos do gentio, dizendo-lhes Luísa Alvares [mulher de "Diogo Alvares Camaruru"], sua parenta, que aqueles eran

inimigos e só seu marido era amigo, e como tal tornava a buscá-los e queria viver entre eles, como de feito viveu até a vinda de Tomé de Sousa e depois muitos anos. E a ela alcançar eu, morto já o marido, viúva mui honrada, amiga de fazer esmolas aos pobres e outras obras de piedade. E assim fez junto à vila velha em um aprazível sítio uma ermida de Nossa Senhora da Graça, e impetrou do Sumo Pontífice indulgências para os roceiros, dos quais é mui freqüentada. Esta capela ou administração dela douo aos padres de São Bento, que ali vão todos os sábados cantar uma missa.

[...]

**LIVRO QUARTO - DA HISTÓRIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU
MANUEL TELES BARRETO ATÉ A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE
SOUSA**

**CAPÍTULO QUARTO - De como o licenciado Martin Leitão,
Ouvidor-Geral, foi por mandado do Governador com o General
Diogo Flores de Valdez à conquista da Paraíba e se fez nela
a Fortaleza da Barra.**

[...]

[8.] (p. 229) Uma tarde [após 20 de março de 1584, no forte da barra], ouvindo uma trombeta e grande rumor, foram dez de cavalo e alguns quarenta de pé com muitos índios à ordem de um Antônio Leitão, com muita desorden, a descobrir campo, e deram em uma cilada que os começou a sacudir até chegarem à vista do arraial, sem haver acordo para lhes acudir, antes se pôs tudo em tão grande confusão que, vinda a noite, se deitaram a uma lagoa por onde haviam tomar ao forte, e passando uns por cima dos outros, voando com assos do medo que levaram, foram bater às portas do forte, que o alcaide, enfadado de os ver, lhes não quis abrir, deixando-os estar à chave toda a noite, que foi leve castigo para o merecido.

[...]

**CAPÍTULO SEXTIMO - De como se tentaram as pazes com o braço
de peixe e por as não querer se lhe deu guerra.**

[...]

[8.] (p. 231) Corridos assim o mais que os nossos puxeram [em ataque aos índios tabajaras, na margem do rio Tibiri, em março de 1585], mandou o general [Martin Leitão] queimar toda a caçara e madeira da cerca [do "arraial" do principal "Braço de Peixe"] e, assolado tudo, se tornou para seus companheiros, que haviam ficado na outra cerca, os quais o vieram receber fora com Te-Deum laudamus. <...>

[...]

**CAPÍTULO QUADRAGESIMO - De como o Governador veio de
Pernambuco para a Bahia e mandou a zoroabé, que se tornava
com os seus potiguares para a Paraíba, desse de caminho nos
negros de Guiné fugidos, que estavam nos Palmares do rio
Itapucuru e de como se começaram as pescarias das baleias.**

[...]

[2.] (p. 288) À sua chegada [à Bahia, do Governador Diogo Botelho, após a Páscoa de 1604] estavam já de partida o Zorobabé com os seus potiguares pera a Paraíba donde haviam vindo à guerra dos aimorés, como dissemos no capítulo trinta e três deste livro e, informado o governador que um mocambo ou magote de negros de Guiné fugidos que estavam nos palmares do rio Itapucuru, quatro léguas do Rio Real para cá, mandou-lhas que fossem de caminho dar neles, e os apanhassem às mãos, como fizeram, que não foi pequeno bem tirar dali aquela ladroeira e colheita que ia em grande crescimento. Mas poucos tornaram a seus donos, porque os gentios mataram muitos e o Zorobabé levou alguns que foi vendendo pelo caminho para comprar uma bandeira de campo, tambor, cavalo e vestidos, com que entrasse triunfante na sua terra, como diremos em outro capítulo, que agora neste será tratarmos de como se começou nesta baía a pescaria das baleias.

[...]

CAPÍTULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO - De como o Zorobabé chegou à Paraíba e por suspeita de rebelião foi preso e mandado ao Reino.

[...]

[2.] (p. 290) Só o Braço de Peixe, que era gentio tobajar, se deixou com os seus na sua aldeia e, porque o Zorobabé determinou passar por ela [na Paraíba, em 1604], lhe mandou dizer que saísse a esperá-lo à entrada, pois os mais o haviam feito tão longe; ao que respondeu o velho, ainda que já centenário, que fora de guerra nunca fora esperar ao caminho senão damas e, pois ele não era dama, nem vinha dar-lhe guerra, não se levantaria de sua rede.

[3.] Com a qual resposta Zorobabé passou de largo e foi jantar ao rio (p. 291) Nicobi, meia légua da sua aldeia, por onde caminhava. Dali mandou também recado aos nossos religiosos que nela assistiam que lhe mandassem uma dança de coruéis, que eram os meninos da escola, e lhe enrassem a igreja e abrissem a porta, porque havia de entrar nela.

[4.] O presidente dos religiosos respondeu ao embaixador que os meninos com o alvoroço da sua vinda estavam todos espalhados; que a igreja não se enrasava senão à festa dos santos, mas que a porta estava aberta. Entrou ele à tarde a cavalo, bem vestido e acompanhado com sua bandeira o tambor, e um índio valente com espada nua esgrimindo diante e fazendo afastar a gente, que era inumerável.

[...]

LIVRO QUINTO - Da história do Brasil do tempo que o governou Gaspar de Sousa até a vinda do Governador Diogo Luís de Oliveira.

CAPÍTULO SEXTO - De como o capitão Baltasar de Aragão saiu da Bahia com uma armada contra os Franceses e se perdeu.

[...]

[2.] (p. 346) Estando assim prestes aguardando os inimigos [Baltasar de Aragão, na Bahia, a 23 de fevereiro de 1613], soube que estavam na barra pera a parte do morro de São Paulo seis naus francesas e, aprestando das portuguesas que estavam à cargo outras tantas, ele se embarcou em uma sua,

que já tinha dentro trezentas caixas de açúcar, levando consigo suas charamelas, baixela de prata e as mais ricas alfaías de sua casa, porque determinava levar logo de lá e pressa ao governador, que estava em Pernambuco. Das outras naus deu a melhor a Vasco de Brito Freire, que fez seu almirante, e as outras a Gonçalo Bezerra e Bento de Araújo, que eram capitães del-rei e comiam seu soldo nesta cidade, e ao alferes Francisco do Amaral, e a outro chamado Queirós.

[3.] No dia seguinte depois que partiram, que foi o do bem-aventurado apóstolo São Matias, encontraram com os franceses e pelejaram de parte a parte animosamente, e os nossos com muita vantagem, porque lhes tomaram uma nau e lhes trataram a almeiranta tão mal que ao outro dia seguinte se foi ao fundo. 234 <...>

[...]

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUINTO - De como foi morto o Coronel dos holandeses D. João Vandort, e lhe sucedeu Alberto Escutis e o bispo assentou o seu arraial e estâncias pera os assaltar.

[1.] <...> (p. 367) Sucedeu ser o coronel [João Vandort] o primeiro que saiu a cavalo a ver a fortaleza de São Filipe, que dista uma légua da cidade [da Bahia, em maio de 1624], e à tornada se adiantou dos holandeses e negros que trazia em sua guarda, levando só em sua companhia um trombetea em outro cavalo, onde lhes saiu Francisco de Padilha com Francisco Ribeiro, seu primo, cada um com sua escopeta e, acertando melhor os tiros do que acertou o coronel com um pistolete que disparou, lhes mataram os cavalos, e depois de os verem derribados e com os pés ainda nos estribos debaixo dos cavalos, matou o Padilha ao coronel e o Ribeiro ao trombetea. E logo chegaram os índios selvagens de Afonso Rodrigues da Cachoeira que ali andava perto e, cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme seu gentilico costume, os deixaram, donde os holandeses levaram o corpo do seu coronel.

[2.] E o dia seguinte o enterraram na sé com a pompa que costumam, muito diferente da nossa, porque não levaram cruces, música, nem água benta, senão o corpo em um caixão coberto de basta de dó. Os capitães que o levaram aos ombros, e um filho do defunto, um cavalo à destra, que também ia, e as caixas que se tocaram destemperadas, tudo isto ia coberto de dó, e diante as companhias todas dos mosqueteiros, com os mosquetes debaixo do braço e as forquilhas arrastando. Os quais, entrando na igreja o defunto, se ficaram de fora ao redor dela, e ao tempo que o enterraram os dispararam todos três vezes, não se notendo entre uma surriada e outra mais espaço que enquanto carregam, o que fazem com muita ligeireza.

[...]

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEXTO - Dos navios que os holandeses tomaram na Bahia e o que fizeram da gente que cativaram.

[...]

[4.] <...> (p. 375) Também fugiram muitos [dentra os prisioneiros, capturados pelos holandeses juntamente com trinta navios portugueses] pera o nosso arraial [antes de 28 de maio de 1624], pera onde lhes não queriam dar licença, e de lá se veio pera eles uma mulher casada, fugindo a seu marido com uma filha formosa, que o coronel casou com um mercador holandês, e lhes fez grandes festas em seu recebimento de músicas, danças e banquetes, que duraram três dias.

[...]

CAPÍTULO TRIGÉSIMO OITAVO — Como desembarcaram os da armada e os holandeses lhes foram dar um assalto a São Bento, donde se começou a dar a primeira bateria.

[...]

[6.] (p. 386) E a esta conta se defendiam e nos ofendiam por todos os modos que podiam [os holandeses, em ataque à Bahia a 3 de abril de 1625], entre os quais foi um que largaram duas naus de fogo uma noite com vento em popa e maré pera que fosse abalroar às nossas e queimá-las, uma das quais pôs em risco a nossa almeiranta de Portugal, e sem falta se queimara se não picara a amarra e largara o traquete, com que quis Nosso Senhor que se livrasse do perigo. A outra investiu com a almeiranta do estreito, com tanto ímpeto que se começava a derreter o breu e chauscar alguns soldados; mas também foi livre pela diligência e indústria de D. João Fajardo, a cujo cargo estava a armada, e a canoa, em que cuidaram escapar três holandeses que governavam o fogo, foi tomada com um deles por uma chalupa de Roque Centeno.

[7.] Nem deixavam com toda esta ocupação os holandeses todos os dias, manhã e tarde, de se ajuntar em a sé a cantar salmos e fazer deprecações a Deus que os ajudasse: donde um domingo pela manhã deu um pelouro que vinha da nossa bateria de São Bento e, passando a (p. 387) parede da capela de São José, levou as pernas a quatro que estavam assentados a um banco ouvindo a sua pregação, de que morreram dois.

[...]

CAPÍTULO QUADRAGESIMO SEGUNDO — De como se entregaram os holandeses a concerto.

[...]

[2.] (p. 402) E assim não passaram três dias inteiros que se não desenganassem do seu intento, vendo que já não podiam reparar o dano que das nossas baterias lhes faziam e enfim vieram a entender que lhes convinha fazer concerto, que ao outro coronel haviam estranhado. Mas ainda o fizeram peleado com uma capa de honra, mandando por um tambor uma carta ao general D. Fadrique ao Carmo [na Bahia, a 30 de abril de 1625], em que lhe diziam que aquela manhã haviam ouvido uma trombeta nossa, que, segundo seu parecer, os chamava e convidava à paz, a qual também eles queriam e pera tratar dela houvesse entretanto tréguas.

[3.] Ao que respondeu D. Fadrique que ele não chamava a sitiados e cercados com trombetas, senão com vozes de artilharia, mas, se eles a estas acudiam e queriam coisa que não fosse contrária à honra de Deus e del-rei, estava prestes pera os ouvir, com o que logo se começou a tratar das pazes.

<...>

[...]

260. Nos « Prolegômenos ao Livro I », de Capistrano de Abreu (edição de 1922, p. 49), onde se indica a perda, neste livro, de estampa do Brasil aqui citada, também somos informados de que a cópia do mapa de Brasil com uma harpa procede de PEDRO DE MENDONCES GOMES e (Ministério da província Santa Cruz, Lisboa, 1576).

261. VENÂNCIO WILLEKE informa (notas 1 e 2, p. 78, edição de 1982) que os trechos aqui transcritos entre aspas (mas em sua edição apenas recuados) foram transcritos da perdida « Crônica do Contado » de VICENTE DO SALVADOR, aproveitados por Frei MANUEL DA ILHA na « Relatio », f. 29^{re} (cf. a documentação relativa a MANUEL DA ILHA).

262. Cf. a nota anterior.

263. Para os portugueses, gaita era sinônimo de flauta, ou frauta, como informa RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latão*, v. IV, 1713, p. 8). De acordo com os tupinólogos, vários instrumentos poderiam receber a denominação gaitas, que os índios utilizavam com menor frequência que flautas: a *cangiera* (feita de osso), o *alaby*, o *alabyapara* e o *alabygouou*.

264. Nota de Frei VENÂNCIO WILLEKE, (nota 1, p. 347): « Baltasar de Aragão, o Bângala, é o Mangue-la-bota a quem se se refere François Pyrard, de Laval, *Voyage, seconde partie*, 563/564, Paris, 1615, nos seguintes termos: "Estant en cest lay [de todos os Santos, em 1610] l'eue encores cognoissance d'un des plus grande Seigneurs de ce pays-là, que l'on appelloit Mangue-la-bota, qui estoit un non que les Negres d'Angola luy avoient donné, qui veut dire le vaillant, le grand Capitaine, à cause qu'il y avoit esté Vice-Roy. Ce Seigneur avoit fait si vaillamment la guerre contre ces Negres qu'il estoit fort redouté entre-eux, & le tenoit-on riche de plus de trois cens mil escus; il tirait un grand revenu de plusieurs angies à sacre qu'il avoit. Ce François qui demouroit avec luy, estoit Musicien, & joueur d'instruments, & ce Seigneur l'avoit pris pour apprendre vingt ou trente esclaves, qui tous ensemble faisoient un concord de voix & d'instruments dont ils jouoyent à toute heure. Ce Seigneur ne pria & solicita fort de demeurer avec luy, & se prometloit cent escus d'appointement, & bien nourry, seulement pour commander certain nombre d'esclaves à leur travail; li se disoit aussi qu'ils en au plus tard, il s'en iroit en Portugal, chose de fait il faisoit faire un fort beau & grand nauiro de port de cinq cens tonneaux pour cet effect..." § Segundo Jabotão, *Catálogo Genealógico*, in *Revista do Instituto Histórico*, 52, parte 12, 93, Bângala quer dizer pau duro na língua de Angola. Fr. Bernardo Maria de Carnecatia, *Collecção de Observações Grammaticas Sobre a Língua Benda ou Angolense*, 167, Lisboa, 1805, insere bângala como bordão, e bot como boia, o que se aproxima do Mangue-la-bota de Pyrard. Com os dizeres deste concorda o texto, não só no fato de ter Baltasar de Aragão charavelas ou banda de música, como ainda em se embarcar ele em sua própria, que seria a que estava construído quando o viajante francês passou pela Bahia. § O sucesso supra referido teve lugar a 24 de fevereiro, dia de São Matias, de 1613 ».

JOHANN GREGOR ALDENBURGK

(séc. XVII)

LIVRO: VIAGEM ÀS ÍNDIAS OCIDENTAIS E DESCRIÇÃO DA CONQUISTA E PERDA DA CIDADE DE SÃO SALVADOR. Lohmurgk, Friedrich Griner, 1627.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEN BORSA DE MORAIS (Bibliographia Brasiliana, c. 1983, v. 1, p. 19) não dá outra edição desse livro no séc. XVI, mas informa que « Dom Clemente Maria da Silva Nogueira published a translation in the Arquivo Público da Bahia, Vol. XXVI (1938) ». MORAIS também menciona a edição brasileira de 1961, onde se lê (p. 147): « Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625 por João Gregório Aldenburgo; Tradução parcial, feita por Alfredo de Carvalho, no ano de 1913, em Recife, da 1.ª edição original de 1627. Revista, refundida e completada por Agrippino Martins, no ano de 1936, em São Paulo ».

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BORSA DE MORAIS (op. cit., c. 1983, v. 1, p. 19) tem alguns dados sobre este escritor: « Aldenburgo was a German private in the service of the Dutch army. He describes here the taking and loss of Bahia, and it is one of the classic accounts of the event ».

EDIÇÃO UTILIZADA: West-Indische Reise, vnd Beschreibung der Städte vnd Eroberung der Statt S. Salvador in der Bahia von Toled. ou Sanctos von den Lande von Brasilia. Welches von Anno 1623. bis 1624. verrichtet worden. Durch JOHANN GREGOR, Aldenburgo. Gedruckt zu Lohmurgk. In Verlegung Friedrich Griners. Buchhändlers. MDCLXXII. [1627] (RIEB: LR-3-16; 19 x 15 ca, 49 ff. inua.).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: Relação da conquista e perda da cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625. (São Paulo), s.ed., 1961. 23 pp., 49 ff. inua., 274 pp. (Brasiliana Documenta, vol. 1. Moderatore et Auctore Edgard de Cerqueira Falcão).

TEXTO ALIENIO

TRADUÇÃO

[...]

188. (f. Gijv) ["Kalten bad werden verboten"] Wegen grosser Hiß / Ungeduld / vnd zu erhaltung gesunder Leibes / begaben sich die vnseringen oft in das Meer zu waschen / welches den Trommelschlag / wie keiner sich solte in kalten Bad an den Seestrand befinden lassen / vnd bey hoher Leibestraff unsere commandatores verboten. Dann in vorigen Lagen vnterschiedliche Matroosen vnd Soldaten öbel von den Meersischen / giftigen Meerthieren vnd Gewächsen zugerichtet worden sind.

[...]

233. [f. J4r] ["Eintritt des Hispanischen Generals"] Im mense Majo Anno 1625. erschallte ein wahres Geschrey / der General anfangete: Traten derhalben die Hispanischen Soldaten strack ins

[...]

(p. 196) Como, devido ao grande calor [em Salvador, no mês de janeiro de 1625], à inquietação e ao desejo de conservar o corpo limpo, muitos dos nossos costumasse banhar-se no mar, foi proclamada, ao som de tambor, a proibição, sob pena de severo castigo corporal, de, quem quer que fôsse, banhar-se no mar, junto à ribeira, pois, alguns dias antes, vários marinheiros e soldados haviam sido ali muito maltratados por peixes e outros animais e plantas peçonhentas marinhas.

[...]

(p. 213) No mês de Maio de 1625, levantou-se verdadeiro alarido de que chegava o general [Dom Frederico de Toledo], pelo que todos os soldados espanhóis correram às armas. Na frente do

Gewehe. Da ritten anfänglich
etliche Trommeter / hernacher drey
Coronellen, darnach zween Printzen
von Portugal vnd Neapolis / daru
der Hispanische General Don
Friderico de Toledo, für welchen
allen die Hispanische Fahnen vernög
Kriegsmonier das *signum*
reverentiae erwiesen / vnd etliche
scharfi vor jnen geschahen / <...>

[...]

248. (f. Kijr) ["Johannis
festum wird auff dem Meer
celebrirt"] Anfänglich in Monat
Junio deß 1625. Jahr an den
Johannis Abend celebrirten die
Hispanier *festum inauguralia*, dreyer
mit diesen Namen Johannis
consecrirten Gallionen / der
gestalt: Sie heffteten vor das
erste in der Johannis Nacht auff
alle Masten / Kehen / vnd in die
Mastkörbe / brennende Laternen /
welche in der Luft gleich Sternen
anzusehen waren / sungen die
Litaney auff Hispanisch / behingen
am Johannis Tag zu fröh die drey
Schiffe mit Wispeln vnd Fahnen /
flackirten mir allen Stücken vnd
gaben die Musquetirer fort vnd fort
eine scharfi nach der andern
darauff Feuer.

249. ["Petri vnd Pauli Festü"]
Am Tag Petri vnd Pauli mit
ebennessigen ceremonien etlichen
Gallionen wider führe.

[...]

cortejo cavalgavam vários
trombeteiros²⁶⁵, logo após três
coronéis, depois dois príncipes de
Portugal e Nápoles, e a seguir o
general espanhol Don Frederico de
Toledo, ao qual todas as bandeiras,
conforme as praxes militares,
prestaram sinal de homenagem, sendo
disparadas várias salvas; <...>

[...]

(p. 216) Em fins do mês de
Junho do ano de 1625, celebraram os
espanhóis, na noite de São João, a
festa inauguralia de tres dos seus
galeões consagrados com o nome
desse santo; na véspera, à noite,
ascenderam luzes em todos os
mastos, vêrgas e cestos de gâvea
dos referidos galeões, que
brilhavam no ar como se fossem
estrelas; cantaram a ladainha em
espanhol, e, na manhã do dia de São
João [24 de junho de 1625],
enfeitaram os ditos três galeões
com flâmulas e bandeiras, salvaram
com descargas de artilharia,
enquanto os mosqueteiros não
cessavam de dar salvas sobre
salvas.

No dia de São Pedro e de São
Paulo [25 de junho], igual
cerimônia ocorreu com alguns outros
galeões.

[...]

265. A tradução correta é *tambores*. ALFREDO DE CARVALHO leu *Trompetier* (aqueles que tocam trombeta), no lugar de *Trombetar* (aqueles que tocam tambor). Há outras informações sobre instrumentos militares no texto de ALDENBURG, que são transcritos para evitar a redundância, encontradas nos seguintes lugares (indicamos a localização na versão alemã e na versão brasileira: *Blasen und Tappern* (trombetas e tambores), f. Kijr (p. 165); *Trombetar* (tambores), f. Er (p. 176); *Röbern* (cornetas), [f. 4r] (p. 191); *Trombetar* (tambores), f. Jijr (p. 212); *Tappern major* (tambor maior), f. Kijr (p. 218).

JOHANNES BAERS

(1580 - 1653)

LIVRO: OLINDA CONQUISTADA. Amsterdam, Hendrick Laurensz, 1630.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira e única edição holandesa deste livro, que existiu na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (L.R.-17-4-35) leva na página de rosto o seguinte título (copiado da ficha de catálogo da ZMMA): *Olinda, Overlogen int Landt van Brasil, Inne Capitanie van Pernambuco, met Koninglijcke dapperheyt ende groote couraige inghenomen, ende polackelijck veroverd op den 16. Februarij Ao. 1630. Onder het beleydt vanden seer Maesthen ende cloeck aerdighen Zee-belt, des Heere Henrick Lonck, Generael neghen de Gecroeyerde West-Indische Compagnie, over een aechtige Vlaetse Schepen, door den Wel-Edelen, seer gestrepen ende groetmoedigh Heere Bismarck van Meerdenburg, Heere van Lent, Velt-Overste ende Colonel over dry Regimenten Infanterie; cart ende claer beschryven, door Johannes Baers. [...] Amsterdam, Voor Hendrick Laurensz, 1630* [18 x 14] 2 ff. inam.; 38 pp.]. Esse livro foi traduzido em 1898 por ALFREDO DE CARVALHO, saindo novamente em 1977 na edição facsimilada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, na « Coleção Pernambucana », vol. XI, juntamente com a tradução do mesmo ALFREDO DE CARVALHO (1897) do livro de Ambrosio Rickelhoff.

NOTA SOBRE O AUTOR: Capelão da Companhia dos Índios Ocidentais em Pernambuco, Baers relata fatos observados "in loco".

EDIÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: OLINDA CONQUISTADA | Narrativa | De | Padre João Baers. | Capelão Do | C.^{ma} Theodoro de Meerdenburg | Traduzida Do Holandês | Por | Alfredo De Carvalho | [...] | Recife | Typographia De Laemmert & C. Editores | 1898. (XIV, 54 pp.; BIEB L2-3-19) (Para a História de Pernambuco, II).

[...]

[21.] <...> (p. 14) a 14 de Fevereiro de 1630, chegamos à vista da terra do Brasil, e no mesmo dia começamos a preparar-nos para bem executar o designio e bom plano da Companhia, para cujo fim foram ordenados pelo Senhor General e Conselho Secreto, e observados à tarde preces geraes em toda a frota. N'esta occasião fiz uma predica sobre o texto do Exodo, Cap. XVII, do vers. 8 a 14, e entoamos, tanto antes como depois, o Psalmo XIV^o, terminando com uma pia e fervorosa oração^{na} a Deus.

[...]

[28.] (p. 18) Quando acabei de fallar o Sr. Coronel deu-me a mão, exaltando-me a magnanimidade do Senhor, si provêsse popal-o e concedesse-lhe a victoria. E assim partio elle de bordo [no dia 15 de fevereiro de 1630, para Olinda], e os seus quatro clarins laçaram ao ar notas marciaes. <...>

[...]

[38.3 (p. 30) Em seguida, como estivessemos completamente senhores da praça [em batalha no dia 16 de fevereiro, na cidade de Olinda], os nossos arvoraram imediatamente as suas bandeiras (p. 31) nos fortes, e desfaldaram-na pelas janellas do Convento dos Jesuitas a fóra, para que nós nos navios soubessemos que a praça tinha sido conquistada, como o Nobre Sr. Coronel promettêra a meu pedido fazer para que nós, que no entretanto tínhamos jejuado e orado, como os primeiros nos alegrássemos ouvindo e vendo que a cidade fôra tomada. Fizemos então uma oração de graças a Deus e entoamos-lhe um hymno de louvor²⁶⁶, ainda n'esta mesma noite provamos e saboreamos, com gratidão e prazer, as fructas da terra, como laranjas e limões, para regalo nosso e alívio dos nossos doentes.

[...]

266. Nota de HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (*Música sacra evangélica no Brasil*, 1961, cap. III, p. 50, nota 53): « Trata-se realmente do Salmo 140, como teve a autora oportunidade de verificar no original holandês de JOHANNES BAERS (ib. cit., p. 12), e não do Salmo 14, como refere JORDI FRANCISCO DA ROCHA PONSIO (*História do Brasil ilustrada*, Rio, Benjamin de Aquila Editor, s.d., vol. IV, p. 191, nota 1 ao pé da página) transcrevendo um trecho da tradução portuguesa de Alfredo de Carvalho (*Olinda Conquistada. Narrativa do Padre JORDI BAERS, capelão do Col. THEODORO DE WARENBURGH*, Recife, Tip. de Laemmert e Cia., Editores, 1998, p. 14), cujo engano se atribui a erro de revisão. O fato de não se ajustar o texto do Salmo 14 às circunstâncias em que foi entoado, coisa que normalmente não deve acontecer, induziu a autora à busca do original holandês, para verificação, na Secção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, desfazendo-se a dúvida ».

267. HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (op. cit., 1961, cap. III, pp. 49-50) informa: « Este culto, conforme o uso da Igreja Reformada, consistiu de pregação, hinos e orações. O sermão pronunciado baseou-se em Êxodo 17:8 a 14, tendo sido entoado pela assembleia, antes e depois da pregação, o Salmo 140 ». A autora dá, na p. 50, a música deste salmo, composta por LEYS BOURGEOIS (1510-1572), que transcrevemos ao EXEMPLO MUSICAL IV-B, a partir do *Psalmen en Gezangen*. Amsterdam, De Evangelische Gezangen Compagnie N.V., 1928, p. 349. A versão holandesa da primeira estrofe (o cântico tem 13 estrofes) deste salmo, que em latim principia por « Eripe me, Domine, ab homine malo », é a seguinte: « O Heer, verlos mij uit de handen, | Waar in de boze mij betrekt; | Deïd mij voor des wreedaards handen, | Voor den quaden en most geweld ». Uma tradução de NAODE DA SILVEIRA PORTO FILHO é anexada pela musicóloga à p. 51: « De fúria má e da violência | que sobre a ti vês cair, | teu bom cuidado e providência | oh! face os laços destruir! ».

268. HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA (op. cit., 1961, cap. III, p. 54) também comenta este trecho: « Isto foi realizado a bordo pelos que não haviam desembarcado, entre os quais se contava o capelão, que dirigiu o culto imediatamente após o hasteamento da bandeira holandesa nos fortes e no Convento dos Jesuitas, conforme previamente combinado ».

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(séc. XVII)

DOCUMENTO: HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO. c. 1635 ou depois.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento foi publicado na RTIHGB, vol. 38, 1875, parte I, pp. 249-336, vol. 39, 1876, parte I, pp. 97-199; 223-409, vol. 40, 1877, parte I, pp. 411-504, vol. 41, 1878, parte I, pp. 142-181; 387-429, vol. 42, 1879, parte II, pp. 91-104; 157-196 e vol. 43, 1880, pp. 3-80; 191-262. Sem data, seu título é: *História da guerra de Pernambuco e feitos memoráveis do mestre de campo João Fernandes Vieira herde digno de eterna memória, primeiro aclamador da guerra. Por Diogo Lopes de Santiago*.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira* (v. XIV, s.d., pp. 284-285), DIOGO LOPES DE SANTIAGO foi « Escritor e mestre de Gramática que n. no Porto e viveu em Pernambuco no séc. XVII, sendo ali professor de Gramática ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Ethnographico do Brazil*. Rio de Janeiro, B.L. Garnier - Livreiro-editor, vol. 38, 1875, parte I. 496, VI pp.

LIVRO 10

CAPITULO IV - Da armada de Hollanda que vein sobre o Arrecife e Villa de Olinda e de como os hollandezos a tomaram, e outras cousas particulares d'estas guerras.

[...]

[8.] <...> (p. 271) Dispostas estas cousas, e preparada a villa e Arrecife para sua defesa da nossa parte [a 14 de fevereiro de 1630], Longo general do mar chegou em ordem de peleja com sua náos embandeiradas, tocando caixas, trombetas e clarins, e chegando junto da forpa do mar despediu um batel com um tambor e embaixada <...>

[...]

CAPITULO VIII

[...]

[8.] <...> (p. 301) Deram de subito em Igaracú [os hollandezes, a 2 de maio de 1632] às nove horas da manhã, tocando suas trombetas, <...>

[...]

LIVRO QUINTO

CAPITULO V

[...]

[4.] <...> (p. 215) Outros moradores os foram tambem seguindo e matando a cavallo em companhia dos mestres de campo, os quaes, deixando algumas companhias e indios pelos caminhos, que ainda no seguinte dia prenderam e mataram a muito numero hollandezes, se recolheram pelas oito horas da noite [*de 19 de fevereiro de 1649*] ás trincheiras, onde passaram mui contentes e alegres pela victoria tão insigne que Deus lhes havia concedido, rendendo-lhe immensas graças pelo bem que Pernambuco recebêra, mandando-se tocar muitas trombetas, charueelas e caixas com outras demonstrações de alegria por tão glorioso vencimento.

[...]

LUIZ FIGUEIRA
(1574/1575 - 1643)

DOCUMENTO: MEMORIAL SOBRE A CONQUISTA DO MARANHÃO. Lisboa, 10 de agosto de 1637.

TEXTOS: O manuscrito pertence à coleção Stuart e foi publicado na RHC vol. 24, 1910, pp. 215-299, entre as « Documentos para a História do Brasil e Especialmente a do Ceará (Coleção Stuart) », com o título: « 162, 8 e 10 de Agosto de 1637 Sobre do memorial que fez Luiz figu Religioso da Companhia de Jesus sobre as cousas tocantes a conquista do Maranhão », com a assinatura « Miguel de vasconcellos e brito », na « 13.ª a 18 de ag.º de 1637 ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Fortaleza, Typ. Minerva, 1910. v. 24, 425 pp.

[...]

[27.] <...> (p. 244) e que podia afirmar com toda a verdade que vira [Luiz Figueira] no Brasil algumas Aldeas de yndios cõ a administração dos padres [da Companhia de Jesus] com suas Igrejas muito limpas e bem concertadas e providas de tudo o necessario ao culto divino com charonelas e musicas, e os yndios tão contentes acodindo ao serviço da republica que senão lembravão já de sua gentelidade, <...>

[...]

PEDRO CADENA DE VILHASANTI
(séc. XVII)

DOCUMENTO: CARTAS. Bahia de Todos os Santos, 1638.

TEXTU: Apógrafo. Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. Títulos # 1638 - Bahia de todos os S. tos | Cartas de Pedro de Cadena de Vilhasanti | Provedor mor da fazenda de S. Mag. de do Estado do Brasil | em que relata o successo que houve todos os dias | e vitória que tiveram contra | Enrique de Mendó e das ofertas que ali se fizeram a sua M. de | He segunda via | a primeira já se viu no Conselho da fazenda Esta se mandou guardar ». No final: « Bahia 13 de Mayo de 1638 annos ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de 1941 é a única publicação deste documento, que inclui também 16 outros documentos do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, que versam sobre o mesmo assunto.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADENA DE VILHASANTI - *Relação Brevi do Officio do Bahia De 1638 Por Pedro Cadena de Vilhasanti*. Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Nêrvas. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 338 pp. (Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[Carta nº 23]

[1.] <...> (p. 57) Do navio q os olandezes tomaraõ hontem [12 de maio de 1638], não temos novas nenhãas, e não temos isso p. Peor sinal nem o mandarmos hontem a noyte dizer a do Nassao p. hum tambor ás nossas Postas, que se nos a nós Vinha socorro q também elles esperavão pello seu, E pello capi(p. 58)tan Manuel glz. <...>

[ANÔNIMO]

LIVRO: RELACIÃO DA VITÓRIA QUE ALCANÇARAM AS ARMAS CATÓLICAS NA BAHIA DE JUDAS SANTOS CONTRA OS HOLANDESES QUE FORAM SITUAR AQUELA PRAÇA A 14 DE JUNHO DE 1638. Madrid, Francisco Martínez, 1638.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Deste folheto só se conhece uma única edição, a que abaixo citamos.

EDIÇÃO UTILIZADA: [grav.] | RELACION | De La Victoria Que | Alcanzaron Las Armas | Católicas en la Bahía de Judas Santos, | contra Holandeses, que fueron a sitiar aquella Pla-|ça, en 14 de Junio de 1638. Símon Go-|bernador del Estado del Brasil | Pedro de Silva. | Impresa con licencia del Real Consejo de | Castilla y conferida y ajustada en el Se-|ñorio de Estado de Portugal. [na última página, f. 6v, ao final:] En Madrid, Por Francisco Martínez, año 1638. (31 x 21; 6 ff. num.) (BIB: LR-3-27).

[...]

[23.] (f. 8r) En 27. [de junho de 1638, na Bahia, após derrota dos holandeses] estuvo el Enemigo [holandês] embarcado, sin fazer ningun movimiento, a la tarde embió a vn trôpeta con vn Ayudãte nuestro q̃ tenia detenido, cõ doze de los prisioneros q̃ lleuava, pidiendo los suyos; <...>

[24.] En 28. por la mañana se hizo a vela, sin esperar q̃ llegasse el trompeta, con perdita de dos mil hõbres, mil que matarõ los nuestros en el discurso del sitio, y mil prisioneros y heridos. <...>

[...]

ADRIAEN VAN DER DUSSEN

(? - 1642)

DOCUMENTO: RELATÓRIO SOBRE AS CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRASIL PELOS HOLANDESES. s.d., 10 de dezembro de 1639.

TEXTO: O título, características e localização do manuscrito de DUSSEN não é fornecido por JOSÉ ANTÔNIO GONÇALVES DE MELLO NETO nem por JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. VII, nº 741, p. 351), ao comentar referente a esse documento faz as seguintes considerações: « [...] O Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano possuía uma cópia trazida da Holanda pela diligência e esforço do benemérito estudioso José Higinio Duarte Pereira. Em 1944, superamos ao então Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, Dr. Barbosa Lima Sobrinho, que promovesse a tradução e publicação desse documento de tanta importância para a história econômica e especialmente para a história do açúcar brasileiro. Indicamos-lhe, depois de recusar o seu convite para esta tarefa, o Dr. José Antônio Gonçalves de Mello, neto, que dela se despendeu com capacidade e inteligência. O editor não se limitou a traduzir. Preparou uma boa introdução e fez anotações críticas que aumentam o valor desta publicação ». JOSÉ GONÇALVES DE MELLO NETO, por sua vez, fez novo comentário na introdução de sua tradução (p. 23): « Serviu-me para a tradução do relatório de van der Dussen, da cópia MS do original que possui o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Essa cópia serviu-me de base para a tradução, aproveitando em certos trechos a lição do texto publicado por S. P. L'Honoré Haber [nota I, p. 9]: « Caspar Barlaeus, *Nederlandisch Brazilie Onder Het Bevel van Johan Maurits Grave van Nassau 1637-1644 Naar de Latijnsch uitgaaf van 1647 voor het eerst in het Nederlandisch bewerkt door S. P. L'Honoré Haber*, S-Gravenhage, 1923, sendo que o relatório de van der Dussen está às pags. 150 / 199. »] O MS em poder do Instituto não está, infelizmente, completo: faltam-lhe algumas páginas, extraviadas durante o longo período em que fazem ao abandono a documentação holandesa que hoje compõe a Coleção José Higinio daquele Instituto. (...) ».

TRADUÇÃO PORTUGUESA: Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639). Suas condições econômicas e sociais. Tradução, introdução e notas de José Antônio Gonçalves de Mello, neto. Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool, 1947. 158 pp. (Série História, v. II).

[42] AMAZONS

[1.] (p. 118) Todas estas fortificações [situadas ao sul do Recife] deixamos razoavelmente providas de munição de guerra, com exceção de utensílios, como pé, enxada, picaretas, carros de mão. E para que V. Exas. possam verificar o estado em que ficaram os armazéns de artilharia, de munição e o trem, quando de nossa partida [em 8 de outubro de 1639], damos abaixo a lista do que existia em depósito como reserva: «...»

[2.] (p. 119) Do seguinte material nada há em estoque: escopetas, piques longos, mecos-piques, padrolas com seus cintos, sabres com seus cintos, trombetas, pás, enxadas, couro para tambores, picaretas, enxadas, machados grandes, pás de pedreiro e martelos, colheres de pedreiro, pás para cal, tirantes para animais, peles de carneiro para ...[wissera? onissera?], papel grosso, ceifadeiras, carvão para ferreiro, pregos de todos os tipos, pranchas, material para polir espadas, esmeril em pó, pranchas para carregar, fôrmas para balas de mosquete
[...]

[LUÍS LOPES]

(1597 - 1676)

DOCUMENTO: *Relação da Viagem do Socorro que o Mestre de Campo D. Diogo Lobo levantou nas Ilhas dos Açores*. s.l., 1639.

TEXTU: Biblioteca Pública de Évora, CIVI / 1-14 a 28 J, ff. 1r-56r. Título (f. 1r): «Relação da viagem do socorro que o mestre de campo D. Diogo Lobo levantou nas ilhas dos Açores e levou, em 16 navios, a cidade da Bahia, e das cousas mais notáveis que, neste caminho, sucederam, principalmente na ilha nossa senhora de Guadalupe». No f. 56r, com letra diferente: «Foy escripto em 1639, governando a Bahia o conde da Torre (Don Fernando de Mascarenhas) o qual para alli partira em 1638».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As publicações que incluem este documento estão listadas no *Le Brésil Au XVII^e Siècle* de FREDERIC MAURO, p. 15. Esta, no entanto, é a melhor e mais fiel impressão.

NOTA SOBRE O AUTOR: Na «Introduction» de sua edição (infra cit., p. 13), MAURO diz de LUÍS LOPES: «Entré dans la Compagnie de Jésus à 14 ans, il fait ses études au noviciat d'Evora où il enseigne bientôt et finit même par occuper des postes de direction. Puis il est nommé Secrétaire de la Province du Brésil et enfin revient au Portugal comme recteur des collèges de Coimbra et Évora. Il meurt en 1676 à l'âge de 79 ans».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: FREDERIC MAURO - *Le Brésil Au XVII^e Siècle. Documents Indépendants Relatifs à L'Atlantique Portugais*. Coimbra, separata de Brasília, XI, 1961, 1^{re} Partie. Vers le Brésil - [1] *Relação da viagem do socorro*, pp. 11-68.

[...]

[2.] [f. 1v] (p. 20) Dada esta notícia ao Mestre do Campo ["D. Diogo Lobo", de "que estavam en vespera de Sancto Ignacio" (30 de julho de 1639), nas proximidades da Ilha de Santa Maria], se recolheram os Padres com os cantores que hian na nao [*Nossa Senhora de Guadalupe, saída da barra de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, a 25 de julho de 1639*] a cantar as vespersas a seu santo patriarcho (nas quaes capitulou o P. Frey Helias, religioso do Carmo, que hia na mesma nao para da Bahia passar ao Maranhão). Eis que no fin dellas deu a capitania huma salva das cargas de mosquetaria, levantando de 4^o bandeyras da infantaria na popa; as quaes respondeo o Capitam da infantaria Paulo Machado de Lemos com huma salva de duas cargas de mosquetaria, lançando o Capitam do navio sua bandeyra de quadre por popa, a qual subio tambem o alferes da infantaria com a sua bandeyra e o tambor e pifano; alentando o Capitam a todos os [f. 2r] seus soldados com sua presença em todo o tempo que durou a salva, que se faz em cada huma carga 80 mosquetes e em cada salva 180.

[3.] Nan quis o Capitam e Mestre do navio em que hian os Padres, chamado Antonio de Salazar, ficar atraz na piedade e devoçao para com este glorioso santo, e por esta causa mandou desperar tres peças de artilheria grossa a sua custa. Acabadas estas salvas, disseram todos em voz alta: Viva S. Ignacio. E se fez huma boa chacota diante do altar que estava armado no convés a parte direita do mosto de mezena e bastantemente ornado com huma devota imagem da Senhora de San Lucas e outra da Senhora de Guadalupe e hum crucifixo, e não faltavam pastilhas e pivetes. A chacota se seguiram varias cantigas em louvor do Santo com que se passou a tarde alegremente, estando o convés em todo este tempo tam quieto como se fora terra firme, e por esta causa pode o tambor da chacota²⁶⁶ fazer mil peças²⁷⁰ em lugar bem apertado.

[4.] Em amanhecendo do dia seguinte, empavesouse o navio e lançou seus rabos de gallo do alto dos mastareos. Ouviram o P. Visitador [D. Pedro de

Moura] e seu companheiro [Luís Lopes] de confissão a alguns soldados e marinheiros, e a seu tempo se tornou a arrastar o altar (porque há (p. 21) necessario tirallo logo em se acabando os officios divinos para dar expedienç aos marinheiros), e disse o Padre companheiro [Luís Lopes] a 1ª missa e nella deu a comunhão a 15 pessoas seculares; a 2ª missa disse o P. Frey Helias, Religioso do Carmo [f. 2v] que, como fica dito, passava no mesmo navio para o Maranhão; a 3ª missa disse o P. Visitador, a qual foy cantada ao modo que usam os Padres da Companhia em Portugal; o Frey Helias cantou a Epistola. Acabada a missa ouve pregação dos louvores do Santo Padre Ignacio, a qual fez o P. companheiro do P. Visitador [Luís Lopes]. Depois da pregação, mandou o Capitão Paulo Machado dar outra salva de duas cargas de mosquetaria; e o Capitão e Mestre do navio mandou disparar outras tres peças grossas; e tudo socedeo muito bem e no cabo deram vivas a S. Ignacio.

[...]

[6.] (p. 21) Era conveniente que tendo o Capitão da infantaria e o Capitão e mestre do navio e o piloto e mais cantores mari-[f. 3r]nheros e soldados celebrado como podiam a festa do glorioso Patriarcha S. Ignacio, os Padres se mostrassem agradecidos e convidassem ao Capitão da infantaria Paulo Machado de Lemos e ao Capitão e mestre do navio, Antonio de Salazar, e ao piloto, por nome Pantaleão Rangel, e ao P. Frey Helias e a hum homem nobre do rancho do Capitão da infantaria, chamado Lourenço de Lima, a hum honesta refeição; e assim o fizeram e lhes deram jum jantar moderado, qual se podia esperar de religiosos tan graves e apontados em suas cousas; e posto que este dia era ja o settimo da viagem, ainda se acharam boas algumas cousas das que se costumam trazer de refresco. O jantar se deu no castello da popa diante da camera do mestre e piloto, e se constou das cousas seguintes: 1ª caldo de gallinha; 2ª gallinha assada, mea para cada hum; 3ª carneiro cozido; 4ª carneiro assado; 5ª gallinhas com arroz; 6ª narrem, presunto, chouriços de Alentejo e (p. 22) hum peyo; 7ª queyjo de Alentejo, azeitonas, perrecoxil. Não faltou na mesa agraço, linhões, limas, biscoito de Lisboa e S. Miguel, vinho de Perannanca, pasto de Évora e vinho bom de S. Miguel, [f. 3v] humm caixa de porada, confeitos, bolos de açúcar e ginetes, peras de S. Miguel e melam bastante. De tudo se comeo com a devida sobriedade. E porque não era possivel pela estreiteza do lugar serem mais os convidados, mandou o P. Visitador o dia dantes dar aos musicos das vesperas e missa meyo carneiro, hum frasco de vinho e hum queyjo de Alentejo; e aos marinheiros hum carneiro, e repartir entre os marinheiros e soldados hum barril de sardinha de Setuval que tinha hum milheiro.

[7.] Acabada a mesa, de que os convidados mostraram a devida satisfacção, mandou o Capitão Paulo Machado de Lemos chamar alguns mancebos destros no baylar, que o fizeram muito bem, e tornou a chacoleta que o fez com muito louvor. E deste modo se gastou boa parte da tarde em louvor e festa de S. Ignacio, e os Padres em todas as occasiões deram as graças e se mostraram muito obrigados aos que com tanto affecto os ajudavam a celebrar a festa do seu santo fundador. <...>

[...]

[8.] [f. 4r] (p. 22) E o dia que fizemos menção das missas e pregação [31 de julho], vesperas e salvas de mosquetaria e artilheria grossa que ouve no navio Nossa Senhora de Guadalupe em honra de S. Ignacio, hé justo que a façamos também das ladainhas de Nossa Senhora que todos os dias se cantaram no mesmo navio la sobre a tarde na forma seguinte. Concertavasse com humm bandeira o lugar da banda direyta do masto da mezena, e logo se punha a imagem da Senhor de S. Lucas, de que arriha fallamos, e se dava sinal com a campainha para que acudissem os cantores [f. 4v] e estivessem attentos os soldados e marinheiros; e postos todos de joelhos, e principalmente o Capitão Paulo Machado de Lemos que em (p. 23) tudo era sempre o primeyro, começavam o P. Visitador e o P. Frey Helias a entoar as ladainhas em canto-cheu e respondiam os cantores, repetindo sempre o mesmo que os Padres

entoavam, ora em canto-choro, ora em canto de organ. Acabada a ladainha, diziam todos em voz alta "Senhor Deus Misericordia" 3 vezes; e logo se tocava o tambor para os soldados entrarem de guarda²⁷¹. E entraram nella todos os dias e vigiavam seus quartos como se estivessem cercados de inimigos; e este costume se guardou sempre em toda esta viagem.

[...]

[14.] <...> [f. 8v] (p. 25) Vespóra de S. Lourenço a tarde [terça-feira 9 de agosto, "na costa da Guiné"] se cantaram vespóras solennes no navio Nossa Senhora da Guadalupe a honra do insigne martyr S. Lourenço, e a instancia de Lourenço de Lima, soldado e home nobre e morgado da villa [f. 7r] Praya da ilha Terceira por ser esta devoção de seu pay e de todos seus filhos e filhas religiosas. Capitulou nas vespóras o P. Companhiairo [Luís Lopes] do P. Visitador do Brasil. Acabadas as vespóras, se deu huma salva com duas cargas de mosquetaria em honra do glorioso martyr e a custa do ditto Lourenço de Lima. <...>

[...]

[15.] [f. 7v] (p. 25) Em amanhecendo tornou a mandar o mestre empavezar o (p. 26) navio [a 10 de agosto] e lançar bandeira de quadra por popa e seu rabo de gallo do alto do mastareo sobre o masto grande. Confessaram-se algumas pessoas, e a seu tempo se começaram as missas, estando o altar bastantemente ornado. A primeira disse o P. Visitador, na qual deu a comunhão a 4 pessoas seculares, a 2ª o P. Frey Helias, e a 3ª, que foy cantada, o P. Companhiairo [Luís Lopes] do P. Visitador [D. Pedro de Moura] do Brasil; e nella, acabado o Evangelho, fez o P. Visitador hum sermão em louvor de Deus e dos louvores do [f. 8r] glorioso S. Lourenço. Acabada a missa e recolhidos os ornamentos sagrados, se deu outra salva de mosquetaria em louvor do glorioso martyr. <...>

[...]

[22.] [f. 13v] (p. 31) Vinhasse chegando a tarde deste domingo, 14 de agosto e vespóra da Virgem Nossa Senhora da Assumpção; e era bem que em reconhecimento de tantos benefícios para o navio [que se encontrava próximo das Ilhas de Cabo Verde] recebidos em tal dia, nos mostrassemos agradecidos a Virgem Sacratissima; e assi se lhe cantaram suas vespóras, nas quizes capitulou o P. Visitador [D. Pedro de Moura]. Ellas acabadas, se rezou a ladainha da mesma Senhora. A noite e na manhã de dia seguinte [15 de agosto] houve confissões. Disse o P. Companhiairo [Luís Lopes] a 1ª missa na qual deu a comunhão a 23 ou 24 pessoas, e entre ellas ao [f. 14r] Capitão da infantaria (p. 32) Paulo Machado Lemos, ao Capitão e mestre do navio Antonio de Salazar, ao piloto, contramestre e escrivão da nação. A 2ª missa disse o P. Frey Helias, que por certa indisposição a não pode dizer o dia dantes. A 3ª cantou o P. Visitador e, acabado o Evangelho, pregou o P. companhiairo [Luís Lopes].

[...]

[39.] [f. 21v] (p. 39) A tarde parou a Capitanea e com ella as mais, esperando pela Almiranta e hum navio frances que hia na companhia nas nações por conta d'el Rey, e despedio a Almiranta e ao frances a cada qual seu pataxo com avizo de que não subissemos a materia. A noite [de 2 de setembro, sexta-feira] ouve no navio Guadalupe muito tanger e cantar. Foy esta noite toda clara e fresca, e no principio della despertou o Sul e continuou esperto toda a noite. <...>

[...]

[45.] [f. 25v] (p. 43) A manhã da 4ª feira, 7 de setembro, foy mais bem engraçada do que a [f. 26r] noite promettia; teve porem suas nuves de nevoas com que se toldou, mas estas altas, e as partes parecia o ceu. O vento Sul esperto. A tarde aclarou o ceo. E a seu tempo se cantaram as vespóras em honra do nascimento da Virgem Nossa Senhora. Capitulou o P. Visitador [D. Pedro de Moura]. <...>

[...]

[74.] <...> [f. 45v] (p. 60) Passou pela naõ *Guadalupe* este pataxo ["do Capitão Lemos", quarta-feira, 28 de setembro] no tempo em que cantavamos a ladainha e nos deu hũa salva de moquetaria, por ser particular amigo do Capitão da infantaria Paulo Machado de Lemos. <...>

[...]

[77.] [f. 47v] (p. 61) A manhã do domingo [2 de outubro] foy clara, o vento Lestnordeste, o (p. 62) mar quieto e igual, o navio direito. Este foy o 29 dia de outubro e o 69 da viagem. A suas horas se disseram tres missas: a 1ª disse o P. Companhiaro [Luiz Lopes] e nella deu a communhão a 7 pessoas seculares e foi da Dominga, a 2ª o P. Visitador [D. Pedro de Moura], [f. 48r] e foy de S. Francisco de Borja, que foi o 12 dia do mes; e a 3ª o P. Frey Helias, e foi cantada e de Nossa Senhora do Rosario que, no primeyro domingo deste mes de outubro, se costuma celebrar em terra firme nas igrejas donde há confrarias do Rosario; no fim desta 3ª missa, pregou o P. Companhiaro da Vitoria, Rosario e do B. Francisco de Borja sobre o *Beatus Venter* etc. ... <...>

[...]

Summa breve de toda esta relação

[...]

[88.] [f. 54r] (p. 87) Partimos da ilha de S. Miguel aos 25 de julho. Aos 31 de agosto vimos a ilha de S. Antão, que há das dez de Cabo Verde, a mais affastada da terra firme; e aos 14 do mesmo, tivemos vista de dous navios grandes, e nos persuadimos seriam olandezes ou as naos da India. Aos 18 de setembro passamos a linha, e aos 8 de outubro lançamos ferro na Bahia. Nestes 78 dias não tivemos mais calmaria que tres dias e vista da Ilha de S. Maria. Orve missa todos os domingos e santos. Tivemos 4 vezes vespõras solennes e 5 vezes [f. 54v] missa cantada, e ladainhas de Nossa Senhora cantadas todos os dias. As missas, por todas (contando hũa que disse o P. Frey Helias, dia do Apostolo Santiago em que partimos da barra de Ponta Delgada, depois do P. Visitador e seu Companhiaro embarcados, os quaes, na madrugada do mesmo dia, disseram missa no seu collegio, e, depois de se embarcarem, armaram o altar e emprestaram o ornamento ao P. Frey Helias para, com sua missa, consolar os soldados e marinhẽros que estavam tristes por não terem comodo para satisfazer ao preceito) foram 48, das quaes foram 5 cantadas e 44 rezadas. Nellas se deu a communhão em toda a viagem a 80 pessoas seculares. Fizeram o P. Visitador e seu companhiaro nesta jornada 15 pregações e hũa doutrina solenne. <...>

[...]

269. Discota, para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 286) é « Companhia de mulheres, que se ajuntam a cantar, a dançar. Feita de danças, e instrumentos ». PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do açor*, 1959, p. 147) dá « dança e canto popular antigo, alegre e ruidoso », transcrevendo, ainda, boas informações de ERNESTO VIEIRA.

270. A palavra *peça* tinha, para a música daquele período, o mesmo significado que tem hoje. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 340) diz: « Peça que pões à viola, ou a qualquer outro instrumento musico ». Porém, o termo mais usual para as intervenções desse instrumento (tambor) era *abaixadas*.

271. ENRIQUE DE VILDEFORNO (1965, v. II, pp. 12 e 93) no *Livro de música de viúela*, intitulado *Silva de Sirenas*, de 1547, traz uma peça para duas "viúelas" intitulada "Para discanto", onde uma delas se limita a repetir um único compasso durante toda a obra. Sobre esse fragmento, há um comentário do próprio autor: « Esta música es para discantar sobre un punto o començancia, que es un compás que comumente llaman el atambor ». A figuração rítmica desse compasso, que pode ter sido estraiada de algum tipo de toque de tambor, é

$\left| \begin{array}{c} 3 \\ 2 \end{array} \right| \text{ d } \text{ d } \text{ d } \text{ d } \left| \right|$

MANUEL SEVERIM DE FARIA
(1583 - 1655)

DOCUMENTO: HISTÓRIA PORTUGUESA E DE OUTRAS PROVÍNCIAS DO OCCIDENTE DESDE O ANO DE 1610 ATÉ O DE 1640. s.l., após 1640.

TEXTOS: Nem o Barão de STUART, nem JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES fornecem indicações mais precisas sobre este documento, além da nota do primeiro (no verso da página de rosto de sua edição), que diz: «Biblioteca Nacional de Lisboa A.6.27. Volume que pertence à Collecção Viajeiro».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta é a única edição deste documento, que somente contém as informações relevantes ao Brasil. No mesmo livro, são impressos documentos inéditos, referentes ao assunto (Apêndice, pp. 69-225).

NOTA SOBRE O AUTOR: MANUEL SEVERIM DE FARIA foi sacerdote, chanceler da Sé de Évora, grande erudito e escritor português.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: História Portuguesa e de Outras Províncias do Occidente Desde O Ano de 1610 Até O De 1640 da Felice Acciajuoli de El Rey Don João O 4º Escrita em Trinta e Nove Relações Por Manuel Severim de Faria Chanceler da Sé de Évora Copiado na parte que diz respeito ao Brasil, pela 1ª vez publicado e anotado pelo Barão de Stuart. Com um Apêndice de quarenta e quatro Documentos, inéditos, pertencentes à Collecção Stuart. Fortaleza, Typ. Stuart, 1903. 225 pp. [BIB: 1-d-1].

[3] Desde Abril de 1615 até Março de 1618.

[...]

[3.] <...> (p. 10) Dando-se com isto os Franceses por senhor do campo [*"ficarão os nossos cercados e privados de todo o socorro"*], mandarão a 20 de Novembro [de 1615] 50 canoas sobre o nosso Forte [na Ilha do Maranhão], das quaes desembarcarão com grande estrondo de artilharia e Trombetas tres mil Tupinambás frecheiros com 200 Franceses, gente escolhida, em que entrarão m.^{tes} personagens de França. <...>

[...]

ANTÔNIO TELES DA SILVA

DOCUMENTO: CARTA. Bahia, 04 de Junho de 1644.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Sem título, este documento foi incluído por SERAFIM LEITE na edição do livro de VILHESANTI, na parte I, apêndice I, documento II (pp. 167-171), datado (p. 171) « Bahia 4 de Junho de 1644 » e assinado ao final por ANTÔNIO TELES DA SILVA. O original é do Arquivo Histórico de Lisboa.

NOTA SOBRE O AUTOR: ANTÔNIO TELES DA SILVA foi o 199 Governador Geral do Brasil, empossado a 30 de agosto de 1642 e substituído por Antônio Teles de Menezes a 26 de dezembro de 1647.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADEIRA DE VILHESANTI - *Relação diária do cerco de Bahia de 1638 por Pedro Cadeira de Vilhesanti*. Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Aires. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 356 pp. (Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[1.] <...> (p. 168) Nam esperando por esta resposta, se resolveram ["o povo"] a levantar hum motim, & a querer tirar por força o cofre da caixa do Governador, a quem foy necessario mandar tocar caixa, & por se em defenza; <...>

[...]

ANÔNIMO

LIVRO: RELACÃO DA ACLAÇÃO QUE SE FEZ NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO DO ESTADO DO BRASIL E NAS MAIS DO ELA AO SENHOR DOM JÚLIO IV. Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: O texto de 1641 foi reimpresso em edição facsimilar em 1940 (Coimbra, Tipografia Atlântida) e, em 1976, incluído em *O movimento acadêmico no Brasil*, de JOÃO ADEILDO CASTELLO (São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, v. III, tomo I, pp. 3-12). A página de rosto da primeira edição está transcrita abaixo.

EDICÃO UTILIZADA: RELACÃO | Da Aclação, | Que Se Fez Na Capitania Do | Rio de Janeiro do Estado do Brasil, & nas mais do | Sul, ao Senhor Rey Dom João o IV. por verdadeiro Rey, & Senhor do seu Reyno de Por-tugal, com a felicissima restituição, | & delle se fez a sua Magestade | que Deus guarde, &c. | [grav.] | Com todas as licenças necessarias. | Em Lisboa. | Por Jorge Rodrigues Anno 1641. | Acosta de Domingos Alaraz Laureiro [Composto e impresso na Tip. da Atlântida, Coimbra, 1940]. 17 pp.

[...]

[3.] <...> (p. 14) Foy o principio das festas [“A noite do dia de Pascoa ultimo de Março”, de 1641] hũa encenizada em que passarão nostra alegrão todas as ruas da cidade cento e dezasseis cavaleiros <...>. E para mayor alegria se lhe agregarão dous carros ornados de sedas, e aparatos de ramos, e flores, e tan prenhados de musica, que em cada principio de rua parecia que o Coro do Ceo se avia humanado, (p. 15) açõ do Licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos unicos nesta arte, e que mereceo o louro assí da invenção, como do sonoro.

[...]

JOHANNES DE LAET

(1583 - 1648)

LIVRO: HISTÓRIA OU ANAIS DOS FEITOS DA COMPANHIA PRIVILEGIADA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS (ATÉ 1624). Leyden, Abraham Elzevier, 1644.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este opúsculo holandês, bastante raro, teve uma edição dos quatro primeiros livros vertidos para o português em 1874, por JOSÉ HIGINO DUARTE PEREIRA (Pernambuco, Typografia do Jornal do Recife). A tradução de Pedro Souto Maior, dos livros restantes (5 a 13) foi publicada em 1916 juntamente com o trabalho de Souto Maior. A edição holandesa apresenta o seguinte título: *Nieuwe Oeffte Jaerlijck Verhaal Van de Darrichtingen der Grooten West-Indische Compagnie, Zedert haar Begin / tot het eynde van 't jaer / aesthiem-hondert ses-entertich / Begrepen en Verthien Boeken, Ende met verscheyden koperen Platen verclart / Beschreven door / Joannes De Laet / Resident-bader der selver Compagnie, [grav.] Tot Leyden, By Bonaventuer ende Abraham Elzevier, Anno 1644. Met Privilegie. [31 f. 20; 15 ff. inv.; 544 pp.]*

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. III, nº 2, p. 85) informa: «Nascido em Antuérpia, Laet foi diretor da Câmara de Amsterdam da Companhia das Índias Ocidentais e membro do Conselho dos XIX. Teve à mão papéis oficiais muitos dos quais ele próprio redigiu. Homem de extraordinária erudição, participou do Sinodo de Amsterdã, quando se discutiu o dogma da predestinação, debates com as maiores figuras da época a origem dos índios americanos e escreveu várias descrições geográficas». *L'Histoire du nouveau monde ou description des Indes Occidentales...*, de JOHANNES DE LAET (Leyden, Bonaventura e Abraham Elzevier, 1640) contém, na p. 497 (livro IV, cap. 12), uma gravura de instrumento indígena brasileiro feito de frutos de água que não é encontrado em nenhuma outra obra anterior ao século II, nem mesmo na primeira edição desse livro, *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien...* (Leyden, Isaac Elzevier, 1625).

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOHANNES DE LAET - *História De Annos Dos Feitos Da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do anno de 1624*. Por Joannes De Laet Director da mesma Companhia - Tradução dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Rio de Janeiro, Officinas Gráficas da Bibliotheca Nacional. Vol. I (livros I-VII), 1919, 278 pp.; Vol. II (livros VII-XIII), 1925, 216 pp., 304 pp. (numeradas 279-642). [BIBN 14-b-7/8].

VOLUME I

LIVRO PRIMEIRO

[II] 1624

[...]

[5.] <...> (p. 46) O vice-almirante apesar do fogo bem nutrido da bateria, bem como do da praia, deu cumprimento a esta ordem com tanta presteza e tanto denodo, que primeiro o seu corneta ~~seu~~ ^{seu}, (p. 48) depois elle, e em seguida a sua gente successivamente saltaram na plate-fôrma [poucos dias após 8 de maio de 1624, na costa da Bahia, durante batalha com os portugueses]. <...>

[...]

VOLUME II

LIVRO UNDÉCIMO

[III] - 1634 -

[...]

[243.] (p. 467) Desembarcaram [os holandeses, na costa da Paraíba, a 27 de novembro de 1634] e como houvesse ali dous caminhos, preferiam o que (p. 468) ficava ao lado direito, porque parecia ser melhor; mas escolheram mal, pois seguindo por elle não encontraram casa alguma e voltaram para os seus botes; mas mal deram alguns passos, os Portuguezes atearam fogo a um armazem de assucar, o qual estava entre o matto acima do outro caminho.

[244.] Os nossos, despeitados por lhes escapar aquelle espolio e suppondo não encontrar mais navios acima no rio, tocaram as trombetas e voltaram aos navios capturados. <...>

[...]

[247.] (p. 468) A barca sendo levada mais perto do montículo [“de areia; n’um dos que estão do lado esquerdo quando se sobe”, em 29 ou 30 de outubro de 1634] com bastante trabalho (por-(p. 469) que o Coronel teve de pouca vontade), o inimigo [português] atirou com tanta furia que as harricadas, que os nossos fizeram naquele bordo do navio, de caixões vazios e pipas cheias de velas e cabos, mal os podiam proteger. No bote ficou ferido um marinheiro, de sorte que ninguém queria embarcar nelle e um outro na caravela, pegando tambem fogo as velas que collocaram para a sua defesa; e o inimigo tinha ardor que não prestava attenção aos tiros dos nossos yachts e das nossas columbrinas. O coronel vendo que a caravela dessa forma não podia ser levada fóra mandou dous botes ao yacht, em que se achava o capitão Baut com os seus mosqueteiros (os quaes não haviam estado no rio), dando-lhe ordem que desembarcasse tanta gente quanto possivel, um pouco acima do inimigo. Elle mesmo

mandou remar com toda a força para o inimigo e veio pelo outro lado com trombetas e grande vozeria de guerra, cahindo-lhes em cima tão ligeiro, que aquelle ficou em tal confusão que não deu mais um tiro contra os nossos, e foi-se embora deixando uma parte dos seus casacos presos nos arbustos e muitas forquilhas fincadas nos parapeitos, e, apanhando-se no matto, nem uma vez pusaram olhar para traz; estavam com elles duas tropas de indios, que não foram os mesmos activos em correr. <...>

[...]

DECIMO TERCEIRO
LIVRO

[1] 1636

[...]

[22.] (p. 571) Ao amanhecer [do dia 18 de janeiro de 1636, "no meio do caminho entre Caneragiba e a povoação de Porto Calvo, cerca de duas pequenas leguas desta ultima", em batalha campal com portugueses] fizeram uma oração a Deus, a qual poudo ser ouvida pelo inimigo e depois as trombetas tocaram a alvorada e em seguida rufaram os tambores a despertar; o inimigo não respondeu a nenhum desses toques e conservou-se tranquilo. <...>

[...]

[81.] (p. 587) O Coronel [Artichau] mandou o capitão Duykerker dar um assalto com a sua divisão [a 21 de abril de 1636, numa localidade entre Itapecerica e Terra Nova, a oeste] e vendo que esses o fizeram em grande desordem, quasi todos abandonando o seu commandante, avançou elle mesmo e deixando a divisão do almirante em ordem de batalha juntou 30 ou 40 homens da de Duykerker que ainda estavam reunidos e depois de exhortal-os a portarem-se bem, dirigio-os ao lado direito por uma espessa monta á emboscada do inimigo, não querendo se retirar para a divisão do almirante senão quando fosse necessario. O inimigo [portuguezs] vendo isso não fez grande

resistência, mas sahindo de sua emboscada (p. 588) poz-se a fugir para o espesso do matto e abandonou o seu principal quartel com um montão de farinha feita recentemente, muitas armas e os seus instrumentos musicaes, tambores, utensilios de missa, calices e formas de ferro onde faziam as hostias e juntamente uma tonelada de pólvora, uma caixa com balas, uma porção de carros de bois, negros, livros e papeis que haviam roubado no campo e outras cousas mais. <...>

[...]

[115.] <...> (p. 598) As duas companhias de fusileiros [holandeses.] chegando no dia 16 [de novembro de 1636, ao "rio pedregoso de Itapicurá"], o Coronel [Artichau] partio com firme resolução de atacar o inimigo e tendo repellido as sentinellas que estavam postadas na distancia de legua e meia adiante, passou Sto. Antonio e avistou-o ao meio dia. O inimigo [português] querendo resistir allí aos nossos, dispoz os seus grandes batalhões em ordem de batalha n'um alto monte atraz de um vale difficil, pelo qual os nossos deviam passar para atacal-os: mas como visse que o Coronel, apezar de tudo, desceu do monte visinho encaminhando-se para lá a marcha forçada, a toque de tambores e cornetas²⁷², começou a desanimar e retirou primeiro a sua emboscada do valle para o monte, e vendo os nossos continuarem a avançar para elle abandonou o monte e embrenhou-se no matto, não esperando nem uma vez chegassem ao alcance de tiro. <...>

[...]

272. Nota de « Netscher », nesta edição (v. I, pp. 46-47, nota 1): « Em cada navio havia um corneta, que, na ocasião de manobra e durante o combate, estava sempre ao lado do capitão para dar os signaes. Parece que naquella epocha ligava-se muita importância a esta função, pois vemos no *Beach, Nederland. Tienzenen*, de H. de Jorge, que o salario de um corneta era 20 fl. por mez, o que naquelle tempo era uma paga consideravel ».

273. Em varias traducções portuguezas, como é o caso, usou-se, erroneamente, cornetas, ao invés de trombetas. Os termos estrangeiros que devem receber a segunda traducção, como se observa nos documentos da epocha, são *tracbe* (it.), *Trompetten* e *Trompeten* (al.), *troupettes* (fr.) e *trumpets* (ingl.). O único caso encontrado que admite traducção para corneta é o termo alemão *Hörner*, de JOHANN GREGOR ALDENBURGER & *Nest-Indiansche Reide*, 1627, f. F4r).

274. A melhor traducção continua sendo trombetas.

ANTÔNIO TELES DA SILVA

DOCUMENTO: CARTA AO REI DE PORTUGAL, D. JOÃO IV. Bahia, 15 de outubro de 1645.

TEXTOS: Esta carta, datada de «Bahia quinze de Outubro de seiscentos e quarenta e cinco», foi publicada na coleção «Alguns documentos novos para a História da restauração pernambucana com um prefácio de J. Luzio de Azevedo», às pp. 302-309.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 78: pp. 302-309. 1910.

[...]

[13.] <...> (p. 308) e depois de ratificadas as mesmas pazes, e com som de caixas e trombetas publicadas individualmente em cada uma das nossas conquistas, passaram os holandeses a ganhar, como o fizeram a nossa fortaleza de Assen na Costa da Mina, e foram debaixo da visita de paz assaltar no Bengo aos nossos moradores. <...>

[...]

BALTAZAR TELES

(1598 - 1675)

LIVRO: *CRÔNICA DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DE PORTUGAL*. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1645.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta obra, em dois volumes, nunca foi reeditada. A « Segunda Parte » não traz informações que interessam à música no Brasil.

NOTA SOBRE O AUTOR: BALTAZAR TELES foi religioso da Companhia de Jesus, insigne humanista, filósofo e teólogo. Jamais esteve no Brasil.

EDIÇÃO UTILIZADA: *CRÔNICA DA COMPANHIA De Iesv, Na Provincia De Portugal; E Do Que Fizerao, Nas Conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Provincia entráram, nos annos em que viveo S. Ignacio Loyola, seu Fundador. Pelo P. M. Baltazar Teles de mesma Companhia, natural da cidade de Lisboa, & nella Leito de Prima de Theologia. PRIMEIRA PARTE, Na qual Se Contão Os principios d'esta Provincia, No tempo, em que a fundou, & governou O P. M. Silveira Rodrigues, Com sua sancta vida, & morte. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Paulo Craesbeeck. Anno de Senhor M.DC.XLV. [1645]. [BIB 16-a-4; 28 x 19 cm; 12 ff. ima., 709 pp.].*

Livro Terceiro DA CHRONICA Da Companhia De Iesv, Nos Reynos De Portugal.

Capitulo IV. Continha-se a mesma materia, em especial dos costumes dos naturaes do Brasil; & das barbaras ceremonias, com que comen a carne humana.

[...]

6. <...> (p. 448) [col. 1] [*"Das ceremonias q' usam, quando trazem algum Tapuya cativo"*] Ao entrar da aldeia, até chegar a casa, ou choupana do que o cativou, vem com festas, bailos, & cantigas, & o Tapuya cativo, vem fazendo seu bailo da guerra, com estranha braveza, sem mostra alguma de sentimento. <...>

7. [col. 2] [*"Do modo cõ q' trazẽ o Tapuya pera o natarem"*] Chegando o dia assinalado, primeiro o vem lavar a hum rio, pera hir mais purificado, & dehi o trazem com grande festa, de bailos, & de cantigas, dizendolhes, que nam estranhe fazereilhe o que elle, & seus parentes muitas vezes a outros tinham feito: <...>

8. <...> (p. 449) [col. 1] [*"Descreve-se o modo cõque sahe o matador do Tapuya"*] Entra no terreiro, donde se hã de executar a morte, acompanhado com seus padrinhos: começa a dar varios passos, como prologo que entra no theatro, antes que comece a lançar a loa: faz logo hum bailo tan terrivel, que mete horror, enoendo o ar de rinchos, de assabicos, & alaridos. Nam he pequeno espanto ver spos isto sahir o preso ao terreiro, dando tambem seus saltos, fazeendo suas danças, & assubiando, com tal festa, & alvoroco, como se aquelle fora hum dia de gran prazer. <...>

[...]

Capitulo V. Como o Governador Thomé de Sousa edificou a cidade do Salvador, e do que os religiosos da Companhia fizeram nestes principios, ensinando os gentios, e pretendendo tirarlhes o costume de comer carne humana

[...]

10. (p. 455) [col. 2] [*Traças, q usavam os Padres para baptizar estes gentios presos.*] hiam os Padres muy dissimulados, com pretexto de quererem assistir áquella sua solemnidade: pediam licença, entravam no terreiro, vian as danças, ouvião as musicas, & finalmente assistiam em toda a festa; <...>

[...]

Capitulo VI. Do sancto zelo, e virtudes do P. Manoel de Nobrega (primeiro Provincial da provincia do Brasil) em quanto esteve em Portugal.

1. (p. 456) [*O que os Gregos fingiam de Orphéo.*] E'uy tan estimado entre os Gregos, aquelle seu tan celebrado cantor Orphéo, que nam sómente lhe engastáram a sua cithara, entre as mais nobres constellações do céu, mas tambem a elle o contavam entre os seus Deoses mais milagrosos, attribuindolhe, entre outros dos seus falsos milagres, que com a suavidade da cithara, & melodia da voz, trazia apos si os penhascos, tornádoos tan brandos, como se fossem cordeirinhos. Nam éran os sábios de Grecia tan ignorãtes, q chegassem a persuadirse, que Orphéo abrandava as pedras, & amansava as feras; porém quizeram, como prudentes, significar por estas alegorias a grande sabedoria de Orphéo, merecedora de elles o canonizarê, pois foy o primeiro mestre, q tiveram os Gregos, quãdo mais agrestes, & quãdo mais incultos, (p. 457) [col. 1] & quando mais dados a ter por melhor iguaria (como os Aymurés no Brasil) o prato da carne humana.

2. [*Os Brasís estao hoje muy domesticados*] O que de Orphéo fingio a antiguidade de Grecia, vemos em nossos dias cõprido na gẽtilidade do Brasil, que verdadeiramente parece hã novo encantamẽto de vozes divinas, & musicos celestiaes, <...>

KASPAR VON BAELE

(1584 - 1648)

LIVRO: HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OITO ANOS NO BRASIL. Amsterdã, Johannes Blaeu, 1647.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado em latim (*Res Brasiliæ...*, 1660), alemão (1659) e holandês (1923), antes de surgir a tradução portuguesa de 1940 (reeditada em 1974 pela Itatiaia-EDUEP) e em 1990 pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BORDA DE MORAIS (*Bibliographia brasiliæ*, c. 1933, v. I, p. 78) informa: «Casper van Baerle, Barleus as he wrote it in Latin, or Barleu as he is known by Brazilians, was one of the great Dutch humanists of the seventeenth century. His poetry, in Latin, was much appreciated in his time, and besides his poetical works, he left several books on other subjects. But it is not because of these works that he is remembered by posterity. If today his name is constantly recalled it is, above all, by Brazilians, and by reason of his classic work on the government of Maurits van Nassau in Pernambuco ».

EDIÇÃO UTILIZADA: Casparis Barlaeri, | *Servæ Per Octavio* | In | BRASILIÆ | Et aliibi super gestarum, | Sub Præfectura | Illustrissimi Comitæ | I. MORITZII, | Nassoviar, ac Comitæ, | Mæc. Mesallæ Gubernatoriæ & Equitatus Fœderatorum | Belgii | Ord. sub Avriaco Ductoria, | HISTORIA | [grav.] | Amstelodami, | Ex Typographia Joannis Blævi, | MDCLVII. [1647] [No f. anterior:] Res | BRASILIÆ | Imperante | Illyst. Comite | I. Moritio. | Nassoviar etc. Comitæ. | [grav.] | Seneca In Medea. | Tipisque | Novos | Detapet | Orbes. | C. H. e. I superpositos [46 X 29; 8 ff. inoa.; 340 pp.; 4 ff. inoa.; pls.] [BIBL: 25-q-2].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: KASPAR BAELEU - História dos feitos recentemente praticados durante oito anos do Brasil e outras partes sob o governo do illustrissimo João Maurício Conde de Nassau Etc., ora Governador de Mesel, Tenente-General de Cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange. Tradução E Anotações De Cláudio Brandão. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação, MECUL [1940]. 1 f. inoa.; XV, 424 pp.; 2 ff. inoa. [BIBL: 25-q-3].

TEXTO LATINO

[...]
[11.] <...> (p. 23) ["In hospites affusi"] Rectè aut perperam factis nec præmia superesse post obitum, nec supplicia arbitrantur. ["Officia circa mortuos."] Qui è vita discessere vel integro corpore, vel mutilatos membra, aut vulneribus confossos, descendere ad inferas sedes putant, quancobrem incremata cadavera condunt terra, addito reti cubandi causa, nec non cibariis in aliquot dies, quod persuassum habeant, & dormire interim & cibos capere manes mortuorum. Obitus suorum immodicè lugent, mensum integrum ejulatibus exigunt, in terram se excordes projiciunt, &

TRADUÇÃO

[...]
(p. 26) ["Deveres para com os mortos."] Não admitem ["os brasileiros"] haja para as boas ou más ações prêmios ou castigos depois da morte. Creem que os mortos descem aos infernos com o corpo inteiro, ou com os membros mutilados, ou traspassados de feridas. Assim, enterram os cadáveres sem queimá-los, colocando junto d'êles uma rede para dormirem e alimento para alguns dias, pois estão persuadidos de que as almas dos defuntos comem durante esse tempo. Choram imoderadamente a morte dos seus, passam em pranto um mês inteiro, atiram-se ao chão como loucos, terminando estes trágicos

de conciliatione agi. Secundus florem milii ostentans de hujus ubertate vaticinium edebat. Tertius lapidem lacteum monstrans lactis copiam recitabat. Quartus ad lapidem, qui panis figuram hadebat, alterius proventus felicitatem loquebatur. Quintus arcum telumque plumis circumdatum proferens haec Angelorum dona asseverabat, & plumarum numerum totidem ferarum capturas interpretabatur. Sextus ostenso lapide cereo uberiores mellificii praesagia speriebat. atque hoc omni apparatu opus esse, ut placato Numine, subsiderent aquae, & dicti proventus agris redderentur. [*"Septem-Triones pro Numine habent"*] Numinis loco Vrsae majorem venerantur sive Septem triones, quos à figura Plaustrum cum vulgo vocamus. hoc sidus cum mane adspiciunt, gestiunt laeti. illi cantus suos & saltus aliaque nuncupant. <...> Quotannis per aestatem, distinctis catervis & exercitiis, ad tripudia, hastilium concursus aliosque ludos Septem-trionibus sacros conveniunt. [*"Festus"*] festum tridui est. plumis diversicoloribus insignes prodeunt antagonistae, velut ad Olympica certamina. pedes arborum corticibus vinciunt & circumligant, quae ligaturae pro ocreis sunt. nalle caput illinunt, crine super verticem in nodum, instar Sicanbrorum, torto. cui pluman oblongam elegantemque infigunt novi nirmillones. caput rubro pulvere adpersi & corporis reliqua picti. [*"Certamina"*] Brachiis nectunt alas Avis Kobituh, pendente à tergo thyrsos frondeo; collum rediniti pulcherrimarum plumarum corona. Tales congregiuntur & certamina incoepant. Victor victo inusitatis & non aemulandis saltibus exprobrat. [*"Anguibus vescuntur."*] Quod si occultas inimicitias inter se foveant, ludos in series caedes & mutuas lanienas vertunt. uxores liberique spolia & pugnae (p. 256) praemia fiunt. <...> [*"Anicorus cadavera vorant."*] Defunctorum cadavera sacerdotes membratim dissecant. Vetulae assandis artubus ignes atruunt, lachrymisque &

derem os augúrios, porquanto nenhuma outra cerimônia sagrada merece tanta fé, não só por parte da plebe, mas também dos príncipes e do rei.

Começavam-se tais consultas bebendo-se, cantando-se e dançando-se. Lá estavam seis adivinhos para vaticinarem. O primeiro, iniciando o vaticínio, tirou uma pedra e disse que os holandeses haviam travado combate com os baianos, mas já se tratava da reconciliação. O segundo, mostrando uma bandeira de milho, proferiu seu prognóstico sobre a fartura deste cereal. O terceiro, apresentando uma pedra laticolor, proclamou a cópia do leite. O quarto exibiu um seixo em forma de pão e significou que se ia ter abundância de farinha. O quinto, deixando ver um arco e uma flecha circundada de plumas, asseverou ser aquilo dom dos anjos e (p. 263) interpretou o número das penas como outras tantas caçadas de animais bravios. O sexto, mostrando uma pedra cêr de cera, pressagiu maior cópia de mel e disse que todas aquelas cerimônias eram necessárias para que, aplacado o nume deles, baixassem as águas, e de novo dessem os campos as referidas produções.

[*"Teem a Ursa Maior por Deus."*] Em lugar de Deus, adoram as tapuias a Ursa Maior ou o Setentrião, a que nós, pelo seu feitio, chamamos com o povo a Carreta. Quando de manhã vêm essa constelação, alvoroçam-se de alegria e dirigem-lhe cantos, danças, etc.

[...]

[*"Festas"*] Anualmente, durante o estio, reúnem-se em bandos e exércitos distintos para bailes, concursos de lanças e outros jogos consagrados ao Setentrião. Dura a festa três dias. Marcham os antagonistas adornados de penas variegadas como para os certames olímpicos. Envolvem as pernas em cascas de árvores, que a eles amarram, servindo-lhes de grevas. Untam a cabeça com mel e torcem o cabelo no aito dela em nó, como os sicanbros, no qual cravam uma pluma cumprida e elegante, como novos

noxx tragicos hosce motus
computatione & saltibus finiunt. In
melancholiam proniores remedia sibi
à choreis, canendi modulis,
instrumentis musicis, quae propria
habent, quaerunt, nec minus, quam
hominum alii, feriis ludos
interponunt. <...>

[...]

[101.] <...> (p. 254) Nec
serunt nec inserunt abaque
sacerdotum ministeriis &
consecrationibus. qui agris tabaci
fumum adspirant, & fecunditatis
imaginatione implent credulos.
["Ritus peracta semente"] Peracta
semente & plantatione edicto Rex
prophetas convocat & populum. illi
lectissimis se coloribus
distinguunt & plumis elegantioribus
ornant. hic se viridantibus coronis
redimit. sic una speciosa
considunt, de arborum fructibus ad
ignem exsiccant, exsiccatos
contundunt, & contritos aquis
permiscunt. has bibunt, donec
revocant. ordine dein suo surgunt
sacerdotes cantillantes,
sublatisque coelum versus fistulis,
eo stant corporis situ ac si
spectri alicujus coelitis & in
aëre visi contemplatione
tenerentur. Est cui fasciculus à
Strutionum plumis à tergo dependet.
qui distractis plumis ampliatus in
rotas curulis ambitum patet. Est,
qui plumulas leviores vento
obvertit, ut, unde spiret,
exploret. In illum plumarum
fasciculum delabi coelitus panem
cuniorum opinio est. qui si copiosior
fuerit, opinam messiem, sin parciore,
parcam pollicetur. Quae Anno CII IXC
XLI mense Aprili intumuisse in
fluminibus aquae, maxime
agricolarum damnis, consulti fuere
super tanta cala-(p. 255)itate
Prophetarum. allati ex adytis & regia
Calabassa lapides omni facturi. nec
enim ulli sacro major fides, non
solum apud plebem sed & proceres &
Regem. haec consulta à potibus,
centu & saltationibus ordiebantur.
Stabant prophetae vaticinaturi sex.
Primus prolato lapide vaticinium
auspicatus, Belgas cum Bahiensibus
praelio commissos perhibebat, & jam

transportes com un festim e com
danças.

Propensos à melancolia,
procuram dissipá-la com cantilenas e
instrumentos musicos, que tem
próprios, e, tanto quanto os outros
homens, intercalam os
entretenimentos com as cousas
sérias.

[...]

(p. 283) ["Ceremonias por
ocasião da plantação"] Os tapuias
[que constituem 14 aldeias na
"serra que aparta o Brasil das
terras occidentais", nas Alagoas]
não semeiam nem plantam sem o
auxílio e consagrações dos seus
sacerdotes, que sopram sobre os
campos o fumo de tabaco e enchem os
crédulos com imaginação de
fecundidade. Feita a sementeira e a
plantação, o rei convoca
publicamente os adivinhos e o povo.
Eles pintam de formosíssimas cores
e se enfeitam com as penas mais
elegantes. O rei cinge uma coroa
verdejante. Assim se sentam juntos
naquela pompa, secam ao fogo frutos
de árvores, trituram-nos depois de
secos e misturam-nos, depois de
moidos, na água, a qual bebem até
vomita-la. Em seguida, levantam-se
os sacerdotes uns após os outros,
cantando e, erguendo para o céu
flautas de cana, permanecem com o
corpo em tal imobilidade, como se
estivessem enlevados com a
contemplação de alguma visão
celeste, manifestada no ar. Alguns
há que trazem pendurado às costas
um feixe de plumas de ema, o qual
aberto tem a circunferência de uma
roda de carro. Outros há que lançam
ao ar penas mais leves para
verificarem donde sopra o vento. É
opinião de todos que o pão cai do
céu naquele feixe de plumas, e, se
este for mais abundante, promete
colheita farta: se, ao contrário,
for mais escasso, pressagia
colheita diminuta.

Como em Abril de 1641
engrossassem as águas dos rios, com
vultuosos danos para os
agricultores, foram os adivinhos
consultados acerca de tamanha
calamidade. Trouxeram-se as pedras
dos áditos e da cabeça do rei para

ejulatu exequias celebrant. illas citò, dolorem tardius deponunt. feminae ossa tenuis carnem dentibus abradunt, non saevitiae signo, sed affectus & fidei. [*"Etiam ossa. Et pilos."*] Magnatum cadavera à magnatibus devorantur, cagut puta, manus, pedesque. ossa sollicitè asservant, usque in festi solennis celebritatem. tunc illa in pulverem redacta & aquis diluta deglutiunt. idem fit corporis pilis, quos consanguinei bibunt. nec ad saltus suos cantusque redeunt, nisi absumentis omnibus, quae à cadavere reliqua fuere. [*"Regis inaugurandi mos."*] Regem inauguraturi adsunt examina prophetarum & sacerdotum, plumisque & coloribus fulgida balsamo exquisitiore Regem inungunt ac coronam ex pulcherrimis plumis contextam angusto capiti imponunt. Dein ad cantus & hymnos redeunt, inique ipsa publicae laetitiae signa, si fortè memoria defuncti subeat, in lachrymas & ululatus tragicos effunduntur. <...>

[...]

mimildes, polvilhando a cabeça com um pó vermelho e pintando o resto do corpo. [*"Lutas"*] Atam aos braços as asas da ave chamada Kohituh, pende-lhes das costas um festão de folhagem e cinge-lhes o pescoço uma gola das mais lindas penas. Desta maneira se encontram e travam os combates. O vencedor zomba do vencido com saltos insólitos e inimitáveis. Alimentam uns contra os outros inimizades ocultas e transformam os seus jogos em sérias matanças e mútuas chacinas. As mulheres e os filhos tornam-se os despojos e os prêmios da luta.

[...]

[*"Devorao os cadáveres dos auxí-gos"*] Os sacerdotes talham membro a membro os cadáveres. As velhas acendem fogueiras para assar os membros e celebram exé(p. 285)quias com lágrimas e lamentações. Depressa as terminam, mas guardam mais tempo a sua dor. As mulheres comem as carnes e as raspan até os ossos, não em sinal de inimizade, mas de afeto e felicidade.

[*"E também os ossos e os cabelos"*] Os cadáveres dos magnatas são devorados pelos magnatas, isto é, a cabeça, as mãos e os pés. Guardam cuidadosamente os ossos até a celebração do seguinte festim solene. Então os engolem reduzidos a pó e dissolvidos em água. O mesmo se faz com os cabelos do defunto que os parentes bebem, e não voltam às suas danças e cantos senão depois de consumirem todos os restos do cadáver.

[*"Maneira de sagrarem o rei"*] Para sagrarem o rei comparecem magotes de adivinhos e sacerdotes e, fulgentes de plumas e côres, ungem-no com um bálsamo precioso e põe-lhe na augusta cabeça uma coroa tecida das mais lindas plumagens. Depois repetem os cantos e hinos e, se durante essas mostras de regozijo público, se lembram por acaso do defunto, derramam lágrimas e soltam medonhas ululações. O rei domina mais por uma autoridade suasória que imperativa, a não ser que alguém trame violência contra ele, o que será funesto ao autor.

[...]

[ANÔNIMO]

LIVRO: JOURNAL DE VIAGEN DA FROTA DOS PAISES BAIXOS UNIDOS PARA O BRASIL [EM 1648]. Amsterdam, J. van Millen, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUIEN BOMBA DE MORAIS (Bibliographia Brasiliens, c. 1965, v. I, p. 430) indica o título da edição holandesa: *Journal Van de Reyne van de Vlote uyt de Vermeeghte Nederlanden na Brasilien, Vervattende alles't gene is voorgevallen Mitgeders, De Batalie tuschen den Heere Generael Sigismundus Schoppe, end den Generael van de Portugiesen. Begijnende van den 17 Januarij Anno 1648. Tot den seventhienden May. Alles beschreven door een Capitayn Leytmanant van het Lager van den voorsz Heer Generael Sigismundus Schoppe. t'Amsterdam, Bedruckt by J. van Milten, Boeverkoper in de Smitsstraet, in de getorduyrte Handtschoen. Anno 1648. [18 x 14; 4 ff. inv.]. MORAIS indica ainda, tradução portuguesa de P. Geraldo Figueis nas Publicações do Arquivo Nacional, volume XIV (1930), anterior à utilizada no presente trabalho.*

TRADIÇÃO UTILIZADA: *Journal de Viagem da Frota dos Países Baixos Unidos para o Brasil Principiando no dia 17 de Janeiro do anno de 1648 até o dia 17 de Maio*. Rio de Janeiro, Officinas Graphicas do Arquivo Nacional, 1931. 12 pp. (RIB: 11-a-10).

[...]

[8.] (p. 9) No dia 4 de Abril [de 1648] o capitão uyt den Oven, enviado pelo general como embaixador, com um criado levando uma bandeira branca e 2 trombeteiros tocando sem parar, foi a cavallo para o inimigo [os portugueses, no Recife], chegando junto delle, foram perguntados pelo que desejavam, respondeu-se que se queria fallar com elles em nome do general Schoppe. Mas os mesmos gritaram apenas: - vão-se embora! temos para vocês apenas pólvora e chumbo ea ponta da espada -. Voltou pois o sobredito capitão para o nosso acampamento, tendo estado fóra duas horas.

[...]

[24.] (p. 10) Para visital-os [os portugueses da cidade do Recife, em 17 de abril de 1648], o general Schoppe durante a noite veio com todo o silêncio (baixinho) para os contingentes novos com todos os regimentos de Antonio Paes e do Recife. E antes de amanhecer estavamos deante da mata na baixada, em ordem de batalha, fortas cerca de 7.000 homens, todos gente escolhida. <...>

[25.] Nesta disposição o general se pôz em marcha, com boa ordem, as bandeiras desfraldadas, ao som das trombetas e o rufar dos tambores, destacando como vanguarda todas as companhias de mosqueteiros, com tres tropas perdidas; <...>

[...]

MANUEL CALADO

(1584 - 1654)

LIVRO: O VALEROSO LUCIDEND. Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Sobre este livro, reeditado apenas no século XI, RUBEN BORJA DE MORAIS (*Bibliographia Brasileira*, c. 1983, v. 1, p. 143), comenta: « The second part of the *Valeroso Lucidendo* is not by Father Manuel Calado. A manuscript in the Biblioteca do Porto, of which the Biblioteca do Rio de Janeiro has a copy, gives evidence of this. It is, in fact, chapters of the history of the Dutch war written by Diogo Lopez Santiago, which was published in the *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.* ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro II, cap. III, nº 2, p. 65), « Frei Manuel Calado de Salvador, português nascido em Vila Viçosa (1584?), que viveu no Brasil (Pernambuco) de 1624 (?) a 1646, quando voltou a Portugal a fim de solicitar de D. João IV apoio para Pernambuco, que sofria as aperturas da guerra. Morreu em 1654, quando terminara a investida holandesa, sem ter conseguido sua grande aspiração de ser o administrador eclesiástico da capitania ».

EDIÇÃO UTILIZADA: O Valeroso LUCIDEND, E TRIUNFO Da Liberdade, Primeira Parte. Componta Por O P. Mestre Frei Manuel Calado de Orden de S. Paulo primeiro Eremita, da Congregação dos Eremitas da Serra d'Ossa, natural de Villavieja. Dedicada Ao Serenissimo Senhor Dom Theodósio Príncipe do Reyno, et Auerchia de Portugal. [grav.] Em Lisboa. Com licença da Sancta Inquisição, Ordinário, et Mesa do Paço. Por Paulo Craesbeeck, Impressor, e Livreiro das Ordens Militares. Anno do Senhor de 1648. [28 x 18; 7 ff. inu.; 356 pp.] (BIBES: 2-a-22).

O Valeroso LUCIDEND, E TRIUNFO Da Liberdade. Tratase Da Restavrac,em De Pernambuco, & da expulsão do Olandeses, do Estado do Brasil, debaixo do titulo, & aclamação seguinte. Aclamaç,em. Morrão as tyrannias, et viva a liberdade! Livro Primeiro.

CAPITULO II No qual se trata da entrada dos Olandese na villa de Olinda, et como conquistarão toda a Capitania de Pernambuco, et quem forão os que ajudarão nesta empresa.

[...]

[17.] <...> (p. 18) foise o Padre ["Mestre Frey Manoel do Salvador"] com elles ["os moradores da terra"], & ao entrar na povoação, o General do mar Ião Cornelieem Lictart os mādou receber com tres cargas de moquetaria, em modo de festa, & os convidou a jantar sobre hãas mesas sem toalhas, nem guardanapos, mas com muitos manjares de Olanda, & algũs da terra, que os dous traidores lhe suião mandado, & cõ muitos brindes, & tocar de trombetas, & caixas ao beber do vinho, que tão pouco dinheiro lhes suia custado 276; <...>

CAPITULO IIII. Do estado em que ficou Pernambuco com a retirada do Conde de Benholo, at da jornada do Conde de Nassau à Bahia, at de outras cousas notaveis que succederão desde o anno de trinta et seis até o de trinta et nove.

ADVERTENCIA SEGUNDA sobre este capitulo.

[...]

[14.] <...> (p. 67) [col. I] o Sargento mór Pedro de Arenas não tornou para a Bahia, porque morreo em Pernambuco, & o Principe o mandou levar no seu bargantim por mâr, até o varadouro da villa de Olinda, acompanhado de todos os seus familiares, aonde o vierão buscar o Vigairo, & mais Sacerdotes, que na villa se acharão, com toda a capella da musica, & as cruzeiras das confrarias, & com grande pópa, & aparato lhe deraõ sepultura na Igreja de São Bento, & lhe fizeraõ officio de corpo presente com tanta solemnidade, q os Olandeses ficaraõ admirados de ver o modo com que os Catholicos Romanos enterrauão seus defuntos, cousa não vsada em suas terras, como o diante diremos, tratando da morte do irmão do Principe.

[...]

CAPITULO V. Do que succedeo até a nova da aclamação do Excellentissimo Senhor Duque de Bergança Dom João, em Rey de Portugal, successor, at herdeiro daquella Monarchia por linha direita, at lre hereditario.

APPENDIX AO CAPITULO precedente.

[...]

[7.] <...> (p. 78) [col. I] Com esta orden foraõ dando volta por a porta do Arrecife, & foraõ dando volta por todas as ruas, sem ninguem falar palaure, antes hiaõ todos em hum profundo silencio, & depois de darẽ volta o todo o Arrecife, entraraõ na Igreja do Corpo Sancto, que a elles lhe serue hoje de prégarem suas falsas seltas, & fazeren suas diabolicas ceremonias, & alli enterraraõ o corpo [do "irmão do Principe João Mauricio, chamado João Ameste, o qual tâben se intitulaa Conde de Nassau"], metido em huma caixa, sem musica, nem lagrimas, nẽ outras demonstrações de preces, & suffragios; & em quanto o enterraraõ, deu toda a soldadesca tres cargas de moquetaria, & as fortalezas da terra, & naos do mâr, dispararaõ muitas peças. Isto acabado tornarõ todos acompanhando ao Principe cõ a mesma orden que auiaõ vindo, até fóra da porta do Arrecife, aonde o Principe com o chapeo na mão, fez a to-[col. 2]dos hãa profunda reuerencia; <...>

O Valeroso LVCIDENO, E TRIVEMO Da Liberdade, Aclamada Na Restavracão de Pernambuco. Livro Segundo.

CAPITULO II. Do que succedeo no Brasil tanto que a elle chegou a nova da aclamação delRey Dom João Quarto deste nome.

[...]

[3.] <...> (p. 108) [col. I] Logo mandou o Visorrey ["Marquess de Montaluão Dom Jorge Mascarenhas", "no fim do mes de janeiro" de 1641]

desparar toda a artilharia das fortalezas da Cidade [*"da Bahia"*], & [col. 2] de fora della, & de todas as naos, & navios que no porto estauão. E tão to que se chegou a noite, mandou que todos os moradores da Cidade puzessen luminarias em suas portas, & janelas, & ascender outros muitos facho, & celebrou a aclamação delRey nosso senhor com muitas encamisadas, & com festas de cavallo, cõ musicas, chacotas, & danças ²⁷⁸, fazendo todas as demonstraçoens de alegria, que lhe foraõ possiveis ²⁷⁷.

[...]

[5.] (p. 108) [col. 1] Tanto que João Lopes se partio [*da "Cidade Mauricea"*] para a Bahia, tratou o Principe [*"João Mauricio"*] de festejar a aclamação delRey Dom João com grãdes festas, & ostentaçoens de alegria, & para isto mandou terraplenar, & aplinar huma comprida carreira, que estava defronte das suas casa, & para que os cavallo se não pudessem desgarrar, mēdo fazer hũa estacada baixa da parte do mar, & muitos palanques, & theatros de madeira, para se assentar a gente que viesse ver as festas; & da outra parte da carreira estauão todas as casas bem providas de janelas; & logo tomada boa informação de pessoas que bem sabião desta particular, escreveu cartas a todos os homens mancebos, & bõs cavalleiros, & que tinham cavallo regalados, em toda a Caitania de Pernambuco, para que lhe fizessem merce de se queren achar com seus cavallo em hũa festas [col. 2] solennes, que pretendia fazer. Tanto pois que os mancebos cavalleiros de Pernambuco se viraõ avisados por as cartas do Principe, logo se prepararaõ de custosas librés, & ricos jaezes, como se requeria para festas que se avião de fazer em honra de seu Rey, & Senhor; & alguns ouve, que para apparecerem ricamente adornados, se espenharão mais do que suas posses, & cabedal alcançava; & outros pedirão emprestadas a seus amigos, & parentes muitas joias de preço, & de valor; & chegado o dia aprazado [*em abril de 1641*] o qual os recebeo com alegre semblante, & os hospedou à sua mesa com esplendidos manjares, & com muitas musicas, & diuersos, & acordes instrumentos.

[...]

[7.] <...> (p. 110) [col. 1] Fizerão os cavalleiros sua entrada na Cidade Mauricea [*"de dois em dois, misturados hum Olandes, & hum Portugues"*], que antes se chamava Sancto Antonio. Desta sorte, diante de todos, hião os trombetas tocando seus instrumentos; <...>

[...]

[9.] (p. 111) [col. 1] No dia seguinte mandou o Principe desparar toda a artilharia, assim da terra, como do mar, & convidou a todos os cavalleiros, aonde ouve muitos brindes, como he costume de sua terra, & com humas cerimonia a modo de jogo, & quem as errava lhe fazião beber tres vezes em castigo de seu erro, & todas as vezes que se brindava à saude del Rey Dom João o Quarto deste nome Rey de Portugal, tinhaõ obrigação de se levantarem todos os circunstantes com os chapeos nas mãos, & não se tornavaõ a cubrir, nem assentar, até que o brindes não dava volta a toda a mesa; & em quanto o brindes durava, não se calauão as trombetas, que eraõ muitas, nem parava o estrondo das cajas de guerra; & se o banquete era jantar durava a beberronea até a noite, & se era cea até a madrugada; <...>

[...]

[10.] [col. 2] No teroeiro dia ordenou o Principe João Mauricio hum jogo de canas, & laranjadas, o qual se fez na praça dos Coqueiros com muito regozijo; o Principe de huma parte com os de sua quadrilha, & da outra os cavalleiros Portugueses, & com duas embocadas de mosqueteiros, os quaes desparavaõ todas as vezes que o Principe corria, ao som de muitas cajas, & trombetas; <...>

[...]

O Valeroso LUCIDENO, E TRIUMPHO Da Liberdade, E Restavracão De Parnambuco, principiada, & dada à execução por o valeroso Portuguez Ioão Fernandes Vieira. Livro Terceiro.

CAPITULO III. Do principio do levantamento da gente de Parnambuco contra os Olandeses.

[...]

[45.] (p. 196) [col. 1] Foi a chegada de Amador de Araujo a casa do Côas [na "mata do Brasil", em julho de 1645], mui festejada do Governador Ioão Fernandes Vieira, & de toda a nossa gente, porque se virão com mais cabedal para receberem o inimigo; & muito mais festejada foi a chegada de quatorze Indios do Governador Dom Antonio Felipe Camarão, armados de mosquetes biscoinhos, & com um trombeta, o qual tocou seu instrumento, & deu por noua que o Governador dos amlatos, & negros crioulos Henrique Dias, chegaria àquella sitio dentro em cinco até seis dias, porque já vinha perto; <...>

O Valeroso LUCIDENO, E TRIUMPHO Da Liberdade, Do Que Succedeo Ao Governador Ioão Fernandes Vieira, & aos moradores de Parnambuco, do fim de Julho de 1645. até o mes de Novembro do dito anno. Livro Quarto.

CAPITULO II. De outra victoria, que o Governador da liberdade Ioão Fernandes Vieira alcançou com os moradores da terra, contra os Olandeses, nt das cousas que succederão até aos dezasete do mes de Agosto deste presente anno de 1645.

[...]

[18.] (p. 220) [col. 1] Tocarão os Olandeses trombetas, & caixas²⁷⁸ [no "Arrecife" em agosto de 1645], & com a brevidade que a ocasião pedia, se ajuntarão todos, & formarão seu esquadrão, fechado com duas rangas de reformatão, & se prepararão para receber o encontro da nossa gente, a qual tanto que chegou à porteira do pasto do engenho, & viu a cura ao inimigo, também se preparou para o acometer. <...>

[...]

[20.] <...> [col. 2] Arrancou Ioão Fernandes Vieira a espada, & o mesmo fizeram o Camarão, & Henrique Dias, & tanto que Ioão Fernandes Vieira disse. Viva a Fé de Christo, nt a Liberdade, mandou o Sargento mór abalar todo o corpo da gente, vindo elle diante a cavallo, & um trombeta do Camarão deu sinal de acometer, & os nossos negros Minas também tocaram suas buzinas²⁷⁹, & tabaques, & fomos chegados ao inimigo com tal furor todas as partes, que elle se viu passado, & perturbado.

[...]

[27.] <...> (p. 224) [col. 2] Levantaram logo todos os circunstantes as vo-[col. 2]zes ["diante de todos os Olandeses rendidos"], & com alarido nunca visto, & banhados de alegria, aclamaram por tres vezes a victoria, & a celebraram ao som de charomelas, caixas, & trombetas, o que também fizeram os nossos negros Minas tocando suas borinas, frantas²⁸⁰, & tabaques²⁸¹.

[...]

[31.] <...> (p. 225) [col. 2] logo o nosso Governador tomou nas ancas do seu cavallo a Dona Antonia Bezerra mulher de seu sogro Francisco Berenguer: & Francisco Berenguer nas ancas do seu a sua cunhada D. Izabel de

Goes mulher de Antonio Bezerra; & Amaro Lopes de Madeira a sua mulher Luzia de Oliveira, que são as tres mulheres que o inimigo tinha presas, & com os duzentos & cinco rendidos, ao som de charanellas, & trombetas, & densadas acclamaçoens de victoria, nos recolheos todos para a Varza a descansar do importuno trabalho, & tomar refeição no engenho do Governador Ioaõ Fernandes Vieira, intitulado de São João²⁸². E suposto que tenho escrito o que me foi possivel a cerca desta victoria, aonde todos, Capitães, & soldados, mostrarão seu valor, quero tornala a escrever em verso, para mais aliviar, e entretenimento dos leitores. <...>

[...]

[estrofe 22.] (p. 227) [col. 2] [refere-se ao § 20.]

Dão com os copos em terra, *et* de repente
Tocão suas trombetas, *et* atambores,
Em breue espaço ajuntão toda a gente
De Indios, *et* Belgas, seus Governadores:
Formão seu esquadrão em continente,
Os que tem mais valor perdem as cores,
Os Capitães dão vozes, *et* os Sargentos
Se perturbão com varios pensamentos.

[...]

[estrofe 84.] (p. 230) [col. 2] [refere-se ao § 31.]

Com duzentos *et* cinco prisioneiros
Nossos Governadores caminharão
Para a Varzea, aonde os nossos bõs guerreiros
Do terribel trabalho descansarão;
Os outros feros Belgas carniceiros
Mortos na casa, *et* campo se ficarão,
Seis morrerão dos nossos, *et* feridos.
Trinta *et* cinco mancosbros atreuidos.
Vão caminhando, *et* tocão charanellas,
Fazem eco as trombetas, *et* tambores,
Chega o som da victoria até as estrellas,
Enchemse de alegria os moradores:
(p. 231) As mulheres se assomão nas janelas
Com ledo rosto, *et* já com outras cores
Das que sohião ter bem poucos dias
Antes destas bonanças, *et* alegrias

[...]

CAPITULO IIII Das cousas que succederão dos dias doete de Agosto até o fim do mes, como se nos rendeo a fortaleza do Pontal de Nazareth, no Cabo de S. Agostinho.

[...]

[17.] (p. 242) [col. 2] No porto de Nazareth se deteu Andre Vidal cõ Martin Soares Moreno cinco dias, & logo se partio para a Varzea de Capibaribe, aonde estava Ioaõ Fernandes Vieira, & trouxe em sua cõpanhia a Theodosio de Estrate, & aos soldados officiaes rãdidos, q se offerecerão para tomar armas por a nossa parte. Aos oito dias de Setembro [de 1645] fez Ioaõ Fernandes Vieira hã solãe festa ao nacimẽto da Virgẽ Maria N. S. em açção das graças por a victoria, que seu bẽditissimo Filho lhe avia dado por sua intercessão contra os inimigos de sua sãcta Fã, ouve missa cãtada de tres coros, officiada com ricos ornamentos, & ins-(p. 243)trumentos

diuersos, & prégou nella o P. Fr. Manoel do Salvador da Ordem de S. Paulo, ainda que estava muito doente, & em cama, & tão fraco, que em braços o puzeraõ no pulpito, o qual depois de se espriar nos loucores da Virgem Mãe de Deos, exhortou de tal sorte aos soldados, & moradores a seguir a conseqüida empresa da liberdade, q em muitos causou dôr, & arrependimento de seus erros, em outros lagrimas nacidas de alegria, & em todos tanto fervor, & alento, que sahiraõ da Igreja tão animados, que prometeraõ de hir a balroar com o Arrecife dentro de suas oito fortalezas, & ganhalo, o que senão poz em effeito, porque tomando conselho sobre o negocio, se aueiguou que não se podia conseguir glorioso fim, sã muitas mortes, & por respeito de pouca gente armada que tinhamos, & assi por entã se suspendeo a empresa.

[18.] Acabada a Missa, leuou Ioaõ Fernãdes Vieira a imagem da Virgem nossa Senhora para o seu engenho, & a paz na Igreja de S. Ioaõ Bautista, que alli tem, aonde de presente estava o nosso alojamento, & pelo caminho hiaõ os musicos cântão muitos Psalmos, & graciosos notetes, fazêdo os soldados com a arcazeria, & mosqueteria as festas que na milicia se costumão. <...>

[...]

CAPITULO V. De como os nossos Portuguezes renderaõ as duas fortalezas, que os Olandeses tinhão no Porto do Calno, at Rio de São Francisco, at de outras cousas notaveis que succederão até o fim de Setembro de mil at seiscentos at quarenta at sinco.

SUMARIO DE COMO A NOSSA gente ganhou a fortaleza do Rio de São Francisco aos Olandeses.

[...]

[9.] <...> (p. 261) [col. 2] nos dezoito dias do mes [de setembro de 1645] estando na barra do Rio ["de São Francisco"] sinco embarcaçoens cheas de gente, que os hiaõ socorrer, naquella noite se ouio o som de hãa campainha, a qual hia tangendo por entre o nosso corpo da guarda, & se ouio por algũs dos nossos hãa musica em tom de ladainha, & se vio hãa clara luz: disse entã o Capitãõ Pedro Aranha irmão do Cabo de companhias Nicolao Aranha. Senhores camaradas, sem duvida que isto deusa de ser as almas dos fleis defunctos, que nos vem a socorrer, ou sou grande seu deuoto, at todos os dias as enõcmando a Deos, at agora neste ponto acabei de rezar as orapoens que todos os dias offereço a Deos por ellas; isto he boa noua, prometamolhe todos hãa Missa cantada, tanto que amanhecer, pois a manhã he segũa feira, at dia em que a sancta Igreja Catholica costuma dizer Missa, at fazer suffragios por ellas.

[10.] Aprouaraõ os camaradas o bon intêto, & tanto que a noua aurora appareceo, bordando as nuãs de laoures, & alegrãdo o mar, & a terra com seu fermoso aspeito, se cantou hãa Missa de Requiem pelas almas do Portugatorio, com toda a solemnidade que foi possiuel, & ordenou Nicolao Aranha, que quando o Sacerdote leuantasse o Corpo do Senhor, & seu precioso sangue em alto, para o mostrar ao pouo, desparassen os nossos soldados todas as armas de fogo, & dessem duas cargas serradas em sinal de alegria, & festa. Caso miraculoso! Tinha o Sacerdote consagrado o Corpo de Christo Nosso Salvador, & querendoo leuantar em alto, desparou o inimigo da fortaleza hãa peça de atelharã, & toda a nossa infantaria lhe respondeo com hãa carga serrada de musquetaria, & tornou a segundar com outra ao aleuantar o Caliz consagrado, & taõ grande foi o estrondo, que o inimigo ficou admirado. Acabouse a Missa, & o inimigo começo a chamar com hum atambor; mandamos ver o que queria, respondeo que se queria logo entregar.

[...]

[22.] (p. 268) [col. 1] O inimigo vendose cercado de todas as partes [na Ilha de Tamaracá, no final de setembro de 1645], começou a jogar com sua artilharia, & nos matou algũa gente dos que estão ao largo, poren vendo que já os nossos lhe hião subindo pelos baluartes arriba, começaram com sinais a pedir bõ quartel, & os nossos Governadores estão em lho conceder, & em sinal da victoria, mandaraõ tocar charabelas; <...>

[...]

CAPITULO VII. De hum encontro, que os moradores de Parnambuco tiveram com os Olandeses na estancia dos Afogados, et de outras novidades, que mais succederão.

[...]

[6.] (p. 283) [col. 1] Succedeo que entre os que matamos aos Olandeses [a 10 de novembro de 1645 na "Fortaleza dos Afogados"] foi hum delles hum Capitão, o qual vinha muito bem trajado, & com muitas plumagens no chapeo, & o Governador João Fernandes Vieira nõdou que nenhum dos nossos soldados o fosse despir, nem despojar de suas roupas, senão que o entregassem aos Tapuias, para que elles o despojassem, & se aproveitassem da pilhagem. Assim se fez, & os Tapuias correrão sobre elle, & o despojaraõ com grande festa, & este lhe tomou o chapeo. aquelle a roupeta, & calçoens, este a canisa, & circulas, aquelle o tahalia, & a espada, & o vltimo finalmente os papetos, & meas, & a banda de tafetã com pontas de prata que leuava de tiracolo, & o maioral delles lhe quebrou a cabeça com hum pau de jucãr, & com isto ficou arado cavalleir, segundo suas gentilicas ceremonias, & taõ contõtes ficaraõ vèdose em parte vestidos (coisa desusada entre elles, por quanto o seu trage he andarem nus) que não cessavaõ de dár saltos, & com seus rusticos, & gentilicos cantares, celebraraõ sua prospera ventura; & com este engodo, & com o bõ tratamento que João Fernandes Vieira lhes fez, mandandolhes dár algum pano de linho para suas mulheres, & filhas se cobrirem, se partiraõ para o sertão, dõde dentro em quinze dias tornaraõ cõ quarenta camaradas seus, prometendo que em breue tãpo descerirão do sertão muitos mais de seus parentes, para nos ajudarem na guerra.

[...]

[28.] (p. 285) [col. 1] Como a seca foi tão rigurosa [até o princípio de dezembro de 1645], & as calmas apertavaõ demasiado por ser no meio do verão, sobrevieraõ em Parnambuco hãas doenças contagiosas de catarrros, pontadas, & febres malignas, com as quaes morreo muita gente por toda a Capitania, & com mortes taõ apressadas, que dentro em vinte & quatro horas picava a enfermidade, & o enfermo acabava a vida; & ouve casa aonde dentro de dous dias morrerão nove pessoas, que tao contagiosas erã as enfermidades. Tambem no Arrecife morreo muita gente aos Olãdeses, & ainda hoje morre. Vendo o Governador João Fernandes Vieira, que isto era como ramo de peste, & que a casa da Misericordia, & hospital estavaõ cheas de soldados enfermos, & q morriaõ muitos, por a pouca comodidade, & aparelho para os curarẽ, mandou pôr no hospital entre os enfermos em hum altar a imagem do glorioso São Gonçalo, aonde todos os dias se celebraõ missas, & logo ordenou que se fizesse hãa procissãõ solemne, na qual com ladainha cantada, & precedendo missa solemne, & prẽgapaõ, se levasse a imagem do glorioso São Sebastião, & se deixasse no hospital, para a hirem buscar na vespera do seu dia, para que pelos merecimentos destes bemaventurados Sanctos, ouvesse Deos por bem de afugentar os ares corruptos, & liurarnos daquellas repentinas doenças, pois andavamos com as armas nas mãos em defenõ de sua sancta Fã Catholica. Prẽgou neste dia o P. Fr. Manoel do Salvador na Igreja Matriz da Varzea, aonde ouve muitas lagrimas do povo, & se fez a pro-[col. 2]cissãõ com muita deuapõ de todos, & cõ grande acompanhamento, na qual se acharaõ

os nossos tres Mestres de Campo, com toda a mais infantaria dos que naõ assistiaõ de presente nas estancias. <...>
[...]

O Valeroso LUCIDENO, E TRIUMPHO Da Liberdade. Livro Qvinto.

CAPITULO I. De hũa victoria, que Dom Antonio Felipe Camaraõ teue do inimigo Olandes no distrito do Rio grande junto ao Canhabá.

[...]

[7.] <...> (p. 310) [col. 1] Tocou as trombetas o inimigo [em fevereiro de 1646] a ajuntar sua gẽte, o que ouvido pelo Camaraõ, & vendo que o inimigo estava descomposto, & perturbado, mandou tocar suas caixas, & trõbetas a arremecer, leuantaõ os nossos Indios, & Tapuias hum grande alarido, & vozeria, segundo seu ordinario costume, quando querem mostrar contentanẽto, & corage, & de todas as partes da campina se vieraõ chegando para a trincheira, para saltarem fora, & desbaratarem aos Olandeses de renate. <...>

[...]

CAPITULO V. Do mais que succedeo no mes de Abril, et de hũa assinalada victoria que os moradores do Tejuapapo alcançaraõ dos inimigos Olandeses. [em abril de 1646]

[estrofe 1. (após o § 15)] (p. 337) [col. 2]

A Ciparissa, Deosa dos amores,
Fuja deste meu canto, que não quero
Misturar passatempos cos rigores
De Romulo, de Abreu, Nabuco, et Nero.
O baixo, o alto, o tiple, et os tenores,
Cantan com triste acento o odio fero
Dos perfidos hereges Lutheranos
Contra os atribulados Olindanos

[...]

[estrofe 49.] (p. 341) [col. 2]

Os filhos de Israel para memoria,
Des grandes alegrias que gozaraõ
Em sua patria, et da passada gloria,
Que com musicas doces celebraraõ:
Nos ramos dos salgueiros (diz a historia)
Os orgãos, et instrumentos penxuraraõ,
Como muda trombeta que dizia,
O quanto vai de hum, he, a hum se sohia.

[...]

O Valeroso LUCIDENO, E TRIUMPHO Da Liberdade, Livro Sexto.

CAPITULO I. Do que succedeo em Pernambuco por todo o mes de Maio, até o fim de Julho.

[...]

[5.] (p. 345) [col. 2] Tinha o Governador João Fernandes Vieira prometido de fazer a festa do glorioso S. Antonio [no "Arraial do Bom Jesus", a 13 de junho de 1648], por quanto no seu dia fazia hum anno perfeito, em que os Olândeses, avisados por traidores, & ainda os ajuramentados, o mandauão prender, & a todos os mancebunados na empresa da liberdade, & nesse mesmo dia se avia elle publicamente retirado para o mato, sômente cõ doze dos amigos leaes da patria, & alli se lhe foraõ agregando todos os mais, desesparando suas casas, molheres, & filhos. E tendo apalaurado os Padres para officiares a missa, & musicos os melhores da terra, para a cantarem (p. 346) tres choros, & armada a Igreja lhe chegou em dez de Junho hum aviso de Iguaçu, em como o inimigo tinha no Rio, q̃ tem cercada a Ilha de Itamaracã, tres naves nas tres passagẽs, <...>

[6.] <...> Fez João Fernandes Vieira a festa do glorioso Sancto Antonio cõ maior solemnidade q̃ lhe foi possivel, segundo o tempo em que se achava. Quae missa, & prégapão, boa, & estrenada musica²⁷⁵, muitas surriadas de mosquetaria em quanto a procissão andava, & o nosso forte do Arraial disparou toda a artilharia q̃ tinha, que era boa, & grossa, de que o Olândes do Arrecife ficou confuso, não sabendo que cousa averia entre os Portuguezes para tão grande festa.

[...]

275. No decorrer deste livro, são citadas várias ocasiões envolvendo o uso de « trobetas », « caixas » e « atabaies » por parte dos holandeses, seja para guerra, pregões, etc., que não serão transcritas para se evitar redundância. A seguir, a localização de suas ocorrências: Livro 1, Capítulo 1, (p. 5), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 30), col. 2; Livro 1, Capítulo 3, (p. 33), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 33), col. 2; Livro 1, Capítulo 3, (p. 37), col. 1; Livro 1, Capítulo 3, (p. 40), col. 1; Livro 1, Capítulo 4, (p. 44), col. 1; Livro 4, Capítulo 4, (p. 44), col. 1; Livro 4, Capítulo 4, (p. 262), col. 1; Livro 4, Capítulo 6, (p. 272), col. 1; Livro 5, Capítulo 2, (p. 318), col. 1; Livro 5, Capítulo 3, (p. 323), col. 1.

276. No Livro II, Cap. I desta obra, CALABO assim descreve uma parte das solenidades musicais que ocorreram na « quinta feira da Coa do Senhor », semana santa de 1640, na « Casa de Bragança », em « Villamigona », Portugal, que fizeram parte dos festejos pela aclamação do Duque de Bragança (p. 100): « a musita era a melhor q em Portugal ouia, porque se prezava o Duque de ter em sua Capella os melhores musicos do Reyno, & lhes dauz grandes partidos, & se eraõ Sacerdotes pannoens nos benefiçios, & vagauão em suas terras; os estrêbos dos atabaes, charamelas, & trêbetas, as folias, & chucotas afroasão as áres cõ seus irmãos, em qũito os faue, & depois com seus filhos, & com algos fidalgos da primeira classe, parentes da Casa, fumaõ as varas do palio, debaixo da qual hia o Sanctissimo. (...) ».

277. A *Relação de tudo o que passou na felice aclamação do mui alto, & mui poderoso rey Dom João o. IV* (Lisboa, Lourenço de Avelares, s.d.), que descreve os festejos que ocorreram no Brasil em homenagem à aclamação do Duque de Bragança, não menciona o uso da música, no tempo em que duraram. Já a *Relação de aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641) traz, às pp. 14-15, este relato, de festa ocorrida na « noite do dia de Pascoa ultima de Março », em 1641: « E para mayor alegría se lle agregaron duas carrros ornados de sedes, e aparatos de ramos, e flores, e tan preñados de musica, que en cada principio de rua parecia que o Coro do Ceu se via humeado, açção do Licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obraça com seus filhos unicos nesta arte, e que mereceo o louro assi de invenção, como do sonoro ».

278. Para RAPHAEL BLUTEM (Vocabulário português e latim, v. III, 1712, p. 220), «Caxa» é o mesmo que «Tambor». Este autor também a cita (v. II, p. 31) como o instrumento típico do «Bando», ou «preço de guerra, a som de caxa». É, provavelmente, a designação do instrumento menor que o tambor usado em sanabras militares, representado em inúmeras gravuras holandesas do século XVII. O autor seiscentista da *Arte de Furtar* (erroneamente atribuída a ANTONIO VIEIRA, 1551, cap. LXVIII, p. 295) deixou bom exemplo da função militar desse instrumento: «toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; alistem-se todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas dos Conquistas». Ou, simplesmente, à p. 294: «Jocay caixas, alistay todos esses, de que vos queixais». Cf. também MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1909, p. 60) e a GRAMMA XII.

279. Este termo português, usado para designar um instrumento utilizado pelos negros, foi encontrado apenas em MANUEL CALABO. MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1909, p. 75) cita, sob esse nome, instrumento descrito por ABEL NOVELLOE - *Les nègres de l'Afrique Sud-africaine*; Sênegale, Guinée, Soudan, Haut-vil, Paris, Lerrouxier et Sabé, 1909, p. 374.

280. O termo português também foi utilizado para designar uma série muito grande de instrumentos africanos. MÁRIO DE GÓIS (Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel, v. I, 1926, parte I, p. 70) já fizera essa associação, ao relatar a viagem de Vasco da Gama que, após 20 de novembro de 1497, observou os povos do outro lado do « cabo da boa esperança », deixando esta passagem: « Na gente desta provincia he baça, de cabello reunito, como heis da fregia de Sancta Helena, pequenos de corpo ficos, quando fallam parece que saloçam, & andão vestidos de peles. Suas casas são de adobes, terra, & madeira, cubertas de calao, tem musica, ainda que nao quão ha noua, com tudo tenhem frantas pastoris acordadas, ho som des quão nao pareço mal alos nossos ».

281. Entre os portugueses, o termo *atabaque* é corrente desde o século XVI, porém é menos frequente que *atabale*. MÁRIO DE GÓIS (Crônica do felicíssimo Rei D. Manuel, v. II, 1926, parte IV, p. 16) o descreve em sanobra militar portuguesa no ano de 1516: « alidou mbedeairar ha villa alto ridoz, & poer fugareos, & fazer folias com atabaques, & trêbetas pelo muro ». Para DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, v. I, 1871, p. 631), é « o mesmo que Atabale, espécie de tambor afinado, e com o couro só de um lado ». A identidade de ambos também é afirmada por TÓRRES BORDA e FERNANDO LOPES BRAGA (Dicionário de música, v. I, 1962, p. 95). A tendência é reconhecer o *atabaque* como instrumento de origem negra e o *atabale* de proveniência européia ou asiática. Porém, o termo já era usado para designar instrumento de uso regular entre os portugueses, numa época em que o seu contato com os povos africanos ainda era pequeno. LUIS DA CÂMARA CASQUEDO (Dicionário de folclore brasileiro, 1988, p. 63) e MÁRIO DE ANDRADE (Dicionário musical brasileiro, 1909, p. 29) trazem excelentes verbetes sobre o *atabaque*. Na documentação quincentista e seiscentista sobre o Brasil, encontramos referências ao *atabaque* apenas entre populações negras e indígenas, enquanto o *atabale* é mencionado entre portugueses e indígenas. Ao menos entre os brasileiros, o termo lusitano parece indicar os instrumentos da classe do *guarã*, que todos os tapinólogos traduzem por *tambor*.

282. JÚLIO JOSÉ DE SANTA TERESA (seu nome verdadeiro era JÚLIO MIRONHA FREIRE) (*Historia delle guerre del Regno del Brasile*, 1698, parte II, livro III, p. 75) assim narra esta passagem: « Ottocento degl'indiaci restarono morti sul Campo con poco considerabil perdita de' Catolici, i quali ricuperate tutte le donne marciarono in qualità di trionfo, portando i propri astiti ingropatte ne i lor cavalli, e conducendo tutti i resi col loro Generale disarmati al suono di molte trombe, e d'altri marziali istrumenti ».

283 . RAPHAEL DE JESUS : (Castrodo Jesuítas, 1697, parte I, livro V, § 3, p. 200) dá o motivo pelo qual João Fernandes Vieira não encontrava dificuldades em promover eventos com música, informando que « sustentava em sua casa capela de músicos escolhidos, & diversos ternos de charangas ».

WILLEM PISO
(1611 - 1678)

LIVRO: HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL. Amsterdã, Ludovicum Elsevirium, 1648.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Além da edição de 1648, conhece-se outra com o título *Gulielm Pisonis Medici Amstelredamensis de Indiarum Virisq; Re Naturali...* (Amstelredam, Ludovicum et Danielem Elsevirios, 1658). Segue-se a estas a ed. brasileira, de 1948. Não utilizamos a primeira edição, cuja página de rosto é a seguinte: *Historia Naturalis | BRASILLIAE, | Auspicio et Beneficio | Illustris. I. Mauritii Com. Nassau Illius Provinciae et Haris omni Praefecti Adornata | In qua Non tantum Plantae et Animalia, sed et In-|digenerum morbi, Legenda et aerae describuntur et | Incolibus supra quingentas Illustrantur. | (grav.) | Lyodm. Batavorum | Apud Franciscum Hackium | et | Amstelredam, | Apud Lud. Elsevirium 1648. (33 x 25; 8 ff. lim., 293 pp., 3 ff. inom.).*

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo RUBEM BOREN DE MORAIS (*Bibliographia Brasiliensia*, t. 1933, v. II, p. 676), « William Piso, whose name is known to history under the Latin form of Pisonian and Piso, was born in Leyden in the year 1611. He studied medicine in his home town and in Caen. He practised medicine in Amsterdam until he sailed for Brazil to replace Nassau's physician, who died when Piso arrived. Piso later returned to Holland with Nassau and died there. He seems not to have been physician to the Governor of Dutch Brazil but also head of a scientific mission sent there by the West India Company at Nassau's request. During his stay in Brazil Piso made studies parallel to those of Marcgraf. Some of these had been published ten years previously, in 1640, in the *Historia naturalis Brasiliæ* in the chapter entitled "Medicina Brasiliensium" ».

GRÁFICA: Na edição de 1658 aparece, na p. 308, uma gravura que ilustra as informações sobre a árvore de água, da qual os índios produzem instrumentos musicais que recebem o mesmo nome. A página de rosto dessa edição (que existe na GED com o código 17-b-16) é a seguinte: *Gulielm Pisonis | Medici Amstelredamensis | De | INDIAE VIRIDUM | Re Naturali Et Medica | Libri Quatuordecim, | Quorum continet pagina sequens enobet. | (grav.) | Amstelredam, | Apud Ludovicum et Danielem | Elsevirios, | 8°, Cb D C LVIII. Sem dúvida, esta gravura foi inspirada naquela que JHANNES DE LAET incluí na sua *Beschrijvinghe van West-Indien...* (Leyden, Isaack Elsevier, 1630) e que encontramos também na edição de 1640, com o título *L'Histoire du Nouveau Monde...* (Leyde, Bonaventure e Abraham Elsevier), talvez por sugestão do editor que publicou os trabalhos de PISO e LAET. Na GRÁFICA III reproduzimos o exemplar que o editor anexou ao livro de LAET.*

EDIÇÃO E TRADUÇÃO PORTUGUESA UTILIZADA: *História Natural do Brasil Ilustrada* tradução do professor Alexandre Correia, seguida do texto original, da biografia do autor e de comentários sobre a sua obra. Edição comemorativa do primeiro cinquentário de Niseu Paulista. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Bahia, Pará, Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1948. xx, 634 pp.

TEXTO LATINO

**Liber Tertius, Qui agit de
venenis eorumque antidotis.**

[28] *Ahoay.*

[1.] <...> (p. 175) Horum
fructuum putamina, durissima sunt
et tinnula, quare ab illis

TRADUÇÃO

**Livro Terceiro - Que trata
dos venenos e dos seus
antídotos.**

[28] *Ahoay*

<...> (p. 56) As cascas d'estes
frutos são durissimas e sonoras, e
por isso as usam a modo de

tintinabulorum vice usurpantur, et brachiis pedibusque circa talos in saltationibus potissimum circulantur ornatus gratia. Quo modo Filis à gossypio inter se connexa sint, videre est ex Icone, quam dedit C. Clusius in Exoticis, in notis ad Historiam Garciae ab Orta, lib. II. cap. XI.

campainhas, e à guisa de ornato penduram nas dos braços e dos pés, nos calcanhares, sobretudo nas danças. Como as ligam entre si com fios de algodão, pode-se ver pela figura dada por C. Clúcio, in Exoticis, nas notas à História de Garcia da Horta, liv. II, cap. XI.

ANDAY.



PIERRE MOREAU

(séc. XVII)

LIVRO: *RELACÃO DA VIAGEM DE ROULOX BARO*, Paris, Augustin Courbé, 1661.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta obra é a quarta parte do livro de PIERRE MOREAU que recebe o seguinte título, de acordo com RUBEN BORBA DE MORAIS (*Bibliographia Brasiliana*, c. 1983, v. II, p. 395): *Relations Veritables et curieuses de l'Isle de Madagascar, et du Brasil. Avec l'Histoire de la dernière guerre faite au Brasil, entre les Portugais & les Hollandois. Trois Relations d'Egypte, & une du Royaume de Persie*. A Paris, Chez Augustin Courbé, au Palais en la Gallerie des Merciers, à la Palme. M. DC. LI [1661] Avec Privilège du Roy. (23 l 17; 2 ff. inua.; 1 f. branco; 4 ff. inua.; 1 mapa. 307 pp.). Esta única edição francesa, tradução de texto holandês não publicado, é parte de uma coleção de dois volumes, sobre a qual MORAIS (c. 1983), p. 595, faz as seguintes considerações: « In fact considerable confusion exists over these volumes published by Courbé. Many believe that it is one volume and others confuse the authors of the accounts. All these errors arise from the rarity of the complete work. There are two volumes, as stated above, composed of several accounts. The first volume bore the general title *Relations veritables et curieuses de l'Isle de Madagascar et du Brasil...* This volume contains: (1) "Relation du Voyage de François Cauche"; (2) "De la religion, mœurs, et façons de faire de ceux de l'Isle de Madagascar..." (3) "Colloque entre le Madagascarois et le français..." (4) "Relation du voyage de Roulou Baro..." ¶ (...) The account of Roulou Baro's journey was translated from the Dutch by Pierre Moreau and annotated by Morisot, with considerable intelligence and a profound understanding of the subject. As can be gathered from the title only Roulou Baro's Journey in this volume is of direct interest to Brazil. Very little is known about this strange individual, who served as an interpreter to the Dutch. He was apparently called Rudolf Barun, was German by nationality, and from his name one assumes that he was a Jew. Minshof refers to him. In point of fact, his narrative is one of the most important documents in existence on the Tapuia Indians. The Tapuia culture can be reconstructed solely from it and the works of Piso, Marcgraf, and Barlaeus. Articles were written about Roulou Baro by Alfredo de Carvalho (*Aventuras e Aventureros do Brasil*, Rio 1930, p. 165), Paul Ehrenreich ("Sobre alguns antigos retratos de índios sul-americanos", in the *Rev. do Inst. Arq. de Pernambuco*, Vol. XII, p. 19), and others ».

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BORBA DE MORAIS (op. cit., v. II, p. 595) acrescenta: « Pierre Moreau was born in Paray-le-Monial, Charolais, and was a Protestant. He travelled extensively throughout Europe and in Belgrade was imprisoned and condemned to death on the gallows, but succeeded in obtaining a pardon. He later travelled to Holland where he lived for three years before sailing to Pernambuco in 1646, as secretary to one of the councillors. He stayed for two years in Pernambuco. Being a highly intelligent and perceptive man he took note of all he saw, and on returning to France published the *Relation*. Moreau died in his home town in about 1660 ».

EDICÃO UTILIZADA: *RELATION | Du | VOYAGE | De | ROULOX BARO, | Interprete Et Ambassadeur | Ordinaire de la Compagnie des Indes | d'Occident, de la part des Illustrissimes | Seigneurs des Provinces Unies au | pays des Tapuias dans la terre | ferme du Brasil. | Commencé le troisieme Avril 1647, et finy le quator-ziesme Juillet de la mesme année. | Traduct d'Hollandois en François par Pierre | Moreau de Peray en Cheroisla. | (en Letra de mão, imitando impressas) « Paris | 1661 » (23 l 17; 1 f. pr.; 110 pp. (numerales 197-307)) [DIEB: 10-d-2].*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PIERRE MOREAU & ROULOX BARO - *História das Últimas Lutas no Brasil Entre Holandeses e Portugueses e Relação de Viagem ao País dos Tapuias*. Tradução e notas Lúcia Boechat Rodrigues; nota introdutória José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. 128 pp. (Série Percepções do Brasil, v. 54).

TEXTO FRANCÊS

TRADUÇÃO

[I] LE PREMIER DE MAY

[I] Primeiro de maio

[...]

[...]

[23.] (p. 218) Le vingt-septiesme Janduy me fit dire, si ie voulois estre des siens, ie me ioignis à luy, les femmes se chargerent de ce que ie luy apportois; lors que nous fumes à vne lieuë delà la riuere Itaquerra, on luy dressa vn cabinet de branchages avec leurs fueilles, où il reposa fort peu, ma'ayant faict incontinent appeler, por luy faire voir les presens que ie luy apportois. Les ayant veu, il secoua la teste, & me dit: Ces choses ne valent pas la peine de m'estre apportées de si loing. Les Portugais ont raison de dire, que le fer des Hollandois ne vaut rien, & moins encore leurs miroirs, ny leurs peignes, ie n'ay iamais rien veu de plus chetif. I'auois accoustumé de recevoir autrefois des vostres (p. 219) de belles trompettes, grandes pertuisanes, beaux miroirs, beaux gobelets, & belles tasses bien faporunées, que ie garde en mon cabinet, pour les faire voir aux autres tapuias qui ne viennent visiter, leur disant, vn tel seigneur Hollandois m'a enuoyé ceoy, vn autre cela. Je conserue encore ce que Schop, l'Artichau, son Excellence, & vos Generaux n'ont enuoyé, il n'y a rien encore d'alteré par le temps & l'usage, sinon quelques trompettes brisées [43.], desquelles i'ait fay faire des flustes. Je luy repartis, que ce que ie luy presentois venoit fraichement d'Hollande, & que nous n'auoins rien de meilleur, qu'il ne faloit pas qu'il s'arrestast à ce que luy disoient les Portugais, puis qu'ils n'estoient nos amis. Non non, dit-il, ie vois bien que les haches qu'ils m'ont données sont plus belles, & de meilleure troupe que les vostres, ie ne m'arreste point pourtant à leurs presens spachant bien qu'ils sont des trompeurs. <...>

[...]

(p. 98) No dia 27 [de maio de 1647], Jandui [velho tapuia, aliado dos holandeses] mandou perguntar-me se eu queria fazer-lhe companhia; juntei-me a ele, e as mulheres se encarregaram daquilo que eu lhe ofertara. Quando estávamos a uma légua além do Rio Itaquerra, levantaram-lhe um caramanchel de galhos com as suas folhas, onde repousou muito pouco, tendo-me feito chamar incontinenti, para mostrar-lhe os presentes que eu lhe trouxera. Depois de vê-los, sacudiu a cabeça e disse-me: « Não valia a pena trazer-me tais coisas de tão longe. Os portugueses têm razão de dizer que o ferro dos holandeses não vale nada e menos ainda seus espelhos e pentes; nunca vi coisas tão desprezíveis. Eu estava acostumado a receber antigamente de vossa gente belas trombetas, grandes alabardas, belos espelhos, lindos copos e belas taças bem trabalhadas, que guardo em minha taba para mostrá-los aos outros tapuias que me vêm visitar, dizendo-lhes: um certo senhor holandez me enviou isto, outro aquilo. Conservo ainda o que Schkoppe, Arciszewski, Sua Excelência e vossos generais me mandaram; nada sofreu alteração com o tempo e uso, com exceção de algumas trombetas que se quebraram, das quais mandei que se fizessem flautas.» (43)

(p. 99) Repliquei-lhe que aquilo com que eu lhe presenteava tinha vindo recentemente da Holanda e que nós nada possuíamos de melhor; que era preciso que ele não se deixasse levar pelo que lhe diziam os portugueses, porque não eram nossos amigos.

[...]

[II] LE PREMIER DE IVIN.

[...]

[15.] (p. 233) Le matin du dix-sept on osta le serpent de la fosse, & tous les principaux en mangerent, excepté Iandhuy & les sorciers; ils trouverent autant à manger en ce serpent, qu'ils eussent faict en vn grand porc sauvage. On ne beut rien pendant le repas, suiuât leur coustume, il falut aller dans l'Aldée voisine pour y boire du breuage de mil fraichement faict. Là les Tapuies avec leurs femmes & enfans se chargerent de mil, qu'ils y trouverent en abondance, pendant lequel temps on nous vint aduertir de la part de Vvajupu qu'il s'avançoit vers nous, à cause que le bruit estoit que Pajucu battoit la campa-(p. 234)gne avec ses troupes pour nous attaquer. Ce que Iandhuy ayant oüy, il fit commandement à tous les Brasiiliens de l'Aldée de preparer leurs fleches, ianelots, & arcs en attendant le secours des Hollandois, pour combattre aussitost qu'il seroit arriué. Je demeuray dans l'Aldée toute la nuict, laquelle nonobstant ces nouvelles, fut passée en dansant par les Tapuies.

[...]

[17.] Le dixneufuiesme ie partis de l'Aldée pour attraper les Tapuies qui alloient deuant moy chargez de mil & de rats, lesquels en ma presence percerent la levre de dessous, & les oreilles à vn petit enfant, & mirent des cheuilles de bois dans les trous [67.]. C'est vne forme de baptesme parmy eux, donnant en (p. 235) (f. Grijr) cette rencontre le nom à l'enfant, puis se mirent tous à danser.

[...]

[24.] (p. 237) Le vingt-huict les Tapuies s'aplanirent vne place pour y danser, <...>

[...]

[26.] (p. 239) Le trentiesme Vvanjupu s'en retourna chez soy, & les Tapuies dresserent vn ombrage

[III] Primeiro de junho

[...]

(p. 103) Na manhã do dia 17 [de junho de 1657] tirou-se a serpente do fosso [caçada no dia anterior] e dela comeram todos os principais, com exceção de Jandui e dos feiticeiros; acharam tanto o que comer nesta cobra como se se tratasse de um grande porco do mato. Não beberam nada durante a refeição, segundo o seu costume; foi preciso ir à aldeia vizinha [junto ao rio Potengi] para aí tomar uma bebida de milho, que acabara de ser feita. Aí os tapuias, suas mulheres e filhos carregaram-se de milho que encontraram em abundância; durante esse tempo, vieram avisar-nos de parte de Vvajupu que ele avançava em nossa direção, porque corria o rumor de que Pajucu se pusera em campo com suas tropas para atacar-nos. Ouvindo isto, Jandui ordenou a todos os brasileiros da aldeia que preparassem suas setas, flechas e arcos, enquanto esperavam o socorro dos holandeses, devendo ferir-se o combate logo que este chegasse. Permaneci na aldeia toda a noite, que os tapuias passaram dançando, não obstante aquela noticia.

[...]

(p. 104) A 19, parti da aldeia para alcançar os tapuias, que iam adiante, carregados de milho e de ratos, os quais, na minha presença, furaram o lábio inferior e as orelhas de uma pequena criança e colocaram cavilhas de madeira nos furos (67). Esta é uma espécie de batismo entre eles; nesta ocasião, dão nome à criança e depois põem-se a dançar.

[...]

A 28, os tapuias aplainaram um lugar para dançar [no "morro Matiapoa", durante o trajeto dos Tapuias]; <...>

[...]

(p. 105) A 30, Vvanjupu voltou à sua morada e os tapuias prepararam uma ramada para o ancião

au vieillard contre l'ardeur du Soleil. Là vindrent des femmes pleurant la mort de leurs maris, on leur fit commandement (p. 239) de cesser leurs lamentations à cause de la feste [76.] qui approchoit. Après midy parurent dix ieunes filles couuertes de fueillages differens. Suicuit le Diable, qui se faisoit porter dans vne calebasse par d'autres filles & femmes, lequel pourtant estoit inuisible, il leur commanda de se couronner de feuilles & de fleurs de pois, & de feues, pendantes par deuant, & par derriere: ce qu'elles firent, puis se mirent à danser, & chanter toute la nuit.

[III] LE PREMIER IVILLET

[1.] Les Tapuias firent secher de la semence de Corpanba, qu'ils pillerent, & la meslerent avec de l'eau, qu'ils firent boire aux sorciers, qui aussitost se prirent à courir & hurler comme enragez, disant, que Houcha [74.] leur auoit dit de se resiouyr, & qu'il retourneroit bien-tost vers eux. Peu de temps apres vindrent huit garçons ajoluez de differens fueillages, comme les filles, suivis de huit ieunes hommes robustes, qui estant arriuez deuant l'ombrage fait à landuy de feuilles de Papay, Iampapé, & Baicoué, s'y assirent, & receurent chacun vn de ces garçons à leur col, qui s'y iettoient volontairement. Incontinent vn sorcier ayant vne broche de bois pointuë, perça la levre de dessous & les oreil-(p. 240)les à ces enfans, mettant dans les trous des pierres blanches, puis les prit & les porta sous l'ombrage, où ils receurent la benediction du Diable, qui estoit dans la calebasse; c'estoit là leur baptême. Le soir arriuerent trois Tapuias de Preciaua, qui assurerent encore que Paiucu s'aduançoit avec ses gens. Le vieillard dit, que cela n'estoit rien, & ordonna qu'on donnast à manger à ces Tauias, qu'Houcha auoit dit, qu'on se tinst ioyeux.

[morador do local], contra a ardência do sol. Ai vieram ter as mulheres, chorando a morte de seus maridos [cujos ossos foram trazidos a elas pelo ancião]. Ordenaram-lhes cessar suas lamentações, devido à festa (76) que se aproximava. Depois do meio-dia, apareceram dez moças cobertas de diversas folhagens. Seguias o Diabo que, carregado invisível dentro de um caramanchel por outras moças e mulheres, mandou que elas se coroassem com folhas e flores de ervilhas e de favas, caídas para a frente e para trás. Elas obedeceram e depois puseram-se a dançar e a cantar durante toda a noite.

[III] Primeiro de julho

(p. 105) Os tapuias torraram sementes de corpanba, pilaram-nas e misturaram-nas com água e, a seguir, deram-nas de beber aos feiticeiros. Estes imediatamente puseram-se a correr e a berrar como possessos, dizendo ter Houcha (74) lhes dito que folgassem, e que ele breve voltaria para junto deles. Pouco depois, vieram oito rapazinhos enfeitados de diferentes folhagens, como as moças, seguidas de oito rapazes robustos, os quais, tendo chegado diante da latada preparada para Jandui, de folhas de papai, iampapé e baicua, ai se assentaram, e cada um deles recebeu um dos rapazinhos que se jogavam deliberadamente em seu colo. Incontinenti, um feiticeiro furou o lábio inferior e as orelhas destes rapazinhos com um espeto de pau pontudo, metendo nos furos pedras brancas; depois carregou-os e levou-os para a sombra da ranada, onde receberam a bênção do Diabo, que estava no caramanchel; era o seu batismo. À tarde, chegaram três tapuias de Preciaua; asseguraram também que Paiucu avançava com seus homens. O ancião disse que isso não tinha importância, e ordenou que se desse de comer a esses tapuias; Houcha mandara que todos se conservassem alegres; os que queriam casar-se deveriam preparar-se para

Que tous ceux qui se vouloient marier se preparassent au lendemain matin, pour chasser tout ennuy.

[2.] Cela fut fait; ils attachèrent à leurs corps tant hommes, que femmes, avec des gommes des feuilles de diverses couleurs, il estoit plus de trois heures apres midy avant que les futurs espoux & espousées fussent prests, trente hommes, & femmes d'Hollande seroient plustost habillez qu'un de ces sauvages. On avoit préparé un ombrage pour cete ceremonie deuant la hute du sacrifice, d'où sortirent deux sorciers tenans à la main une broche de bois pointuë, de laquelle ils percerent les leures du dessous, & les loies de ceux qu'on vouloit espouser, mettant dans chaque trou une pierre blanche aigüe, & delà entrèrent sous ledit ombrage, ou cabinet couuert de feuilles, où le sacrifice se (p. 241) devoit faire du sang qui leur couloit du visage. Avant que sortir apres ce Sacrifice fait, un sorcier prit une pipe de tabac, & en ayant tiré la fumée en parfuma les nouveaux mariez, c'estoit leur benediction nuptiale. Ce fait les Tapuiens s'assemblerent en trois rangs. Au premier estoit Ianduy & ses sorciers tous peints sur la chair de diverses couleurs, & chargez de plusieurs feuillages. Au second rang estoient les hommes & femmes. Au troisieme les espoux & les espousées, qui se mirent à chanter & danser toute la nuit (80.). En cete feste il y avoit de la ioye & resiouyissance beaucoup, mais peu à boire & à manger, sinon du mil & de l'eau de salpêtre braque. Ce iour-là nous eumes eclipse de Soleil, qui commença à sept heures du matin, & dura une heure.

[3.] Le troisieme le vieillard Ianduy fit dire qu'apres la chaleur du iour on recommenceroit à danser. Les Brasiiliens s'en retournerent en leur Aldée le ventre creus, parce que Ianduy avoit commandé qu'on gardast le mil pour Vvajupu & ses gens, quand ils vendroient, & à quatre heures apres midy ils se

a manhã seguinte, de modo que não houvesse aborrecimento.

Feito isto, homens e mulheres trataram de grudar aos corpos, com goma, folhas de diversas cores; passava de três horas da tarde, quando os futuros esposos e esposas ficaram prontos. Trinta homens e mulheres da Holanda vestir-se-iam mais depressa que um só desses selvagens. Tinha sido preparada uma ranada para a cerimônia, diante da choça de sacrificios; dali saíram dois feiticeiros, levando na mão um espeto de madeira pontiagudo, com o qual furaram o lábio inferior e as faces dos que queriam casar-se colocando em cada furo uma pedra branca pontuda. Entraram, então, para a dita ranada ou caramanchel coberto de folhas, onde devia consumar-se o sacrificio com o sangue que lhes escorria do rosto. Antes de partir, depois de executado este sacrificio, um feiticeiro tomou um cachimbo com fumo e, tendo aspirado a fumaça, com ele perfumou os recém-casados: era a sua bênção nupcial. Em seguida, os tapuias reuniram-se em três fileiras. Na pri(p. 106)meira, estavam Jandui e os feiticeiros, todos com os corpos pintados de diversas cores e cobertos de diversas folhas. Na segunda, estavam os homens e mulheres. Na terceira, os esposados e esposadas, que se puseram a cantar e a dançar toda a noite (80). Havia muita alegria e regozijo nesta festa, mas pouco de beber e de comer, reduzido a milho e água salobra. Nesse dia tivemos um eclipse do sol, que começou às sete horas da manhã e durou uma hora.

No dia 3, o ancião Jandui mandou dizer que, passado o calor do dia, recommencariam as danças. Os brasileiros voltaram para a sua aldeia com a barriga vazia, pois Jandui ordenara que se guardasse o milho para Vvajupu e sua gente, quando viessem, e às quatro horas da tarde veio dizer que Houcha chegaria à noite, com outros cinco.

mirent tous à danser. Et comme ils dansoient, vn sorcier vint dire, qu'Houcha arriueroit la nuit avec cinq autres. Ils cesserent à l'instant, & allerent dresser dans la (p. 242) hutte du sacrifice vne couche de fueilles, proche laquelle ils mirent du tabac. La nuit venuë, les Tapuias recommencerent leurs danses, & Ianduy & ses sorciers vindrent à la hutte du sacrifice, s'enquerent d'Houcha de ce qui leur arriueroit. Trois voix enrouées respondirent à la fois, vous fuyrez. Comment? dit Ianduy, i'ay plus de gens que mes ennemis, sans le secours que i'attens des Hollandois. Vne voix seule luy repartit, tu l'attends, mais il n'est pas encore icy. Cela oüy par tout, le vieillard, ses sorciers, les hommes & les femmes se mirent tous à pleurer & lanter l'espace d'une demie heure. Lors vne cinquième voix parla à Ianduy, & dit, ne combats point avec tes ennemis sans les Hollandois, recule, & lors dissention se mettra parmy eux, ils s'entretueront. Le peuple ayant entendu ce que dessus, se resiouyt, & danse comme deuant le reste de la nuit, sur le declin de laquelle le Diable se retira.

[...]

REMARKES DV SIEVR Morisot
sur le voyage de Roulox
Baro, au pays de Tapuias.

[...]

22. <...> (p. 261) Les Espagnols à cause des sonnettes qui sont à la queue, nomment cet animal Cascauel, c'est à dire sonnette. Ils l'appellent encore Tangedor suivant Guillaume Pison, au 3. liu. de la medecine du Brasil ch. 1. où il donne la figure du serpent avec vne autre espece de Cascauel, long de douze pieds, dit par ceux du pays, Cucurucu, lequel est tres-veneneux.

[...]

43. (p. 274) C'estoit chose tressare parmy les Brasiiliens

Pararam immediatamente e foram armar um leito de folhas na choça do sacrificio, perto do qual puseram fumo. Chegada a noite, os tapuias recommencaram suas danças e Jandui e seus feiticeiros vieram à choça de sacrificio para indagar de Houcha o que lhes aconteceria. Três vozes enrouquecidas responderam a um só tempo: — "Fugireis". — "Como?" — perguntou Jandui. "Tenho mais homens que os meus inimigos, sem contar o socorro que espero dos holandeses." Uma só voz respondeu-lhes — "Tu o esperas, mas ele ainda não está aqui." Isto foi escutado por todos, e todos, o ancião, os feiticeiros, os homens e as mulheres puseram-se a chorar e lamentar-se cerca de meia hora. Então, uma quinta voz falou a Jandui e disse-lhes — "Não combates com os teus inimigos sem os holandeses: recua e a dissensão lavrará entre eles, e eles se matarão uns aos outros". Ouvindo isto, o povo reanimou-se e pôs-se a dançar o resto da noite, ao fim da qual o Diabo se retirou.

[...]

NOTAS DO SENHOR MORISOT
Sobre a VIAGEM de ROULOX
BARO ao país dos tapuias
[200]

[...]

<...> (p. 115) Os espanhóis, por causa das campainhas que existem na cauda, denominam este animal de cascavel, isto é, campainha. Chamam-lhe, ainda, tangedor, segundo Guilherme Pison, no 3º liv. da *Medicina do Brasil*, cap. I, onde reproduz a figura da serpente com uma outra espécie de cascavel, com o comprimento de doze pés, chamada pelos naturais do país de surucucu, a qual é muito venenosa. [200]

[...]

(p. 116) Era coisa muito rara os brasileiros terem instrumentos

d'avoir des instruments de fer & d'airain, & tout qu'ils fissent grand cas des flutes qui estoient faictes de ce dernier metal, puis qu'ils rompoient leurs trompettes pour en faire, parce que comme ie croy ils ne pouvoient pas entonner nos trompettes, estant accoustumés de se servir à la guerre de trompettes faictes d'os humains, que les Latins appellent Tibias, & eux Canquaca. Comme celles qui estoient d'une seule conque, dite Guata pi guacu, qu'ils nommoient Numbi goacu, & Membiaparas celles de cannes, & les nostres d'airain, Itanembi. Marcgravius liv. 8. de son histoire naturelle du Brasil, ch. 10. Jean de Lery ch. 14. de son Amérique, que ce n'estoient des os des cuisses que les sauvages avoient mangés qu'ils faisoient leurs trompettes pour s'en servir à la guerre, mais de bois, en forme de hautbois long de cinq à six pieds, qu'ils appeloient Inubias, & que des os de ceux qu'ils avoient tués & mangés, ils en faisoient des fifres & des flutes.

67. (p. 288) Cette façon de faire est plus amplement décrite plus bas dans la relation du 11. Juillet. Jacob Rabbi la raconte plus simplement & diversément, disant que le peuple estant assés en un lieu pour sauter & danser, les enfans y viennent bien parez, les sorciers & devins estans en deux rangs dedans & delà, les (p. 289) enfans, ou jeunes garçons de douze à treze ans, estant au milieu, qu'un de ces sorciers s'estant saisi d'un d'eux, luy lie les bras & jambes serrés, qu'il ne se puisse pas remuer, un autre survenant ayant un couteau de bois dur & aigu en main, luy perce la lèvre dessous & les oreilles, la mère de l'enfant criant & se plaignant excessivement, & cela est leur baptême. Les mères percent les joues aux jeunes hommes lors qu'on les veut marier, & cela est leur fiançailles & espousailles, n'estant leurs coutumes de percer leurs joues avant ce temps. Ce fait ils dansent, boient, & mangent trois ou quatre iours durant,

de ferro e de bronze; e é falso que dessa grande importância às flautas feitas deste último metal, pelo fato de ar(p. 119)rebitarem as suas trombetas para fazê-las; creio que eles não sabiam entoar as nossas trombetas, estando acostumados a servir-se, na guerra, de trombetas feitas de ossos humanos, que os latinos chamam tibiae e eles canquaca. Chamavam os que eram de uma só concha, quata pi guacu²⁸⁸; as de cana, numbigoçu e membiapara (membitarara); e as nossas de bronze, de itanembi²⁸⁹; (Marcgrave liv. 82 da *História Natural do Brasil*, cap. 102, e Jean de Lery, cap. 142 de sua *América*, dizem que não era dos ossos das pernas que eles tinham comido que faziam as trombetas para servirem-se delas na guerra, mas de madeira, em forma de oboé do comprimento de cinco a seis pés, que eles chamavam inúbias; dos ossos daqueles que tinham matado e comido, faziam flautina e flautas.

[...]

(p. 123) Este uso é mais amplamente descrito adiante, na relação do dia 11 de julho. Jacob Rabbi relata-o de modo mais simples e diverso, dizendo que, reunindo-se o povo para saltar e dançar num lugar, aí vem os meninos bem arranjados, ficando os feiticeiros e adivinhos em duas filas, aqui e ali, e os meninos ou rapazinhos de doze a treze anos ao meio; um dos feiticeiros pega um deles e liga-lhe os braços e as pernas de modo tão apertado que ele não se possa mexer; um outro chega com um facão de madeira dura e aguda na mão, e fura-lhe o lábio inferior e as orelhas, enquanto a mãe do menino grita e se lamenta em alto brado, e este é o seu batismo. Os feiticeiros furam as orelhas dos rapazes quando querem casá-los, e isto é o seu noivado e casamento, não sendo seu costume furar as orelhas antes deste tempo. Isto feito, dançam, bebem e comem durante três ou quatro dias, recebendo cada um a sua parte e porção das mãos do rei, que dança,

recevant chacun sa part & portion de la main du Roy qui danse, boit, & mange, avec les mariez & leurs parens. Ils enchassent dans ces trous du bois, ou des cailloux de diverses couleurs, ou des os de singe, qu'ils appellent Nambipaya. Les plus lestes y mettent du cristal, du iaspe, ou de esmeraudes de la grosseur d'une œuflette: ils nomment la pierre de iaspe ainsi enohassée Metara, si c'est une pierre bleuë ou verte, qui sont celles desquelles ils font le plus d'estat, Metarobi. Ils ont encore de certaines pierres qu'ils lardent dans leurs iouës, Tembe Coareta. Ils se percent par fois le nez par galanterie, & y forent du bois Apiyati. Harogr. liv. 8. ch. 8.

[...]

74. (p. 296) Ce nom de Houcha signifiant le diable, ne se trouve dans les dictionnaires de la langue du Brasil, rapportez par le sieur de Laet au liv. 17. des Indes Occidentales ch. 12. & liv. 15. ch. 2. ny par Marcgravius au liv. 8. ch. 9. ny au liv. 15. ch. 11. où ils traittent de la religion des Brasiiliens, quoy qu'édits lieux on y lise des noms differens des diables comme de (p. 287) Curupira, qu'ils croient le diable des montagnes; Machacera celui des chemins; Inrupari, Anhangá, & Taguai: Il se peut faire que celui de Houcha, soit le diable des bois. Marcgravius au lieu d'Inrupari, & Taguai met, Iurupari, & Tuguaiba, auxquels il joint Temoti, & Taubirama. De Lery ch. 18. dit que les Toucupinambouts ou Toucupinambacouts appellent le diable Aygnan, & Kaegerre.

[...]

76. (p. 301) Cette feste se faisoit apres le mil leué & (p. 302) replanté, comme il se voit icy le premier Iuillet. Auquel iour on perçoit les oreilles, les iouës, & les leures des enfans, & de ceux qui se vouloient marier.

[...]

80. <...> (p. 305) Et au lieu que nos fous de feste mettent des bandes de sonettes autour du iaret,

bebe e come com os casados e seus parentes. Encaixam nestes furos pedaços de madeira ou seixos de diversas cores, ou ossos de macaco, que chamam nambipaya. Os mais desembaraçados ai colocam cristal, jasper ou esmeraldas do tamanho de uma avelã; chamam a pedra de jasper assim introduzida met tara; se é uma pedra azul ou verde, mas as de que fazem eles maior questão, são o Metarobi. Têm, ainda, certas pedras que carregam nas orelhas, tembé-coareta. Puxam, por vezes, o nariz uns dos outros por galanteria, e ai inserem madeira apiati (Marcgrave liv. 89, cap. 69).

[...]

(p. 125) Este nome de Houcha, significando o Diabo, não se encontra nos dicionários da língua do Brasil, relacionados pelo Senhor de Laet, no liv. 179 das *Índias Ocidentais*, cap. 129 e liv. 159, cap. 29; nem por Marcgrave, no liv. 89, cap. 99; nem no liv. 159 cap. 119, do mesmo autor onde trata da religião dos brasileiros, embora nos referidos lugares se leiam nomes diferentes de diabos, como Curupira, que seria o Diabo das montanhas, Machachera, os dos caminhos, Inrupari, Anhangá e Taguai. Pode ser que Houcha seja o Diabo das matas, visto que não aparecia nem dava resposta senão no mato. Marcgrave, em lugar de Inrupari e Taguai, escreve Iurupari e Tuguaiba, aos quais acrescenta Temoti e Taubirama. Lery, cap. 169, diz que os tupinambuses ou tupinambases chamam o Diabo Ontá e Caajerre.

[...]

(p. 127) Esta festa se realizava depois da colheita e replantio do milho, como se vê aqui, no dia 19 de julho. Nesta data, furavam-se as orelhas, os ouvidos e os lábios das crianças e daqueles que se queriam casar.

[...]

<...> (p. 128) Suas danças são chamadas quau e cantam melodiosamente diferentes canções; as noças

les Taguies en mettent du fruit d'Agway, qui est en façon de triangle, ayant un noyau dedans qui estant sec, faict du bruit en sautant. Ils appellent leurs dances, Gusu, ils chantent melodieusement differens airs, les filles sont derriere les amoureux, suivant leurs pas & cadences, ne se meslant jamais aux branles qu'elles ne soient finacées, racontant leurs proesses, & la pudicité des fiancées. Laët en la description des Indes Occidentales liv. 15. ch. 2. Le mesme à la premiere page de l'histoire naturelle du Brasil peint la femme du Tapuye affublée d'une demi mante de feuilles couvrant la teste iusques aux oreilles, & descendant le long des cheveux iusques au iaret, <...>

[...]

ficam atrás dos amadores, seguem seus passos e cadências, mas não se misturam jamais aos seus movimentos, salvo se estiverem noivas, e então suas canções limitam-se a elogiar os noivos, cantando as suas proezas, e a pudicícia das noivas. (Laët, em sua *Descrição da Índias Ocidentais*, liv. 15º, cap. 2º) O mesmo se lê na primeira página de *História Natural do Brasil*, onde se pinta a mulher do tapuia extravagantemente vestida com uma meia mante de folhas que lhe cobre a cabeça até as orelhas e desce, ao longo dos cabelos, até o jarrete. <...>

[...]

204. CLAUDE BARTHOLÉMY NORBOUT (1592-1661). Segundo JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES, na « Nota introdutória » da edição de 1979, « As anotações que escreves para a Relação de Baro, e cuja tradução revisi, revelam o erudito de gabinete, que não veio ao Brasil e limita-se a uma bibliografia muito reduzida, sendo a citação sempre incompleta. Os nomes indígenas estão quase sempre misturados, e não vemos outra razão para publicar esse conjunto de notas senão a de tornar completa esta edição ».

205. Não tem interesse para o nosso trabalho o trecho do texto de MOREAU a que esta nota se refere. Somente a transcrevemos pela comparação que faz da cauda da serpente Grotalem terrificus (Laër.) com o instrumento « cascavel », espécie de guizo ou choculho, de onde provém o nome do réptil.

286. O « Vocabulário na língua brasileira », provavelmente escrito por LEONARDO DE WALE e (1621, vol. I), dá « Bólo, os mato grandes. - Gostapi ». ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 130v) já relaciona o objeto com o instrumento musical: « Gostapi. Caracol muy grande de la mar, que sirve de vozina ». BATISTA DE CASTRO (*Vocabulário tupi-guaraní*, 1936, p. 52) traz: « Gostapi: - espécie de caracol do mar, muito grande ». J. LEONIS IMPOCOA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1955, p. 64) e LUIS CALDAS TIBIRIÇA (*Dicionário tupi-português*, 1964, p. 185), que escreve "gostapi" (o segundo também dá a variante "gustapi"), traduzem simplesmente por "bólio". Esses dois autores indicam também o "gustapiquassé", que traduzem, respectivamente, por « veri. bólio » e « bólio que serve de trombeta ». De fato, PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1999, p. 281) indica, sob as designações "Gustapi, ou Gustapu", o « caracol grande do mar, que servia de buzina », transcrevendo ainda informação de fonte não citada, cujo autor é CARLOS GONDIM: « Parece ser o mesmo que satapi ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 543) dá « Utapi - O mesmo que satapi » e « Utapu - Buzina ameríndia feita de conchas cujo som, diziam "tinha a propriedade de atrair os peixes" ». LUIS COBRE (*Dicionário musical*, 1997) registra uma série de variantes ortográficas, que transcrevem a seguir (p. 11) « Utapu. - Grande bólio de que os índios se serviam, como a trombeta, para chamar os companheiros »; (p. 22) « Gustapu-capu. Buzina usada pelos índios, diferente no tamanho do Utapu »; (p. 128) « Utapu. - Instrumento usado pelos indígenas; era uma buzina, cujo som tinha a virtude de atrair os peixes ». LUIS DA CÂMARA CHEDDO (*Dicionário de folclore brasileiro*, 1968, p. 770) também indica variantes: « Utapi. Instrumento musical amazônico, buzina feita de bólio, que já em 1587 Gabriel Soares de Sousa registrava entre os accipires do sertão da Bahia »; « Utapu. Colares de conchas ou de pedaços de conchas, usados pelos indígenas como ornamentos em suas danças ». Tanto LUIS COBRE (op. cit., 1997, p. 130), quanto LUIS DA CÂMARA CHEDDO (op. cit., 1968, p. 766) e MÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1969, p. 550), indicam um outro instrumento de nome Utapi ou Vapi, proveniente de informação de RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, parte I, cap. II, p. 41), que afirma ser de percussão. Contudo, satapi, pela ortografia dos séculos XVI e XVII, poderia ser o mesmo que satapi, por sua vez, simplificação fonética de gustapi. O gustapiquassé, grafia correta do termo estropeado por NORISOT é, literalmente, grande bólio, objeto que os indígenas transformaram em instrumento musical, como povos de outros continentes o fizeram.

287. ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 176v) traduz "Yti" por « Piedra, paña, hierro, campana, cadenas, prisiones » e "Wylá" por « Flauta, chirrija y cosa semejante ». LUIS CALDAS TIBIRIÇA (*Dicionário tupi-português*, 1964, p. 111) traz « Itambá - metal. trombeta de metal ». Há outro significado, segundo PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1999, p. 323) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 266), que informa ser o termo "Itambá" também aplicado aos instrumentos europeus de arame, como a viola. Não encontramos, na documentação do período, referência que sugerisse tal interpretação.

ANTÔNIO VIEIRA
(1808 - 1887)

DOCUMENTO: CARTA AO PAZRE PROVINCIAL DO BRASIL. Maranhão, 22 de maio de 1653.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Desta carta se conhece os fragmentos intercalados em vários capítulos da História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará (1759), de JOSÉ DE MORAIS ¹, publicados em primeiro lugar na Cartografia Histórica, de NÉLIO MORAIS (Rio de Janeiro, 1939, tomo III) e nas Memórias para a história do estado atual do Maranhão, tomo I (Rio de Janeiro, 1860), organizadas por CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA. Esses fragmentos foram reunidos por JORN ULCIO ARAÚJO nas Cartas (Coimbra, 1925), carta XLIV, pp. 334-358, no tomo I (2ª edição Lisboa, Imprensa Nacional, 1971). As informações sobre música são aqui transcritas, para que constem sob o nome de VIEIRA, facilitando assim o estudo musicológico.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA - Cartas do Padre Antônio Vieira; Coordenadas e anotadas por J. Luzio D. Barreto. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « Carta XLIV ao Provincial do Brasil 1653 - Maio 22 », pp. 336-358.

[...]

[3.] <...> (p. 317) ²⁰⁰ Deimos graças a Nosso Senhor por nos livrar daquele perigo [*corsários de Flessinga, que encontraram próximos à ilha da Madeira, poucos dias após a partida de Lisboa para o Maranhão, em 22 de novembro de 1652*], e lhe pedimos livrasse também aos companheiros; começando logo a cumprir a promessa, (p. 318) que à Virgem Senhora fizemos, de toda a caravela rezar o Terço do seu Rosário²⁰⁰, enquanto a viagem durasse, como se fez, e aos domingos e dias santos em voz alta e coros.

[...]

[7.] (p. 319) ²⁰⁰ Vinham outros religiosos na caravela, mas as cousas espirituais correram todas por nossa conta. Nós cantávamos sempre a ladainha da tarde. <...>

[...]

[15.] (p. 322) ²⁰¹ Nil diligencias fizeram os da terra [*em S. Luis, após sua chegada a 20 de dezembro*] para que, no zenos, nos detivéssemos mais alguns dias. Foi o último a primeira oitava do Natal, em que tornei a pregar, exortando a todos à perseverança na graça recebida, e principalmente aos capitulares, a quem dirigi grande parte do sermão, receitei e engrandeci quanto pude a grande obrigação, em que estavam, de acudir ao remédio de tantas almas, das quais eles, sede vocante, eram pastores, e que, em falta de outros sacerdotes idôneos, pois os não havia, deviam eles mesmos visitar os cristãos das ilhas e da terra firme, sujeitos àquele bispado, que todos estão em grande necessidade espiritual: e que, se para isso deixassem as cadeiras e côro da sua sé, louvariam muito mais a Deus, lhe fariam muito mais agradável serviço.

[...]

[34.] <...> (p. 331) ²⁰² Tinha mandado nesta ocasião S.M. uma lei, na qual declara por livres, como nesses Brasil, a todos os índios d'este Estado, de qualquer condição que sejam.

[35.] Publicou-se o bando²⁸⁹ com caixas, e fixou-se a ordem de S.M. nas portas da cidade [de S. Luis].

[...]

[74.] (p. 348) ²⁹⁰ Seguindo o fervor da gente, e desejando que todos fizessem algum serviço geral e publico à Virgem Senhor Noosa, cuja invocação é a desta igreja, preguei em dia da (p. 349) *Aranciação* [de 1653], e publiquei para que daquela tarde em diante se rezasse o Terço do Rosário a coros, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas igrejas da mesma cidade. Vão por obrigação todos os estudantes e meninos da nossa escola; seguem a estes muitos soldados e gente de todos os estados; e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinariamente a igreja de muitos que concorrem a ela. Faz-se este exercício ao pôr do sol, por ser a hora mais cômoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sobre a ara, no altar-mor, com velas acesas; assiste um padre que encomenda o Terço pelo método da nossa cartilha. Começam a entoar dois meninos de melhores vozes, e segue toda a igreja alternadamente, com grande piedade e devoção. Dura tudo de três quartos para uma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ela aquele dia e começando a noite em louvores a Deus e sua Mãe Santíssima. Nos sábados há maior detença, porque se prega do púlpito em exemplo do Rosário por espaço de meia hora, ao qual é tanto o concurso que, não cabendo na igreja a muita gente, fica da parte de fora; e aos que ouvem se recomenda contem depois o exemplo aos mais, com que a devoção da Virgem Senhora vai em tanto aumento, que não só rezam nesta forma os que vão à nossa igreja, mas muitos, que não pode vir fazem o mesmo, em suas casas com a sua família.

[75.] Não faltará por ventura a quem, este modo de devoção com canto público, pareça coisa menos própria da Companhia; mas a V. Rev.^a, que esteve em Roma e viu semelhantes devoções, que nas sextas feiras e sábados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não há-de parecer coisa estranha do nosso Instituto, antes muito própria d'ele, pois é trazer almas a Deus por todas as (p. 350) maneiras, e por uma tão segura e aprovada como a devoção da Virgem, a maior de suas devoções. <...>

[76.] ²⁹¹ Saímos da nossa igreja à uma hora. Levamos adiante um grande pendão branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, ou se não outro de respeito. Vão os nossos estudantes cantando a ladainha. Damos volta pelas ruas principais, levando os índios adiante e as índias atrás, pedindo aos portugueses que estão pelas portas e janelas que os mandem, e, se é necessário, compelindo os que ficam; e desta maneira, com uma mui comprida procissão chegamos à Matriz, e ali, postos os índios de um lado da igreja e as índias de outro, lhes faz o padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do catecismo, e depois declarando-lhes os mistérios da fé, perguntando e premiando os que melhor respondem. <...>

[...]

²⁸⁹ Cf. a História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará, de JOSÉ DE NOVAIS \dagger , Livro III, Cap. I, § 51, p. 284. Esta informação também aparece na Vida do Apostólico Padre Antonio Vieira de ANDRÉ DE BARROS \dagger , Livro IV, § CLVII, p. 995.

289 . Cada terço do Bandrito era constituído de 50 Irmãs Marias e 5 Padres Moisés.

290 . Cf. a História da Companhia de Jesus de JOSÉ DE MORAIS §, Livro III, Cap. I, (§ 55), p. 335. ANDRÉ DE BARROS (op. cit.), utiliza esta informação no Livro I, § CIVII, p. 69.

291 . Cf. a História da Companhia de Jesus de JOSÉ DE MORAIS §, Livro III, Cap. I, (§ 63), p. 287.

292 . Cf. a História da Companhia de Jesus de JOSÉ DE MORAIS §, Livro IV, Cap. V, (§§ 23-24), p. 343.

293 . Bando, para RAPHAEL BLUTEM (Vocabulário português e latino, v. I, 1712, p. 31), « Derivase do antigo vocabulo Aleuto Ban, que significa pregar; do Ban dos Alemães fizeram os Italianos o seu Bandire, que quer dizer Publicar por bando, como quando se declara publicamente ha decreta, ha ley. Entre nos Bando he pregão de guerra, a voz de caça, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar ».

294 . Cf. a História da Companhia de Jesus de JOSÉ DE MORAIS §, Livro IV, Cap. III, (§§ 11-12), pp. 326-327. ANDRÉ DE BARROS (op. cit.) utiliza estas informações no Livro II, §§ XXIV-XXV, pp. 133-134 e Livro V, § CLII, pp. 993-995.

295 . Cf. a História da Companhia de Jesus de JOSÉ DE MORAIS §, Livro IV, (§ 12-13), pp. 327-328.

ANTONIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. [Pará (?), janeiro (?) de] 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Como a carta de 22 de maio de 1653, esta também é encontrada incompleta na História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará (1799), de JOSÉ DE MORAIS & (cf. as edições desse documento na transcrição dos fragmentos da referida carta de VIEIRA, neste trabalho). Seus fragmentos, distribuídos pelos capítulos II e III do Livro VI desse manuscrito, foram reunidos por JÚLIO LÚCIO DE AZEVEDO nas Cartas (Coimbra, 1925), tomo I, pp. 355-383 (2ª edição: Lisboa, Imprensa Nacional, 1971). Os fragmentos que contém informações sobre música estão aqui também transcritos para constarem sob o nome de VIEIRA e facilitar o estudo musicológico.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA - Cartas do Padre Antonio Vieira; Coordenadas e Anotadas por J. Lucio D. Rezvedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « Carta LIV Ao Padre Provincial do Brasil 1654 », pp. 355-383.

[...]

[14.] <...> (p. 364) ²⁹⁶ No dia seguinte, 14 de Dezembro [de 1653], partimos de Mortigura, com a maré da tarde, os Padres Antonio Ribeiro, Francisco Veloso, Manuel de Souza e eu, cada um em sua canoa, e começámos a navegar por um mar de água doce. Derrotou-nos a escuridade da noite, e o Padre Antonio Ribeiro e eu passámos amarrados às árvores de uma ilha, que nos serviram de âncoras e amarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamámos os companheiros, mas nem eles ouviram as nossas, nem nós as suas buzinas²⁹⁷.

[...]

296 . Cf. a História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará de JOSÉ DE MORAIS &, Livro VI, Cap. II, (p. 22), p. 455.

297 . É provável que VIEIRA esteja falando do búzio, instrumento normalmente utilizado em embarcações desde época anterior ao descobrimento. LUIS DA CÂMARA CASTILHO (Dicionário de folclore brasileiro, 1968, p. 156), citando Dois metros e cinco, de J. H. CARLOS DE OLIVEIRA (Rio de Janeiro, 1909, pp. 476-477), afirma: « as barcas de certo porte saíam-se por intermédio do búzio. No rio de São Francisco era usual esse protocolo. As embarcações menores, canoas, ajuaes, lótes, saíam mas não tinham direito a reciprocidade na saiação ».

ANTONIO VIEIRA
(1608 - 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. Maranhão, [antes de 22 de março de] 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Cópia em português da Biblioteca de Évora (JOSÉ LÚCIO DE AZEVEDO e SERAFIM LEITE não fornecem localização) com título (AZEVEDO, *Cartas*, Coimbra, 1925, tomo I, p. 383) e Cópia da segunda carta de notícias que o Padre António Vieira escreveu do Maranhão, com erros e lacunas. Há excertos na *História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, de JOSÉ DE MORAIS, Livro V (cf. a documentação sobre JOSÉ DE MORAIS) e publicação integral nas *Cartas* (Coimbra, 1925) por JOSÉ LÚCIO DE AZEVEDO, com emendas entre colchetes (2ª edição em Lisboa, Imprensa Nacional, 1971).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTONIO VIEIRA - *Cartas do Padre António Vieira*; Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro. (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) « Carta LXVI ao Padre Provincial do Brasil 1654 », pp. 383-416.

[...]

[9.] <...> (p. 382) ²⁹⁸ Em pôsto que esta vez se estinou este caso pela novidade, de então para cá é cousa tão ordinária nas aldeias, que todos os que vamos a elas experimentamos esta piedade e curiosidade nos índios [*que o que julgara por vinho eras orações*]; porque depois de lhe ensinarmos a doutrina rezam em comunidade, como se faz todas as manhãs e tardes na igreja, e recolhidos à noite a suas casas os ouvimos outra vez rezar, e repetir o mesmo que lhe ensinamos. Não crera isto destes homens quem de antes os conhecera, e vira quão inclinados são a gastar as noites em seus brincos e passatempos; mas tanto pode a graça sobre a natureza. Nem nós lhe tiramos ou proibimos o seu cantar e bailar, nem ainda beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhe não fazermos a lei de Cristo pesada e triste, quando ela é jugo suave e leve.

[...]

[10.] <...> (p. 383) No Pará falei com um soldado, que se achou na ilha destes bárbaros [*ilha chamada Jones, a qual está atravessada bem na boca do rio das Anasonas, defronte da mesma ilha do Sol, e é tão grande que encerra em si mais de vinte e nove nações, de linguas tão diferentes como são a alemã e espanhola*], poucos dias depois da morte dos padres [*Luis Figueira e seus companheiros*], e sobre me confirmar o que escrevi da pintura em que os tem retratados, acrescenta que viu o lugar onde foram mortos, e que era um terreiro grande, com um pau fincado no meio, o qual ainda conservava os sinais do sangue. A este pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam ao redor deles com grande festa e algazarra, todos com seus paus de natar nas mãos. Chama-se paus de natar a um pau largos na ponta, e sui fortes e bem lavrados, que lhes servem como de rapas na guerra; armados desta maneira andam saltando e cantando, à roda do que há-de morrer, e em ohogando a hora, em que já não pode esperar mais sua fereza, descarregam todos à porfia os paus de natar, e com eles lhes quebram as cabeças. <...>

298 . Cf. a *História da Companhia de Jesus* de JOSÉ DE MORAIS e (op. cit.), Livro V, Cap. II, [§ 5], p. 393.

DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO

(1591 - 1858)

LYRIO: MEMÓRIAS DIÁRIAS DA GUERRA DO BRASIL. Madrid, Diego Díaz de la Carrera, 1654.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A única edição antiga conhecida deste livro traz o seguinte título: MEMÓRIAS DIÁRIAS | De La Guerra Del Brasil, | Por Diacrisio De Nove | Alca, Escribano Jende El | De M. JC. XII. [1630] | Escritas | Por Duarte Coelho, | Marqués de Busto, Conde, i Señor de Pernambuco, i de las | Villas de Olinda, San Francisco, Magdalena, San-Geronimo, | Villahermosa, i Iguaçu, Gentil-hombre de la Cámara de | su Magestad, i de su Consejo de Estado, en el | de Portugal, | A La Católica Magestad Del Rey | Don Felipe Quarto. | [grav.] | Con Privilegio | En Madrid, por Diego Díaz de la Carrera, Impresor del Reyno, Año 1654 [28 x 15; 1 f. pr.; 5 ff. inm.; 297 ff. num.]. Sobre a edição de 1654, RUBEN BORJA DE MORAIS (Bibliographia brasileira, c. 1983, v. I, p. 187) faz o seguinte comentário: «Albuquerque Coelho praises his brother highly in the Memórias Diárias, and endeavours to make a hero of him. This fact led to criticism, and inconvenienced the publication of this book when he completed it in 1654. Despite the granting that same year of licences for printing, publication was delayed until 1654. § The British Museum contains a manuscript (Add. Mss. n. 28.445, fol. 95-102) entitled Razones que no se deve imprimir la Historia que tratta de las guerras de Pernambuco compuesta por Duarte de Albuquerque... This extremely interesting document, full of curious details, is a veritable libel against Albuquerque Coelho and his narratives, and affirms that the book should not go to press, and if it has already done so, printing should be stopped. The book was nevertheless published, but the edition was confiscated. A few copies escaped destruction, and they are extremely rare. ».

NOTA SOBRE O AUTOR: DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO foi o quarto donatário de Pernambuco, vindo ao Brasil de passagem em 1625, para lutar contra os holandeses, e, novamente, em 1631, para participar das batalhas com simples soldado, em Pernambuco e na Bahia, até 1638, ano em que volta para a Espanha.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: DUARTE DE ALBUQUERQUE COELHO - Memórias Diárias da Guerra do Brasil. Prefácio de José Antonio Gonçalves de Mello. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981. 390 pp. (Coleção Recife, v. XII).

[Cap. 4:] 1633

[...]

[138.] <...> (p. 175) Penetrando isto [no Forte da Bahia em 10 de dezembro de 1633], o inimigo, e não querendo perder a ocasião, intimou-os [o "sargento Pinheiro"] por uma corneta a que se rendessem, garantindo-lhes a saída com suas armas, bandeiras, bala em boca e toda a bagagem.

[...]

[Cap. 5:] 1634

[...]

[79.] <...> (p. 189) Enquanto isto se passava os holandeses com outra tropa de Tapuias, vindo por outro caminho deram no engenho [próximo do "Rio Grande", a 14 de abril de 1634] e degolaram seus moradores. Unindo-se então a eles alguns dos Tapuias, fugidos do outro encontro e contando-lhes tudo, julgaram que tinhamos infantaria pelos sinais dos tambores e do resto que informaram; <...>

[...]

[143.] (p. 220) Resolveu à pressa o inimigo enviar um tambor ao forte [da Bahia, em 18 de dezembro de 1634] para que se rendesse, <...> Com este

grande cuidado começou a inquietar-se, procurando acabar com o sítio, porém os do forte não quiseram admitir o tambor. <...>

[...]

[148.] DEZEMBRO 18. - Chegando o capitão D. Fernando de la Riba Agüero, aos 18 do mesmo mês, com a gente que comandava, ao lugar do seu destino, enviou adiante Miguel Sanchez, alferes reformado, com quatro soldados, para descobrir o forte e o mais, os quais viram tremulando já nele bandeira holandesa, que havia poucas horas que fora içada, por ter alcançado um segundo tambor o que primeiro não pudera no dia antecedente. <...>

[...]

RICHARD FLECKNO

(? - 1678)

LIVRO: *RELAÇÃO DE UMA VIAGEM DE DEZ ANOS PELA EUROPA, ÁSIA, ÁFRICA E AMÉRICA*. Londres, imprensa pelo autor, [c. 1656].

NOTA BIBLIOGRÁFICA: RUBEN ROCHA DE MORAIS (*Bibliographia brasileira*, c. 1963, v. I, pp. 313-314) informa que este livro foi reeditado em 1665 com o título *A True and faithful Account...* (mesmo editor) e seu conteúdo foi resumo por TAYLOR em *Visitações do Brasil Colonial*. Há também referências às observações de FLECKNO em ROSE MACAULEY, *They went to Portugal* (London, 1946), ANTON LIEBE, *Eine literar-historische Untersuchung...* (Leipzig, 1905) e em C. H. ROGER, *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola...* (London, 1902).

NOTA SOBRE O AUTOR: FLECKNO, padre católico irlandês, viajante e poeta mediocre, observou diretamente os fatos narrados em seu livro. Na carta « I. To Coll. Will. Esqrs from Gent, anno 40. », a primeira deste livro, indica (pp. 1-2) quais são os seus conhecimentos sobre música: « Besides educated as I am, in the Arts of Poace, (Musick and Poetry) and your Musick of Bass, Superius, and Pector chori, and Knap, Peers and Commons being all discomfited, the Base neither admitting of Master of the Base to moderate it, nor Superius to comfort with't, without which, tis rather a Loud Tumultuous noise, than Musick and Harmonie ».

EDIÇÃO UTILIZADA: *A RELATION | Of ten Years | TRAVELS | In | Europe, Asia, Afrique, | and America. | All by way of Letters | occasionally written to divers noble | Personages, from place to place; | And continued to this present year, | By Richard | Fleckno. | With | Divers other Historical, Moral, and | Poetical pieces of the same Author. | Now allie united into one | London, | Printed for the Author, and are to be sold by [14 x 9; 3 ff. 1mm.] 176 pp.. BIEB: 5-b-16).*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CRISTINA.

TEXTO INGLÊS

XXIII. To the same Anno
48.

Of his Sea Voyage from
Lisbon to the BRASILE.

[1.] <...> (p. 63) For other commodities and delicacies you have on Land, we wanted none, Our great Cabines being large as Chambers, our Beds as commodious, our Decks spacious as your Galleries to walk in, our Kitchen our Sellars as well furnished, herds of Swine, flocks of Sheep, and Pullen of all sorte aboard, perpetually feasting, nor wanted we Musick to our Feast,

TRADUÇÃO

XXIII. À mesma
[“Mademoiselle de
Beauvais”, de carta XXII].
Ano 1648.

De sus viagens marítimas de
Lisboa ao Brasil.

<...> De outros artigos e especiarias que se encontravam em terra, não quizeros nada, sendo nossas cabines tão amplas quanto os vossos aposentos, nossas camas tão cômodas, nosso convés tão espaçoso quanto os vossos corredores, para neles se andar, nossas cozinhas e salas tão bem mobiliadas, varas de porcos, rebanhos de ovelhas e galinhas de todos os tipos a bordo,

(besides an excellent set of Trumpets) the Mariners having some Fiddles amongst them, to which they often danc'd to delight the Passengers. <...>
[...]

alimentando-se permanentemente, nem faltou música em nosso banquete (além de um excelente conjunto de trombetas), possuindo os marinheiros algumas violas de arco²⁹⁹ entre eles, com as quais dançavam muitas vezes para deleitar os passageiros. <...>
[...]

299. Fiddle (ingl.) e Fiducula (lat.) tinham o mesmo significado. RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. VIII, 1721, p. 511) dá para o último termo o vocábulo português "Violino".

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO PADRE PROVINCIAL DO BRASIL. Maranhão, 10 de junho de 1658.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: O original está no *Archivum Romanae Societatis Iesu*, Roma, mas sua localização não é fornecida por JORDÃO LÚCIO AZEVEDO, que a publicou (*Carta, Coimbra, 1925*, 2ª edição em Lisboa, Imprensa Nacional, 1971) ou por BENEFIM LEITE, que indicou, também sem erro de tomo, publicação na *Revista de Acadêmia Coimbrã*, por GUILHERME STUART. Segundo LEITE, (1949), tomo IX, Escritores II, - «Vieira, António», nº 309, p. 244, VIEIRA acrescenta ao final da carta P.S. de 10 de setembro, que seria a verdadeira data do fechamento da carta, mas que foi alterada para junho pelo Barão de STUART.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: ANTÔNIO VIEIRA - *Cartas do Padre António Vieira Coordenadas e Anotadas por J. Lúcio B. Azevedo*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. Tomo Primeiro, (Biblioteca de Escritores Portugueses, série C) «Carta LXXI ao Padre Provincial do Brasil 1658 - Junho 10», pp. 474-482.

[...]

[8.] (p. 477) Trouxeram estes índios [“de nação Tobajara”], que foram onze, várias cartas dos Padres [“Antônio Ribeiro e Pedro de Pedrosa”, que estavam na Serra de Ibiapaba desde junho de 1656], e dos Principais de todas as aldeias, <...>

[...]

[8.] Quanto aos índios da serra dizem os padres que são já hoje duas mil e quinhentas almas, que têm bom natural, que já estão todos baptizados, que já se confessam todos e muitos comungam, que esta quarentena tiveram os officios divinos com todas as demonstrações de cristandade, e ainda solenidades, por haver entre elles alguns músicos da mesma (p. 478) nação Tobajara, dos que se retiravam de Pernambuco, e que sem dúvida se faz muito fruto, e se espera muito maior, de que já o céu tem colhido suas primícias, porque só dos inocentes que baptizou o Padre Pedro de Pedrosa, diz elle que lhe são mortos mais de quarenta, sendo muito mais os adultos que morrem com os sacramentos e moral corteza de sua salvação. <...>

[...]

SIMÃO DE VASCONCELOS

(c. 1598 - 1671)

LIVRO: VIDA DO PADRE JOÃO DE ALMEIDA. Lisboa, Officina Graesbeckiana, 1658.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Não conhecemos outra edição deste livro além da de 1658.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSE MONTEIRO FERREIRAS (História da História do Brasil, 1979, livro VI, cap. I, nº 8.1, p. 204): « Nasceu no Porto em 1597, passou ainda jovem ao Brasil, entrando para a Companhia em 1615 e fazendo a profissão solene em 1636. Foi Vice-Reitor do Colégio da Bahia, Reitor do Colégio do Rio de Janeiro e finalmente Provincial em 1655. Teve considerável influência no Brasil de seu tempo, dentro e fora da Companhia, confessor de Vice-Reis e pacificador dos Índios e Camargos como visitador do Colégio de São Paulo [(nota 276): « Bibliografia in Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, II, 173-185 »]. Estive em Portugal em 1641 e em Portugal e Roma em 1662, falecendo em 1671 ». Esta é a primeira biografia conhecida do P. JOÃO DE ALMEIDA, que VASCONCELOS contou a partir de documentos jesuítas de sua época.

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA DO P. JOÃO DE ALMEIDA da Companhia do Brasil, Compuzta pelo Padre Simão de Vasconcellos de nossa Companhia, Provincial na dita Província do Brasil. Dedicado ao Senhor Salvador Correa de Sá, & Remoções dos Conselhos de Guerra, & Vitrário de Sua Magestade. Em Lisboa. Com todas as licenças necessárias. Na Officina Graesbeckiana, Anno. 1658. [27 x 17; 14 ff. inam.; 1 retrato; 406 pp.; 4 ff. inam.; BIBR: 20-6-5].

LIVRO SEGVENDO DA VIDA DO PADRE IOAN D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO IV. PROSIBE A MESMA MATERIA d'outros Varoens, que nestas Aldeias conooceram.

[...]

9. (p. 41) [*"Modo com que o P. recebeo os Indios que vinham a fazerse Christãos."*] Feito isto, leuantou o Padre [Domingos Gracia], & depois de dados os parabens da vinda, os foi guiando [os Indios] ao som d'Instrumentos, Musicas Festiuas, & outras Demonstracoens d'alegria, até a Aldeia [a 400 ou 500 léguas da Aldeia do Espírito Santo], & Igreja della: acuja entrada ficaram os Barbaros espantados da Magestade do Culto Divino, & modo dello. Fez-lhe o Padre aqui hãa pratica com tal Feruor, & Eloquencia em sua Lingua, que o Principal, & todos os de mais ficaram admirados, & disseram luns, pera os outros, estas formais palavras: Se este P. correrá todos nossos Sertões, nem cunera ninguém que ficasse nelles. Passou tudo isto no anno de 1597.

[...]

CAPITULO VII. TORNA A CAPITANIA DOESPIRITU Santo: tem cuidado ali d'hãa Residencia d'Indios; & desta, vai mandado pela Obediencia a hãa Gloriosa Missão.

[...]

4. (p. 50) [*"Modo com que se avia no ensinar a Doutrina."*] O modo da sua [do P. João de Almeida] Doutrina (que nestas Aldeias, & tão tempo teve principio, & daqui foi continuando por todas as mais da Prouincia) era o

seguinte [entre 1583 e 1604 ou 1625]. Logo pela manhã depois de tocadas, & rezadas as Ave Marias, antes d'ouir Missa, se ajuntavam á porta da Igreja os Mininos, & Mininas da Aldeia; & diuididos em Ordens de Procissão, cantavam em Córros²⁰⁰ a alta voz as Orações, dando principio a ellas os Mininos por este Versículo: Benditto, & Louado seja o Santissimo nome de IESU. E respondendo as Mininas: E o da Santissima V. M. Mãe sua, pera sempre Amem. E continuavam cantando as ditas Orações da Senhora: & outros o Gloria Patri, & Filio, & Spiritu Sãto no fim de cada hãa. As quais acabadas entravam na Igreja, & ouiam Missa; os Mininos a hãa parte, & as Mininas a outra. Acabada a Missa, lhes fazia declaração da Doutrina Christã, & depois se recolhiam os Mininos a suas Escolas, cada hã segundo sua capacidade; huns a Ler, & a Escreuer, outros ao Canto Chão, outros d'Orgão. Muitos aprendiam a tanger Instrumentos Musicos, em q̃ sahiam destros os mais delles, & Officiavam Missas, & Procissões como em qualquer Cidade o fazem os Portuguezes.

5. As cinco da tarde os tornava a chamar o Sino, & lhes tornava a explicar a Doutrina Christã, & Catecismo; depois da qual tornavam os Mininos em Procissão na mesma forma, cãtando a Córros pelas Almas do fogo do Purgatorio, até hãa Cruz alta, q̃ em certa distancia do Terreiro estava Arvorada. E deste modo se introduzio principalmente por aquellas Aldeias, & dellas se espalhou pelas demais de toda a Prouincia. Todo o tempo, que aqui sobejava ao Padre, o ocupava com o Catecismo; instruindos, & Bautizandoos; curando os Enfermos com grãde Caridade (p. 51) administrandolhes os Sacramentos, & Sepultura aos que morriam.

6. Fazia muita diligencia por arreigar nos Corações daquelles Indios, como de todos os com que tratava, a Deusação do Santissimo Sacramento, & do Venerando Sacrificio da Missa. Nas Cartas annuas daquelles tempos do anno de 1585. & 1586 q̃ estão guardadas no Collegio do Rio de Janeiro, achei muitas provas desta Deusação entre os Indios, com differença neste particular dos outros annos. Notase ali, que desde o anno de 1585. se começou a dar principio ao Pio costume, que depois ficou introduzido, de se desenterrar na Igreja dos Indios, naquellas Aldeias, o Santissimo Sacramento, em o tempo Santo da Quaresma: com advertencia, que naquellas duas annos de 85. & 86. que foram os que ali rezidio o P. Almeida, sendo ainda Irmão, se Celebrava esta acção com mui grande Deusação, & Piedade daquella Gente. Celebrandose juntamente os Offícios Divinos em Canto d'Orgão, com Prégapam, Procissões Solene de muitos, & varios Penitentes; & todas as mais Celebriedades, que em qualquer Cidade se fazem; & tudo beneficiado pelos Indios, cousa mui propria do Deuoto Espirito d'Almeida, ao qual attribuo, com boas conjeituras, a introdução deste Santo Exercicio em tempo que ainda era Irmão.

[...]

LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO PADRE IOAN D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO V. FICASE EM SAN PAVLO: DASSE noticia do Principio daquella Casa, & Aldeias.

[...]

5. (p. 73) [*Desse noticia da Casa de S. Paulo et dos trabalhos dos Padres em sua Fundação.*] Este foi o principio da Casa; Vejamos agora o das Aldeias [desde 1554]. Tanto que os Indios viram os Padres cõ Residência feita naquellas suas Terras, que estão metidas de beiremar pera o seu Sertão couza de 12. legoas, lugar entao deshabitado totalmente dos Portuguezes; deoeram

logo de boa vôtade do mais interior do Sertão poucos, & poucos, a situar suas Aldeias junto a elles; porque tinham desejos de serem Industriados, & Bautizados pelos Padres, & com effeito em breue tempo levantaram Igreja, & nella os Doutrinauam. Todos os dias diziam Missa, & beneficiuam os Officios Diuinos, & foram Bautizando a muitos, reduzindoos de seus costumes Barbaros à maneira do viuer dos Christãos, cõ Escolas de Ler, Escrever, & Canto, como até hoje [em 1658] o fazem.

[...]

LIVRO QVARTO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO XIV PROSEGVE A MISSAM, E DO QUE nella obrou.

[...]

B. (p. 159) [*"Vem quatro Principais receber os Padres ao Caminho."*] Daqui [de São Paulo] mandaram diante Embaixadores, a esta Gente dos Goitacoz-Gomçõs [no "Destrito do Rio de Janeiro", em fins de 1618], os quais chegaran, & voltaran com resposta, que fossem os Padres seguramente a suas Aldeias, & que seriam bem recebidos: assi o fizeram, porque os vieram receber ao Caminho quatro Principais, com suas Mulheres, & Filhos em modo de Danças, & Festas, segundo seu costume, & com presentes de Legumes a seu uso.

<...>

[...]

LIVRO SETIMO DA VIDA DO PADRE IOAM D'ALMEIDA DA COMPANHIA DE JESV.

CAPITULO II. DA SOLLEMIDADE DE SVAS Exequias, Concurso, & Deuções do Pouo.

[...]

3. (p. 336) [*"Grande Concurso que ouue dos Fieis as Exequias do padre Almeida."*] Estando assim junto este Concurso, das sete pera as oito horas da manhã dos 25. de Setembro, foi trazido o Corpo defunto da Capella interior do Collegio, pera a Igreja, a hombros de quatro Sacerdotes Irmãos seus, nas ajudados de muitos Seculares, que desejauam por sua Deuções tocar naquella Tûba, como em outra Arca da Lei: & posto em o Cruzeiro da Igreja, cõ o Rosto pera o Pouo, como he costume ã Sacerdotes, foi visto de todos cõ grãdes Lagrymas & Saudades, & jutanõte cõ Alegria interior d'Algũs, causada daquella Fermoçura de Rosto, que parecia d'hã Anjo.

4. O melhor do Ecclesiastico, & Musicos da Terra, tomou por sua Deuções beneficiarlhe o Officio de Corpo presente, que foi cantado com muita sollemnidade. <...>

[...]

300. RUPHEL BLITENU (Vocabulário português e latão, v. II, 1712, p. 112) dá, para o canto e coros, o alusão « Canto místico, ou musical », informado que « He a união harmoniosa das quatro vozes, a que chamão Típico, Contralto, Tenor, & contrabaixo, com a consonância dos instrumentos ».

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA NÚBIA DA SERRA DE IBIAPABA. s.l., 1659.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Em nenhuma das 4 impressões desta relação se menciona a existência de texto manuscrito. Também a historiografia contemporânea desconhece o original. BENFON LEITE, na *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1938), v. II, p. 307, relaciona as fontes conhecidas: « 973. Relação do Núbio da Serra de Ibiapaba escrita pelo P. António Vieira, e tirada do seu mesmo original. Publ. por Barros, *Viagem de Santos* (1736) 3-69 (« Voc Historica »); - *Obra* Marins, II (Lisboa 1875) 55-98; - *Memórias para o Extincto Estado de Maranhão*, II (Rio de Janeiro 1889) 495-501 (com notas de Cândido Mendes de Almeida); - *Rev. do Instituto de Ceará*, XVIII, 86-138 ». Comparando-se todos os textos, nota-se que a versão publicada por André de Barros no *Viagem de Santos* serviu de fonte para as demais, o que nos leva a utilizá-la neste trabalho. Na única publicação onde há notas (de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, 1889), não se encontram nenhuma que interessassem diretamente à etnologia.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (*História da História do Brasil*, 1979, livro I, cap. IV, nº 2, p. 473) fala sobre VIEIRA: « Começou sua vida pública aos 18 anos, escrevendo a crônica (*Área*) da Companhia de Jesus no Brasil (1626), disse seu primeiro sermão aos 25 anos, e de 1640 a 1655 escheu o Reino com sua voz e seus conselhos, privou com os maiores e tornou-se uma das figuras principais da política portuguesa, que ajudou a formular e a executar. De volta ao Maranhão, em 1653, submeteu os Albergues e relatou a viagem à Serra de Ibiapaba; sua, espelho pelos colonos do Pará, voltou ao Reino, a solicitar a proteção da Rainha Regente. A revolução palaciana que entregou o poder a D. Pedro II tirou de Vieira a força política. Vieira foi encarcerado pela Inquisição (1665-1668) e nunca mais retomou a influência que exercera antes, entre 1640 e 1662. Em 1681, depois de quase seis anos em Roma, voltou ao Brasil, de onde se ausentara 40 anos e onde permaneceu os 17 anos finais de sua vida, entrando para a imortalidade aos 18 de julho de 1697 ». A Relação, que cobre o período de 1605 a 1655, e que foi escrita tanto com base na documentação quanto em observação direta, foi composta, segundo RODRIGUES (p. 482), em 1639. No § VIII da Relação, « Descrição do sítio da serra de Ibiapaba... » (edição de 1736, p. 34), assim fala VIEIRA: « [1.] Ibiapaba, que na língua dos naturaes quer dizer Terra alta, não he hum só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantão ao certo dos praxos de Camxi, e mais parcidas a ondas do mar alterado, que a montes, se vão succedendo, e como encapellando humas apor das outras se destructo de mais de quarenta leguas: (...) ». Ainda com o mesmo nome, a Serra de Ibiapaba se situa a noroeste do Ceará, na divisa com o Piauí.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: (ANDRÉ DE BARROS (ed.)) - *Viagem de Santos*, [In Eloquentia, In Espírito, In Zelo, E Eximio Substancia In Do Padre | António Vieira, In Companhia de Jesus, Príncipe de São Magistado, e Príncipe dos Obedientes | Evangelizantes | Acompanhados | Com sua fidelíssima Echo, que sonoramente resalta | do interior de obra | Clavis Prophetarum. | Concorde na fide e veridade das Almas | ao elogio raro | Tule reverente dedica | Ao Príncipe | Raimundo Sênior | O P. André de Barros, In Companhia de Jesus, Acadêmico do nome de | Academia Real de Historia Portuguesa. | [grav.] | Lisboa. | Na Officina de Miguel Rodríguez, | Impressor de Saluete. Sacerdot. Patriarca. | N. DE. XLVI. (1736) | Com todas as licenças necessárias. [2] f. 154 12 fl. inu.; 315 pp.; 800x: L.R.-4-c-11].

§. VIII. Descrição do sítio da serra de Ibiapaba: sua difficultosa subida: sua altura, que excede ás nuvens: condição de seus moradores: e chegados a ella os Missionarios, quanto obraõ.

[...]

[3.] (p. 37) Não foraõ novem aos Padres [que chegarão a Ibiapaba em 4 de julho de 1656] as incommodidades do sítio, de que já tinhaõ certas noticias, como dos costumes dos moradores, os quaes mostrão em tudo no estado, em que acima os descrevemos, posto que foraõ recebidos delles com grandes demonstraçoens de gosto, e humanidade, e com aquella admiracão, e

aplauso, que sempre achão nesta gente todas as cousas novas. A primeira, em que entenderão os Padres, foy em levantar Igreja, de que elles não só forão os Mestres, senão os officiaes, trabalhando por suas proprias mãos, assim pelo exemplo, como pela necessidade, porque era pouca a diligencia, com que os moradores se applicavaõ á obra. A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia começaram os Padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriaõ principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaraõ de memoria as orações, e respondiaõ com promptidão a todas as perguntas do Catecismo. Mas depois, que os Padres lhes ensinaraõ a cantar os mesmos mysterios, que compuzeraõ em versos, e tons muito accomodados, viase bem com quanta razão dizia o Padre Nobrega, primeiro Missionario do (p. 36) Brasil, que com musica, e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Forão daqui por diante muito mayores os concursos, e doutrinas de todos os dias; e mayores tambem as esperanças, que os Padres conceberaõ de que por meyo desta musica do Ceo queria o divino Orfeo das almas encantar estas feras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua Igreja. A primeira pedra, que se lançou nelle, e o primeiro fructo, que se começou a colher, foy o baptismo de muitos adultos, e de todos os innocentes, porque nenhum pay houve, que não trouxesse a baptizar todos os seus filhos, dos quaes muitos forão logo chamados, ou arrebatados ao Ceo antes dos annos do entendimento, para que a malicia dos mesmos pays lho não pervertesse.

§. XIII. Estado pernicioso dos Indios da serra: suas ignorancias, heresias, e trato com o demônio.

[...]

[3.] <...> (p. 62) Não ha muitos annos, que hum velho dos de Pernambuco feiticeiro, levantou hum eruida ao diabo nos arrabaldes da povoação, e poz nella hum idolo composto de pernas, e prégo, que fossem todos a venerallo, para que tivessem boas novidades, porque aquelle era, o que tinha poder sobre as sesenteiras; e como a terra he mui sujeita a fomes, forão mui poucos, os que ficaraõ sem fazer sua romaria á eruida. Estava o velho assentado nella, e ensinava, como se haviaõ de fazer as ceremonias da devação, que era haverem de bailar continuamente de dia, e de noite, até que as no-(p. 63)vidades estivessem maduras, e os que censavaõ, e sabiaõ da dança, haviaõ de beijar as pernas do idolo, no qual affirmavaõ alguns, que ouviraõ ao demonio fallar com o velho, e outros, que se lhe mostrou visível, vestido de negro. Tiverão os Padres noticia do desaforo, forão logo queimar o idolo, e levantar em seu lugar hum Cruz dentro, e outra fóra; mas ao dia seguinte amanhoceraõ ambas as Cruzes feitas pedaços: <...>

[...]

§. XVII. Parte o P. Antonio Vieira para a serra: valor, com que emprende o caminho por terra com os mais compenheiros: gastaõ vinte e hum dias: chegaõ descalços, e com os pés em chagas: trata da reformação da Christandade: acaba com os Indios couzes, que pareciaõ impossiveis.

[1.] <...> (p. 85) Entraraõ na serra em quarta feira de Trevas [24 de março de 1656] pela hum hora; e logo na mesma tarde começaram (p. 86) os officios, que se fazem com toda a devação, e perfeição por serem quatro os Sacerdotes, e os Indios da Pernambuco terem vozes, e musica de canto de Orgão-201, com que tambem cantaraõ a Missa da quinta feira, e á sexta feira a Paixão, em que vieraõ todos adorar a Cruz com grande piedade, e na tarde ao pôr do Sol se fechou a tristeza daquelle dia com hum procissão do

Enterro, em que hiaõ todos os mininos, e moços em duas fileiras com coroas de espinhos, e cruces ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os Indios arrastando os arcos, e frechas ao som das caixas destemperadas, q em tal hora, em tal lugar, e em tal gente acrescentava naõ pouco a devapãõ natural daquelle acto. O officio do Sabbado santo, e o da madrugada da Resurreiçaõ se fez com a mesma solemidade, e festa, a qual acabada, começaraõ os Padres a entender na reformaçaõ daquela Christandade, ou na fórma, e assento, que se havia de tomar nella; e porque a materia era cheia de tantas difficuldades, como se tem visto no discurso de toda esta relaçaõ, era necessaria muita luz do Ceo para acertar em os mayores convenientes, e muita mayor graça de Deos para os Indios os aceita-(p. 87)rem, e pôr em em [sic] execucaõ: <...>

[...]

301. Esses Índios de Pernambuco são frequentemente citados pelos cronistas do séc. XVII. JOSE DE NOROIS é (*História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará*, 1759, livro I, cap. I, § 55) assinala sua presença em São Luís do Maranhão, no ano de 1615: « Nos domingos se juntavão todos e antes de entrar a Missa rezavão a santa doutrina, ouvião a explicação dos divinos mysterios e assistião às Missas que nos dias classicos erão cantadas e acompanhadas de muito bom e ajustado som de charameas, para o que tinham trazido já ensinados alguns dos Tapynaibis no tempo que estiverã em Pernambuco, o que tudo convidava os mesmos Indios, que pela sua natural preguiça são de ordinario pouco affectos a qualquer trabalho ». JONAS FELIPE BETENDORF é (*Crônica*, 1896, livro III, cap. III, § 1) informa que « faziam-se em a alôa da residência [de Ibiapaba, em 1656], os officios divinos a canto de orgas com os Indios auxiões, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes morrã ». O mesmo autor (livro III, cap. II, § 4) volta a mencioná-los pouco tempo depois: « Logo que os Padres Missionarios e Indios da alôa souberam que vinha o Padre Superior Antonio Vieira, e forã receber ao caminho com os Príncipees com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charameillas e frautas ». ANDRÉ DE BARROS é (*Vida do apostólico padre Antônio Vieira*, 1746, livro III, § LXI) também comenta a chegada de VIEIRA à Serra: « Era huma hora, e o dia de quarta feira de Tréva, em que se contavã 24 de Março [de 1656]; e sem mais descargo, nem perder ponto a religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquela tarde, que celebrãrão com devaçãõ piedosa. Erã quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que tinham, e sabião o canto de Orgã, déráõ à terra nova ternura, ao Ceo alegria ». O próprio ANTÔNIO VIEIRA é (carta de 10 de

junho de 1636, § 8) dá outras notícias desses índios, ainda solteiros, por haver entre eles alguns músicos da mesma nação Tabajara, dos que se retiravam de Pernambuco ». Por fim, J. F. BETHEMOFF (Crônica, 1640, livro IV, cap. IV, § 2) aponta alguns deles no Maranhão, em c. 1663: « As mais altas todas, assim da ilha como Itapicuri, corria com grande perigo incalculável pelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remédios que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da Missa, por ser na deles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns índios charameleiros da mesma nação, com um índio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José ».

O erudito SERAFIM LEITE (A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI, 1949, p. 29) esclarece essa questão, citando seus livros *Lula Figueira* (Lisboa, 1940, pp. 30, 125, 129, 130) e *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Rio de Janeiro, v. IV, 1934, p. 250): « Eram os Rhamgaraiabas, mestres cantores, ou como traduz, mais etimológica não historicamente, LUIS FIGUEIRA, "mestres de capela". Não era cantar de ouvido, mas por música e papel. A alguns deles levou o mesmo LUIS FIGUEIRA, quanto com o P. FRANCISCO PINTO, tanto em 1607 a junção de Pernambuco ao Maranhão. E lhes serviram na Serra de Ilapaba (Ceará), para ensinar os rapazes índios dela, ensina que os Rhamgaraiabas lhes ensinavam "por papel" (é a expressão de LUIS FIGUEIRA), e ao qual os índios da Serra assistiam horas a fio, para aprender. Também lhes ensinavam "a dançar ao modo português que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser". E na Festa da Assunção (15 de Agosto de 1607) celebraram o dia com uma procissão, a primeira festa saqueia apartada Serra, "com uma dança e um alabrete, etc.", e que todo mundo admirava por ser para eles grande novidade; e depois dela, todos foram para suas casas a praticar, por verem que os seus antepassados correram sem verem tanto bem ». O texto de LUIS FIGUEIRA (ARSI, Bras. 8, ff. 76v-77r), de acordo com SERAFIM LEITE (Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil, 1933, p. 61, transcrito de seu livro *Lula Figueira*, pp. 129-130) é o seguinte: « São todos estes incrivelmente inclinados a cantar e dançar, e porque os Pitiguari não são muito afanados e conosco iam alguns Rhamgaraiabas ou mestres de capela desatinavam-se que cantassem para os ensinarem; e, fazendo reverer ora uns ora outros, cantavam dias e noites, de 24 em 24 horas, sem interromper, até não poderem falar de sonhos, tendo isto por valentia e delírios. E a nós pediram que lhes ensinássemos seus filhos o papel (como eles dizem), querendo dizer que lhes ensinássemos a ler e cantar o mesmo canto, o que nós com facilidade fizemos para os domesticar; mas eles mostram muito pouco talento para o nosso canto; os do mar, facilmente. Com isto domesticamos muito os meninos, que dantes fugiam de nós, e alguns que estavam os seus pais se vieram dizer que queriam aprender o que eu ensinava aos outros, e muitos diziam resolutamente que se haviam de ir conosco, fugindo de seus pais ou após nós. Entre os quais teve graça um, que representava 12 anos, em dizer que, se os Padres se fossem, não tinha outra coisa que fazer senão abrir uma cova e meter-se nela; e isto com grande sentimento. E outro, estando eu ocupado não sei em quê, se chegou a mim, e, depois de estar um pedaço, me disse: Não sei que é isto, que dantes fugia de ti, e agora não se posso apartar. Isto nos servia para os ensinar e doutrinar, e já sabiam muitos deles a doutrina e algumas coisas de nossa santa fé. Também os fazíamos ensinar a dançar ao modo português, que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser ».

ANTÔNIO MENDES
(séc. XVII)

DOCUMENTO: PETIÇÃO AO REI DE PORTUGAL. Lisboa, 28 de novembro de 1659.

TEXTO: O manuscrito pertence à coleção Stuart e foi publicado na RTIC vol. 34, 1929, pp. 327-330, entre os « Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará; Collecção Stuart », com o título « Petição de António Mendes, cabo das tropas dos índios de Pernambuco ao Rei de Portugal », incluído em « M 263. 28 de Novembro de 1659. — Sobre o que pede António Mendes, Cabo das tropas de Pernambuco, em razão da forsa, as que se poderão reduzir a obediência de S. Mag.^{de} os índios tapuias, e outros particulares. E vay a petição, e carta que se acuzo. », assinada « Em Lx.^a 28 de Novembro de 659 ¶ O Conde. Miranda. Brôr. ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Fortaleza, Typ. Minerva, de Alexis Bezerra, 1920, v. XXIV, 381 pg.

[1.] <...> (p. 328) e agora se offerece fazer o mesmo por serviço de De., e de Vng.^{de} para o que també sera necessario mandar Vng.^{de} na Capitania do Ceará, donde com tanto valor tem defendido, e defende as terras de Vng.^{de}, mandandose-lhe hã medalha, e hã vestido, como ao Capitão de Caassay, e dandose ao dito Pedro de Lara, hã ornamento, sino e charmeillas para a sua Aldea, em que rezido, cõ que se possa celebrar os officios divinos, e outra medalha, para que cõ todo o amor, e cuidado se empregue no serviço de Vng.^{de}
[...]

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: CARTA AO REI DE PORTUGAL, D. AFONSO VI, Maranhão, 28 de novembro de 1659.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JORGE LÚCIO DE AZEVEDO [Cartas de Vieira, 1925, tomo I, pp. 549-550] e SENAFFIM LEITE [História da Companhia de Jesus no Brasil, tomo II, 1949, nº 313, pp. 294-295] esta carta foi primeiramente impressa no folheto *Cópia de uma carta para El-Rey N. Senhor. Sobre as aldeias de Guaré, do Maranhão, do Pará e do grande rio das Amazonas. Escrita pelo Padre Antonio Vieira de Companhia de Jesus, Proprietor de Sua Magestade, e Superior dos Religiosos de nossa Companhia naquella Conquista*. Lisboa, Offic. de Henrique Valente de Oliveira, 1660 [in-4º, 20 pp.]. S. LEITE também a indica em *Pequenas Semanas* (1736) de ANTONIO DE BARRAGÃO, pp. 266-267, nas Cartas do P. Antonio Vieira (Lisboa, 1735), tomo II, pp. 12-43, na *Revista do Instituto de Guaré I*, pp. 106-123, na edição das Cartas de Lisboa 1865, I, pp. 154-171 e nas Cartas de Vieira (Coimbra, 1925), tomo I, carta LXIV, pp. 549-571. São conhecidos dois MSS, indicados por S. LEITE: 1) em português, na Biblioteca de Évora, cód. CIV/2-13, f. 399, com a data de «Pará, 28 de Novembro de 1659» (Rivers, I, 41); 2) tradução francesa da Biblioteca da Ecole de S.^{me} Geneviève S.J., Paris (Portugal, 2), com a data de 11 de fevereiro de 1660.

DATA: Apesar de esta carta estar datada em todas as suas impressões, à última p. «Maranhão, 11. de Fevereiro de 1660.» (Cartas, 1735, II, p. 45), tanto J. L. AZEVEDO quanto S. LEITE fazem prevalecer a data indicada no MS de Évora.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: CARTAS | do | P. Antonio Vieira | da Companhia de Jesus | Tomo Segundo. | Offerecido | do Excmo. Sr. D. João de Castro | E Atalão | Presbytero Cardinal da Santa Igreja de Roma | do Título de Santa Anastasia, do Conselho | de Estado, Guerra, e Despacho de Sua Magestade, Inspector Geral nestas Reinas, e Governador de Portugal. | (grav.) | Lisboa Occidental, | Na Officina de Impressão de Gruterio. | M. DC. LXXV. [1735] | Com todas as licenças necessárias. | 16 ff. in-4º, 479 pp.; BNM-6: 969.631-V33 | [= CARTA II. | A EIPay. », pp. 12-43].

[...]

[13.] <...> (p. 38) Por fim pôstos de joelhos, disseram os Padres o Te Deum laudamus, e sahindo da Igreja para huma praça larga, tomaram os Principaes Christãos os seus arcos e frechas que tinham deixado fóra, e para demonstraçaõ publica do que dentro da Igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravam as balas dos arvaubuses, e as lançavam no rio, e disparavam sem bala; e logo hums e outros Principaes quebravam as frechas, e tiravam com os pedacos ao mesmo rio, comprindo-se aqui a letra: Arcum conteret, et confringet arma. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas³⁰², tambores, e outros instrumentos, acompanhados de hum grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidãõ de gente declarava sua alegria³⁰³: <...> (p. 39) Na tarde do mesmo dia deo o Padre seo presente a cada hum dos Principaes, como elles o tinham trazido, conforme o costume desta terras, que a nós he sempre mais custoso que a elles. Os actos desta solemnidade que se fizeraõ, foraõ tres, por naõ ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que alli se detiveraõ os Padres, que foraõ quatroze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noyte em continuos bailes assim das nossas naçoens como das suas, que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinham muito que ver, e que ouvir.

302. « Bosina, ou Bozina, ou Bezina », para RICHARD BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 168), é « Trêta pastoril, ou ponta de boy, de que usam os pastores », que afirma, ainda, que « antigamente erão de cornos, e de arfia ». Encontramo-lo em « El-Rei Seleuco », de LUIS DE CAMÕES (v. III, 1972, p. 92): « E nisto fêzecerá o auto, com música de chocalho e bozinas ». TOMÁS BORRÁ e FERNANDO LOPES GRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 242-243) deixaram excelente verbete sobre esse instrumento: « Em princípio, e etimologicamente, buzina é todo o instrumento que se toque com a boca: corneta, buzio, chifre, trompa, trombone, trombete, etc. (...) Entre nós dá-se mais vulgarmente o nome buzina a um tubo curvilíneo, no qual se introduz, à semelhança das bombardas, uma palheta livre, a qual, postos os lábios do tocador na ponta mais delgada, vibra pela acção do sopro palmar. É o instrumento usado pelos vendilhões de provincia, guardas nocturnas de algumas terras, bombeiros, etc. ». Parece ser o mesmo instrumento que ERNESTO VIEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, fotografia 401) descreve como "corno", e ilumina de « Crónica Geral de Espanha », códice da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, datado do século XVI. Cf. também F. J. FITIS (*A música ao alcance de todos*, 1898, p. 20), ISAAC MENTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 50), PEDRO SOARES (*Pequeno mundo do som*, 1959, p. 115) e a loc. verbete de MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 74-75). Cf. a GRAFIA IV.

303. ROBERT SOUTHEY (*History of Brazil*, v. II, 1817, cap. XVII, p. 325) resume esta passagem: « The Jesuits chanted Te Deum, during which all were on their knees and arrows, which had been laid without the Church; the Portuguese drew the bullets from their handquebesses, threw them in the river and fired with powder, and all the Indians broke their arrows, and cast them into the stream; trumpets, conchs and tambours, and human voices, making the while an uproar of loyal dissonance ».

MAURICIO DE HERIARTE

(séc. XVII)

DOCUMENTO: DESCRIÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO, PARÁ, CORUPÁ E RIO DAS AMÉZAS. s.l., 1662.

TEXTO: O apógrafo, publicado por FRANCISCO ADOLFO DE WARMHAGEN, pertencia à biblioteca do Barão de Holendorff e foi encontrado pelo mesmo historiador em 1868, na Biblioteca Imperial de Viena, MS 5680, 99 ff., in-4º (escrito com um tipo de letra até a p. 71 e com outro tipo da p. 71 à p. 99). O título, fornecido por WARMHAGEN (suu nome não aparece na página de rosto da edição do documento de Heriarte) é o seguinte: « Descrição do estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amézas... ». Informa ainda o pesquisador que os parágrafos já vêm numerados no manuscrito, porém de forma pouco racional, mas que é mantida.

NOTA BIBLIOGRÁFICA E SOBRE O AUTOR: Segundo ALBEN BORG DE MORAIS (Bibliographia brasileira, t. 1983, v. 1, p. 399): « As we already know, Mauricio de Heriarte accompanied Pedro Teixeira's expedition. The manuscript was discovered in the Imperial Library of Vienna by Warmhagen, who published it ». A Descrição de HERIARTE, feita com base nas observações diretas, foi reimpressa por WARMHAGEN em sua História Geral (cf. a edição de 1964, pp. 171-190).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Descrição | do | Estado do Maranhão, | Pará, Corupá E Rio das Amézas. | Feita Por | Mauricio De Heriarte, | Escrivão-Geral, Provedor-Mór E Auditor, Das Foz, | Pelo Governador D. Pedro De Mello, Mo Alcaide | do 1662. | Por mandado do Governador-geral Diego Vaz De Siqueira. | Tudo à luz por Is. var. | Vienna D'Austria. | Imprensa do filho do Carlos Gerald. | 1874. [9 x 11] 84 pp. | BPPA: L.R.-29-c-20).

CONSERVAÇÃO: Mantendo, após a indicação da página, o número que, no manuscrito vienense, foi aplicado aos parágrafos, apesar de não serem de muita lógica.

[1] DESCRIÇÃO DO ESTADO DO MARANHÃO etc.

[...]

[45.] (p. 17) 13. Arrumando cavalheiros de diferentes maneiras, uns por que seus principais [entre os "Índios" de "S. Luis"] os abalizam, outros por terem morto muitos homens, e quebrando-lhes as cabeças com as suas Tamaranas (costume muito uzado entre elles) depois de haverem feito esta cerimonia, jejumam duas luas, e ao cabo d'ellas se ajuntam todos os sua nação, e fazem grande cantidade de vinho e bebem todos; e ao que se hade arrumar de cavalheiro o põem em uma rede uma parte alta, de modo que nem possa descer, o ali o teem trez dias sem comer nem beber, dando lhe pouco vinho ao sahir; e por accordo no cabo dos trez dias o descem, e com um couro de onça, ou de tigre (de que há muitos nestas partes) em volta lhe dam muitas pancadas pella cabeça, pella cara e por todo o corpo; e feito, um dos mais velhos lhe faz uma pratica mui graciosa, e logo lhe dam mulher, e ao cabo baila, e fica feito cavalheiro, e por tal acatado entre elles; pode ter muitas mulheres, com conhecimento de que (p. 18) a primeira he a principal mulher e as demais concubinas.

[...]

[2] CIDADE DE BELLEN

[...]

[22.] (p. 28) [§ anterior numerado 27] Os mais d'elles ["Indios moradores deste rio" dos "Tocantins ou das Pedras", que "Têm diferentes nações, como são Tocantins, Tacuaninas, Tacunapes, Carajazes, Tapinambás, Paipais, Mariasas, Catingas, Jacús e outros muitos"] se presão de feiticeiros, e que falam com o Diabo. <...> A' meia noite se levantam e mettem nos matos, dizem, que a falar com os Diabos, para que se lhes ensine as couzas que lhes são necessarias saber, assi as futuras, como os successos acontecidos, ou a compor musicas ao seu uzo para as suas festas e borracheiras que elles estimam muito, e se esperam nellas.

[...]

[8] PROVINCIA DO TAPAJÓS.

[...]

[7.] (p. 36) [12 § do capítulo marcado 35.] Estando maduras as sementeiras, dá cada um [dos habitantes do rio Tapajós, que "Está mui povoado de Indios Tapajós, Marautus, Caguanas, Oururucuzos, e outras muitas nações"] a decima, e tudo junto o mettem na caza em que tem os idolos, dizendo que aquillo he Potaba de Aura, que, na sua lingua, he o nome do diabo; e d'este milho fazem todas as semanas cantidade de vinho, e à 5ª feira de noite o levam em grandes varilhas a uma eira, que detraz da sua aldeia tem muito limpa e acceda, na qual se ajuntam todos d'aquella nação, e com trombetas, e atabales³⁰⁴ tristes e funestos, começam a tocar por espazo de uma hora, athé que vem um grandissimo terremoto, que parece vem derrubando as arvores e os montes, e com elle vem o Diabo e se mette em um corro, que os Indios tem feito para elle, e logo todos com a vinda do Diabo começam a bailar e cantar na sua lingua, e a beber o vinho athé que se acabe, e com isto os traz o Demonio enganados.

[...]

[9] DO RIO DAS TROMBETAS

[...]

[3.] (p. 38) [O 12 § deste capítulo deveria estar precedido do número 36, porém, nada consta] As terras d'este rio das Trombetas³⁰⁵ (que (p. 39) os Portuguezes lhe deram este nome pelas muitas trombetas de que seus moradores uzam com que fazem suas festas e borracheiras, a que são mui inclinados) são mais fartas de mandioca que as dos Tapajós, e he de muita caça.

[...]

[17] PROVINCIA DOS CAMERAS

[...]

[18.] (p. 56) [Este § é seguido por outro que leva o número 55.] Os instrumentos com que fazem suas festas, sacrificios e bailes [os "Indios", "deste rio das Amacrias"], a que são mui inclinados³⁰⁶, são trombetas de tristissimo som, feitas de tabocas, que são humas canas grossas ocas por dentro, por ser o buraco pequeno, e com uns pés cobertos de resina os toção como atabales, que se ouvem muito longe³⁰⁷. E ao som destes instrumentos fazem seus bailes e sacrificios ao Diabo, que os traz cegos sem conhecimento algum de Deos.

[...]

304 . O termo *atabale* foi usado pelos portugueses para designar uma espécie de tambor indígena que, pelo menos entre os tupinambás, era chamado de *guararú*. Os sufixos *airia* e *guanus* também eram empregados para indicar tamanhos diferentes de tambores.

305 . OTTO JERRIES (*Drei alte, Figürlich Verzierte Holztrompeten aus Brasilien*, 1977, pp. 77-86) descreve e reproduz uma trombeta indígena de 121 cm, proveniente da região amazônica e pertencente à coleção do médico holandês Palisamus van Eckhouten em 1617, hoje no Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague (outras duas trombetas, coletadas na mesma região, no séc. XVIII, também foram encontradas pelo autor em museus da Europa e descritas no mesmo trabalho). É provável que essas trombetas fossem objetos de comércio entre esses índios e os europeus. ANTONIO COSTA (*Introdução à arqueologia brasileira*, 1934, parte IV, cap. I, pp. 240-241) comenta esse tipo de relação: «Do manuscrito de Meriarte, descoberto por Varnhagen na Biblioteca Imperial de Viena e publicado, pela primeira vez, em 1874 e hoje incluído na sua *História Geral do Brasil*, minuciosamente comentada e corrigida por Garcia, verifica-se que o *mirakitan* [refrite] era usado, em forma de pássaro e de rã, em vasos para beber, pelas grandes tribos dos rios Tapajós e Trombetas, as quais faziam o comércio trocando esses objetos, papagaios e escravos ».

306 . O primeiro parágrafo deste capítulo traz a seguinte informação (p. 53): «34. Nesta provincia a provincia dos Naguas, a que vulgarmente chamamos Cambéas, por terem as taboas chatas (o que lhe fazem uns aos outros sendo as criações de peito) haverá dezmito leguas pelo rio assia ».

307 . Nota « 206, pag. 56 », de FRANCISCO AGUILO DE WARMINGEN (cujo nome não é indicado), à p. 81: «Trocamos chamam os Indios aos taes seus tambores. Em vez de resina nas baquetas, já usariam, como no tempo de Sampaio, da goma elastica, cuja extracção foi ensinada no Amazonas pelos Cambéas ». MARCEL SORRES DE SOUZA (*Notícia do Brasil*, 1987, cap. CLXXX, § 4) descreve um instrumento semelhante, entre os amipiras da Bahia: « tambores que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo até que ficam muito delgados, os quais toam muito bem ». RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1962, parte I, cap. II, pp. 33-36) traz informações sobre os trocans e sua representação gráfica, à fig. 5. Deve-se consultar também LUIZ DA CUNHA CACILLO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 761-762) e MARCO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1979, pp. 530-531).

SIMÃO DE VASCONCELOS

(c. 1586 - 1671)

LIVRO: *CRÔNICA DA COMPANHIA DE JESUÍTA DO ESTADO DO BRASIL*. Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A *Crônica* foi reeditada em 1864 (Rio de Janeiro, Typ. de João Ignacio da Silva) e em 1865 (Lisboa, A. J. Fernandes Lopes); enquanto que as *Notícias Curiosas e necessarias das cousas do Brasil...* reapareceu em volumes independentes em 1668 (Lisboa, João da Costa) e em 1824 (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional). Os dois textos são reimpressos conjuntamente em 1977, mas em 2 volumes (Petrópolis, Vozes / Instituto Nacional do Livro).

NOTA SOBRE O AUTOR: Grande parte dos documentos utilizados por VASCONCELOS para a redação de sua *Crônica* ainda sobrevive, notadamente as cartas jesuíticas. Este livro é o volume mais completo escrito sobre os jesuítas no século XVII.

ESTILO UTILIZADO: *CRÔNICA* de Companhia de JESUÍTA do Estado do Brasil; e de que obraram seus filhos nesta parte de novo avião. *TERO PRIMEIRO* de entrada de Companhia de JESUÍTA nas partes do Brasil; e dos fundamentos que nelles se lançaram, e continuaram suas Religiões em quanto alli trabalharam o Padre Manuel de Abreu Fundador, e primeiro Provincial desta Província, com sua vida, e muita digna de memorias; e algumas noticias antecedentes curiosas, e necessarias das cousas daquelle Estado, pelo Padre Simão de Vasconcellos de armas Companhia Natural de Cidade do Porto, Leste que foi da sagrada Theologia, e Provincial ao dito Estado. Lisboa. Na Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor de Ray M. S. Anno M. DC. LXXII. [1663] [33 x 23] Crônicas & H. inu.; 1.º Livro Primeiro, Das Noticias antecedentes, curiosas, e necessarias das cousas do Brasil. Introdução: 1.º pp. 1 a 178 e 185 a 188; 1.º Livro Primeiro da Chronica... 1.º pp. 1 a 528; 6 ff. inu.; BIE: 16-2-63.

Livro Primeiro, DAS NOTÍCIAS Antecedentes, curiosas, e necessarias, das cousas do Brasil.

SÍNTHA. Contém este livro o descobrimento admiravel do Novo mundo, e si por parte da Nova Espanha, como por parte do Brasil. O modo com que se repartio entre os dous Reys de Portugal, e Castella. A descripção, e demarcação geographica de suas terras, costas, rios, portos, mhos, encostas, e serranias fronteiras ao mar. E a resolução de algũas dvidas curiosas, a saber: Quem foram os primeiros progenitores dos Indios? Em que tempo entraram neste Novo mdo? De que parte vieram? De que nação eram Por onde, e de que maneira entraram? Como naõ conservaram suas cores, lingua, e costumes, seus descendentes?

[...]

10. (p. 9) [col. 1] ["Trato que começaram a ter com os Indios."] Descião [os Indios, por ocasião do descobrimento] a ver como [col. 2] em manadas, ordenados porém a seu modo em sua de guerra; e eram tantos os que ocorrião, que ao principio deuõ cuidado. Porém com sinas, e acenos, e muito mais com dediuas (a melhor falla de todas as nações) de cascaveis, manilhas, pães, espelhos, cousas pera elles as maiores do mundo, vieram a conhecer que nossa entrada não era de mau titulo: fizeram confiança, trouxeram mulheres, e filhos, e filhos [sic.], e trataram logo cõ os Portuguezes fóra de todo o receio: traparam em sua presença mostras de alegrias, a modo de sua gentilidade, galanteados elles e ellas de tintas de

paos e pennas de passaros, fazendo festas, bailes, & jogos, lançando frechas ao ar: & por fim vieraõ carregados de animaes, & aues de suas capas, & de frutas varias da terra, q por naõ vistas outro tãpo dos nossos, naõ podiaõ deixar de agradar. Quando se embarcaua o General, acompanhavaõno cõ mostras de prazer: hião (p. 10) [col. 1] com elle até a praia, hums se metião pella agoa, chegando o batel, outros nadaõno à contenda com elle, outros seguiãno até as naos em jangadas, tudo sinas de amizade, dando a entãder, que lhes era grata sua presença, & q ficavaõ agradecidos de sua boa correspondência. [“Natural docil dos Indios.”] Sobre tudo mostram esta gente natural docil, & domavel; porque assistindo entre os nossos às Missas, & mais actos Christãos dos Religiosos do Seraphico P. S. Francisco, que alli se achãraõ estauão decõtemãte, como passados, notrãdo fazer conceito de bõdade daquellas ceremonias, pãdese de joelhos, batendo nos peitos, leuãtando as maõs, & fazãdo as mais accõs, q viãno fazer aos Portuguezes, como pezarosos de naõ entãderem elles tãbõ o q significãno.

[...]

143. (p. 88) [col. 1] [“Sous instrumẽtos, musicos, m. danças”] Tem tambem [os Indios] seus instrumẽtos musicos. Hũs os fazem de ossos de finados, a que chamaõ cãgoõra³⁰⁸: outros chamaõ muré-muré³⁰⁹: outros maiores cõmmamente de conchas chamaõ nembyguacú³¹⁰, & outros vruocá³¹¹: outros de cana chamaõ nembyapãra³¹². Saõ mui dados a dançar, & saltar de muitos modos, a que chamaõ guai³¹³ em gẽral: a hum dos modos chamaõ urucapy³¹⁴: a outro, dos de menor idade, chamaõ curúpiãra³¹⁵: outro guaibípãye³¹⁶, outro guaibiãbucú³¹⁷. Hũ destes generos de danças he mui solenne entre elles; & ven a ser, que andaõ nelle todos á roda sem nunca mudarem o lugar [col. 2] donde começãno, cantando no mesmo tom arengas de suas valentias, & feitos de guerra, com taes assuuios, palmadas, & patadas, que atroaõ os valles. E pera que naõ desfalleçaõ em accãõ tão heroica, assistem alli ministros destros, que dão de beber aos dançantes cõtinuamẽte de dia, & de noite, até que vãno embebedandose & caindo ora hum, ora outro, & finalmente quasi todos.

144. <...> (p. 88) [col. 2] [“Costumes particulares da nação dos Tapuyas.”] He esta gente dos Tapuyas a mais vagabunda entre todas: andão os sitios quasi todos os dias cõ esta ceremonias. [“Consultas, m. ceremonias q fazem cada dia a cerca do sitio em que hãno de habitar.”] Aa vespora do dia, o Principal de todos faz ajuntar a relé de seus feiticeiros, & adivinhadores, que sempre tem em grande quantidade; & feito concelho com elles, pergunta, acõde será bem que vãno assentar rancho o (p. 88) [col. 1] dia seguinte? & o que hãno de fazer nelle? de que maneira hãno de matar as feras? &c. Quido o oraculo, o modo que tem de partir he nesta forma. Antee que abalem, vaõ todos juntos a lauar-se em rio, ou outra qualquer agoa: feito o lavatorio, esfregaõ os corpos pella areia, lodo, ou terra, & tornaõ segunda vez a lauar-se; & saídos da agoa, vãno-se ao fogo, & ao ar delle vaõ sarjãdo seus corpos cõ dãtes de animal por diuersas partes, até lançarem sangue: & este tem por remedio unico pera euitar o cansaço, que humiãno de ter no caminho. Chegados ao lugar destinado por seus feiticeiros, os que sãno mais mancebos vãno logo ao matto, cortãno ramos, fazẽ barracas toscas, & pequenas, chamadas como elles Tapuyas: & logo estas sãno pouceadas das mulheres, orianças, & bagagem de todos os hauees que consigo trazem. Isto feito, deste lugar (morada que ha de ser de hum dia) partem [col. 2] os homens, hums á caça, outros á pesca, outros a mel-sylvestre; & as mulheres, em demais idade, hãno às raizes de erva, outras às frutas, que possuãno servir-lhes de pão, & jũtamente de vinho. As de menor idade ficãno em casa, & vãno preparando as cousas assẽm como vãno vindo pera sustento commũ de todos. O demais tãpo cãtãno, dançaõ, saltãno, & lutãno.

145. [“Modo de caçar dos Tapuyas.”] He para ver a brevidade, & facilidade com q caçaõ. Ajuntãno-se os caçadores todos (q cõmmamente vẽ a ser muitos cãtos) vãno-se ao lugar destinado, seguindo o oraculo de seus

feiticeiros, despedem algũs dellas, os mais destros, a vigiar as couas, & jazigos da caça; os quaes achados, voltão, & dado pôto, vão todos, & cercão o lugar, & como são em tanta quãtidade, & destros na arte, não lhes escapa fera algũa, por mais ligeira ou manhosa q seja; porq se foge das mãos, ou dos arcos, daõ na boca dos cães caçadores (p. 80) [col. 1] Concluida a caça, logo cõ grande festa daõ com toda ella no meio de seus ranchos, cantando, & bailando; seõlhe ao encontro na mesma forma, as q ficãrão em guarda das choupanas, desentranhaõ as feras (cõto, duzentas, & às vezes mais, segundo o numero dos caçadores, & fertilidade do sitio) & feitas grandes couas cubertas por dentro de folhas, metem nellas os animaes em pedaços, & cubertas de terra, pondo fogo sobre ellas, na maneira como assina dissemos, ficão cozidas, ou assadas, como em forno. <...>

146. [col. 2] [“*Todo o tempo que lhes sobaja de caçar, m. cozer gastão em jogos, cantos m. bailes.*”] O tempo que sobaja do dia, gastão em jogos, cantos, & bailes; & assi vão passando a vida, sem cuidado algum da eterna, ou conta algũa do bem, ou do mal que fizeraõ. Sobre a tarde torna o Principal a consultar seus feiticeiros a cerca do dia seguinte; neste fazem o mesmo, & o mesmo em todos os de mais; & este he seu modo continuo de viver.

147. [“*Modos de furar as orelhas, faces, m. beiços.*”] He singularmente fero entre esta gẽte o modo de furar as orelhas, faces, & beiços. Tomaõ o pobre moço padecẽte, leuaõno como em procissãõ entre cantos & danças; & chegando ao lugar destinado, hũ dos mais nobres feiticeiros amarra de pés & mãos, de maneira q não possa mouerse: & logo entra outro feiticeiro, & com hũ pau duro, & agudo lhe fura as orelhas, faces, ou beiços, segũdo o q pedem os parentes, ou suas boas obras merecõ; planteando õtre tãto as mãys à vista do tornẽto dos filhos; porẽm (p. 81) [col. 1] leuando tudo em bem, por ser açõõ de gloria, a honra da familia.

[...]

Livro Segundo DAS NOTICIAS cyricõas, antecedentes, da couas do Brasil.

SVHNA. Cõtẽm outra parte da resoluçãõ das perguntas curiosas das couas dos Indios. Se chegam a degenerar algũa de suas naçoẽs, de maneira que ponhe o ser de lamera? Que Religiaõ seguem? Se he certo que veio a estas partes S. Thomã, ou outro Apostolo de Christo? Se estando na ignoranciã de sua gentilidade, podiaõ salvarse alguns dellas? Trata da bondade da terra do Brasil? Defende esta das Calumnias, que os Antigos lhe imputaõ de Zona torrida, & inhabitavel: & por fim mostra a bondade do clima, & duvida, se nelle plantou Deos o Paraizo Terreal?

[...]

13. <...> (p. 107) [col. 1] [“*Tẽ algũs vestigios de Deos, m. da outra vida.*”] Os mesmos vestigios ha entre elles da immortalidade da alma, & da outra vida; porque tem pera si, que os varoens valentes, que nesta vida matãrão em guerra, & cozerão muitos dos inimigos; & da mesma maneira as fêmeas, que foraõ tãto ditosas que ajudãrão a cozellos, assallos, & conellos; depois que morrem se ajuntaõ a ter seu paraizo em (p. 108) [col. 1] certos valles, que elles chamaõ câpos alegres (quaes outros Elysios) & alli fazem grandes banquetes, cantos, & danças. Porẽm os que foraõ couardes, & que em vida não obrãrão façanhas, vão a penar com certos maos espiritos, a q chamaõ Anhangas.

[...]

16. (p. 109) [col. 1] ["Seus feiticeiros, *xt* feiticiarias"] Tem grande canalha de feiticeiros, agoureiros, & bruxos. Aquelles (a que chamaõ Payes, ou Careybas) cõ falsas apparecias os engañão, & estes os embruxão a cada passo. Os Tapuyas nesta particular são os peores; porque alã de não conhecerem a Deos, creem inuisiuelmente o diabo em fórmas ridiculas de mosquitos, capos, ratos, & outros animaes despreziveis. Os feiticeiros, agoureiros, & curadores, são entre elles os mais estimados; a estes daõ toda a veneração; & o que dizem, pera com elles he infallivel. Os modos de dar seus oraculos, & adiuinhar o futuros, são varios, & ridiculos: porei hĩ, ou dous, por exemplo. ["Exemplo primeiro de suas feiticiarias. *Chronica del Rey D. Manoel, fol. 41.*"]³¹⁸ Usaõ algũs de hum cabapo a modo de cabeça de homem fingida, com cabellos, orelhas, narizes, olhos, & boca: estriba esta sobre hũa frecha, como sobre pesoço, & quando querem dar seus oraculos fazem fumo dentro deste cabapo com folhas secas [col. 2] de tabaco queimadas; & do fumo que sae pellos olhos, ouvidos, & boca da fingida cabeça, recebẽ pellos narizes tanto, até que com elle ficão perturbados, & como tomados do vinho; & depois de assi animados, fazem visagões, & ceremonias, como se foraõ indemoniados: dizem aos outros o que lhes vẽ a boca, ou o que lhes ministra o diabo; & tudo o que dizẽ em quanto dura aquelle desatino, creõ firmemente, qual se fora entre nós reuelação de algum Propheta. A hums ameaçaõ a morte, a outros más vêturas, a outros boas; & tudo recebe o vulgo ignorante, como ditto de algũa Deidade. Em qualquer lugar que apparece, fazem grandes festas, danças, & bailes, como aquelle que traz consigo espirito tão puro.

17. <...> [col. 2] ["Exemplo segũdo."] Hũ trosso de soldados Portuguezes, que tinha partido em companhia de grande quãtidade de Indios a fazer guerra ao sertão, vio (p. 110) [col. 1] com seus olhos, e depois uniformemente o caso seguinte. Postos em fronteira dos inimigos os nossos, entrãrãõ em duvida, se se havia de acometer, ou não, porq̃ estavaõ intrincheirados fortepente, & cõ melhor partido de defensores. Ex que hum dos Indios, que por nós militamõ, sae a hũ terreiro fronteiro ao inimigo, & ficando na terra duas forquilhas, amarrou fortemente sobre ellas hũa clava, ou maça de pau, que é sua espada, & chamaõ tangapema, toda galãteada de pennas de passaros variadas & cores. Depois que teue amarrada a clava, convocou a muitos dos seus pera q̃ dançassem, & cantassem ao redor della: & acabadas suas danças, & cantos, começou o mesmo feiticeiro a fazer as suas per si só, & ao redor da mesma maça, acrescentado a ellas ridiculas ceremonias, monos, & esgares. Feito isto, chegando-se à espada, ou maça, disse entre dẽtes certas [col. 2] palavras mal pronunciadas, & peor entendidas; & dittas estas, soprando alã dellas tres vezes sobre a espada, de improviso ficou esta solta das ligaduras em que estava, saltou fóra das forquilhas, & foi voando pellos ares com assás de adiração dos Portuguezes, que desejoceros de ver o fin, perseverãrãõ em hum lugar. Cossa espantosa! Dalli a pouco espaço de tempo, virãõ todos, que tornava a vir a mesma espada voando pellos ares, pello mesmo caminho, & á vista de todos se tornava a pôr no próprio lugar, & sobre as mesmas forquilhas; porém com grande diuersidade, porque vinha toda ensangüentada, & estilando sangue, qual se viera de grandes matanças. Ficãrãõ confusos os Portuguezes, porém o feiticeiro contente, & declaroulhes o pronostico a sinal certo de victória: acrescentando, que podiaõ seguros acometer, porque haviãõ de matar os contrarios, & derramar (p. 111) [col. 1] dellas muito sangue. Elle o disse, & o successo o mostrou brevemente, porque matãrãõ sobre quatro mil, e poserãõ em fugida innumeraveis. <...>

Livro Primeiro da CHRONICA da Companhia de JESV do Estado do Brasil. Pello Padre SIMÃO DE VASCONCELOS da mesma Companhia. Natural da Cidade do Porto, Lente que foi na sagrada Theologia, & Provincial no ditto Estado.

SYNOPSIS. Contém a eleição, principio de vida, viagem, & chegada ao Brasil, do Padre Manoel da Nobrega: os fundamentos da conversão das almas, que nelle lançou por si, & por seus companheiros, desde o anno de 1549. até o de 1555. com os principios da fundação do Collegio da Bahia, S. Vicente, Casas do Espirito santo, Pernambuco, & Porto Seguro: & os fins bem-sucedidos dos seruos de Deos Salvador Rodriguez, Leonardo Nunes, Pedro Correia, João de Sousa, Domingos Pecorela, & João Aspilcueta Navarro.

[...]

54. <...> (p. 53) [col. 1] [*"Outra traça de baptizar oõ agoa de hum lenço molhado."*] Quando sabião [os padres], q em algia daquellas aldeas [indigenas, em 1549 na Bahia] havia de haver padecente, hião então a visitalla, & estando lá como a caso, pe-[col. 2]dião licença pera ir ao terreiro, com protesto de ver aquellas suas músicas, & danças: & como esta gente se preza muito de que os Abarés (assi chamão aos Padres) lhe gaben seus bailes, & vozes quando cantaõ, & muito mais que se dignem de serem presões a ellas; no ponto que alli os viaõ, cheios de vanglória, de tal maneira se inbebiaõ na festa, que descuidavaõ por algum espaço do padecente; & logo na tal occasiã chegava-se algum delles ao justicado, & dau-lhe alle brevemente o melhor que podia noticia de nossa S. Fê, persuadindo a contrição de seus peccados, & a pedir o Sacramento do Baptismo: & feito isto, tirando de hum lenço, que leuava enscopado em agoa, e espremendo-lho sobre a cabeça, dizendo a fórma do Baptismo, o deixava Christão; & triumphava com esta santa inuençaõ dos embustes, com que o inimigo infernal enganava esta pobre gente: (p. 54) & com isto por então se contentaõ estes zelosos trabalhadores, até melhor occasiã.

[...]

81. (p. 83) [col. 1] [*"Fes levantar dous Seminarios pers doutrina dos filhos dos Indios."*] Outra coisa acabou oõ os Indios mui necessaria [na Bahia, em 1550]; e foi, que levantassem duas casas em duas aldeas principaes, pera que fossem como dous Seminarios, aonde se ajuntassem seus filhos, & os das mais aldeas, pera haerem de ser catequizados com maior comodo, & perfeição: á imitação de outro Seminario, que leuan-[col. 2]tara o Padre Nobrega jũto à cidade, de que logo diremos. Forão estes Seminarios meio efficaz; porque em breue ficarão os meninos mestres dos pays em todo o genero de doutrina Christã²¹⁰; que era força q espalhados elles por suas casas, cantando de dia, e de noite, cõposta em sua propria língua, a communicassem a todos. E o que foi coisa mais notavel, que tendo, por mandado dos Padres, cuidado cada qual dos meninos em sua casa de visitar qualquer que estivesse doente, & rezar sobre elle a Orapão do Padre nosso; aconteceu por vezes, com a boa fê destes innocentes, obraremse curas milagrosas, de que os Indios ficauão admirados, & com maior conceito da fê que professanos.

[...]

83. (p. 85) [col. 1] [*"Leuanta o Padre Nobrega oõ suas proprias mãos hum Seminario junto à cidade, para criação dos meninos na doutrina Christã."*] Junto à cidade [da Bahia, em 1550] tinha tambem a industria do Padre Nobrega, & seus companheiros, levantando casa de Seminário com suas proprias mãos, & trabalho Neste criaõ, & sustentavaõ quantidade de meninos filhos dos Indios, & mestiços da terra, em bons costumes, & doutrina

Christã, com muito fruto, & ajuda das almas: porque faziaõ tãta estina deste Recolhimento que de todas as partes concorriaõ meninos, em tal numero, que parecia já impossivel sustentallos. Aqui aprãdiaõ a lêr, escrever, contar, ajudar á Missa, & doutrina Christã²²⁰: & os que estavaõ mais prouectos sahiaõ em procissoens pellas ruas, entoando em canto de Solfa²²¹ as Oraçoens, & mysterios da Fê, compostos em estylo²²². <...>

[...]

118. (p. 106) [col. 1] [*"Vai em crescimento o Seminario dos meninos."*] O Seminario, ou Cõfraria dos meninos filhos dos Indios [na Bahia em 1552], & mestigos, hia em crescimeõto maravilhoso. Tinha cuidado delle o P. Salvador Rodrigues, cõ cuja doutrina florescia com louvor de todas as virtudes Salaõ & procissoens todos jũtos pella cidade, cãtãdo as Ladainhas, & Oraçoens da doutrina Christã & cãto de Solfa, cõ tal modestia, & religiãõ, q leuuaõ os olhos de todos: & começaõ a pretender os Portugueses aggragar seus filhos a ellas, pera sairẽ bem doutrinados. Outras vezes hião em procissaõ da cidade atẽ suas próprias aldeas leuãdo sua Cruz leuãtada, [col. 2] & cãtãdo as mesmas deuapões em lingua Brasilica; cõ sũmo gosto & alegria dos pays, que de nenhũa cousa mais se prezauão. [*"Indios sãõ grãdes amigos do canto, nã he hã meio de sua cõuersãõ."*] Nenhũa outra satisfaz tãto a esta gẽte, como a doçura do cãto: nella poẽ a felicidade humana. Chegou a ser opiniãõ de Nobrega, que era hũ dos meios, cõ q podia conuerterse a Gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; & por esta causa ordenou se lhe pusesse em Solfa as Oraçoens, & documẽtos mais necessarios de nossa S. Fê; porque á volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a intelligẽcia das cousas do Ceo²²³. <...>

[...]

125. (p. 112) [col. 1] [*"Teve grandes contrastes na costa de S. Vicente, nã vltimamente indose ao fundo o navio, escapou por milagre"*] Do porto do Espirito Santo partio a Frota do Governador [Tomé de Sousa, em 1553], & foi auistar o Rio de Janeiro: <...> pello que proseguio a viagem a S. Vicente, em cuja costa teue varios contrastes; <...> & com effeito, por juizo occulto [col. 2] do Alto, o [navio] em que hia o Padre Nobrega, á vista de todos foi ao fundo: <...> atẽ que houve occasiaõ, em que lançados hums Indios às ondas o tomãraõ em braços, & puseraõ a salvo na terra de hum ilhote que alli jaz o Oceano: a este o vieraõ depois buscar, & foi leuado á villa de S. Vicente pellas ruas & praças, com applauso do povo, & Cidadãõs, & naõ menor alegria dos Padres, que o receberãõ com Te Deum laudamus, como a homem concedido do Ceo²²⁴.

[...]

128. (p. 115) [col. 1] [*"Castigo notavel que asepou dar o Padre Nobrega a hum mestigo que cõmetteo deshonestidade."*] Porẽm aqui he digno de notar o successo de hum destes mestigos [amealucos, que serviam nas igrejas]. Tirada seuera informaçãõ, achou o P. Nobrega, que delinquira: cõũceoo, exaggeroulhe a culpa, & a pureza da Companhia, em cuja casa estava; e depois de feito capaz, disselhe assi: Irmãõ meu, a fealdade do peccado que cõmetestes, & o azbrãuo q com elle fiz estes á Companhia, só pãde satisfazerse com que sejais enterrado viuo: tende paciencia, pedi perdãõ a Deos, confessai, & comun-[col. 2]gai; porq a nenhũa a taes horas se ha de abrir sepultura na Igreja, & se vos ha de fazer Officio, & cantar Missa de defũtos, & haueis de ser enterrado viuo. Começou a tremer o pobre mestigo; & como conhecia a inteireza, & resoluçãõ de Nobrega, deose por acabado: confessou, comungou, & ao tempo assinalado dobrãrãõse os sinos, celebrãuse o Officio de defuntos, & disse a Missa o P. Manoel de Palma de corpo presente amortalhado, (suspensa ao tal spectaculo muita gẽte Portugueses, & Indios, & ainda parentes do penitenciado:) & sendo acabado o Officio, & Responsorio vltimo (como he costume) foi botado na coua, & depois de algũta terra em sina lanpouse de joelhos o Irmãõ Pedro Correa (que só sabia em segredo a intẽçãõ de Nobrega) pedindo cõ lagrimas perdãõ por aquelle peccador, de quem já

podia esperarse que viuiria como resuscitado dalli em diante. Ao Irmão (p. 116) [col. 1] seguirão todos os presentes; a cujos rugos o Seruo zeloso, que não pretendia mais que metter espanto, & mostrar a pureza da Companhia, vaeu de misericordia, & mandou que fosse desterrado, & desmortalhado, deixando liure, porém despedido da companhia dos Religiosos, q dalli em diante se absterão de receber semelhante gēte, nem ainda pera o serviço da Casa. E ficou o sujeito presente por toda a sua vida com o nome de Fulano da Coua²²⁵.

[...]

157. (p. 135) [col. 2] [*"Traduzia em linguas vulgares, & romões pios, os lascivos, porque cantassem estes, & desterrassem os Profanos."*] Era destro [*"o Irmão Joseph de Anchieta", na Bahia em 1554*] em quatro linguas, Portuguesa, Castelhana, Latina, e Brasilica; em todas ellas traduzio em romões pios, com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que então andauão em vso; cō fruto das almas, porque deixadas as lasciuas não se ouia pellos caminhos outra cousa senão cantigas ao diuino, conuidados os entendimentos a isso do (p. 136) [col. 1] suauo metro de Joseph²²⁶. <...>

[...]

161. (p. 137) [col. 1] [*"Os filhos dos Indios do Seminario de S. Vicente, ajudam muito a conversão dos pays, & parentes."*] Pera mais facil ca[col. 2]theicismo de tanta gēte, ordenou o Padre Nobrega [*da Bahia, em 1554*] que viessem da villa de S. Vicente aquelles meninos filhos dos Indios, que como já dissemos, tinhaõ ali criado os Padres em Seminario de boa doutrina, & sabiaõ já ler, escrever e catar muitos delles²²⁷; foraõ estes de grande ajuda a toda a sua gente, continuão na nova aldea sua escola, & ajudão a beneficiar os Officios sagrados²²⁸ em câto de orgão, cō destreza, & instrumētos musicos (o mór gosto, & incitamento, q podia hauer pera os pays.) As traças que vsavão, erão as seguintes. Iuntauão-se à noite a cantar pellas casas cantigas de Deos em propria lingua, cōtrapostas às que elles costumauão cantar vãs, & gentilicas: com os Padres ajudauão a cathequizar: na escola instruião aos seus iguaes, assi em doutrina, como em ler, escrever, & cantar; & vinhaõ a ser quasi mestres destes. Todos os dias pella manhã no fim (p. 136) [col. 1] da escola cantauão na Igreja as Ladinhas dos Santos; & à tarde a Salve Rainha, com outras pias Orações emanto de orgão: às sextas feiras apoutauão-se com disciplinas, que todos faziaõ de linho de cardos; duas vezes no dia dauão lição da Doutrina Christã, & em breue tempo nesta fórma foraõ bautizados com toda a solemnidade possivel passante de trinta destes meninos (& eraõ mais de cento os que esperauão semelhante fortuna) com grande festa, & applauso, & não menos exemplo dos pays: com os quaes com tudo os Padres hiaõ mais deagrar, porque arraigassen bem nas cousas da Fé, & desarraigassen de seus ritos gentilicos, especialmente das muitas mulheres, e vinhos, que saõ os vicios que mais costumã perturballos, & instigallos a grãdes desarranjos. Nestes vicios a nenhuma tinham mais contrarios que seus propri[col. 2]os filhos; porque estes, com zelo já Christão, vigiam os pays, & os accusauão aos Padres, & ajudauão a lhes quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.²²⁹

[...]

166. (p. 164) [col. 1] <...> Corria o principio de Janeiro, do presente anno [*de 1555*], e foraõ-se às escondidas dos Padres quantidade de Indios da aldeas de Piratininga a hum lugar por nome Iaraibatigba, acorda tinhamo preparado grandes vinhos pera brindar-se sobre as carnes de hum Tapuya, que haviaõ de matar, & comer em terreiro. [*"Castiga o Padre Nobrega seueramente os Indios por matar em terreiro, & comer carne humana."*] Obrarão seu intento liuremente, porque ficauão muito distātes dos Padres: porém voltando não se achāraõ tão folgados; porque o Padre Nobrega reuestido da ira do zelo de S. Paulo, depois de reprehender graueamente o atreuinte em hoões já Christãos, os mais delles, lhes deu penitencias mui graues; & entre ellas,

que não entrassem na Igreja até [col. 2] não irem todos disciplinados de não commi (como o foraõ em suas festas abominaveis) pedindo perdão ao Senhor, que tinham offendido. Quem vira o arrependimento destes Indios, & a facilidade com q' aceitáraõ as penitências, diria, que não havia gente mais apta para o Reyno de Deos. Forão todos, sem repugnancia alguma, disciplinandose: hiaõ diante delles seus filhos cantandolhes as Ladainhas, & Psalmo Miserere: & depois de feita a penitencia, & reconciliados á antiga graça dos Padres, voltáraõ logo ao vomito. ³³⁰

[Livro Segundo DA CHRONICA da Companhia de Iesv, do Estado do Brasil.]

[SUMMA. Continuam os trabalhos do Padre Manuel da Nóbrega, e seus companheiros, já em mais número, com grande fruto na cultura das almas, desde o anno de 1555, até o de 1562. Entre os mais obreiros avulta o Irmão José de Anchieta, prodigioso; e o Padre Luís de Grã, segundo provincial do Brasil. Dá-se noticia das guerras dos Portuguezes contra os francezes na entrada do Rio de Janeiro. Da fundação daquela cidade, e colégio dela. E tocam-se os trãsitos á melhor vida de nosso S. Patriarca Inácio de Loyola, del-Rei João o Terceiro, e dos Irmãos Bartolomeu Adão, e Mateus Nogueira] ³³¹

[...]

B. (p. 176) [col. 1] [*Modo que guardão os Padres na Doutrina dos Indios, nas aldeas em que residem.*] Deste tempo em dian-[col. 2] te se começáraõ a meter nas aldeas [da Bahia, em 1556] Escolas de meninos, de ler, escrever, cantar, & doutrina Christã, cõ a mesma perfeição dos que estão no Seminario; de cujo sprouetamento já dissemos. O modo de ensinar, que nellas se vivava, & ainda hoje persevera nas almas do Brasil (com pouca variedade em algumas dellas) he o seguinte. Rospõdo a manhã, em se ouvindo pella aldeia o sino q' tange á Missa, todos os meninos della se vão ajuntar na Capella mór da Igreja, aonde postos de joelhos, em coros iguaes, entoão em voz alta louvores de Iesu, & da Virgem; dizendo os de um coro: Bendito, & louvado seja o santissimo nome de Iesu: & respondendo os do outro: E o da bemaventurada Virgem Maria Mãy sua pera sempre, Amen: & logo todos juntos: Gloria Patri, et Filio, et Spiritu sancto, Amen. E nisto continuãõ até chegar a Missa. Chegada esta, a ouzua em silencio; & aca-[col. 1] bada ella (idos os mais Indios) esperaõ elles no mesmo lugar o Religioso que tem cuidado delles, o qual lhes ensina as oraçoens da Doutrina Christã em voz alta, & após esta da mesma maneira os mystérios de nossa santa Fé, em Dialogos de perguntas & respostas, compostos pera este effeito em lingua do Brasil, da santissima Trindade, oração do mundo, primeiro homem, Encarnação, Morte, & Paixão, Ressureiçãõ, & mais mystérios do Filho de Deos, do luizo vniuersal, Limbo, Purgatorio, inferno, Igreja Catholica, &c. E ficão taõ destros, que pódem ensinar, & ensinão com effeito em suas casas aos pays, que sãõ mais rudes ordinariamente (supposto que também estes, & as mãys tem sua particular doutrina todos os dias santos, & Domingos na mesma Igreja, com praticas accomodadas sobre ella.) Acabada a Doutrina, tornaõ a dizer os meninos a coros: Lou-[col. 2] vado seja o santissimo nome de Iesu. Respondem os outros: E o da santissima Virgem Maria Mãy sua pera sempre: Amen. E logo esperaõ que os mandẽ, & vão todos juntos a suas escolas, a ler, escrever, ou cantar: outros a instrumentos taõ destros, que ajudão a beneficiar as Missas, & procissoens de suas Igrejas, com a mesma perfeição que os Portuguezes. (A cuja vista achando-se presẽte hũ Bispo, naõ pode ter

as lágrimas, considerando a capacidade que nunca imaginara em tais sujeitos.) Nestas escolas gastão duas horas da manhã, & outras duas horas da tarde, tornandose-lhes a tanger o sino, a q pontualmente acodem.

7. [*Modo como encomendão as almas do Purgatorio os meninos das aldeias.*] Tãgêdo às Ave Marias da noite, torna-se ajutar à porta da Igreja, & daqui forma-se procissão com Cruz levantada diante, & postos em ordem vão cantando (p. 178) [col. 1] pellas ruas em alta voz cantigas santas em sua lingua, até chegarem a hã Cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encomendão as almas do Purgatorio na forma seguinte, em sua lingua propria. Fiéis Christãos, amigos de Iesus Christo, lêbramos das almas, que estão penando no fogo do Purgatorio: ajuda-las com hum Padre nosso, & Ave Maria, para que Deos as tire das penas que padecê. E respondê todos: Amê. Rêzão em alta voz o Padre nosso, & Ave Maria, e voltão com a mesma procissão, & canto até a portaria dos Padres, onde por fim entoão, & respondem como assina: Bendito & louvado seja o sãtissimo nome de Iesu, &c. esperão que os mandem, & mandados se vão a suas casas³³².

8. [*Occupação que os Padres tem com os Indios.*] Este he o exercicio dos meninos: o dos Padres he o que se segue. Bautizão os innocentes, catequizão os adultos, administra-lhes o Sacramento de Matrimonio na Ley [col. 2] da graça, & o da Eucharistia aos que são capazes: ensina-lhes a boa intelligencia, observancia, & perfeição de todas estas cousas. Defendem sua liberdade, curaõ suas doenças, preparãoos para bem morrer, sepultão em suas Igrejas os que morrem, com a solemnidade de enterro dos mais pontuaes Portuguezes, com tumba, procissão, Cruzes, velas acesas, Confrarias. E sobre tudo discorrem, & penetraõ os sertoes, prégandolhes o caminho do Ceo, trazendoos, & introduzindoos na santa Igreja.

9. He bẽ q digamos tãbẽ o q os Indios fazẽ. He esta gẽte tanto mais fácil em aceitar a Fé do verdadeiro Deos, quãto menos espenhada está cõ os falsos; porque nenhũ conhece, ou ama, que possa roubar-lhe a afeição. Seus idolos sãõ os ritos suessos de sua Gẽtilidade, multidão de mulheres, vinhos, odios, agouros, feitiçarias, & gula de carne humana: vécidos es-(p. 179)[col. 1]tes, nenhuma repugnancia lhes fica para cousas da Fé: & porque he tão admiravel a majestade, & consonancia das obras do verdadeiro Deos, que ellas mesmas estão prégando ao entendimẽto mais rude (quãdo a afeição não está impedida) que sãõ dignas de toda a creença. Assi que vécidas as difficuldades dos ritos, he muito para louvar a Deos, ver nesta gẽte o cuidado com que os já Christãos acodem a celebrar as Festas, & Officios divinos³³³. Sãõ afeicoadissimos a musica; e os que sãõ escolhidos para Cantores da Igreja, prezãose muito do officio, & gastão os dias, & as noites em aprender, & ensinar outros. Sãõ destros em todos os instrumentos musicos, charmelas, frantas, trombetas, baixões³³⁴, cornetas³³⁵, & fagotes³³⁶: com elles beneficião em canto de orgão Vesporas, Completas³³⁷, Missas, Procições, taõ solõnes como entre os Portuguezes.

10. <...> (p. 180) [col. 1] [*Praxiões da perfeição do culto divino*] Os sabbados à tarde acodem [os meninos indios] à Igreja, & cantão devotamente a Salve da Virgem Senhora nossa em canto de orgão, com seus cirios nas mãos: & todas as segundas feiras pella manhã os Responsorios dos defuntos, encomendando com o Sacerdote suas almas a Deos ao fim da Missa. <...>

[...]

102. (p. 205) [col. 2] [*Chegado às aldeas baptiza incansavelmente, & celebra muitos Matrimonios na Ley da graça.*] Nesta maneira chegou o Padre Gran a hua das aldeas mais antigas [da Bahia, em 1561], por onde lhe pareceo começar [os batismos dos indios], & foi a S. Paulo. Achou feita a Igreja hum bosque, arnada de ramos, & flores, segundo a possibilidade dos q a preparavaõ. Aqui lhes agradeceu o bem que se tinha applicado às cousas della; & lhes fez pratica do que mais importava a sua salvação, da efficacia dos Sacramentos da Igreja Catholica; & feito exame, achando muitos

instruídos nos mysterios da Fé, começou a baptizallos cõ a mór solemnidade possível de ornamentos Ecclesiasticos, apparato de padrinhos, & ceremonias santas da Igreja, porque fizessem elles conceito (p. 251) [col. 1] da grandeza do que recebiaõ, & entrassem os outros em novo fervor de procurar o mesmo. Desta passou à aldea de Santiago pouco distante, donde obrou na mesma fôrma: & dahi à de S. João, onde achou o Padre Gaspar Lourenço, & o irmão Sinão Gonçalves. Aqui saíraõ os catecumenos com Cruz alçada a receber o padre fóra de poucado passante de meia legoa, com músicas, festas, coroas na cabeça, como em symbolo da esperanza do dia feliz de seu Baptismo. Chagrou o Padre Prouincial, baptizou em hum dia 173. & em outro 113. depois dos quaes celebrou grande numero de Matrimonios na Ley da graça, renunciadas as mais mulheres de seu Gentilismo³⁰⁰.

103. [col. 2] [*"Continúa com a visita das aldeas."*] Nesta [*"ilha de Itáparica"*] entrou [*"o Padre Graa"*] na vespõra [3 de maio de 1561] da Inuençaõ da Santa Cruz de Mayo; & aqui lançaõ os catecumenos a barra sobre todas as outras aldeas, porque saíraõ grande espaço fóra a receber o Padre Prouincial em fôrma de procissão mais deuota que todas, com hila grande Cruz que muitos delles leuauão às costas, & os de mais cantando e coros, ajoelhándose a passos diante della, adorandoa (p. 252) [col. 1] com deuacão, & reuerencia, até encontrar com o Padre Prouincial: <...> Ao dia seguinte [5 de maio] da Inuençaõ da S. Cruz, matriculou [*"o Padre Prouincial"*] no liuro da milicia della pelo santo Baptismo cento & setenta & tres catecumenos, ordenou Escola, assinando Mestre, com quem os meninos aprendessem, à volta da ler, & escrever, a Doutrina & costumes Christãos: logo se ajuntáraõ a esta passante de trezêtos³⁰⁰.

[...]

107. (p. 254) [col. 1] Porém o inimigo não cansa: entra o outro dia, & cõ elle outro embuste. Ao tempo que estava o Padre Prouincial celebrando o santo Sacrificio da Missa, com [col. 2] a mór solemnidade possível [na aldea do Bon Jesus], & pera que com mais apparato celebrasse tambẽ os Matrimonios, que pera então guardára: virendo-se depois do Offertório ao pouo, & tendo já tomado a mão a hã dos contrahêtes, indo tomar a da esposa, de improviso todos quantos estauão na Igreja estremecerão, & se levantáraõ, & deraõ a fugir, qual se fora hum bando de aues á vista de algũ fero gavião, & com tão desusado impulso, que não atinando com as portas, saiaõ pelas proprias paredes (eraõ ellas de palha) até ficar desèparado o Templo. Foraõ forçados sair apos elles os dous Acolitos, que ajudauam à Missa, assi reuestidos como estauaõ, a reduzillos, & aquietallos, deixando só em o Altar o Missacantante pegado àquele a quem tinha tomado a mão, que escapamente pode reter. Porém nem nesta terceira tragedia pode preualecer o inferno; porque os dous Acolitos reduziraõ a to (p. 255) [col. 1] dos, fazendoos a seu modo capazes, que não havia fundamento algũ pera tal desordem. Tornáraõ à Igreja, continuáraõ os Sacramentos, ficando frustrado o enganador, que posto q̃ pôde perturbar, não pode impedir. Viose aqui hum ridiculo espectáculo, que mostrou bem de quẽ procedia; porque os noivos, que pera esta festa se tinhaõ enfeitado, quando voltaõ vieraõ descompostos, mijos, esfarrapados, da desordem com que tinhaõ fugido, & dos lugares em que se tinhaõ escondido.

108. [*"Parte a outra Gentilidade, assenta com ella sitio pera duas aldeas."*] Apenas tinha acabado com a poucação do Bon Iesu o Padre Prouincial, quando chegáraõ Embaixadores de certos Gentios, que habitauão dez legoas mais ao Norte, a pedir Padres. Não cometia semelhâtes empresas a outro o nosso incensuel Obreiro: partio elle mesmo com os Embaixadores, & por mais que preuenio suiso, foi festejado dessa gẽ-[col. 2]te sobre todas as outras; porque quando menos o cuidou, muito antes que chegasse a ella, ouiuo que atrombão as mttas multidaõ de vozes incompõstas; reparou, & eraõ cantigas a modo do sertão, com que saiaõ a darlhe as boas vindas, homens, mulheres, & meninos. Vinhaõ em ordem, os meninos primeiro, em segundo lugar

os varoens, & no terceiro as mulheres; galanteados todos com enfeites de pennas de passaros, pedras nos beijos de cores diferentes, & marchando ao som de seus costumados instrumētos²⁴⁰.

[...]

Livro Terceiro, DA CHRONICA da Companhia de Jeov do Estado do Brasil.

SINHA. Cōtém a continuação da Historia desde o anno de 1562. até o de 1588. A notavel missão do Padre Nobrega, & Joseph de Anchieta, a fim de levantar pazos às terras dos Tamoyos. A dotação do Collegio da Bahia. A fundação da Casa dos Ilheos. O progresso, & fim das guerras do Rio de Janeiro, fundação daquella Cidade, & Collegio della. A visita que fez nesta Prouincia o Padre Ignacio de Azevedo, até voltar por Procurador a Roma. A morte do Padre Diogo Laynes segundo Geral da Companhia, a quem succedeo o S. Padre Francisco de Borja: & a dos Padres Diogo Iacome, & Antonio Rodrigues.

[...]

127. (p. 379) [col. I] Na instrucção dos filhos dos Indios foi extremado [o irmão Antônio Rodrigues, em 1568]: ensinualhes por sua mesma lingua a policia de que eraõ capazes, & à volta da Doutrina Christã, ler, escrever, cantar, & tanger instrumentos musicos para o culto diuino, porque em tudo era destroz: & era em tal fórma, que elles sós officiaão destramente todas as festas da igreja. <...>

[...]

Livro Quarto DA CHRONICA da Companhia de Jeov, do Estado do Brasil.

SINHA. Cōtém a Historia notual do martyrio insigne dos 40. Martyres da Companhia de Jeov do Brasil, Ignacio de Azevedo, & seus companheiros, com breue summa de suas vidas. A morte ditosa do Veneravel Padre Manoel da Nobrega, Fundador, & primeiro Prouincial desta Prouincia; & suas heroicas virtudes. E o Poema da Vida da Virgẽ Senhora, noua cōposto por modo admiravel, pello Veneravel Padre Joseph de Anchieta; prometido no Livro terceiro desta Obra para este lugar.

[...]

15. <...> (p. 386) [col. 2] ["Procissões das santas Cruzes."] Todos os dias de manhã, antes, ou depois da Missa [em Val de Rosal, Portugal, no ano de 1568], leuava [o P. Inácio de Azevedo] a Comunidade em procissão pello campos; porque á vista do aneno dos aruoreos, & das flores, despertasse os animos ao louor do Criador dellas. Saão todos cãtando as Ladeinhas, corredo certas Cruzes distantes, & ao pê destas postos de joelhos acabauão entoando em canto de ór(p. 387)[col. I]gão, Dalos ligam, dulcos claxes, etc. & concluía o Padre Ignacio com tres Orações, hã da Cruz, outra do Rey, & a terceira, Respice, quæsumus Domine etc. <...>

[...]

20. (p. 401) [col. 2] ["De seus exercicios pera com os da nao"] Não só entre si, tãbê no comêns [da nau em viagem do Porto para o Brasil, antes de sua morte em 15 de julho de 1570], exercitauão os nossos pios officios. Todos os dias ensinuaõ a Doutrina Christã: acudiaõ a ella todos os da nao, desde o Capitaõ até o gurumete menor: folgauão de responder, leuados de premios q' lhes dauaõ. Aa tarde cõtauaõ as Ladainhas & musica (p. 402) [col. 1] de orgão: os Domingos, & Festas leuantauão Altar com ricos paramentos, & com a Imagem santissima pintada por San Lucas; & dizia o Padre Ignacio Missa, se não consagrando (por consideração dos perigos do mar, & uso daquelles tempos) fazendo com tudo no mais aquelle santo Sacrificio com a mór sollemnidade possivel³⁴¹. <...>

21. [col. 2] Constaõ a Frota de sette naos, & hãa caruola: hia toda junta em cõserua, & tanto à falla, que podião cõmunicarse hãa cõ os outros: de dia festejauiamõ cõ saluas de artilharia: ["Cantaõ os nossos prosas deuotas."] e porq' de noite houuesse tãbê (p. 403) [col. 1] algum aliuio do espirito, mandava o Padre Ignacio cantar alguns Musicos que leuaua, os Irmãos Magalhaens, Aluaro Mendes, & Francisco Peres Godoi, ao som de hãa arpa, prosas deuotas; & era a musica tão sentida & saudosa de noite sobre o mar, que fazia levantar os espiritos, & atrahia a si os nauios, que para ouilla se chegauão mais perto: o Padre Ignacio subia ao Ceo, rompia em lagrimas, & pareciaõhe aquellas as vespõras das alegrias que cedo esperaua. [...]

87. (p. 443) [col. 2] ["Cantaõ os nossos prosas deuotas"; "Anno do Senhor de 1570"] O Irmão Francisco Peres de Godoy Castelhamo, natural de Torrijos Bispo de Salamanca, com muitas feridas lançado viuo ao mar. <...> [...]

88. <...> (p. 445) [col. 2] & foi, que pediria [Francisco Peres de Godoy] ao Pa-(p. 446)dre Ignacio de Azeuado quisesse leuallo pera o Brasil, onde mais se soffria defeito semelhante, & se recompensaua com o espirito que sentia de ajudar aquella Gentilidade, & outras partes de boa sciencia de Direito Canonico, & Canto de orgão, em que era versado³⁴². <...> [...]

82. <...> (p. 447) [col. 1] O Irmão Aluaro Nêdes Portugues, natural da cidade de Eluas, Estudante, ao mar viuo. <...> [...]

89. <...> (p. 446) [col. 2] O Irmão Francisco de Magalhaens Portugues, natural da villa de Alcaçar do sal, Estudante, ao mar viuo. <...> [...]

134. (p. 466) (p. Nuvv) [col. 2] ["Zelo do culto diuino."] Em todo o genero de culto diuino era [o P. José de Anchieta, em 1570] exactissimo: faltauão naquelle tãpo ornãmẽtos ricos, mas com os pobres de que vsava nossa Igreja, se esmeraua sua limpeza, & perfeiçaõ. Frequentemẽte dizia (p. 467) [col. 1] Missa solenne em canto de orgão, pera maior louvor de Deos, & exercicio santo dos Indios, que ajudauam a officialia cõ suas vozes, & instrumentos musicos, em que andauão destros. <...> [...]

308. Frei OMEFF, por ALÍPIO MARQUES DA SILVA AYRESA (*Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 200), A. LEMOS BARROSA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1955, p. 44) e LUIZ CALDAS TIBIRICÁ (*Dicionário tupi-português*, 1994, p. 80), dão à canjeira as tradições "espinha", "ossa" e "ossada". TEODORO SAMPAIO (O tupi na geografia nacional, 1937, p. 214), que escreve "Cangera", traz: "corr. Canga, os ossos, a ossada". FREDERICO G. EHELMESSE, em nota à Informação de SAMPAIO (nota 168, p. 142), comenta: "Em tupi, kanga é ossos; kanguira - ossada, esqueleto, espinha. O sufixo -ira (e não

glória) indica o pretérito, no caso vertente, tirado do corpo, e não o plural, que Teodoro Sampaio nele quer ». é, de fato, o instrumento de sopro que os cronistas do séc. XVI, sobretudo LERY e THEVET, informam ser construídos a partir dos ossos dos indígenas, ou de animais. Cf. também MÁRIO DE AMORIM (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 92) e LUIZ COSME (Dicionário musical, 1957, p. 24).

309. ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA [Tesoro de la lengua guaraní, 1639, f. 217r] escreve "Mburé mburé", traduzindo por « Vna especie de trompeta ». MÁRIO DE AMORIM (op. cit., 1989, p. 353), que escreve "Mursaré", cita afirmação de BONALVES DIAS, segundo o qual este instrumento seria feito de ossos humanos, o que não se desprende de VASCONCELOS. A cunhara sia, teria essa constituição.

310. ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA (op. cit., 1639, f. 222r) dá « Mbihi. Flauta, chirimia. y cosa semejante » e (f. 128r) « Buach. Grande, grueso, ancho ». LUIZ CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 132) traz « mibhygama - esp. de flauta grande », concordando com MÁRIO AMARAL SAMPAIO (Vocabulário guarani-português, 1986, p. 104): « Mbihi. Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: kúh, tarará, apará, guará ». Cf. também PEDRO SINZIS (Pelo mundo do som, 1959, p. 366). SIMÃO DE VASCONCELOS, neste trecho, o inclui entre « outros maiores chamados de conchas », a dita indicação conhecida acerca de sua constituição.

311. ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA (op. cit., 1639, f. 402r) dá « Vrupuá, caracol de agua ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 157) diz: « urupá - caracol » e LUIZ CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 188) traz tanto o « urupá - caracol, caramujo de urupá, coisa redonda, enrolada », quanto « urucá - instrumento de música feito de caramujo grande » e « urupá - instrumento de sopro feito de casca do caramujo ». TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 341) e MÁRIO AMARAL SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 174) também dão para « urupá » o significado de caracol na bôcio. Os musicólogos, como RENATO ALMEIDA (História de música brasileira, 1942, parte I, cap. 11, p. 37) e MÁRIO DE AMORIM (op. cit., 1989, p. 345), geralmente escrevem « urucá » e indicam tratar-se de espécie de chocalho ou guizo dos marajoaras, construído com material diferente das conchas marinhas. VASCONCELOS é claro ao incluí-lo entre « outros maiores chamados de conchas », corroborando as informações dos musicólogos, notadamente TIBIRIÇÁ.

312. Frei OMEFRE, por PLÍNIO NUNES DA SILVA AYRESA (op. cit., 1934, p. 236) escreve « Maby apára - clara ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 189) dá « mabyapara » por « trombeta », enquanto LUIZ CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 132) usando a mesma grafia, indica neologismo para « trompa, trobeta ». Por fim, informa MÁRIO AMARAL SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 104): « Maby. Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: kúh, tarará, apará, guará ». Alguns escrevem maby-tará, como se vê em MÁRIO DE AMORIM (op. cit., 1989, pp. 329-330) e PEDRO SINZIS (op. cit., 1959, p. 323). SIMÃO DE VASCONCELOS dá clara indicação de sua constituição, ao informar que « outros de cana chamão mabyapára ».

313. ANTONIO RUIZ DE MONTUÑA (op. cit., 1639, f. 128r) dá « Buahé. r. Canto de los Indios, agualé, yo canto ». A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 65) escreve « guahé » e traduz por « dança cantada », assim como LUIZ CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 105). MÁRIO AMARAL SAMPAIO (op. cit., 1986, p. 42), que usa a grafia « Buahé », diz « Uivo. Mito do índio ». Por fim, informa TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 240): « Buahé. O canto chorado dos índios quando recebem o estrangeiro e o homenagear. É também dança em geral ». Cf. também PEDRO SINZIS (op. cit., 1959, p. 281) e MÁRIO DE AMORIM (op. cit., 1989, p. 249).

314. JOHANN NIEBUHR é (Johann Niebuhrs Entdeckungsreise Brasilien von 1682, p. 217) também dá este termo como nome de dança: « Da hebben zy veracheide wijzen van dansen: welker een Wruapí genoemd wordt » (« Há diversas maneiras de bailar, uma das quais denominam Wruapí »). Mas LUIZ CALDAS TIBIRIÇÁ (op. cit., 1984, p. 188) diz « urucapy - esp. de instrumento de sopro dos Tupinambá », provável erro deste autor, uma vez que TEODORO SAMPAIO (op. cit., 1987, p. 341) confirma as informações de VASCONCELOS e NIEBUHR: « Urucá-py, o pí de urucá, a dança do gentio ao som ». De fato, A. LEMOS BARBOSA (op. cit., 1955, p. 132) traduz "Py" por « soprar, tocar », de acordo com o significado que dá SAMPAIO para « urucapi ». Se pense desses dados, podemos supor também uma variante urucapy, segundo a grafia geralmente aceita para o instrumento de sopro.

315. A palavra parece mesmo significar dança de crianças. Contudo, esse termo não foi encontrado entre os tupinólogos e, muito menos, entre os dicionaristas.

316. PEDRO SINZIS (op. cit., 1959, pp. 280-281) transcreve, no verbete Guahipáia, um texto de CARLOS BONDIN, sem citar a fonte: « dança indígena (P. S. Vasconcelos). Bonalves Dias escreve guahipáia, e afirma que é dança dos pagés, o que também é confirmado pelo Dr. Melo Morais. Deve ser a dança religiosa formada de um grande círculo, tendo no centro os pagés, cada qual com um maracá na mão direita e o racheado de palha na esquerda. Parece fora de dúvida que as danças dos índios eram sempre executadas ao som de instrumentos e cantos, como se pratica nos sambas, e daí se origina talvez a palavra guah com a denominação de canto, e outros com a de dança ».

317. Também aqui, PEDRO SÍNIO (op. cit., 1959, p. 260) transcreve informação de CARLOS BOMBIN, sem qualquer referência bibliográfica, escrevendo "Buhabupu, quibibabupu, dança indígena": « Gonçalves Lins escreve quababupu e chama-a dança dos chefes e valentes guerreiros. Esta dança deve ser a que executavam antes de entrar em combate, no som do maracá, cujo círculo consultavam para saber se tinham boa sorte; era uma dança guer. religiosa ».

318. VASCONCELOS cita a « Chronica del Rey D. Manuel, fol. 41. » Encontramos informação semelhante no livro II, ff. 54r-54v da *De Rebus Emmeritis Regis Iustitiam Inviolatam Virtute Et Aspicia...*, de JERÔNIMO DESEIO (Lisboa, Antonio Gonçalo, 1571).

319. Conheçamos vários livros, publicados em Lisboa no séc. XVI, que contêm versões brasileiras da doutrina cristã, e cujas orações mais cantadas eram o *Pater noster*, a *Ave Maria* e o *Grado*. São eles: ANTÔNIO DE ARAÚJO - *Catecismo na língua brasileira...* (Pedro Craesbeck, 1618) e *Catecismo brasileiro da doutrina cristã...* (Miguel Deslandes, 1686); JORD FELIPE BETTENDORFF - *Compendio da doutrina cristã na língua portuguesa e brasileira...* (Miguel Deslandes, 1676). Agora estas, é importante mencionar as outras versões contidas nestes textos pelos seguintes autores: ANTOINE THEVENET - *en sua Cosmographie Universelle* (Paris, Guillaume Chaudiere, 1575); YVES D'ENNEID - *Suite de l'Histoire...* (Paris, François Huby, 1613). Na língua cariri escreveu LUDOVICO MONTANT *DELLE ROVERE o Catecismo da doutrina Christã na língua brasileira de nação kiriri...* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1676). O primeiro documento conhecido que atesta essa prática é a carta de JOSÉ DE ACHUELA de 12 de Janeiro de 1564 (f. 11), onde se lê: « Doctrinae christianae quae habent decantant et arithmeticae regulis frequenti disputatione, praemissis invitati, insulant » (« Atráidos pelos prêmios, enviaam grande esforço nas frequentes disputas a respeito da doutrina cristã, que decoram cantando e das regras da aritmética »).

320. Cf. a carta de MANUEL DA NÓBREGA, de 5 de julho de 1559 (ff. 3-4).

321. Por "solfa", entende RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VII, 1720, p. 706) « As notas da musica ». O canto de solfa é aquele realizado com o auxílio da notação musical. NÁDIO DE ABERCÉ (*Dicionário musical brasileiro*, 1909, p. 463) assinala a variante "solfa cantado".

322. VASCONCELOS cita, aqui, « Oriand. l. II. n. 77 ».

323. VASCONCELOS cita « Oriand. ibid. n. 71 ». Cf. a « Relação da missão da Serra de Ibiapota », de ANTÔNIO VIEIRA (1659, f. VII) e a carta dos MENINOS DEUS, de 5 de agosto de 1502 (f. 13).

324. VASCONCELOS cita « Oriand. l. 13. n. 63 ».

325. VASCONCELOS cita « Joseph, cap. 38 ».

326. Cf. « Vita R. P. Josephi Archidiaconi (Coloniae Agrippinae, 1617), de SEBASTIANO BERETTANI » (livro I, f. 33, p. 74) e a tradução espanhola *Vita del Padre Joseph de Archidiacono* (Salamanca, 1618), livro I, cap. VI, f. 2, p. 50.

327. Cf. a carta de MANUEL DA NÓBREGA, de 5 de julho de 1559 (ff. 3-4).

328. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 48) informa « Offício. Aquella parte do Breviário, que os Ecclesiasticos tem obrigação de rezar todos os dias. (...) O officio hora he duplex, hora semiduplex, e hora simplex ».

329. VASCONCELOS cita « Apont. de S. Vicente fol. 7 ».

330. VASCONCELOS cita « Apont. de S. Vicente f. 10 » e « Insciamini, e nolite peccare, Pauli ».

331. Pela falta das pp. 170 a 174, extrairam-se « Suma » deste « Livro segundo » da p. 31 da edição de 1977. Cf. VASCONCELOS, SÍNIO DE - *Crônica da Companhia de Jesus*, 38, 1977, v. II.

332. Os ff. 6 e 7 deste livro II da *Crônica* foram compostos pela ampliação dos ff. 4 e 5 do livro II, cap. VII da *Vida do P. João d'Almeida*, de SÍNIO DE VASCONCELOS (Lisboa, Officina Craesbeckiana, 1658).

333. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 48) dá: « Offício Divino. A rezar dos Ecclesiasticos no coro, o sacrificio da Missa na altar, com as ceremonias da Igreja ». NÁDIO DE ABERCÉ (*Dicionário musical brasileiro*, 1909, p. 367) completa: « Conjunto de orações e canções religiosas. Offício divino é o mesmo que missa ».

334. Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 72), o "basas" é « instrumento musico de asopro ». F. J. FAYES (*A música ao alcance de todos*, 1858, p. 131) informa que « Uma de vezes em Alemanha é um contra-basso do fagote e são a nitava inferior d'este ». A mesma informação é transcrita em DOMENOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, v. I, 1871, p. 707), que o define como « Fagote, instrumento musico de pino, de sopro e palheta, que constitui o baixo do obô », acrescentando que já é « Terço actualmente em desuso ». Foi citado por ISRAEL MENTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 40) e descrito por TÓMÁS RORRA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 131): « instrumento de palheta dupla da família das charamelas, que se usou nos séc. XV, XVI e XVII como baixo natural dos instrumentos de sopro. O seu emprego era limitado quase só ao serviço das igrejas, para acompanhamento do canto eclesástico, sobretudo nas procissões; mas fez parte também de algumas bandas militares ». Estes autores, como muitos outros, citam também o "baixocinho" JAIME DUMI (uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII, 1972, p. 40, nota 34) concorda com essas descrições, ao falar (p. 12) do Frei Manoel da Luz (1635-1743), « português que professou na Bahia » e que « tocava baixo ». Há um bom verbete também no MFRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1999, p. 40).

335. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1722, p. 550) diz apenas « Corneta de pastor ». JOSÉ DA ANDREIA e J. I. RODRIGUEZ (*Dicionário de língua portuguesa*, c. 1948, p. 310) dão « trombeta de caçadores », enquanto FRANCISCO SOLANO DOMÍNGUEZ (*Novo dicionário crítico e etimológico de língua portuguesa*, 1963, p. 316) traz « buzina, instrumento de corna ou de sardia, usado dos rústicos e caçadores ». ERMES VIEIRA (*Dicionário Musical*, Lisboa, E. Gama Musical, 1890), citado por PEDRO SINZIS (*Pelo mundo do som*, 1959, pp. 180-181), diz: « espécie de trompa dos sécs. XVI e XVII, de madeira ou de sardia. Eram compostas de pedaços esalhetados uns nos outros, sendo as de madeira cobertas de couro, a fim de terem maior duração. Possuíam seis orifícios, com os quais se obtinha uma escala de quinze notas. O bocal era de sardia ou de ponta de boi ». A julgar pelos dicionaristas, uma das diferenças entre a corneta [pequena corna] e a trombeta [pequena tromba] é o fato da última ser metálica, enquanto a primeira não. Porém, as referências às cornetas, quando não se trata de erro de tradução, são raras nos documentos que se referem ao Brasil dessa época. E teriam funções semelhantes às trombetas, se levarmos em conta o trecho extraído da « Tragédia de Amélia » [1533], de BIL VIENTE (*Capitulos de todas as obras*, 1903, v. II, livro III, pp. 79-80): « Entra o Correo, tocando a corneta, e diz el-Rei Lisuarte: (...) Siete Reyns muy principales, cada uno de se tierra, con trompetas y estandartes reales, contra vos pregonan guerra ». Cf. a GRAMER IV.

336. Assim como no caso das dogainas, mencionadas por FERNÃO BUESEIRO (*Relação anual*, livro IV, cap. I, f. 112v), são raras as referências diretas aos fagotes no Brasil dessa época. Além desta citação de SÍMIO DE VASCONCELOS e, repetida na *Vida de venerável padre José de Anchieta* (Lisboa, João da Costa, 1672), no livro III, cap. VI, § 6, p. 164, encontramos-a apenas em DOMINGO DE CARLI e ITI *meo trasportato nell'inclita città di Venetia*, 1672, livro I, cap. V, § 10): « Il tutto poi [em Pernambuco, 1667] veniva animato dallo spirito di quelle corde, e dal fiato di quei spiriti, che tastaggiato, e ispirati animavano quelle Arpe, Fagotti, e Cornetti à recitare le sacre lodi ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1733, p. 14) diz: « Instrumento Musico de asopro. He de pino, e se dobra em duas partes. Veja-se os Curiosos ao P. Kirker na sua Musurgia [ATTHANGIUS KIRCHER - Musurgia Universalis... (Roma, 1650)] part. I. pag. 500, à 501. acorda para se dar melhor a entender, lhe chama, Fagottus ». PEDRO SINZIS (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 256) dá no séc. XVI a origem do fagote, « as grandes dimensões levaram o cónego Afrânio degli Albonesi, de Ferrara (1525), a dobrar o longo canudo, juntando-o ao feixe, "fagotto". ¶ Por seu ser muito mais brando, teve, durante longo tempo, o nome de obolcan ou dulcian ». TÓMÁS RORRA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 407) acrescentam: « Praetorius dá-o como aparecido já no séc. XVI. (...) Quase todos os musicógrafos são actualmente de parecer que o fagote é um derivado directo do baixo do obô, que, excessivamente comprido de corpo, recebeu, para se tornar viável, uma sensível curvatura, que depois foi sucessivamente aperfeiçoada, transformada ou melhorada pelos fabricantes da especialidade, que lhe deram definitivamente a forma e os recursos de que hoje dispõe e que são muitos ». Segundo a documentação da época, preferia-se o termo baixão, que englobava a dogaina e o fagote, apesar dos nomes indicarem instrumentos diferentes. No Brasil, sem uso é raro no séc. XVI, tornando-se mais difundido na segunda metade do século XVII. Cf. a GRAMER II.

337. De acordo com MANUEL NUNES DA SILVA (*Arte músical*, 1704, parte III, cap. II, regra I, p. 16), « No Coro se cantam Missas, as sette Horas Canonicas, que são Vesperas, Completas, Matinas, com Laudes, Prime, Terça, Sexta, Noa ». é a hora da noite, a última em que se recita o ofício divino ou breviário.

338. VASCONCELOS cita « Sect. I, §. 8. n. 280 ».

339. VASCONCELOS diz « Ibid. n. 282 ».

340. VASCONCELOS indica « Ibid. num. 290. & 291. ».

341. No § 66 do livro IV, SINDO DE VASCONCELOS relaciona as obras publicadas até então, que contêm informações sobre o episódio que envolveu Indio de Azevedo. Outros autores continuaram abordando esse assunto depois de VASCONCELOS, como PIERRE POUESINES - *De vita et actis P. Ignatii Azevedii et sociorum eius a Societate Iesu...* Libri sextus (Rome, Typographia Varesii, 1679); CARLO LUDOVICO - *Narratione Della Vita Del Venerabil P. Ignazio D'Azevedo, E della Morte del medesimo...* (Roma, Giorgio Placho, 1732); [JULIO CESAR CORDOVA] - *Relazione Della Vita, E martirio del venerabil padre Ignazio de Azevedo...* (Roma, Antonio de' Rossi, 1743); GILLES FRANÇOIS DE BEAUMAIS - *La vie du venerable Pere Ignace Azevedo...* (Paris, Hippolyte-Louis Guerin, 1744); DANIELE BARTOLI - *Della vita e della gloriosa morte del P. Ignazio de Azevedo...* (s.l., s.ed., s.d.).

342. De acordo com a documentação da época, Francisco Peres de Godoy teria realmente bons conhecimentos de música, e era intenção da Companhia de Jesus utilizá-lo na conversão do gentio. JUAN EUSEBIO NIERENBERG (*Ídeas de virtud en algunas claras varones de la Compañía de Jesus*, 1643, p. 257), citando o « Padre Luis de la Puente, en el cap. 20 de la vida del Padre Baltasar Alvarez », afirma que Godoy « tenía especial gracia en tañer una harpa, lo qual quizá sería de algun provecho, para domar la fiereza de aquellos Indios salvajes ».

DIONIGI DE CARLI

(? - após 1680)

LIVRO: O MARO TRANSPORTADO À ILUSTRE CIDADE DE VENEZA. Reggio, 1672.

NOTA BIBLIOGRÁFICA Segundo RUBEN BOREN DE MORAIS (Bibliographia brasileira, c. 1933, v. 1, p. 153), a primeira edição deste livro é de Reggio, 1672, para a qual não indica editor. Segue-se o Viaggio di Padre Michael Angelo de Gualtini da Reggio (Bologna, Giuseppe Loughi, 1674), a Relation Curieuse et curieuse d'un Voyage de Congo... (Lyon, Thomas Anselmy, 1680), o Il mare trasportato... (Bassano, Gio. Antonio Roscadin, 1687) e o Der nach Venedig überbrachte Meer... (Augsburg, Lorenz Krügers, 1693).

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BOREN DE MORAIS (op. cit., c. 1933, v. 1, p. 153) informa: «Michael Angelo de Gualtini, born in Reggio Emilia, and Dionigi de Carli, born in Piacenza, were two Capuchin missionaries sent to the Congo. They sailed from Lisbon and called at Pernambuco (pp. 15-30 and 90-106), where they spent several months [...] (...) The letters which Gualtini wrote to his father occupy the greater part of his work. The remainder was written by Father Carli, and describes the success of his mission. He also gives information about the country in general, its climate, manners and customs of the natives, etc.». Pelo texto de CARLI, sabe-se que partiu de Bolonha, chegando a Gênova em 1666 e em Lisboa pouco antes de 2 de abril de 1667. No mesmo ano já está em Pernambuco, do qual parte em 2 de novembro de 1667.

EDIÇÃO UTILIZADA: IL MERO Transportato Nell' Inclita Città Di Venetia, | O Vero | Curioso racconto de Costumi, Riti, e Religione | de Popoli dell' Africa, America, Asia, | & Europa. | Raccontati dal Molto Reverendo Padre | Dionigi Carli Da Piacenza | Predicatore Capuccino, e Missionario Apostolico | in quell parti. | Diviso In Doi Libri. | Comacato | All' Augusta, Et Immortal Repubblica | Principe Serenissimo, | Et | Eccellentissimo Senato | Di Venetia. | [grav.] | In Romano, M. DC. LXXVII. [1677] | Appreso Gio: Antonio Roscadin. | Con Licenza De' Superiori, E Privilegio. [BIBL 12-c-3; 6 ff. ima., 402 pp., 9 ff. ima., 23 x 16 ca].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

TEXTO ITALIANO

IL MERO Transportato Nell'
Inclita Città Di Venetia,
O Vero Curioso racconto de
Costumi, Riti, e Religione
de Popoli dell' Africa,
America, Asia, et Europa.
Raccontati dal Molto
Reverendo Padre Dionigio
Carli da Piacenza
Predicatore Capuccino, e
Missionario Apostolico in
quell parti. Libro Primo.

Navigazione al Mondo nuovo,
et alla Città di
Pernambuco. Cap. IV.

TRADUÇÃO

O Maro transportado à
ilustre cidade de Veneza,
ou curiosa relação de
costumes, ritos e religião
do povo da África, América,
Ásia e Europa. Revisada
pelo muito reverendo padre
Dionigio de Carli, de
Piacenza, predicador
capuchino e missionário
apostólico naquelas partes.
Livro primeiro.

Navegação ao mundo novo, e
à cidade de Pernambuco.
Cap. IV.

[...]

[2.] (p. 16) Per ordine inalterabile si praticava da tutti giornalmente questo in Vascello Sonata la Diana co Tamburri, e l'Ave Maria con la Campana, tutti li Ragazzi (erano dodici) uniti si portavano a dar il buon giorno al Capitano; nel vestirsi del quale in concerto sonavano le trombe; e dopo a gl'officiali, e poscia a tutta la brigata; nel qual mentre si preparavano li Sacerdoti, ch'erano sei, per celebrare le Sante Messe, all'assistere delle quali concorrevano tutti devotamente con la Corona, Rosario, o Officio nelle mani: nazione veramente fra tutte l'altre devotissima. Terminate le Messe, si faceva colazione, per più resistere al moto del Mare; poscia ciascuno ripigliava il suo proprio esercito, chi di Soriano, chi di Dispensiero, nel dar a tutti la sua ratione, e l'istess'acqua a misura, e per lo più puzzolente, e verminosa; chi di Calzolaio: chi di Sarto, di Falegname, di Febro, di Cuoco, e simile. De Passaggieri, chi dormiva, chi giuocava, chi sonava, essendovi più di 50. Chitarre, da Portoghesi chiamate Viole; chi discorreva, chi pescava, chi sfaceva, e faceva delle corde; <...> Mentre poi pranzava il Capitano, toccavano le Trombe in concerto, dopo unitamente si rendevano le gratie a S. D. M., e riorati per qualche poco di tempo, <...> Verso, le venti tre hore pure si dava il segno con la Campana, per unirsi a recitare le Litanie della Beata Vergine, con altre Preci; ogni Sabbatho, o vigilia di qualche San-(p. 17) to si faceva un Sermone in lingua Portoghese, per essere tutti indifferentemente. Dopo sino all'Ave Maria, ogn'uno conforme al suo genio, con qualche lecito trattenimento ingannava l'otio. Cenato con l'ordine sopradetto, e sonata l'Ave Maria, di nuovo tutti si radunavano, compartendosi le genti in due Classi (l'Arbero Maestro serviva

[...]

Nuna ordem inalterável, praticavam-se diariamente estas coisas no navio [português, antes de chegar à ilha da madeira, em 1667]: tocava-se com tambores a alvorada e com o sino a Ave Maria; todos os rapazes (eram doze) iam juntos dar o seu bom dia ao capitão; ao se vestirem, tocavam as trombetas em concerto, fazendo o mesmo para os oficiais e depois para toda a brigada, enquanto se preparavam os Sacerdotes, que eram seis, para celebrar a santa missa, que, para assisti-la, concorriam todos devotamente, com a coroa, rosário ou ofício nas mãos. Nação verdadeiramente devota esta, entre todas as outras. Terminada a missa almoçavam, para melhor resistirem ao balanço do mar. Voltavam, depois, cada qual à sua função, escrivães, dispenseiros, dando a todos a sua ração e água muito bem medida, geralmente suja e contaminada, sapateiros, costureiros, carpinteiros e cozinheiros. Entre os passageiros, que eram mais de 50, haviam os que dormiam, os que jogavam, os que tocavam guitarras, chamadas violas pelos portugueses, os que conversavam, que pescavam e faziam cordas. <...> Enquanto o capitão jantava, tocavam as trombetas em concerto e, em seguida, davam-se graças a S. D. M., recreando-se, então, por algum tempo, <...> Às 23:00 horas, dava-se o aviso com o sino, para se juntarem e recitarem as ladainhas da Virgem Maria, com outras preces; todos os sábados ou vigílias de dias santos, fazia-se um sermão em língua portuguesa, por serem todos portugueses, exortando à confiança e à comunhão, que faziam todos indiferentemente. Após a Ave Maria, cada qual, conforme seu gênio, entregava-se a entretenimentos lícitos para enganar o ócio. Após cenarem com a ordem referida, tancada a Ave Maria, juntavam-se todos novamente, dividindo-se em dois grupos (servindo o mastro principal como

per segno) & à Coro si recitava in lingua Portoghese à tutta voce in bellissimo concerto cinque poste del Santissimo Rosario, con grandissima diuotione, silentio, e compositione, col capo scoperto, non ostante fossero à Ciel aperto, cosa, che ci faceua restar ammirati per il tanto spirito, e sentimento di Dio in gente la maggior parte di Mare; <...>

[...]

Discurso del Brasil, e
costumi di quelle genti
Cap. V.

[...]

[10.] (p. 28) Per vn tal giorno nella Chiesa Maggiore, chiamata il Corpo Santo, per solennizzare la Festa del Santissimo Rosario fecero vn apparato veramente vistoso: (p. 27) Tutta la Chiesa con il soffitto era coperta di spaliere di color giallo, ne comparti, diuisi per le pitture in bellissimi suolazzi pendevano aggiustati drappi pretiosi dell'Indie, e tutto l'addobbo si vedeua bizzarramente rabescato oò nastri de Seta di color di fuoco in tanta quantità, che per detto seruicio ne haueuano posto in opera vinti milla braccia, e tutto appeso con gl'aghi. Il Gran Tabernacolo era amantato di seta, e d'oro tutto di fiamme, che illuminato dal chiarone di vn passamano d'argento, abbeuinaua la vista, quasi si mirasse al naturale nella propria sfera del fuoco. Il tutto poi veniuo animato dallo spirito di quelle corde, e dal finto di quei spiriti, che tasteggiate, & ispirati anieauano quelle Arpe, Fagotti, e Cornetti à decantare le sacre lodi, Et acciò che il tutto riesca con ordine, e senza confusione in tal solennità, frà tutti della Città eleggono vno de più ricchi Mercanti, qual' è con la persona indefessa assiste, e con la borsa aperta soccorre ad'ogni qualunque dispendio, che gli viene ambiciosamente in capriccio; Il

referência) e recitando a coros e em lingua portuguesa, com vozes plenas, cinco passagens do Santissimo Rosário, com enorme devoção, silêncio e compostura, senada nas suas cabeças, apesar de estarem a céu aberto, coisa que fazia admirar, pelo espirito e sentimento de Deus em gente, a maioria do mar. <...>

[...]

Discurso do Brasil, e
costumes daquela gente.

[...]

Para uma festa na igreja maior, chamada do Corpo Santo, destinada a solenizar a comemoração do Santissimo Rosário [em Pernambuco, 1667], fizeram um aparato verdadeiramente vistoso. Toda a igreja, inclusive o forro, estava coberta de ornamentos amarelos, organizados e divididos por pinturas em belíssimas soleiras, com ajustados e preciosos tecidos pendentes da Índia, todos os ornamentos bizzarramente enfeitados com fitas de seda com cor de fogo, em tanta quantidade, que para esse serviço puzeram-se a trabalhar vinte mil braços, com o uso de agulhas. O grande tabernáculo era ornado de seda e ouro, como fogo, que, iluminado pelo clarão de um castiçal de prata, ofuscava tanto a vista quanto o olhar direto e ao natural para a própria esfera de fogo. Tudo isso, então, vinha animado do espírito daquelas cordas e do sopro daqueles espíritos que, tocando e soprando, davam vida àquelas harpas, fagotes e cornetas, discantando os louvores sacros. Achando que tudo corria em ordem e sem confusão na solenidade, elegeram, entre todos os da cidade, um dos mercadores mais ricos, que acode aos indefesos e, com a bolsa aberta e com qualquer dispêndio, socorre a todos que a ele vêm em capricho. O Patrono, que fez a dita festa se jurou ter gasto

Padrone, che fece la già detta, mi
giurò d'hauer speso solo nè fuochi
della sera antecedente quattro
milla ducati, in tal modo però.
<...>

[...]

4 mil ducados somente nos fogos de
artificio da véspera. <...>

[...]

SIMÃO DE VASCONCELOS

(c. 1596 - 1671)

LIVRO: VIDA DO VENERÁVEL PADRE JOSE DE ANCHIETA. Lisboa, João da Costa, 1672.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Esta biografia foi reeditada apenas em 1903 (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional), com o mesmo título. VASCONCELOS baseou sua obra em documentos jesuítas, em biografias anteriores de JOSÉ DE ANCHIETA e em sua própria *Cronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, de 1663, transcrevendo, inclusive, trechos completos, sem alterações. As primeiras biografias de ANCHIETA foram as de GUAJIBO CARRA & (1596) e PEDRO RODRIGUES & (1607), ambas manuscritas. Porém, muitos autores dedicaram livros ou partes de livros à vida do "apóstolo do Brasil". Os trabalhos completos mais conhecidos, que antecederam a obra de VASCONCELOS são os seguintes (sem contar suas reedições): SEBASTIÃO BERETTINI & - *Josephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti Vita...* (Lugduni, Horatii Cardon, 1617); ESTEVAN DE PATERNA - *Vida del Padre Joseph de Anchieta...* (Salamanca, Antonio Ramirez Viota, 1618); *Eloge du P. Joseph Anchieta...* (Paris, s.ed., 1624); SCIPIONE SEPMATA - *Elogio del P. Giuseppe Anchieta...* (Napoli, per Scoriggio, 1631); [GIORGIO BATTISTA ASTRUA] - *Vita del Padre Giuseppe Anchieta...* (Bologna, Herede del Benacci, 1643); MANUEL MONTEIRO - *Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta...* (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1660). Outros livros sobre o assunto continuaram sendo publicados, sem acrescentar qualquer dado novo à biografia do jesuíta, como os que se seguem: BALTHAZAR ANCHIETA - *Compendio de la vida de el apostol de el Brasil...* (Terns de la Frontera, Juan Antonio Tarazona, 1677); *Vita Del Venerabil Servo Di Dio P. Giuseppe Anchieta...* (Roma, Incaret al Corso, 1738); ANTÔNIO FRANCO - *Vida do Admirável Padre José de Anchieta...* (Rio de Janeiro, João Lopes da Cunha, 1898).

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA | do Veneravel Padre | Joseph de Anchieta | da Companhia de Iesu, | Terceiro | de Mano Mado, na | Província do Brasil. | Componta | Pellos P. Simão de Vasconcellos, da mesma Companhia, Lento de Prima se sagrada Theologia, & | Provincial que foi na mesma Província, | natural de Cidade do Porto. | Dedicado ao Correal | Francisco Gil d'Arvalho. | Em | Lisboa. | Na Officina de João de Costa. | M. DC. LXXII. [1672] | Com todas as licenças necessarias. [28 x 19; 15 pg. inu.] | 593, 95 pg.; 1 est.; 60x: 20-4-7).

LIVRO PRIMEIRO DA VIDA DO P. JOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTÉM OS ANOS DE SUA PUECRIA; de sua entrada na Companhia de Iesu; partida para o Brasil, & Capitania de São Vicente; & do que nestas partes obrou, sendo Irmão sem Ordens sacras até a era de 1556.

CAPITULO V. Modo da pobreza, & ordens com que assentou casa, & escola nos campos de Piratininga; como igualmente ensinava a lingua latina; & aprêdia a dos Indios, & atendia ao bem das almas; & contase um caso milagroso, & celebre de suspensão da chuva.

[...]

5. (p. 28) ["Tradusio por todas as linguas em romões pios, os lasciuos, porque cantassem estes, & desterrassem os profanos."] Em quatro linguas era destro [o P. Anchieta, na 1ª metade de 1556], na Portuguesa, Castelhana, Latina, & Brasilica, em todas ellas traduzio em romões pios³⁴³, com muita graça, & delicadeza, as cantigas profanas, que andavam em uso, com fructo das almas; porque deixadas as lasciuas, não se ouia

pellos caminhos outra cousa, senaa cantigas ao diuino, conuidados a isso os entendimentos do doce netro de Ioseph³⁴⁴.

[...]

CAPITULO VI. Modos varios com que conuerteo muitas almas, per si e seus discipolos: & modos varios, com que o inferno o pretendia estoruar.

[...]

4. (p. 29) <...> [*"Traços de Ioseph na conversão dos Indios."*] Havia em S. Vicente hum Seminario de muitos filhos dos Indios do sertão de Piratininga, que os Padres lhes tinham pedido para criá-los na doutrina Christiana: Estauam estes ja bastantemente instruidos na fé, ler, escrever, & cantar: [*"Modo pera os campos os meninos do Seminario em ajuda dos Indios."*] Foy traça de Ioseph, que viessem estes meninos pera os campos encorporarse com seus discipolos em fauor, & ajuda dos Paes, cõ o effeito, que logo veramos. Continuauam estes na noua Aldea sua escola, ajudauam a beneficiar os officios diuinos em canto de organ, & instrumentos musicos. (O mor gosto e incitamento, que podia auer para os Paes, que ja ali estauam, vindos de seus sertoes.) [*"De quãto foy a ajuda destes mininos"*] Espelhauamse a noite pellas cazas de seus parentes, a cantar as cantigas pias de Ioseph em propria lingua contrapostas às que elles costumauão cantar vaãs, & gentilizas: Com os Padres ajudauam a cathequizar: Na escola instruian aos seus iguaes, na doutri-(p. 30)na, ler, escrever, & cantar; & vinham a ser Mestres os que ainda eram discipolos; todos os dias pela manhã, no fim da escola, cantauam na Igreja as Ledeinhas dos santos, & a tarde a Salus de Nossa Senhora, com outras pias oraçoens em canto de organ: ³⁴⁵ <...>

[...]

CAPITULO VIII. Dos mais discipolos da escola de Ioseph, além do Irmão Pedro Correa.

[...]

8. (p. 43) [*"Do Irmão Gregorio Serran, & seus enconios"*] O terceiro Discipolo de Ioseph, [*em Piratininga, entre 1554 e 1556*] <...> foy o Irmão Gregorio Serran <...> E que sendo ainda Irmão, com occupação do estudo, tinha cuidado de huma das Aldeas daquelles campos, juntamente com o Irmão Manuel de Chaves, afim de estudar a lingua & ajudar aos filhos dos indios, nos costumes da fé, ler, escrever, & cantar³⁴⁶. <...>

LIVRO TERCEIRO DA VIDA DO P. JOSEPH DE ANCHIETA da Companhia de Iesv. CUNTEM OS ANOS QUE GOVERNOR na Capitania de S. Vicente, como Reitor daquelle Collegio e das causas de Santos, & S. Paulo, amezas: e juntamente os que na mesma Capitania continuou por subdito E as cousas admiraveis, que ahi lhe succederam, até quasi o anno de 1578.

CAPITULO VI. Do grande espirito de missões de Ioseph, & dos fauores extraordinarios, que nellas faria o Coo: especialmente da cecia perdida, de que escoupo com milagre: e de outra virada de que sahio sem se molhar, nem seu Breuiario.

[...]

3. (p. 162) [*Modo de ensinar os Indios em suas Aldeas.*] O modo com que os primeiros missionarios ensinam os Indios já baptizados, ou catecúmenos, & reducidos à Aldeas sujeitas à Republica, he o seguinte. Rompendo a manhã em se ouvindo pella Aldea o sino, que tange à Missa, todos os meninos se vão ajuntar na Capella mór da Igreja acode postos de joelhos, em coros iguais, entoam em voz alta louvores de Iesu, & da Virgem: dizendo os de hñ coro: Bendito, & louvado seja o santissimo nome de Iesu, & respondendo os do outro, & o da bem afortunada Virgem Maria may sua para sempre. *Amen.* Elogo todos juntos dizem, Gloria Patri, & Filio, & Spiritu sancto. *Amen.* E nisto continuam até chegar a Missa: chegada esta, ouvem o silencio, & acabada ella idos os mais Indios esperam elles no mesmo lugar o Religioso, que tem cuidado dellas, o qual lhes ensina as orações da doutrina Christã, em voz alta, & apoz esta, da mesma maneira os mysterios de nossa santa fé, em dialogo de perguntas, & respostas. (composto para esse effeito em lingua do Brasil) da santissima Trindade, creação do mundo, primeiro homem, Encarnação, Morte, Paixão, Ressurreição, & mais mysterios do Filho de Deus, do Juizo universal, Limbo, Purgatorio, Inferno, Igreja Catholica, &c. E ficam tan destros estes meninos, que ensinam depois aos pais tem sua doutrina particular, todos os dias santos, & (p. 163) Domingos, na mesma Igreja com praticas sobre ella, acabada a doutrina tornam a dizer os meninos a coros: louvado seja o santissimissimo nome de Iesu, respondem os outros, & o da santissima Virgem Maria may sua para sempre. *Amen.* E logo esperam que os mandem, & vão todos juntos a suas escolas aler, escrever, ou cantar: Outros à instrumentos musicos, segundo o talento de cada hum. E saem no canto & instrumentos tan destros, que ajudam a beneficiar as Missas, & procissões de suas Igrejas, com a mesma perfeição que os Portuguezes. Nestas escolas gastam duas horas da manhã; outras duas da tarde³⁴⁷.

4. [*Modo de encomendar as almas do Purgatorio*] Tangendo as Ave Marias da noite, tornasse ajuntar à porta da Igreja, & daqui formam procissão com cruz levantada diante, & postos em orden, vão cantando pellas ruas em alta voz prosas santas em sua lingua até chegarem a uma cruz destinada, a cujo pé postos de joelhos encomendam as almas do Purgatorio, na forma seguinte. Fieis Christãos amigos de Iesu Christo lembrai-vos das almas, que estão penando no fogo do Purgatorio; ajudai-as com hum Padre nosso, & hũa Ave Maria, para que Deus as tire das penas que padecem. & respondem todos. *Amen:* Rezam em alta voz o Padre nosso, & Ave Maria, & voltam com a mesma procissão, & canto até a portaria dos Padres, onde por fim entoam, & respondem como assina; & esperam que os mandem, que sem isso não vão E neste há o exercicio dos meninos³⁴⁸.

[...]

8. (p. 164) [*San afeiçãoados à musica*] Há muito para louvar a Deus, ver nesta gente o cuidado com que os já Christãos acodem a celebrar as festas, & officios divinos: San afeiçãoadissimos à musica, & os que san escolhidos dos Padre para cantores da Igreja, prezam muito do officio, & gastam os dias, & as noites em aprender. Saem destros em instrumentos musicos, charangas, flautas, trombetas, baixões, cornetas, & fagotes; com eles beneficiam em canto de organa vespores, completas, Missas, procissões tan sollemes, como entre os Portuguezes. [*Amigos do culto divino*] Presense de que andam bem adornadas suas Igrejas de ornamentos, Cruzes, alampadas, castiçais, turibulos, Confrarias & tudo o mais que pertence ao culto divino das mesmas Cidades: & folgam de ser os primeiros que contribuem para estas peças, espendendo para isso seu suor, & trabalho; & há entre elles falta notada, possuir cousas de preço, sem que repartão com a Igreja nos dias de festa arnã suas Igrejas nos dias de festa arnã suas Igrejas, com erandados aprasiueis de eruas, & flores, que tal vez excedem às sedas; & não ha algum

por mais respeitado que seja, que em semelhantes occasioens, nan cense, & sue. Sera tido como por sacrilego entre elles, deixar de acudir a huma das festas por mais distantes que estejam: os sabados à tarde cantan na Igreja deuotamente a salve da Virgem Senhora Noessa, em canto de organ com seus liuros³⁴³ nas mãos: & todas as segundas feiras pella menha os reponsorios dos defuntos, encomendando com o Sacerdote suas almas a Deos, no fin da Missa. Na Quaresma fazem seus sepulchros, que elles mesmos pintan: tocam disciplinas de sangue correndo os passos pella semana santa. E sobre tudo ~~com~~ zelosos por ordinario de confessar, & comungar; & envergonhandose muito entre os outros aquelles, que nan tem idade, ou capacidade para isso.

[...]

LIVRO QUINTO DA VIDA DO P. JOSEPH ANCHIETA da Companhia de Iesu. CONTEM OS ANOS QUE PASSARAM depois de ser Provincial, até sua ditosa morte, que foy em doze, desde o anno de 1585. até o de 1597. & as obras maravilhosas, que em todo este tempo obrou.

CAPITULO XV. Sentimentos dos Indios na morte de Joseph, & como foy por elles levado à Vila em procissão de plentom.

[...]

3. (p. 349) [*"Leuã o corpo defunto em procissão 14 ou 15 legoas"*] Queran em fin de partir [*de Beritiba para o Espírito Santo, a 11 de junho de 1597*], formaram procissão com pompa funeral, Cruz alçada diante, o Padre Ioañ Fernandes reuestido com alua, estola, & grande multidão de Brasis; postos em ordem, & em canto fúnebre: [*"Nas sentê pezo, ou cãpasso os que o leuã & acõpanha"*] & (p. 350) sendo caminho de quatorze, ou quinze legoas foy ouza auãriguada, que nahum dos que carregaram [*o corpo do P. Anchieta*], sentio pezo, ou cãpasso algum, antes consolacão, & aliuio.³⁴⁴ [...]

8. (p. 351) [*"He leuado pellos Confrades da Misericordia até as partes de nossa Igreja."*] Ordenouse pois a procissão cõ todo o aparato possiuel daquelles Cidadõens que dezaçauam fazello supremo Leuamão o corpo nas andas sobreditas, os Confrades de S. Misericordia até a porta de nossa Igreja, & dai o recolherão Sacerdotes da Companhia Fizerañhe exequias de tres nocturnos, & musica solemne de instrumẽtos, o Prelado Administrador, Clero, & Religiosos de S. Francisco. O seguinte dia cantaram a Missa, & pregou nella o Prelado louvores conuenientes a tan grande defunto: Chamoulhe bemauenturado, Apostolo do Brasil, Missionario santo, & referio algumas de suas maravilhas, excitando a memoria dellas aquelle povo tan affeicoadõ, que se derretia em lagrimas.

[...]

343. Do "Romance", Informa RAFAEL BLUTERU (Vocabulário português e latino, v. VII, 1720, p. 366): « toda a composição de seu metro he em redondillo inteyro, o qual nem tem consoantes, nem consta de certo numero de versos, porque se pode ampliar, ou encurtar, conforme a materia ».

344 . VASCONCELOS faz, aqui, referência à « Chron. do Bras. tom. 1. liv. I. f. 133. n. 156 ». Este trecho foi extraído da *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1663), do próprio VASCONCELOS (Crônica, livro I, § 157, p. 135), já utilizada por SEBASTIÃO BENETTARI em 1617 (*Vita R. P. Josephi Anchietae*, livro I, § 33), PEDRO RODRIGUES em 1607 (*Vida do Padre José de Anchieta*, livro I, cap. II, § 3) e GUARACIO CARA em 1998 (*Breve relação da vida e morte do P. José de Anchieta*, cap. IV, § 3).

345 . VASCONCELOS cita a « Chron. do Bras. tom. 1. liv. I. f. 126. num. 160. ». Cf. a Crônica de SINAIS DE VASCONCELOS em 1663, livro I, § 163, pp. 137-138).

346 . Aqui vem citada « Joseph pag. 121. ».

347 . VASCONCELOS é usado as informações deste parágrafo pela primeira vez na *Vida do P. José d'Almeida* (Lisboa, Oficina Crascheckiana, 1628), no livro II, cap. VII, §§ 4 e 5.

348 . Este parágrafo, como o anterior, já se encontra na Crônica de SINAIS DE VASCONCELOS em 1663, livro I, §§ 6-7, pp. 176-178).

349 . Este parágrafo, na Crônica de VASCONCELOS em 1663, livro I, § 50, p. 180), vem com « seus cirios nas mãos ».

350 . VASCONCELOS cita « Proc. 3. f. 295 Proc. 5. 18 Patern f. p. 28. ».

FRANCISCO DE BRITO FREIRE

(1623 - 1682)

LIVRO: NOVA LUSITANIA, HISTÓRIA DA GUERRA BRASÍLICA. Lisboa, João Sáiz, 1675.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição de 1675 é a primeira, geralmente encontrada precedendo a *Viagem de Anadia...* de mesmo autor (impressa em 1677, mas datada 1658). Existe outra edição no século II pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco na « Coleção Pernambucana », vol. V.

NOTA SOBRE O AUTOR: O livro de FREIRE, Almirante da Armada portuguesa no Brasil e Governador de Pernambuco, é uma resposta portuguesa à Latiníssima obra de KESPER BAERLE, baseando-se em documentação da época.

EDIÇÃO UTILIZADA: Nova | LUSITANIA, | História da | Guerra | BRASILICA | A | Porissias Alas | E | Sincras Memória | Do
Serenissimas Principe | Do Theodoro | Principe De Portugal, | E | Principe Do Brasil, | Por | Francisco De Brito Freyre, |
Decano Primeira. | Lisboa | Na Officina de João Sáiz. | Anno 1675. [32 x 21; 7 ff. inu.; 460 pp.; 20 ff. inu.;
BIB: 2-a-19-rn 11.

OBSERVAÇÃO: A numeração de parágrafos de BRITO FREIRE se refere a todo o volume, enquanto a nossa, entre colchetes, se refere apenas aos « Livros ».

Nova LUSITANIA. Livro Setimo Da Guerra Brasilica. <...>
Sitia, at ganha Segismundo os Fortes da Restinga, at
Cabedello, com que se perde a Provincia da Parahiba.

[...]

[76.] 587 <...> (p. 312) [“Partidos com que se rendem.”] Pelo que em
dezanove de Dezembro [“Anno 1634” (segunda quinzena de dezembro)], sahindo
ao som de caixas, com bandeiras largas, mechas acexas, balas en boca, & toda
a roupa, fazendo que tinhas, entregáraõ o Cabedello [os portugueses]. Ao
qual o Conde João Mauricio de Nassau, chamou depois de Margarida, de hã
Irnaõ, que Margarida se chamava; <...>

[...]

Nova LUSITANIA. Livro Ditaço Da Guerra Brasilica. Dividense
as forças Olídeses. Sitião no mesmo tempo, Arquiohoffle, o
quartel do Real, at o de Nazareth, Segismundo. <...>

[...]

[28.] 834 <...> (p. 332) [“Partidos com que se entregaõ.”] Até que o
Governador Andrés Marin, conseguindo ganhar opiniaõ, de perder a Praça, (que
succede raras vezes com a milicia) mandou os Capitaes, João de Campos de
Gau-(p. 333)boa, & Luis de Avellar Fouto, a tratar das Capitulações.
Concederãolhe as mais honorificas, de que se uza em semelhantes
ajustamentos. E os vencidos, parecendo vencedores de sua fortuna, em a sua
constancia, sahiraõ a seis de julho, com bandeiras, caixas, cordas, &
ballas; formados em esquadraõ. <...>

[...]

Nova LUSITANIA. Livro Novo Da Guerra Brasileira. <...>
Comete a Manuel Diaz de Andrada, Segismundo. <...>

[...]

[21.] 727 (p. 382) [*Com grande descredito da sua opiniao,*] Passado já o tempo de poder vir, & vendo que não vinha [o "Segismundo"], mandou [*Manuel Diaz de Andrada*], no fim de abril de 1636] juntar os Moradores daquelle districto [no Recife], com todos seus Filhos, Escravos, & cavallos, encubertos no mato. Depois a som de caixas, pelo caminho ordinario de Porto-Calvo, mostrando serem esquadroes que de lá lhe mandavão marcháraõ á vista do Inimigo, para o nosso alojamento. <...>

[...]

JOÃO FELIPE BETTENDORF

(1825 - 1898)

LIVRO: COMPENDIO DA DOUTRINA CRISTA NA LINGUA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa, Miguel Deslandes, 1678.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Existem somente duas edições deste livro. A primeira é de Lisboa (Miguel Deslandes, 1678) e a outra da mesma cidade, porém impressa por Sisto Thaddeu Ferreira, 1800. Eis a página de rosto da primeira edição: *Compendio da Doutrina Christã Na lingua portugueza, e Brasileira: Em que se comprehendem os principaes mysterios de nossa Santa Fé Catholica, e arcanos de nossa salvação: Ordenado a maneira de Dialogos accomodados para o ensino dos Indios, com duas breves instrucções: Uma para baptizar no caso de extrema necessidade, ou que ainda não foy baptizado; e outra, para os ajudar a bem morrer, em falta de quem saiba fazer-lhe esta charidade: Pelo P. João Felippe Bettendorff da Companhia de Jesus, Missionario da Missão do Estado do Maranhão. Lisboa, Na Officina de Miguel Deslandes Na Rua da Figueira, Anno 1678. Com todas as licenças necessarias [2^a, 10 ff. in-8., 142 pp.].*

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, Livro VI, cap. I, nº 8.2, p. 289) fornece dados biográficos sobre o padre BETTENDORF, que aqui resumimos. Nasceu em 1625 no Luxemburgo, chegou ao Maranhão como missionário em 1661. Serviu na Missão do Grão-Pará (onde foi Superior do Colégio do Maranhão e Superior da Missão), sendo de lá expulso em 1684 com os demais jesuítas, em consequência de revoltas populares, partindo para a Bahia e, ainda no mesmo ano, para o Colégio de Santo Antônio em Portugal. Em 1688 voltou ao Maranhão como Superior, mas substituído em 1693. Continuando a pregar e a missionar, termina sua Crônica em 1698, ano de sua falecimento. Na p. 290, RODRIGUES informa: « Sua Crônica descreve todo o estado do Maranhão, criado a 13 de junho de 1621, e compreendendo várias capitanias, hoje transformadas nos atuais Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará e Piauí (mais de 3 milhões e meio de quilômetros quadrados). Descreve sua origem e fundação, relata as missões desde a primeira em 1607, até 1698 quando falece, a viagem de Pedro Teixeira e mais tarde a de Samuel Fritz, a invasão holandesa, os governos temporal e espiritual, as grandes questões da liberdade e escravidão dos índios, os tumultos do Estado, como o de Manuel Beckman, em 1684 ».

EDIÇÃO UTILIZADA: Compendio da Doutrina Christã Na Lingua Portuguesa, e Brasileira. Composto pelo P. João Felippe Bettendorff Antigo Missionario do Brasil, e Reimpresso De Orden do S. Altess Real PRINCÍPE RESENTE Acordo Senhor Por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. [grav.] Lisboa. N. DCCC. (1800) Na Offic. de Sisto Thaddeu Ferreira. (BIB: 16-b-5; VII, 131 pp., 1 f. in-8.).

COMPENDIO DA DOUTRINA CRISTIA Na lingua Portuguesa, e Brasileira. PRIMEIRA PARTE Dos primeiros elementos da Fé Christã.

(p. 1) Oração do sinal da Santa Cruz.

Heio sinal da Santa Cruz,
lívra-nos Deos nosso Senhor, de
nossos inimigos.

Em nome do Padre, e do Filho, e
do Espirito Santo. Amen JESU.

Santa Cruz rãngãba recé orepycyrô
ispé, Tupã ore iâr,
oremotarëybãra cûi.

Tûba, Tãra, Espirito Santo
réra pupé. Amen JESUS.

(p. 2) PADRE NOSSO

PAdre nosso que estás nos Ceos, santificado seja teu nome, venha a nós o teu Reino, seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Ceo; o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoo-nos nossas dívidas, assim como nós perdoo-mos aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amén JESU.

(p. 3) AVE MARIA

AVE MARIA cheia de graça, o Senhor he contigo; benta és tu em as mulheres; bento he o fruto de teu ventre JESU. Santa MARIA Mãe de Deos, roga por nós peccadores, agora, e na hora de nossa morte. Amén JESU.

SALVE RAINHA.

Salve Rainha Madre de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A ti bradamos os degrada(p. 4) dos filhos de Eva: a ti suspiramos gemendo, e chorando em este valle de lagrimas: Eya pois Advogada nossa, esses teus olhos misericordiosos a nós volve, e depois deste desterro nos amostrea a JESU, bento fruto de teu ventre. O' clemente, ó piadosa, ó doce sempre Virgem MARIA. Roga por nós Santa Madre de Deos, para que sejamos dignos das promessas de Christo. Amén JESU.

(p. 5) Creio em Deos Padre.

Creio em Deos Padre todo poderoso, Creador do Ceo, e da terra, e em JESU Christo hum só seu Filho nosso Senhor, o qual foi concebido do Espirito Santo: nasceu de MARIA a Virgem, padecido sob poder de Poncio Pilato: foi crucificado, morto, e

ORé rúb, ybékype tocoár, inóetépýramo nde rëra tóicó. Tour nde Reino: Tonhe nonhang nde remisotára, ybýpe, ybákype inhemonhanga isbé: Ore rembúí ära iabíö ndöära äinëng oorí orébe: ndenhirö ore angaipäba recé orébe, Orereconesäpára cupé orenhirö isbé: Oremocuoäruné iepé tentaçö pupé, orepycyrö te Iepe isbäé äiba güí. Amén JESUS.

AVE MARIA. graça recé tynycebbäé, nde irúmano iande iära recóu: incabécatupýramo eréicó cunhä güí; incabécatupýrabé nde nembýra JESUS. Santa MARIA Tupä cy, etupä monghetá oré iangaipabäé recé, coýr, irä oré iakýi oré rúmbéno. Amén JESUS

Salve Rainha morauçubära cytecobé cëmbäé, oreierobiacäba, salve. ndébe aspucópucüi ipespýramo (p. 4) Eva nembýramo, ndébe oronhëangherür orepöacömmo, oroiacagöübo icó ybytýgöüa iace göüba pupé. Eneí ore recéierureçär etouí nde reçä porauçubära erobac ore coty. Äé JESU incabécatupýra nde nembýra icó iepäcagöüra cykiré ecpiaac ucar orébe. nheranëya, morauçüb erecoçär cëmbäé Virgen MARIA. Etupä monghetá oré recé. Santa MARIA Tupä cy, torëangaturane Christo remienöügoéra recé, ore iecopübagöüa ri. Amén JESUS.

ARobiar Tupä Tüba opacatú moé tetorüä monhanga éicatübäé, ybäca, ybýabe monhângära Arobiär JESUS Christo abé Täyra oiepébäé acé iära: Espirito Santo inonhangäpe pitängano onhemonhângähäpöéra. Äebäé öär MARIA ababycagöüeynas

sepultado. Deceo aos infernos, ao terceiro dia resurgio dos mortos; subio aos Ceos, está assentado á mão direita de Deos Padre todo poderoso: donde ha de vir a julgar os vivos, e os mortos. (p. 5) Creio no Espirito Santo, na Santa Igreja Catholica, a communicação dos Santos, a remissão dos peccados, a resurreição da carne, e vida eterna. Amen JESU.

qûi, Ponso Pilato morobixâbamo
 cecóreme cereconemoôbôrano ceóú,
 ybyrá iocâba recó imoiâripôrano
 ceóú, iucapôrano, ityniabyrano.
 Oguagytybô apytéripe, ara moçapôra
 pu(p. 5) pé osunabê poéra qûi
 cecobe ieyri, oieupir ybâkipe,
 Tupa Tûba opacatû mbê tetirûâ
 monhânga éicatûbê ecatusêba coty
 oéni. Ae qûi túri oicobêbê
 osunobê poéra pebé recononhângane.
 Arobiar Santos recocatû imoiâô
 oâôa: Arobiar tecoangâipâba recó
 morupé Tupâ nhirô: Arobiar acé
 recobé ieyraôâna: Arobiar acé
 recobé ieyraôâna: Arobiar teco
 opá bierânoyna. Amen JESUS.

ANÔNIMO

(séc. XVII)

DOCUMENTO: RELATÓRIO DAS GUERRAS FEITAS AOS PALMARES DE PERNAMBUCO. Após 1678.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: O manuscrito, publicado na RTNHB vol. 22, 1859 (pp. 303-329), foi « oferecido pelo Exa. Sr. Conselheiro Drummond », levando o título « Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do governador D. Pedro de Almeida de 1675 a 1678 ». Segundo JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro VII, cap. 1, nº 3.2, p. 323), « a guerra durou de 1602/1608 - 1694, e, apesar dos 25 ataques brancos, esta é a única narrativa de época ». Mesmo assim, nenhuma informação sobre a música dos negros foi deixada, mas apenas sobre a música religiosa portuguesa.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro, Typ. Imparcial de J. M. N. Garcia, vol. 22, 1859, pp. 303-329.

[...]

[27.] <...> (p. 316) porém como Fernam Carrilho tinha conhecido bem o sumpenho de D. Pedro, atreveo-se a todas as difficuldades, e pedindo se fizesse algum acto de religião [Em "Porto Calvo", antes de 21/08/1677] para que patrocinasse o Ceo a jornada [para os Palmares]. Cantou-se solemnemente uma Missa a que assistio a nobreza daquela Villa e todos os que havião de entrar naquella Campanha.

[...]

[40.] <...> (p. 323) e com mais tropa a si de soldados como negros e com a Canara e mais Nobreza, e o pouo da Villa ["de Porto Calvo", a 29 de Janeiro de 1678] e seus contornos, se foi para a Capella do Bom Jesus, onde se cantou solemnemente uma Missa em acção de graças do felicissimo vencimento com que se dominaram aquelles inimigos 334; <...>

[...]

[51.] <...> (p. 327) quiz o Governador que logo se baptisasse[m] [os negros capturados de Palmares, a 20 de junho de 1678, na "Igreja Matriz do Arrecife"], para que com a nova vida da graça, começassem a lograr os novos beneficios da paz: e posto que os negros mesmos desejavão receber o baptismo, foi necessario diffirir-se para mais cuidado se impenhassem no intento a que vinhão; e com maiores informações recebessem o sacramento que procuravão. Cantou-se solemnemente a Missa, subio ao pulpito o Vigairo da mesma freguesia, e não faltou a dar a Deus as graças, que se lhe devião, nem a S. Antonio as glorias que lhe redondavão, nem aos 2 Governadores os parabens que estavão merecendo.

[...]

334. Esta informação é confirmada no mesmo dia e local por PEDRO PAULINO DA FONSECA, que a extraiu de um manuscrito da Biblioteca Pública Eborense (cód. CIVI-2-13-a nº 9) na p. 312 da « Memória dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destruyto e paz acerta no Junho de 1678 », como se observa na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, v. 38, parte I, pp. 293-322, 1876.

JOHAN NIEBUHF

(1618 - 1672)

LIVRO: MEMÓRIAS VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL. Amsterdã, Jacob van Meurs, 1682.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A edição holandesa de 1682 é a primeira que surge. Porém, o texto de NIEBUHF reaparece em várias traduções inglesas, todas descritas por JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES na « Bibliografia de Niebuhr » da tradução portuguesa de 1981 (infra cit., pp. 379-406), a saber: *Mr. John Niebuhr's Remarkable Voyages & Travels...* de CHURCHILL (London, 1703); *A Collection of Voyages and Travels...* de JOHN WILKIE e THOMAS OSBORNE (London, 1732); *A Collection of Voyages and Travels...* de H. LINTOT e JOHN OSBORNE (London, 1746); *A General Collection of the best and most interesting Voyages and Travels...* de PINGERTON (London, 1811. RODRIGUES cita ainda resumos do escrito de NIEBUHF em *A New Collection of Voyages, Discoveries and Travels...* de J. KNOX (London, 1767) e em *Nederlandsche Reizen* de PETRUS COMARI e M. VAN DER PLANTS (Haarlem, 1786-1787; viagens ao Brasil no v. 14, 1787). A primeira tradução portuguesa é de 1942, por MORAIS M. VASCONCELOS (São Paulo, Martins), reimpressa em 1981 na coleção "Reconquista do Brasil", nova série, v. 35.

NOTA SOBRE O AUTOR: NIEBUHF permaneceu em Pernambuco de 15 de dezembro de 1649 a 25 de julho de 1649, como se constata pelo texto, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, usando em seu livro tanto observações feitas "in loco" como informações extraídas de documentos holandeses e portugueses da época.

EDIÇÃO UTILIZADA: *John Niebuhrs | Nederlandsche | Brasiliënse | Zee- en Land- | REIZE. | In het jaar | al het geen op dezelve | is voorgevallen. | Brevffers | Een bonfide beschrijving van gantsch | Nederlands Brasil, | Zee van landtchappen, | steden, | dieren, gemassen, als | draughten, zelden en gantsch van inwendigen | En inwendigheit | Een niftloosig verhaal der | merkwaardigste vervalten | en geschiedenissen, die zich, gedurende zijn negenjarigh | verblijf in Brasil, in d'oorlogen en | opstant der Portugesen | tegen d'maan, zich aandert het jaar 1640, tot 1649 | hebben toegedragen | Door gans verlyert het | verscheide afbeeldingen, ne | t leven aldier getekent. | [grav.] | t Amsterdam, | Voor Meester van Jacob van Meurs, op de | Keizers-gracht. 1682. (32 x 20) 8 ff. inu. 240 pp. 1 t. inu. 1 map. 1 pl. dobr. 2 pls. 8 illustr. BIB: 11-a-11].*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: JOHANN NIEBUHF - Memórias viagens marítima e terrestre ao Brasil; traduzido do inglês por Moisés M. Vasconcelos; confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Henrique Rodrigues. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 410 pp. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 35).

TEXTO HOLANDÊS

[...] (p. 57) [col. 1] ["Graef Maurits vertrek na het Vaderlant"] Voor de poort stont een peert gereet, daer hy op ging zitten, en reed met een groot gevolg langs

TRADUÇÃO

[...] (p. 126) Diante do portão, estava um cavalo arreado, no qual montou ["o Conde Mauricio"] e dirigiu-se, com grande comitiva, ao longo da praia, além de Olinda [a

het strant na Olinda. De Hoge Raden, de Raden de Raden van justitie, en voorgere krijghs-bevelhebbers, geleiden hem tot voor by de stad Olinda: alwaer die hun afscheit van hem namen. Hy reed met den Heer Bullestrate voort, die afgeschikt was, om hem by te blijven, tot dat de vloote in zee zou zijn.

Ondertusschen stond de Graef verscheide malen stil, en aenschoode zijn vernaeerde burgh, die hy zelf, zoo heerlijk en vernakelijk had doen opbouwen, en toen daer liet: terwijl zijne trompetters het oud deuntje, Wilhelmus van Nassouwen, lustigh opbliezen.

Hy trad eindelijk, met zijn by hebbend volk, in vier vaertuigen, en zoo te scheep. Na's Graven vertrek, bleef d'opperhoofdige Regering, aan de heeren Hoge en geheime Raden: als Hendrik Hamel, Kodde van der Burg, en Adriaen Bullestrate.

[...]

(p. 80) [col. 2]

[*"Vertrekken uit de Bahia"*] Na den eenige redenen van vrientschap, en goede genegenheit, van d'eene en d'andere zijde gevallen waeren, namen zy den twee en twintighsten hun afscheit van den bisschop, en weinige andere perzoonen, die hen door hunne gediensstigheden verplicht hadden, en gingen voorgere, verzelt met verscheide aenzienselijke officieren, na het paleis, en wierden aldaer met gewonelijke staatsie ont fangen.

Zy bedankten den Gouverneur voor alle genote eere en vrientschap, en wenschten zijne Majesteit van Portugael, en hem, een hem, een langduurige en gelukkige regering, en vele victorien tegens de Kastilianen.

De Gouverneur, na bedanking en genomen afscheit, geleide d'afgezonden tot in de zale, en zond hen, om (p. 81) [col. 1] de grote steilte (want de stad is in het hangen van eenen bergh gesticht) gevoeghelijker af te geraken, negers met hangrakken achter aan, om d'onzen te dragen.

11 de maio de 1644]. Os Altos Comissários, o Conselho da Justiça e outros Comandantes de Guerra o conduziram adiante da cidade de Olinda, onde dele se despediram. Nassau continuou a viagem com o Sr. Bullestrate, que tinha recebido ordem de acompanhá-lo até que a esquadra se tivesse afastado. Entretanto, o Conde parou várias vezes e contemplava o seu famoso palácio, que ele próprio mandara construir, belo e agradável e que, então, abandonava; enquanto isso, os seus corneteiros ^{seus} tocavam, contentes, Wilhelmus van Nassau ^{seus}. Finalmente, embarcou com toda a sua gente em quatro navios. Depois da partida do Conde, o Governo ficou a cargo dos Senhores Altos Comissários Secretos, como Hendrik Hamel, Kodde van der Burg e Adriaen Bullestrate. (...)

[...]

(p. 131) No dia 22 [*"de*

fevereiro de 1644"], os enviados do Grande Conselho [*para "investigar diligentemente sobre os projetos dos portugueses contra o Governo"*] despediram-se do bispo [*na Bahia*] e de várias pessoas grades, das quais haviam recebido cortasias, e, por fim, do próprio Governador, que se fez acompanhar por muitos oficiais e pessoas de destaque. Os nossos delegados agradeceram ao Governador as atenções e cortasias de foram alvo, desejando tanto a ele como ao Rei de Portugal um longo e feliz reinado, bem como a vitória sobre os castelhanos. Retribuiu-lhes o Governador os cumprimentos e os acompanhou até fora da sala [*do Palácio em Salvador*], tendo então ordenado a vários negros que conduzissem os embaixadores em cadeirinhas até à base da colina sobre que se ergue a cidade. Aguardava-os o mesmo escalar que os havia trazido à terra, para novamente transportá-los para bordo, ao som festivo de bandas musicais. Após se despedirem dos enviados holandeses, os oficiais

Doch zy vonden het gevoeglijker te voet te gaen, en deden hem bedanken. Zy wierden weer met dezelve sloep op brigantijn, en officieren en speelluiden, aan hun jaght gevoert.

Na veel eerbiedigheit van wederzyden, scheiden d'officieren van d'afgezonden, en keerden na lant: en d'onze maakten zeil, tot bevordering van hunne reize na het Reciff, daer zy in't kort behouden aenquamen.

[...]

Drank ["der Brasilianen"]

[...]

[8.] (p. 211) [col. 2] By de negers en gemeen volk wordt ook veeltijts zekere vuile en stinkende drank genuttinght, Gerapa doorgaens genoemt, die van zwarte zuiker en water gemaakt is, zonder byna te gisten; en, voor een geringen prijs verkocht wort. Dezen dranken slingeren beide mannen en vrouwen zeer gulzigh en overvloedigh in, en verslijten daer mede gantsche dagen en nachten, onder het zingen en danssen, zonder ophouden. Onder het drinken kijven or krakelen zy zelden, 't en zy uit jaloersheit.

[...]

portugueses regressaram à cidade. Os nossos delegados iniciaram, então, a viagem de regresso ao Recife, onde chegaram dias depois, em segurança.

[...]

[Bebida dos brasileiros]

[...]

<...> (p. 341) Os negros ["do Brasil"] fazem, às vezes, uma mistura detestável de açúcar preto e água, sem a mínima fermentação, à qual dão o nome de Gerapa. Bebida barata, os negros usam-na em suas festas que chegam a durar 24 horas entre danças, cantos e beberagem. Só brigam, nesses ocasiões, por ciúmes. <...>

[...]

(p. 214) Bevolking van Neerlande Brasil.
 354 No Litoral Brasileiro [População do Brasil Holandês]



Alto: Sucesso de Alcorão

[...]

[38.] (p. 217) [col. 2] D'Aldens der Brasilianen waren in Goyana, Parayba en Rio Grande. (hoewel mede een en ontrent Igarassu lag:) alwaer zy ontrent de rivieren bequame plaatsen uitgekoren hadden.

[39.] De hutten, daer zy woonen, zijn van houte staken, met palnijt bladeren bedekt.

[40.] Zy noegen geenzins het jok van slaver nye verdragen: zijn boven mate genegen tot luiheit, en schuw van arbeiden: inzonderheit de Tapoyers. Zy leven vry en vreedzaam onder elkanderen, 'ten zy wanneer zy by den drank zijn: want dan bregen zy dagh en nacht met zingen en dansen over. Vrouwen zo wel als mannen zijn zeer tot den drank genijght, en kunnen nietlichtelijk daer van afgebraght worden: naerdien zy van geen ding meer houden, als van dronken drinken. waer uit krakeelen en andere vuile en lelijke ondeugden onder hen ontstaan.

[41.] Zy zijn ook boven mate tot dansen genegen, dat zy met een algemeinen naam Guma noemen. Ook hebben zy verscheide wijzen van dansen: welker een Vrukapi genoemd wordt. Onder het dansen gebruiken zy ook verscheide wijzen van zingen.

[...]

Godadienst.

[...]

[4.] (p. 220) [col. 2] Zy weten noch kennen geen hemel noch helle na dit leven: alhoewel zy, door overlevering der ouden, gelooven, dat de zielen, na het scheiden uit den lichaen, overblijven, en zontijts in duivelen of geesten veranderen, of na waterrijke en lustige boenrijke velden overgevoert worden, en aldaer geduurigh juighen en dansen.

[...]

[...]

(p. 348) As aldeias dos brasileiros [indígenas] estavam em Goiãna, Paraíba e Rio Grande, (embora uma estivesse perto de Igarassu), onde eles tinham escolhido lugares apropriados, perto dos rios. Suas cabanas são construídas apenas de estacas, cobertas de folhas de palmeiras. Não suportam o jugo da escravidão, nem qualquer fadiga por menor que seja. Vivem muito quietos, a menos que bebam; nessas ocasiões cantam e dançam dia e noite. A bebedeira avassala os indivíduos de ambos os sexos e dá lugar a brigas, bem como a vícios abomináveis. Também apreciam muito a dança, que chamam Guma; têm diversas maneiras de bailar, uma das quais denominam Vrukapi. Em geral cantam enquanto dançam. <...>

[...]

[Crença religiosa]

[...]

<...> (p. 351) Não têm noção do Céu, nem do Inferno, conquanto seja crença generalizada entre eles que a alma não deixa de existir, com a morte do corpo; ao con(p. 352)trário, ou transforma-se em demônio, ou espírito, ou, então, vai desfrutar existência feliz dançando e cantando em um prado delicioso, que acreditam estar situado além das montanhas. <...>

[...]

Tapuyers.

[...]

[22.] (p. 224) [col. 2] Van de schorsen der driehoekige vrucht **Aguay**, die met een draet aen malkanderen gehecht zijn, maken zy kringen als brazeletten, die zy onder de knuten, rontom de beenen, binden, en die in het dansen eenigh geluit geven.

[...]

[26.] (p. 225) [col. 1] Hunne trompetten zijn van menschen beenen gemaekt, en **Kanguenka** genoent. Zy hebben ook andere groter trompetten, van zekere kinkhoren gemaekt, die zy **Nhumbugaku** noemen: en ook eenige van riet gemaekt, die zy **Neumbrapara** noemen.

[...]

[Tapuias]

[...]

<...> (p. 357) Os selvagens fabricam também braceletes com as sementes de um fruto denominado **Aguay** os quais usam nas pernas para fazer barulho quando dançam. <...>

[...]

<...> As trombetas, a que chamam **Kanguenka**, são feitas de ossos humanos; todavia, as chamadas **Nhumbugaku**, de tamanho muito maior, são de chifre. Existe ainda outra modalidade de corneta feita de taquara e chamada **Neumbrapara**, <...>

[...]

382. Na p. 135 [f. 14r] (cf. p. 238 na edição de 1981) NIELMÖF indica o nome de um dos « trompetters » da Companhia das Índias Ocidentais: « Marten Slomp ».

383. Nota de JOSÉ ADRIANO RODRIGUES (inf 201), na p. 126 da edição de 1981: « Vide anexo nº 1. Já damos a música e letra da canção popular **Wilhelmus van Nassau**. Foi composta e escrita por Philippe de Marnix, Senhor de Sainte-Aldegonde, que nasceu em Bruxelas, em 1538, e faleceu em 1598. Refugiou-se na Alemanha, quando os protestantes foram perseguidos nos Países-Baixos. Em 1592, voltou novamente para seu país e pôs escritos, por meio da palavra e da espada, colaborou com o Príncipe de Orange. Era insinuante orador. Escreveu "Tableau des differends de la religion", 1598, considerado, por Bayle, notável, pela mescla de erudição e lógica. [XIV, pp. 6 e 7] ». Transcrevemos o cântico recolhido por RODRIGUES no EXEMPLO MUSICAL IV-B. A primeira das quatro estrofes da peça é a seguinte: « **Wilhelmus van Nassouwe** / **Ben ick** van Duytschen bloet, / **Den Vaderlant ghe trouwe** /

Blijf ich tot in den doot » (« Guilherme de Nassau | Sou eu, de sangue holandês, | Fiel à minha pátria | Permaneço até morrer »). FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco, 1906, p. 6) já tinha conhecimento, no século passado, do uso desta canção no Brasil holandês: « Netcher falla das musicas regimentaes holandesas, que tocava o hymno nacional *Wilhelmus van Nassauwen*, com seus accordes instrumentos, como refere Calado, que falla ainda dos clarins e trombetas de marcha dos regimentos de cavallario ». Há uma outra canção holandesa (« *Milt leden nu treden voor God den Heere* ») que, segundo HENRIQUETA ROGA FERNANDES BRAGA (Música sacra evangélica no Brasil, 1961, cap. III, p. 60), deve ter sido muito cantada em Pernambuco, pois, apesar de não ser mencionada nos documentos da época, era tão popular quanto o « *Wilhelmus van Nassouwe* ». Transcrevemos essa canção no EXEMPLO MUSICAL IV-C, com os comentários pertinentes.

354. Esta gravura, que não é reproduzida pela tradução de 1981, aparece na primeira edição como grancha entre as pp. 214 e 215, sem levando a indicação, no canto superior esquerdo « pag. 215 ». Seu título, « *Negers Speelende op Kalabaßen* », significa « negros tocando em cabaças ». A gravura vem após o ítem « *Bewiltig van Nierlands Brasil* », « população (os habitantes) do Brasil holandês » e já mostra, na primeira metade do século XVII a fusão das culturas musicais africanas (pela utilização da cabaça ou « reco-reco ») e europeia (representada no pandeiro, já utilizado em Portugal na Idade Média). O instrumento feito de cabaça parece ser o mesmo que FILIPE MONTEIRO representou no *Gabinetto Armonico*, de 1723 (cf. a GRÁFICA XXIV, no volume I deste trabalho) e o que aparece também na *Historica descriptio de três reynos Congo, Ndongo, et Angola*, de GIOVANNI ANTONIO CAVAZZI DA MONTECIELLO (1687, p. 167). JOSÉ REZINHA (Instrumentos musicais de Angola, 1991), que reproduz a gravura de MONTECIELLO na p. 159 (fig. 71), classifica o instrumento como *cabaça de fricção*, descrevendo-o da seguinte maneira (p. 156): « cabaça de pedicelo acuminado com uma abertura no bojo e sobre ela uma vara serrilhada (reco-reco). Friccionas com uma vara. Modelo dos Salangans, grupo Umbundo ». A pesquisadora Mônica de Sousa Ferreira nos informou que esse instrumento continua em uso no Brasil e é conhecido como *caracaxá*. De fato, LUIS DA CUNHA CASQUINHO (Dicionário de folclore brasileiro, 1988, p. 194), nesse verbete, transcreve esta informação de ROSSINI TAVARES DE LIMA: « Pode se apresentar sob a forma de um pedaço de bambu ou taquara com talhos transversais, um caxeco cilíndrico de lata com uma tira ondulada do mesmo material, pregada na parte exterior, ou uma cabaça comprida, na qual se adapta um pedaço de madeira dentada. Executa-se raspando-o com uma vareta de madeira ou ferro ». CASQUINHO acrescenta: « Uso nacional. Vi em Luanda, Angola, caracaxá de mais de um metro, dentado, sobre cuja superfície saliente o executando passava os dedos, ornados de unhas artificiais metálicas, como os japoneses percute as cordas do koto ». A origem angolana desse instrumento é decorrente da presença dos negros que vinham para o Brasil naquela época. Veja-se este fragmento de PEDRO CALMON (Espírito da sociedade colonial, 1935, parte II, cap. I, p. 170): « No princípio e no fim, o maior centro abastecedor foi Angola. Desde 1548 - quando se iniciou o tráfico - substituíram os portos angolenses aos do Congo na grossa exportação humana, avaliada, entre 1575 e 91, em 52.053 pessoas ».

355. *SINHO DE WAGONDOLLOS* é, na *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...* (Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1863), « Livro Primeiro, das Notícias Antecedentes, curiosas e necessárias, das comas do Brasil », § 143, p. 88, escreve da seguinte maneira os vocábulos registrados por NIEHOFF: « *chôffra* », « *ambypagô* » e « *ambypapra* ».

URBAIN SOUCHU DE RENNEFORT

(c. 1630 - c. 1688)

LIVRO: HISTOIRE DES INDIENS ORIENTAUX. Paris, Arnoul Senozon, 1688.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Em 1688 saíram duas edições desse livro, com o mesmo título, em Paris (Arnoul Senozon) e em Leide (Frederik Harring). A edição de Paris é considerada a primeira.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEN BORSA DE MORAIS (Bibliographia brasileira, c. 1963, v. 13, p. 820) informa: «Souchu de Rennefort was appointed secretary to the Council of the East India Company founded by Louis XIV. He sailed to Madagascar, where the Company intended to establish a base for their commercial dealings in the Orient, as a member of the first expedition sent there. The second expedition, in which Rennefort did not take part, called at Pernambuco. However, he describes here the successes of both expeditions, and this account of their stay in Recife from 6 July to 2 November 1666 is the first that we have about the city after the expulsion of the Dutch».

EDIÇÃO UTILIZADA: HISTOIRE | Des Indes | Orientales. | Par Monsieur | Souchu De Rennefort. | [grav.] | Seulest la Copie de Paris, | A Leide, | Chez Frederik Harring, | Merchand Libraire, 1688. [BPM 18-14-a-2] 15 x 20, 12 ff. inv., 571 pp.].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTANHA.

TEXTO FRANCÊS

HISTOIRE Des Indes
Orientales. Seconde Partie.
Livre Premier.

CHAPITRE IV. Arrivée de
Monsieur de Mondevergue au
Brasil. Description de la
ville de Fernambouc.

[...]

[3.] <...> (p. 280) Il s'y
mit à table cinq François & cinq
Portugais. Le soir le Gouverneur
ayant mené Monsieur de Mondevergue
au plus bel appartement, il luy fit
servir à souper en cérémonie (p.
281) nie par ses Officiers precedez
de quantité de flambeaux & de
trompettes. Ce Palais estoit
autrefois celui du Prince Maurice
de Nassau, qui l'avoit fait bâtir
du temps qu'il estoit General du
Bresil pour les Hollandois. <...>

[...]

TRADUÇÃO

História das Índias
Orientais. Segunda Parte.
Livro Primeiro.

Capítulo IV. Chegada do
Senhor Mondevergue ao
Brasil. Descrição da Vila
de Fernambuco.

[...]

<...> Sentou-se à mesa cinco
franceses e cinco portugueses. À
noite [de 28 de julho de 1666], o
governador conduziu o senhor
Mondevergue ao mais belo
apartamento e fez com que servissem
a ceia com toda a cerimônia,
acompanhada de boa quantidade de
candelabros e trombetas. Este
palácio foi, outrora, aquele mesmo
do príncipe Maurício de Nassau, que
ele fez construir no tempo em que
foi general do Brasil holandês.
<...>

[...]

CHAPITRE V. Description de
la Ville d'Olinda. Habitans
du Bresil, leurs mœurs,
les animaux et les fruits
du Pays.

[...]

[5.] (p. 288) Il y a une
autre espece d'Habitants que les
Portugais nomment Tapoujas, plus
grands & plus gros d'un quart que
ceux dont on vient de parler; <...>
(p. 289) Ils se servoient d'os de
cuisse d'hommes pour trompettes,
avant que les Portugais leur
eussent donné des instruments
d'airain. <...>

[...]

[7.] <...> (p. 290) Ils
chantent & dansent, & les Caraïbes
les parfument le Tabac; <...>

[...]

[8.] (p. 291) Les Noirs sont
la quatrième sorte des Habitants du
Bresil, on les y apporte d'Angolle.
<...> (p. 292) Le Dimanche (p. 293)
dixième Septembre 1666, ils firent
leur Feste à Pernambouc. Après
avoir esté à la Messe au nombre
environ de quatre cens hommes & de
cent femmes, ils élurent un Roy &
une Reyne, & marcherent par les
rues chantans, dansans, & récitant
des vers qu'ils avoient faits,
precedez de hautbois, de trompettes
& de tambours de basque.

[10.] Ils estoient vestus des
habits de leurs Maîtres &
Maîtresses, avec des chaînes d'or
& des pendants d'oreilles d'or & de
perles; quelques-uns masquez. Les
frais de la ceremonie leur
coûtèrent cent écus. Le Roy & ses
Officiers ne firent rien pendant
toute cette semaine, que se
promener avec gravité l'épée & la
dague au côté.

Capítulo V. Descrição da
Vila de Olinda. Habitantes
do Brasil, seus costumes,
os animais e os frutos do
país.

[...]

Há uma outra espécie de
habitante, que os portugueses
chamam tapuias, maiores e cerca de
um quarto mais corpulentos que
eles, dos quais vale a pena falar.
<...> Eles se utilizavam de fêmures
humanos para a fabricação de
trombetas, antes que os portugueses
lhes dessem instrumentos de bronze.
<...>

[...]

<...> Eles cantam e dançam, e
os caraibas lhes sopram a fumaça do
tabaco. <...>

[...]

Os negros são o quarto tipo de
habitante do Brasil, sendo trazidos
de Angola. <...> No domingo, 10 de
setembro de 1666, fizeram sua festa
em Pernambuco. Após irem à missa
cerca de 400 homens e mulheres,
elegeram um rei e uma rainha, e
marcharam pelas ruas cantando,
dançando e recitando os versos que
fizeram, acompanhados de obôis,
trombetas e tambores de basco.

Estavam vestidos com as roupas
de seus senhores e senhoras, com
correntes de ouro e brincos de ouro
e pérolas, alguns deles mascarados.
Todas as diversões desta cerimônia
lhes custaram 100 escudos. O rei e
seus oficiais não fizeram nada em
toda essa semana, além de andarem
solenemente, com a espada e a adaga
ao seu lado.

JOÃO DE SOUSA FERREIRA

DOCUMENTO: AMÉRICA ABREVIADA. Lisboa, 20 de maio de 1693.

TEXTO: «Cópia do códice CIVI da Biblioteca Pública Elzense», publicada na RTHEB, vol. 42, parte 1, 1984, pp. 3-155, com o título «*América Abreviada - Suas notícias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, titulos, contendas e instrucções a sua conservação e augmento assi utrais Pelo Padre João de Souza Ferreira Presbitero da Ordem de São Pedro, Natural da villa de Basto*», assinada, na dedicatória (sem título), à p. 7: «Lisboa, 20 de Maio de 1693. De V. S. humor capellão. B. S. M. B. João de Souza Ferreira».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1894. Vol. LVII, Parte 1. 247 pp.

CAPITULO II - *América Abreviada, como se descobrio, o que d'ella toca á corôa de Portugal, como lhe toca e suas conferencias.*

[...]

§ 5. <...> (p. 21) e no Maranhão se observa em memoria e acção de graças d'aquelle vizivel milagre de Nossa Senhora todos os annos em dia de Nossa Senhora da Apresentação, dia assignalado d'aquelle tão desigual batalha [em 1613], uma festa que sempre se celebra com missa cantada e sermão, no qual se recitam estas e outras estupendas e maravilhozas circumstancias de Nossa Senhora da Victoria, invocada por tão bom cabo, que dizem conservava, como á hora em que havia nascido, sua pureza.

[...]

CAPITULO V - *América abreviada com noticia de seus naturaes habitantes*

[...]

§ 8. <...> (p. 103) Pelo que nostras serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociozidade, sensualidade e ebriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimoniaes, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da espella de uma banda, levantando o ponto, e a mais xouxa á roda cantando e batendo com os pés no xão até pela manhã. Porém differenciam-se os pretos na capacidade de qualquer politica, tanto que d'ella participam, introduzindo-se de seu moto proprio nas artes liberaes, que sua pobreza, tempo e mestres lhes permitem.

[...]

§ 22. (p. 130) E achando-se em outra ocasião uma India emarrada a um esteio, e os naturaes em beberria ³⁶⁷ para a natar fazendo paraçô, que é o seu baile, como elles costumam, chegavam a ella bebendo e dançando e a convidavam para que tambem bebesse, e voltando elles ficava ella, assim com os pés fazendo a mesma menção de paraçô e cantando em voz sumiça ³⁶⁸.

[...]

357 . Nota anónima à p. 130 desta edição: « Beberromia se chama aas festas por serem só fundadas em muito beber até perderem o juizo. E paracê são aas dargas ».

358 . Nota anónima à p. 130 desta edição: « Esta foi asepva do padre João Maciel Santiago, que ainda vive na Tapuitapera, a qual depois sendo christão se envergonhava de lhe lembrarem o que lhe havia sucedido ».

FRUTUOSO CORREIA

(1655 - 1735)

DOCUMENTO: RELAÇÃO DA VIAGEM QUE FEZ O PADRE FRUTUOSO CORREIA MANDADO POR ORDEN DE NOSSO REVERENDO PADRE GERAL TYRISO GONZALES A LER TEOLOGIA AO MARANHÃO. São Luis, 26 de maio de 1696.

TEXTOS: Como indicado por SERAFIM LEITE (*infra cit.*, p. 392), este manuscrito foi encontrado no Roma, *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Bras. 9, ff. 416r-419v, datado de « S. Luiz do Maranhão, hoje vespera do Espírito Santo, 1696 », portanto de 26 de maio do mesmo ano. No v. VIII de sua *História* (1949, vol. 2, p. 172), SERAFIM LEITE assim se refere a esse documento: « Relação da Viagem que fez o P. Frutuoso Correa mandado por orden de M. R. do P. Geral Tyrso Gonzales a ler Theologia ao Maranhão "ad tempus", e de algumas cousas notaveis que viu em Cabo Verde, e na Cidade de S. Luiz do Maranhão, levando p.a aquella Missão o Irmão Miguel da Sylva e dous pertencentes da Comp.a de JESV. Para os Padres do Collegio de Evora. De S. Luiz do Maranhão, hoje vespera do Espírito Santo, 1696. De W. R. R.^{mo} amor servo e Irmão em Christo, Frutuoso Correa ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este documento foi publicado apenas no tomo II da *História* de LEITE, recebendo o seguinte título (página 386): « Relação da viagem que fez o Padre Frutuoso Correa mandado por orden de Nosso Reverendo Padre Geral Tyrso Gonzales a ler Theologia ao Maranhão "ad tempus", e de algumas cousas notaveis, que viu em Cabo Verde, e na Cidade de S. Luiz do Maranhão, levando para aquella Missão o Irmão Miguel da Sylva, e dous pertencentes da Companhia de Jesus. - 1696 ».

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo SERAFIM LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1949, v. VIII, p. 171), FRUTUOSO CORREIA « Nasceu em 1623 em Braga. Entrou na Companhia em Portugal a 6 de Outubro de 1671. Já tinha estudado Humanidades, Arithmica, Philofoia e Theologia em Évora, quando embarcou para o Maranhão em 1696, como Professor de Theologia. Concluido o Curso, voltou a Portugal, por ser esta a condição de ida ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livraria Portugal; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1949. Tomo II, Apêndice C, pp. 386-392.

[...]

[5.] (p. 387) Aos 25 [de março de 1696], dia de Nossa Senhora da Encarnação, em que as nações da Índia havião de dar à vella com os navios do Brazil, Cacheo, Cabo Verde, e o nosso ["N. S. da Piedade, e Esperança", saído da "Barra de Lisboa a 24 de março de 1696"], cantou o P. Comissario das Mercês Missa a Nossa Senhora que offoiarão os seus Religiozos com Harpa, Baxão, e viola para mitigar as saudades da sauzica desse Reyno; <...>

[8.] <...> Com ventos sudoestes velejamos às 4 horas da tarde dia de São Francisco de Paula ate a encosta de S. Joseph; à 3a e 4a feira ate o neyo dia foy serração, chuva, e vento sul, com que na 4a feira à tarde [4 de abril de 1696], por ser o lugar em que estavamos perigozo, tornamos a subir para Belem; neste dia ouve missa votiva a Santa Maria do Socorro, Senhora da Ordem das Mercês, prodigiosa para os navegantes; no fim da missa preguey, como também na 5a feira depois da missa, que cantou o Padre Comissario.

[7.] <...> (p. 388) E daqui poderão Vossas Reverencias collogir qual eu estaria, basta so dizer que ate o penultimo dia desta navegação vin enjoadado, e padecendo outros acoques que não refiro; mas nem por isso dexey

de pregar 5ª feira de Endoenças [5 de abril] na altura da Ilha do Mayo, e dia de Pascoa [8 de abril] na villa da Praya de Cabo Verde, e dia de Pascoella, na Sê desta Ilha, o nascimento da Senhora Infanta, como tambem fizemos a Novena do S. Xavier na altura da linha, e em todos os dias della contey exemplo, e no fim preguey depois da missa cantada.

[8.] <...> no Domingo de Ramos [15 de abril], na 4ª feira de trevas [18 de abril], na 5ª feira e 8ª da Paixão [19 e 20 de abril] se fizerão na Nao os officios da semana Santa, cantando a Harpe³⁹⁹ hã lição³⁹⁹ em cada Nocturno: Na 5ª feira de Endoenças [5 de abril] comungarão noventa e tantas pessoas, e ja no dia antecedente tinham comungado os Sígños, e mais desterrados; e neste dia lhe dey e levey de jantar ao modo, que os Padres em Portugal costumão nesta semana levar de jantar aos prezos.

[9.] <...> ancoramos na sua villa da Praya [*da Ilha de San-Tiago chamada nesse Reyno Cabo Verde*], a 20 de abril] por ser perigoso o porto da Cidade, e avernos licença do Governador para lançar na praya da villa as Carretas que mandava Sua Magestade para a Fortaleza que se faz em Bissao, e ahi tomar a Carga dos negros: nestas idas e vindas se gastarão os dias de 8ª feira [20 de abril] ate a 3ª [24 de abril], 2ª Oitava da Pascoa, com que no sabbado da Aleluia forão à villa muitos religiosos; que pello cantar das lipçens e officiar da missa merecerão o jantar tão esplendido, como se pode dar em Portugal, e eu e meo Companhiaro o experimentamos no Domingo da Pascoa, porque o Cappitão Mor e Tenente da Praça com outros Cabos nos veyo buscar ao Navio para que lhe fosse pregar a Pascoa. <...>

[...]

[17.] (p. 391) Na 6ª feira pois dezoito de Mayo passamos com bom successo os perigos e baixos desta costa [do Cabo Verde], e no sabbado seguinte [19 de maio], ao por do Sol, ancoramos defronte da Fortaleza desta Cidade [*de S. Luiz do Maranhão*]: Cantamos as Ladainhas a Nossa Senhora³⁹⁹ em acção de graças. <...>

[...]

[22.] (p. 392) Ao presente fica a terra [do Maranhão] livre de todos os achaques, e ja com os mesmos exercicios espirituais que os Padres tem introduzido e vem a ser que nossa Igreja cantão todos os dias os estudantes e meninos da escolla o Terço de Nossa Senhora com a sua Salve e nos Sebbados acrescentão as Ladainhas; No fim das duas missas cantão o Bendito e Louvado seja o Santissimo Sacramento etc., tudo com tanta graça e suavidade de vozes que se os echos chegassem a Portugal podião sem fabula atrahir muitos sujeitos para esta Gloriosa Missão. Todos os dias Sentos se tange a missa hora e meya antes de amanhecer, a que todos os escravos e Indios da Cidade, e juntos lhe faz hum Padre doutrina na Lingua da terra, e ditas as oraçoens, sobe o P. ao altar e lhes diz missa: isto mesmo observão nas Aldeas, onde de mais costumão os meninos todos os dias irem em duas alas com sua cruz diante encomendarem as Almas; dando hã volta pella Aldea se recolhem à Igreja e depois de se lhe fazer doutrina na Lingua cantão como hums Anjos as ladainhas de Nossa Senhora. Este o modo com que os Nossos Padres conservão e augmentão esta nobre christandade.

[...]

399 . RAPHAEL BLUTERU (Vocabulário português e latão, v. 1, 1712, p. 516) usa a grafia "arpa", muito comum na época, definindo-a como « Instrumento musico, de cordas, que foy formado á imitação da Lyra dos Antigos; como mostra Vossio com este verso de Fortunato. [Romaneque Lyre, planet tibi barbarus harpa]. O Dicionário da Língua portuguesa, [de ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS] (v. 1, 1793, p. 416), traz esta descrição: « He de figura triangular, e consta de humas taboas delgadas e unidas, que deixão hum vão por dentro, o qual se cobre com humas taboas cheias de botõeszinhos, onde se segurão as cordas, que vão rematar na cabeça, e aqui se põe humas escaravilhas de ferro, que movidas com o temperador servem para temperar o mesmo instrumento. Tocase com as unhas, e antigamente acompanhava com o seu baixo a musica de capella ».

360 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. V, 1716, p. 138) diz: « Lição. (Termo Ecclesiastico.) He o que se lê no Breviário em cada nocturno das Matinas; tom-se da sagrada Escritura, ou das obras de algum Santo Padre, ou da vida do Santo, que naquella dia se festeja, & assim se lê officio de nove lições, ou de tres lições, como no tempo pascoal. Lectio, oris. Fin. He o termo, que a Igreja usa neste sentido ». MARIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1909, p. 291) acrescenta: « Trecho das Sagradas Escrituras; parte integrante das Matinas, musicada conforme costume português adotado no Brasil ». NATHAN DE SOUSA VILLA-LOROS (*Arte de cantochão*, 1688, cap. LVII, p. 178) dá o « Modo de cantar as lições do choro », com seu "Ponto" e "Fiscal".

361 . MANUEL DA FONSECA & (*Vida do venerável Padre Belchior de Pontas*, 1732, cap. III, § 4, p. 12) narra um episódio da vida desse padre no Brasil, no final do séc. XVII: « Correu assustado o nosso estudante, e como nos casos repentinos adverte occorre aquillo, em que [cada] hum tem formado habito, levantou a voz, e quando costumam todos invocar o favor do Rey, invocou elle a Rainha dos Anjos, repetindo com descompensadas vozes a Ladainha da Senhora, que costumava rezar, dizendo Sancta Maria, Sancta Dei Genetrix. &c. ».

JOÃO FELIPE BETTENDORF

(1625 - 1698)

DOCUMENTO: CRÔNICA DA MISSÃO DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS NO ESTADO DO MARANHÃO. [Maranhão], 25 de maio de 1698.

TEXTO E NOTA DOUTORAL: Na « Sumaria Notícia » da impressão da Rev. Inst. Hist. Geo. Bras. (infra cit., p. VII), lê-se: « É a Crônica impressa agora pela primeira vez em sua íntegra, aproveitada uma cópia que já existente na Torre do Tombo foi obtida por Gonçalves Dias. Ignora-se onde para o original, si por acaso não se extraviou ». JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (História da História do Brasil, 1979, livro VI, cap. I, n.º 8.2, p. 293) informa: « Em 1693, aos 68 anos, preferiu Bettendorf escrever, a praticar façanhas e o resultado é a Crônica, de cuja original se desconhece o paradeiro. A única edição feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro [a que usamos neste trabalho. Porém, Rodrigues cita também, na nota 204: « Extratos e trechos segundo a cópia da Biblioteca Nacional de Lisboa in Rev. Inst. do Ceará, t. II, 37-52; t. XVII, 186-214. »] foi preparada segundo cópia existente na Torre do Tombo obtida por Gonçalves Dias, quando, comissionado pelo governo imperial, fazia em 1854 pesquisas nos arquivos portugueses, conforme declara o prefaciador anônimo da edição da Crônica ». Existe, no entanto, uma cópia no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), que pertence à coleção J. F. de Almeida Prado, feita com papel e letra do início deste século e catalogada sob o n.º 4-a-5 (254 ff. inus.), levando o seguinte título: « Crônica | da | Missão da Companhia de Jesus | em o | Estado do Maranhão | pelo Padre | João Felippe Bettendorff | Missionário antigo | da | nossa Missão, | Tomo 2º | Dedicado a N. S. da Luz. » [A lápis, no alto, outra letra:] « Pertenceu a João Lucio de Azevedo ». O peritista foi, deste códice contém a seguinte nota: « (Crônica da Comp. de Jesus da V. | Província do Maranhão. - (Anônimo, | letra do sec. XVIII.) - 4 fl. 341. - Bibl. | Nacional de Lisboa. Ms. fundo antigo. | N.º 4.516.) ». Esta cópia de códice português setecentista vem descrita em RESENHA E. H. H. H. (Relação dos manuscritos da coleção "J. F. de Almeida Prado". 1966, n.º 2, pp. 1-5).

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JOÃO FELIPE BETTENDORF - Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910. Tomo LXIII, Parte I, LIII, 677 pp.

LIVRO 12 - Da origem do nome, descobrimento, estado e capitânicas do Maranhão

CAPÍTULO 32 - Acostumam os franceses ao poder português, e ficam vencidos por milagre da Virgem Senhora Nossa

[...]

[3.] <...> (p. 9) e para que nunca chegasse a se pôr em esquecimento este tão assignalado beneficio pela Virgem Mãe de Deos, attribuindo-lhe toda a gloria deste tão prodigioso successo, lhe dedicaram a Matriz da Cidade [de São Luis, "em o mez de Outubro do anno 1614" ou pouco depois], onde a festejam todos os annos com Proceissão Solenne, Missa cantada a canto de Orgão e pregação, muitos tiros de artilharia debaixo do Glorioso titulo de Nossa Senhora da Victoria, cuja imagem se venera exposta em o altar-mor da mesma Igreja. <...>

[...]

TÍTULO 20 - Do que obraram os padres missionarios, em tempo do governo do primeiro governador do estado, e do segundo em que se fez a viagem para Quito, e do terceiro em que os hollandezes tomaram o Maranhão.

CAPÍTULO 80 - Da primeira chegada do padre Antonio Vieira com seus companheiros à missão do Maranhão e o que obraram em ellas.

[...]

[2.] (p. 78) Despediu-se o Padre Antonio Vieira da Corte com os seus companheiros Manoel de Souza e o Padre Matheus Delgado, o Padre Thomé Ribeiro, os Padres Antonio Soares e Salvador do Valle e o Irmão Simão Luiz e embarcados em o Porto de Lisboa em o anno de 1652, chegaram com feliz viagem á cidade de S. Luiz do Maranhão, onde foram recebidos como uns Anjos do Céu. Passados os primeiros dias de descanso e visitas, tratou o Padre Antonio Vieira que vinha por superior de toda a missão de pôr correntes todas as funções da Companhia. Instituiu o tempo ~~que~~ que cada dia pelas cinco horas da tarde depois da classe se canta pelos estudantes e meninos da escola deante da imagem de Nossa Senhora da Luz, que estava no altar mór; e porque nunca viesse a acabar-se esta tão grande devoção poz-lhe confraria com seu compromisso, assistindo sempre dous Irmãos com tochas acesas naquelles principios, e cantando a Salve Rainha e Ladainha pelos musicos de Nossa Senhora das Mercês estando ali um exemplo da Senhora; no cabo mandou também que se continuasse o pleito contra Antonio Gouvea testamenteiro do defunto nosso bom feitor Antonio Muniz Barreiros, pae de Ambrozio Muniz que morava conosco, ordenou que em os domingos e festas se fizessem andando o Padre com a canna na mão, acompanhado dos estudantes com sua bandeira cantando as orações e ladainhas pela cidade, que se visitassem as prisões e hospital, ou casa da Misericordia e mais aos doentes para que não faltassemos a nenhuma obra de caridade. <...>

[...]

LIVRO 30 - Do que os padres obraram desde o anno de 1655 até o anno de sua primeira expulsão em 1661

CAPÍTULO 20 - Vai o padre Souto Maior para a terra dos ingaibes com a tropa que mandou o governador André Vidal para castigar os aruanas que tinham morto o padre Luiz Figueira e os que iam com os naufragados.

[...]

[8.] (p. 94) Não deixou esta acção do Padre João de Souto Maior de ser murmurada de muitos ecclesiasticos, e senhores que tinham por grande indecencia deixar-se uma imagem de Christo Crucificado em mãos de barbaros e pagãos; porém o tempo mostrou ser infallivel a promessa de tão grande penhor, porque os barbaros o tiveram em grande veneração, e todo aquelle tempo sahiram mais em cãdas ligeiras a seus latrocínios, e no fim do anno [de 1655] se fizeram as pazes com universal alegria, trazendo do sertão em primeiro logar a Sagrada Imagem que tinha ficado em seu poder por penhor; com grandes festas e trombetas³⁰³ e bailes a seu modo rustico, com grande solemnidade foi recebida esta Sagrada Imagem, em a capitania do Grapará,

porque se recebeu com procissão solenne que mandou fazer o Vigário Geral, e com missa cantada em acção de graças e prégação, assistindo as Comunidades das Religiões e nobreza toda, louvando tanto a Deus Nosso Senhor por uma tão grande maravilha.

CAPITULO 32 - Relata-se o princípio da missão da Serra de Ibiapaba, dado em tempo do padre Antonio Vieira superior, e de André Vidal de Negreiros governador do estado.

[1.] <...> (p. 86) faziam-se em a aldeia da residencia [de Ibiapaba, por ocasião da chegada de Antonio Vieira, em 1656] os officios divinos e canto de organ com os indios musicos, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam. <...>

[...]

CAPITULO 42 - Entrada do padre João de Souto Maior pelas terras dos Pacajás, por missionário da tropa que ia ao descobrimento do ouro por ordem de El-Rei Dom João o 4º.

[...]

[5.] (p. 88) Chegado o tempo da quaresma [de 1656, ao longo das margens do rio Pacajás] sem embargo de estarem em matos agrestes, fizeram-se todos os actos de penitencia com grande devoção, assim dos christãos como do gentio que (p. 89) para esse effeito trouxeram muita abundancia de cera, entoaço-se as musicas de Sion em a terra selvagem e rustica daquelle paganismo.

[...]

CAPITULO 82 - Missão do padre Manoel de Souza pelo rio dos Jurunas [em 1656]

[...]

[2.] <...> (p. 118) São os homens [Jurunas] muito valentes e guerreiros, como se tem experimentado em varios encontros que com elles tiveram por vezes as tropas que vieram da capitania de S. Paulo para os castigar, como contou um delles aos Padres; dizia que tendo os Paulistas feito entrada em terras dos Jurunas, para fazerem melhor negocio, se tinham fortificado em uma ilha de pé a pique, não conhecendo o muito poder e valor dos indios, os quaes tendo disso noticia tocaram logo muitas buzinas e moracira de trombetas, para se ajuntarem todos para guerra, e juntos sahiram em suas canoas ligeiras, e correndo toda a ilha lhe deram varios assaltos, <...>

[...]

CAPITULO 112 - Visita o padre superior Antonio Vieira a missão de S. Francisco Xavier sita na Serra ou Montes de Ibiapaba

[...]

[4.] (p. 123) Logo que os Padres Missionarios e indios da aldeia souberam que vinha o Padre Superior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa [c. 1656] e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a igreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charanellas e frautas; <...>

[...]

CAPITULO 150 - Faz o padre superior Antonio Vieira pazes com os Ingaibas e mais nações daquela ilha

[1.] <...> (p. 136) a primeira coisa que fizeram esses barbaros [na ilha dos "Ingaibas", antes de dezembro de 1658], tanto que se resolveram a guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse um avisar os outros, e nunca serem acomettidos juntos, ficando desta sorte habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes, porém, todos os bosques de muros, e os rios de defesa, e as casas de atalaia, e cada Ingaiba de sentinela, e as suas trombetas de rebate^{mas}; <...> (p. 136) Ao quinto dia de viagem entraram [Antonio Vieira e seus companheiros, no principio de 1659] pelo rio dos Mapuazes, que é a nação dos Ingaibas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos mattos em que receber os Padres, e duas legoas antes de chegarem ao porto sahiram os Principaes a encontrar as nossas canoas em uma sua, grande e bem equipada, espavizada de pennas de varias cores, tocando buzinas e levantando pocenas^{mas}, que são vozes de alegria e applauso com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhes respondiam. <...> (p. 139) Chegados enfim á povoação, desembarcaram os Padres com os Portuguezes e Principaes christãos, e os Ingaibas naturaes os levaram á igreja que tinham feito de palmas ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada Imagem, com nome da igreja de Santo Christo, e se disse Te-Deum Laudamus, em acção de graças. <...>

[...]

[3.] (p. 141) Era cousa muito para dar graças a Deus ver os extremos (p. 142) de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que diziam entre elles; por fim, postos todos de joelhos, disseram os padres o Te Deum Laudamus, e sahindo da igreja por uma praça larga, tomaram os Principaes Christãos seus arcos que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da igreja se tinha feito, os Portuguezes tiraram as balas dos arcabuzes, e as lançaram ao rio e dispararam sem bala, e logo uns e outros Principaes quebrarão as fróchas e atiraram com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra - Arcum conteret et confringet arma.

[4.] Tudo isso se fazia ao som de trombetas, buzinas, tanbores e outros instrumentos, acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria, estendendo-se este geral conceito a todas, posto que eram de mui differentes linguas. <...> Os actos da solemnidade que se fizeram foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos em um mesmo dia; e os dias que alli se estiveram os Padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que, como differentes pelas vozes, modos, instrumentos, e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir. <...>

[...]

CAPITULO 160 - Mande o padre superior Antonio Vieira uma carta para Roma a pedir missionarios, faz o corregedor novo do Maranhão para a banda da matriz e chega o padre João Maria Gorenha com seus companheiros.

[1.] <...> (p. 146) continuando sua navegação [Antonio Vieira, em 1660 ou 1661], foram ao Maracaná, e dahi á aldeia dos Tupinambás, que o Padre Francisco Velloso tinha descido de seu sertão e situado de novo, com bella

egreja e casas, á beira mar da ilha do Sol; aqui foram recebidos com muita festa e bailes, que lhes faziam os neninos, estando toda a praça cheia de indios desejosos de ver e saudar o Padre Subprior e seus Companheiros; <...>
[...]

CAPITULO 179 - Parte o padre João Felipe Betendorf, com o irmão Jacob Coelho, theologo da provincia gallo-belgica, para a missão do Maranhão.

[...]

[3.] <...> (p. 152) Pelo caminho [de Lisboa ao Maranhão, antes de 20 de janeiro de 1661, quando aportaram] não faltamos com a doutrina e (p. 153) pregação a seu tempo, sem com seu terço e ladainhas cantadas, com que iamos alegremente navegando, <...>
[...]

LIVRO 42 - Levantamento do povo do Maranhão e Pará contra os padres da Companhia de Jesus, em quanto se institue a missão do rio das Amazonas com missionarios e residencia em os Tapajoz.

CAPITULO 32 - Breve relação do que obrei pelos Tapajoz, antes do levantamento do Pará chegar até lá.

[...]

[3.] (p. 170) Tinham os Tapajoz [do rio "Tapajoz", em 1661] um terreiro mui limpo pelo netto dentro, que chamavam Terreiro do Diabo, porque indo fazer alli suas beberrias e danças, mandavam as suas mulheres levassem para lá muita vinhaça, e depois se puzessem de cocoras com as mãos postas deante dos olhos para não vêr, então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha em a cabeça tudo o que queriam; assim se affirmou o principal Roque. Indo eu com elle vêr aquelle terreiro, para depois prohibil-o, como fiz, dando-lhes só licença para beber em suas casas, convidando-se alternativamente uns aos outros, aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao collo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, perguntei ao alferes João Corrêa que cousa era esta procissão de gente, e disse-me elle que eram os indios da aldêa que iam beber e fazer suas danças que chamam poracés^{ses} no Terreiro de Diabo. Mandei-o que fosse avisal-os da minha parte que logo voltassem para suas casas, e quando não obedecessem ao que lhes mandava dizer, quebrasse os potes ou igaçabas dos indios, e derramasse o vinho no chão, e como o alferes João Corrêa não se atrevesse com receio que os indios o maltratassen, animei-o outra vez que fosse dizer-lhes de minha parte que se retirassen para suas casas, e quando não, lhes desse com um péu nas igaçabas e as fizesse em pedaços; foi elle então e com prospero successo lhes intimou á minha orden, e porque repugnavam de obedecer logo, deu com grande animo e confiança em Deus que o havia de ajudar, com um péu nos potes e derramou os vinhos. Cossa notável, não houve um só que se lhe oppuzesse, nas foram-se todos para suas casas e nunca mais foram ao terreiro prohibido, enquanto lhes assisti; porém, para não ir com tudo ao cabo em aquelles principios, lhes permitti se convidassem uns aos outros em os dias de suas festas para suas casas, para lá beberem com moderação. Outro terreiro tinham tambem dentro da mesma aldêa, que os brancos chamavam de Hofana; este tambem

não se frequentou mais e ficaram (p. 171) tirados os terreiros em que os Diabos tinham grande ganancia pelas desordens que em elles se commettiam com as continuas beberrias e danças. <...>

[...]

CAPITULO 109 - Chegam o padre Salvador do Valle e o padre João Maria do Reino para o Maranhão, e são recebidos...

[1.] <...> (p. 202) Da matriz foram os Padres com o mesmo acompanhamento á casa de Nossa Senhora da Luz [em S. Luis, a 8 de setembro de 1662], sendo vespera de seu santo nascimento, que é orago da sua igreja; cantaram-se-lhe as vespersas, e em o dia seguinte a Missa solemne, estando tambem o Senhor exposto, por espaço de oito dias, entendo todos uniformemente o terço do Rosario, pela contemplação dos mysterios da Senhora, devoção que se continuou sempre, desde que a instituiu o Padre Antonio Vieira, Superior da missão, sem faltar um só dia, o que se imprimiu tanto em o coração de todos que ainda o anno da expulsão [1661] estando fóra do Maranhão, todos os Padres se não quizeram esquecer della.

[...]

CAPITULO 110 - Manda o governador Ary Vaz de Siqueira tropa ao Rio das Amazonas ao resgate dos escravos, cujo cabo era Antonio Arnan, morador do Maranhão, e leva um frade de Nossa Senhora das merces por missionário, mal succedido.

[...]

[7.] <...> (p. 209) Os indios ["Aruaquizes" do rio Amazonas] que fizeram mais façanhas em a guerra e se avantejaram aos outros em esforço e valentia, antes de lhe darem titulo de cavalleiro, fazem que padeça primeiro por tempo de um mez grandes jejuns e abstinencias, como um abstinente e solitario (p. 210) anachoreta, e depois, ajuntando muitosinhos para a festa, para cujo gasto se fintam os parentes e amigos, o trazem para o meio da aldeia e dahi o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que tem mui boa ornada de varias pernas e é toda de palha, nem serve mais que para este ministerio; ahí se occupam, uns com danças, outros com assobios e folias, em sinal de alegria, porém os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas pelles de onça e outros animaes que tem guardadas e arroladas para este fim, para experimentarem se é soffredor de trabalhos e contente em o padecer; cuidam que este é o maior favor que se lhe faz; o cavalleiro que se ha de armar está com tanta paciencia em as pancadas, que não dá de si um gemido nem mostra ter tormento algum, e se houvesse algum que mostrasse, ficava incapaz de tal honra e infamado em geração.

[8.] Depois destas ceremonias, trazem os velhos executores dellas muita quantidade de formigas e outros animaes e bichos que mordem muito, e levam ao padecente cavalleiro para que o mordam e maltratam.

[9.] Acabado tudo isso, o tornam a pendurar mais, por espaço de oito dias, ao cume mais alto da casa nova, feita de plumas e para serem todos testemunhas de sua paciencia e perseverança em aquelles martyrios que lhe dão, arman suas redes debaixo delle, assistindo-lhe, e como estes oito dias são os ultimos, nelles lhe apertam mais o jejum, tendo a casa ornada de quartos de carne de porco do matto, e andando seus parentes com outros indios continuamente a comer e a beber á sua vista, com danças que fazem de noite e de dia, sem sossego algum, ao som de seus instrumentos barbaros, festejando sua ditosa sorte e dando-o por muito honrado da grande dignidade a que honrados o levantam.

[10.] O officio das velhas que nunca estão em casa ociosas, é irem todas juntas em dança, com aguas cheirosas, ás tardes e manhãs a lavar-o e todas lhe pratioam que não desfalleça em os trabalhos que brevemente passam, pois só são apparencias para a honra que ha de gozar entre elles, que até estes barbaros não sabem dar premio sem merecimento, e assim o tem (p. 211) como coisa sagrada, levantando-o e abaixando-o por umas pelles de tigre, sem ninguem ser ousado a tocar-o nem ainda com a mão.

[...]

CAPITULO 129 - Como se houveram os padres do Pará em tempo das beixigas daquella e mais capitánias circunvizinhas

[...]

[2.] (p. 213) Começando esta praga pestilencial em a cidade do Pará [em c. 1662, "*Com a vinda do Governador Ruy Vaz de Siqueira*"], tinha eu ficado, com alguns de maior autoridade, que se elegesse (p. 214) S. Francisco Xavier por Padroeiro, para aplacar a Ira de Deus, e que para isso se faria uma procissão com Missa cantada e pregação, que correria por minha conta; <...>

[...]

CAPITULO 149 - Vae o governador Ruy Vaz de Siqueira ver as aldeas, acabadas as beixigas, levando consigo a mim e o capitão-mór Manoel Guedes Aranha, homem de maior autoridade.

[1.] <...> (p. 220) Levava o Governador [em c. 1663, em visita às aldeias da "*Capitania do Pará*" (a primeira que visitou foi a de "*Mortigura*") e "*as mais que estão para riba*", como a "*aldeia do Xingu*", que está sobre o Gurupá"] seu acompanhamento mas muito limitado, porque não era homem de festas; e entre outros ia um tambor, um tempo de charameleiros³⁸⁷ para tocarem pela madrugada, jantar e ceia; eu cuidava, chegando às aldeas, de avisar os Principaes que viessem receber o senhor Governador e levá-lo para seu aposento, mandar-lhes seus presentinhos, postos que limitados; feito isso, os chamava á doutrina a todos, e, acabada ella, deixava os vir fazer suas danças pela tardezinha; <...>

[...]

CAPITULO 159 - Chega o padre Francisco Velloso com seus compenheiros ao Maranhão, e manda o padre superior do Pará, e chamando-me a mim, para ser superior da casa do Maranhão

[...]

[2.] <...> (p. 224) às mais aldeas todas [fora "*S. José*", "*S. Gonçalo*", e a "*dos Guajará*"], assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo e incansável zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrificio da Missa, por ser um delles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns indios charameleiros da mesma nação, com um indio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José. <...>

[...]

CAPITULO 182 - Trata o governador Ray Vaz de Siqueira de interpretar as leis novas [de "desquite de outubro do anno 1683"] contra os padres missionarios, mas El-Rei, informado, lho improva e engeita.

[1.] <...> (p. 230) Para fazer mais materias suas interpretações frivolas, com que capeava a sua cobiça e interesses, intinuando que isto era o que convinha ao bem do povo e augmento do Estado, as mandou apregoar com trombetas pelas capitancias [em meados de 1684]; <...>

[...]

LIVRO 52 - Do que se obrou do anno de 1687 até o ano de 1684

CAPITULO 42 - Chega o padre Gaspar Minsh com o cabo e sargento mór, João de Almeida Freire, da tropa dos Populizantes, da festa do Santo Xavier.

[1.] <...> (p. 257) Os forros que trouxeram se metteram em a aldeia de Murtigura [em 1688] com seus parentes, e os escravos repartiram-se, conforme cabiam a cada um; por direito, o sargento mór João de Almeida Freire levou um bom quinhão, e em agradecimento do bom successo mandou cantar uma Missa em a egreja de Santo Antonio, com sua pregação, em acção de graças pelo bom successo de sua viagem, foi gabado do pregador como se tivera feito grandes proezas, comparando-se com os antigos mais valentes guerreiros.

[...]

CAPITULO 52 - O padre superior da missão visita as aldeias todas, levando em sua companhia o padre Pero Luiz e o irmão Domingos da Costa.

[...]

[3.] (p. 280) Dos Tapajoz subimos seis dias para riba [em o. 1670] para os Tupinambaranas, que por aquelle tempo moravam em uma ponta sobre o rio das Amazonas; ahi estivemos doutrinando, baptizando, casando..... uma egreja..... de S. Miguel. Estando cansados com o muito trabalho do dia, mandei os reneiros que levassem a canoa grande em que iam pelo meio do rio, que por aquelle tempo estava quieto, e nós á boca da noite nos fomos pôr dentro della, cuidando que por meio desta prevenção não nos perseguisse tanto a praga de mosquitos, que não deixavam descansar a ninguém; porém, foram nos seguindo, tanto que não houve Padre nem ainda indio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um indio, por nome Thomazio, trombeteiro, mandei-lhe tocasse trombeta, virado para banda de um outeiro, para com a agradável correspondencia do eco que ahi havia, passarmos a noite com algum alivio, ou ao menos com menos molestia pelo divertimento que causou^{mos}. <...>

CAPITULO 72 - Continua-se o mais que o padre superior obrou, estando de visita ao Maranhão

[...]

[2.] (p. 266) Era o Padre Velloso reitor do Collegio em aquelle tempo [entre c. 1670 e c. 1674], em que, por eu ter escripto a Roma que as Casarias se podiam chamar Collegios e os Superiores dellas Reitores, por terem os requisitos para isso, concedeu o nosso muito Reverendo Padre João

Paulo Oliva licença para se chamarem assim dahi por deante. O Padre Velloso, primeiro reitor do Collegio, pediu-se com os irmãos da Confraria, que tambem instituissse a devoção das quarenta horas que a Confraria, ha de fazer á sua custa. Tive eu para isso alguma repugnancia dantes, por parecer-me não haveria quem fizesse e continuasse a fazer os gastos e não são pequenos, e com o tempo podiam vir a cahir ás costas do Collegio; mas como quer que, assim o Padre reitor, como a direção da Confraria, como o prefeito e assistente e mais irmãos, instaram fortemente, institui então com elles as quarenta (p. 267) horas para sempre, e porque os gastos não fossem tão molestos, fiz que esta Confraria [*de Nossa Senhora da Luz*] se juntasse com a de Nossa Senhora do Socorro, porque como esta havia de fazer uma festa em o anno, fosse em o dia de Nossa Senhora do Terço em dia de Nossa Senhora da Luz, e por que aquelle dia ha jubileu e indulgencias plenarias, alcancei de nosso muito reverendo Padre Geral que as da Confraria se pudessem deferir a ganharem o domingo seguinte. Isto assim ficou, fazendo-se as festas com tão grande solemnidade, que nem as de Lisboa lhes ganham em devoção, porque nos dias das quarenta horas, em tempo de entrudo, ha tanto concurso em nossa egreja, que é cousa para dar graças a Deus, assim por isso como por não se achar pela cidade desordem alguma. Desencerra-se pela manhã o Senhor exposto em seu Throno, bem adornado com sua musica e Missa cantada, com pregação á tarde, pelas duas horas, por serem as manhãs impedidas com muitas confissões e mais communhões, e para que se possa continuar sempre a devoção por todo o dia, retirando-se gente para tornar um bocardo, assistem aquellas horas os religiosos e estudantes com os musicos, os quaes, depois de um bon jantar, que lhes dá a Confraria, em uma casa perto da egreja, cantam seus motetes, acabada a pregação, cantam-se as completas e as ladainhas e se encerra o Senhor, e pelo mesmo modo se passam os mais dias, tirando o dia terceiro em que ha procissão pelo terreiro, acompanhando os religiosos e clérigos e todos os seculares, assim homens como mulheres, o Santo Sacramento e a Imagem da Senhora, que se eleva em sua charolla, e ao cabo de tudo, cantando-se *Tantum ergo*, dada a bênção do Senhor, se recolhem todos para suas casas com tanta modestia pela cidade como se não fossem dias de entrudo, em que pelas outras terras parece andar o inferno todo solto para procurar aos homens as offensas de Deus Nosso Senhor. Por meio desta devoção já se acha o povo todo muito disposto para a Santa Quaresma; ella é as tardes em as domingas e praticas em as sextas-feiras, depois das Ave-Marias, á boca da noite, com tanto concurso que não cabe a gente em a egreja e está pelas ruas. Não falo das lagrimas que se derramam, principalmente em os colloquios que se fazem ao (p. 268) cabo, mostrando-se uns passos de umas imagens de vulto feitas em Lisboa, tão perfeitas que não ha outras eguaes. Tenho corrido muitas terras e visto o que alli se faz em tempo da Santa Quaresma, e confesso que lá se revê o Maranhão em apparatus, concurso e musicas; porém, não em as lagrimas que se choram até desmaiarem algumas pessoas: não tenho visto cousa semelhante. Não fallo aqui das procissões dos Passos dos Terceiros e do Senhor em quinta-feira de endoenças, com seus sepulchros disciplinantes e penitentes de muita casta, porque essas cousas se não usam em outras terras, fóra Castella e Portugal e seus Estados. <...>

[...]

CAPITULO 82 - Vae o padre João Maria Gormey com o irmão Manoel Rodrigues e desce boa parte dos Guajajaras de seu sertão para a residencia de Nossa Senhora da Conceição Immaculada, sobre o rio do Pinaré e aldêa de Cayritiba.

[...]

[2.] <...> (p. 270) Não é crível quanto padeceram os Padres durante a jornada [*de "Capiytiba" a "Cayritiba", pelo rio "Pinaré", entre 1670 e*

1673], com tanta gente que levaram a seu cargo. O Padre João Maria, para alegrar-o pelo caminho, lhes tocava uma gaitinha, que toca perfeitamente bem por solfa³⁶⁹, e o irmão lhes dava de comer por suas próprias mãos, com que lhe pegaram as bobas de umas orações, das quaes se bem se curou depois, contudo ficou muito mal tratado dellas até o presente.

[3.] <...> (p. 271) Acharam-se estes primeiros ["Guajajaras" de "Cayritiba"] tão bem onde estavam, que avisados seus parentes em o sertão, vieram uns oitenta, entre grandes e pequenos, por terra, tendo-se já ido o Padre João Maria para o Pará, estando eu em seu lugar, enquanto como reitor do Collegio, e tinha ido a visitar a aldeia por um pouco de tempo, fui recebê-los com trombetas ao porto e os levei com festa á igreja, e dahi, depois de rezar em alta voz o Te Deum, tomei-os em rol e fui repartindo por seus parentes que logo os agasalharam e vestiram a seu contento. <...> Tem estes Guajajaras de bem serem mui preguiçosos e pouco valentes, serem mui inconstantes e grandes fujões, porque a cada passo tornam a fugir para seus matos, não tão somente os novos mas ainda alguns dos mais antigos. O Padre João Maria os ensinou a tocarem a gaitinha³⁷⁰, e assim affeioadissimos a este genero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias, estando des(p. 272)occupados; não ha duvida que um dos meios para entretel-os e affeioal-os a ficar e estar com os Padres, é ensinal-os a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e danças, levando deante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente: Tupá cy angaturma, Santa Maria Christo Yara.³⁷¹

CAPITULO 112 - Varias cousas que se obraram pelo Pará antes que o padre superior partisse para o Maranhão com o governador, que levava os ossos do que tinha sido enterrado em a igreja do Cametá

[...]

[2.] <...> (p. 281) Acompanhei-os ["o Capitão-Mór do Pará, seus dous filhos, com a comunidade dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês", para desenterrar os ossos do avô do governador, entre 1670 e 1673] em o tempo da ida e foi com grande gosto que desenterramos os ossos, que estavam em o meio, deante do altar-mór, e achou-se uma medalha e um..... puzeram-se os ossos em decente baba, sobre a eça rodeada de bom numero de vallas brancas; cantou-se a missa com toda a solemnidade, e préguei então, tomando por thema que os filhos de Israel tiraram os ossos de seu pae Jacob e os levaram do Egypto para a terra da promessa. <...>

[...]

LIVRO 62 - Das cousas que succederam á minção em tempo do governo do padre Pero Luiz Gonçalvi, Romano.

CAPITULO 72 - Chegada de D. Gregorio dos anjos, primeiro bispo do Maranhão e da lei do anno 1680

[1.] <...> (p. 326) Em o dia de sua entrada [em São Luis] foi Sua Illustrissima á Nossa Senhora do Desterro, acompanhado de muitas canoas, entre as quaes a nossa, de Santo Ignacio; era como a capitanea, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu de pontifical, com a sua mitra á cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o irmão Manoel Rodrigues como de estribeiro-mór, por aquella vez; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e

parando pelos cantos della, onde encontrava uns arcos triumphaes bem feitos e adornados, junto aos quaes os recebiam os moradores com suas musicas dos religiosos de Nossa Senhora da Heroës, e uma pratica, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizarrria e graça, acompanhada de vivas e applausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Collegio de Nossa Senhora da Luz, á vista do qual ficou todo passado, e deteve-se para ouvir uma comediasinha que se lhe ia representando; porém como vinha choviscando sobre os ornamentos pontificaes, foram á matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a benção e se retirou para as casas de Manoel Valdez, onde teve varias representações de encamisadas a cavallo, danças e outros generos de demonstrações de festas e alegria, uns oito e mais dias. Passados estes, foi ver as egrejas, acompanhado da nobreza e povo; logo que entrou a do collegio de Nossa Senhora da Luz, subi eu ao pulpito e lhe fiz em latin uma oração sobre as qualidades da luz, todas apropriadas a elle, e a seu..... e se bem era de um dia para outro, durou quando menos uma boa hora, com grande sua satisfação e agrado do auditório todo.

[...]

CAPITULO 122 - Parte o padre superior Pero Luiz para visitar a missão com particular cuidado o cabo do norte, encomendado d'El-Rei

[1.] <...> (p. 347) Logo que o Padre Superior, Pero Luiz, entrou em o Collegio do Maranhão comigo [em 1681 ou 1682], achamos o estrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus charameleiros para nos dar as boas vindas. <...>

[...]

CAPITULO 132 - Succede o padre Iodoco Peres ao padre Pero Luiz, e como reitor do Collegio do Pará ao padre Francisco Ribeiro e fallece o padre Pero Luiz

[...]

[3.] <...> (p. 350) [descreve a cerimonia fúnebre do padre Pero Luis, morto entre 1681 e 1683] e foi gloriosa sua sepultura, officinando o nosso bispo Dom Gregorio dos Anjos, cantando officio as religiões e olerigos, <...>

[...]

CAPITULO 142 - Visita o padre Iodoco Peres a missão do rio Amazonas, e chega ao rio da Madeira e logo depois vae visitar o Maranhão

[...]

[2.] (p. 382) De lá [da "aldeia Iruriz", no "rio da Madeira", em 1682 ou 1683] o veio encontrar o principal dos Irurizes com seus cavalleiros, e dadas as boas vindas, o levou para casa do paricá, feita em o meio do terreiro, para tomarem seu paricá e fazerem suas danças e bebedices. Lá o agasalhou com todo seu seguimento, e com grandes demonstrações de alegria e festas, não lhes faltando do que comer e beber; <...> São os Irurizes muito curiosos, e lavram com singular arte as suas trouxetas ou mumbiz³⁷² e bordões de varias castas, que vendem aos que vão para suas terras. <...>

[...]

LIVRO 7º - Do levantamento do povo do Maranhão, expulsão e restituição dos padres missionários da Companhia de Jesus

CAPITULO 1º - Chega o padre Bernabé Soares, enviado da provincia do Brasil, por visitador do Maranhão. Levanta-se o povo e pouco depois lá mesmo chega o padre Iodoco Peres de visita, como superior da missão, vindo do Pará e é preso e expulso com os demais

[...]

[12.] <...> (p. 363) em ação de graças pelo bom successo [da destituição dos padres jesuitas da "jurisdição temporal" pelos amotinados no Maranhão em 1683] mandaram cantar o Te-Deum Laudamus [na Sé de São Luis], como si Deus Nosso Senhor os tivesse ajudado, e não o diabo, autor de seu motim.

[...]

CAPITULO 3º - Expulsa e embarca os padres do Maranhão

[...]

[14.] (p. 373) Observaram-se todas as horas de oração [na nau que levava os padres Barnabé Soares e J. F. Bettendorf, entre outros, da Bahia de São José (na páscoa de 1684) para Pernambuco], e exoes ladainhas, as quaes á tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam tambem ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quiz sua bondade que sempre tivessemos marés de rosas e que á boca da noite achassemos logar comodo onde lançar ancora á vista de terra, com tanta abundancia de gostosissimo peixe, que como em quantidade era pescado ao anzol, sobejava para as ceias daquelle e os almoços e jantares do outro dia.

[...]

CAPITULO 4º - Parte o padre visitador em o barco grande, e chega poucos dias depois o barco pequeno com o superior da missão e mais sujeitos que o acompanhavam ao Ceará

[...]

[4.] <...> (p. 379) Em o dia seguinte, vespera do Espirito Santo [o sábado que antecedeu o 7º domingo após a páscoa de 1684], desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Collegio do Recife, onde por então o Padre Manoel Carneiro³⁷³ servia o officio de reitor e o Padre Antonio Maria, Italiano, era o afanado factotum daquelle Collegio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Collegio, e nos levou consigo, contando-nos pelo caminho, que faziamos em canôa, as novas dos bons successos das armas imperiaes contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Vienna.

[5.] Em o dia seguinte, disse missa em o altar mór, ao som das charamellas de seus dextrisimos charameleiros, respeitando com isso o Padre reitor Pero Dias, o vice superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre visitador, o qual chegou pouco depois. Fomos sabos beijar a mão do governador, João de Souza, dando-lhe parte do levantamento do povo do Maranhão contra os padres daquela capitania, e pedindo-lhe mandasse logo barco capaz para virem commodamente os mais padras, que estavam esperando em o Ceará. <...>

[8.] <...> (p. 380) e tinham trabalhado debalde em reduzi-la [*"uma mulher casada, que ia de Pernambuco para a Bahia", antes de junho de 1684*] a que fosse para casa de seu marido, e como eu o sabia de varias partes, e do mesmo governador, tratei de ganhar a benevolencia della e logo, sem embargo de andar enjoado, pratiquei depois do terço e ladainhas cantadas, de sorte que com o favor do Céu ficou tocada da divina graça e me disse depois que só receiava a primeira entrada em sua casa, <...>

[...]

CAPITULO 70 - Parti eu com o irmão Marcos Vieira, de Pernambuco, para o Reino a dar conta a Sua Magestade da exploração dos padres do Maranhão

[...]

[3.] (p. 392) Pouco nos durou o vento [*na viagem da Bahia para Lisboa, iniciada em 28 de junho de 1684*], porque logo depois nos deu uma calmaria grande, que nos foi acompanhando quasi até a ilha Terceira. Estava eu sempre muito enjoado, mas nem por isso deixava de cantar com toda a gente da nau o terço e ladainha de Nossa Senhora, acrescentando de dois em dois dias uma pratica doutrinal, á qual tambem assistia um clérigo, Rengel que ia fazer queixa a Sua Magestade sobre um negocio com os conegos, do qual veio bem despachado.

[...]

CAPITULO 180 - Vai o padre Antonio Pereira com o padre Bernardo Gomes por Missionário do cabo do norte, e põem residencia em a ilha de Camunary norte, dois meses depois, foram mortos ambos pelos Tapuyas

[...]

[20.] <...> (p. 431) depois da matança [*"em principio de setembro" de 1686*] despiram os corpos mortos e os dependuraram nús do tirante da casa, partiram-nos em pedaços, assando e cozendo-os, guardando, porém, os cascos das cabeças para beberem seus vinhos por elles, e algumas conellas para fazerem suas gaitas²⁷⁴ e pontas de suas fréchas, <...> Fartos já do sangue dos dois missionários, os matadores Oivenecas de nação, por Goaninani, da nação Aricoré, fogo á casa, e o indio Moximaré, da aldeia de Mucurá, da gente Maranhizes, com tres outros companheiros surripou uma canella do Padre Bernardo Gomes, para della fazer uma gaita. <...>

[...]

CAPITULO 200 - Despachar-se ultimamente todos os papéis tocantes á missão do Maranhão em a corte; despedem-se os missionários de suas Magestades, e se embarcam para sua missão, tendo uma navegação tão adversa que só chegam por milagre a ella.

[...]

[7.] (p. 438) Por isso [*a falta de água que ocorreu durante a viagem de Lisboa ao Maranhão, iniciada a 17 de maio de 1686*] não houve devoção que não fizéssemos a Santo Antonio, grande padroeiro do capitão e aos mais santos do Céu principalmente a Santo Ignacio, a S. Francisco Xavier e á Virgem Senhora da Conceição, padroeira da nau, fazendo-lhes nossas devoções, sem nunca deixar de cantar sua ladainhas e terço á boca da noite, nem faltando com as doutrinas, que aos domingos e festas fazia o Padre José Ferreira, ou alguns dos Irmãos, noviços ou estudantes.

[...]

[12.] (p. 440) Estava a nau andando direita para o Occidente com a proa para Oeste, nem havia já esperanças humanas de tomar outro porto senão as Indias de Castella, por cujo rumo já ia encaminhada vinte e quatro horas havia, pouco mais ou menos, quando tomando o piloto altura, achou que em vez de ter andado para Oeste tinha montado grão e meio para o Sul; com que, sem embargo de quererem ainda alguns marinheiros, amigos das patacas, continuar a viagem com a proa para o Sul, disse eu ao capitão e piloto que, já que Deus, por milagre manifesto, nos levava e fazia montar para o Sul, virassemos a proa para lá e fossemos pelo rumo do Maranhão. Fizera-se assim e com todo (p. 441) o bom successo, porque, montando sempre de mais a mais, passámos a linha em breves dias, e como por aquelle tempo cahia a festa de nosso santo patriarcha Ignacio [31 de julho de 1688], celebrámos-a com muita devoção e alegria, conforme permittiam o lugar e mais circumstancias; tocou-se tambem clarins⁷⁸, dispararam-se as peças de artilharia, concorrendo Jacob Egres com seus instrumentos que tocava admiravelmente bem, e não faltou pregação, que eu fiz em louvor do Santo, tendo feito outra em dia do glorioso Santo Antonio [12 de junho], com agrado de todos.

[...]

LIVRO 82 - Põe-se a missão em estado maior e sua ultima consistencia

CAPITULO 20 - Começo como superior a visita do Collegio e Residencia do Maranhão, e, acabada ella, parto para o Gran-Pará.

[...]

[5.] (p. 478) Não é crível quanto sentiram os vizinhos de nossa roça a mudança do Padre Diogo da Costa para o Collegio [entre 1690 e 1692, em São Luis], porque sabia fazer ornamentos de papel para a egrejinha de Nossa Senhora da Luz, que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas télas do Reino, e como também sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha á honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, cuja imagem se venera naquella roça, que era a que os primeiros padres puzeram em nossa igreja do Maranhão, donde eu a tinha mudado muitos annos havia, quando nos veio a nova, tambem de vulto, que hoje temos em Maranhão. <...>

[...]

CAPITULO 42 - Doutrina que se fazia aos indios, de que ha catholicismo impresso, e é accusada aqui.

CAPITULO 62 - Vizito a residencia de Nossa Senhora da Conceição sobre o Rio Urubú, onde com licença do padre Iodoco Perea, assistia frei Theodosio, mercenário, e della vulto para o Pará, visitando Casetá e Nortigura

[...]

[4.] <...> (p. 493) Tinha o reverendo Padre frei Theodosio disposto ao redor de si umas cinco ou seis aldeas de gente nova [entre 1690 e 1692], todas com suas egrejinhas, as quaes de tempo em tempo ia visitar, e posto em

sua casa via de sua varanda quasi todas, por estarem mui chegadas á aldêa principal, algumas dellas além do rio, em campinas e terras baixas pouco férteis. Dizia o Padre frei Theodosio nissa em sua egreja e depois della a doutrina, que fazem os nossos missionarios, ainda que não inteira como elles; á tarde cantava as ladainhas da Senhora, ás quaes assistiam os indios e indias, algumas dellas nuas, por não terem uma vara de perno para se cobrir; <...>

[...]

CAPITULO 110 - Da redução dos Caycayzes e da causa que deram para se lhes fazer guerra, com que fugiram elles, e mais os Guayazes e Guacinazes todos para os matos.

[...]

[3.] (p. 315) Logo ao romper do dia, saem os homens ["Caycayzes"] á caça, e trazendo alguma presa a aparelham, assim elles como as mulheres, comendo-a todos juntos, ainda que meia assada; depois disso dormem e acabando de dormir começam a cantar e a bailar, grandes e pequenos, até alta noite e não poderem mais, que então..... a descansar, servindo-lhe de cama o chão, e este modo de cantar e bailar guardavam quando vinham á cidade de S. Luiz do Maranhão, atordoando com seus cantos desentoados os religiosos do Collegio e toda a vizinhança, e muito mais ainda quando tinham bebido uma gotinha de aguardente, da qual são tão amigos todos os indios, <...>

[...]

CAPITULO 120 - Relata-se o progresso e successo das obras da egreja nova.

[...]

[7.] (p. 521) Na egrajinha nova [de N. Senhora da Luz, em c. 1691], que ha de servir de sacristia da egraja grande, fizeram-se naquelle anno as quarenta horas com grande solemnidade, concurso e devoção, porque houve muitas confissões e communhões, com sermão depois de jantar, um dos quaes fiz eu ás tardes, e das domingas da quaresma fez o Padre Iodoco Peres, bella e frutuosa, sobre umas parabolâs do Evangelho, das quaes a ultima foi do senhor da vinha, que ameaçava de aforar sua vinha a outros, se os que a tinham se não emendassem, porém, ao cabo, pediu a Deus não entregasse esta vinha do Estado a outra nação, porquanto nenhuma lhe serviria com tanto primor nas festas e veneração do Santissimo Sacramento, como faziam os portuguezes; o Padre João da Silva fez ás sextas feiras com grande successo e muitas lagrimas dos ouvintes, por ser elle mesmo um dos primeiros que choravam. Além destas devoções, instituidas pelos já referidos, institui, de mais, no tempo deste meu segundo superiorado, a devoção da novena de S. Francisco Xavier, á instancia do senhor governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e do Padre João de Avellar, o qual contou e ponderou muito bem alguns exemplos da vida do santo, com grande concurso e devoção da nobreza e povo todo; expoz-se o Senhor com toda a decencia, e sendo sacristão o irmão Marcos Vieira, não faltaram velas brancas no altar nem musica dos estudantes destros, que, ajudados dos de Gregorio de Andrade, que tocava ricamente o cravo, cantavam as ladainhas da Senhora de Loreto, officiando e dando a benção no cabo, com o Santissimo Sacramento, o Padre vice reitor Diogo da Costa, com edificacão e satisfacão de todos.

LIVRO 92 - Relata-se a repartição das missões que se faz por ordem de El-Rei entre os missionários das religiões, e o que obrou o superior novo, Bento de Oliveira, em o tempo de seu governo

CAPITULO 142 - Começam as boxigas em S. Luiz do Maranhão, pegam para o Castilho e Joannes, e finalmente dão no Pará, acudindo os padres com sua caridade e novenas, feitas a S. Francisco Xavier, em agosto de 1685

[...]

[3.] (p. 585) Reluziu nesta ocasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos o Padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, aguas, peixe e farinha a varias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para apylacar a ira do Céu instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, a qual o povo acudia com grande devoção, (p. 586) por ser com o Senhor exposto, missa cantada e prégação ao cabo de tudo; [*"durou a força desse contagio uns quatro mezes, pouco mais ou menos, começando lá pelos fins de agosto, ou principios de setembro de 1685"*] (...)

[...]

[17.] (p. 586) A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues tambem escapou, porque se metteu com toda a gente no matto; escapou tambem o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catharina, nossa irmã, senhora delle, o encomendou a seu Santo, prometendo lhe fazer sua festa, como depois fez, assistindo a ella o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discipulos, que cantaram a missa, sendo eu prégador.

[...]

CAPITULO 150 - Refere-se como deram as boxigas na capitania do Cametá e como se houveram os padres missionarios da Companhia no tempo della.

[...]

[14.] (p. 589) E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquello logar [*"Inhumana, aldêa de riba"*, no 2º semestre de 1695] cantasse eu missas solennes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os seus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas³⁷⁸ e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do Padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu a logica e a physica até o fim das cousas

[...]

LIVRO 102 - Trata-se das cousas da missão acontecidas em o tempo do superiorado do padre José Ferreira.

CAPITULO 82 - Vão o governador e o capitão-mór ver as fortalezas e aldeas das missões, para tirar dellas os brancos e indios prejudiciaes.

[...]

[2.] (p. 817) Partiu com o Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a maior parte della [*"a tropa"*, em fins de 1686], indo tambem em sua companhia o ouvidor geral, o provedor-mór, o capitão João de Moraes, o reverendo padre provincial do Carmo, o commissario de Santo Antonio. Houve grandes disparos de peças de artilharia na partida, resoando o clarin e tambores pelos ares, e assim foram caminhando até o engenho de S. Francisco de Borja, pertencente a D. Catharina, nossa irmã, <...>

[...]

CAPITULO 92 - O que se passou desde o principio do anno 1687 até a paschoa da resurreição.

[...]

[4.] <...> (p. 832) não fallo nos officios das trevas, porque no Pará houve bellas e mui gabadas vozes de gente destra no canto; tambem por toda a quarema houve assistencia dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus motetes devotissimos, accomodados á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

[...]

CAPITULO 102 - Castigos de alguns amancebados sem esmola

[1.] (p. 867) Tres casos se contou o Padre João Angelo, missionario dos Boccas, acontecidos em sua missão [até 1688], os quaes todos quero referir brevemente aqui, para escarmento dos amancebados.

[2.] Indo uma india casada, da aldeia dos Boccas, para o matto com seu marido, que ia á caça, eis que, apartando-se um pouco d'elle, lhe appareceu o diabo em forma de indio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na cabeça e no nariz, feio e formidavel; ficou a india assombrada na presença desta phantasma e dahi por diante sempre com pouca saude, conforme o seu marido contou ao Padre João Angelo.

[3.] Passados uns dias, tornou o mesmo maligno espirito a mostrar-se em fôrma visivel á india, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarizando com elle, que se lhe entregou por amiga, communicando com elle, com se fôra qualquer indio, e elle a ensinou a cantar as cantigas de suas danças, até que ficou nestra das mais e tão desejosa de dançar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldeia até achar que se lhe ajuntasse e bailasse com ella; assim viveu tempos a miseravel india, até morrer sem confissão.

[...]

362. Cf. a carta de ANTONIO VIEIRA ao Padre Provincial do Brasil, de 22 de maio de 1683, [94 74-75]. Cf. tambem a *História da Companhia de Jesus de JOÃO DE MORAIS* (op. cit.), Livro IV, Cap. III, [98 11-12], pp. 326-327 e a *Vida de*

Apostólico Padre António Vieira, de ANDRÉ DE ARAÚJO & (op. cit.), Livro II, ff. LXIV-LXV, pp. 133-134 e Livro V, f. CLXX, pp. 595-596.

363. De acordo com a documentação do período, haveriam várias categorias de instrumentos de sopro indígenas que poderiam receber os nomes europeus de trombetas (port.), trumpettes (fr.) e trompetten (hol.), a saber: *luhla*, *gunguyyaguu*, *nihiyapara* e *nihiyaguuu*. RENATO ALMEIDA dedica uma grande seção de sua *História da música brasileira* (1942, parte I, cap. I, pp. 43-51) às trombetas indígenas.

364. ROBERT GUTHRIE (*History of Brazil*, v. II, 1817, cap. XVII, p. 529), citando « Cartas de Vieira, T. 2, p. 24 » assim resume este trecho: « and the whole island was their fastness, its woods being their walls, its channels their fosses, every habitation a watch-tower, and every inhabitant a centinel ready with his trumpet to blow the alarm ».

365. ROBERT GUTHRIE (op. cit., v. II, 1817, cap. XVII, p. 525) resume: « they came sounding conchs, and shouting out their praises, or cries of joy ». Por "praises", entende MARIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 494) « o assao que canto selvagem ».

366. ANTONIO RUIZ DE MONTIYA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 315v) escreve "Parahí. i. aborres", cujo significado é "canto". Frei ONOFRE, por PLÍNIO MARQUES DA SILVA AMORIM (*Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 261) dá « Paracê - dançar, bailar ». MARIO ARNALDO SIPPÃO (*Vocabulário guaraní-português*, 1986, p. 133) usa « grafia próxima a MONTIYA » Parahí. Cantar. Canto. Poesia. Recitativo. Ária musical. Tolda ». TEODORO SIPPÃO (*O tupi na geografia nacional*, 1947, p. 386) que escreve "paracê corr. para-aci", indica « o ajuntamento de povos reunido para folguedos entre os índios », informação que é comentada por FREDERICO G. ERLMEISS (mesma edição, p. 164, nota 227): « Dança é paracê em sheegabu. No tupi, a forma absoluta é *paracê*, que na oração transforma o *a* e *e* em *o* e *u*, como todos os similares. O *Dicionário Português e Brasileiro* ainda conserva esse relativo *paracê* ». PEDRO SINEIS (*Pelo mundo do son*, 1959, p. 454) dá « Paracê (paracê), dança indígena, na qual, segundo Sant'Ana Mery, as mulheres não eram admitidas ». LUIS DA CÂMARA CASCIANO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 642-643) tem excelente verbete sob o termo "Paracê". MARIO DE ANDRADE (op. cit., 1989) também acrescenta boas informações, nos verbetes "Paracê" (p. 383), "Paracê" (p. 407), "Paracê" (p. 412) e "Paraci" (p. 412). GERARDO LETTE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 36), citando a carta de 5 de outubro de 1738 do P. PLACÍDIO NUNES ao CONDE DE SALVEIAS, Vice-Rei do Brasil (publicada por LUIS VIANA FILHO em *Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 5, set./out. 1940, pp. 285-286), informa: « Dos Bailados de terreiro, dos índios, conservou-se mais duradouramente a Paracada dos meninos que com o tempo veio a ser também bailado de salão. Tendo suprimido no século XVIII o escândalo farisaico dos seus opositores, mas defendendo-os os jesuítas. Escreve o P. PLACÍDIO NUNES, Reitor do Colégio da Bahia, em 1738: "Para tirar de uma vez o horror que pode causar a palavra Paracada, por bárbara e peregrina, é de saber que esta palavra significa dança, e a que conservam os índios, da sua antiguidade é a dos Curules, ou meninos, espalhados com seus arcos e flechas. A qual todos os anos, pela festa das Santas Onze-Mil-Virgens, é recetida nesta Bahia com tão universal aprovação e aplauso que os Srs. Vice-Reis e Governadores, as Religiões mais observantes, os Ministros, e toda a Nobreza, os admitem à sua presença com tanto agrado que da remuneração com que gratificam tão alegre e inocente obsequio se compram os vestidinhos com que se mudam contentes para a sua Aldeia. Sendo Vice-Rei deste Estado D. PEDRO ANTONIO DE MOURA, Marquês de Angeja disse em um salão deste Colégio para as circunstâncias, a primeira vez que viu esta Paracada, que um dos maiores gostos que teria neste mundo, era, se pudesse, reportar aqueles inocentes, assim como estavam, em um dos salões de Palácio, na presença de ambas as Majestades. Diante da Arca do Testamento dançam El-Rei D. JOÃO, e esta ação só a reprovou o juízo de um mulher". ».

367. Terço, aqui, é o assao que barba. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VII, 1721, p. 117) traz o seguinte comentário sobre o segundo vocábulo: « Val o assao que tres. Ha termo de Missas do Natal, são tres Missas. Ha termo de charamelas, são tres charamelas; ha termo de cayras, são tres cayras, é algumas vezes mais ». As referências a termos e barbas de instrumentos de sopro são comuns de documentação da época sobre o Brasil, e é possível que na palavra charamelas já estivesse subentendido um termo de. FRANCISCO CLAY LANGE (*As danças coletivas*, 1969, p. 31-a) discute essa questão na nota que anexamos aos « Diálogos das grandezas de Brasil », de (AVRÓDIO FERNADES BRANDÃO ou SONHO TAVARES) & , escrito em 1618.

368. Há indícios de que, além dos toques, cuja função era de transmitir mensagens pré-determinadas, alguns trombetas desenvolveram outras habilidades musicais. JOSÉ NAZZA & (*Dicionário biográfico de músicos portugueses*, pela edição de JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA, v. XIII, jul. 1944, p. 256) dá notícia de um "Cristóvão Luís Gili", o qual « nasceu em Lx. » na trombeta Mór de Sua Mag.^{de} tem composto algumas obras em Música ».

369. A solfa era termo genérico que significava música escrita, composta no papel, em contraposição à música improvisada ou transmitida oralmente. Os italianos dizem a *penna*, não a *nota*. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VII, 1720, p. 706) define "solfa" como « As notas da Música » e MARIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 483)

faz os seguintes comentários: « Tem várias acepções mais ou menos se comprime umas com as outras. O sentido geral mais íntimo parece ser: música erudita, música que se aprende nos livros ».

370. Provavelmente, a menor das gaitas ou flautas. LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 352) diz: « Para o Norte a gaita ou galitinho é a flauta, de taboca, bambu ou flandres, reta, espécie de píforo ».

371. Estes versos na língua tupi (língua brasileira, língua geral) são os que iniciam a segunda das « cantigas na língua para os meninos da santa doutrina », composta por CRISTÓVÃO VALENTE e (1566-1627) e publicada por ANTÔNIO DE ARAÚJO no *Catecismo na língua brasileira* (Lisboa, Pedro Craesbeck, 1616) e « *ensinado* » por BARTOLOMEU DE LENO no *Catecismo brasileiro de doutrina cristã* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1686), respectivamente às ff. 4v-6r e iijv-iiijv. Esta « cantiga » é composta de um « mote » de 5 versos, seguido por 5 « voltas » de 10 versos (a última « volta » difere nas duas edições) e recebe o título « *outra em louvor da virgem* » (1616) e « *à virgem santíssima Maria mãe de Jesus santora nossa* » (1686). Os versos citados por BETTENDORF aparecem em suas primeiras publicações da seguinte maneira: « *Tupã ci angaturã | Santa Maria se iã* » (1616) e « *Tupã cy angaturã, | Santa Maria se iã* » (1686). Note-se, portanto, variação no segundo verso, com « Santa Maria Christo Yã », cuja tradução aproxima-se de « Santa Maria mãe de Cristo ». A cópia manuscrita de *Crônica* de BETTENDORF existente na biblioteca do IEB (extraída de um MS da Biblioteca Nacional de Lisboa) infelizmente não contém a parte dos livros 1, 3, 4 e 7 que se refere ao « *Mossa Senhora da Luz* » (apesar de o índice relacionar todos os capítulos dos 10 livros), não permitindo a conferência da grafia dos versos tupis. O mote completo, segundo a restauração e tradução de PLÍNIO AYRESA, nos *Poesias brasileiras* de Pe. Cristóvão Valente, S. J. e (1941, p. 23), é o seguinte: « *Tupã cy angaturã, | Santa Maria che iã, | Mãe resã pora subã | Che resã tatãtã | Che iã rãtãtã*. » (« *Misericórdias Mãe de Deus, | Santa Maria, Senhora nossa, | Teus olhos carinhosos | São delícias de minha vida, | Desejada de minha alma!* »). O padre JOSÉ DE ANCHIETA também compõe uma « *dança* » no 40 ato do « *Reclamação* do Pe. Bartolomeu Sábies Pereira » (1991-1992) que começa igualmente com « *Tupã cy angaturã* », mas que difere nos demais versos. Cf., entre outras, a *Lírica portuguesa e tupi*, de JOSÉ DE ANCHIETA (1984, pp. 202-204).

372. ANTONIO RUIZ DE MONTUVA (*Tesoro de la lengua guaraní*, 1639, f. 222r) dá « *Mmbi*. Flauta, chirimia. y cosa semejante ». TEODORO SAMPÃO (*O tupi na geografia nacional*, 1967, p. 282) escreve « *mmbi* » e dá o significado de « *A gaita, a flauta, o que sopra. Alt. mmbi* ». A. LEYRE BARROSA (*Pequeno vocabulário tupi-português*, 1933, p. 89) e LUIS CALDAS TIBIRIÇA (*Dicionário tupi-português*, 1984, p. 132), que escrevem « *mmbi* », traduzem por « *flauta* ». MÁRIO ANASTAS SAMPÃO (*Vocabulário guaraní-português*, 1986, p. 104), confirmando a grafia « *mmbi* », indica « *Flauta rústica ou apito. Há com nomes diversos: kuy, tarari, apari, guasi* ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 329) diz: « *Mmbi* - instrumento de sopro; empregado de modo confuso por diversos autores, podendo significar uma trombeta ou buzina cerimonial ou simplesmente qualquer instrumento soprado ». No mesmo verbete, MÁRIO DE ANDRADE estuda referências de vários autores a este instrumento e indica (p. 336) a variante « *mmbu* ». LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, p. 490) cita informações de ERNANO STRADINI (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 104(198), p. 742), segundo o qual « *Mmbi* », « *mmbu* » ou « *mmbé* », « *é o nome da flauta feita do osso da tibia e trofeu de guerra ou de caça, sendo que no primeiro caso é feita de uma tibia humana* ». Não há referências, no período, a instrumentos feitos de ossos humanos com o nome de *mmbi* ou outro semelhante, mas sim com a denominação cangriera, que autores como Frei CNEPPE, por PLÍNIO AYRESA DA SILVA AYRESA (*Dicionário português-brasileiro e brasileiro-português*, 1934, p. 200) traduzem por « *espinha, osso* ».

373. MANOEL CARNEIRO é autor de um curioso *Seralto*, publicado em Lisboa (1688), rico em terminologia musical.

374. Os *tupinaibás* chamavam *cangriera* a essas gaitas feitas de ossos humanos.

375. Para RAFAEL BLUTENI (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 337), « *Clarín* » é « *Trombeta, que tem o som agudo, é por isso claro* ». Há poucas referências musicológicas acerca desse instrumento no Brasil e em Portugal no séc. XVI, apesar de serem amplamente citados no nome território entre portugueses e holandeses. JERÔNIMO CORTE REAL (*Indicatório de Suplimento*, 1970, v. 3, carta IV, p. 106) dá uma variante, em 1595: « *Trombetas, é clarões barbaicos, são | Fazendo já sinal a toda briga, E aquele ruído estrondo de atabales | Os aiões aiaia é faz espertos* ». Cf. a *GRAMMA* XIV.

376. RAFAEL BLUTENI (*Vocabulário português e latino*, v. VII, 1720, p. 81) dá « *Rabeca*, ou *Relaca*. Pequeno instrumento musico de cordas. Deriva-se do Árabe, *Rebab*, ou *Rebaba*, que no *Lexicon* Coptico, segundo os Interpretes, he *Lyra*. Outros o derivão do Hebraico *Rabiac*, que significa o instrumento, a q os latinos chamão *Blatrua*; outros finalmente o derivão de *Rebet*, que na língua Celtica, val o mesmo que *Rabeca*. Consta a *Rabeca* de quatro cordas, e tange-se com arco. Os seus sons agudos são muito alegres, e despertão o espirito. O seu concerto he de quinta em quinta ». Successora da *viola d'arco*, a *rabeca* é assinalada no Brasil apenas em fins do séc. XVII. Há bom estudo desse instrumento em ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 154-156). Cf. a *GRAMMA* V.

MANUEL DE MORAIS NAVARRO

(séc. XVII)

DOCUMENTO: CARTA A D. JOÃO DE LENCASTRE. Companhia do Jesus, 25 de agosto de 1699.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Cópia do início do século XVIII, em códice do IEB [4-a-25] [antiga coleção Almeida Prado], catalogado por ROSENWART E. MORCH (Relação dos Manuscritos da coleção "J. F. de Almeida Prado", 1966) como « Cópia de cartas de Mestre de Campo Manuel de Moraes Navarro (paulista) e dos padres João Guinzel e João da Costa, missionários da Companhia de Jesus, enviadas do Rio Grande do Norte ao vice rei João de Lencastre em 1699. Há: relação do dinheiro que se tem despendido com o terço dos Paulistas. 1702. 10 ff. inam. 31 x 22 cm. », levando o número 6. A carta de MANUEL DE MORAIS NAVARRO [32 documento do códice], aos ff. 8r-9v [não numerados], tem o seguinte título: « Cópia da Carta que o Mestre de Campo Muel | Alz' de Moraes Navarro escreve ao S.or | Dom Joan de Lencastro. ». Está datada [f. 9v] de « Companhia do Jesus 25 de Agosto de 1699 ». No mesmo f., uma nota à lápis indica: « Publicada pelo B. de Studert vol. 37 - Rev. Inst. Ceará ». De fato, encontra-se na Revista do Instituto do Ceará, 37 (37), nº 303, pp. 123-128, 1923, mas utilizamos aqui o texto manuscrito.

[...]

[2.] [f. 8r] Com es=te avizo se anizaraõ muyto [alguns "Tapuyas" antes de 4 de agosto de 1699] (segundo ao depois contareõ os prizioneyros) para | melhor executarem seo nao intento [atacar os soldados de Navarro], veyo logo o principal [de "Jaguarippe"] buscarne offerecen=|dome toda a sua gente para se acompanhar, e como o Correyo se dicesse os achava | sem a sua familia, lhes disse anandasseem recolher, que de outra sorte era darnos | motivos de desconfiança. assy o prometeu, e com a certeza de que os tinha recolhido, | narchey demadragada, chegando ao seu alojamento as nove para as dez oras, veyo | o seu principal edizernse, q' a sua gente queria festejar aninha vinda, que lhes desse | Licença, para se virem dançar; agradeceilhe a Lizonja, e para que entendessem | não avia em min motivo de desconfiança, mandey prinsyro ao seu alojamento os | Tapuyas que se acompanharaõ a dançar, e despedida anossa vieraõ elles com a sua. | Preparey a Infanteria em boa ordem, em titulo de aver, tocandolhe Cayxa dizen=|dolhe ser festejo. Tinhaõ elles ordenado estivesse o Principal junto amy, e q.do | a dança viesse para aninha parte, viria o Irmaõ com escolta abraçarne, e o tempo do | abraço investiram os da dança, com orden que só amy nadeyxassem vivo, para [f. 8v] ao depois namarterizarem; E eu como tinha colegido seu intento e via se naõ | spartava das minhas costas, puzlhe hum dos nossos Tapuyas adivirtilho, orde=|mandolhe que ao tempo q parasse a Cayxa, que era a senha que estava dada, a infan=|teria para dar carga, o pegassem. Veyo o Irmaõ com a sua vindo diante de | todos sem arma; e eu assy que vy era tempo, mandey parar a Cayxa, lhe fiz | tiro, do qual cahio, e ao mesmo tempo o Tapuya a quem tinha entregue o prin=|cipal, lhe quebrou a cabeça: <...>

[...]

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA

(1633 ? - 1686)

DOCUMENTO: OBRA POÉTICA. Escrita até 1686.

TEXTOS: JAMES AMADO, no v. I da primeira edição integral das obras de GREGÓRIO DE MATOS (infra cit., II, p. XII) indica a utilização de « texto de 25 velozes manuscritos (17 códices) dos séculos XVII e XVIII ». Na « Relação dos códices estudados », v. VII, pp. 1744-1753, faz a descrição dos mesmos, e damos aqui apenas os títulos citados e sua localização: 1 - Códice Lírio de Mattos (1946), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), MSS marcados 1/58/3 e 2/64/3, com os números 22595/1946 e 23620/1946; 2 - Códice de Évora (1899) [cópia dos códices CCXII/1-17, CIII/1-4/1-30 e CV/1-9 da Biblioteca Pública de Évora], Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 1-3, 29, 50; 3 - Códice Afrânio Peixoto I (1933), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 60; 4 - Códice Afrânio Peixoto II (1982), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 64; 5 - Códice nº 59, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 59; 6 - Códice 1711, Academia Brasileira de Letras, Cofre; 7 - Códice datilografado, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), Cofre; 8 - Códice Imperador I (1792), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 57; 9 - Códice Imperador II (1775), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 65; 10 - Códice Capitão Mór, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 61; 11 - Códice João Ribeiro (1717), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), s/nº; 12 - Códice Castelo Branco, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), s/nº; 13 - Códice do Conde (1893), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), nº 323.139/1961/C; 14 - Códice Varnhagen, Biblioteca do Itamarati (Coleção Varnhagen), L. 15-2; 15 - Códice Novo, Biblioteca do Itamarati (Coleção Varnhagen), L. 15-1; 16 - Códice Carvalho (séc. XII), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Seção de Manuscritos), 1-3, 1 - nº 44 e ainda códice CCXII/25-67; 17 - Códice Manuel Pereira Rebelo, Coleção particular do Prof. Celso Ferreira da Cunha.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: As primeiras edições de coletâneas poéticas de GREGÓRIO DE MATOS (não completas) são do século XIX e estão listadas por AFRÂNIO PEIXOTO no « Éditos e inéditos de Gregório de Mattos », pp. 9-21, v. I das *Obras de Gregório de Mattos* (Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1923-1933, 6 v.). Dentre as publicações citadas, destaca-se a edição de ALFREDO DO VALLE CABRAL, *Obras poéticas de Gregório de Mattos Guerra, precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manoel Pereira Rebelo* (Rio de Janeiro, 1882, tomo I, 419 pp.). CONSTÂNCIO ALVES, na introdução (sem título) da coletânea de 1923-1933, v. I, p. 7, assim fala destas duas publicações: « Agora a tentativa de Valle Cabral, da Biblioteca Nacional, em 1882, Gregório de Mattos não teve um ensaio sério de publicação de sua obra. Em 1923, na presidência do sr. Afrânio Peixoto, a Academia resolveu continuar e completar esse meritório esforço. ¶ Fez chamada aos códices existentes na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Varnhagen, do Ministério do Exterior, e resolveu publicar todo esse acervo, sem ensaio, iniciar edição que iria, e irá, permitir uma edição crítica do Poeta. ». Nos « Éditos e inéditos » do v. I, AFRÂNIO PEIXOTO descreve cuidadosamente os 11 códices manuscritos que foram utilizados nessa publicação, citando seu título e localização. Porém, agora as seleções poéticas, biografias e estudos de GREGÓRIO DE MATOS, uma nova edição das obras completas surge apenas em 1968, feita com base em 17 códices, cujos nomes estão referidos no item anterior. Com o título de *Obra poética*, surge uma nova edição em 1990 (Rio de Janeiro, Record), também por JAMES AMADO, mas com preparação e notas de EMANUEL ARAÚJO (dando, principalmente, o significado dos termos hoje em desuso e informações sobre nomes de lugares e pessoas citadas pelo poeta) e com traças de posição de algumas poesias.

NOTA SOBRE O AUTOR: GREGÓRIO DE MATOS foi poeta, sacerdote e homem de leis. Entrou no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia e, aos 14 anos, foi estudar na Universidade de Coimbra. Transferiu-se para Lisboa, onde exerceu a profissão de jurista, voltando ao Brasil somente em 1678. Advogou na Bahia por certo tempo, mas teve que sair da cidade devido aos sarcasmos de suas poesias, retornando apenas em 1694. Nesse período foi deportado para Angola e, ao chegar ao Brasil, já estava velho e em xibéria. As poesias de GREGÓRIO DE MATOS, de épocas e situações diversas, foram sendo anotadas em códices por admiradores seus, sendo os maiores MANOEL PEREIRA REBELO e o governador da Bahia, D. JOÃO DE LENCASTRE.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA - *Obras completas* (crônica do viver baiano seiscentista) fielmente copiada de manuscritos anônimos daquele tempo, e dispostos com melhor parecer a um curioso de nome James Amado. Cópia final do texto para impressão e apeamento dos códices James Amado e Maria da Conceição Paranhos; atualização ortográfica Márcio Tatti. Salvador, Ed. Janaína Ltda., 1968. 7 v. (Coleção "Os baianos", v. I - *Obras completas de Gregório de Matos*, 7 v.).

OBSERVAÇÃO: Mantemos, nesta transcrição, a disposição e os títulos de seções de JAMES AMADO, indicando também o primeiro verso da poesia a que se refere o trecho extraído. Não transcrevemos as notas de ENRIQUE APOLUO, que apareceram na edição de 1970, para não sobrecarregar de informações as poesias selecionadas.

VOLUME I

I - O BURGO

[2] SONETO [*« Mancebo sem dinheiro, bom barrete »*]

(p. 4)

Mancebo sem dinheiro, bom barrete,
Medíocre o vestido, bom sapato,
Meias velhas, calção de esfola-gato,
Cabelo penteado, bom topête.

Presunir de dançar, cantar falsete³⁷⁷,
Jôgo de fidalguia, bom barato,
Tirar falsidia ao Mõço do seu trato,
Furtar a carne à ama, que promete.

A putinha aldeã achada em feira,
Eterno murmurar de alheias farnas,
Soneto infame, sátira elegante.

Cartinhas de trocado para a Freira,
Comer boi, ser Quixote com as Demas,
Pouco estudo, isto é ser estudante.

[5] ROMANCE ³⁷⁸ [*« Já que me põem a tormento »*]

[...]

Preceito 4

<...> (p. 20)

Pois no modo de criar
aos filhos pareceu sínios ³⁷⁹,
causa por que os não respeitam,
depois que se veem crescidos.
Criam-nos com liberdade
nos jogos como nos vícios,
persuadindo-lhes, que saibam
tanger guitarra³⁸⁰, e machinho³⁸¹.

<...>

Preceito 8

<...> (p. 24)

E é para sentir, o quanto
se dá Deus por ofendido
não só por este pecado ³⁸²,
mas pelos seus conjuntivos:
como são cantigas torpes,
bailes, e toques lascivos,
venturas e fervedouros,
pau de fôrça, e pucarinhos.
<...>

II - OS HOMENS BONS

1 - PESSOAS MUITO PRINCIPAIS

[11] Mote / Glosa ³⁸³ [*« Meu Deus, que será de mim? »*]

mote

Meu Deus, que será de mim?
Bangüê, que será de ti? ³⁸⁴

glosa ³⁸⁵

1

Alma

(p. 54)

Se o descuido do futuro,
e a lembrança do presente
é em mim tão continente,
como do mundo murmuro?
Será, porque não procuro
temer do princípio o fim?
Será, porque sigo assim
cegamente o meu pecado?
mas se me vir condenado,
Meu Deus, que será de mim?

2

Demônio

Se não segues meus enganos,
e meus deleites não segues,
temo, que nunca sossegues
no florido dos teus anos:
vê, como vivem ufanos
os descuidados de si;
canta, baila, folga, e ri,
pois os que não se alegraram,
dous infernos militaram.
Bangüê, que será de ti?

3 (p. 55)
 Alma Se para o céu me criastes,
 Meus Deus, à imagem vossa,
 como é possível, que possa
 fugir-vos, pois me buscastes:
 e se para mim tratastes
 o melhor remédio, e fim,
 eu com ingrato Cain
 dêste bem tão ofendido:
 Meu Deus, que será de mim?

4
 Demônio Todo o cantar alivia,
 E todo o folgar alegre
 tódia a branca, parda e negra
 tem sua hora de folia:
 só tu na melancolia
 tens alívio? conta aqui,
 e torna a cantar ali,
 que dêsse modo o praticam,
 os que alegres pronosticam,
 Bangüê, que será de ti?

5
 Alma Eu para vós ofensor,
 vós para mim ofendido?
 eu já de vós esquecido,
 e vós de mim redentor?
 ai como sinto, Senhor,
 de tão mau principio o fim;
 se não me valeis assim,
 como àquele, que na cruz
 feristes com vossa luz,
 Meu Deus, que será de mim?

8 (p. 56)
 Demônio Como assim na flor dos anos
 colhes o fruto amargoso?
 não vês, que todo o penoso
 é causa de muitos danos?
 deixa, deixa desenganos,
 segue os deleites, que aqui
 te ofereço: porque ali
 os mais, que cantando vão,
 dizem na triste canção,
 Bangüê, que será de ti?

7
 Alma Quem vos ofendeu, Senhor?
 Uma criatura vossa?
 como é possível, que eu possa
 ofender meu Criador?
 triste de mim peccador,
 se a glória, que dais sem fim
 perdida num serafim
 se perder em mim também!
 Se eu perder tamanho bem,
 Meu Deus, que será de mim?

6

Demônio Se a tua culpa merece
do teu Deus a esquivança
folga no mundo, e descansa,
que o arrepender aborrece:
se o pecado te entristece,
como já em outros vi,
te prometo desde aqui,
que os mais da tua facção,
e tu no inferno dirão,
Bangüê, que será de ti?

3 - HOMENS DE BEM

[4] Décimas / Glosa [< De flôres, e pedras finas >]

[...]

7

(p. 168)

Porém tanto que sentiram ~~aos~~
haver no tempo mudança,
sem receio, e sem tardança
aos ninhos se reduziram:
outros ares advertiram,
outra clemência notaram,
com que alegres publicaram
dos astros os movimentos,
e com festivos acentos
Nesta manhã já cantaram.

8

(p. 169)

Cantaram para mostrar
com repetidas cadências
singulares excelências
de um Planêta singular:
tal doçura no cantar
não se ouviu nesta Bahia,
ouvindo-se na harmonia
modulações tão suaves,
que nunca cantaram aves
com tão doce melodia

9

Cada qual com voz sonora
nos mutes, que cantavam,
por mil modos explicavam
de todo estado e melhora:
cada instante, e cada hora
a música mais se ouvia;
no Prado resplandecia
por modo maravilhoso
um lustre tão luminoso
que a noite se tornou dia.

10

Entre as aves modulantes,
 que êstes nosso País tem
 tôdas cantavam o bem,
 de que são participantes:
 dos males, que foram dantes,
 tôdas também se queixaram;
 assim que tôdas mostraram
 com alegrias notórias,
 que começaram as glórias,
 Porque as penas se acabaram.

[8] Romance [« Generoso Dom Francisco »]

<...> (p. 175)

Ouvi de meus sentimentos
 a voz, inda que o reparo
 note, que para a matéria
 o instrumento é mui baixo.
 Ouvi meus saudosos tons,
 que é bem, Senhor Soberano,
 que, quem deu assento à solfa,
 se digne de ouvir os cantos.
 <...>

[15] Soneto 387 [« Sei eu, Senhor que Vossa Senhoria »]

(p. 188)

Sei eu, Senhor, que Vossa Senhoria
 Mandou dar ao Faria um bom Vestido,
 Sendo, que mais o tinha merecido
 A mulher do meemíssimo Faria

Provo: todo o prazer, gosto, e alegria,
 Que se tem do Faria deduzido,
 O deu sempre a Mulher, nunca o Marido.
 Que ela ia pra Angola, e êle não ia.

Assim que se a Mulher vai para Angola,
 E êle fica na infame lupanária,
 Sua ausência cruel pondo à viola:

Tiro por consequência temerária,
 Que a Mulher se lhe deve dar a escola,
 Que em crítico se diz neroê ordinária.

[21] Décimas [« Veio ao Espírito Santo »]

[...]

- 2 A tal era uma Tapuia ³⁰⁰
grossa como uma jibóia,
que roncava de tipóia,
e xanducava de cuia:
tocando ela a Aleluia,
tirava êle a culubrina
com tal estrago, e ruína,
que chegando a conjunção
lhe encaixou a opilação
por entre as vias da urina.

[...]

[24] Décimas ³⁰⁰ [« No beco do cagalhão »]

- 1 (p. 209)
No beco do cagalhão,
no de copera-se rapaz,
no de cata que farás
e em quebra-cus o achares,
que tirando ao come-se-vão
que era esperador de cus,
lhe arreventou o arcabuz
no beco de lava-rabos,
onde lhe cantam diabos
três officios de catruz
[...]

[30] Retrato ³⁰⁰ [« Vá de retrato »]

<...> (p. 222)
Vamos voltando
para a dianteira,
que na traseira
o cu vejo apontado
por nefando
Se bem se infere
outro fracasso,
porque em tal caso
só se aponta, quem conta
o miserere.
<...>
Os pés são figas
a nor grandeza,
por cuja expressão
tomaram tantos pés
tantas cantigas
<...>

[38] Oitavas [*Oitavas canto agora por preceito* >]

1 (p. 229)

Oitavas canto agora por preceito,
 Sem que na oitava possa diligente
 Louvar as excelências de um sujeito,
 Que pode ser em tudo o melhor Lente:
 Mas como em mim não pode ser perfeito
 O canto, ficará menos cadente
 A música de Apolo, e de Talia,
 Que não há cantar bem sem melodia.

2

Se do tempo perfeito o meu compasso
 A compasso cantara neste canto,
 Não faltara à garganta agora o passo,
 E em passos de garganta³⁰¹ fôra espanto:
 Porém se em canto nunca da mão³⁰² passo,
 Como posso afinar no canto tanto,
 Que me atreva a cantar voessa ciência,
 Sem que falte ao compasso na cadência.

3

Canora a voz tomara, e tão suave,
 Que em passos largos, e ecos repetidos
 Sonora requintasse³⁰³ aquela clave,
 Em que fôssen meus ecos esparcidos:
 Porém se o vosso nome o canto grave
 Eleva suspendendo os mais sentidos,
 com a voz, que formar o meu alento
 Chegar posso também ao Firmamento.

[...]

VOLUME II

4 A NOSSA SÉ DA BAHIA

[2] Décimas [*Quem da religiosa vida* >]

1 (p. 235)

Quem da religiosa vida
 não se namora, e agrada,
 já tem a alma danada,
 e a graça de Deus perdida:
 uma vida tão medida
 pela vontade dos Céus,
 que humildes ganham troféus,
 e tal glória se desfruta,
 que na nossa a Deus se escuta,
 no Céu se louva a Deus.

[...]

[10] Décimas ³⁰⁴ [« Senhor; os padres daqui »]

1 (p. 247)
 Senhor; os Padres daqui
 por b quadro, e por b mol
 cantam ben ré ni fá sol,
 cantam mal lá só fá ni:
 a razão, que eu nisto ouvi,
 e tenho para vos dar,
 é, que como no ordenar
 fazem tanto por luzir,
 cantam bem para subir,
 cantam mal para baixar,

2
 Porém como cantariam
 os pobres perante vós?
 tão bem cantariam sós,
 quão mal, onde vos ouviam:
 quando o fabordão erguiam
 cad'um parece, que berra,
 e se um dissona, o outro erra,
 mui justo me pareceu,
 que sempre à vista do Céu
 fique abatido, o que é terra.

3 (p. 248)
 Os Padres cantaram mal
 como está já pressuposto,
 e inda assim vos deram gosto,
 que eu vi no riso o sinal:
 foi-se logo cada qual
 direito às suas pousadas
 a estudar nas tabuadas
 da música os sete signos,
 não por cantar a Deus hinos,
 mas por vos dar badaladas.

4
 Vós com voz tão doce, e grata
 enleastes meus sentidos,
 que ficaram meus ouvidos
 engastados nessa prata:
 tanto o povo se desata
 ouvindo os vossos espritos,
 que com laudatórios gritos
 dou eu fé, que uma Donzela
 disse, qual outra Marcela,
 o cântico Benedictus³⁰⁵.

[22] Silva [« Reverendo vigário »]

<...> (p. 272)
 Mas oh se Deus a todos nos livrara
 De Marão com poder, vilão com vara!
 Fábula dos rapazes, e bandarras,
 conto do lar, cantiga das guitarras,
 <...>

[23] Décimas [*< Da tua perada nica >*]

[...]

- 3 (p. 275)
 Teu juízo é tão confuso ³²⁵,
 que quando a qualquer cristão
 lhe entra o uso de rezão,
 de então lhe perdeste o uso:
 sempre foste tão obtuso,
 que já desde estudantete
 te tinham por um doudete,
 porque eras visto por alto
 na fala falso contralto,
 na vista fino falsete.

[...]

[42] Décimas ³²⁷ [*< Reverendo Frei Carqueja >*]

[...]

- 6 (p. 321)
 Ninguém há, que vitupere
 aquêlê lanço estupendo,
 quando o teu pecado vendo
 tomaste o teu niserere:
 mas é bem que ne exaspere
 de ver, que todo o sandeu,
 que nos tratos se neteu
 de Freiras, logo confessa,
 que isso lhe deu na cabeça,
 e a ti só no ou te deu.

[...]

[44] Décimas ³²⁸ [*< Reverendo Padre em Cristo >*]

[...]

- 7 (p. 328)
 Ficou o Mestre solfista ³²⁸
 sem chapéu destro, ou sinestro,
 e ainda que na arpa é destro,
 vós fostes maior arpista ⁴⁰⁰:
 quem por ladrão vos alista,
 saiba, que sois meu ladrão,
 que não perdendo ocasião,
 lá em cima na vossa estada,
 levastes a bordocada,
 cá em baixo o meu bordão.

[...]

[48] Liras ⁴⁰¹ [*« Ouve, Magano, a voz, de quem te canta »*]

- [1] (p. 338)
 Ouve, Magano, a voz, de quem te canta
 Em vez de doces passos de garganta
 Amargos pardieiros de gasmate:
 Ouve, sujo Alparcate,
 As aventuras vis de um Dom Quixote
 Revestido em ranendo de picote.

[...]

- [12] (p. 341)
 Torna em teu juízo, louco Durandarte ⁴⁰²,
 Se algum dia o tiveste, a quem tornar-te;
 Tem a Deus, que em tão louco desatino
 De algum celeste signo
 Hei nêdo, que um badalo se despeça,
 E te rompa a cabeça, ou a cabeça.

[...]

5 - ESPADA E ESPADILHA

[11] Décimas [*« Dizem, Senhor Capitão »*]

[...]

- 3 (p. 376)
 Vós narquejastes de um pé,
 e segundo sois Gascão
 podíeis cantar então
 "nanja do pernil bofé":
 tão malato estáveis, que
 faltastes ao carcereiro
 quase quase um mês inteiro,
 até que de importunado
 fôstes a um pau arrimado
 com figura de embusteiro.

[...]

[12] Quartetos [*« Pois se deixais pelo jogo »*]

[...]

- [9] (p. 379)
 Que mau é Mariquitinha,
 quando está com seus lundus ⁴⁰³
 fazer-vos com quatro cus o rebolado?

[...]

7 - SANTOS UNHANTES

[2] Romance [« *Senhora Dona Bahia* »]

<...> (p. 433)

Vem outros zotes de Réquiem,
 que indo tomar o caráter
 todo o Reino inteiro cruzam
 sobre a chance viandante.
 De uma província para outra
 como Dromedários partem,
 caminham com camelos,
 e comem como selvagens:
 Mariolas de missal,
 lacaios missa-cantante
 sacerdotes ao burlesco,
 ao sério ganhões de altares.
 <...>

8 - A MUSA PRAGUEJADORA

[7] Terceiros [« *Eu sou aquele, que os passados anos* »]

[1] (p. 468)

Eu sou aquele, que os passados anos
 cantei na minha lira maldizente
 tropezas do Brasil, vícios, e enganos.

[2]

E bem como os decantei bastantemente,
 canto segunda vez na mesma lira
 o mesmo assunto em pectro⁴⁰⁴ diferente.

[...]

[10 - Sonetos] [« *Que arde o mundo nascarado* »]

[...]

43

(p. 490)

Que a Mãe desde pequenina
 ensine a filha a ser vã,
 não a doutrina cristã,
 sendo cristã sem doutrina:
 que a costume de menina
 à moda, ao donaire, à gala,
 e lhe ensine por smé-la
 até cantiga sacatória!
 Boa história.

VOLUME III

III A CIDADE E SEUS PÍCAROS

3 - PANÇA FARTA E PÉ DORMENTE

[1] Soneto 406 [*Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas* >]

(p. 580)

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
 Galinhas, porco, vaca, e mais carneiro,
 Os perus em poder do Pasteleiro,
 Reguiohar, deitar pulhas, laranjadas.

Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
 Gastar para comer muito dinheiro,
 Não ter mãos a medir o Taverneiro,
 Com réstias de cebolas dar pancadas.

Das janelas com tanhos dar nas gentes,
 A buzina tanger, quebrar panelas,
 Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
 Despejar pratos, e alimpar tijelas,
 Estas as festas são do Santo Entrudo.

[2] Chaconeta 408 [*Ao som de uma guitarrilha* >]

(p. 581)

Ao som de uma guitarrilha⁴⁰⁷,
 que tocava um colônia
 vi bailar na Água Branca
 os Mulatos do Brasil:
 Que bem bailam as Mulatas,
 que bem bailam o Paturi!⁴⁰⁸

Não usam de castanhetas⁴⁰⁹,
 porque cos dedos gentis
 fazem tal estropeada,
 que de ouvi-las se estrugi:
 Que bem bailam as Mulatas,
 que bem bailam o Paturi.

Atadas pelas virilhas
 cuna cinta carmesim,
 de ver tão grandes barrigas
 lhe tremiam os quadris.
 Que bem bailam as Mulatas,
 que vem bailam o Paturi.

Assim as saias levantavam
para os pés lhe descobrir,
porque sirvam de ponteiros
à discipula aprendiz,
Que bem bailam as Mulatas,
que bem bailam o Paturi.

[3] Décimas [*Asanhoeu finalmente* >]

[...]

- 8 (p. 585)
Assim fomos caminhando
sobre os dous cavalos áscuas
alegres como uas páscoas,
ora rindo, ora zombando:
eu que estava perguntando
pela viola, ou rabil⁴¹⁰,
quando ouvimos bradar Gil,
que recostado à guitarra
garganteava a bandarra
letrilhas⁴¹¹ de mil em mil.

[...]

- 18 (p. 589)
Já levantados da mesa
se quis cantar, senão quando
a pança me estava lapando
a goela entupida, e prêsa:
eu tenho esta natureza,
que depois de manducar
não me é possível piar:
será, porque certamente
pança farta, e pé dormente,
como é adágio vulgar.

[...]

[4] Décimas [*Faz-se a segunda jornada* >]

[...]

- 3 (p. 591)
Cantou-se galhardamente
tais solos, que eu disse, ô
que canta o pássaro só,
e os mais gritam na semente:
tocou-se um som⁴¹² excelente,
que Arruaba⁴¹³ lhe vi chanar,
Sain Tenudo a bailar,
e Pedro, que é folgazão
bailou com pé, e com a mão,
e o cu sempre num lugar. ⁴¹⁴

4

Passei eu da habilidade
 tão nova, e tão elegante,
 porque o cu sempre é dançante
 nos bailes desta cidade:
 mas em tal calamidade
 tinha Pedro o cu sarnudo,
 que dando de olho, ao Temido
 disse pelo socarrão,
 assim tivera o cu são,
 como tenho o cu sisado.

[...]

[8] Romance [« Era a Dominga primeira »]

[...]

(p. 609)

Tocou-se logo a trombeta,
 que um búzio⁴¹⁵ era potente,
 em sinal de haver chegado
 a capitânia do Ostende.

[...]

Fomos seguindo a viagem
 tão folgazões, tão alegres,
 que até as duas guitarras
 iam folgando de ver-se.

[...]

VOLUME IV

10 - TERESA

[4] Romance [« Na roça os dias passados »]

[...]

(p. 816)

Os pássaros lhe cantaram
 o seu lá sol fá ni ré,
 crendo, que segunda aurora
 lhes tornava a amanhecer.

[...]

13 - A FINEIRA: BALO, RODA E GRADE

[18] Décimas [*« Um doce, que alimpa a tosse »*]

[...]

- 2 (p. 868)
 Mas há grande distinção,
 e discri-men ternerário
 entre os doces de um alnário,
 e as doçuras de uma não:
 e quem é tão sabichão
 destro no ré ni fá sol
 mal pode errar, em seu prol,
 quando sabe, que a doçura
 se se come, é por natura,
 e os mais doces por bemol.

[...]

14 - OPÚSCULO DE PEDRO ALZ. DA NETVA

[2] Décimas [*« Pedralves não há alcançá-lo »*]

[...]

- 3 (p. 884)
 Pedralves tão grande asnia
 jura, e firma, que não disse,
 porém se era parvoíce,
 diria, mais que diria:
 que outros lhe ouviu a Bahia
 tão gordas, tão bem dispostas,
 que já à guitarra andam postas,
 donde chegam a julgá-lo
 mais bêsta, que o seu cavalo,
 por trazê-lo sempre às costas.

[...]

- 18 (p. 889)
 Assistir-lhe na agonia
 vieram, sen que uma manque,
 tôdas as bêstas do tanque
 dos Padres da Companhia:
 e uma, que cantar sabia,
 uma lição lhe cantou,
 e quando ao verso chegou,
 onde diz: "andante se"
 esticou o ruço um pé,
 e dando um zurro acabou.

[...]

[8] Décimas [« *Sejais, Pedralves, bem-vindo* »]

[...]

8 (p. 801)

Trataís a êste e a aquê
por êle de puro honrado,
que o Senhor bem inclinado
em lugar de um vós dá um êle:
mas que o chantre se desvale
em visitar-vos cada hora,
e lhe digais, venha embora,
Chantre, folga de o ver bon,
iaso é ser sem tou, nem sou
asneirão de foz em fora.

[...]

15 - BRITES

[1] Romance [« *Depois de nil petições* »]

[...]

(p. 817)

Vinos p'ra casa, e cantei
ao som da minha guitarra
"ay, verdades, que en amor
siempre fuistes desdichadas."
E Brites me respondeu
tão doce, como tirana:
en vano llana la puerta,
quien no ha llanado en el alma.

[...]

[13] Romance 418 [« *Aqui-d'El-Rei, que me matam* »]

(p. 841)

Aqui-d'El-Rei, que me matam
os negros olhos de Brites!
eu não vi mulher tão branca
com tão negros azeviches.
Dizen, que pelos cabelos
a leva certa velhice,
que como enfim é menina,
gosta mais das meninices.
Quer-se casar cum Menino,
e está nisto tão terrível,
que amanhã há de enjeitá-lo,
por lhe passar da puerice.

Está nisto tão teimosa,
tão dura, e tão invencível,
que quer enforçar-se o velho
pela demônia de Brites.
E porque Amor e beber
me deu artos alfiniques,
a Mãe, que disto não sabe,
sabe somente afligir-me.
Vai divertir-se na roça
confusa, chorosa, e triste,
onde os compadres lhe cantam
os desenganos seguintes.

(p. 942) estribilho

Tá tá,
não me mateis tá,
que inda que sou velho,
não hei de cansar.

[18] Romance 417 [« Forasteiro descuidado »]

(p. 350)

Forasteiro descuidado,
se acaso chegar vos move
ou negócio, ou pertensão,
curiosidade, ou amores.
Guardai-vos, digo nil vâzes,
de pôr os olhos nas tôrres
dessa traidora cidade,
que tal basilisco encobre.
De um serafim o mais belo,
que o Céu corta, os ares rompe,
tão cruel, e tão tirano,
qual jamais admira o orbe:
Com êstes sinais vos dou
exemplo nas minhas dores,
forasteiro, caminhaí,
queira, Amor, que vos não olhe.
Caminhaí, digo outra vez,
prevenido de temores,
que eu já me vou a enterrar,
porque me condena a morte.

VOLUME V

20 - ANDANÇAS DE UMA VILLA DE CABACA 418

[63] Décimas [< Si-lo vai desenfreado >]

[...]

- 4 (p. 1185)
 Quem seu preço não entende,
 não dará por ôle nada,
 é como cobra enroscada,
 que em aquecendo se estende:
 é círio, quando se acende,
 é relógio, que não mente,
 é pepino de semente,
 tem cano como funil,
 é pau para tamboril,
 bate os couros lindamente.

[...]

[71] Décimas [< Que esteja dando o Francês >]

[...]

- 12 (p. 1216)
 Que se vejam por prazeres,
 sem repararem nas fomes
 as mulheres feitos homens,
 e os homens feitos mulheres:
 e que estejam os misteres
 enfronhados na baeta,
 sem ouvirem a trombeta
 do povo, que é um clarim!
 será: porém sendo assim,
 efeitos são do cometa.

[...]

- 16 (p. 1217)
 Que anda o mundo, como anda,
 e que se ao som do seu desvêlo
 uns bailen ao saltarelo⁴¹⁸
 e outros à sarabanda⁴²⁰:
 e que estando tudo à banda,
 sendo eu um pobre Poeta,
 que nestas cousas me meta
 sem ter licença de Apolo!
 será: porém se eu sou tolo,
 efeitos são do cometa.

[81] Décimas [*« Estou pasmado e absorto »*]

[...]

- 8 (p. 1240)
 O Logra ⁴²¹ ficou zarelho,
 porque o homem na estacada
 lhe deu tão boa pancada,
 que foi pancada no olho:
 correu logo tanto nólho
 pela cara, que ao cair,
 quem foi ali acudir,
 disse, que quando chorava
 o Logra, ao olho cantava
 "ojos, que lo vieron ir".

[...]

[84] Décimas [*« Vendo tal desenvoltura »*]

[...]

- 4 (p. 1245)
 O Quiringa valentão ⁴²²
 por unir esta pendência,
 se não ganhou indulgência,
 teve um ano de perdão:
 pôs-se em pé o velhacão
 recebendo as alabancas,
 e eu entre tantas mudanças ⁴²³
 a guitarra lhe cantei:
 "servio na moxinga a El-Rei
 un Quiringa con dos lanças".

VOLUME VI

[23] Romance [*« Vãos cada dia á roça »*]

<...> (p. 1349)
 Vãos, e fiquemos lá
 um dia, ou uma semana,
 que enquanto as gaitas se tocam,
 sabe a roça, como gaitas.

<...> (p. 1350)
 E nos vãos para a roça
 com nosso feixe de gaitas
 até ver-me descasada
 para me rir, de quem casa.

[34] Décimas [« Ser um vento a nossa idade »]

[...]

- 4 (p. 1370)
Acudiu o Tesoureiro,
que era genro da Cachorra,
dizendo, esta Negra é forra,
e eu tenho muito dinheiro:
houve dúvida primeiro,
mas vieram-na a levar,
e começando a cantar
os Padres o sub venite,
tomaram por seu desquite
em vez de cantar chorar.

[...]

[37] Décimas [« Por estar na vossa graça »]

[...]

- 4 (p. 1379)
Só vós, Ursula bizarra,
entre uma e outra borracha
cantáveis como gavião
sustentados de guitarra:
<...>

[...]

21 - CATUNA

[2] Décimas 424 [« Vêem vocês este Fernando »]

- 1 (p. 1392)
Vêem vocês este Fernando,
guiar-te dêle, que te espreita,
que é mico, que logo arreita
ou bailando, ou não bailando:
e quem lhe disse, que quando
para bailar o convido,
pôsto que saia luzido,
e pôsto que airoso andasse,
queria eu, que bailasse
com seu fariseu saído?

[...]

23 - ANICA

[5] Romance [*« Um cruzado pede o homem »*]

(p. 1452)

Um cruzado pede o homem,
 Anica, pelos sapatos,
 mas eu ponho isso à viola
 na postura do cruzado:⁴²⁶
 Diz, que são de sete pontos⁴²⁷,
 mas como eu tanjo rasgado⁴²⁸,
 nem nesses pontos⁴²⁹ se meto,
 nem se tiro dâsses trastos⁴³⁰.
 Indo assim se eu não soubera
 o como tens trastejado⁴³¹
 na banza dos meus sentidos
 pondo-me a viola em cacos:
 O cruzado pegaria,
 já que fui tão desgraçado,
 que buli co'a escaravelha⁴³²,
 e toquei sôbre o buraco⁴³³.
 Porém como já conheço
 que o teu instrumento é baixo,
 e são tão falsas as cordas,
 que quebram a cada passo:
 Não te rasgo, nem ponteio⁴³⁴,
 não te ato, nem desato,
 que pelo tom, que se tanges,
 pelo mesmo tom te danço.
 Busca a outros temperilhos,
 (p. 1453) que eu já estou destemperado⁴³⁵,
 estou para me rasgar
 minhas cousas cachimbando. ⁴³⁶
 <...>

24 - O ENGRÃO ESTÁ PEJADO

[11] Décimas [*« Na nova Jerusalém »*]

[...]

3

(p. 1486)

Criam os mais fariseus,
 que o vinho das malvasias
 era em verdade o Messias
 esperado pelos seus:
 por esta causa os sandeas,
 como o vinho entrava já,
 cuidando, que era o Maná
 qualquer com galhofa interna
 com seu ramo de taverna
 lhe ia cantando hosaná.

[...]

[14] Décimas [< Não me posso ter, Suzana >]

- 1 (p. 1484)
 Não me posso ter, Suzana,
 por mais que me encomendastes,
 quando comigo cascastes,
 que vos não cante a pavana⁴³⁸
 <...>

[...]

[22] Soneto ⁴³⁷ [< Quem deixa o seu amigo por arroz >]

[...]

- [18 terc.](p. 1512)
 Andar: ãle vira cantar os rés,
 E então lhe dei de entoar tão falsos nis,
 Que saiba, como pica o neu revés.

[...]

VOLUME VII

IV - ARMAZEM DE PENA E DOR

3 - PORTUGAL

[5] Décimas ⁴³⁹ [< Clara sim, nas breve esfera >]

[...]

- 5 (p. 1855)
 Entoando logo um solo
 em consonância jucunda
 prima⁴³⁹, terceira⁴⁴⁰ e segunda⁴⁴¹
 a lira formosa de Apolo:
 <...>

[...]

[7] Romance [« *Como estais, louro" diz Filis* »]

[...]

(p. 1659)

"Dizei o ré ni fá sol."

<...>

[...] (p. 1660)

"Tiro lico tico, ré fá."

Isso são duas cousinhas,
que nos pés andam em breve
só com uma cifra escritas.
<...>

[9] Sátira [« *Marinículas todos os dias* »]

[...]

[1] (p. 1662)

Marinículas todos os dias
o vejo na sege passar por aqui
cavalheiro de tão lindas partes
como verbi gratia Londres, e Paris. 442

[...]

[5]

Foi um grande verdugo de bēstas,
Que com um azorrague, e duas borseguias
Ao compés dos maus passos, que dava,
Lhes ia cantando o lá sol fá mi.

[...]

377 . RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 23) diz « Voz, que contraze ao tipie natural ».

378 . JOSÉ RAFAEL TINHORÃO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 47) informa: « De entre as modalidades de versos cantados, o poeta-músico Gregório de Matos cultivava predominantemente, ao lado das glosas e cantigas, coplas e chasonetas, os romances que lhe permitiam contar, no estilo popular-tradicional das redondilhas maiores, ora factos engraçados ora acontecimentos variados, sempre com fundo de acompanhamento à viola ».

379 . Refere-se aos moradores da Bahia.

380 . GIL VICENTE (*Cópilagem de todas as obras*, 1963, v. II, livro IV, p. 464) já inclui, na fala de "Pero Marques", de « A farsa no juiz de Beira » (1525), uma menção a este instrumento: « Dou já ao fogo a guitarra: [Quem tinha esta zanguazarra? » Também LUIS DE CAVES (*Obras completas*, 1972, p. 217), no « Auto chamado de Filodemo » [publicação póstuma de 1967], indica o seu uso: « Neste passo se dá a música com todos quatro. Um tange guitarra, outro pestas, outro talhinho, outro canta cantigas muito velhas ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 159) informa: « Derivase do Francez Guitarra, & esta do Grego Chitaros, que no Dialecto Dorico, (segundo a observação de Erasmo) significava o mesmo, q o que os Anatonicos chamão o Thoron do homem, com que tem alguma semelhança as costas da Guitarra. He instrumento musico de cordas. Vid. Viola. Cithara, ou Fm. ». MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 250) diz: « Instrumento de cordas dedilhadas ou tangidas, de origem espanhola, tendo coexistido com o alabde e a vihuela durante o Renascimento, permanecendo, entretanto, essencialmente popular. Em Portugal é o tradicional acompanhador dos fados, e no Brasil veio dar

origem do violão ». ENRIQUE PUIGL traz bons estudos acerca desse instrumento na Espanha, publicados em LUIS DE NAVARRÉ (*Los seys libros del Delphin*, 1945, « Viñuela, luth y guitarra », pp. 7-9) e em ALONSO MUÑOZ (*Tres libros de música en cifra para vihuela*, 1949, cap. I - « La Viñuela en la música instrumental del siglo XVI », pp. 1-15), enquanto ERNESTO MEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1956, pp. 123-134) acrescenta informações importantes sobre o seu uso em Portugal. No séc. XVI existiam guitarras de 4 e 5 ordens (pares de cordas), mas no séc. XVII prevalece o segundo tipo.

381. RAFAEL BLUTEAU (op. cit., v. V, 1716, p. 234) dá, tanto para o "Machete", quanto para o "Machinho", o significado de « Viola pequena ». ANTÔNIO DE MORAES SILVA (*Dicionário de língua portuguesa*, 1789, v. II, p. 40) traz apenas « violinha, descante », enquanto JOSÉ DA FONSECA e J. I. ROQUETE (*Dicionário de língua portuguesa*, c. 1948, p. 645) « violinha ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. IV, p. 12) informa que "Machinho" é « Espécie de machete ou viola pequena » e (p. 10) que "Machete" é « Espécie de cavaquinho, muito usado na ilha da Madeira etc. ». LUIS DA CÂMARA CASQUO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1938, p. 451) é mais claro: « Machete. Machia, machinho, machetinho, instrumento de cordas, espécie de cavaquinho, vindo de Portugal, possivelmente da ilha da Madeira, onde também lhe chamam Braguinha. É pequeno, armado com quatro ou cinco cordas duplas, afinadas em quintas ». Finalmente, RENATO ALMEIDA (*História da música brasileira*, 1942, p. 310, nota 353) transcreve um texto de LUIS DA CÂMARA CASQUO, mas sem citar a fonte, que vale a pena anexar a esta nota: « O Cavaquinho, também com este nome em Portugal, é de origem da ilha da Madeira, onde o chamam Braguinha. O Braguinha tem 17 trastes, 51 centímetros de comprimento, com quatro cordas de tripa, às vezes a primeira de aço, é sô, afinando na segunda inversão do acorde de sol-maior. Essa história de afinação não é dogma. A nossa é diversa, e vai mudando, de Estado para Estado. ¶ O Braguinha ainda é conhecido por Braga, etc. Todos esses informes encontro-os no livro do Sr. Carlos M. Santos, *Tocares e Cantares da Ilha* (Estado do Folclore da Madeira, Funchal, 1937, pp. 33-34). O nome por que é conhecido (no Continente chamam-lhe cavaquinho) motivou suspeitas de ser originário de Braga, etc. A razão era outra e é apontada. Braguinha vem de ser tocado pelos homens que usavam a braga, antigo traje dos nossos camponeses. Vê-se ainda que o Braguinha tem sido, há muitos anos, exportado para a América do Norte e do Sul, ilhas do Sandwich, etc. Outro instrumento legitimamente madeirense, o Rajão é universalmente famoso pelo seu nome de crisma Ukulele. Duncan Sinters, Dolly and Billy e a Jack Hyllton's Band popularizaram, há vinte anos, o ukulele, como sendo instrumento típico de Honolulu. E todos nós ouvimos a sonoridade do enlaidado Rajão português, escondido nas melodias nostálgicas dos Honolulu Blues. ¶ O Cavaquinho é português, nacionalizado pelos nossos seresteiros. Instrumento de molinha e samba, jamais ultrapassou seu limite, valorizado nos conjuntos convencionais malandros da música carioca. ¶ Desde 1676 que os madeirenses vêm para o Brasil. E a saudade da ilha inescapável emigra no bôjo ressonador dos cavaquinhos... ».

382. Fala do « rebedar-se ».

383. No alto da via impresso o seguinte comentário sobre esta composição: « A hama cantigas, que costumavam cantar os chulos naquille tempo: "banguê, que será de ti?" e outros mais piedosos cantavam: "meu Deus, que será de mim?" o que o poeta gloriou entre a alma christã resistindo ás tentações diabolicas ».

384. Na sexta honra de bee, JAMES RAYO transcreve duas decimas de GREGÓRIO DE MATOS que principiam por « Banguê, que será de ti ».

385. JOSÉ RAMOS TIMMORRI (*Alatôria social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 51) informa: « A chula baseada no mote "Banguê, que será de ti?", aliás, parece indicar a exploração do tema do destino do homem após a morte (além do "que será de ti?" o verso fala no banguê, que era a rede do padole em que se conduzia ao túmulo os corpos dos escravos e dos miseráveis), o que viria a confirmar cem anos depois o pessimismo detectado por GIL VICENTE, ao distinguir nas cantigas representativas da nova sociedade urbana "o som lamentado / carregado de fadigas". E o facto de a chula do "Banguê, que será de ti?" não ser cantiga alegre era o próprio poeta quem o confirmava, ao fazer o demónio — que em sua glosa em decimas mantinha duelo cantado com a Alma — convidar as gentes a não temerem as tentações e a aproveitar os prazeres da vida ».

386. Discorre sobre « As Aves, que peregrinas ».

387. É este o comentário sobre o soneto: « Ao mesmo Governador [Antônio Luiz Gonzales da Câmara Coutinho] subtilmente remoqueia o poeta o descuidar-se de sua honrada supplex sobre a mercê ordinária, lembrando-lhe, que á dera a hum soldado ridículo chamado o Faria, por quem naquille tempo cantavam os chulos "A mulher do Faria vey para Angola" ».

388. Satiriza o Governador Antonio Luiz, imaginando uma sua antepassada.

389. O poeta está satirizando o Governador Antonio Luiz e seu criado Luiz Ferreyra de Noronha.

390. Intenta, aqui, um retrato falado do Sr. Antonio Luiz.

391. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 32) diz: «Barganta (Termo de Musica) Passo de garganta. ... Gargantear, é gargantar». E, para "Bargantear", dá «Variar prontamente as vozes, & os tons com a diminuição de uma nota em muitas partes». LUIS MILAN (*Libro de musica de vihuela de mano*, 1975, f. Diiij), em 1535, utiliza com frequência em suas canções a expressão «el cantor puede hazer garganta».

392. NATHAN DE SOUZA VILLA-LOROS (*Arte de canto chillo*, 1686, cap. IV, p. 12), traz uma excelente gravura da "aaa", artifício gráfico auxiliar da "solfa". Segundo este (p. 11), «Deito Aretino (como fica dito) invetou a aaa co vista signos, aplicada as letras de São Gregorio as vozes».

393. TONÁS BORGES e FERNANDO LOPES GRACIA (*Dicionário de música*, v. II, 1983, p. 430) informam: «Produzir o harmônico 3, dupla quinta acima da fundamental, ou prima. É propriamente, produzir um som rico de harmônicos, dos quais se destaca como mais saliente o da dupla quinta. Este fenómeno revela-se com muita nitidez nos sinos».

394. Precede as décimas o comentário: «Obrigados os ordenados a cantar o canto cham desafinaram perturbados a vista do prelado, e os obrigou, a que estadessem os sette signos. Celebra o poeta este caso, e louva a prudica, que fez Sua Ilustrissima».

395. GREGÓRIO DE MATOS é, sem dúvida, o poeta seiscentista que deixou a maior contribuição para a musicologia no Brasil, preocupando-se em dar o contexto social da prática da música. Não era o caso de outros autores que, abstrando da terminologia musical, pouco informavam sobre seu uso na vida cotidiana. Como exemplo, transcrevemos um soneto de MANOEL CARNEIRO, que serve de introdução ao Seralô (1688, f. A3v) que pregou no «Collegio do Rio de Janeiro, em o segundo dia das quarenta horas, no anno de 1667», intitulado «A la Novedad, Ingenio, y Arte, con que el Avtor de Seralô, ha lançado contrapuncto Divino, a los tiempos de la solfa humana». Eis o soneto: «Maestro de Capilla, al mundo dado, | Sereno de la aar, que al orbe encanta, | Musico Divino, el que asy canta, | Contrapuncto tan raro, y llevantado. | La Musica de Dios, aveis cantado | En el tiempo perfecto, con boa tanta | Que a la solfa del mundo bien descanta | El tiempo imperfecto, mal gustado | El de perandio tiempo, por tal arte | Al mundo estontastes, tan patente, | Que Solo de imperfecto, mostra menqua | Cantase vuestra solfa en toda a parte | Venere el orbe todo, y toda a gente | La noble pluma vuestra, y vuestra lengua».

396. Fala ao Vigário Antonio Marques de Perada.

397. Vem precedido do comentário: «A certo frade que galanteando huas senhoras no Convento de Oliveiras, lhes entregou habito, e menores para um fingido entremez, e conhecendo o chasco, em alta noyte deu em cantar o miserere, borrando e murmurando todo o parlaterio, pelo que a abadeça lhe deu os seus hábitos, e hua lanterna para se retirar a Lisboa».

398. Comentário sobre estas décimas: «A certo frade que pregando muitos despropósitos na Madre de Deus foi apedrejado pelos rapazes, e se fingio desmayado por escapar: mas depois furtando ao poeta um bordão, e ao arpista da festa um chapão, se retirou: porem sabendo-se do furto lhe foy ao caualho tirar das alforas hum mulato de Domingos Borges».

399. Na acepção do termo, mestre ou professor de solfa (música). A referência à "tarpa", instrumento utilizado pelos mestres de capela, indica serem os termos sinônimos. JOSÉ DE MORAIS e (História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará, 1799, livro III, cap. I, p. 190) confirma a identidade do mestre da capela e do mestre da solfa, ao incluir, entre os beneficiados da Sé de Belém, no séc. XVIII, «9 Capellães musicos com 1 mestre de solfa».

400. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 517) indica «Aquelle, que tange arpa. Qui Arpa canit. Alguns Autores de Vocabularios lhe chamão Citharista, m. Mus. E se cantar tangendo, Citharamus, i. Mus.».

401. Comentário: «Ao louco desvanecimento com que este frade tirando espolias cantava rogando o habito por mostrar as pernas, com presunções de gentilhomes, bom membro, e boa voz».

402. Durandarte é o personagem-título de um romance muito comum na música renascentista espanhola. Estão publicadas duas versões deste romance, com «tiple» muito semelhante, uma de compositor de sobrenome MILLAN (encontrada no «Cancionero del Palacio») no Cancionero musical de los siglos XV y XVI (transcrito e publicado por D. Francisco Asenjo Barbieri, Madrid, 1890 e outra de LUIS MILAN, publicada em versão para voz e «vihuela de mano» no Libro de musica de vihuela de mano... (Valencia, Francisco Diaz Romano, 1535, ff. Diiij-Diiijr). Várias outras edições destas peças existem, todas, porém, com base nas publicações aqui mencionadas.

403. Os calundes ou lundus são mencionados por GREGÓRIO DE MATOS em duas outras ocasiões na poesia que começa por « Já que me põe a tormenta », preceito I (v. I, pp. 15-16) e na que começa com « Brinca: que brabo desar! » (v. 9, pp. 1133-1136). Era função religiosa africana praticada no Brasil e não tinha o mesmo significado do lundú encontrado entre nós no séc. XVIII. JOSÉ RAFAEL TIMBERO (*Os sons dos negros no Brasil*, 1988, pp. 35-36), comentando a segunda poesia citada, informa: « A mais importante revelação encontrada nos versos dessa anedota setecentista de Gregório de Matos, porém, é o fato de mostrar que a palavra calundes admitia o sinónimo lundus, usado também sempre no plural. Essa sinonímia, afirmada pelo gramático João Ribeiro em seu livro *A língua nacional*, mas negada pelo musicólogo Mozart de Araújo em seu estudo *A audição e o lundú no século XVIII*, implica uma discussão que interessa à história da música popular no Brasil: uma vez que a partir dos setecentos começa a aparecer notícias em torno de uma dança de roda à base de umbigadas e castanholas de dedos com o nome de lundú, teria tal novidade alguma coisa a ver com os batuques chamados de calundes e, às vezes, de lundus? » Apesar da sinonímia, a resposta certa é negativa, porque os lundus-calundes — com toda a idêntia de sons de batuque e de dança que a eles se tenha agregado — têm sempre em comum a origem religiosa, enquanto o futuro lundú (conhecido também como lundum, lundus, lundu, lundu e lundu) refere-se invariavelmente a uma dança profana, mais cultivada por brancos e mestiços do que por negros, e que estava destinada a transformar-se, ainda no século XVIII, em ópera de teatro e canção humorística ».

404. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 547) informa: « Plectro. He palavra Latina de Plectrum, i. heit. que quer dizer Arco de Rebecca, ou outro semelhante instrumento de cordas. ... Os Pontas vulgares chamão Plectro a qualquer instrumento musico de cordas ». Há, porém, outro significado, como se vê em NÁDIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 103): « Pequena peça de marfim, madeira, metal ou plástico, com que faz soar as cordas dos instrumentos de cordas dedilhadas, como o mandolin, alaúde, etc. ».

405. Comentários: « Descreve a confusão do festejo do Entrudo ».

406. Comentários: « Descreve a jocosidade, com que as mulatas do Brasil bailão o peturi ».

407. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. IV, 1713, p. 159) dá « Diminutivo de Guitarra » para o termo « Guitarrinha ». Parece ser instrumento diferente do machilão ou macheta, uma vez que GREGÓRIO DE MATOS também o menciona.

408. Os dicionaristas portugueses e brasileiros consultados desconhecem esta dança, cujo nome é o mesmo que se dá à ave sul-americana *Monops didactylus*, Lincol. Mas JOSÉ RAFAEL TIMBERO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 59) estudou essa manifestação, informando: « Pela descrição dessa dança de mulatas (que em Seiscentos começavam a formar o contingente das mestiças forras e livres destinadas no século seguinte a ter um peso tão grande na conformação étnico-psicológica da maioria das baixas camadas sociais, até a classe média), Gregório de Matos, faz saber que por aquela década de 1680-1690 já se dançava na área popular castanholando com os dedos. Ora, se a essa característica do estalar de dedos própria do fandango ibérico, aqui apontada no peturi, se somar outra indicação fornecida pelo próprio poeta, sobre umbigadas vistas em festas de pardos de Salvador em homenagem a Nossa Senhora do Amparo (« e como sofre o molão | leva tantas umbigadas (...) »), pode concluir-se já existirem no seu tempo — embora isoladamente — os dois elementos que, reunidos, farão no século XVIII surgir o lundú ».

409. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 185) dá, para « Castanhetas », « Pedacinhos de pau concavos, & redondos por fóra, a modo de castanhas, que se atão ao dedo polegar, & com que se faz nas danças heit sonido alegre ». Era bastante conhecida em Portugal, naquela época, mas, a julgar pela documentação sobre o Brasil, não foram utilizadas entre nós. Tanto é que conhecemos o instrumento pela designação castanholas (do esp. castañuelas) e não pelo termo português castanhetas. Há excelente estudo sobre as castanholas portuguesas em ERNESTO VIEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, pp. 224-226). Cf. também F. J. FETIS (*A música no alcance de todos*, 1858, p. 27), FRANCISCO SOLANO COSTA (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1865, p. 233), ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 62) e PEDRO SÁNCHEZ (*Pelo mundo do som*, 1959, p. 143).

410. Para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 543), « Arrakú, ou Rakú, ou Rakel » era « Instrumento pastoril de cordas, & arco a modo de Rebecca pequena ». Os termos são muito frequentes na poesia portuguesa e espanhola antiga, mas tal instrumento não é descrito em uso no Brasil.

411. NÁDIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 283) dá « Pequena composição poética, geralmente em quadras, para ser cantada, originalmente na Espanha e difundida no Portugal », citando esta passagem de GREGÓRIO DE MATOS.

412. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, v. II, 1728, p. 220) define « Son » por « peça, que se põe à viola ».

413. Um dos sons de que fala RAPHAEL BLUTEAU é o "Arrocha", que define desta maneira (op. cit., Suplemento, v. II, 1727, p. 74): «Peça, que se toca na viola ou corrida, ou por pontos».

414. JOSÉ RAIMS TIMÓTEO (*Alcátria social de música popular brasileira*, 1990, século XVII, p. 58) informa: «Tal como a boa interpretação dos primeiros versos indica, Gregório de Matos começa por um protesto contra o facto de os músicos participantes do passeio estarem entoando apenas cantigas a solo, o que deixava os demais na condição passiva de meros ouvintes ("que canta o pássaro só, / e os mais gritam na semente"). Passa-se então às danças com a novidade do arrocha, na coreografia da qual o poeta aponta desde logo a novidade de vir-la dançada sem movimento dos quadris, quando o rebolado de influência negro-africana já era característica das danças populares de época».

415. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 214) descreve o "Búzio" como «Touca do mar, retorçada, da feição de corneta, ou Piaô, com que jogam os rapazes». LUIS DA CÂMARA CASTELO (*Dicionário do folclore brasileiro*, 1988, pp. 156-157) tem excelente texto sobre o instrumento, do qual transcrevemos um pequeno trecho: «Os grandes búzios eram empregados no Brasil como buzinas, uso universal, sagrado e profano. As antigas barcas e botes de pescarias trocavam saudações na linguagem dos toques do búzio. O som agudo dos búzios chamava o vento, ouvido a distâncias grandes (...) As barcas de certo porte saudavam-se por intermédio do búzio». ISAAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 50), TOMÁS BOKA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 243) e NÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, pp. 75-76) também trazem bons verbetes sobre o búzio.

416. Comentário: «Maquado o poeta e sentidíssimo com esta pena de ver frustrados todos os seus intentos, cantava ao som do seu instrumento a seguinte letra».

417. Comentário: «Continuava cantar o poeta esta letra a seu instrumento, em quanto lhe durou o pezar das tyrannias desta casa».

418. Junto a este título (p. 1071), vem impressa a seguinte citação de MANUEL PEREIRA RIBEIRO, Licenciado, sem indicação de fontes: «Fazia apreço particular de huma viola, que por suas curiosas almas fizera de cabeça, frequentado divertimento de seus trabalhos; e nunca sem ella foy visto nas funções a que o convidavam».

419. Segundo RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, v. II, 1728, p. 191), "Saltarello" é «Certo som à viola». NÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 452), citando esta passagem de GREGÓRIO DE MATOS, acrescenta: «Dança originária da Itália, de movimento rápido, saltada em compasso 3/4, ou 6/8. Foi muito popular durante o séc. XVI, em geral sucedendo a pavana». Mas, apesar de ter sido conhecida em Portugal, esta dança foi citada apenas pelo poeta seiscentista, não sendo mencionada na documentação da época sobre o Brasil.

420. RAPHAEL BLUTEAU (op. cit., v. VII, 1720, pp. 474-475) informa: «Sarabanda, ou çarabanda. Derivase de Sarao, que de Bayla, ou de hã Comediante chamada Sarabanda, ou (como querem outros) do Hebraico Çara, que val o mesmo que Baylar de hã parte para outra, Andar em redondo, etc.) ações proprias de quem bayla a sarabanda, porque acesos os braços, & o corpo tangendo as castanhetas, & anda rolando a casa, em que bayla. He dança alegre, & lasciva; & ha opinião, que as mulheres de Cadiz a inventarão, que se usava em Roma em tempo de Marcial, & que fallára o dito Poeta nesta dança no livro 6. Epigram. 7. ¶ (...) O mais certo he que os Mouros trouxerão esta dança a Granada». NÁRIO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 464) acrescenta: «Dança de origem espanhola, já mencionada por Rodrigo Caro nos *Dias ludicos* (séc. XVII), em compasso ternário e ritmo característico, andamento lento e coreografia que lhe imprimia feição grave e solene». Esta, porém, é a única referência conhecida à sarabanda no Brasil seiscentista, como foi o caso do saltarello.

421. «Logra»: trata-se de um negro de André de Brito, que teve um olho vazado.

422. Trata-se de um mulato que, como o autor, também estava preso.

423. NÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 351) dá «Mulança - Ato de trocar, mudar de um acorde para outro, a posição dos dedos da mão esquerda no braço dos instrumentos de cordas em geral».

424. Comentário: «Sacode zeloso o poeta a Fernão Roiz Vassalo, que se contrariava com esta celebrada Dama, sendo o violista das petas daquelle destrito: porque vindo dançar com algumas em presença do mesmo poeta lhe sahio o membro por entre os trapos da barginha».

425. RAFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, parte II, 1728, p. 302) informa: « As posturas de mão no tanger Viola são Forças, Trempo, Caranguejo, Vaô, Cruzado, &c. ». As posturas eram posições fixas de acordos que se executavam na viola provavelmente com a técnica do rasgado, que o poeta menciona neste mesmo romance.

426. Sete pontos ou sete signos da música são, ao que parece, os sete graus da escala diatônica ocidental.

427. RAFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 39) diz « Tanger corrido, ou rasgado ». NÉRJO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 427) recolhe opiniões, segundo as quais, o termo seria brasileiro ou americanizado. Porém, o rasgado já era usado, pelo menos, em 1596, quando JUAN CARLOS Y ANAT publica o livro *Guitarra Española y Viola...*, um tratado sobre o uso dessa técnica. Cf. TOM EVANS e MARY ANNE EVANS (*Guitars*, 1979, p. 115). O rasgado, técnica de mão direita para os instrumentos de cordas dedilhadas, hoje conhecido como *rasgueado* ou *raspeado*, foi indicado pela primeira vez na música brasileira em um manuscrito do século XVIII, intitulado « *Modinhos do Brasil* » (Biblioteca da Ajuda, Portugal, MS 1596, modinho n.º 17, « *Mingado morra de siume* »). GENARO BEAURE (*Biblioteca da Ajuda (Lisbon)* MSS 1595/1596, 1968, p. 63) tenta interpretar o termo como uma indicação de caráter, atribuindo ao seu uso origem afro-brasileira, mas sem qualquer fundamentação musicológica.

428. Para NÉRJO DE ANDRADE (op. cit., 1989, p. 407), "ponto" é « O acento que tanto », informando que é fôndia no sentido de tasto, ou trasto, foi usado por Gregório de Matos ». Porém, os sete pontos do poeta seiscentista parecem indicar os sete graus da escala diatônica, os os sete signos da música, a que se refere na terceira estrofe das décimas que principiam com « Senhor; os Padres daqui ». Em 1535, LUIS MILAN usou no *Libro de musica de vihuela de arno* (1975, f. Aiiiijr) a expressão "puntos de canto", deixando informações como a que se segue (idem, [f. Rör]): « si el tipie sobre numos pñtos encia de su clausula final / y abaxa tres o quatro puntos debajo la dicha clausula final: entonces vsa del termino del tono maestro y del discipulo / y se mencia conellos ». Cf. também PAULO CASTAGNA (*Os acordes e a gênese musical em Luis Milan*, 1990).

429. RAFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 257) informa: « Trastes também se chamão as cordas, que no braço da viola, de espaço em espaço dividem os pontos. Querem algus, que Trastes neste sentido se derive do Latim *Transstra*, que são os bancos dos remeiros da galé, ou traves de parede a parede; porque no braço da viola ha divisaõs de cordas, para os tons, e semitonos. Transversas ad cervicem lyrae fides. Também os molhinhos das ditas cordinhas se chamão Trastes. ».

430. Trastear é termo utilizado até hoje, para designar o ruído indesejável das cordas ao revelarem no braço ou trasteira dos instrumentos de cordas dedilhadas.

431. Escaravella é termo arcaico para cravelha, peça de madeira que integra a cravelheira, aparato para a afinação das cordas da viola e de instrumentos similares.

432. "Buraco" é o « vaô do tempo da viola », de RAFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1713, p. 266), onde se instalava o "espelho"; « Diapa de pergamino, redonda, lavrada ao pique ».

433. Para NÉRJO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 407), "ponteiro" é « Toque de viola de quem está a pontear ».

434. Por "destemperar", entende RAFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1713, p. 174) « Causar dissonancia em cousa armonicamente temperada. Destemperar hũa viola. Desconcertar armonia das cordas ».

435. JOSÉ RAIMOS TIMORÃO (*História social da música popular brasileira*, 1990, século XVII, pp. 49-50) analisa o conteúdo deste romance: « De saída Gregório de Matos informa sua disposição de responder ao pedido à viola, cantando "na postura do cruzado", ou seja, na forma de versos em que o significado resultaria do cruzamento do duplo sentido das palavras. É o que realmente faz, através de uma engenhosa manipulação da significação das palavras pois, ao afirmar desde logo que nada tem a ver o tamanho dos sapatos (que eram medidos por pontos), alega não tocar a viola por pontos, ou de forma dedilhada, mas pelo processo popular de ferir as cordas todas de uma vez, que era o chamado toque rasgado. Por essa razão, além de não se meter com pontos, dizis não se importar com jormentores — "nem se tiro desses trastos" —, o que era referência às marcações no braço do instrumento, sobre as quais se aperta a corda para variar os tons. Isso permitia-lhe continuar a cruzar o sentido das palavras informando a amante que, apesar de tudo, talvez lhe desse o cruzado para os sapatos se ela não tivesse trastejado, ou perturbado sua harmonia de espírito ["o como bens trastejado / se banza dos ares sentidos" (...)], perturbando-lhe a rotina da vida ("pondo-me a viola em cacão"). Sempre cruzado os diferentes sentidos das palavras, o poeta reconhecia ter-se aproveitado sexualmente de Anica, não apenas com titilações no bico dos seios (comparado com a cravelha, a pequena cabeça de madeira que se torce para esticar as cordas do instrumento), mas até tocando-lhe o buraco (que tanto tem no corpo a mulher quanto a

viola). Gregório exclua porém a possibilidade de atender ao pedido da mulher alegando que, além de baixo (desafinado por defeito), seu instrumento sexual se revelara fraco: como se tivera "falsas as cordas | que quebram a cada passo". E, assim, concluiu que, por todas as razões apontadas, não desejava mais qualquer novo contacto sexual-musical com Anica ("não te rasgo, nem ponto"), resolvendo dar-se como pago da recusa do dinheiro, pelo que não recuara em gozos ("que pelo teu que tanges, | pelo mesmo teu te dango"), e recomendando-lhe que procurasse afinar-se com outro ("busca a outro temperilhos"), pois de sua parte sentia-se incapaz ("que eu já estou destemperado | estou para me rasgar" | (...)). LUIS DE CÂNDIOS (*Obras completas*, 1972, pp. 134-137), no « Auto chamado de Filodemo » (publicação póstuma de 1587) já havia feito composição semelhante à de GREGÓRIO DE MATOS, utilizando termos característicos da música para viola com duplo sentido: « A viola, Senhor, vem | sem prias sem derradeiras. | Mas sabe que lhe convém? | Se quer, Senhor, tanger las, | Há-se haver mister terceiras ». E ANTONIO JOSÉ DA SILVA (O Judeu) também deixou, em *Guerras do Alcazar*, e *Mangrove* (Lisboa, António Isidoro da Fonseca, 1737, pela edição de 1987, pp. 17-18), um soneto de conteúdo análogo: « Prias, que na guitarra da constância | tão iguais retinir no contraponto, | que não ha contraprias nesse ponto, | nem nos porpontos noto dissonancias: | Oh falsas não sigas nesta jactância | pois quando attento os numeros vos conto, | nessa belleza armonica resento | an plectro da Phetora consonancias: | Já que prias se sois, sede terceiras | de seu amor, por mais q vos ajeste | ouvir de seu cavaleto as frioleiras; | Se encontros de ouvirme ô prias basta | de dar á escaraveira em tais asceiras, | q em fia isto de amor he tão lindo traste ».

436. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 324) define a "Pavana" como « Casta de dança inventada em Castella, ou em Italia, e antigamente usada em França, com notavel gravidade, porque os Militares faziam com capa, e espada; os Ministros da Justiça com suas togas, ou becas, e as Damas com vestiduras roquantes. Como a pompa desta dança era hua especie de ostentação ao modo do pavão, quando abre, e estende as pennas da cauda, parece lhe chamarão Pavana, como quem dissesse, Pavonada ». A dança e sua música são hoje bastante conhecidas, mas não há referências diretas à sua prática no Brasil desse período.

437. Comentário: « Ao mesmo [Francisco Ferreyra] e pelo mesmo caso, que chamava ao poeta seu mestre na solfa, porque com elle cantava as vezes ».

438. Comentário (p. 1654): « Ouvindo o poeta cantar no mesmo convento [« de M. Senhora das Neves na Freguezia das Aveihas »] a Dona Maria Freyre de veo branco e que tocava rabeção sua irmã Dona Branca, Dona Clara outro instrumento ».

439. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VI, 1720, p. 734) afirma que « Nos instrumentos de corda, como a viola, &c. he a primeira corda, a mais delgada, e a mais aguda ».

440. Obviamente, a terceira ordem (par de cordas) da viola. Contudo, esta denominação não era usual, como atesta RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 508) acerca desse instrumento: « Tem cinco cordas, a saber, a primeira, a segunda, e corda prima, a contraprima, e o bordão ».

441. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VII, 1720, p. 552) informa: « Na viola, he a segunda corda das cinco do dito instrumento, entre a primeyra, e a corda prima ».

442. HEITOR MARTINS (*A música de Mari-Nicolas*, 1990, p. 4) informa: « Um dos poemas mais conhecidos da Literatura Brasileira é o Mari-Nicolas, de Gregório de Matos. Escrito provavelmente em 1688, quando o poeta exercia importantes funções judiciais em Portugal, diz a tradição que o poema foi tão popular a ponto de ser decorado pelo Rei D. Pedro II. A despeito disto, só foi publicado parcialmente em 1855 por José Maria da Costa e Silva, no tomo 9 de seu *Ensaio Biográfico-Crítico Sobre os Melhores Poetas Portuguezes*, e, em sua totalidade, em 1882, por A. do Valle Cabral no primeiro e único volume das *Obras Políticas* do poeta baiano. Todas as outras edições extensas da obra do poeta tem incluído o Mari-Nicolas, às vezes com variantes notáveis ». Logo adiante, acrescenta: « O que talvez tenha dado esta popularidade cortês ao Mari-Nicolas foi o fato de tratar-se de uma paródia à mais popular canção de sua época ». E, finalmente esclarece: « A versão original, com possíveis variantes, da espanholeta parodiada por Gregório de Matos intitula-se Mari-Zápalos e, durante os cem anos que vão de 1650 a 1750 pelo menos, é a canção bailável mais popular na Península Ibérica ». HEITOR MARTINS encontrou as versões musicais mais antigas dessa espanholeta no Livro segundo de cifras sobre la guitarra española, da *Instrucción de musica sobre la guitarra española...* (Saragoça, 1675), de GREGORIO SANZ, e no *Poema harmonico, compuesto de varias cifras por el temple de la guitarra española...* (Madrid, 1694), de FRANCISCO GUERRO, informando que « Mari-Zápalos era música para canto e dança ». E dá a notícia mais interessante: « Mesos sofisticada, porém de grande interesse para Gregório de Matos, é uma versão manuscrita existente na Biblioteca Municipal do Porto (Ms. n. 1577, Loc. B, 5), ainda inédita, embora transcrita modernamente por Barton Hudson. O volume intitula-se *Libro de cyfra adonde se contem varios jogos de versos e obras e outras curiosidades de varios autores e*, segundo Barton Hudson, em seu estudo inédito do manuscrito, deve ter sido compilado entre 1700 e 1710. No seu folio 112 encontra-se uma Mari-Zápalos que poderá ser a versão popular corrente no Portugal da época ». Transcrevemos, no EXEMPLO MUSICAL V-B, a versão da Biblioteca do Porto, deixando aqui a primeira estrofe do Mari-Zápalos, que MARTINS anexa à p. 5,

informando ser versão de MIGUEL LÓPEZ DOMÍNGUEZ, datada de 1657: « Mari-Tápatos bajó una tarde | Al fresco sotillo de
Vacia-Madrid, | Porque entónçes pisándole ella | No hubiere más Flándes que ver su país: ».

RAPHAEL DE JESUS

(1614 - 1692)

LIVRO: CASTRIOTO LUSITANO. Lisboa, Antonio Craesbeck de Mello, 1697.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Reimpresso em 1844 (Paris, João Pedro Allaud), o livro de RAPHAEL DE JESUS termina com o seguinte comentário (p. XI): « Com lhe dar occasiões para o serviço, o buscárá os premios, & soube João Fernandes Vieira achar occasiões, para fazer dos premios, os maiores serviços, como diremos na segunda parte de sua historia, que sendo deos servido, daremos á estampa muyto brevemente ». Porém, na edição de 1844 (pp. 604-605), ALLAUD comenta: « Esta segunda parte de que falla o autor nunca se imprimiu [sic], nem mesmo é certo se elle a compoz ». O « Castrioto Lusitano » é um título laudatório atribuido a João Fernandes Vieira, baseado na alusão a Jorge Castrioto, rei da Alkânia.

NOTA SOBRE O AUTOR: RUBEM BORBA DE MORAIS (Bibliographia brasileira, c. 1963, v. 1, p. 671) informa que RAPHAEL DE JESUS nunca esteve no Brasil e baseou seu trabalho no manuscrito de DIOGO LOPES GOMES « Historia da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do Mestre de Campo João Fernandes Vieira... » (publicado na Rev. Inst. Hist. Br., v. XXVIII-XXX de 1875-1886) e em livros com o Veneroso Lucidano de RAFAEL CALADO, as Epistolas de FRANCISCO MANUEL DE MELLO e outros.

EDICAO UTILIZADA: CASTRIOTO | LUSITANO | Parte 1. | Empreza, E Restauracão | de Pernambuco; & das Capitãias Confinantes. | Várias, E Bellissimas Successos | Entre Portuguezes, E Belgas. | Acontecidos Pellos Discursos de Vinça E Quatro Anos, E | tirados de noticias, relapões, & memorias certas. | Compoztos Em Forma de Historia | pellos Mayto Reverendos Padres Pregadores Geraes Fr. Raphael de Jesus Natural da muyto Madre, & sempre | Leal Villa de Guimarães. | Religioso Da Ordem Do Principe Dos Patriarchas | S. BENTO. | Professo Na Sua Reformada Congregação De | Portugal, & nelle D. Abade do Insigne Mosteyro de S. Bento de Lisboa onde | presente anno de 1679. | Offerecistas | A João Fernandes Vieira | Castrioto Lusitano | E por Elle Dedichados Ao Serenissimo Principe | D. Pedro Nosso Senhor. | Regente Da Lusitania Monarchia. | Lisboa. | Com as licenças necessarias. | Na Impressão de Antonio Craesbeck de Mello Impressor de Rua Alta | Anno. 1679. [21 x 20; 17 ff. inam.; 701 pp.; 3 ff. inam.; BIB: 2-4-20].

CASTRIOTO LUSITANO Parte I. Livro V.

[...]

3. <...> (p. 200) ["A Deos no zelo de seu culto." (sobre João Fernandes Vieira, em Pernambuco no ano de 1640)] Para que os officios Divinos se celebrassem, & frequentassem os Sacramentos com liberdade, & com pompa, comprava ao Hereje [holandês] permissões, & sustentava em sua casa capela de Musicos escolhidos, & diversos ternos de charanelas⁴⁴³. Aninava aos Parrocos, para que se esperassem no comprimento de sua obrigação, com o patrocínio, & com o exêplo. <...>

[...]

15. (p. 209) ["Hêdase avizo ao Vizo-Rey da Bahia."; "Como nelle se dispos a aclamação."; "Que a milicia, & o Povo festejáraõ com alvoroço." (sobre a aclamação de D. João IV, Rei de Portugal, em fevereiro ou março de 1641, no Recife)] Vestido de festa com o mais precioso de suas joyas, sahio o Marquez ["D. Jorge Mascarenhas Marquez de Monte-Alvão"] acompanhado dos congregados, & da Camara com a bandeira da Cidade, levando diante hum Rey de Armas: Tocáraõ-se as caixas, clarins, & pifances; fesse sinal para que se posessa fim ao estrondo. O vulgo pendente de seu desejo offereceo summo silencio. Levantou-se o Rey de Armas, & em voz alta pronouciou estas

palavras. Ouvi, ouvi, ouvi, & estai atento; & logo o Marquez reforçando o grito disse as palavras proprias de semelhante acto: Real, Real, Real, por o Senhor Dom João o Quarto, Rey de Portugal⁴⁴⁴. <...>

[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro VI.

[...]

75. <...> (p. 349) [*"Fasse avizo a Ioaõ Fernandes Vieira"; "O qual cõ publicas demonstrações rendia graças ao ceo."* (sobre a entrega da fortaleza do Recife aos holandeses)] Chegado o dia de oytro de Setembro [de 1645], em que a Igreja soleniza sua Natividade, o festejou na Matriz da Varzea cõ Missa de trez choros: Prêgou o Padre Mestre Frey Manoel do Salvador, com discursos eruditos, exortativos, & devotos. Resatou-se a celebridade cõ solene procissão, em a qual o mesmo Governador levou em suas mãos a Sagrada Imagen da Senhora, de novo feita, & colocada no altar de São Sebastião, da hermda, & do Engenho de seu nome, para perpetua memoria do socorro, & da gratidão. <...>

[...]

140. <...> (p. 419) [*"Maravilhas com q̃ o ceo mostrou a aceitação do sacrificio."*; *"Sem q̃ as podessem negar os Herejes."*] O Gasmão Governador da Fortaleza [em Recife], que como temos dito, era casado com hãa mulher Portuguesa, lhe concedeo podesse levar para sua casa algumas das viúvas, que deixou vivas o estrago. [Obrigando-se a dar conta dellas todas as vezes, que se lhe pedisse; ⁴⁴⁵] O que foy compadecida da miseria, & estimulada da compunção. Succedeo, que na noite do dia, em que as recolheo na Fortaleza, (que foy o mesmo em que enterrãraõ os corpos mortos) [3 de outubro de 1645] ouvio, para a parte, donde se depositavaõ, hãa suavissima melodia, de acordadas vozes, que como celestiaes, novião, e admiravão: Espantada de cazo tão novo, chamou o marido, que com outros Olandeses estava conversando, & todos ouviraõ a muzica com hum mesmo espanto. Buscou logo as mulheres, que tinha recolhido, & achou, que suspensas na suavidade da armonia, se esquecião da magoa, & do sono. O que succedeo no dia do enterro [*"Passados quinze dias"*], tinha succedido no dia do martyrio; como se o ceo quizesse mostrar com hãas mesmas vozes, que era hãa mesma a sorte, das almas, que recebia, & dos corpos, de que a terra se entregava. Em o cerco, donde ficãraõ as mulheres, filhas, & parentas dos mortos, foy tão extraordinario o cheiro, em todo o (p. 420) tempo, que durou o martyrio, que igualmente suspendia os discursos, & occupava os sentidos. Muzicas, & cheiros dedica a veneração aos Benaventurados.

[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro VIII.

[...]

37. <...> (p. 541) [*"Queimaõlhes hũ pataxo, m̃. lhe daõ a primeira salva."*] Na madrugada de seis de Novembro [de 1647] mandãraõ os nossos Governadores queimar hum pataxo, que o Olandês tinha no rio, como atalaya de nossos novimentos: Pegou o fogo, & as labaredas do incendio serviraõ de luminarias à marcial alvorada, com que a nova Fortaleza ao som de caixas, trombetas, & charamelas deu os bons dias ao Frangico com trez cargas cerradas de artilharia, & mosqueteria que fazião mais horriveis as vayas,

que o confuso grito dos soldados dava aos moradores da Cidade, & do Arrecife, que desatinados do estrondo, & do sobre-salto buscavão abrigo, (incertos no seguro) de nossas ballas. <...>
[...]

CASTRIOTO LVSITANO Parte I. Livro IX.

[...]

8. <...> (p. 570) [*"Marcha para Barreta."* (sobre um ataque do general "Sigismundo", saído do "Arrecife" a 17 de abril de 1648)] Levava [o "Coronel Henrique Hus"] seis peças de artilharia com munições, armas, & mantimentos de sobre-selente, & muita cantidade de algaras, grilhos, cadeas, & cordas para prender, & manietar os cativos. (Demonstração segura de vencer a batalha, com a qual, se senão enganava a si, enganava aos seus.) Com bellicosa ostentação de caixas, clarins, salvas, & vozes se formou, & pos em marcha para a sua Fortaleza dos Affogados, meya legoa para o certão, sobre o Poente, aonde fes alto: <...>

[...]

18. (p. 579) [*"Descrição dos montes Guararapes."*; "E do sitio do nosso alojamento."] Guararapes⁴⁴⁶, na lingua do Gentio, he o mesmo, que estrondo, ou estrepito, que cauzaõ os instrumentos de golpe⁴⁴⁷, como sino, tambor, atabals⁴⁴⁸, & outros; & o rumor, que fazem as águas pellas roturas, & concavidades delles lhes deu o nome de Guararapes: <...>

[...]

22. <...> (p. 582) [*"Sigismundo forma, a si animo aos seus soldados."*; "Obstetapão de seu exercito."] Formava o todo [do exercito holandês, em 1648], hũa vistosa, & fornidavel ostentação de aparatos bellicos. <...> Os instrumentos bellicos, como tambores, pifanos, & clarins com a voz de Marte chamavão a morte, porque, se aonde se tocavão, infureciaõ para batalha, aonde o ecco os repetia, chamavão para a sepultura⁴⁴⁹ <...>

23. (p. 583) Em nove esquadroes, formou o Inimigo sua gente, a qual se compunha de Franceses, Alemães, Ungaros, Polacos, Ingrezes, Suecos, & outras nações da Europa, não sendo a menor porção a dos Olandeses. <...> Os Indios, que não tinha disciplinado a arte, como Tapuyas, & Pitiguaries deixou em troços soltos, & volantes, para que melhor podessem seguir seu estilo de pelejar; entre os quaes se ouvião innumeraveis bozinas, & atabegues⁴⁵⁰, que aoõpenhavão barbaros gritos. <...>

[...]

82. (p. 618) [*"Sahe o inimigo do Arrecife a executar seu intento, com que gente, a si com que forma."*] Em dezoyto de Fevereiro de mil & seisçetos & quarenta & nove, dia escolhido pella determinação do Frangico, sahio do Arrecife o Coronel Brinc com cinco mil homens de guerra, todos soldados escolhidos por valerosos, & praticos, atendendo mais á callidade, q á multidão: <...> Nesta forma, & no dia referido pella manhã, sahio do Arrecife, dada ordem á sua vanguarda, que marchasse para a Barreta, o que fes todo o exercito com marcial estrondo de clarins, trombetas e tambores.

[...]

443. MANUEL CALADO é JO Valseiro lucidano, 1648, livro VI, cap. I, §§ 5-6, pp. 345-346) também traz informações que confirmam ser João Fernandes Vieira senhor de uma capela de música, ao narrar um episódio de junho de 1646, no "Arraial do Bom Jesus", onde se havia « publicamente retirado para o acto », nos seguintes termos: « E tendo apelaurodo os Padres para officiar na missa, e músicos os melhores da terra, para a cantarem tres choras, e armada a Igreja lhe chegou em dez de junho hum auto de Iguassu ». Mais adiante (p. 40), descreve a realização da festa de 13 de junho de 1646: « Fez João Fernandes Vieira a festa do glorioso Sancto Antonio co a maior solemnidade q lhe foi possível, segundo o tempo em que se achava. Daa missa, e pregação, boa, e estrenada musica ».

444. Ao que parece, houveram festejos com música pela aclamação de D. João IV em muitas cidades do Brasil, no ano de 1641. A música *Relação de aclamação que se fez no Capitania do Rio de Janeiro* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1641) descreve (na p. 14) a música da festa de 31 de março de 1641 no Rio de Janeiro, promovida pelo licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, enquanto MANUEL CALADO (op. cit., 1648, livro II, cap. II, §§ 3 e 5, pp. 308-309) fala da música que se ouviu na cidade da Bahia, em fins de janeiro e na "Cidade Maurícia", em abril do mesmo ano. Transcrevemos o relato de MANUEL CALADO (op. cit., § 3, p. 108), sobre os festejos da Bahia, « no fim do mes de janeiro de 1641 », promovidos pelo « Marquês de Montalvão », D. Jorge Mascarenhas; que pouco tempo depois presenciava as festas de Recife, que descreve RAPHAEL DE JESUS: « Logo mandou o Visorrey desparar toda a artilheria das fortalezas da Cidade, e de fora della, e de todas as naos, e navios que no porto estauão. E tão to que se chegou a noite, mandou que todos os moradores da Cidade puzessem luminarias em suas portas, e janelas, e acender outros muitos fochos, e celebrou a aclamação delRey nosso senhor com muitas encamisadas, e com festas de cavallo, co musicas, charotas, e danças, fazendo todas as demonstrações de alegria, que lhe foram possíveis ».

445. De colchetes, aqui, são de RAPHAEL DE JESUS.

446. FREDERICO G. EDELMEISS, no livro de TEODORO SAMPATO (*O tupi na geografia nacional*, 1987, p. 165, nota 233) concorda com RAPHAEL DE JESUS: « Várias localidades, entre nós, trazem nomes destes instrumentos musicais dos selvagens. ¶ A cidade de Maracá, no interior da Bahia, e os montes Guararapes, famosos pelas vitórias aí alcançadas sobre os holandeses, no século XVII, são recordações que persistem daquelas primitivas tempos. ¶ O nome histórico de Guararapes é, porém, simples corruptela de *Guararipe* » se traduz nos tambores. ¶ Recordar, porventura, esse nome tupi o ruído das caixas de guerra, num sítio onde, tantas vezes, elas ressoaram à frente das cohortes combatentes, ou, inversa, tão-somente, uma feição topográfica em que o relevo dos montes traz à idêntica os toscos instrumentos de selvagem de outrora? ¶ Não conheço a topografia do lugar, mas apino pela primeira hipótese, aliás, naturalíssima num país assolado pela guerra, e onde as populações se tinham familiarizado com os episódios e circunstâncias mínimas de uma luta por longo tempo protrahida ». Cf. também PEDRO SIMÕES (*Pelo mundo do ano, 1957*, p. 281) e MÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 297).

447. ANTÔNIO FERNANDES (*Arte de música de canto de órgão e cantochão*, 1626, cap. I, gravura entre ff. 4v-5r) dá quatro categorias para a música "artificial" (instrumental), em contraposição à "Natural", feita por vozes): « De cordas | De Assopro | De Bateria | De Ecco ». Instrumentos de golpe ou de bater são, portanto, instrumentos de percussão.

448. GIL VICENTE (*Cópia das todas obras*, 1983, pp. 79 e 247) já menciona o atabale, que é citado por decenas de cronistas e poetas portugueses, desde o século XVI. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 622) o define como « Especie de tambor, com caixa grande, redonda, coberta de humo parte e outra de pelles razas de bezerro ». Acrescenta, ainda, que « Hoje entre nós são instrumentos, que se tocam em dias de festas, e regosijos ». O *Dicionário da língua portuguesa da ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA* (v. I, 1793, p. 404) informa: « Atabale. Especie de tambor ou caixa de cobre com couro de humo só parte. Comumente se tocam dous ao mesmo tempo, e por isso de ordinario se usa no pl. ». PEDRO SIMÕES (op. cit., 1959, p. 61), assim como os dicionaristas portugueses, indica também a variante "atabal". Já TOMÁS BORRÁ e FERNANDO LOPES GRACA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 95) dizem "Atabale ou atabaque", identidade confirmada por RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. I, 1712, p. 622), no verbete "Atabaque": « Especie de tambor. V. Atabale ». Muito frequente na documentação portuguesa antiga é acusado, porém, tanto em festejos, quanto em manobras militares. O termo, contudo, é raro na documentação brasileira.

449. Bastamos, para evitar redundâncias, algumas passagens onde se mencionam o uso de « clarins » e « caixas » nas manobras militares dos holandeses, encontrados na edição de 1677 nos seguintes locais (indica-se Parte, Livro, parágrafo e página): P. I, L. II, § 10, p. 26; P. I, L. II, § 80, p. 106; P. I, L. VI, § 95, p. 369; P. I, L. VII, § 2, p. 425; P. I, L. VII, § 15, p. 437; P. I, L. II, § 29, p. 369.

450. Trata-se, provavelmente, dos *guaranda*, tambores indígenas bastante citados pelos documentos da época.

JORGE BENCI
(1650 - 1708)

DOCUMENTO: *ECONOMIA CRISTÃ DOS SENHORES NO GOVERNO DOS ESCRAVOS.* (Bahia, 1700).

TEXTO: O manuscrito, de acordo com SERAFIM LEITE, na edição que utilizamos (p. 20), leva o título [Archivum Romanum Societatis Iesu, Brasilia 4, f. 66r]: « *ECONOMIA CHRISTIANÆ DOS SENHORES No governo dos Escravos* | *REDEMITIDA* | das palavras do Capítulo 33. do Ecclesiastico | *Paulo, et disciplina, et Opus Servorum* | *REDEMITIDA* | A quatro Discursos Morais | Pello P. JORGE BENCI DE ARIMINO | da Companhia de JESU | Milicianário da Provincia do Brasil | OFFERECTIDA | AO ILL.mo E REV.mo SENHOR D. JOÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA | Arcebispo da Bahia | e Metropolitano do Brasil | Do Conselho de sua Magestade ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição, de 1700, leva o seguinte título: *ECONOMIA CHRISTIANÆ Dos Senhores no Governo dos Escravos.* | *REDEMITIDA* | Das palavras do Capítulo trinta e tres | do Ecclesiastico: Paulo, et disciplina, et opus servorum | *Repleta* a quatro Discursos Morais | Pelo Padre | Jorge Benci De Arimino | Da Companhia de Jesus, | Missionário da Provincia do Brasil. | E offerectida à Alteza Real | Do Serenissimo Brancaque | DE TOSCANA | Pelo Padre | Antonio Maria Bonacci | Da mesma Companhia | [grav.] | Em Roma, Na Officina de Antonio de | Rossi na Praça de Carri. 1700. f | Com licença dos Superiores. [24^{ma}; xii], 262 pp.). A segunda edição foi feita por SERAFIM LEITE em 1954, que informa nas pp. 17-18 (Notas explicativas de presente edição): « 2. - Utiliza-se o exemplar existente na Biblioteca Nacional de Roma (Vittorio Emanuele). (...) » 3. - Actualiza-se a ortografia, como é de praxe na reedição ». Acrescenta, ainda, nos §§ 4, 5 e 6, que as notas da primeira edição, referentes a citações latinas eram indicadas por letras antes da frase, apenas identificando sua procedência, ficando no texto a frase latina e sua tradução. LEITE, que usa tanto o manuscrito como a primeira edição do texto, geralmente transfere para o rodapé a citação latina.

NOTA SOBRE O AUTOR: As informações são de JOSE HENRIQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 9, cap. 1, n.º 3, p. 377): « Jorge Benci (1606-1708) embarcou para o Brasil em 1681 e só voltou à Europa em 1708 [(nota 26): « Serafim Leite, *História*, VIII, 93-94 »]. Antes 24 anos de permanência foi mestre de Humanidades e Teologia, secretário do Provincial e Visitador local. Tendo vivido no Rio e na Bahia, onde escreveu a *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos*, pôde o jesuíta conhecer os males da escravidão, retratá-la e procurar suavizar, pelo ensino, o trato do negro. A obra, fruto de um sermão sobre as obrigações dos Senhores em relação aos escravos, discute em quatro discursos as quatro obrigações do Senhor para com o negro: o sustento, o ensino, o castigo e o trabalho ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: JORGE BENCI - *Economia Cristã Dos Senhores No Governo Dos Escravos* (*Livro Brasileiro de 1700*). 2ª Edição Preparada, Prefaciada e Anotada Por Serafim Leite S.J.,. Porto, Livreria Apostolado Da Imprensa, 1954, 206 pp..

DISCURSO IV Da quarta obrigação dos senhores para com os servos

§ IV Em que se mostra que são de nenhum vigor as razões, que se alegam os senhores, pelas quais ocupem os servos nos domingos e dias santos

[...]

[3.] 229. (p. 172) A segunda razão, que por si podem alegar os senhores, que mandam os escravos nos dias proibidos, se colhe do mesmo que já atrás dissemos. Dissemos que os escravos, quando se acham folgados e ociosos, se demandam em vícios; o que bem se experimenta em todo o ano.

Pois nos domingos e dias santos quando não trabalham: ou se entregam ao vinho ou a danças e bailes desonestos⁴⁵¹ ou fazem pendências, ou que ou ferem ou saem feridos, ou cometem outros semelhantes géneros de maldades. E para evitar estas e outras desordens, dirão que (p. 173) os mandam trabalhar, e que é bem que trabalhem nestes dias ⁴⁵².
[...]

§ VII Conclusão de toda a obra

[...]

[13.] 273. (p. 200) *Ne addas afflictionem afflicto*, diz o Provérbio: não acrescenteis nova aflição a quem já está aflito ⁴⁵³. E sendo tantas e tão duras e pesadas as penas do cativo: que senhor haverá tão inumano, que com o mau trato dobre o tormento ao escravo, e lhe acrescente aflições sobre aflições? Que senhor haverá tão fero e tão tirano, que se não mova à compaixão dos tristes escravos, considerando que são escravos, sem liberdade, sem honra, sem gosto, e sem contentamento algum; sempre em abatimento, sempre em tristeza, sempre em aflição, sempre em amargura; aflita e amarga a vida; triste e abatida a condição; tudo desconolação, tudo angústia, tudo pena, tudo melancolia. (p. 201) Alegra-te, sequer uma vez servo desgraçado e infeliz! Mas como há-de ter alegria, se é servo? Lá disseram aos Israelitas no cativo de Babilônia, que cantassem para espalharem a tristeza que os consumia. E que responderam os miseráveis cativos? *Quomodo cantabimus?* Disseram: como pode ser que cantemos e tenhamos alegria neste cativo? ⁴⁵⁴ Terrível, e lastimosa sorte é a de um cativo!

451. São raríssimas as informações sobre a música dos negros no Brasil nos séculos XVI e XVII. Reunimos, aqui, os relatos de maior expressão para compensar a sua escassez: URBAIN SOUQUET DE RENNEFORT & (Mémoires des Indes Orientales, 1686, parte II, livro I, cap. V, § 9, pp. 292-293) traz esta notícia: « Le Dimanche dixième Septembre 1666. ils firent leur Feste à Fernambouc. Après avoir esté à la Messe au son de quatre cens hommes & de cent femmes, ils dilerent un Roy & une Reine, & marcherent par les rues chantans, dansans, & récitant des vers qu'ils avoient faits, précédés de hautbois, de trompettes & de tambours de besque ». Esta outra é de JORD DE SOUSA FERREIRA & (América abreviada, 1693, cap. V, § 6): « Pelo que mostram serem Indios e pretos todos uns, por terem as mesmas inclinações consistentes na ociosidade, sensualidade e eiriedade, em cativarem-se e comerem-se uns aos outros, e em suas festas guardarem as mesmas cerimoniaes, pondo-se em pé toda uma noite cantando a dois coros, o mestre da capella de uma banda, levantando o ponto, e a mais zuma à roda cantando e batendo com os pés no chão até pela manhã ». A visão europeia da música dos africanos, como se observa na documentação do período, era bem mais depreciativa que a visão da música indígena brasileira, o pode ser constatada nesta passagem de DIOGILI DE CARLI & (Il nero trasportato nell'incerta città di Venetia, 1687, livro I, cap. VII, p. 37), acerca dos negros de Luanda, em 1668: « questi Mori tanto Humani, come Donne, hanno voci terribili ». JOSÉ RAIMES TINHORAO (Os negros no Brasil, 1988, parte II, cap. I, pp. 26-44) descobre estas informações, mas erra na quantidade de dados extraídos de outras fontes, acerca da música dos negros seicentista no Brasil.

452. A opinião de BENCI sobre esse assunto vem no § III: « 226. (...) (p. 170) donde venho a concluir por último rebate que não menos deve o senhor ocupar os servos nos dias de trabalho (como mostrei nos parágrafos antecedentes) do que os deve desocupar nos dias santos, como acabamos de ver. Deve desocupá-los nestes dias, para que possam (p. 171) descansar e dar-se a Deus; e deve ocupá-los naqueles, para que nem contra seu senhor, nem contra o mesmo Deus se façam insolentes, ou, se insolencem ».

453. Nota de JORGE BENCI, 4, p. 200: « Afflicto non est addenda Afflicto. Aug. Berthoua in Admonet. jur. Ruina. 18. ».

454. Nota de JORGE BENCI, 4, p. 201: « Paula. 136, 4 ».

MARTIN DE NANTES

(antes de 1650 - após 1706)

LIVRO: RELACÃO SUCINTA E SINCERA DA MISSÃO DO PADRE MARTIN DE NANTES. Guimper, Jean de Perier, [1707].

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A primeira edição, que recebe a licença no último dia de 1706, foi reapressa em edição facsimilada em 1968 (Roma, Archives Générales de l'Ordre des Capucins), com o título *Histoire de la Mission...* e em 1952 (Bahia, Tipografia Benedictina Ltda.), por FREDERICO S. ENELMEISS. A tradução portuguesa foi publicada no v. 368 da Brasileira, por BARBOSA LIMA SOBRINHO (São Paulo, Ed. Nacional).

NOTA SOBRE O AUTOR: A « première Relation » do padre Capuchinho recebe apenas o título (p. 1) « RELATION SUCCINCTE et sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes, Prédicateur Capucin, Missionnaire Apostolique dans le Brazil parmy les Indiens », apresentando no início, as seguintes informações: « [1.] [p. 1] L'Obedissance de notre Reverend Père Provincial Ange de Havers de 15. Février 1671. s'envoya premièrement à Lisbonne, pour passer de-là au Brazil dans la Flotte. J'arrivay au Brazil le 30 Aoust, de-là à peu de temps je m'en allay dans une Aldeia à 70. lieues de Pernambuco, parmy une Nation d'Indiens qu'on appelle Cariris, avec lesquels demeuroit un digne Missionnaire Capucin, nommé le Pere Theodore de Lucé, qui est mort à la hauteur des Isles, retournant du Brazil à cause de ses infirmités continuelles depuis quelques années. Ce Religieux (p. 2) étoit en grande estime à Pernambuco, où il a esté Supérieur, après plusieurs années de Mission. Il mourut cette année dernière 1686. ». Na segunda relação (« SECONDE PARTIE », p. 56, afirma: « Je termine ma Relation à la sortie des Aldees d'Ouaracapp à du Cavello, pour aller être Supérieur à la Ville de la Baye, où je bâtis un fort beau Convent ou Hospice, à à ce qui se passa à la Baye, y étant Supérieur, jusqu'à mon départ l'an 1686. au mois d'Aoust sur la fin. ». Deduz-se, portanto, que MARTIN DE NANTES esteve no Brasil entre 30 de agosto de 1671 e o fim de agosto de 1686 (sabendo-se, no entanto, que em 1662 fora afastado das missões), tendo escrito a primeira relação em 1687. Quanto à segunda relação, porém, ENELMEISS afirma (edição de 1952, « Notícia Bibliográfica », p. 3) que « deve ter sido escrita muito mais tarde, possivelmente pouco antes da publicação do livro. Isto se deduz dos fatos muito posteriores nela relatados ». Diz ainda, à p. 2: « A primeira exposição, efetivamente a Relação Sucinta, apresentada no ano de 1687, ao nuncio apostólico em Portugal, ainda que menos importante, serviu de título à primeira edição, na qual a narrativa mais estensa, posteriormente feita a pedido do provincial capuchinho, aparece apenas como segunda parte da Relação Sucinta ».

EDIÇÃO UTILIZADA: RELATION | Succincte | Et | Sincere | De la Mission du Pere Martin | de Nantes, { Prédicateur Ca-pucin, Missionnaire Apostoli-que dans le Brazil parmy les | Indiens appelés Cariris. | [grav.] | d Guimper, | Chez Jean Perier, Imprimeur | du Roy, du Clergé & du Collège. (última p. [236], na « Permission de Monsieur le Grand Vicaire »:) « (...) Donné à Paris-[-per ce jour 31. Decembre 1706. » [13 X 7; 8 ff. inun.] 236 pp.; 1 f. inun.) RUEB: LA-1-17].

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTAGNA.

OBSERVAÇÃO: Apesar de existir a edição brasileira de BARBOSA LIMA SOBRINHO, optamos por realizar uma nova tradução, uma vez que a terminologia mistal não foi vertida com precisão para o português.

TEXTO FRANCÊS

RELATION SUCCINCTE et
sincere de la Mission du
Pere Martin de Nantes,
Prédicateur Capucin,
Missionnaire Apostolique
dans le Brazil parmy les
Indiens.

TRADUÇÃO

Relação sucinta e sincera
da missão do padre Martin
de Nantes, predicador
capuchinho, missionário
apostólico no Brasil entre
os índios.

[...]

[5.] <...> (p. 8) ["Sans gouvernement."] Quoy qu'ils eussent en chaque Aldée un Capitaine ou Gouverneur, il n'avoit aucune autorité qu'en temps de Guerre. Il y avoit parmy eux des sorciers ou pour mieux dire certains trompeurs, qui devinoient à ce qu'ils pensoient, les choses futures, & qui guérissent les maladies, & les donnoient aussi; j'ay lieu de croire que quelques uns de ceux là avoient quelque commerce avec le Diable; ils n'avoient pour remède à tous maux que la fumée du tabac & certaines conjurations, en chantans certains airs, aussi sauvages qu'eux sans prononcer aucuns mots. <...>

[...]

[7.] <...> (p. 12) 2. Pour être heureux à la chasse & à la pêche, ils faisoient brûler quelques os de leur chasse, & quelques épines de leur poisson en certain temps, & les Maîtres des Ceremonies en faisoient boire aux jeunes gens dans du suc de (p. 13) certaines herbes ameres, & scarifiant plusieurs parties du corps de cette jeunesse, avec des dents d'animaux tres-aigües & arrangées dans de la cire, ils frotoient ces scarifications de cette cendre & la faisoient entrer dans leur peau avec douleur fort sensible, & pendant dix jours que duroit cette Fête; il falloît que toute cette jeunesse regalât de chasse & de poisson tous les Anciens, sans qu'ils y goûtassent un seul morceau; on ne leur donnoit pendant tout ce temps qu'une bouillie fort claire faite avec de la farine de mil ou de cassave, & passoient la nuit à danser & à chanter, & retournoient de grand matin à la chasse & à la pêche, en sorte que cette diette & cet exercice leur étoit tres-pénible, & les faisoit maigrir notablement.

[...]

[...]

<...> [San governo] Apesar de [os cariris] terem em cada aldeia um capitão ou governador, estes não possuíam nenhuma autoridade, a não ser em época de guerra. Havia entre eles feiticeiros, melhor dizendo, certos embusteiros que transformam, segundo eles pensam, as coisas futuras, e que combatem as doenças e que as podem lhes transmitir. Chego a pensar que alguns deles possuem alguma relação com o diabo. Eles não têm como remédio para todos os males nada além da fumaça do tabaco e certas conjurações, cantar certas árias tão selvagens quanto eles, sem pronunciar nenhuma palavra. <...>

[...]

<...> Para se contentarem com a caçada e com a pescaria, eles queimavam alguns ossos de sua caça e alguns espinhos de seus peixes em certas épocas, e os mestres de cerimônia davam de beber aos jovens do suco de certas ervas amargas, arranhando várias partes do corpo dos mesmos com dentes de animais muito afilados e arranjados por meio de cêra, esfregando as arranhaduras com certas cinzas e fazendo-as penetrar na pele com uma dor muito sensível, durante os dez dias que duram esta festa. Era importante que todos esses jovens regalassem de caça e pesca a todos os velhos, sem provarem um só pedaço. Não lhes davam nada durante todo esse tempo além de um mingau muito ralo de farinha de milho ou de cassava e passavam a noite a dançar e a cantar, retornando de manhã à caçada e à pescaria, de forma que essa dieta e esse exercício lhes eram muito penosos e os fazia emagrecer notavelmente.

[...]

SECONDE PARTIE

[...]

[12.] (p. 26) Il se mourut aussi un jeune homme marié, âgé de 20. ans, à la Baye où j'étois allé pour quelque affaire importante de la Mission, avec des signes si évidens de Salut, que je n'en ay jamais douté, il n'avoit commis aucun peché mortel depuis son Bap-(p. 27)tême, il y avoit plus de trois ans, il étoit tres-obeissant à son pere & à sa mere, & il étoit quasi toujours le premier à l'Eglise, & auroit toujours voulu se servir la Messe, après s'être confessé, il prit de sa main le Crucifix, & après avoir baisé toutes ses sacrées Playes avec bien de la devotion, & avoir demandé humblement pardon à Dieu de tous ses pechés, il se le rendit en s'embrassant & se rendant grâces de l'avoir fait Chrétien. <...> Pendant sa maladie il chantoit souvent le Pater (p. 26) noster & l'Ave Maria, & le Salve Regina, & après sa mort, il parut plus beau & plus beau & plus aimable, que lors-qu'il étoit plein de vie & de santé. Il fût enterré à la Misericordie à la Baye.

[...]

[15.] <...> (p. 31) [*"Autres effets merveilleux."*] Estant né une si prodigieuse quantité de rats qu'on auroit dit que c'étoit une des playes d'Egypte, & ces animaux de differente espece devorant tout, & naissant jusques dans les maisons en tres-grande quantité, après leur avoir représenté le châtimement de Dieu, & les avoir exhorté à recourir à sa misericorde, je leur ordonnay trois jours de jeûne, pendant lesquels nous fîmes chaque jour une Procession, chantant les Litanies, & après avoir benî une bonne quantité d'eau je la pottageay à tous, & je les envoyay jeter cette eau benite sur plantes & dans leurs maisons, & dans trois jours, tous les rats disparurent: <...>

[...]

Segunda parte [da primeira relação]

[...]

Morreu comigo um jovem casado, de 20 anos de idade, na Bahia, onde estive para alguns afazeres importantes da missão, com sinais de saúde tão evidentes dos quais jamais duvidei, sem nunca ter cometido algum peccado mortal após seu batismo, já há três anos; era muito obediente ao seu pai e à sua mãe, era quase sempre o primeiro a chegar à igreja e desejava todos os dias se servir à missa. Após se confessar, tomava de minha mão o crucifixo e, depois de beijar todas as suas sagradas chagas com muita devoção e humildemente pedir perdão a Deus, por todos seus peccados, ele o devolveia a mim, me abraçava e me rendia graças por tê-lo feito cristão. <...> Durante sua doença, cantava muitas vezes o Pater Noster, a Ave Maria e a Salve Regina e após sua morte pareceu mais bonito e mais amável que quando estava pleno de vida e de saúde. Foi enterrado na Misericórdia da Bahia.

[...]

<...> [*"Outros efeitos maravilhosos"*] Havendo surgido [na Bahia] uma prodigiosa quantidade de ratos, que se chegou até a dizer que se tratava de uma das pragas do Egito, devorando tudo, esses animais de diferente espécie penetravam justamente nas casas em grandes quantidades. Depois de lhes ter mostrado ser um castigo de Deus e lhes ter exortado a recorrer à sua misericórdia, ordenei-lhes três dias de jejum, durante os quais fizemos cada dia uma procissão, cantando as ladainhas; e depois de ter benzido uma boa quantidade de água a aspergi sobre todos e dela lhes dei para que a lançassem sobre suas plantas e em suas casas, e em três dias todos os ratos desapareceram. <...>

[...]

[17.] (p. 33) [*Le Chapelet.*] Ils ont de coutume de chanter tous les soirs la Couronne de la Vierge partagés en deux coeurs, chacun de son sexe, & cela après leur souper, & ils chantent à la manière Portugaise fort agréablement avec une espèce de faux bourdon. Pour les y encourager, nous faisons tous les ans une Fête solennelle dans chaque Aldée, où les autres Aldées ne manquent pas de se trouver. On élit tous les ans un Provôt & quatre Officiers avec lui, & aussi une Provôte & quatre Officières, prenant toujours les plus honnêtes & les plus devots de chaque sexe; de sorte qu'ils s'en font un honneur. Leur Office est premièrement de présider à la Fête & de pourvoir tout le nécessaire, & pendant le cours de l'année, d'avoir grand soin qu'on soit ponctuel (p. 34) à se trouver à l'Assemblée pour chanter le Chapelet tous les soirs. <...> (p. 35) On tâche de faire toujours trois ou quatre Mariages ensemble, pour éviter la dépense; car il se fait toujours un festin où toute l'Aldée a part & concoure aussi, mais les Missionnaires font le principal de la dépense; il se trouve toujours (p. 36) dans toutes ces occasions bon nombre de Portugais, qui apportent des guitarres & violons pour la solennité. & qui chantent des motets, & qui tirent même plusieurs coups de fusils pour une plus grande réjouissance. <...>

[...]

[20.] (p. 37) Tous les Dimanches on donne l'eau bénite, on fait la Procession, & on chante la Messe, les Indiens étant instruits à cela, & au lieu du pain bénit qu'on donne dans les Paroisses en France, on benit de la farine de cassave qu'on distribue, & qu'ils reçoivent & mangent avec dévotion.

[*"O rosário"* 434] Eles ⁴³⁷ têm o costume de cantar todas as tardes a coroa da virgem ⁴³⁸, divididos em dois coros, cada um de seu sexo, após sua ceia; e cantavam à maneira portuguesa⁴³⁹, muito agradavelmente, com uma espécie de fabordão⁴⁴⁰. Para os encorajar, fazemos todos os anos uma festa solene em cada aldeia, onde as outras aldeias não deixam de se encontrar. Elegia-se todos os anos um preposto e quatro oficiais entre eles, e assim também uma preposta e quatro oficiais femininos, que recebem sempre os mais honestos e os mais devotos de cada sexo; de forma que eles se sentem honrados com isso. Seu officio é, primeiramente, presidir a festa e providenciar todo o necessário, e durante o ano cuidar da pontualidade do encontro na assembleia para se cantar o rosário todas as noites. <...> Esforça-se por realizar todos os dias três ou quatro casamentos simultâneos, para se evitarem as despesas, pois que se faz todos os dias um festim onde toda a aldeia toma parte e a tal igualmente concorre. Porém, os missionários tomam o principal das despesas. Encontra-se sempre, nessas occasiões, bom número de portugueses, que trazem violas e rabecas⁴⁴¹ para a solenidade, cantam motetos e dão, eles próprios, muitos tiros de espingarda, para que haja maior regozijo. <...>

[...]

Todos os domingos se dá a água benta, se faz a procissão e se canta a missa, estando os índios instruídos a isso, e em lugar do pão bento que se dá nas paróquias da França, benze-se farinha de cassava, que se lhes distribui e que eles recebem e comem com devoção.

SECONDE PARTIE.

[...]

[17.] (p. 80) [*"Comencement de la Mission."*] Je commençay [sic] donc au nom de Nôtre-Seigneur au bout du mois, d'appeller les Indiens à l'Eglise au son d'une petite clochette, ils y vinrent incontinent: il est à croire que la curiosité les y menoit plutôt que la devotion. Je commençay donc à leur enseigner à faire le Signe de (p. 81) la Croix, ne servant pour leur exemple de mon Indien; ensuite je leur enseignay le Pater, l'Ave, le Credo, & tout le reste du devoir d'un Chrétien successivement en Langue Portugaise, ne sachant pas leur Langue, & parce que c'est l'usage des Portugais parmy lesquels je demourois. Je fis ensorte que les personnes âgées apprirent comme les autres, quoy-qu'au commencement ils s'excusoient en me montrant qu'ils n'avoient plus de dents pour prononcer les mots; en ayant fait dire quelques mots à quelques uns, je les louois, encore qu'ils prononçassent tres-mal: ensorte qu'ensuite ils y avoient de l'émulation à dire les prières; les vieillards se plaignans si je ne les leur faisois pas dire. Ensorte que non seulement les jeunes gens, mais aussi les anciens de l'un & l'autre sexe apprirent leurs prières en Portugais, à quoy les aida beaucoup la coûtume que nous avions de chanter tous les soirs la Couronne de la Sainte Vierge en faux bourdon comme j'ay dit. Ils y prenoient un singulier plaisir, à cause de l'harmonie n'ayant jamais rien entendu par (p. 82) eux d'approchant. J'étois aussi charmé d'entendre louer Dieu & la Sainte Vierge par ces pauvres Indiens qui ne l'avoient jamais connu.

[...]

[27.] (p. 95) Il y a un autre obstacle à la Mission bien considerable de la part des Indiens mêmes: il y en a parmy eux comme parmy nous, de dociles & bien nés,

Segunda parte

[...]

[*"Começo de minha missão"*]
Comecei logo, em nome de Nosso Senhor, no fim do mês, a chamar os índios para a igreja ao som de uma pequena campainha, com o que eles vinham incontinentes. & de se crer que a curiosidade os induzia bem mais que a devoção. Comecei logo lhes ensinar a fazer o sinal da cruz, servindo-me para seu exemplo do meu índio. Simultaneamente lhes ensinei o Pater, a Ave, o Credo e, sucessivamente, todo o demais dever de um cristão, em língua portuguesa, mas sem esquecer a sua, também porque é este o costume dos portugueses, entre os quais habitei. Fiz isso de tal maneira que os idosos aprendessem como os outros, embora no princípio eles se escusavam, mostrando-me que não tinham dentes para pronunciar as palavras; ao fazer com que alguns dissessem algumas palavras, eu os elogiava, mesmo que eles as pronunciassem muito mal. De maneira que juntamente tivessem emulação em dizer as orações. Os velhos se lamentavam se eu não lhes fizesse dizê-las. De sorte que não somente os jovens, mas também os anciãos, de um e outro sexo, aprenderam suas orações em português, o qual lhes auxiliava bastante o costume que tínhamos de cantar todas as noites a coroa da Santa Virgem em ~~fabordão~~, como já disse. Eles tomaram nisso um prazer singular, devido à harmonia, jamais imaginada entre eles de forma parecida. Fiquei também encantado de poder louvar a Deus e à Santa Virgem através desses pobres índios, que jamais chegaram a conhecê-la.

[...]

Há um outro obstáculo à missão, bastante considerável, da parte dos próprios índios: há entre eles, como entre nós, os dóceis e bem nascidos e os indóceis e perversos.

d'autres indociles & pervers. Les premiers se rendent facilement, les seconds resistant longtemps, & souvent pervertissent les autres: on ne les peut dompter qu'avec le temps & par la rigueur: ils sont fort attachés à leurs Ceremo-(p. 96)nies Payennes & à leurs Traditions; parce qu'elles favorissent la plupart la sensualité, leurs Fêtes consistant dans des danses, festins à leur mode, & dans des impudicités. <...>

[...]

[82.] (p. 184) Jamais je ne fus plus étonné ny n'eus plus grande joye. J'allay aussitôt à l'Eglise en remercier Dieu, & envoyay incontinent appeller les Peres Anastase & Joseph, qui sans tarder partirent de leurs maisons, & se rendirent chés nous. Nous chantâmes à l'Eglise le Te Deum laudamus en action de grâces: nos Indiens furent de la fête. Ce ne fut enfin que joye & jubilation.

[...]

Os primeiros se entregam facilmente, enquanto que os outros resistem muito tempo, acabando por perverter os demais. Não se lhes pode amansar de outra forma que com o tempo e com o rigor. São muito ligados às suas cerimônias pagãs e às suas tradições, pois que privilegiam particularmente a sensualidade, consistindo suas festas em danças, festins ao seu modo e em impudicidades. <...>

[...]

Jamais fiquei tão espantado nem tive tamanha alegria. Fui imediatamente à igreja agradecer a Deus e mandei chamar incontinentemente os padres Anastácio e José, que sem tardar partiram de suas casas e vieram ao nosso encontro [em Uracupá, entre 1679 e 1682]. Cantamos na igreja o Te Deum laudamus em ação de graças. Nossos índios foram à festa. Não houve, enfim, mais que alegria e júbilo.

[...]

453. APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, no *Claustro Franciscano* (1740), livro III, cap. CIII, p. 93, fala do « P. Fr. Bernardo de Nantes, do qual também fiz menção no livro *Primária*, por razão do Catecismo no idioma dos Kariris, impresso no anno de 1729, que dedicou a ElRey nosso Senhor ». De fato, esse autor, que foi irmão de MARTIN DE NANTES, tem um *Katecismo Indico de Língua Karirí*,... (Lisboa, Valentin da Costa Deslandes, 1709), que contém dois cânticos espirituais nessa língua, do próprio « Martinho de Nantes Capuchinho ». No « Exercício que devem fazer os Christãos todos os dias » (pp. 106-107), diz BERNARDO DE NANTES: « Depois disto, dizei o Padre nosso, &c. a Ave Maria, &c. & o Creyo em Deus Padre, &c. ». Entretanto, não dá as versões desses textos na língua dos kariris.

436. O canto do rosário, segundo o rito católico, acontecia em partes, todas as noites. As terças e sextas-feiras, cantavam-se os mistérios dolorosos (oração no Horto, prisão e açoites, coroa de espinhos, passos e crucificação); às quartas-feiras, sábados e domingos, cantavam-se os mistérios gloriosos (ressurreição, ascensão, pentecostes, assunção e coroação da Virgem); às segundas e quintas-feiras, cantavam-se os mistérios gozosos (encarnação, visitação, purificação e encontro do menino Jesus). Veja-se, por exemplo, esta passagem de DODRIN DE CARLI e III sobre transportado nell'inclita città di Venetia, 1687, livro I, cap. VII, pp. 38-39), sobre a provável celebração dos mistérios dolorosos, na igreja e capela real de Luanda, em 1688: « tre volte la Settimana verso le vinti due hore si dice il Rosario, hauendo ottenuto il Privilegio dal Reverendissimo Padre Generale de Dominicani, con le solite indulgenze, e questo si dice in lingua Portugheze in canto alto, ou si cantano, Bassi, e Soprani, e Falseti, che in vero paiono tanti Musici, cosa che rende gran divotione, perche quanti Mori tanto Musini, come Donne hanno voci terribili ».

437. Na edição de 1952 (« Notas », p. 4), EBELMEISS informa que o P. NANTES « catequisava então três aldeias, das quais Uracapi, hoje Aracapé, a sede, ficava no meio, como vem explicado à pagina 36. ». Cf. MARTIN DE NANTES - *RELATTON Succincte & Sincere De la Mission du père Martin de Nantes, Prédicateur Capucin, Missionnaire Apostolique dans le Brésil*. Edição fac-similar publicada por Frederico B. Edelmeiss. Bahia, Tipografia Immediata, 1952. APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, na *Primária Serafica na região de America* (Lisboa, Antonio de Sousa de Sylva, 1733, cap. XIV, p. 179), traz esta passagem: « os Padres Capuchinhos Italianos administrao no Estado Brasilico as seguintes Missões. Primeira, Ira pua, 2. Cavallo, 3. Uracapa, 4. Paabó, 5. Urgia, 6. Acara, 7. Andella, 8. S. Pedro, 9. Pacasseba. Re Calça destas nove Missões o Hospício, que tem estes Padres na Cidade da Bahia, intitulado Nossa Senhora da Piedade, e o Hospício de Nossa Senhora da Penha de França, que dos mesmos ha no Recife de Pernambuco ». O mesmo autor, no *Claustro Franciscano* (Lisboa, Antonio Isidoro de Fonseca, 1740, livro III, cap. XXIV, p. 101), cita, entre as missões capuchinhas da « Prefectura da Bahia », « J. A de Uracapi de Macaé Kariris, sua igreja dedicada ao Serafico Padre S. Francisco ». BERNARDO DE NANTES inclui, no *Calendário Indico da lingua kariris* (1709, pp. 162-166), um « Cântico Espiritual a S. Francisco, Orago da Igreja Matriz dos Indios de Aracapa », composto pelo próprio MARTIN DE NANTES, seu irmão. Por fim, BARBOSA LIMA SOBRINHO, na edição brasileira de *Relação* (1979, p. 112, nota 11), acrescenta: « Uracapi ou Aracapé. Duracappa é como escreve frei Martinho. Mas a grafia Aracapé veio a prevalecer. é uma ilha do rio S. Francisco, que Kalfeld descreve na légua 270, o que vale dizer a cento e quatro léguas da barra do rio, e quatro léguas do arraial de Nossa Senhora da Assunção ». Esse autor dá uma grande quantidade de dados geográficos e históricos acerca dessa aldeia, e deve ser consultado para um estudo mais aprofundado.

438. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 554) diz: « Coroa de Nossa Senhora. He composta de Setenta, e duas, ou mais Ave Marias, com seus Padre nossos, em memoria, e veneração dos setenta, e duas, ou mais espinhos da coroa de Nosso Senhor Jesus Christo. Coroa Beata Virginalis ». O termo coroa também era usado para designar conjunto, como mostra FRANCISCO GOMES COSTA (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 317): « Fazer coroa de hymnos, ou em louvor, loc. poet., cantar, celebrar o merecimento de alguém ». SEBASTIÃO BERETTINI & IVITA R. P. Josephi *Anchietae*, 1618, livro III, cap. II, p. 157) narra uma cerimônia do séc. XVI (no Espírito Santo) bastante próxima da descrita por BLUTEAU. JOSÉ ALBERTO L. DE CRISTO PINTO, em seu « Dicionário prático de cultura católica, bíblica e geral » (1971, p. 65, n.º 1), arranja as seguintes informações no verbete Coração de Maria: « O quinto dos mistérios gloriosos do Rosário. A entrada de Maria no chu, após sua Assunção. A coroação de Maria é um dos temas mais antigos da iconografia cristã relacionados com esta época. Outra forma de reconhecimento externo apareceu nos começos do séc. XVI, com a prática de coroar algumas estátuas de invocações célebres de N. Senhora. Esta manifestação de piedade foi regulamentada por um Capítulo Vaticano que, em nome dos pontífices, outorgava as autorizações requeridas ».

439. « À la maniere Portugaise » é o mesmo que em português, já que NANTES indica, mais adiante, o uso dessa língua na coroa de Santa Virgem.

440. Por « Fauc-bourdon », entende JÉRÔME ROUSSEAU (*Dictionnaire de musique*, 1768, p. 216): « Musique à plusieurs Parties, mais simple & sans Mesure, dont les Notes sont presque toutes égales & dont l'Harmonie est toujours syllabique. C'est la Psalmodie des Catholiques Romains chantée à plusieurs Parties. Le chant de nos Pseumes à quatre Parties peut aussi passer pour une espèce de Fauc-Bourdon; mais qui procède avec beaucoup de lenteur & de gravité ». RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, Suplemento, parte I, 1727, p. 418) concorda com a definição francesa, apesar de não fornecer maiores informações: « Fábordão. He tomado do Francez Faucbourdon. Musica simplex. Costa de cantar, que não he tão regular, como o da Solfa, ou contraponto ». JOSÉ DE FONSECA e J. I. ROQUETE (*Dicionário da língua portuguesa*, c. 1848, p. 506) dão apenas « composição em que algumas vezes cantão com igualdade total ». F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1838, p. 50) acrescenta: « Fábordão - Designa 1.º uma Musica para diversas Vozes, mas simples e sem Compasso, cujas notas são quasi todas iguaes, e cuja harmonia é sempre syllabica; 2.º um canto onde se collocão por baixo d'uma Maxima, isto é, d'uma nota que vale oito Compassos, muitas syllabicas, e raras vezes dissonancias; 3.º um genero de Musica em canto-chão, na qual o canto era executado por uma Voz intermediaria, d'ordinario pelo Tenor, em quanto as outras Vozes cantavam em contraponto figurado ». ERNESTO VIEIRA (*Dicionário Musical*, Lisboa, E. Gazeta Musical, 1890), citado por PEDRO SINZIG (*Pelo mundo do som*, 1959, pp.

253-254) diz: « Os cânticos em fabordão variam muito, segundo os países e as dioceses... Em Lisboa, nos ofícios da Sesma Santa, cantam-se em todas as Igrejas o Benedictus (canto de Zacarias) com um fabordão, cuja melodia está no soprano e pertence ao primeiro tom do cantochão ». Cf. também DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. III, p. 544), 1944 MENTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 114), TOMÁS BORJA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 483-484) e MARTO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1999, p. 209). No MS VII da Catedral de Málaga (« Psalms Monique per Anum »), encontramos dois "fabordões" do compositor português ESTÊVÃO DE BRITO [?-1641], « In exitu Israel » (ff. 34v-35r) e « Intellectus » (ff. 35v-36r), transcritos por MIGUEL GUERIL GAVALDÀ (cf. ESTÊVÃO DE BRITO, *Notaciones Libera prima*, v. I, 1972, pp. 108-109). O mesmo musicólogo dá outros três fabordões do mesmo autor (ibid., v. II, 1976, pp. 40-43, 81-83, 91-92), extraídos do MS II dessa catedral: « Benedictus Domini Deus Israel » (ff. 17v-21r), « Et exultavit » (ff. 68v-72r) e « In exitu Israel » (ff. 82v-84r). Nessas composições, todas a quatro vozes, geralmente se observa uma construção praticamente paralela das três vozes superiores, as duas mais agudas caminhando em terças e as intermediárias correndo em quartas (exceto nas cadências ou clausulas), sendo a voz mais grave independente. Menos frequentes é a troca de posição das terças e quartas paralelas e o movimento das duas vozes graves em terças.

461. Viola e rabeca era, na época, os termos portugueses mais correntes para "guitarras" e "violões". JORDI FELIPE BETTENHOF *†* (*Crônica*, 1698, livro II, cap. IV, § 14) também menciona "rabecas e violas" entre os "domésticos de Diogo Pereira", na Capitania do Cametá em 1699.

462. No p. 33, MARTIN DE MONTES diz « avec une espece de faux bourdon », enquanto aqui, apenas « en faux bourdon ». Porém, junto da primeira frase, informa que os cariris cantavam « portegés en deux coeurs, chacun de son sens », o que pode indicar um tipo de música muito simples « duas vozes, com o cantochão acompanhado por outra voz em terças ou sextas paralelas. É, provavelmente, a forma mais elementar do fabordão, próxima à descrita por TOMÁS BORJA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, pp. 483-484): « fabordão é, em princípio, uma harmonia cuja base fundamental, ou bordão, deixou de existir realmente na parte mais grave e passou falsamente para a parte superior. Como fórmula prática de harmonização, porém — seguindo paralelo de acordes de três sons — foi no séc. XII que apareceu na Inglaterra e, pela facilidade de realização, foi logo aproveitado pelos polifonistas de ocidente, principalmente no chamado canto de estante, canto de harmonias improvisadas ». A julgar pela expressão "à la maniere Portugaise", não só o texto, mas também o cantochão e a forma polifônica de cantá-lo teriam vindo de Portugal.

MARTIN DE NANTES

(antes de 1650 - após 1706)

DOCUMENTO: CÂNTICOS ESPIRITUAIS (AM LÍNGUA BRUMUCA DOS ÍNDIOS CARIRIS). [Anterior a 1707].

TEXTOS: Esses cânticos foram publicados em 1707 por BERNARDO DE NANTES, entre as pp. 152-167 do seu *Katecismo Indica da Língua Cariris...* (Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1707), em versão bilingue. No f. anexo da parte intitulada « Ao Lector », BERNARDO DE NANTES informa: « os Cariris do Rio de S. Francisco no Brasil, chamados Dabucum, que são estes, cuja língua he tão differente da dos Cariris chamados Kippea, que só os para quem se compoz o outro Katecismo, com a língua Portuguesa o he da Castelhana ». Ao que tudo indica, refere-se NANTES ao *Katecismo da doutrina Christã na Língua Brasileira da Nação Kiriri...* (Lisboa, Miguel Deslandes, 1698), livro raríssimo de LUDOVICO MARTINI DELLE ROVERE & de Katecismo de NANTES, na outra edição por JULIO PLATOWMAN (Leipzig, B. G. Teubner, 1896), onde voltamos a encontrar os Cânticos espirituais do p. MARTIN DE NANTES.

NOTA SOBRE O AUTOR E DATA: MARTIN DE NANTES foi predicador capuchinho e missionário entre os índios cariris, ocupando-se particularmente da aldeia de Urucupé. Esteve no Brasil entre 30 de agosto de 1671 e o fim de agosto de 1686. Em c. 1707 publicou duas relações escritas em 1687 e em outra data próxima da publicação de seu livro. É possível que esses textos tivessem sido compostos em data anterior a 1686, quando MARTIN DE NANTES ainda estava no Brasil. A suposição está baseada neste trecho da *Relation Succincte* (Quimper, Jean Perier, c. 1706, p. 191) do mesmo autor, onde se refere ao seu irmão BERNARDO DE NANTES: « Je disseray cinq mois entiers à partir du fleuve pour la Baye, afin d'instruire dans la Langue le Père Bernard, à le rendre capable d'administrer les Sacramens aux Indiens des deux Aldees que j'administrois; je lui laissay se Dictionnaire que j'avois composé de la Langue des Cariris, l'art ou rudiment, un examen de conscience & directoire de Confession, & quelques vies des Saints, je tout traduit en la Langue des Cariris, avec le Portugais à l'opposite; & comme il avoit beaucoup d'esprit & la memoire fort heureuse, je le laissay capable d'administrer les Sacramens, & lui donnay conissance de tout ce qui étoit necessaire pour gouverner les Indiens, outre ce qu'il vid en pratique pendant cinq mois ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: BERNARDO DE NANTES - *Katecismo* | *INDICE* | *Da Língua Cariris*, | *Acrescentado De Varias* | *Práticas* | *doctrinas, & acções, adaptadas ao genio, & capacidade dos* | *Índios do Brasil*, | *Pelo Padre* | *Fr. Bernardo de Nantes*, | *Capuchinho, Pregador, & Missionario Apostolico*, | *Offerecido* | *Ao May Alto, E May Poderoso Rey* | *de Portugal* | *JOH. JOH. V.* | *S. M. Que Deus Guarde. (grav.)* | *Lisboa*, | *Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade.* | *M. DCCLX. (1707)* | *Com todas as licenças necessarias.* [BIB: 16-6-7; 15 x 10 cm; 11 ff. inv., 363 pp.].

CÂNTICO Espiritual
Sobre o Mystério Da
Encarnação do Verbo
Divino, Pelo Padre Fr.
Martinho de Nantes
Capuchinho.

KAMARA Tpsam, Mo Jvvcilite
Nhinho Do dseho no katesa, mo wo
kabemara Igreja, conditor alme
syderum. Ibsclite no Padzafre
Martinho Capuchinho.

(p. 152) 1
Cânticos, Christãos, alegres,
A Deos Filho mil louvores,
O qual de Maria Virgem
Por nós nasce, & se faz homem.

(p. 153) 1
Dokamara Christãos han y,
Inhãra Tûpsan diwji
So dsêho do quemâplea
Mo Imuddhu Virgem Maria.

2
Ao Anjo S. Gabriel
A vir a Nazareth coube,
Dar a Maria o recado
Celeste, perto da noite.

2
Theba han y Sem Gabriel
Mo Cidade de Nazareth,
Hannadi vmette nhinho,
Mo nudhi jwji do dseho.

3

Entre as mulheres lhe disse
Era a mais pura, & lhe trouxe
A Embaixada, & a deu,
Composta pois desta sorte.

(p. 154) 4

Vós sois, lhe diz, a querida
De Deos, & a vós só coube
Ser a Mãe, que Deus quiz
Que de seu Filho vós fosseis.

5

A Virgem chea de medo,
Deste modo lhe responde:
Póde ser? pois não conheço,
Atégora nenhum homem.

6

Não vos perturbeis, Maria,
Que o Espírito Santo vos honra
Tanto, que ficais donzella,
E exaltado o vosso nome.

7

Pois Deos póde fazer tudo,
Não tem termo o seu poder,
No Ceo, na terra, no mar,
Traz & trará, & já trouxe.

8

Tudo só com hũa palavra
Fazer, he de fé, que pode,
E tanto, que todo o mundo
Assim o diz uniforme.

(p. 156) 9

A Isabel pois vossa Prina,
Velha, & esteril mulher,
Fez conceber ao Bautista
Mayor entre os mais homens.

10

Ouvindo isto a Senhora,
Disse ao Anjo: Se isso coube
Lá na vontade Divina,
Aqui estou, Deos pois o mostre.

11

No ventre da Virgem pura,
pelo braço de Deos forte
Logo se fez creatura,
O Creador de todo o Orbe.

3

Ave Maria Imete
Do graça nhinho Imottote
Onadce dadicangrijlj
Bo tetsi ditsahocilili.

(p. 155) 4

Béwiclitinguj Messias
Dipelêli no Profetas,
Anhiquiéngwi dseho daj,
Itte hanadki wanadzj.

5

wanadzi do Ibugate
Duhañpleli anhiatej
Dupeihanli anra nhinho,
Dwili no idhu dseho.

6

Onadce Mariã ucate
Onadce Ipê lèttote,
Do mwi do didhê doihi
Doabi anse hiêj.

7

Ibèpli Virgem Idonno
Inharo néba do Anjo
Netsouie hinha hyeranye
Pèlèttocli Iboittoquia.

8

Dopri abepi Imse Anjo;
Bihê Espirito Santo
Dumoroeli onadoedi,
Mo dicrotcete annudi.

(p. 157) 9

Crodce nhinho do dzeate,
wandi do Ierotcequite
No héwuj, no Radda boto,
Crodceba wolidze nhinho.

10

Do Isabel diba Inhu
Cloiho daj kajacu
Rutthepluh iddeho Ielocla,
Imoro nhinho no uca.

11

Netsocli Imete Anjo,
Thiba Maria Idonno,
Inhiutetsi nhinho Idce,
Dumoroedi wo ammete.

12

Chegou poir o tempo à Virgem
De parir a Jesus, onde?
Em Belém, em as palhinhas,
Ficando assim feito homem.

13

A festejar o Menino
Ven todo o celeste Orbe,
A paz connosco está feita,
Alleluyas se entoam.

(p. 158) 14

Alegrias haja sempre,
Irmãos, pois he bem se note,
Que já sem sermos cativos
Nos livra Deus desta sorte,

15

Da miséria em que Adão
Poz todo o universo Orbe,
Pois elle foi que deu causa
Padecer Deus como homem.

16

Adoremos o Menino,
E cada qual já lhe póde
Dar muy repetidas graças,
Pois veyo a resir os homens.

17

Com a vossa vinda, meu Deus,
Nos livrastes, porque fosse
A redempção o remedio
A'quella infernal morte.

18

A Virgem Senhora nossa,
Em cujo ventre só coube,
O que entre nós não cabia,
E em todo o universo Orbe.

(p. 160) 19

Em vós, ô Virgem, tomou
A forma que leva de homem,
Em vós tomou parentesco,
E com nós; tudo isto trouxe.

20

Anjos, homens, todo o mundo,
Lhe cantemos mil louvores,
Pois nos creou para a gloria,
Que he a celestial Corte.

12

Espirito Santo do coho
Nhinhoa Ibwiehoho
Mo Imuaddhu Virgem Maria
Kamaddi tupan Inhãra.

13

Kboho Nove Cujacu,
Mo Belém ihaba dinnu
Jesu idze do kosa han y
Bwiho Anjo tēpələbwj.

(p. 159) 14

Kamara Anjos do nhinho
Mo radda domoro dseho,
Hānhocli nhinho kaidza
Kucamāra alleluia.

15

Kuthwitua babuirante,
wuanddi nenhēm kudzéyate
Bwihocli tūpan kaidza
Kucamāra alleluya.

16

Dato kuddhu kansa han y
Docomsea do Icamgri,
Tecli onadce bopadzu
wicli onadce do hwinhu.

17

Morocli do hyānspleclē
Dopécla hibuangateclē
Bo hixjalē anhiēboho
Mo hewwj mo anhieraho.

18

Doanthuitu ô Maria
Noli do tupan motottha
Radda, aranquē; ibóno
Mototthaquieba abwiro.

(p. 161) 19

Onadce kuddhē Maria
Wjeli nhinho do annūra
Wjeli nhinho do kubuiho;
Wjeli adommo do dseho.

20

Dothwitua Anjos, homens,
Aranquē, radda nodehēm.
Duthwitua, do kamara
Alleluya, Alleluya.

Cantico ESPIRITUAL A S.
Francisco, Orego da
Igreja Matriz dos
Indios de Wracapa.

(p. 162) 1

Estejamos hoje todos
A nosso Santo Francisco,
Cantai com gosto, pois sois
Hoje seus amados filhos.

2

Fostes pois muy extremoso,
Meu Santo, no amor divino,
Com que nos destes a forma
Como se ha de amar a Christo.

3

Deixastes, pois, as riquezas,
Parentes, & tudo digo,
Só por vos veres na gloria
Com os outros escolhidos.

(p. 164) 4

Cã nesta mundo tivestes

O esmalte das Chagas cinco,
Fazendo Deos desta sorte,
Que pareceisseis divino.

5

Pelos trabalhos, & grandes,
Que tivestes, & sofridos,
Tendes là pois em o Ceo
O premio de tal martyrio.

6

Que nos soccorrais vos pedem
Estes todos vossos filhos,
Lhe alcanceis de Deos, & sempre
Muitos pois dos seus auxilios.

7

Animaes grande Santo,
A que sigamos a Christo,
Deixando já deste mundo
Todos os gostos fingidos.

8

Anemos ao que he do Ceo,
Deixemos o labyrintho
Do mundo, & là nos veremos
Cheyos de mil regozijos.

Kamara TUPANHANY S. Francisco,
Ipedzu anra tupem ksa mo No
kshamara Sanctorum meritia
Incluta, &c.

(p. 163) 1

DO Santo Francisco tsoho festa doihi,
Doãthaitwa, dinũhiu docanãra hã y
Donetto anunhiu no radã bopadzu
Downrio bo Icanãria.

2

Daiquette onadce no aca do nhinho,
Buyeidas anatte domiquede do daeho,
Aãdecli no radã do dimanhenteli,
Inanhenquite acate.

3

Plicliba annoca, Plicliba abuiho,
Udhette wohõye, itate do daeho,
Plicliba Idzenne toiddea onadce
Mo acate do nhinho.

(p. 165) 4

Iberhiecli Jesu Christo no anbwjwo
[anhiemoedha
Inhaho Iberhiecli ipodettote no cruzã
Mo duca adoo, bo anwibaj idõo.
Mo abuyehoho.

5

Manhãclj anattengwi, manhãcli andzeyate,
Itso ho pide anhyabbe do buye anattete
Awanycatseoli acate do anba no hẽwj,
Idommo anthuitudi.

6

Donetto bopadzu, docliquie hyanaddhidẽ
Docliquie do Nhinho bo idi hicangridẽ
Mo hidsongwidẽ no radã, bo hiujdẽ
[anhiwboho
Mo hẽwj mo anra nhinho.

7

Kucrodcea bobuirante do kucaa do nhinho
Buledi kunhatte do pebawj aboho,
Itate no radã manhẽm bihẽ kubõa,
Dokueddea idõa.

8

Dokucaa do uddhẽ ilambwiquie me hẽwj
Manhẽmbihẽ no rrada uplãte requiquj
Docubanhia ibette kumiddoa no nhinho,
Bó kuthaitua aboho.

(p. 166) 8

E vós, por nós oray sempre,
 Neu Santo, & bello Francisco,
 Cuja intercessão val muito,

Muito para Jesus Christo.

(p. 167) 8

Doemê bo Santo, doêe bo Francisco
 Han y kupadzus Jesu Christo ducali adoo,
 Dinneli dehên han y acliquite hanaddi
 [abaiho,

Yeddenuquieba adoo.

SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

(1660 - 1739)

LIVRO: HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA. Lisboa, José António da Silva, 1730.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Após seu surgimento, em 1730, este livro foi reeditado em 1878 (Bahia, Imprensa Econômica), 1880 (Lisboa, Francisco Arthur da Silva), s.d. (Rio de Janeiro, Guarnier) [de 1950, anotada por Pedro Calmon] e a de 1976 (Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP), que reutiliza introdução e notas de Pedro Calmon.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo JOSÉ HOMERIO RODRIGUES (História do Brasil, 1979, livro I, cap. IV, nº 4, pp. 494-495), « Sebastião da Rocha Pita (Salvador 1660 - Salvador 1739), filho de João Velloso Gondia e de Brites da Rocha Pita, estudou no Colégio dos Jesuítas na Bahia, conseguindo o grau de mestre em artes. É duvidosa sua formação na Universidade de Coimbra conforme sustentou Afonso Costa. Casou-se com Ana Cavalcanti de Albuquerque, foi feito coronel das Ordenanças da Corte de Salvador, fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Acadêmico na Academia das Esquecidas da Bahia (1724) ».

EDIÇÃO UTILIZADA: História | de | AMÉRICA | Portuguesa, | Desde O Anno de Mil E Quinhentos | do seu descobrimento, até o de mil e setecentos | e vinte e quatro. | Offercida | A' Magestade Augusta | Dalrey | D. JOÃO V. | Nosso Senhor, | Composta | Por Sebastião Da Rocha Pita | Fidalgo Da Casa De Sua Magestade, Cavalleiro | Professo da Ordem de Christo, Coronel do Regimento de Infantaria da Ordenança da Cidade de Bahia, e dos Privilegios della, e Acadêmico Supranumerario da Academia Real de Historia Portuguesa. | (grav.) | Lisboa Occidental, | Na Officina de Joseph Antonio De Sylva, | Impressor da Academia Real. | M. DCC. XL. [1730] | Com todas as licenças necessarias. [12 ff. in-4; 716 pp.; BIEL: 1-a-3].

História Da AMÉRICA Portuguesa. Livro Segundo. Sumario.
<...> Os seus Templos, Religioens, e edificios ["da
Provincia da Bahia"] <...>

<...> Fundação das outras Provincias, que comprehende a
Portuguesa America, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande,
Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Sorzipe, Ilheus, Porto
Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. <...>

[...]

25. (p. 79) [f. R4r] ["Ereção da sua Igreja em Cathedral, e o seu
primeiro Bispo"] Foy a Igreja da Bahia erecta em Cathe-(p. 80)[f. R4v]dral
pelo Pontifice Julio III. no anno de mil e quinhentos e cincoenta e
hum⁴⁸³, e o seu primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, que chegou a
ella no de mil e quinhentos e cincoenta e dous. ["Numero das suas
Dignidades, Prebendados, e Capellães."] Como este prelado⁴⁸⁴ veyo a dar
fôrma à sua Diocesi, trouxe treze Capitulares, que continhão cinco
Dignidades, Deaõ, Chantre⁴⁸⁵, Mestre Eschola, Arcediago, e Thesoureiro
môr; seis Conegos Prebendados, e dous meyos Prebendados, com seis Capellães,

hum Mestre de Ceremonias, e outro da Capella⁴⁶⁶; e sendo naquella tempo tenues as rendas Reaes, tinhaõ parcos ordenados; depois se lhes accrescentaraõ por ordem delRey Catholico Philippe III. em Castella, e Segundo em Portugal, no anno de mil e seis centos e oito.

[...]

88. <...> (p. 120) [f. P4v] ["Provincia do Rio de Janeiro."] A fonte, de que bebem os visinhos da Cidade, he hum copioso rio, chamado Carioca, de puras, e cristalinas aguas, que depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavaõ por altos riscos, huma legoa distante da Cidade, onde as hiaõ tomar com algum trabalho; <...> He fama acreditada entre os seus naturaes, que esta agua faz vozes suaves nos musicos⁴⁶⁷, e mimosos carões nas danas. <...>

[...]

Historia Da AMERICA Portuguesa. Livro Sexto. Sumario. <...>
Ajusta ["a Serenissima Senhora Rainha D. Luiza"] a paz com
as Provincias Unidas, e o casamento da Senhora Infante com
ElRey da Grão Bretanha. <...>

<...> Desce o Gentio bravo do Cairi com grande estrago.<...>

[...]

40. (p. 367) [f. 24r] ["Beneficio, que resulta ás Monarchias do soccego da paz."] Grande foy a utilidade, que receberaõ os Povos de huma, e outra Monarchia pelo beneficio da paz ["Anno de 1668."] fortuna incomparavelmente mayor, que todas quantas pôdem alcançar os mortaes, porque com ella se lavraõ os campos, se augmentaõ as Povoações, se ennobrecem as Cida-(p. 368)[f. 24v]des, se apuraõ as Sciencias, crescem as Escolas, e florecem todas as outras Artes necessarias na Republica, as quaes aos eccos dos canhoens, e ao estrondo das caixas, se descompoem, se arruinaõ, se atrazaõ, e affugentaõ, por ser a guerra hum monstro tragador do genero humano, estrago das creaturas racionais, e insensiveis, (e ainda entre Catholicos) torrente, e inundação de delictos, e sacrilegios; <...>

[...]

88. (p. 381) [f. Bbb3r] Chegou naquelles dias hum de preceito, em que na Matriz da Villa ["do Cayrú", no "Cartão da Bahia", em 1668 ou 1670] se fazia festa annual das mais solennes daquella Parochia, á qual concorreraõ como costumavaõ com suas mulheres, e filhas os moradores mais vestidos, que armados, indo a festejar a celebridade, bem fóra do receyo de pelejarem com os Gentios, os quaes nunca tinhaõ chegado áquelle lugar, e na presente occasiaõ variando o terreno das suas entradas, vieraõ a dar sobre elle, quicã por saberem a solemnidade do dia, e que naquelle concurso desacautelado do podiaõ fazer mayores hostilidades. ["Chegaõ á Igreja Parochial da Villa."] Chegaraõ em multidaõ innumeravel, rompendo os ares com (p. 382) [f. Bbb3v] os eccos dos alaridos, e instrumentos barbaros, com que costumaõ entrar nas suas batalhas; o Ministro Parochial e as pessoas, que estavaõ na Igreja, naquelle inopinado caso acudiraõ a fechar-lhes as portas.

[...]

463. FRANCISCO ADOLPHO DE WIMMESEN (*História geral do Brasil*, v. I, 1854, Suplemento, p. 487) informa: « A bulla da criação do novo bispado que se chamou de S. Salvador, ao mesmo tempo continha o provimento e a confirmação do dito bispo [D. Pedro Fernandes Sardinha], e foi passada a 25 de Fevereiro de 1550. (Verificamos esta data pelo original da bulla [Torre do Tombo Bra. 12, n. 31, n. 1] que é = Anno millesimo quingentesimo Quarto Kal. Martii, etc. (...). Desta bulla correm impressas, como é sabido, duas edições, sendo mais exacta a 2ª revista pelo bispo Afonso Coutinho. — A bulla começa com as conhecidas palavras "Super specula militantis ecclesiae." No principio do anno seguinte o bispo, tanto sido antes sagrado, viajava para o seu destino, achando-se em Santiago de Cabo Verde aos 11 de Abril, e na Bahia pelo menos em Outubro [1551]. »

464. FRANCISCO ADOLPHO DE WIMMESEN (op. cit., v. I, 1854, seção XVI, p. 209) traz uma importante informação acerca da musica desta época na Sé de Salvador: « Concorde com os Jesuitas sobre os effeitos prodigiosos da musica no coração humano, pediu ["O nosso primeiro prelado", a 12 de julho de 1552] que lhe mandassem orgão para a nova sé ».

465. Oficialmente, o primeiro chantage conhecido da Sé de Salvador é Francisco de Vacas (*Documentos Históricos* 4, v. XXIV, 1937, pp. 149-171), apresentado a 22 de junho de 1553 e substituído, após sua morte, por João Lopes, em 16 de maio de 1554 (*Documentos Históricos* 4, v. XXIV, 1937, pp. 218-219). Mas, em uma carta de MANUEL DA NÓBREGA 4 (de fins de julho de 1552, § 7), lê-se que Manuel Lourenço, o vigário da Bahia, « agora é chantage ». PENAFIL RUIZ 4 (*História da música brasileira*, 1942, parte II, cap. VII, p. 291) não traz nenhum comentário sobre esse Manuel Lourenço, encontrando em Francisco de Vacas o mais antigo chantage de Salvador: « Quando chegou à Baía, a 18 de janeiro de 1552, o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha trouxe um mestre capela para a escola dos jesuitas, onde Nóbrega, em 1549, iniciara o curso de música. Chamava-se Francisco Vacas, com o ordenado anual de 204000. Afirma que era bom músico e cantor, tendo sido companheiro do padre Penafiel. Em 1554, era chantage da Catedral ».

466. A função de mestre de capela na Sé de Salvador é instituída por carta régia de 15 de junho de 1559 (*Documentos Históricos* 4, v. XXVI, 1937, pp. 92-93), aparecendo apenas em 08 de janeiro de 1561 o nome de Bartholomeu Pires como seu primeiro ocupante (*Documentos Históricos* 4, *idem*, p. 98). No entanto, João Lopes, que a partir de 16 de maio de 1554 sucedeu Francisco de Vacas no chantage (*Documentos Históricos* 4, v. XXIV, 1937, pp. 218-219) já era tratado em 03 de agosto de 1553 por « Mestre da Capella » (*Documentos Históricos* 4, v. XIV, 1924, p. 363 e v. XXVIII, 1937, p. 176).

467. ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOTÃO 4 (*Novo orbe seráfico brasileiro*, 1761, Prefácio, Digressão I, Estância II, § 22, p. 17) também traz esta lenda: « Eraõ ouvidos estes Tamoyos por grandes musicos, e bailadores entre todo o mais Bantio. Forão elles os primeiros que gustarão das celebrades apas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentarão melhor os seus effeitos, e por isso eraõ estimados do mais Bantio onde se achavaõ, e porque ao som da voz compunhaõ tambem suas cantigas, e charonetas, que ao seu modo rustico repetiaõ com singular donaire, e graça ». Logo adiante (Digressão IV, Estância II, § 54, p. 40), JABOTÃO dá a localização « da celebrada Carioca, que depois de correr, e atravessar varias montanhas, se vem despenhar das ultimas, huma legoa antes da Cidade, onde a hiaõ os moradores buscar com muito trabalho; mas hoje [1740], encaminhadas para ella, a tomãõ alli por hua aqueducto de muitas, e turionas bicas, que não só lhes serve de saborosa bebida, para conservar a saude, tambem de suave, e effectivo lambedor para affinar as vozes nos musicos ».

SAMUEL FRITZ
(1654 - 1728)

DOCUMENTO: MISIÃO DOS OMAGUAS, JURINAGUAS, AYSCARES, THACMAS E OUTRAS NAÇÕES DESDE O MAPO ATÉ O RIO NEGRO. s.l., 1731.

TEXTO: Biblioteca Pública de Évora, CXV/1-15, 214 pp.. Título: « Misión de los Omaguas, Jurinaguas, Ayscares, Thacmas, y otras Naciones desde Mapo hasta el Rio Negro », Datado, à última página, « 1731 ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ MONTEIRO RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro I, cap. III, nº 5, p. 32, nota 33) afirma: « O original existia nos Arquivos do Colégio de Companhia de Quito. Foi publicado in *Boletín de la Sociedad Geográfica*, de Madrid, t. IX, 206-221. Existe tradução inglesa *Journal of the travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazon between 1683 and 1723*, trad. de Georg Edmundson, London, Hakluyt Society, 1922. O tradutor declara que se baseou em manuscrito de Évora, mas o Catálogo de Cunha Rivara [*JORNAL HELIODORO DA CUNHA RIVARA - Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborica, Lisboa, 3 v., 1850-1871*] não o cita. (...) ». O volume XI da *Rev. de la Soc. Geo.* não foi localizado em nenhuma das bibliotecas em que trabalhamos, obrigando-nos a traduzir aqui a edição inglesa.

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ MONTEIRO RODRIGUES (op. cit., 1979, livro I, cap. II, nº 5, p. 32) informa: « Natural da Boécia, nasceu Samuel a 9 de abril de 1654 e em 1673 ingressou na Companhia. Passou às Índias Ocidentais em 1685/86, com destino a Quito de onde foi apostolar os Omaguas, que se localizavam um pouco abaixo do Mapo até a barra do Rio Negro, por espaço de 230 léguas. Fritz desceu a aldeia dos Jurinaguas em janeiro de 1689 e depois ao Pará, escrevendo o *Diário*, traduzido em várias línguas pela sua importância etnográfica e histórica. No Pará, onde chegou a 11 de setembro de 1689, permaneceu 22 meses, sempre discutindo e debatendo com as autoridades o reconhecimento dos direitos da Coroa espanhola sobre os territórios onde se situavam suas missões ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Journal Of The Travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazon between 1683 and 1723. Translated From The Evora MS And Edited By The Rev. Dr. George Edmundson. With Two Maps. London, Printed For The Hakluyt Society, MDCCXIII [1922]. 164, xliii pp. (Works Issued By The Hakluyt Society, Second Series, nº 11).*

TRADUÇÃO PORTUGUESA: PAULO CASTANHA.

OBSERVAÇÃO: As pp. 139-140 desta publicação (§ II) não encontrámos informações sobre missão no século XVI (State of the Mission of the Omaguas and Jurinaguas after the year 1715).

TEXTO INGLÊS

**§ I Pacification and
Customs of the Omaguas**

[...]

[10.] (p. 53) The Father Francisco Viva, who little before had succeeded Father Herrero in the office of Superior of the Missions, determined to console the Omaguas by giving them the said Father, as Missionary. These barbarians on being informed that new Missionaires had arrived from Quito to the Laguna, and that one of them

TRADUÇÃO

**§ I Pacificação e
costumes dos Omaguas.**

[...]

O padre Francisco Viva, que pouco antes sucedeu ao padre Herrero no ofício de Superior da missão, determinou consolar os Omaguas [no Pará, em 1686], cedendo-lhes o dito padre, como missionário. Esses bárbaros, ao serem informados de que novos missionários chegaram de Quito à Laguna, e que um deles se preparava

was preparing to descend to their lands, with great eagerness, convoyed in more than thirty canoes, set out upstream to meet him, and brought him with much rejoicing to their first village-settlement. On arrival at the port, not content that he should go up from the canoe on his feet, they insisted on carrying him in their arms and, amidst dances and music of flutes, fifes and other instruments, brought him to the abode that they had provided for him.

[...]

§ II Journal of the Descent of FATHER SAMUEL FRITZ, Missionary of the Crown of Castile in the River Marañon, from S. Joaquin of the Omgwas to the City of Gran Pará, in the year 1689, and return of the said Father from the same city to the Pueblo de la Laguna, the head centre of the Mission of the Maynas, in the year 1691.

[...]

[5.] (p. 61) Remarkable is the fact, that I at this time found out in this village of the Jurinaguas, which is that in a revelry that they were making, I, from the ranch where I was lying, heard a flute played, that caused me so great terror, that I could not endure its sound. When they left off playing that flute I asked what it meant, and they answered me, that they were playing in this manner, to Guaricaya, that was the Devil, who from the time of their ancestors came in visible form, and took up his abode in their villages; and they always made him a house apart from the village within the forest, and there they brought him drink and the sick that he might cure them. Finally enquiring with that kind of face and form he came, the chief, named Mativa, answered, "Father I could not describe it, only that it is

para descer às suas terras, formaram, com grande ímpeto, comboio de mais de trinta canoas e rumaram rio acima para encontrá-lo, trazendo-o com regozijo à sua povoação. Na chegada ao porto, não contentes de que ele saísse da canoa em seus próprios pés, insistiram em carregá-lo nos braços e, entre danças e música de flautas, piferos e outros instrumentos, levaram-no à residência que prepararam para ele.

[...]

§ II Diário da descida do padre Samuel Fritz, missionário da Coroa de Castela no rio Marañon, de São Joaquin dos Omgwas à cidade do Grão Pará, no ano de 1689 e retorno do dito padre da mesma cidade a Pueblo de la Laguna, centro principal da missão dos Maynas, no ano de 1691.

[...]

É notável o fato que verifiquei nesse tempo em tal aldeia dos Jurinaguas, em um festejo que estavam tendo, onde, do local em que eu estava, ouvi uma flauta, me causando tamanho terror, que não pude suportar seu som. Quando pararam de tanger tal flauta, perguntei o que aquilo significava, e me responderam que tocavam daquela maneira para Guaricaya, que era o diabo, que no tempo de seus ancestrais veio em forma visível e tomou morada em suas aldeias; e eles sempre lhe construíram uma casa na floresta, fora da aldeia, e o levaram bebida e os doentes que ele poderia curar. Finalmente, inquirindo-os com qual rosto e forma ele vinha, o principal, chamado Mativa, me respondeu: "Padre, eu não o poderia descrever, a não ser que é horrível, e quando ele vem, todas as mulheres fogem com suas crianças, permanecendo

horrible, and when he comes all the women with their little ones flee, only the grown-up men remain, and then the Devil takes a whip that for this purpose we keep provided with a leather lash made of the hide of a Sea-Cow, and he flogs us on the breast until much blood is drawn."

[6.] In the absence of the Devil the flogger is an old man, hence great scars are found upon our breasts. We do this, they say, to make us valiant. The forms that he took were those of a tiger-boar or of other beasts, at one time it was gigantic, at others dwarfish. I asked further whether he had said anything about me, either that they should eject or kill me, and he replied, that the sounds that he gave forth were not articulate, and "since you came", said the Chief, "the first time that you planted the Cross, he no longer wishes to come to the village, nor any more to cure the sick that some bring to his house; because we now bring them to you that you may preach to them the Gospel and that they may not die." This is what they told me on this occasion of the Devil, of which I had before had some information in agreement also with what I had heard from the Aysuares, who down-stream are called Solimoens, and other sources of information of similar character. <...>

[...]

apenas os mais crescidos, e então o diabo toma um chicote que mantemos para esse fim, provido de açoites de couro, feitos da pele de uma vaca-marinha, e nos açoita ao peito até que saia muito sangue".

"Na ausência do diabo, o que açoita é um velho, em consequência do que, muitas cicatrizes são encontradas em nossos peitos. Fazemos isso", falaram, "para nos tornarmos valentes". As formas que tomava eram a de um javali ou de outras bestas, em uma ocasião era gigantesco, em outras um anão. Perguntei, então, apesar de ele nada me ter dito, se pretendiam me expulsar ou me matar, e ele respondeu que os sons que ele emitia não eram articulados, e "desde que você chegou", disse o principal, "desde a primeira vez que você chantou a cruz, ele não mais deseja vir à aldeia, nem mais para curar os doentes que levam à sua casa, pois que agora os levamos a você, para que os pregue o evangelho e para que eles não morram". Isto é o que me contaram nessa ocasião sobre o diabo, do qual tive depois algumas informações adicionais, também do que ouvi dos Aysuares, que rio-abaixo são chamados Solimões, e de outras fontes de informações de caráter similar. <...>

[...]

DIOGO BARBOSA MACHADO

(1682 - 1772)

LIVROS: BIBLIOTHECA LUSITANA, TOMO I e II. Lisboa, Antonio Isidoro de Fonseca, 1741-1747.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A Bibliotheca Lusitana foi publicada em 4 volumes (1741-1747) e reimpressa entre 1930-1935 em Lisboa, por Arthur Bertrand. Há, porém, reimpressões parciais dessa obra, como a de Lisboa, 1786 (Antonio Gomes) e Lisboa, entre 1706-1707 (Antonio Gomes e Academia Real das Ciências, em 3 volumes).

NOTA SOBRE O AUTOR: DIOGO BARBOSA MACHADO foi presbítero secular, abade de Sever e bibliógrafo português, autor da primeira grande obra portuguesa do gênero, da qual aqui nos ocupamos.

EDIÇÕES UTILIZADAS: Bibliotheca | LUSITANA | Historica, Critica, e Chronologica. | Na Qual Se Compreheende A Noticia Dos Autores Portuguezes, e das Obras, que compuseram desde o tempo | da promulgacao de Ley da Graça até o tempo presente. | Offerecida | A Augusta Magestade | de | D. JOÃO V. | Nosso Senhor | Por DIOGO BARBOSA | Machado | Ulyssiponense Abade de Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Acadêmico do Numero da Academia Real. | TOMO I. | [grav.] | Lisboa Occidental, | Na Officina de Antonio Isidoro de Fonseca | Anno de M. D. CC. XLVII. | Com todas as Licenças necessarias. [BIBL: LI-a-1; 33 f. 24 ca; 38 ff. inua., 767 pp.].

Bibliotheca | LUSITANA | Historica, Critica, e Chronologica. | Na Qual Se Compreheende A Noticia Dos Autores Portuguezes, e das Obras, que compuseram desde o | tempo da promulgacao de Ley da Graça até o tempo | presente | Por | DIOGO BARBOSA | Machado | Ulyssiponense Abade Reservatorio da Parochial | Igreja de Santo Adrião de Sever, e Acadêmico do Numero da Academia Real. | TOMO II. | [grav.] | LISBOA: | Na Officina de Ignacio Rodriguez, | Anno de M. D. CC. XLVII. [1747] | Com todas as Licenças necessarias. [BIBL: LI-a-2; 33 f. 24 ca; 926 pp., 1 p. inua.].

TOMO I

[...]

(p. 766) [col. 1] Fr. EUSEBIO DE MATOS Naceo na Cidade da Bahia Capital da America Portuguesa em o anno de 1629. onde na juvenil [sic] idade de 15. annos entrou na Companhia de JESUS a 24. de Março de 1644. e depois de aprender as letras humanas, e sciencias escolasticas, em que sahio profundamente instruido, dictou aos seus domesticos tres annos Filosofia, e dez Theologia Especulativa, e Moral deixando tantos discipulos quantos foraõ os Mestres, que leraõ estas Faculdades. Tendo feito a profissão do quarto voto a 15. de Agosto de 1664. se passou para a Religião Carmelitana em o anno de 1677 mudando o apellido de Matos em o da Soledade, na qual professou taõ sagrado Instituto com [col. 2] grande gloria dos seus alumnos, aos quaes instruiu com as subtilezas da Filosofia, e Theologia fazendo taes progressos, que competiaõ com os discipulos, que tivera na Companhia. Foy insigne Prégador assim em a subtileza dos discursos, como na vehemencia dos affectos: Poeta vulgar, e Latino, cujos versos eraõ taõ discretos, como elegantes: Musico por arte, e natureza compondo as letras que acomodava aos preceitos da Solfa ~~400~~: Arithmetico grande sendo sempre eleito para arbitro das mayores Contas: Pintor engenhoso do qual se conservaõ com estimacão particular muitos dibuxos: discreto, jovial na conservacão; e ultimamente taõ consumado em todas as partes, que constituen hum homem

perfeito que affirmava delle o P. Antonio Vieyra Oraculo da eloquencia Ecclesiastica que Deos se apostara em o fazer em tudo grande, e naõ fora mais por naõ querer. Falleceo no Convento patrio no anno de 1682. com 63. annos de idade 33. de Jesuita, e 15. de Carmelita. Quando esteve na Companhia. Imprimio. 466

[...]

TOMO II

[...]

(p. 750) [col. 1] D. Fr. IOAÕ SEYXAS DA PONCECA.⁴⁷⁰ Nascio em a Cidade de S. Sebastião Capital do Rio de Janeiro a 6. de Mayo de 1681. sendo filho de Francisco de Seixas da Fonceca, e de Maria da Rocha Fiusa. No Convento da Bahia recebeu a cogulha monastica do Principe dos Patriarchas S. Bento onde estudou as sciencias severas com tanto diavello, que sendo discipulo parecia Mestre. Passando à Corte de Roma conciliou com a urbanidade do seu genio, e madureza do seu talento o affecto do Summo Pontifice Clemente XII. que querendo premiar os seus merecimentos o creou Bispo de Areopoli no Consistorio de 28 de Setembro de 1733. em cuja dignidade foy sagrado em a Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes pelo Cardial Ioaõ Antonio Guadagni sobrinho do dito Pontifice. Assistindo em Florença estampou hum livro de Sonatas de Cravo, que dedicou ao Serenissimo Senhor Infente D. Antonio em a lingua Italiana da qual traduzio em a materna.

Giro do Mundo composto por Gimelli. Tomo primeiro. M. S. 4. Continua na traducção dos seguintes.

[...]

468. JOSÉ MAZZA & (Dicionário biográfico de músicos portugueses, séc. XVIII, na biografia de Euzébio de Mattos) informa da existência de um livro intitulado « Mem. Hist. das Escriit. Portug. do Cara. Cap. 24 pag. 140 », de « Manoel de Sa », que contém dados sobre a vida musical deste personagem. Em nota ao texto de MAZZA, apresentamos um livro de 1724 que parece ser o que este autor indica. Mas o próprio MAZZA diz que este italiano foi « Compositor famoso de Musica ». J. M. P. VASCONCELOS (Selvática Brasileira, v. II, 1870, pp. 114-115) que, como muitos outros, informa que « Era irmão de Gregório de Mattos », afirma (p. 115) que « Foi tambem musico, arithmetico, pintor e poeta ». FRANCISCO ADOLPHO DE WAGNER (Música geral do Brasil, 2ª edição [de 1876], v. II, seção XVIII, p. 798) deixou um comentário interessante, que não aparece na primeira edição, onde escreve sobre ANTÔNIO DE SA e EUSEBIO DE MATOS [no original está « EUSEBIO »]: « De ambos elles possuímos impressos varios escritos sagrados. O segundo, sem nunca ter saído da Bahia, distinguio-se tambem, não só como poeta, no genero mystico; mas tambem como desenhador, e como musico afamado no seu tempo; devendo só lamentar o não possuímos nenhuma destas suas composições; que forneceriam atao o maior interesse para o futuro, quando o nosso paiz, onde tanto ja se cultiva a divina arte da harmonia, venha a oferecer ao mundo alguns Sellinis ou Verdis americanos ».

469. Segue-se, ao texto de BARBOSA MACHADO (pp. 766-777), uma relação de 5 obras literárias de EUSEBIO DE MATOS, entre impressos e manuscritos. Não há qualquer referência a obras musicais.

470. Não sabemos se JUNG SEIXAS DA FONSECA chegou a desempenhar alguma atividade musical no Brasil. Dele só há informações relativas ao « livro de Sonatas de Cravo » que teria feito publicar em Florença em 1732. ROBERT STEVENSON (Some portuguese sources for early Brazilian music history, 1948, pp. 3-6) demonstrou que JOSÉ SEIXAS DA FONSECA não é o autor das sonatas, mas sim de uma dedicatória a Gian Antonio Guadagni, no Soneto De Cimbalo di piano, e forte detto vulgarmente di

marillati Dedicata A Sua Altezza Reale il Serenissimo D. Antonio Infante di Portogallo E Composta Da D. Lodovico Blustini di
Pistoia Opera Prima Firenze MDCCXLII.

APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO

(1682 - 1755)

LIVRO: FLOR PEREGRINA POR PRETA, OU MONA MARAVILHA DA GRAÇA. Lisboa, Officina Pinheirama da Música, 1744.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Ao que se sabe, esta é a única edição da Flor Peregrina.

EDIÇÃO UTILIZADA: FLOR | *Peregrina Por Preta, | De Mon | Maravilha Da Graça. | Descuberta na prodigiosa Vida de | D. BENEDICTO | De S. Philadelpho | Religioso Leigo | Da Provincia Reformada de Sicilia, das da esta | estreita Observancia da Religião Seráfica; Vigário, e Guardião, que foy do Convento | de S. Maria de Jesus de Palermo. | Escrita, e dedicada ao mesmo Benaventurado | Por Fr. APOLINÁRIO | Da Conceição. | Religioso Leigo de Provincia da Immaculada Conceição do Brasil do Instituto Capucho, e natural da Cidade de Lisboa. | Lisboa | Na Offic. Pinheirama da Musica, e da | Sagrada Religião de Malta, no principio da | Calçada de S. Anna. | Com todas as licenças necessarias Anno de 1744. [BIB: 16-r-15] 14 1 10 cm, 13 ff. inv., 303 pp.].*

CAPITULO XXV. Aclamação de sua santidade, estendida pela Christandade, e singular culto, que tem no Reyno de Portugal, e seus dominios, e com muita especialidade no Brasil. o B. Benedicto.

[...]

278. (p. 267) Na Cidade do Rio de Janeiro, além (p. 268) de outras Imagens, se ve humo deste Benaventurado em Capella a elle dedicado na Igreja de N. Senhora do Rozario, que ao prezente serve de Sé da dita Cidade, á qual já no anno de 1812. havia chegado seu engraçado nome, e appellidavañ Santo. Em Villa-Rica, e Freguezia do ouro preto, na Igreja de N. Senhora do Rozario, tem a Capella collecteral da parte do Evangelho, o nosso Siciliano. Nos mais dos Conventos de minha Santa Provincia, tem em suas Igrejas, particular Capella este Beato, com suas Confrarias, de que saõ Irmaõs naõ só a gente preta, como tambem muita da branca. Porém quem leve as palmas em todo o Bispado do Rio de Janeiro, na devoção a este Santo, aos moradores da Capitania do Espirito Santo, naõ ha; ainda que nas Povoaçoens das Minas além da sobredita, sejañ tambem muito fervorosos em seus obsequios. Ja fica advertido, o que communmente se experimenta com sua Imagem, que he a que vay nas Procissçoens, que outra tem na Igreja no Altar collecteral da parte da Epistola. Festañ-no todos os annos pelas Oitavas do Espirito Santo, para o que dias antes levantañ nastro defronte do Convento, com sua bandeira encima, e o Santo Pintado. No dia destinado [31 de julho], he grandissimo o concurso de gente á (p. 269) Villa da Victoria, assim de seus moradores como de seu termo (que julgo ser o mayor em todo o anno) canta-se a Missa, que corresponde ao dia e se prêga do Evangelho; referindo-se assim mesmo algumas virtudes do Bêdito preto, de q se segue, naõ pequeno fruto espiritual assim dos Brancos, como dos Pretos, estes por se lhes propor a hum Santo de sua propria cõr, e condição, áquelles, por verem a hum por seu nascimento, taõ humilde, taõ exaltado, e favorecido de Deos. De tarde fazem sua Procissão, e

he a unica, que corre toda a Villa, levaõ em bem adornado andor o Santo. E posto que o Juiz, a Juiza da Irmandade de sempre sãõ Pretos (como tambem o Rey, e Rainha, que o representaõ naquelles dias) he tal a devoção deste Povo, que homens, e mulheres Brancos ja por voto, e ja por cordeal affecto, vaõ a traz, e por remate da Procissão trinta Juizes, e trinta juizas, que se dizem por devoção, as quaes com suas varas nas mãos o representão. As offertas, que enviaõ à Comunidade de carne, doces, e outras especies he consideravel; e por quasi todo o anno, bem se pôde dizer, que de nosso Convento he principal ordinaria S. Benedicto; pois por devoção sua, ou era remuneração dos beneficios que reconhecem conseguir por seus merecimentos, das liberalis-(p. 270)sinas mãos do Omnipotente, varias esmolas mandaõ ao Convento de N. P. S. Francisco da dita Villa de N. Senhora da Victoria, e algumas sem se saber os Benfeitores, que as enviaõ como succedeo no anno de 1721. <...>

[...]

ANDRÉ DE BARROS

(1675 - 1754)

LIVRO: VIDA DO APOSTÓLICO PADRE ANTÔNIO VIEIRA. Lisboa, Nova Officina Silviana, 1746.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado apenas em 1837 (Bahia, Typ. do Diário). Para a contagem de sua biografia do padre Vieira, o jesuíta português serviu-se apenas de compilação bibliográfica, particularmente das cartas que escreveu o primeiro.

EDIÇÃO UTILIZADA: VIDA | Do | Apostólico Padre | ANTÔNIO VIEIRA | Da Companhia de Jesus, | Chamado Por Antonomassia | O GRANDE; | Acclamado no Mundo | Por Príncipe dos Grândes Evangelicos, Pregador Incomparavel | Dos Augustissimos | REYS DE PORTUGAL, | Varch esclarecido em Virtudes, e Letras Divinas, e Humanas; | Restaurador das Missões do Maranhão, e Pará. | Dedicada | Ao Serenissimo | Senhor Infante | D. ANTONIO | Pelo | P. ANDRÉ DE BARROS | Da Companhia de Jesus. | [grav.] | LISBOA: | Na nova Officina Silviana | M.DCC.XLV. [1746] | Com permisso dos Superiores, e Privilegio Real. [19 x 20; 12 ff. inu.] 666 pp.; 1 retrato; 81EB: 21-e-25).

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieira Da Companhia de Jesus, Chamado Por Antonomassia O Grande. Livro I.

[...]

CXXVII. <...> (p. 69) [*"Apostolico desvelo na embarcação do P. Veyra."*] Todas as tardes cantavaõ a Ladaíinha: [na neu que levava o p. Vieira de Portugal ao Maranhão, entre 22 de novembro de 1652 e 16 de janeiro de 1653] <...>

[...]

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieira Da Companhia de Jesus. Livro II.

[...]

XXIX. (p. 130) [*"Prociissã da santa doutrina, que introduz" (enquanto esteve no Maranhão, entre 16 de janeiro de 1653 e junho de 1654)*] Pela huma hora da tarde sahia da Igreja dos Padres até a Matriz [de São Luís] em ornadas fileiras hum vistozo, e numerozo concurso de almas a beber luz daquelle coração, que era o deposito da sabedoria, e do zelo. Hia como bandeira sagrada na retaguarda hum guiaõ de côr branca, e nelle a pintura de Santo Ignacio de Loyola, luz do Mundo, e terror do Infer-(p. 131)no: arvorava-o hum Indio principal das aldêas da Cidade, ou algum outro entre elles de repente. Adiante hiaõ os Indios, atrás destes as Indias, entoando a acentos harmoniôzoz entre aquella infantaria os studentinhos, que já frequentavaõ as classes, a Ladaíinha da Mãe de Deos: clarins, que no suave das vózes deleitavaõ os ouvidos, os coraçãoes no devoto. No fim se via o Grande VIEYRA, que por illustrar, e polir aquellas rudes almas, taõ preciosas, como as mais cultas, deixára a luz, e os applausos de Europa. Discorria esta sagrada pompa pelas principaes ruas da Cidade, recolhendo de caminho á bandeira os Indios, que andavaõ dispersos, e estrangendo a alguns, a quem a ignorancia fazia estranhos, o medo fugitivos.

[...]

XXXIV. (p. 133) [*"Mudanças nos costumes."*; *"Introduz a devoção do Rosario."*] Já parecia outro aquelle povo, revestindo-se a Cidade nova face: o Padre ANTONIO VIEYRA, reconhecendo como o Ceo dava efficacias a suas vózes, e ás dos seus, foy repetindo as industrias, e buscando em nóvos exercicios nóvos alentos á empreza. Chegou o dia da Annunciaçã; (aquelle dia feliz, em que se abriu a porta á fortuna do Mundo) e depois de ter no pulpito empregada toda a alsa nas ponderações daquelle portentozo Mysterio, no fim do Sermão publicou, como daquelle tarde por diante se dava principio á devoção do Rosario, cantando-se a córos o Terço da Senhora naquella mesma Igreja do Collegio, em que os Padres a veneraõ com o titulo da Senhora da Luz.

XXXV. Foy isto hum attractivo, e reclamo agradável áquelle povo: começava-se ao fenecer do dia; e era tal o concurso, que de ordinario se enchia a Igreja com a multidão de todos os estados. Assistiaõ por ley imposta os estudantes, que frequentavaõ as classes. Composto o altar com muitas luzes á Imagem da Soberana Mãe da Luz do Mundo, davaõ prin-(p. 134)cipio dous noços das melhores vózes, entoando sonóramente, e respondendo com devoção notavel a gente toda. [*"Exemplo, que nisto dá."*] Entre os dous musicos assistia com sobrepeliz o Padre ANTONIO VIEYRA para apontar os Mysterios, e para os concluir com as orações competentes. Dequi nasceo atear-se o fogo desta devoção taõ vivamente naquelles moradores, que pelas casas particulares formavaõ os mesmos córos as familias, ouvindo-se soar harmoniôzamente em partes diversas este obsequiozo culto á Rainha dos Ceos, e terra.

[...]

CCXVII. (p. 232) [*sobre o trabalho dos padres da Companhia de Jesus com os indios da Serra de Ibiapaba, entre 4 de julho de 1656 e 22 de junho de 1657*] Acodiraõ á doutrina principalmente os pequenos, que em breve se puzeraõ déstros nas perguntas, e respostas do Cathacismo; sendo sempre os grandes para isto remissos, e tardos, com o conhecido descuido, e negligencia destas Nações. Não se aquietáva porém o animo de taõ esforçados Soldados, vendo que não correspondia a tantas fadigas aquelle infansto paiz: inventou [Antônio Vieira] o seu zelo hum novo genero de guerra, com que tirasse do po-(p. 233)der do demonio aquellas almas, que elle roubava ao Ceo. [*"Cõpoem a santa doutrina em verso, que os mininos cantavaõ"*] Compuzeraõ a santa doutrina em verso, e a ensinavaõ a cantar com agradaveis tons aos mininos, que a aprendiaõ: e ao ouvir-se entre aquella barbaridade esta consonancia do Ceo, foraõ muito mayores os concursos á doutrina de todos os dias; e começáraõ a nascer esperanças de ver domesticadas aquellas feras, attrahidos pelo Orpheo Divino rochedos taõ duros. [*"Com isto attrahiraõ os grandes."*] Bautizáraõ-se muitos adultos, e todos os innocentes; porque não houve pay, que não trouxesse a taõ Sagrada fonte seus filhos, dos quaes em breve tempo voáraõ muitos a occupar os lugares, que a Providencia Divina lhes tinha determinado no Paraíso.

[...]

VIDA Do Apostolico Padre Antonio Vieyra Da Companhia de Jesus. Livro III.

[...]

II. (p. 270) [*"Ilha dos Nheengatibas, chamada dos Joannes."*] He aquella Ilha [*"atravessada na boca do grande rio das Amazonas"*] hum confuso labyrintho, tecido de rios, e bosques: huns com mil voltas, entradas, e sahidas; outros parecendo totalmente fechados, saõ só para aquellas humanas feras penetraveis. Da situaçã natural do seu terreno se souberaõ déstramente valer estes Indios; e declarada a guerra contra os Portuguezes,

[em 1658] com discurso militar, e cauteloso valor, para não serem acõmettidos juntos, desatáraõ as povoações. Estendêraõ-se pela terra dentro, e a largas distancias foraõ espalhando as casas, vindo a ficar toda a Ilha humda defendida povoação sem povoação; ou incontrastavel fortaleza, a quem os rios serviaõ de fosso, os bosques de muralha, ou estacada invencivel; sendo cada casa humda atalaya, cada morador humda sentinela, que a qualquer rumor de inimigo tocava com suas buzinas a rebato.

[...]

XXIV. (p. 280) [*"Companheiros, que leva"*] Aos 18 de Agosto [de 1659] sahio [Antônio Vieira] das aldeas do Camutã com o Padre Thomé Ribeiro este grande Capitaõ de Christo com doze canoas [para a *"empreza dos Nheengaibas"*]: acompanhavaõ-no os Principaes de todas as Nações Christãs, e dos Portuguezes só seis com o Sargento mór da praça, para não meter desconfiança áquelles Gentios. Ao quinto dia embocáraõ o rio dos Napuázés aquelles, que tinhaõ promettido os Padres; [*"Alegre encontro, que tem"*] quando duas leguas antes do porto se avistou humda canõa grande, que demandando as nossas, vogava toda empavezada, e com a magnificencia innocente, de que usaõ aquelles gentes: isto he, ornada por todas as partes de pennas de várias côres, representando entre as ondas humda ave maritima, ou hum jardim errático. Vinhaõ nella os Principaes daquela Nação, tocando a demais chusma suas buzinas, e a alternados espaços levantando vózes, e gritos, demonstraçaõ, de que usaõ na mayor alegria. Respondia-se das nossas canoas com igual expressaõ, soando por aquelles bosques uns equívocos ecos, ao Ceo alegres, ao Inferno temerózos; vendo-se aqui á letra aquella estranha consonancia do Psalmista: [*"Psal. 32. 3."*] Bene psalite ei in vociferatione.

[...]

XXVII. (p. 282) [*"Desembarcaõ no desejado porto."*] Foraõ navegando todos com alegria mutua, e ferrado o porto [no Pará, a 18 de agosto de 1659], desembarcou com todos o Padre VIEIRA; e bastando-lhe pizar aquella ferõz terra para a render, podia imitar o dito do Grande Cesar em Africa: *Teneo te Africa*, a não reconhecer se devia tudo ao verdadeiro Senhor dos Ceos, e terra, Deos das victorias. Tinhaõ os Nheengaibas feita de palha, ao uso da terra, a promettida Igreja: pobre, (como se deixa entender) mas muito assuada. [*"Achãõ feita Igreja, e casa: e rãõem a Deos as graças"*] Nella com o titulo do Santo Christo se collocou a sua Imagem, dizendo-se o *Te Deum laudamus*, em que os affectos do coraçãõ suppriraõ a melodia das vózes, e harmoniozo canto. <...>

[...]

XLII. (p. 288) [*"Festas, em que todos rãõem"* (após solenidade na aldeia dos Nheengaibas pela chegada dos padres, pouco depois da occasião em que se rezou o *Te Deum* na igreja, no dia 18)] Sahindo para fóra, não foy menor o triunfo. Via-se alli humda larga praça, e nella o concurso de todas aquellas Nações, que vieraõ, seguindo cada humda o seu Principal: e para publica demonstraçaõ, do que dentro da Igreja se tinha obrado, os Portuguezes (p. 289) (f. Or) tiravaõ as bēlas dos arcabuzes, e disparando sem ellas, as arremecavaõ ao rio; os Principaes quebravaõ igualmente as suas frechas, e atiravaõ com os pedaços ao mesmo rio; soando no mesmo tempo, e explicando-se a geral alegria de Nações, e linguas muy diversas com trombetas, buzinas, e tambores, e outros instrumentos a nós barbaros, a todos agora festivos; <...>

[...]

XLIV. Reduzido com tanta suavidade á nossa obediencia aquelle bravo Gentilismo, detiverãõ-se com elle os Padres quatorze dias, (p. 290) os quaes se gastavaõ em receber, e ouvir hospedes; mas as noites inteiras eraõ humda perpétua festa, assim das nossas Nações, como das suas, sendo continuos os bailes com differentes modos, vózes, e harmonias. <...>

[...]

LXI. (p. 300) [*"Chega á serra á quarta feira de Trévas á huma hora."*] Chegou [o padre Vieira] finalmente, depois de vinte e hum dias de jornada (até áquelles tempos a mais breve) á famosa serra de Ibiapaba. [*"Ordena logo os Officios daquella tarde, e dos demais dias."*] Era huma hora, e o dia de quarta feira de Trévas, em que se contavaõ 24 de Março [de 1680]; e sem mais descanso, nem perder ponto á religiosa regularidade, ordenou logo os Officios daquella tar-(p. 301)de, que celebráraõ com devaçãõ piedôza. Eraõ quatro os Sacerdotes, que acompanhados dos Indios Pernambucanos, que tinhaõ, e sabiaõ o canto de Orgãõ, dáraõ á terra nõva ternura, ao Ceo alegria. Segui-se a quinta feira, em que ao mesmo canto se celebrou Missa, e na festa a Paixãõ do Senhor; vindo aquelles leões feitos cordeiros á adoraçãõ da Cruz com rara piedade. Ao pôr do Sol houve mais que ver, e que chorar na procissãõ do Enterro. [*"Procissãõ do Enterro devotissima."*] Ordenou-se a funebre representaçãõ com devota pompa. Hiaõ nella todos os mininos, e moços com coroas de espinhos na cabeça, e Cruzeiros ás côstas em duas fileiras: por fóra destes ao mesmo compago, e ordem hiaõ os Indios grandes arrastando com submissãõ respeitôza os arcos, e frechas; soando ao mesmo tempo, e augmentando a dor, e o horror sagrado, as oaixas destemperadas⁴⁷¹, tantas excitativas á fereza, agora á Fé, e á humanidade. <...>

VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro IV.

CXLV. (p. 486) Da capella interior, juntamente com a Cõmunidade, foy acompanhado dos Reverendissimos Conegos [o corpo do p. Vieira, a 18 de julho de 1687, no Collegio da Bahia], e musica daquella Sé Metropolitana até á Igreja. Allí os mesmos cantáraõ Missa, e fizéraõ as honras ultimas a cinzas taõ benemeritas⁴⁷². <...>

[...]

VIDA Do Apostolico Padre ANTONIO VIEYRA Da Companhia de Jesus. Livro V.

[...]

XVII. (p. 522) [*"Quanto introduz para este fim"* (o culto divino no Maranhão)] Com o mesmo zelo procurava por outros modos augmentar o culto da Religiaõ; porisso até o Mysterio do Nascimento de Christo lhes representava no Presépio, mandando hir todas as imagens, e figuras necessarias áquella ternissima exhibiçãõ dos dias do Natal. Introduzio-lhe tambem procissões: e (p. 523) porque aquelles Gentios se levaõ muito das exterioridades, e saõ muito inclinados aos seus bailes, mandou-lhes hir para as festas, Missas, e procissões, muitas frantas, e charamelas, cascavéis, e outras invenções innocentes, para que viessem naõ ser triste a Pé de Christo.

[...]

CXLVIII. (p. 585) [*"Introduz o Terço nos navios."*] O amor a esta Senhora o fez introduzir a devaçãõ do Terço do Rosario Santissimo. Em todas as embarcações, que naõ eraõ de Hereges, o fazia rezar todos os dias por toda a gente da nãõ; e foy isto com tanta felicidade, que os marinheiros, que tinhaõ navegado com o Padre VIEYRA, continuáraõ em outras viagens a mesma devaçãõ, de que veyo pegar-se em todos os navios Portuguezes, assim mercantins, como de guerra, este Celestial contágio.

CXLIX. [*"E no Maranhão."*] No Maranhão acendeo tambem este Divino fogo, instituindo cantar-se o mesmo Terço na Igreja da Companhia de (p. 586) JESUS, e o Padre VIEYRA se fez Capellaõ da Senhora, assistindo a elle com

sobrepeliz para dizer as orações dos Mystérios. Exhortou a todos, a que em suas casas o rezassem, como faziaõ, ouvindo desde entãõ o Ceo estas vözes todas as noites em muitas partes, e ao mesmo tempo: porque senhora da casa com filhas, e escravas de hum lado, e o senhor com filhos, e escravos do outro, entoavaõ á Mãe de Deos, este Angelico descante⁴⁷³.

[...]

471. DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. II, p. 33) informa: «Caixas destemperadas, as que se tocam nos funeraes e durante a applicação da pena capital ou de degradação a algum militar». RAFFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1713, p. 175) diz: «Destemperar as caixas. He tocar o tambor confusamente, & sem ordem, como se costuma, quando se castiga hum soldado; da qui vem, Botar algumas caixas destemperadas, que val o mesmo, que lançado de si com desabrimento, & com palavras injuriosas».

472. JOÃO ANTÔNIO ANDREONI, na «Carta do P. Reitor do Collegio da Bahia em que dá conta ao Padre Geral da morte do P. Antonio Vieira, & refere as principaes acções de sua vida», escrita na Bahia a 20 de julho de 1697 (*Anais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. III, 1867, p. 156), traz a seguinte informação: «Ab interiori sacello usque ad templum Metropolitanae Sedis Canonici, Cantoresque una cum nostris precibus, Laudibusque de more decantatis, solemne sacrificium pro eo obtulerunt, & tumulato extremis rogatis requie lugubriter conclamarunt». Na tradução (*idem*, p. 159) se lê: «Os Conegos e os Cantores, juntamente com os nossos, acompanharam o seu corpo, transportado da capella domestica para o templo da Sé Metropolitana e, depois de cantadas segundo o rito Matinas e Laudes, offerteram pela sua alma a Missa solemne, e entregue á sepultura, tendo invocado sobre elle o eterno descanso, todos lhe deram lugubrememente o último adeus!». Em 1692 era mestre de capela da Sé de Salvador o P. Frei Agostinho de Santa Mônica (*Documentos Históricos* t. 1, v. CXXIV, 1936, p. 14) e, de pelo menos 1690 a 1701 ou depois, era chentre Francisco Pereira (*Documentos Históricos* t. 1, v. LXXIII, 1949, pp. 95-96), contando, segundo a documentação da época, com quatro peças do corpo. Talvez se ajude a compreender o que teria sido a «música daquela Sé Metropolitana» durante os funerais do padre VIEIRA a seguinte passagem de BARROS no livro IV, que descreve missa celebrada em homenagem ao falecido VIEIRA entre 2 de novembro e 17 de dezembro de 1697 na Capella Real de Lisboa: «COLVIII (p. 502) [«Delebra Missa o Excellentissimo Senhor Bispo de Leiria.»] Confirmou a alta estimação, que ao Grande VIEIRA se devia, o dignar-se celebrar Missa (tendo na tarde antecedente celebrado vespersas) o Excellentissimo Senhor D. Alvaro de Noronha e Caesara, Bispo de Leiria, cuja benignidade iguala á alta, e esclarecida nobreza de seu sangue, exemplo de Prelados, lustre de sabedoria toda, e justo avalizador das memorias, e raros talentos do Padre VIEIRA. Acompanhou a Missa a musica da Capella Real, dividida em dois côros, a que fez compasso o insigne Mestre da mesma Capella Antonio Marques Lisboa, o que só exercitava em funções Reaes. § COLIX [«Ves a musica da Capella Real.»] Concluida a Missa, seguiu-se a costumada benção, e círculo, em que se incensa o tumulo, o qual acabado com a suavidade da musica, na ultima, e sancta deprecacão da Igreja, se recolherão os Celebrantes á Sacristia». Esta informação é encontrada em outras obras, como na *Voz Sagrada* de ANDRÉ DE BARROS (1746, ff. 117v-118r e pp. 147-148) e na *Oração Funebre* de J. FRANCISCO SÁVIER (1730, p. 64).

473. Aqui, diferentemente das referências a certo instrumento musical feitas por FERNÃO CARDIM t. 1 e HENRIQUE GOMES t. 1, descante parece significar um tipo de polifonia. RAFFAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. III, 1713, p. 103) diz: «Concerto de instrumentos musicos» e informa que «Significa os que tocam instrumentos de cordas». RAFFAEL COELHO RACHO (*Dicionário musical*, 1842, p. 48) entende «Descante» como «varios instrumentos em concerto, ou acompanhando vozes». JOÃO DA FONSECA e J. I. ROQUETE (*Dicionário da língua portuguesa*, c. 1848, p. 354) trazem «concerto de vozes e instrumentos», e DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. II, p. 822) acrescenta: «Concerto de vozes acompanhadas de instrumentos. - Dar um descante á porta d'alguem. § - Nos seculos XIII e XIV, nome d'um contraponto a muitas vozes improvisado sobre o canto-chão». NÁRIO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 193) dá para «descante»: «1. Forma polifônica da Idade Média que succede o órgão. Um dos primeiros estilos de compor e espreçar sistematicamente o movimento contrário, embora mantendo as vozes rítmicamente iguais (nota contra nota). § O mesmo e melhor palavra que descante, para designar o processo polifônico do séc. XI e seguinte. § 2. Designação da segunda voz, mais aguda, acrescentada ao canto-chão». TONÁS BORBA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 498) finalizam: «o descante ou discente - porque das duas maneiras se diz e escreve - é, em principio, uma segunda voz ajuntada a uma melodia, que toma geralmente o nome de cantor. (...) Entre nós a palavra *descanta*, continuando naturalmente a significar voz ajuntada na parte alta de qualquer cantoria, designa também o modo de cantar em dueto ou duelo, mais conhecida por *desperrada* ou *desafio*». Mas *descante* também podia significar um tipo de música ou mesmo conjunto instrumental, como se vê na *Relação geral da festas que fez a religião da Companhia de Jesus na Província de Portugal* (Lisboa, Pedro Craesbeck, 1623, f. 26v): «O descante a que dançação, era da viola, rabequinha, & arpa». Cf. também JEAN-JACQUES ROUSSEAU (*Dictionnaire de musique*, 1768, pp. 140-141).

MANUEL DA FONSECA

(1703 - 1772)

LIVRO: VIDA DO VENERAVEL PADRE BELCHIOR DE PONTES. Lisboa, Francisco de Silva, 1752.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este livro foi reeditado em 1880 (*Vita do servo de Dio P. Melchior de Pontes...*, Roma, Typ. de Roma) e posteriormente pela « Cia Meisflog », São Paulo, com o texto da primeira edição.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo RUIREY BORDA DE MORAIS (*Bibliographia Brasiliensis*, c. 1933, v. 3, p. 314), o padre MANUEL DA FONSECA « was born in Portugal in 1703. He became a Jesuit, working in São Paulo and Espírito Santo. He was Professor of Theology, and when the Jesuits were expelled from Portugal and Brasil he travelled to Italy, where he died in 1772 in Pésaro ». A obra de FONSECA foi composta com base em documentação da época.

ENIGMA UTILIZADA: VIDA | do Veneravel Padre | BELCHIOR | de Pontes, | da Companhia de Jesus | da Provincia do Brasil, | Composta pelo Padre | Manuel da Fonseca, | da mesma Companhia, | e Provincia. | Offerecida | ao Nobilissimo Senhor | Manoel Mendes | de Almeida, | Capitão Mór da Cidade de S. Paulo &c. | (grav.) | Lisboa | Na Officina de Francisco de Silva. | Anno de MDCLII. [1752] | Com todas as licenças necessárias. [22 x 16; 11 ff. inc.; 266 pp.] BIEB: 21-d-17.

OBSERVAÇÃO: 1) Neste livro são encontradas também informações sobre música no Brasil durante o século XVIII, às pp. 211, 217, 232 e 247; 2) As palavras entre colchetes, com os mesmos tipos utilizados no corpo do texto, estavam laceradas. A restauração é nossa.

CAPITULO II. - Aprende a ler, e cantar.

[...]

[3.] (p. 8) Como seus pays cuidavaõ muito no mus[entar] do filho [*Belchior de Pontes, nascido na vila de "Pirajúçara", em 1644 (antes de 8 de novembro)*], tanto que houve oportunidade [segundo] o louvavel costume daquelles tempos [lhe] deraõ mestra [na "*Villa de S. Paulo*"], com quem aprendesse também os [galanteys] da voz, para que em idade competente recreasse como cisne os ouvidos dos que lhe assistissem, quando nos altares, a que estava destinado, o ouvissem louvar a Deos. Nesta arte achou difficuldade, como elle ao depois confessava, ou porque fosse [mui] divertida, do que lhe pedia o genio, ou porque a sua voz se não accommodava com tanta variedade de figuras⁴⁷⁴: mas como era sujeito á vontade de seus pays [,] pôs toda a diligencia para conseguir com trabalho, o que talvez por natureza não pudera alcançar.

[4.] Com os exercicios de ler, e cantar ajuntava sempre os das virtudes: e como estas com o uso se hiaõ connaturalizando em sua alma, hia dando mayores sinais della. <...>

[...]

[6.] (p. 9) Com a humildade conservou sempre a sinceridade de menino em tal extremo, que todos os casos, que lhe succediaõ adversos, os attribuia a seus peccados. Tanto que soube ler, e cantar, o recolheraõ seus pays para o retiro de Pirajúçara, ou fosse porque os cabedacs os não ajudavaõ a sustentar o filho tanto tempo na Villa, ou porque talvez por este tempo foy Deos servido levar-lhe o pay, ou por qualquer outro destino, que não podemos alcançar. <...>

[...]

CAPITULO III. - Do muito que aproveitou no espirito, sendo estudante

[...]

[3.] <...> (p. 12) Divertia se algumas vezes seu irmão João de Pontes com o suave de musicos instrumentos, mas elle nada prezo de terrestres melodias, se conservava como serpente surda, que foge á suavidade do encantador, no seu amado retiro [na época em que "determinou sua mãe mandá-lo para o estudo" com os padres da Companhia de Jesus, ainda em "Pirajubá"]. Nem o ter aprendido a cantar era motivo sufficiente, para que em companhia do irmão gastasse algum tempo neste licito exercicio: antes de tal sorte se houve em toda a sua vida, que quem não soubesse que tinha aprendido esta arte, julgaria que nem ainda muito de longe tinha cortejado ao harmonioso Apollo.

[...]

CAPITULO XV. - Sua devoção á Paixão de Christo.

[...]

[5.] <...> (p. 80) Vinha na Semana Santa ao Collegio [de "S. Paulo"], e assistindo com os mais Religiosos no Coro todo o tempo, em que se cantava o Officio das trevas, tanto que ouvia o Benedictus, sahia, e entrando no cubiculo gastava todo o tempo, em que se cantava o Miserere, castigando o seu corpo com huma rigorosa disciplina, e vingando com duros golpes as injurias, que tant[o] [.....] vivo nos propõem a Santa Igreja: <...>

[...]

CAPITULO XXII. - Contrahê amizade com o Capitão Pedro Vaz de Barros; varios successos em sua casa; profetisa-lhe a morte, e declara a sua beneaventurança.

[1.] (p. 126) Vivia junto á Aldêa de Carapicuryba, em hum sitio distante huma legoa, o Capitão Pedro Vaz de Barros, Cavalheiro dos principaes de S. Paulo, o qual com a communicação de tantos annos de vizinhança trevou com o nosso Heróe huma mui fervorosa amizade. Era a sua casa de numeroza familia, tendo debaixo de sua jurisdicção mais de quinhentas almas, para cuja doutrina, e da vizinhança, convidava muitas vezes ao seu bom amigo, para que em huma Capella, que tinha no seu Sitio, lhes fizesse Missa por alguns dias. Como esta occupação era muy conforme ao zelo, e desejo, que tinha de salvar a todos, accitava o convite, gastando neste impleto em diversos tempos semanas inteiras.

[...]

[3.] (p. 127) Passados alguns annos, adoeceu Maria Leite de Mesquita, com quem estava santamente unido aquelle Cavalheiro com o vinculo do matrimonio; como o mal crescesse, pedira ao seu bom amigo que a fosse consolar com as suas palavras, e fortalecer com os santos Sacramentos para o caminho da eternidade, a cujas portas na sua opiniaõ estava batendo todas as horas. Acodio elle promptamente, ovio-a de Confissão, e disposto tudo como convi[nha], sahio do apozento, e caminhando para a Capella disse aos circunstantes que a enferma não estava boa. Acabada a Missa, ouvido cantar o Bendito, que, segundo o louvavel costume introduzido nas fazendas, no fim della se costuma cantar, brotou nestas palavras: Em casa, onde se canta tam

bem o Bandito, não ha sorte, prepare se para trabalhos. Succedeo tudo assim; porque ainda que a enfermidade cresceo desorte, que passou alguns dias sem falla, com tudo recuperou a saude, vivendo depois muitos annos, e padecendo os profetizados trabalhos, de que foraõ causa seus mesmos filhos.

[...]

474 . MANUEL CARNEIRO, no *Semita* (1668, f. C3v) lido no "Collegio do Rio de Janeiro" em 1667, afirmava: « Na arte da solfa, dizem os Muzicos, que sayor valia tem huma maxia que huma longa; hum breve que hum semibreve; huma minia que huma seminua; huma figura branca que huma figura preta ».

JOSE DE MORAIS
(1708 - após 1777)

DOCUMENTO: HISTÓRIA DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO E PARÁ. Colégio do Pará, julho de 1759.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Segundo JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro VI, cap. 1, nº B.4, pp. 294-295), « A "História da Companhia de Jesus da Província do Maranhão e Pará" existia em códice na Biblioteca de Évora e sob o título de "Apostamentos para a Chronica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão" e na Biblioteca Nacional de Lisboa [(nota 221): « Serafim Leite, História da Companhia de Jesus no Brasil, IV, 322, notas 4 e 5. Na primeira se escreve que já havia desaparecido de Évora em 1939 quando quis examiná-la »]. Foi traduzida uma cópia de Évora mandada fazer por D. Pedro II durante a missão de pesquisa de Gonçalves Dias [(nota 222): « Catálogo dos documentos mandados copiar pelo Senhor D. Pedro II », existente no Instituto Histórico, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1906, t. LXVII, parte 1, pp. 24-26. Este Catálogo atribui-se a Capistrano de Abreu. »] e dela se fez a edição preparada e prefaciada por Cândido Mendes De Almeida. Escreveu com razão Serafim Leite que não se pode considerar como primeira edição o texto desfigurado que apareceu na Chronographia Histórica de Melo Moraes [(nota 224): « Rio de Janeiro, 1859, vol. III »], ou nos "Apostamentos para a história dos jesuítas no Brasil" extraídos das Chronicas da Companhia de Jesus" [(nota 225): « Revista do Inst. Hist. e Geo. Bra., 1873, t. LXVI, parte 28, 101-109 »], extratos preparados dos Antônio Henrique Leal que só servem como resumo e não como fonte de consulta [(nota 226): « Existe também uma cópia na Biblioteca Nacional "Catálogo de Manuscritos sobre o Maranhão" Anuário da Bibl. Nat. do RJ, 1850, v. 70, p. 131, nº 7 »]. ». SERAFIM LEITE, no entanto, consultou cópia da Biblioteca de Évora, descrevendo seu título e localização, na História da Companhia de Jesus no Brasil (Lisboa, Livraria Portugal; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938), tomo VIII, I-Escritores, « Moraes, José de », nº 1, p. 382: « J. Historia da Companhia de Jesu da Província do Maranhão e Pará, que as Reges Cinzas da Fidelissima Rainha e Senhora Nossa D. Mariana d'Austria, offerrece ao Author o P. Jose de Moraes, filho da mesma Província, anno de 1759. (Bibl. de Évora, cód. CIVI-27, fol., 771 pp.) ».

NOTA SOBRE O AUTOR: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (História da história do Brasil, 1979, livro VI, cap. 1, nº B.4, p. 293) informa: « José de Moraes (Lisboa, 1708 - Lisboa, ?) entrou para a Companhia na cidade de natal em 1727 e no ano seguinte embarcou para o Maranhão, onde se formou, fazendo a profissão solene em 1744. Foi pregador, teólogo e cronista. Estava em Ouruçá (Pará) quando se iniciou a perseguição pomalina aos jesuítas. Reuniu documentação e durante três anos escreveu a história da vice-província do Maranhão. Em 1759 partiu deportado para o Reino já com o primeiro volume escrito, pois o segundo não chegou a escrevê-lo. Em Portugal retomou seu nome de família, José Xavier de Moraes da Fonseca Pinto, não se sabendo a data de sua morte, ocorrida depois dos 59 anos ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA - MEMÓRIAS [Para A História | Do | Extincto Estado Do Maranhão | Dojo Territorio Comprehende Hoje As Provincias Do | Maranhão, Piahy, Grão-Pará E Amazonas | Colligidas E Anotadas | Por | Cândido Mendes de Almeida. | Historia | Da Companhia de Jesus | na extincta Provincia do Maranhão e Pará | Pelo Padre José de Moraes | da mesma Companhia. | Tomo Primeiro | (grav.) | Rio de Janeiro | Typ. Do Commercio, De Brito & Braga | Travessa Do Ouvidor, N. 17 | 1840. (XV, 354 pp.; BIBR: 3-c-3)

OBSERVAÇÃO: Neste documento também são encontradas informações sobre a prática musical da época em que foi escrito (século XVIII), nas pp. 15, 190, 521-522 e 524.

LIVRO I. Da Capitania Do Maranhão

CAPITULO X. Do que obrarão os portuguezes depois da sahida dos francezes, e do muito que trabalharão os nossos primeiros missionarios na conversão daquellas almas.

[...]

[13.] (p. 76) Foi objecto da sua [os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes] primeira diligencia diminuir o numero das aldeas [do Maranhão, que era de 27, com cerca de 12.000 indios], para que, juntas em menos povoações, podessem ser melhor assistidas, e doutrinadas pelos Padres, que para o mesmo fim mandarão erigir igrejas onde podessem administrar Sacramentos, celebrar sacrificios, e ensinar os dogmas da nossa fé, pelo methodo que para isso trazia, conforme o louvavel costume das nossas aldeas do Brazil.

[14.] Erão os operarios insignes e grandes mestres no seu apostolico ministerio, por isso não perdoavão a diligencia alguma que podesse conduzir ao bom regimen e instrucção daquellas almas. Erão destros nas linguas dos Tupynambás (com especialidade o Padre Nunes), que com as frequentes praticas que lhes fazião, os adiantavão muito na observancia da lei que professavão e pretendião professar os que ainda não passavão de catecumenos.

[15.] Todos os dias de manhã e de tarde fazião ajuntar na igreja os meninos e meninas, aos quaes juntos, em voz alta mandavão repetir as orações, rematando sempre com a Salve Rainha e Bendito, cantado pelas melhores e mais agradaveis vozes dos seus neophitos. Nos domingos se juntavão todos e antes de entrar a Missa reservão a santa doutrina, ouvião a explicação dos divinos mysterios e assistião ás Missas que nos dias classicos erão cantadas e acompanhadas de muito bom e ajustado som de charamelas, para o que tinham trazido já ensinados alguns do Tupynambás no tempo que estiverão em Pernambuco, o que tudo convidava os nossos Indios, que pela sua natural preguiça são de ordinario pouco (p. 77) affectos a qualquer trabalho. Nestes, e semelhantes exercicios, gastavão louvavelmente o tempo, não se descuidando de assitirem com sua costumada caridade aos enfermos, curando-os nas suas enfermidades e ajuntando aos remedios do corpo as mais importantes e efficazes medicinas da alma.

[...]

[24.] (p. 80) [§ 5 da "carta que o Padre Superior Manoel Gomes escreveu ao Padre Provincial do Brazil", transcrita por Moraes] "Entrados que fomos no forte [a 15 de outubro de 1615], já tomado S. Luiz, quiz o Capitão-mór que a primeira Missa que se dissesse na igreja fosse solemne, como foi, cantando-se a dous côros⁴⁷⁵ e com charamellas. <...>

[...]

[27.] [§ 8 da mesma carta de Manoel Gomes] (p. 81) "Nós nos occupavamos na saude espiritual e corporal dos enfermos [de "uma doença de catharros, com pleurizes, que levou muitos em dia e meio", nos arredores do Forte, pouco após sua chegada], sangrando-os de dando-lhes outras mézinhas que os desejos de os ver sãos nos ensinavão, e sendo Gentios dizião que tudo o que de nós tinham ouvido era verdade, e desejavão levar a cada hum de nós á sua aldeia, para que os curassemos e fizessemos Christãos. Porém satisfizemos a estes desejos com lhes levantar cruces altas ao som de charamellas, e o Padre Diogo Nunes lhes declarava o que representavão; até que o Senhor que nelas derramou seu sangue seja servido, que elles se aproveitem delle, e a nós dê forças e graça para o servirmos.

[...]

CAPITULO XI. Dá-se noticia da trasladação dos ossos do veneravel padre Francisco Pinto, o que Deos obrou por sua intercessão, e do roteiro que o servo do Senhor guardava na redacção dos gentios.

[...]

[18.] (p. 90) Recolhidos os Padres á povoação [*"em hum das aldeas de Jaguaribe"*], era já chegado o dia do solemnisimo baptismo do Principal Canarão⁴⁷⁸, que foi a Dominga da Quinquagesima do anno do Senhor de 1612. Ao sabbado á tarde se deu principio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora barbaço, não deixava também, sendo como era, de parecer ridiculo.

[20.] Havia flautas dispostas em harmonia de vozes, a que de quando emquando acompanhavão os tamborezinhos que servião de compasso aos bailes e de alegre recreação aos ouvidos. Seguião-se as vozes, que sendo de algum modo gratas, só se fazião enfadonhas pela repetição continua das mesmas cantigas, accomodadas todas á solemnidade do seguinte dia, como he costume entre elles. De noite houverão tiros e luminárias, que se gastou toda em danças, e toque de instrumentos rusticos⁴⁷⁷, por serem notavelmente inclinados a estas e semelhantes folias; amanheceu o domingo, que naquella dia bem se podia chamar Paschoa de flôres, pelas muitas do campo com que estava alcatifado o caminho da casa do Principal até á Igreja.

[21.] Sahio elle finalmente vestido de gala, precedido de hum festival acompanhamento, levando consigo sua mulher e filhos e grande numero de vassallos que o seguião. Chegárão á Igreja, onde o esperavão os Padre, que com a maior pompa e ceremonias da Igreja lhe conferirão o baptismo e a toda a sua familia.

[22.] Acabada a função ao som de toques e estrondo de algumas cargas, se recolherão contentes a continuar o festejo com que celebrárão o acto e pozerão remate á solemnidade de hum tão grande dia.

[...]

CAPITULO XII. Continuação os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes com o mesmo fervor o louvavel exercicio dos seus ministérios na Ilha do Maranhão, e ultima resolução que tomárão á vista dos injustos procedimentos de seus já ambiciosos, e não menos orgulhosos moradores.

[...]

[2.] (p. 100) Já na nossa Igreja [*"da cidade de S. Luiz"*, após a saída dos franceses em 1614] se observava o inviolavel costume das doutrinas todos os domingos e dias santos, a que assistião assim Indios, como Portuguezes, no fim das quaes sempre se fazia alguma exhortação accomodada aos bons costumes.

[3.] Na Quaresma se continuavão com notavel fruto, ás sextas-feiras pelos Passos da Paixão de Christo Nosso Senhor. Na Semana Santa se exercião as ceremonias daquelles dias com a maior perfeição que podião, expondo-se o Santissimo na quinta-feira em huma pequena Custodia de prata que os Padres tinham trazido de Pernambuco, com muitas luzes de cera branca, em hum vistoso throno, e guarda de soldados na igreja até á domingo da Ressurreição; o que tudo obravão os Padres com especial culto acompanhado humas vezes de motetes por solfa, outras das musicas mais alegres, conforme a occasião e dia o pedião ⁴⁷⁸,

[...]

LIVRO II. Progressos da Companhia no Maranhão

CAPITULO V. Do que obrarão os nossos portuguezes na restauração do Maranhão do poder dos hollandezes, animados dos religiosos da Companhia.

[...]

[19.] (p. 156) Raiou o dia [em 1642], e ao toque de huma trombeta se abriu a porta, e sahirão alguns Hollandezes a descobrir a campanha mais por costume, que com o devido e militar accordo, por que á pouca distancia se recolherão, sem ao menos olharem para a parte do penedo, onde se occultavão os nossos, favorecidos daquelles matos [próximos ao Forte São Luís]. <...>

[...]

LIVRO III. Entrada da Companhia de Jesus na Capitania do Grão-Pará.

CAPITULO I. Breve noticia do seu descobrimento, fundação e do seu presente estado.

[...]

[17.] (p. 180) A innata propensão do genio deste Excellentissimo Prelado [da Cathedral de Belém do Pará 478, em 1758] de tal sorte adiantou a bella harmonia da sua musica, que não tem inveja á mais miuda e delicada solfa da cõrte, donde (p. 191) se extrahirão para esta cathedral os melhores e mais harmoniosos papeis e cantorias.

[...]

CAPITULO III. Entra no Pará o padre Luiz Figueira, parte depois para o Reino a buscar operários da Companhia para esta tão grande seara, e volta para o Maranhão com huma grandiosa missão.

[...]

[8.] (p. 202) Determinou tomar á sua conta visitar as aldeas que estavam menos distantes da cidade [após sua chegada em 1636], para que na falta de pasto da Santa Doutrina não experimentassem tão visível desamparo aquellas almas; e como era insigne no idioma dos Indios, escreveu tão claros e breves compendios, pelos quaes lhes explicava os mysterios mais reconditos da nossa fé, que os aldeanos além de ouvir com gosto, aprendião com facilidade, quanto por elles o caritativo Padre lhes ensinava: e como ao mesmo tempo não podia acudir a todos, instruiu, qual outro Xavier, catechistas, que na sua ausencia fizessem todos os dias repetir as orações e explicação da doutrina, assim aos meninos e meninas, como aos mais proveitos na idade, para que fosse hum mesmo ensinar e aprender de todos.

[9.] Era notavel o fruto com que o bon Padre via reverdecer aquellas mirradas plantas pela ignorancia e esquecimento proprio, por falta do orvalho da divina palavra, que era o mesmo que a necessidade que padecião de operarios; e querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professarão, lhes compoz em devotas canções pela sua mesma lingua, com que havião de louvar a Deos, e sua Mãe Santissima, aos Anjos e Santos do céu; e para

melhor os attrahir com a melodia do canto, elle mesmo tomava o trabalho de ensinar os innocentes de melhores vozes, parar na sua boca aperfeiçoar os louvores divinos com maior fruto.

[...]

CAPITULO IX. Chegão ao Maranhão com feliz viagem os nove religiosos mandados pelo já nomeado superior de toda a missão o padre Antonio Vieira.

[...]

[16.] <...> (p. 270) Depois de preparada a Igreja [em S. Luis] o melhor que as penurias daquelle tempo permittido, convidados primeiros os Religiosos e Ecclesiasticos, forão conduzidas aos 2 de Dezembro [de 1652] em solemne procissão as preciosas reliquias dos Santos Martyres, e collocadas no altar-mór da nossa Igreja de ambos os lados do Sacratio, beneficiando-se de tarde as vespervas da festa do Glorioso Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, e no dia seguinte, nissa cantada com sermão, em que prégou com não menos espirito que rethorica o Padre Souto-Maior, unindo as glórias da collocação dos sagrados ossos na America com as do Santo Apostolo no Oriente.

[...]

CAPITULO X. Feliz viagem para a missão do Maranhão do grande padre Antonio Vieira, grande embarço que teve antes da sua partida, poderes e mercês com que o despedio o piassimo e sempre augusto rei o Sr. D. João IV.

[...]

[44.] (p. 282) Por tradição sabiamos, que o costume de se rezar o Terço da Virgem Senhora nas nossas náos portuguezas fôra introduzido pelo Padre Vieira, nas muitas vezes que andou embarcado, e porque as vivas e efficazes razões com que movia os homens do mar lhes ficárão impressas no coração, de humas para outras náos se foi communicando esta suavissima pensão; porque hums aos outros sabião promover a devoção e cordial affecto á Mãe de Deos.

[45.] Passou esta tradição á evidencia, quando o vi firmaco pela sincera e nada affectada penha do mesmo Padre, de que resultará maior credito a esta nossa asserção.

[46.] "No Maranhão, nas Ilhas Terceira, S. Miguel e Graciosa, e em todos os navios em que naveguei introduzi o rezar-se o Terço do Rosario publicamente a côros, donde se tem pagado esta devoção a quasi todos os navios mercantes e das armadas, por industrias daquelles mesmos marinheiros que comigo assistirão."

[...]

[48.] (p. 282) Já dissemos em como a 26 de Dezembro [de 1652] desferio velas do Porto de Cabo Verde para o do Maranhão a caravela em que ião os nossos Padres, que, como até então tinham obrado, continuarão os exercicios da sua caridade até o Maranhão, sendo as razões dos passageiros mais necessitados as primeiras que se repartião na sua pobre mas asseada mesa. Prégava o Padre Vieira todos os domingos e dias santos, dizia algumas missas, a que muitas vezes se ajuntava grande numero de confissões e communhões. A doutrina corria por conta do Padre Manoel de Lima. A frequencia da oração, a que sempre precedia (p. 283) lição espiritual da vida dos Santos, era abraçada de muitos e louvada de todos, e todos os dias se cantava o Terço, que se concluia com a ladainha, salve e bendito da Senhora. <...>

[...]

[51.] [29 § da "carta feita no Maranhão aos 22 de Maio de 1653" por Antonio Vieira, transcrita por Moraes] "<...> (p. 284) Demos graças a Nosso Senhor por nos livrar daquella perigo [corsários que encontraram próximos da Ilha da Madeira, cerca de 10 dias após sua partida de Lisboa em 22 de novembro de 1652], e lhe pedimos livrasse também aos companheiros; começando logo a cumprir a promessa que á Virgem Senhora fizemos, de toda a caravela rezar o Terço do seu Rosario enquanto a viagem durasse, como se fez, e aos domingos e dias santos em voz alta a córos."

[...]

[55.] [89 § da carta de 22 de maio] (p. 285) "Vinhão outros Religiosos na caravela, mas as cousas espirituas corréão todas por nossa conta. Nós cantamos sempre a ladainha da tarde. <...>"

[...]

LIVRO IV. Do que se seguiu na entrada da Companhia no Pará, e da do Padre Vieira no Maranhão.

CAPITULO III. Chega ao Maranhão o Padre Antonio Vieira com hum pequeno socorro de Missionarios. Dá-se noticia do que obrário depois da sua estancia naquella capital.

[...]

[11.] [299 § carta "de 22 de Maio deste mesmo anno de 1653", de Antonio Vieira] (p. 326) "Seguindo o fervor da gente [de Belém], e desejando que todos fizessem algum servico geral e publico á Virgem Senhora Nossa, cuja invocação he a desta Igreja, préguei em dia da Annunciação, publiquei para que daquella tarde em diante se rezasse o terço do Rosario a córos, como se usa em S. Domingos de Lisboa e em outras muitas Igrejas da mesma cidade. Ven por obrigação todos os estudantes e meninos da nossa escola: seguem a estes muitos soldados e gente de (p. 327) todos os estados, e está tão introduzida e aceita a devoção, que se enche ordinariamente a Igreja de muitos que concorrem á ella. Faz-se este exercicio ao pôr do sol por ser a hora mais commoda; põe-se a imagem da Virgem Senhora sobre a ara no altar-nór com velas acesas; assiste hum Padre, que encomenda o terço pelo methodo da nossa cartilha. Conção a entoar dous meninos de melhores vozes, e segue toda a Igreja alternadamente com grande piedade e devoção. Dura tudo de tres quartos para huma hora, a qual todos dão por bem empregada, acabando com ella aquella dia e começando a noite em louvores de Deos e Sua Mãe Santissima. Nos sabbados ha maior detença, porque se préga do pulpito hum exemplo do Rosario, por espaço de meia hora, ao qual de tanto o concurso, que, não cabendo na Igreja a muita gente, fica da parte de fóra; e aos que ouvem se recommenda contem depois o exemplo aos mais, com que devoção da Virgem Senhora vai em tanto augmento, que não só rezão nesta fórma os que vem á nossa Igreja, mas muitos que não podem vir fazem o mesmo em suas casa com a sua familia.

[12.] "Não faltará por ventura a quem por este modo de devoção com canto publico pareça cousa menos propria da Companhia, mas a Vossa Reverencia, que esteve em Roma e vio semelhantes devoções que nas sextas-feiras e sabbados se fazem na nossa casa professa, certo estou que não ha de parecer cousa estranha do nosso Instituto, antes muito propria delle, pois he trazer almas a Deos por todas as maneiras, e por huma tão segura e approvada como a devoção da Virgem Senhora, a maior de suas devoções; e para que o fruto não fique só nos Portuguezes, além das doutrinas ordinarias que se fazem aos Indios nos dias santos na nossa

Igreja, publiquei no sermão da segunda Dominga da Quaresma outra doutrina mais geral, a qual se havia fazer todos os domingos á tarde na mesma Matriz, por ser Igreja de maior capacidade, encomendando a todos mandassem á ella seus Indios e Indias, como logo se começou a fazer, e se continúa com grande proveito espiritual e edificação. Sahinos da nossa Igreja á huma hora: levamos adiante hum grande pendão branco com a imagem do Santo Padre Ignacio, que leva algum Indio principal das aldeas, se o ha na cidade, e senão por outro de respeito.

[13.] "Vão os nossos estudantes cantando a Ladainha. Damos (p. 328) volta pelas ruas principaes, levando os Indios adiante e as Indias atrás, pedindo aos Portuguezes, que estão pelas portas e janellas, que os mandem, e, se he necessario, compellindo os que ficão; e desta maneira, com uma muito comprida procissão, chegamos á Matriz, e ali postos os Indios de hum lado da Igreja e as Indias do outro, lhes faz o Padre a doutrina, ensinando-lhes primeiro as orações do cathocismo, e depois declarando-lhes os mysterios da Fé, perguntando e premiando os que melhor respondem. <...>"

CAPITULO V. Primeira tormenta e noticia popular no Maranhão por causa da nova lei sobre o injusto cativoiro dos indios. — Perícia com que o padre Vieira socage os mares, e se oppõe ao impeto de tão precipitada corrente no maior perigo dos seus subditos.

[...]

[22.] (p. 342) Esta lei [de 1652] mandou o mesmo Senhor [D. João IV] pôr em execução no Maranhão e Pará pelos mesmos dous Capitães-móres que partirão a governar o Estado no mesmo navio em que foi a Missão, alguns mezes antes da partida para o mesmo do Padre Antonio Vieira; porém pelos motivos que ignoramos se não publicou aquella até o decimo quinto dia da chegada do mesmo Padre ao Maranhão, em que mandou ao seu de caixas [se "S. Luiz"] publicar a dita lei o Capitão-mór Balthazar de Souza Pereira, como Sua Magestade lhe mandava, <...>

[23.] [§ 56 da carta de 22 de maio de A. Vieira] "<...> (p. 349) Tinha mandado nesta occasião Sua Magestade huma lei na qual declara por livres, como nesse Brazil, a todos os Indios deste Estado, de qualquer condição que sejam."

[24.] Publicou-se o bando com caixas, e affixou-se a ordem de Sua Magestade nas portas da cidade. <...>

[...]

CAPITULO VII. Noticia sumaria das leis reaes sobre o cativoiro dos indios no estado do Maranhão e Pará.

[...]

[41.] <...> (p. 359) que havião de fazer os Excellentissimos Governadores, senão accomodarem-se ás attendiveis necessidades do tempo, á quietação dos povos e conservação do Estado, não querendo cada hum ser o primeiro a quem a posteridade o mostrasse com o dedo, como o autor da mais deplorável ruina?

[...]

[43.] Pedir primeiro soldados, não por companhias, mas por regimentos, para tentear melhor humas com outras forças, para se fazer respeitado o nome do Soberano, e para se assegurarem na prompta obediencia de tão luzidos cabos e officiaes fidelissimos ás ordens de seu General, cujo nome ao som de tantas e militares caixas he ouvido e sôa por todo o Estado com respeito, com temor, e sem o mais minimo movimento de rebelião, como tantas vezes no

século passado [XVII] com menos causa e muito menores motivos se experimenta(p. 370)va: <...>
[...]

LIVRO V. De outras acções dos nossos missionarios no estado do Maranhão, e das do grande Padre Antonio Vieira até a sua partida para o Pará.

CAPITULO II. Do que obrarão os padre Antonio Ribeiro e Thomé Ribeiro, na visita das aldeias da Ilha do Maranhão.

[...]

[5.] *[Transcrito da carta feita no Maranhão por Antonio Vieira, em 1654]* "<...> (p. 393) E posto que esta vez se estincou este caso pela novidade, de então para cá he cousa tão ordinaria nas aldeias, que todos que vamos a ellas experimentamos esta piedade e curiosidade nos Indios ["que o que julgara por vinho erão orações"], porque depois de lhes ensinarmos a doutrina, rezão em commidade, como se faz todas as manhã e tardes na Igreja, e recolhendo-se a suas casas os ouvimos outra vez rezar e repetir o que primeiro lhes ensinámos. Não crêra isto deestas homens, quem primeiro os conheçôra, mas tanto pôde a graça sobre a natureza! Nem nós lhes tiramos os dias de festas *[dos Indios do Maranhão]*, nem prohibimos o seu cantar e bailar, nem ainda o beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhes não fazermos a lei de Christo mais pesada e triste, quando o seu jugo he suave e leve. <...>"

[...]

LIVRO VI. Da entrada do padre Antonio Vieira na Capitania do Pará, do descobrimento espiritual do Rio das Amazonas, e das aldeias que nelle fundarão os religiosos da Companhia de Jesus.

CAPITULO I. Entra o padre Antonio Vieira na cidade do Pará a dar principio a esta espiritual conquista.

[...]

[6.] (p. 437) Alén dos serviços dos domingos e dias santos, instituiu os dos sabbados *[no "Pará", onde chegou em 5 de outubro de 1659]* sobre a devoção da Virgem Senhora, cujo terço a côros persuadio a todos com admirável consolação dos muitos que quotidianamente assistião a tão louvavel costume que ainda hoje *[em 1759]* se conserva, posto que só entre os estudantes das nossas classes e meninos de escola, cantando-se sempre no fim o Bendito e Louvado da Conceição, pelo tom que ainda conserva com o nome do seu autor. Instituiu demais as doutrinas geraes e publicas, sahindo em procissão, cantando a ladainha com bellas vozes e ensinando as orações e mysterios em huma e outra lingua. <...>

[...]

CAPITULO II. Intenta o padre Antonio Vieira entrar pelo Rio do Amazonas, mas não o consegue: offerecem-lhe a entrada do Rio Tocantins, que aceita. - dá-se noticia do dito rio, e do que resultou desta viagem.

[...]

[22.] [§ 159 da carta que Antonio Vieira escreveu em 1654 (provavelmente no Pará, em Janeiro)] (p. 455) "No dia seguinte (14 de Dezembro) partimos de Mortigura (p. 456) com a maré da tarde os Padres Antonio Ribeiro, Francisco Velloso, Manoel de Souza e eu, cada hum em sua canoa, e começamos a navegar por um mar de agua doce. Derrotou-nos a obscuridade da noite, e o Padre Antonio Ribeiro e eu a passamos enarrados ás árvores de huma ilha, que nos servirão de ancoras e anarras, que estas embarcações não trazem outras. Chamamos os companheiros, mas nem elles ouvirão as nossas, nem nós as suas bozinas. <...>"

[...]

475. NATHIAS DE SOUSA VILLA-LOBOS (*Arte de cantochão*, 1688, parte II, cap. CXIV, p. 122) informa: « San Demazio Portuguez, o qual governou a Igreja Romana junto aos annos de 366. assi como compoz a estruca dos psalms, & alguns hymnos: ordenou tambem o choro em duas alas, cantando alternativamente, como hoje usamos, supposto que já em algumas Igrejas particulares se usava, pella noticia que deu Santo Ignacio Bispo de Antiochia, junto aos annos de 106. ao qual foi revelado, que os Anjos o faziam em os Ceos, & estando brando, & levantado em estasi, ouvio cantar a dois choras alternativamente, & assi os dois choras significam, & figuram aos Anjos, & aos espiritos dos justos, que estão louvando a Deos, correspondendo com huma mesma vontade, & incitando-se a proseguir huns aos outros ».

476. Nota de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, nesta edição, p. 86: « O nome indígena era Poty, que os Portuguezes traduzirão por Cawari ».

477. Instrumentos rústicos, instrumentos bárbaros, e mesmo instrumentos altilos eram denominações portuguezas genéricas para os instrumentos indígenas brasileiros. TEODORO SAMPÃO (*O tupi na geografia nacional*, 1967, nº 122, pp. 165-166) diz que « Eram grosseiros e pouco sonoros os instrumentos musicais do selvagem. Tinha como primeiro e mais excelente o *maracá*, chocalho feito de um cabaço em que se introduziam sementes ou pequenas seixos, e se cernava com ismero, porque era, em algumas tribos, considerado como sagrado; o *namby* ou gaita; o *boré*; a *inibíá*, trombeta de guerra ou buzina; o *quarará* ou tuxtor ». FREDERICO G. EDELMEISS acrescenta uma nota (nº 233, p. 165) às informações de TEODORO SAMPÃO, na mesma edição: « Flauta ou gaita é *alaly* ou *tanaly*, isto é, soprado. O nome *boré* não correia dos autores antigos e *inibíá*, tão somente de Léry ».

478. No cap. X, p. 78, MORAIS relata da seguinte maneira o ministério dos padres na igreja de S. Luis: « No fim da Sagrada Quarentena se ajuntavam [os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes], e ambos fazião as funcções da Semana Santa. Tudo se obrava ao som de vozes com grande ternura, a que os incitava a memoria de tão devotos e intermexidos Passos ».

479. No 99 § deste capítulo, informa MORAIS: « Todo o anno de 1616 se passou em fundar esta cidade, então pequena em razão dos poucos moradores que a povoavão, mas já no seguinte anno de 1617 renderão á Fazenda Real os dízimos 474000, como consta do primeiro livro do seu registro, e á vista agora dos mil cruzados com que aquelles avultarão, se pôde com verdade inferir o seu grande augmento, a sua grandeza, e a sua acito, e assaz rendosa fertilidade, o que se verá melhor do presente estado, em que o seu auge he o maior motivo de não pequena adoração ».

ANTÔNIO DE SANTA MARIA JABOATÃO

(1685 - entre 1763/1785)

LIVRO: **NOVO ORBE SERAFICO BRASILEIRO**. Lisboa, Antonio Vicente de Silva, 1761.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: A segunda edição deste livro foi publicada no Rio de Janeiro, por Máximo Gomes Ribeiro, em 1858 (em 5 volumes), com uma 28ª parte inédita.

NOTA SOBRE O AUTOR: JABOATÃO nasceu em 1685 na freguesia de Santo Amaro, Parnassuco, Franciscano, fez a profissão de fé em 1717. Foi cronista, exercendo cargos na Ordem de S. Francisco e pertenceu à Academia dos Esquecidos, da Bahia. Seu livro é um clássico da historiografia religiosa brasileira.

EDIÇÃO UTILIZADA: [PARTE I] Orbe Serafico | NOVO BRASILEIRO, [Descoberto, Estabelecido, E Cultivado | A Influencia | De Nova Luz De Italia, Estrella] brilhante de Nupurba, Luzido Sol de Pafos, Astro | Mayor do Cos de Francisco, | O Thesouro Portuguez | S.to ANTONIO, | Apas Vay Cosagrado, | como Theatre glorioso, e | Parte Primeira | Da | CHRONICA | Dos Frades Menores de Mais | Enteira, e Regular Observancia da Provincia | do Brasil, | Por | Fr. ANTONIO DE SANTA MARIA | Jabotao Ac. | [grav.] | LISBOA. | Na Officina de Antonio Vicente de Silva. | Anno de MDCLII. | Com todos os licenças necessarias. [BIB] 16-e-11, 30 x 20 cm; 17 ff. inc., 248, 263, 15 pp.).

PRAMBULO Ao Novo Orbe Serafico, Brasilico

DIGRESSAM I. Passaõ do Reyno para a India Naõs de Portuguezes, descobrem por derrota a Côsta do Brasil, tomãõ porto nella, e do mais que alli obrareõ até proseguirem outra vez viagem.

ESTANCIA III. Do Gentio Cayeté.

[...]

16. <...> (p. 11) Braõ estes Cayetés gran-(p. 12)des musicos, e bailadores, com as outras Gentilidades commas aos mais, e da mesma lingua geral 480

ESTANCIA V. Do Gentio Tupynambá.

[...]

18. <...> (p. 13) tinhaõ as mesmas Gentilidades dos Tupynambás seus vizinhos, e de quem se faziaõ tambem parentes, cantar, bailar e beber, com as outras commas 481, nas sempre gente de muito trabalho, e que nos ajudaraõ muito depois, ou fosse conveniencia, ou necessidade, contra os Aymorés Tapuyas do Sertão, e Tamoyos do Rio de Janeiro, e Cabo Frio; <...>

ESTANCIA IX. Do Gentio Tamoyo.

[...]

22. <...> (p. 17) Eraõ ouvidos estes Tamoyos por grandes músicos, e bailadores entre todo o mais Gentio. Foraõ elles os primeiros que gostarão das celebradas agoas das correntes do Carioca do Rio de Janeiro, e experimentarãõ melhor os seus effeitos, e por isso eraõ estimados do mais Gentio onde se achavaõ, e sempre ao som da voz compunhaõ tambem suas cantigas, e chançonetas, que ao seu modo rustico repetiaõ com singular donaire, e graça 482. <...>

DIGRESSAM IV. Discorre pelas Capitanias do Estado do Brasil, desde o Grão Pará até o Rio da Prata, districtos, e demarcacões de cada huma, seus Fundadores, e varios successos dos seus principios.

ESTANCIA II. Da Capitania do Rio de Janeiro, e dos varios successos, que houve nella entre Portuguezes, Francezes, e Gentio Tamoyo seus primeiros habitantes.

[...]

54. <...> (p. 40) Nesta bojo comprehende algumas Ilhas, de differentes grandezas, e recebe varias e frescas Ribeiras, sendo as mais dignas de nota duas dellas. He a primeira a da celebrada Carioca, que depois de correr, e atravessar varias montanhas, se vem despenhar das ultimas, huma legoa antes da Cidade, onde a hiaõ os moradores buscar com muito trabalho; nas hoje [em 1740], encaminhadas para ella, a tonaõ alli por hum aqueducto de muitas, e curiosas bicas, que naõ só lhes serve de saborosa bebida, para conservar a saude, tambem de suave, e effectivo lambedor para affinar as vozes nos músicos; <...>

[...]

ESTANCIA V. Da Capitania dos Ilheos.

[...]

72. (p. 54) Achava-se a Capelinha da Senhora ["das Neves", "sita na mesma Villa dos Ilheos ao pé do Monte, que nella se vê no fim da rua, que chamaõ de S. Bento"] damnificada, e os moradores, por sua devoçaõ, davaõ principio por este tempo a fundar outra nova, como se fez no mais alto do mesmo monte; e era para admirar o grande gosto, alegria, e devoçaõ, com que as mulheres, e meninos, carretavaõ á cabeça a pedra para a nova Ermida, e a sua cantiga, ou oracão continua no exercicio daquelle trabalho, era repetirom, fallando para a Senhora: Dai victoria a nossos maridos, diziaõ as mulheres, e os filhinhos a pediaõ para seus pays; <...>

[...]

81. <...> (p. 58) porque em premio de tudo isto, desde aquelles principios por largos tempos nas Vesperas do glorioso Apostolo S. Mathias [na "Villa" de "Cayrú", fundada "pelos annos de 1610"], começando á meya noite até a madrugada, correndo do nascente para o pôr do Sol, era ouvida huma superior Musica, de vozes, e instrumentos acóordes, que na suavidade, e harmonia, com que deixava suspensos, e attrahidos os que a percebiaõ, bem mostrava ser composta de Celestes Córos. Assim refere este caso o Author do manuscrito, que ja atraz deixamos em memoria, concluindo com estas palavras [na p. 51: "em hum livro de quarto manuscrito por pessoa fidedigna, conforme

dá indícios a sua mesma escrita"): Aquella Celeste harmonia, ou Divino descanço se deixou ouvir em o decurso de mais de vinte annos dos mais daquelle povo, que naquellas horas queriaõ velar, homens, mulheres, Ecclesiasticos, e seculares, dos quaes são ainda muitos vivos, e aquelle regalado, e mimoso povo não deixava de fazer-se pregoeiro de tão estupendo milagre, e de mercê muy singular, e pela qual faziaõ, como podiaõ, todos a huma voz, e cada hum por si, mil actos de submissões, e mortificaçãoõ, compondo-se o estylo de vida muy ajustado com os dictames da razão; <...>

[...]

82. <...> (p. 67) e assim os deixou o Tapuya por alguns mezes, talvez para os colherem mais incantos, e menos preparados, até o dia do glorioso Apostolo S. Mathias do anno seguinte de 1670. em que foy visto assomar pelos montes sombanceiros ás faldas de já nomeado Rio Jordão, em fórma de batalhoens, innumeravel caterva delles, tocando suas cornetas, e outros rusticos instrumentos de guerra, como annunciando a todos huma ultima, e total assolação. <...>

[...]

DIGRESSAM V Dos Prelados Mayores desta Provincia, desde a sua fundação até o presente, assia Custodios, como Provincias, seus Capitulos, e Congregações, dos Estudos, que nella tem havido, e de alguns Religiosos, que a illustraraõ com as suas letras, e escritos.

ESTANCIA III Dos Ministros Provinciaes.

PROVINCIAL INTRUZO

[...]

253. <...> (p. 183) Com hum muy semelhante (p. 194) a este chegou a Pernambuco o P. Loreto na frota deste anno [de 1686], como fica dito, e foy tomar pousada nas casas, que chamaõ de D. Francisco, pegadas ao nosso Convento, em que assistia o P. Archangelo; e quando foy tempo, desembarcando o Capitão de Már e Guerra com a sua Infantaria, marchou com ella fornada, e chegando ao Convento o pôs em cerco. Quizeraõ ainda resistir alguns Frades moços, mas vendo a resolução do Cabo, e os Prelados as ordens delRey, se resolveraõ á entrega do Convento, e formados em Communidade com Cruz alçada, porque de hum abysmo se segue outro, tomando o Santissimo do Sacratio, sahiraõ com elle em Procissão, e cantando o Psalmo In exitu Israel de Egypto, com hum grande, e notavel alvoroço de todo o Povo, sentimento, lagrimas, e compaixaõ, e algumas palavras, menos Religiosas, que das varandas das casas onde assistira o P. Loreto, e passava esta nova Procissão, proferia elle com vozes desentoadas aos Soldados (que mais attentos, e Religiosos acompanhavaõ ordenados ao Senhor) que prendessem aquelles Frades, aquelles rebeldes, e inobedientes, e outros dictérios semelhantes, mais dictados pela sua desordenada paixãõ, que devidos ao caracter da sua pessoa, e lugar: <...>

[...]

ESTANCIA IV. Dos Estudos, que tem havido na Provincia desde o principio de Custodia.

[...]

VII. (p. 207) ["1650"] No Convento do Rio de Janeiro pelo Custodio Fr. Sebastião do Espírito Santo. Foy Lente de Artes ⁴⁸³ Fr. Manoel de Christo filho da Custodia, e Leitor de Theologia Fr. Gregorio de S. Julião, chamado Francez.

[...]

X. ["1681"] No mesmo Convento da Bahia pelo primeiro Provincial Fr. Antonio dos Martyres. Foy Lente de Artes Fr. João da Natividade, e Leitor de Theologia Fr. Pacifico de Jesus.

XI. ["1672"] No mesmo Convento, sendo Vigario Provincial Fr. Sineão das Chagas. Foy Lente de Artes Fr. Miguel de S. Boaventura. Leraõ a Theologia Fr. Domingos Laborda, Francez de Napaõ, e Fr. Antonio da Conceição Mialhas.

[...]

ORDE SERAFICO, Novo Brasilico, CHRONICA Dos Frades Menores Da Provincia de Santo Antonio do Brasil. Livro Antepimeiro, Mostra como este Novo Orbe foy descoberto, cultivado, e estabelecido por Religiosos Menores, sendo nelle os primeiros, seus progressos espirituaes desde o anno de 1500. do seu descobrimento até o de 1565. em que fundareõ a primeira Casa em Olinda, suas Missões, morte preciosa de alguns, e outros varios accasos daquellas tempos, e tambem hum breve Resumo do mais até o presente.

CAPITULO XIV. Dé-se principio ao breve resumo do que mais obrareõ os Religiosos Menores nas partes do Brasil desde o anno de 1565, até o presente.

RELATORIO I. Do que passareõ os religiosos Menores na Paraíba sobre as doutrinas dos Indios.

[...]

[3.] <...> (p. 36) [col. 2] Tinhaõ os Religiosos repartidos pelas cazas noços, que ajuntando todos (p. 37) os a elles encommendados, lhes ensinavaõ a doutrina [nas "Aldeas" da "Paraíba", em o. 1593], e diziaõ cousas de Deos, que elles ja muito bem sabiaõ. Costunavaõ tambem os Indios cantar muitas cantigas brutaes, e gentilicas; e como, elles naturalmente sejaõ affeiçãoõs a musica, algumas vezes de noite cantavaõ as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuzeraõ algumas devotas, que elles cantavaõ. De modo, que em suas cazas, quem pelas ruas lhes passava de noite, naõ ouvia dizer senaõ doutrina, ou cantar aquellas cantigas. <...>

[...]

ORBE SERAFICO, Novo Brasilico, CHRONICA Dos Frades Menores Da Provincia de Santo Antonio do Brasil. LIVRO PRIMEIRO. Mostra-se como, e porquem foram pedidos os Frades Menores, Reformados, para Fundadores da Custodia do Brasil, sua viagem para esta Provincia, fundação do seu Primeiro Convento em a Villa de Maria, graças, que lhe concedem os Monarchas de Hespenha, e Reys de Portugal, em que entra com particular memoria o Illustrre Herde Jorge de Albuquerque Coelho.

CAPITULO VI. Passaõ os Fundadores para a nova Casa da Senhora das Neves: descreve-se o Lugar, e Villa de Maria, e Cidade de Olinda.

[...]

129. <...> (p. 87) [col. 2] Junto hum, e outro povo, o Clero com o seu Reverendo Vigario Geral, o secular com o Senado, e Camera, e mais Nobreza em numerozo concurso na Santa Casa da Misericordia [a 4 de outubro de 1585, na festa "do Serafico N. P. S. Francisco", em Olinda], dahi sahiraõ em huma bem composta, e ordenada Procissãõ, a que presidia, com o Governador da terra, o Vigario Geral, e Padre Custodio, entoado o festivo Cantico do Te Deum laudamus, até o Convento, pela rua direita, que toda estava ornada de arcos triumphaes, e verdes palmas, annunciadoras felices das muitas victorias, que estes novos Conquistadores haviaõ alcançar do commun inimigo. <...>

[...]

CAPITULO VII. Do mais, que obraraõ os Fundadores depois que entraraõ em o novo Convento.

[...]

135. <...> (p. 90) [col. 1] Era neste Seminario [na "pequena Casa, e Igrejinha da Senhora das Neves", na "Villa de Maria", em 1588] o principal cuidado dos Religiosos, depois de bem instruidos nos principios da Fé aquelles Indios, ensinã-los a lêr, e escrever para melhor intelligencia sua, e a poderem ensinar tambem aos parentes, e payzaos. E porque esta gente he naturalmente inclinada a musica, em que passavaõ a vida em cantos, e bailes a seu modo rustico, lhes buscaraõ Mestres, que os ensinassem a cantar, e tanger os instrumentos, que na Igreja Catholica se uzaõ, que foy de grande importancia para a conversãõ de muitos, e para os obri-[col. 2]gar a descer das suas Aldêas, e Sertoens vizinhos, e trazerem seus filhos para aprenderem o mesmo. <...>

136. (p. 91) [col. 1] Para tudo tinhaõ bastante, e exemplar incentivo no que viaõ áquelles Religiosos seus Mestres, e Directores. Eraõ continuos nas funçoens do Choro; gostavaõ os Indios de os ouvir cantar os Divinos louvores, e com poucas lipoens entoavaõ juntamente com os Religiosos as Missas Solennes, Ladainhas, e outras semelhantes funçoens Sagradas, e logo houve entre elles muitos, e muy destros no canto do Orgãõ, e hum, chamado Francisco, era bastantemente contrapontista, e punhaõ as letras á solfa em a nossas lingua, que aprendiaõ com facilidade, e tambem na sua, convertendo nesta muitas das suas Gentilicas cantilenas em encomios Divinos, e era certamente muito para dar graças a Deos, vêr em taõ pouco tempo a hum Indiozinho com destra harmonia entoar louvores ao Senhor na sua barbara lingua, que sendo suave aos ouvido, só Deos se sabia entender com ella, e só elle a podia entender.

[...]

LIVRO SEGUNDO De algumas excellencias da Casa de N. Senhora das Neves da Villa de Maria, e Cidade de Olinda, como tambem os desta Provincia, de que foy Capital, e dos Religiosos, que com vida exemplar, virtudes Christãs, e santo fim illustraraõ esta Casa, e de outras acontecimentos dignos de memoria.

VIDA DO P. Fr. MELCHIOR DE Santa Catharina [c. 1546 - 1618], primeiro Custodio, e Fundador desta Provincia de Santo Antonio do Brasil.

CAPITULO III. Da Patria, nascimento, e primeira criaçaõ deste venerando Padre.

[...]

213. <...> (p. 135) [col. 1] Mas era para ver, ou mais para admirar, que quanto era mayor o ardor da calentura [*durante febre que teve na infância, antes de 1562*], tanto se inflamava mais o seu espirito; porque, sem pedir socorros humanos para o refrigerio, só recorria aos Divinos, recitando algumas oraçoens devotas, entoando a vozes outros Canticos da Mãe de Deos, e specialmente os do seu Terço, convidando aos domesticos para que o ajudassem naquella musica do Ceo, com a qual, desabafando os ardores do espirito, só refrigerava o ardente da febre; sendo, no mais accezo della, oraçoens devotas os seus ays; Canticos celestes os seus gemidos; todas as suas queixas louvores Divinos, e o destro compositor da sua musica, a total conformaçã com a vontade de Deos.

[...]

CAPITULO XXXIII. Da Capella do Mosteirinho de S. Francisco no districto de Olinda.

[...]

418. <...> (p. 249) [col. 2] e tudo se colhe de alguns assentos do sobredito livro Antigo, feitos pelo ja nomeado Vigario do Salvador. <...> E está assignado em ambos estes termos, e no que ja referimos da Restauraçã desta Igreja, O Vigario Nunes; e chamava-se elle; Manoel Ferreira Nunes; e foy o primeiro Chantre, quando esta mesma Igreja (p. 249) [col. 1] do Salvador passou o Cathedral, e Sé de Olinda. ⁴³⁴ Este proprio foy o Vigario, que residio na Igreja de S. Joaõ, em quanto se reparava a do Salvador; e he de notar, que nos sobreditos termos, quando falla na Igreja do Salvador, sempre a declara por Matriz, dizendo: Nesta Matriz do Salvador; e quando na de S. Joaõ, só diz; Nesta Igreja de S. Joaõ; porque esta nunca foy Matriz collada, e só fez as vezes de Parochia, supprindo a do Salvador.

480 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA & (Notícia do Brasil, 1587, primeira parte, cap. XIX, § 5).

481 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA & (op. cit., primeira parte, cap. XXXI, § 1).

482 . Cf. GABRIEL SOARES DE SOUSA & (op. cit., primeira parte, cap. LVIII, § 1).

483 . RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e Latino, v. I, 1712, p. 573) assim define Artes: « Regras, & methodos, com cuja observação se fazem muitas obras uteis, agradaveis, & necessarias à Republica. Neste sentido Arte se differença de Sciencia, cujos principios consistem em demonstrações; & neste proprio sentido se divide a Arte em dous ramos, a saber o das Artes Liberaes, que são sette, Grammatica, Rhetorica, Logica, Arithmetica, Musica, Architectura, Astrologia, & se comprehendem neste versos ¶ Lingua, Tropus, Rellio, Numerus, Tonus, Angulus, Astra; & o das Artes mechanicas, que também são sette principaes, das quaes dependem todas as mais; Agricultura, Caza, Guerra, todos os officios fabris, a Cirurgia, as artes de tecer, & navegar, & vão apontadas neste versos ¶ Rus, Manus, Aram, Faber, Vulnera, Lana, Sabes ». A música, portanto, poderia fazer parte desta disciplina. Porém, o tipo de ensino que existia naquela época não permitiria ao « Lente em Artes » transmitir informações muito aprofundadas aos discípulos. É possível ter uma idéia dessas lições de artes ao se ler este fragmento do próprio JARDIM (digressão V, estância V do prefácio, p. 227), quando se refere ao « Lente de Artes » Fr. Raphael da Purificação (Olinda, 1727): « Dictava de memoria, e sem postilla, as lições de Theologia, e não era muito fizesse isto, quem aprende sem Mestres as mais das sciencias. Entendia da Mathematica, e Arithmetica o que bastava para quem não era seu professor, e nellas era consultado. Da Geographia tinha tanta intelligencia, que fazia seu compasso as suas arruações. Lia com desembaraço os caracteres Gregos; a lingua Francesa, Inglesa e Italiana, lia, e entendia com perfeição, e bastantemente da Hebraica. Foy muiuso Aluno das Musas em ambas as Poezias, Latias, e vulgar, bom Theologo, e melhor Filosofo. Com todas estas partes scientificas, na Expositiva, e dos pulpitos, foy singularissimo, ornando esta Arte das artes não só com as partes da Rhetorica necessaria, melhor com os dozes da natureza liberal, presença agradável, voz clara, loquellia desembaraçada, acções naturaes, e graves, compostas sem artificio; discursos novos com propriedade, e appropriados sem violencia, pelo que se fazia buscado com ansia, ouvido com applauso, celebrado sem lisonja, e louvado sem desvanecimento ». Resumindo, são estes os « Lentes de Artes » apontados por JARDIM em toda a « Estância IV » (da digressão V, pp. 206-209): IV - Fr. Francisco dos Santos (Maria, 1627); VII - Fr. Manoel de Christo (Convento do Rio de Janeiro, 1650); I - Fr. João da Natividade (Convento da Bahia, 1661); XI - Fr. Miguel de S. Boaventura (Convento da Bahia, 1672); XVIII - Fr. João Baptista da Ressurreição (Olinda, 1706); III - Fr. João da Conceição Sant-Ago (Recife, 1709). Os outros 18 lentes se referem ao periodo de 1712-1732.

484 . FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (Estado histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco, 1900, p. 16) deixou uma informação importante para a história da música na Sé de Olinda, no final do séc. XVII: « A criação da igreja episcopal de Olinda deu grande incremento às artes; e creou-se logo uma capella de musica na cathedral cujo mestre percebia o honorario annual de 604000, em virtude da Provisão regia de 10 de Abril de 1697.

MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIACÃO TEIXEIRA

(séc. XVIII)

DOCUMENTO: CRÔNICA DO MONESTÉRIO DE SÃO BENTO DE OLINDA ATÉ 1763. Anterior a 1769.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Lê-se, em nota que introduz a publicação do documento, na p. 7 da RIANEP vol. 35: « gentilmente cedida por cópia pelo revmo. abade D. Donifacio Jansen. § Abrange o espaço de tempo que vai dos fins do século XVI, primeiro da colonização, até 1763, e é excelente subsídio para a História da Capitania de Pernambuco. § Foi escrita por Frei Miguel Arcanjo da Anunciação Teixeira de Azevedo, irmão do conhecido cronista Frei Gaspar da Madre de Deus, a respeito de quem o eminente historiador Afonso E. Taunay publicou em estudo que vai servir-nos de introdução ». Nas pp. 96, 100, 112, 122, 127 e 128, há informes sobre música no século XVI.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano. [Recife, IAHGP], vol. 35. jan. 1937 / dez. 1938. 281 pp. (M.R. Pe Abbe. Fr. Miguel Arcanjo da Anunciação Teixeira de Azevedo - Chronica do Mosteiro de S. Bento de Olinda até 1763).

109 Prelado, e 72 Abbe. nos annos 1612-13-14

[...]

[5.] <...> (p. 55) Ficavaõ as das. cazas [“na rua de João Affonso (agora rua do coxo)”, que deixou “João Lopes” ao mosteiro em 1613, pelo seu testamento] obrigadas ao Legado pelo qual os P.P. haviaõ dizer em cada hum anno perpetuamente quarenta, e oito missas pelas almas delles dondores, das quaes sinco haviaõ de ser cantadas, e de Requiem ~~400~~, e huma se havia dizer no oitavario dos Stos. <...>

[...]

250 Prelado, e 210 Abbe. nos annos de 1652-53-54-55-56-57

[...]

[6.] (p. 70) Em 6 de Abr.º de 1656 fez doçaõ da Capella dos Prazeres dos Gararapes o Me. de Campo Genal. Franco. Barreto, e taõben de todos os pertences, como se pôde ver na escritura, q vem no Tombo. Obrigamo nos a fazer a festa de N. Snr.ª dos Prazeres no seo dia com Vesperas, e Missa cantada, e Pregaçãõ; e a Missa seria dita pelo Prelado podendo ser, ou outro Religioso mais antigo, e grave. <...>

[...]

485. FRANCISCO SELMO CORRÊA (Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa, 1863, p. 696) indica a missa « officiada, official ou de requiem, por pessoas que fallerem ». JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO (Eucidório, 1865, v. II, p. 91) é mais claro: « Missa officiada, e missa official. Assim chamavam á missa de Requiem, a que precedia o officio de defuntos, e a qual se solemizava dos ministros, incenso, e canto. Doc. de Lamego de 1364. Havendo os confrades de Santa Maria do Castello de Thomar feito o seu compromisso ao de 1388, ordenaram, que o seu Capellão "Cante cada dia (diga missa rezada) na Igreja de Santa Maria do Castello por todos os Confrades" ».

JOSE MAZZA

(? - 1787)

DOCUMENTO: DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES. s.l., anterior a 1797.

TEXTO: Códice de 25 x 18,6 cm., encadernado em papelão, da seção de manuscritos da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, CKIV/1-26, ff. de 97 folhas, numeradas 1-48, a-v e mais 25 folhas soltas sem numeração, divididas em 8 peças. Não leva título, mas é conhecido como « Dicionário biográfico de músicos portugueses e notícia das suas composições por José Mazza », desde que JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIWARA o citou no *Catálogo dos manuscritos da biblioteca eboracense* (Lisboa, 1871, v. III, p. 482).

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA publicou o códice na revista *Ocidente* em 10 números, de 23(74), jun. 1944 a 25(84), abr. 1945, sem utilizar o número 25(83), mar. 1945. No primeiro número, onde aparece a obra de MAZZA, ALEGRIA descreve cuidadosamente o manuscrito, indicando também os autores que dele trataram. Também acrescenta 170 notas, onde discute as informações do autor. Não conhecemos outra edição do manuscrito de MAZZA.

NOTA SOBRE O AUTOR: Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s.d., v. XVI, p. 650) informa: « Músico e poeta, de origem italiana, m. em Faro a 14-III-1797. Como o poeta escreveu muitas pequenas obras, tais como odes, sonetos, elogios, etc., umas que fez imprimir, outras que existem manuscritas na Biblioteca Pública de Évora, onde se encontra, também manuscrito, uma tradução do célebre poema de Tomás Iriarte, *A Música*, tradução dedicada a Fr. Manuel do Cenáculo, que foi seu amigo e protector. Como músico, fez parte da orquestra da câmara real e escreveu algumas composições, das quais existe uma na mencionada Biblioteca de Évora. Ali se encontra, também manuscrito, um livro da sua autoria com o seguinte título: *Dicionário biográfico de músicos portugueses e notícias das suas principais composições* ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Dicionário biográfico de músicos portugueses. Ocidente*, revista portuguesa mensal. Lisboa, Álvaro Pinto, 23(74):193-200, jun. 1944; 23(75):249-256, jul. 1944; 23(76):361-368, ago. 1944; 23(77):25-32, set. 1944; 24(78):153-160, out. 1944; 24(79):241-248, nov. 1944; 24(80):353-366, dez. 1944; 25(81):17-24, jan. 1945; 25(82):145-152, fev. 1945 [Crónicas]; 25(84):85-100, abr. 1945 [Suplementos].

[...]

(v. 23(75), jul. 1944, p. 250) Antão de S.^{ca} Elias Fr. Religioso Carmelitano natural da Cidade de Lx.^a filho de Francisco de Souza, e Maria Cardoza, foi Mestre na Cappella do seo Convento da mesma cidade muito perito no Contraponto, e não menos no instrumento de Arpa cujo tocou por muitos annos na cathedral de Lx.^a compos hum Te Deum e 4 coros com diversos instrumentos, compos mais responsorios, Missas, Salms, Hinos, Vilancios a 4 a 8 e 2 coros com instrumentos, faleceu em 1748 498.

[...]

(v. 23(78), ago. 1944, p. 362) Euzobio de Mattos Fr. nascoso na Cidade da Baya Capital da America no anno de 1629, floreseo no seculo de 800 da Companhia passou para os Carmelitas, foi Compozitor famoso de Muzica e era tão sabio nas mais artes, e sciencias, que dele dizia o grande Vieira, que Deos se empinhava a faze-lo em tudo grande Compos varias obras em Muzica, faleseo no Convento Patrio no anno de 1692 [o correto é 1692] com 63 annos de idade 33 de Jesuita, e 15 de Carmelita; dele faz menção Fr. Manoel de Sá Mez. Hist. das Escrit. Portug. do Carn. Cap. 24 pag. 140 487.

[...]

486. ROBERT STEVENSON (*Some portuguese sources for early brazilian music history*, 1968, p. 23) informa: « Further evidence of Baian musical culture in the 1690's comes to light in the career of the virtuous harpist and chapel master Antônio de Santo Elias, who took the habit in the Carmelite house at Bahia on April 8, 1696, professing there a year later. Composer of various Christian responsories for two choruses, accompanied by "rebecas, relectes, e flautas" (violins, bass viols, flutes) and of Masses a 4 and a 8 "com diversidade de instrumentos" Santo Elias left also a *Te Deum* for four instrumentally accompanied choruses, several hymns, psalms, a Magnificat, and numerous villancicos ». A fonte de STEVENSON parece ter sido a *mesa de Os Músicos Portuguezes*, de JOAQUIM DE WESCONCELOS (1870, v. 1, p. 94), onde encontramos estas informações sobre Antônio de Santo Elias: « Foram seus pais Francisco de Sousa e Maria Cardoso. Passou grande parte da sua mocidade no Brazil, professando no convento carmelitano da Bahia a 8 de Abril de 1697, onde tinha entrado um anno antes. No seu regresso a Lisboa foi nomeado Mestre de Capella no convento da sua ordem, cargo que exerceu durante 3 annos. Foi igualmente harpista na Cathedral de Lisboa depois da sua volta a Portugal; distinguio-se a' este instrumento. Em 1745 ainda existia no convento do Carmo. ¶ Morreu no convento patrio em 1748. ¶ As suas composições são: 1) *Te-Deum* laudamus, a 4 coros com diversos instrumentos. 2) *Responsorios das Matinas* nos 3 dias da Semana Santa a 2 coros. 3) *Responsorio das Matinas do Natal*, Festa da Purificação, de Nossa Senhora do Carmo e Santo André Corsino, a 2 coros com Rebecas e Flautas. 4) *Missa* a 4 e 8 vozes com diversos instrumentos. 5) *Psalms e Magnificas*, a 4 e 8 vozes com instrumentos. 6) *Hymns* a 4 vozes de Estante. 7) *Villancicos do Natal*, Reis, Santa Cecilia e S. Vicente, a 2 coros com instrumentos. 8) *Uma cantata* feita por occasião do anniversario do casamento de D. João V. ¶ Estas composições encontravam-se no fim do seculo passado [XVIII] no mosteiro de Belém ». Em nota ao pé da página (nota a), WESCONCELOS afirma que « Santa Anna, na *Chronica dos Carmelitas*, vol. 1, pag. 788, chama-lhe: Professor das Artes da Musica e Contraponto ».

487. O *Dicionário bibliográfico português*, de INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, não tem nenhum livro cujo título seja idêntico ao abreviado por MAZZA. Contudo, encontramos no vol. VI (1862, p. 100, n.ºs 1264 e 1265) duas obras do Fr. MANUEL DE SA (1673-1735) com títulos próximos ao que procuramos. A que mais se aproxima à referência deixada por MAZZA é a primeira: n.º 1264 - *Memorias historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos e Escriptores portuguezes do Ordem de Nossa Senhora do Carmo, revistidas a catálogo alphabetico*. Lisboa, na Offic. Ferreiriana 1729. 4.º de XL, 544 pp. [103 capítulos com biografias dispostas em ordem alfabética]; n.º 1265 - *Memorias historicas da ordem de Nossa Senhora do Carmo da provincia de Portugal*. Parte Primeira. Lisboa, na Offic. de José Antonio da Silva 1727. 4.º de LII, 600 pp..

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

**A. Documentos sobre a música na
Sé da Bahia (1552-1701)**

GOVERNO GERAL DO BRASIL

DOCUMENTOS: DIVERSOS SOBRE OS MÚNICIOS DA BA DA BAHIA, 1552-1701.

TEXTOS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS: Estas informações, encontradas nos OM, provêm de sete códices diferentes, todos da Biblioteca Nacional: Vol. 7: Códice 1-4-1-43; Vols. 14 e 38: « Registo de Provisões Reaes », códice 1-19-7-2; Vols. 22 e 24: « Registo de Provisões Reaes » (cópia recente), vol. VII, códice 19-11-1; Vol. 34: Códice 1-1-2-42; Vols. 33-36: « Cópia do livro 19 do Registo de Movimentos Seculares e ecclesiasticos da Cidade da Bahia e terras do Brasil feita por determinação do Illmo e Exmo Sr. D. Fernando José de Portugal Governador e Cap.º General da Capitania da Bahia, Anno de 1800 », códice 1-19-16-1; Vols. 66-67: Códice 1-4-3-56, « Cartas Régias »; Vols. 83-84: « Registo de Cartas Régias Livro 29 », códice 1-19-17-2.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: Documentos Históricos 1660-1670. Vol. VII da série E V dos docs. da Bib. Naz. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C, 1929. 510 pp.

Documentos Históricos 1651-1625; Mandados, Provisões, Doações. Vol. XIV da Série E III dos docs. da Bib. Naz. Rio de Janeiro, Typ. Moura, 1929. 499 pp.

Documentos Históricos 1668-1669; Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. Vol. XIII. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira.

Documentos Históricos 1670-1672; Provisões, Patentes, Alvarás, Sesmarias, Mandados, etc. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1934. 376 pp.

Documentos Históricos 1692-1712; Provisões, Patentes, Alvarás, Cartas. Vol. XIV. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1936. 510 pp.

Documentos Históricos 1549-1559; Provisões Seculares e Ecclesiasticas. Vol. XIV. Rio de Janeiro, 1937. 496 pp.

Documentos Históricos 1559-1577; Provisões Seculares e Ecclesiasticas. Vol. XIV. Rio de Janeiro, 1937. xiii, 453 pp.

Documentos Históricos; Mandados, Alvarás, Provisões, Sesmarias. 1549-1553; Cartas dos Governadores Gerais 1692-1698. Vol. XIVIII. Rio de Janeiro, 1937. xvi, 484 pp.

Documentos Históricos; Cartas Régias 1651-1667. Vol. LXVI. Rio de Janeiro, Typ. Baptista de Souza, 1944. 400 pp.

Documentos Históricos; Cartas Régias 1667-1681. Vol. LXVII. Rio de Janeiro, Typ. Baptista de Souza, 1945. 399 pp.

Documentos Históricos; Registo de Cartas Régias 1683-1697. Vol. LXXIII. [Rio de Janeiro], Biblioteca Nacional, 1949. 299 pp.

Documentos Históricos; Registo de Cartas Régias 1697-1705; Pernambuco e outras capitanias do Norte; Cartas e Ordens 1717. Vol. LXIV. [Rio de Janeiro], Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1949. 295 pp.

Documentos Históricos 1549-1552; Mandados. Vol. LXVII. 1937. xxi, 463 pp.

Documentos Históricos; Mandados, Alvarás, Provisões, Sesmarias. 1549-1553; Cartas dos Governadores Gerais 1692-1698. Vol. LXVIII, 1937. xvi, 484 pp.

Provisão do Bispo desta Cidade do Salvador, pela qual nomeia certas Pessoas que sirvam de Capellães, e Mopos de Cõro da dita Sé pelo poder, que para isso tinha do Santo Padre, e de El-Rei Nosso Senhor.

(v. XXXV, p. 131) D. Pero Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador etc. Faço saber a Vós muito presado Senhor Antonio Cardoso Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor em todas estas Partes da Costa do Brasil, que o Santo Padre Julio 3 ora Presidente na Igreja de Deus me commete suas vezes na Bulla da Creação deste Bispado; que eu com o parecer de Sua Alteza possa

crear e ordenar em esta Sé os Conegos, e Dignidades, que me parecerem necessarios, o que tambem consta por uma Provisão do dito Senhor feita a Vossa Mercê, por que lhe manda, que em seu nome apresente nas Conezias, e Dignidades desta Sé as Pessoas, que eu nomear, e outras nenhuma não. E porquanto depois desta Provisão ser feita Sua Alteza apresentou no Reino quasi todos os Padres, que comigo vieram, como consta por suas apresentações, que aqui tem, não me fica agora por nomear senão seis Capellães, que Sua Alteza ordenou na Carta Geral dos Ordenados para ajudarem a servir esta Sé e dois Moços do Cõro, os quaes seis Capellães nomeio por agora a João de Varzea, e a Martin Soares Irmão do Vigario desta Sé, e a Bastião Pereira, por não achar ao presente outros sufficientes, que possam encher o numero: e por Moços do Cõro nomeio a João Filho de João Velho, e Diogo filho de Matheus de Juro morador nesta Cidade. Certifico-o assim (p. 132) a Vossa Mercê, para que o mande pôr em lembrança, e lhes mande a seu tempo pagar seu ordenado. Feita nesta Cidade do Salvador sob meu signal, e sello. Fernão Pires da Nobrega o fez aos 17 dias do mez de Agosto de 1552. A qual era assignada pelo dito Bispo, e Sellador do Sello de suas Armas.

Traslado, e Registo da Carta de Apresentação, por que o Provedor-mor Antonio Cardoso de Barros apresentou ao Bispo desta Cidade do Salvador a sua nomeação para que o confirme a Francisco de Vacas a Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade por virtude da Provisão de Sua Alteza, que para isso tinha para em seu nome apresentar as ditas Dignidades, e Benefícios.

(v. *XXIV*, p. 169) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a Vós mi Reverendíssimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos destas ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes, a que o conhecimento deste com direito pertencer, que a mim me praz apresentar, como de effeito apresento a Francisco de Vacas Clerigo de Ordens de Evangelho á Dignidade de Chantre⁴⁰⁰ da Sé desta Cidade; e isto por me o dito Francisco de Vacas⁴⁰⁰ ser por Vossa Senhoria nomeado para que assim o apresentasse na dita Dignidade, segundo vi por esta Certidão atrás da dita Nomeação por Vossa Senhoria assignada, e sellada com o sinete de (p. 170) vossas armas feita a 22 de Junho de 1553, o qual Francisco de Vacas nesta minha Carta declarado o apresento pela dita maneira á dita Dignidade de Chantre desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre e perpetuo Administrador, que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta as ditas Dignidades por Bulla, que para isso tem do Santo Padre o que assim em seu Nome apresento para Conservação, e guarda do Direito da dita Ordem, por virtude de uma Carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem para na apresentação das ditas Dignidades que se nestas partes provem a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por ben; e por evitar trabalho, e custo, que se daria aos Padres, que têm as ditas Dignidades, Conezias, e Capellarias, e Curados, que em ellas fossem providos se daria pela muita distancia que ha destas ditas partes ao Reino, como mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou pelo que peço, e encomento a Vossa Senhoria em nome do dito Senhor, que confirme na dita Dignidade de Chantre ao dito Francisco de Vacas, e lhe passeis vossas Letras da Confirmação em fôrma, nas quaes fará expressa menção de como o assim confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho para guarda, e Conservação do direito da dita Ordem. Francisco Mendes

da Costa a fez na Cidade do Salvador a 26 de Junho de 1553 annos. A qual Nomeação do dito Bispo estava (p. 171) em uma folha nas Costas desta Apresentação. A qual o dito Bispo por uma Confirmação adiante escripta, confirmou ao dito Francisco de Vacas na dita Dignidade.

[*Registro de Provisões Reaes*]

1388 — (v. *XXXVIII*, p. 178 e v. *XIV*, p. 363) A tres do dito mez [agosto de 1553] passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Lopes⁴⁸⁰ Mestre da Capella tres mil, e quinhentos reis em dinheiro, que lhe eram devidos de cinco arrobas de algodão ensacado <...>

1388 — A tres do dito mez passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Lopes Mestre da Capella tres mil, e quinhentos reis em dinheiro, que lhe são devidos de cinco arrobas de Algodão ensacado a setecentos reis arroba para Sua Alteza; e que por elle, e seu Conhecimento, en que declarasse receber a dita somma, e ficasse Carregado em Receita sobre o dito Thesoureiro lhe sejam Levados em Conta.

Traslado, e Registo da Carta por que foi apresentado pelo Provedor-mor em um dos Lugares de Moço do Côro da Sé desta Cidade, a Sinão de Oliveira filho de Antonio de Oliveira.

(v. *XXIV*, p. 219) Antonio Cardoso de Barros Etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos destas ditas Partes, ou a Vossos Loco Tenentes a que o conhecimento deste com direito pertencer, que eu apresento ora novamente a Sinão de Oliveira, (p. 220) filho de Antonio de Oliveira por Moço de Côro⁴⁸¹ da Sé desta dita Cidade, e isto por me o dito Sinão de Oliveira ser por V. S. nomeado para que assin o apresentasse por Moço do Côro segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada, e sellada com o sinete de vossas armas feita aos 31 de Março deste anno de 1554, o qual Sinão de Oliveira nesta minha Carta declarado apresento pela dita maneira a Moço do Côro desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre, e perpetuo Administrador da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta os ditos Moços do Côro por bulla, que para isso tem do Santo Padre, o que assin em seu Nome apresento para guarda, e conservação do Direito da dita Ordem, por virtude de uma carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual S. A. me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação dos ditos Moços do Côro, que se nesta dita Sé provesse a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por bem por evitar o trabalho, e custo, que se daria ás pessoas, que nos ditos lugares de moços do Côro, que nellas fossem providos se daria pela muita distancia, que ha destas ditas partes ao Reino, com mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encomendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme em Moço do dito Côro ao dito Sinão de Oliveira, e lhe passeis vossas Letras de Confirmação em fórma, nas quaes fará expressa menção de como o assin confirmou a minha apresentação, pelo (p. 221) dito poder, que para ello tenho para guarda, e Conservação do Direito da dita Ordem; e começará a vencer seu Ordenado da feitura deste em diante. Francisco Mendes da Costa o fez ao 12 de Abril. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554.

Traslado, e Registo da Apresentação, com que foi apresentado a Moço do Côro Diogo filho de Diogo Rodrigues.

(v. *XXIV*, p. 221) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos das ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes, a que o conhecimento deste com direito pertencer, que apresento ora novamente a Diogo filho de Diogo Rodrigues a um dos lugares de Moço do Côro desta dita Sé, e isto por me o dito moço Diogo ser por V. S. nomeado, para que assim apresentasse no dito lugar de Moço do Côro, segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada, e sellada com o sinete de vossas armas feita aos 27 de Abril deste anno de 1554. O qual Diogo nesta Carta declarado apresento pela dita maneira a Moço do Côro desta dita Sé em nome do dito Senhor, que como Mestre, e perpetuo Administrador que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta os ditos moços do Côro; por muita, que (p. 222) para isso tem do Santo Padre, o que assim em seu nome apresento para guarda, e conservação do Direito da dita Ordem, por virtude de uma Carta Patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação dos ditos moços do Côro, que se nestas proverem a vossa nomeação, como Mestre, que é da dita Ordem, o que Sua Alteza assim ha por bem por evitar o trabalho, e custo que aos que cá nos ditos lugares de Moço do Côro se daria sendo cá providos, pela muita distancia, que ha destas ditas partes ao Reino, como mais larga, e compridamente Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encomendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme em Moço do Côro ao dito Diogo e lhe passeis vossas Letras de Confirmação, em fôrma, nas quaes fará expressa menção de como o assim confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho, e para guarda, e Conservação do Direito da dita Ordem. Francisco Mendes da Costa o fez na dita Cidade ao derradeiro de Abril. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554.

Traslado, e Registo da Apresentação de João Lopes Mestre da Capella na Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade.

(v. *XXIV*, p. 221) Antonio Cardoso de Barros Provedor-mor da Fazenda de El-Rei Nosso Senhor nestas Partes do Brasil etc. Faço saber a vós Mui Reverendissimo, e Illustre Senhor D. Pedro Fernandes Bispo desta Cidade do Salvador da Bahia de todos os Santos destas ditas Partes, ou a vossos Loco Tenentes a que o conhecimento deste com direito pertencer; que eu apresento ora novamente a João Lopes Mestre da Capella á Dignidade de Chantre da Sé desta Cidade se com direito posso, ou devo fazer por na dita Dignidade ter já apresentado Francisco de Vacas conteudo nesta sua Certidão atrás, e isto por me o dito João Lopes ser ora por V. S. nomeado para que o assim apresentasse na dita Dignidade, segundo vi por esta sua Certidão atrás da dita nomeação por V. S. assignada e sellada com o sinete de vossas Armas feita aos 18 dias do Mez de Maio de 1554, o qual João Lopes nesta minha Carta declarado apresento pela dita maneira á dita Dignidade de Chantre desta dita Sé em Nome do dito Senhor, que como Mestre e perpetuo Administrador, que é da Ordem, e Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo apresenta as ditas Dignidades, por bulla, que para isso tem do Santo Padre para guarda, e conservação do direito da dita Ordem, por virtude de uma

Carta patente em pergaminho assignada pelo dito Senhor, que a mim me enviou, pela qual Sua Alteza me dá, e outorga todo o poder, que tem na apresentação das ditas Dignidades, que nestas Partes proverem a Vossa Nomeação, como Mestre, que é bem por evitar o trabalho, e custo, que aos Padres, que cá nas ditas Dignidades fossem providos se daria pela muita distancia, que ha destas ditas Partes ao Reino como mais Larga, e Comprimento Sua Alteza o declara na dita Patente, que para mim passou; pelo que peço, e encomendo a V. S. em Nome do dito Senhor, que confirme na dita Dignidade de Chantre ao dito João Lopes, e lhe passeis vossas Letras de Confirmação em fôrma, nas quaes fará expressa menção de como assin o confirmou a minha apresentação pelo dito poder, que para ello tenho, para guarda, e conservação do Direito da dita Orden. Francisco Mendes da Costa a fez a 18 de Maio Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1554 annos.

Confirmação do Chantre Ruy Pimenta.

(v. *XXVI*, p. 77) D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica de Roma Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todos os Santos, terras do Brasil, e Commissario Geral por autoridade Apostolica em todas as Capitánias, e lugares das ditas terras, do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor. A todos os que esta Minha Carta de Confirmação, e posse virem saude em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeira Salvação. Fazemos saber que perante Nós appareceu Ruy Pimenta Clerigo de ordens Menores, e Nos apresentou uma carta de Apresentação do Senhor Diogo Moniz Barreto Fidalgo da Casa d'El-Rei Nosso Senhor, Capitão da dita Cidade, e seu Governador Geral nas ditas Capitánias, e terras desta Costa do Brasil, pela qual Carta em Nome do dito Senhor como Governador, e Perpetuo Administrador, que é do Mestrado, e Orden da Cavallaria de Nosso (p. 78) Senhor Jesus Christo Nos apresentou o dito Ruy Pimenta ao Chantrado⁴⁰² da Sé da dita Cidade, que vagou por renunciação, que delle fez em Nossas mãos João Lopes, ultimo possuidor do dito Chantrado, e tambem pelo eu achar intruso nelle por fallecimento de Francisco de Vacas Chantre finalmente, que pela renunciação do dito João Lopes que em Nossas mãos tem feito, ou por estar vago por fallecimento do dito Francisco de Vacas, o apresento ao dito Ruy Pimenta ao dito Chantrado pelo melhor modo, e maneira, que com direito posso fazer. E vista por Nós a dita Carta de Apresentação, confiando na bondade, e bon saber do dito Ruy Pimenta, e sendo por Nós examinado, o achamos apto, e sufficiente para servir a dita Chantria, como cumpre a serviço de Deus, e descargo de Nossa Consciencia, pelo que por imposição de barrete, que em sua cabeça puzemos o confirmamos, e com effeito havemos por confirmado na dita Chantria a apresentação do dito Senhor, a quem de Direito pertence, como Mestre, e Governador, que é da dita Orden, e Cavallaria, com a qual Chantria o dito Ruy Pimenta haverá o Ordenado Limitado na Provisão Geral do dito Senhor, e os mais redditos, e proveitos, que direita, e canonicamente deve haver, e outrosim será obrigado a servir, e residir pessoalmente na dita Chantria, como o Direito manda, e Nós ordenamos; e logo jurou em Nossas Mãos aos Santor Evangelhos de ser sempre obediente a Nós e a Nossos Successores canonicamente no dito Bispado entrantes, e de cumprir, e guardar todos Nossos Mandados, e de Nossos Vigarios Geraes, Orvidores, e Loco Tenentes, e de nunca directo, nec indirecto ser contra Nós, nem contra Nossos Mandados, e de guardar o Regimento, e Instrução, que para bon governo, e Regimento do dito Bispado fizemos e ordenamos e nentes não houver Constituições do Arcebispado de Lisboa digo Constituições, de cumprir, e guardar as Constituições do Arcebispado de Lisboa Metropolitano, assim, e da maneira, que nellas se contém no Cap. ego enim de jure jurando; e por esta presente Carta Mandamos em virtude de Santa obediencia, e sub

pena de excommunião a qualquer Clerigo, ou Notario, que sendo requeridos pelo dito Ruy Pimenta o mettam de posse Real, e actualmente, incorporando-o nella com todas as solennidades, que o Direito requer, e da tal posse Real, actual, e Corporea lhe passem seus Instrumentos em publica fórma para guarda, e Conservação de seu Direito, em testemunho do qual lhe mandamos passar a presente Carta de Confirmação por Nós assignada, e sellada de Nosso Sello nesta Cidade do Salvador aos 15 dias do Mez de Março. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1560. E eu João de Amarante que ora sirvo de Escrivão da Camara do dito Senhor Bispo, que o escrevi. E o dito Ruy Pimenta tomou posse do dito Chantrado, segundo eu Escrivão da Fazenda vi por um Instrumento de posse, que o dito Ruy Pimenta serviu este Chantrado e começou a servir aos 23 dias de Março de 1560 annos, como vi por uma Certidão do Bispo feita, e assignada pelo dito Bispo aos 14 de Maio do dito anno e por mais declaração trasladei aqui a dita Certidão, e é o seguinte.

(p. 80) Senhor. Certifico a Vossa Mercê, que Ruy Pimenta Começou a servir o Chantrado, que foi de João Lopes aos 23 de Março de 1560 annos, o que constou por seu juramento, e pelo Aportador da Nossa Sé, e por assim passar na Verdade passei esta Certidão por mim feita, e assignada, para Vossa Mercê lhe mandar pagar hoje 14 de Maio do dito anno. E esta Certidão parece ser do Senhor Bispo.

(Nota á margem): -- A Carta de Ruy Pimenta Chantre vae adiante, e esta não lhe serve por não ser a apresentação do Governador a quem pertencia como El-Rei Nosso Senhor o manda e vae a folhas, e folhas, e portanto fiz esta declaração aqui e risquei esta Carta.

Outra Certidão.

(v. XXVI, p. 80) Assim Certifico a Vossa Mercê, que Pedro da Fonseca começou a tanger os Orgãos da dita Sé dia de Natal 25 de Dezembro de 1560 annos, e o Mestre da Capella no mesmo dia de Natal da dita era, e os dois Moços do Còro, que Sua Alteza ora novamente acrescentou, como se verá por sua Provisão, que Vossa Mercê (p. 91) mandou registrar começaram a servir a 15 de Dezembro de 1558 annos; e por assim passar na verdade, lhe dei esta Certidão por mim feita, e assignada hoje de Maio de 1560 annos. E outrossim esta Certidão parecia ser feita da Letra, e Signal do dito Bispo. E portanto fiz aqui esta declaração hoje 14 de Maio. Manoel de Oliva Escrivão da Fazenda as trasladei, e registei de 1560 annos e assignei por me mandar o Doutor Braz Fragoso Provedor-mor. Manoel de Oliva de Mendonça.

Declaro mais a Vossa Mercê, que João Barantes serviu a Meia Conezia do dito Francisco de Paiva até 14 de Fevereiro de 1560 annos. E por assim passar na verdade fiz esta declaração hoje 14 de Maio de 1560 annos.

Certifico mais a Vossa Mercê, que Domingos Martins começou a servir a Conezia, que foi de Ruy Pimenta aos 24 de Maio de 1560. E por assim passar na verdade lhe dei esta Certidão por mim feita, e assignada hoje 14 de Maio do dito anno, e declaro a Certidão ser feita, e assignada pelo dito Bispo, e registei esta com todas as mais por mandado do Doutor Braz Fragoso, Provedor-mor e portanto assignei aqui. Manoel de Oliva de Mendonça.

Nomeação de Moço do Côro da Sé a Diogo filho de Diogo Rodrigues.

(v. *XXVI*, p. 81) O Bispo. Fazemos saber aos que este Nosso Alvará virem, que Nós nomeamos, e apresentamos a Diogo filho de Diogo Rodrigues, para que sirva de Moço de Côro da Nossa Sé, com o qual haverá seis mil reis, que Sua Alteza por sua Provisão acrescentou ora aos Moços do Côro, os quaes haverá, e lhe serão pagos conforme a dita Provisão; e por este Mando ao Prioste, que ora é, e pelo tempo for, que lhe pague os ditos 6\$ reis na maneira, e fórma da dita Provisão; e o dito Diogo será obrigado a servir o dito Cargo de moço do Côro assim, e da maneira, que Nós ordenarmos por Nosso Regimento, o qual Cargo servirá enquanto o elle bem fizer, ou Nós não mandarmos o contrario; e para Certeza dello lhe mandamos passar este Nosso Alvará por Nós assignado, e sellado com o sello digo e sellado com o Nosso Sello aos 18 dias do Mez de Dezembro. Gaspar Ferraz a fez. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1558 annos. Antonio de Aguiar a fez escrever.

Carta Regia para haver um Mestre da Capella da Sé.

(v. *XXVI*, p. 82) Reverendo Bispo Amigo. Eu Hei por bem por alguns justos respeitoes, que Me a isso movem, que haja na Sé da Cidade do Salvador das Partes do Brasil um Mestre de Canto⁴⁸³, que sirva de Mestre da Capella⁴⁸⁴ da dita Sé, o qual Vós Nameareis, e será removível para poderdes sempre ter quem sirva o dito Cargo, e não nameareis nelle Dignidade, nem Conego da dita Sé por ser isso do Serviço della, ainda que haja algum, que tenha Provisão do Bispo D. Pedro (p. 33) Fernandes, se constar, que o dito Bispo lhe não podia dar o dito Cargo perpetuo, parecendo-vos, que se deveu acrescentar a elle mais obrigações, e pôr-se-lhe encargo de ensinar mais Orfãos, e pobres dos que agora ensina, o fareis á Pessoa a que novamente proverdes do dito Cargo, o que assim Cumprireis, posto que elle não seja passado pela Chancellaria. Jorge da Costa o fez em Lisboa a 15 de Junho de 1558. Manoel da Costa o fiz escrever. O qual Alvará e Provisão estava assignado pela Rainha Nossa Senhora segundo parecia por seu signal.

Carta, por onde as Dignidades, Conegos, Capellães, e Moços do Côro hão de haver acrescentamento de seus Ordenados, além do que têm por outra Provisão d'El-Rei.

(v. *XXVI*, p. 13) D. Sebastião por Graça de Deus, Rei de Portugal, e dos Algarves dequem, e dalem Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação Commercio de Ethiopia, Arabia Persia, e da India etc. como Governador, e Perpetuo Administrador que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo, aos que esta Carta virem Faço saber, que eu Hei por bem, e Me Praz de acrescentar ás quatro Dignidades, a saber Deão, Chantre, Mestre Escola, e Thesoureiro, e aos seis Conegos da Sé da Cidade do Salvador nas Partes do Brasil as quantias abaixo declaradas a saber; Ao Deão (p. 14) vinte mil reis, alem dos outros 20\$ reis, que já tem; e a cada uma das outras tres Dignidades quinze mil réis mais alem dos vinte mil reis que têm de sua instituição, e a cada um dos ditos seis Conegos dezoito mil reis alem dos doze mil reis, que têm, para que daqui em diante tenham e hajam em cada um anno a saber: o dito Deão 40\$ reis, e cada uma das tres Dignidades trinta, e cinco mil reis; e cada um dos ditos Conegos trinta

mil reis; e todas as ditas Dignidades, e Conegos, não haverão a parte, que lhes cabia do Dizimo das Miunças, em que podiam montar a cada um por anno dez mil reis: E assim Hei por bem de acrescentar aos seis Capellães da dita Sé quatro mil reis alem dos 800 reis que têm, para que cada um delles tenha, e haja outrosim daqui em diante doze mil reis cada anno; e por este Hei por bem, e Me Praz, que alem das ditas Dignidades e Conegos haja na dita Sé dois meios Conegos, e que cada um delles tenha, e hajam de seu mantimento Ordenado quinze mil reis cada anno; e assim hajam mais dois moços de Côro, além dos outros dois, que tenha a dita Sé para serem por todos quatro, e que cada um dos quatro Moços do Côro hajam de mantimento ordenado em cada um anno seis mil reis, entrando nelles os dois mil reis, que já tem cada um dos dois, que atégora houve na dita Sé, os quaes acrescentamentos, e mantimentos nesta Carta declarados serão pagos ás ditas Dignidades, Conegos, Meios Conegos, e Capellães, e Moços do Côro na forma, e modo maneira contada, e declarada em uma Minha Carta, que mandei passar sobre os pagamentos dos mantimentos, e Ordenados, (p. 15) e acrescentamentos do Bispado desta Cidade do Salvador, e Ministros da dita Sé. E portanto Mando ao Provedor de Minha Fazenda nas ditas Partes do Brasil, que pela maneira declarada na dita Provisão faça pagar aos sobreditos as quantias, que por esta Carta Hei por bem, que cada um haja de seus acrescentamentos, e mantimentos, e a faça em tudo cumprir, e guardar assim, e a maneira, que se nella contém, e assim Mando ao Barão de Alvíto Veador de Minha Fazenda, que faça assentar os ditos acrescentamentos, e mantimentos no Livro da Fazenda da dita Ordem no modo declarado em esta Carta, que para firmeza dello lhe mandei dar. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 14 dias do Mez de Setembro. Anno do Nasoimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559. Eu Duarte Dias a fiz escrever. A qual Provisão vinha assignada pela Rainha Nossa Senhora. A qual eu Sebastião de Rabello Escrivão da Fazenda aqui trasladei fielmente, sem duvida, que elle faça, e concertei com o Escrivão abaixo assignado aos nove dias do Mez de Dezembro de 1559 annos.

Alvará de Sua Alteza para haver um tangedor, na Sé desta Cidade que tenha os Orgãos.

(v. XXXVI, p. 27) Eu El-Rei. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo. Faço saber aos que este Alvará virem, que Hei por bem, e Me praz, que na Sé da Cidade do Salvador das Partes do Brasil haja daqui em diante um tangedor dos Orgãos o qual haverá de mantimento ordenado doze mil reis em cada um anno a custa de Minha Fazenda enquanto se não acabar de fazer a dita Sé; porque tanto que for acabada haverá o dito Ordenado dos quarenta mil reis, que são ordenados para a fabrica della; e o dito Tangedor servirá o dito Cargo conforme o Regimento, que lhe para isso dará o Bispo das Partes do Brasil, e o Cabido da dita Sé; e o tempo, em que assim houver de haver o dito Ordenado a custa de Minha Fazenda lhe será pago no Official, ou Officinas, em que por uma Minha Provisão ordenei, que fossem pagos os mantimentos, e Ordenados, e acrescentamento ao dito Bispo, e ás Dignidades, Conegos, e Ministros da dita Sé. E pelo traslado da dita Provisão, e desta com Conhecimento do dito Tangedor, e Certidão do dito Bispo ou do Deão da dita Sé, de como o dito Tangedor serve nella, e cumpre as obrigações, que tem conforme ao dito Regimento, que lhe ha de ser dado, e de como a dita Sé não é acabada, serão os ditos doze mil reis levados em Conta ao Thesoureiro Almojarife, ou Official outro, que lhes pagar: e Mando ao Barão (p. 28) de Alvíto Veador de Minha Fazenda, que os faça assentar no Livro da Fazenda da dita Ordem com as ditas declarações, e este Alvará quero que valha, tenha força, e vigor, como se fosse Carta Feita em Meu Nome, por Mim assignada e

passada pela Chancellaria, sem embargo da Ordenação do 2.º Livro titulo 20, que diz, que as cousas, cujo effeito houver de durar mais de um anno, passem por Cartas, e por Alvarás não valham. Simão Borralho a fez em Lisboa aos 8 dias do Mez de Setembro de 1558 annos. Eu Duarte Dias o fiz escrever. O qual Alvará vinha assignado pela Rainha Nossa Senhora, e com os seus Registos. O qual Eu Sebastião Rebello Escrivão da Fazenda aqui registei fielmente sem dúvida, que a elle faça, e concertei com o Escrivão abaixo assignado aos 9 dias do mez de Dezembro de 1558 annos.

Nomeação, e Apresentação da Conezia para Ruy Pimenta.

(v. *XXVI*, 1837, p. 46) Conforme a Provisão, que trago de Sua Alteza, em que me dá Licença, poder nomear em todos os beneficios, que vagarem no Bispado do Brasil, e assim dá poder a V. S. em seu nome de apresentar, nomeio ora a Ruy Pimenta na Conezia, que vagou por fallecimento de Diogo Marques, e a Bartholomeu Garcia na Conezia, que em Minhas Mãos renunciou Luiz Barreiros, e a João Fernandes na Conezia de Duarte Dias, e a Francisco de Paiva numa meia Co-(p. 47)nezia, e a Francisco de Argolo noutra, e a Henrique Nunes em uma Capellania, e a Pedro Gonçalves noutra, e a Bartholomeu Pires por Mestre da Capella por Sua Alteza assim o haver pro seu Serviço, que nenhuma Dignidade servisse de Mestre da Capella, e a Felipe, por Moço do Câro, e a Belchior; e assim nomeio a Domingos Martins na Conezia de Affonso Pires, e assim nomeio a Domingos Martins na Conezia de Affonso Pires, (sic) e por assim me parecer serviço de Nosso Senhor, e elles serem sufficientes para os taes Officios. Peço a V. S. muito por Mercê, que conforme ao Alvará de Sua Alteza os queira apresentar, e por passar na Verdade fiz este, e assignei hoje 11 de Dezembro de 58 annos. A qual Nomeação estava assignada pelo Bispo D. Pedro Leitão. Bispo de Salvador. E eu Manoel de Oliva aqui trasladei na verdade.

Carta da Chentria de Ruy Pimenta Chentre da Sé desta Cidade.

(v. *XXVI*, p. 148) D. Pedro Leitão por Mercê de Deus, e da Santa Sé Apostolica de Roma Bispo da Cidade do Salvador da Bahia de todos Santos, terras do Brasil, Commissario Geral por autoridade Apostolica em todas as Capitancias, e Lugares da dita Costa do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor. A todos os que esta Minha Carta de Confirmação, e posse virem saude em Jesus Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeira Salvação. Fazemos saber, que perante Nós appareceu Ruy Pimenta, Clerigo de Ordens Sacras, e nos apresentou uma Carta de Apresentação do Senhor Mem de Sá do Conselho d'El-Rei Nosso Senhor, Capitão da dita Cidade, e Governador Geral nas ditas Capitancias, e terras desta Costa, pela qual Carta em Nome do dito Senhor, como Governador e perpetuo Administrador, que é do Mestrado, e Orden da Cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo Nos apresentou o dito Ruy Pimenta ao Chentrado da Sé da dita Cidade, que vagou por renunciação, que delle fez em Nossas Mãos João Lopes ultimo possuidor do dito Chentrado, e tambem pelo eu achar intruso nelle por fallecimento de Francisco de Vacas Chentre finalmente, que pela renunciação do dito João Lopes, que em Nossas Mãos tem feito, ou por estar vago por fallecimento do dito Francisco de Vacas o apresento ao dito Ruy Pimenta ao dito Chentrado pelo melhor modo, e maneira, que com direito o posso, e devo fazer. E vista por Nós a dita Carta de Apresentação, confiando na bondade, e bom saber do (p. 149) dito Ruy Pimenta; e sendo por Nós examinado o achamos apto, e sufficiente para servir a dita Chentria, como cumpre a serviço de Deus, e descargo de Nossa

Consciencia pelo qual por imposição de barrete, que em sua cabeça puzemos o confirmamos, e com effeito o havemos por confirmado na dita Chantria a apresentação do dito Senhor a quem de Direito pertence, como Mestre, e Governador, que é da dita Ordem, e Cavallaria, com a qual Chantria o dito Ruy Pimenta haverá o ordenado Limitado na Provisão geral do dito Senhor e os mais redditos, e proveitos, que direita, e canonicamente deve haver, outrossia será obrigado a residir, e servir pessoalmente na dita Chantria, como o Direito manda, e Nós Ordenamos. E logo jurou em Nossas Mãos aos Santos Evangelhos de ser sempre obediente a Nós, e a Nossos Successores canonicamente entrates, e de cumprir, e guardar todos Nossos Mandados, e de Nossos Vigarios Geraes, Ouvidores, e Loco Tenentes, e de nunca directa nec indirecte ser contra Nós, nem contra Nossos Mandados, e de guardar o Regimento, e Instrução, que para bom governo, e Regimento do dito Bispado fizemos, e Ordenamos e mentes não houver Constituições, e de cumprir, e guardar as Constituições do Arcebispado de Lisboa Metropolitano assim, e da maneira, que se nella contém; e assim jurou guardar tudo aquillo que se contém no Capitulo ego enim de jure jurando. E por esta presente Carta Mandamos em virtude de Santa obediencia, e sub pena de excomunhão a qualquer Clerigo, ou Notario, que sendo (p. 150) requeridos pelo dito Ruy Pimenta, o mettam de posse real, e actualmente incorporando-o nella com todas as solemnidades que o direito requer, e da tal posse real, actual, e corporal, lhe passem seus Instrumentos em publica fôrma para guarda, e conservação de seu Direito, em testemunho do qual lhe mandamos passar a presente Carta de Confirmação por Nós assignada, e sellada de Nosso Sello nesta Cidade do Salvador em os 3 dias do Mez de Setembro. João Marante Nosso Escrivão da Camara a fez Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1560 annos.

O qual Ruy Pimenta tomou posse do dito Chantrado aos 6 de Setembro de 1560 annos, segundo eu vi por um instrumento de posse feito por João Marante, e assignado pelo Deão, e Mestre Escola, e Antonio Gonçalves Conego.

Alvará, por quem Sua Alteza manda acrescentar 10\$ reis ao Ordenado do Mestre da Capella.

(v. *XXVI*, p. 170) Eu El-Rei. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Orden, e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo etc. Faço saber aos que este Alvará virem, que havendo eu respeito ao concerto, que o Bispo da Cidade do Salvador das Partes do Brasil fez com Bartholomeu Pires^{mes} Mestre da Capella da Sé da (p. 171) dita Cidade, e a informação, que dellas escreveu, e ao trabalho, que lhe accresceu de ensinar de graça os Orfãos, e pobres, que ao Bispo parecer; e havendo tambem respeito ao dito Bartholomeu Pires casar com uma filha de Paula Serrão Rei por bom, e Me Praz de lhe acrescentar dez mil reis em cada um anno por tempo de tres annos somente, alem dos 20\$ reis, que ao dito Cargo são ordenados, para que do primeiro dia do mez de Janeiro do anno que vem de 1562 em diante, tenha, e haja 30\$ reis cada um dos ditos tres annos, os quaes 10\$ reis, que lhe assim accrescento, lhe serão pagos a custa de Minha Fazenda pelo rendimento de Minhas Rendas na Capitania da Bahia de todos os Santos, na fôrma, modo, e maneira declarada em uma Carta, que passei sobre o pagamento dos Ordenados, accrescentamentos, e mantimentos do dito Bispo, Dignidades, Conegos, e Ministros da dita Sé, e conforme a ella, e isto com Certidão do dito Bispo de como o o dito Bartholomeu Pires serve o dito Cargo, e cumpre as obrigações, que tem; e portanto Mando ao Provedor-mor de Minha Fazenda nas ditas Partes, e a quaisquer outros Officiaes della a que o direito pertencer, que pelo rendimento de Minhas Rendas na dita Capitania, façam pagar ao dito Bartholomeu Pires os ditos 10\$

reis cada um dos ditos tres annos na maneira declarada na dita Carta; e pelo traslado della, e desde Alvará, que será assignado pelo dito Provedor-mor, e a dita Certidão do Bispo acima conteudo, e conhecimento do dito Bartholomeu Pires Mando que sejam levados digo sejam os ditos 10\$ reis levados em conta ao (p. 172) Thesoureiro, e Almoarife, ou Official, que lhos assin pagar cada um dos ditos tres annos, como dito é, e aos Veadores de Minha Fazenda, que lhos façam assentar no Livro della da dita Ordem; e este Alvará quero, que valha, tenha força, e Vigor, como se fosse Carta feita em Meu Nome por mim assignada, e passada pela Chancellaria da dita Ordem, sem embargo de qualquer Regimento, ou Provisão em Contrario Sinão Borralho o fez em Lisboa a 2 de Setembro de 1561. E eu Duarte Dias o fiz escrever. O qual Alvará estava assignado pela Rainha Nossa Senhora.

(Nota á margem): — Por esta Provisão se não ha de fazer já obra alguma, e as verbas do pagamento que se fizerem ao diante se hão de pôr no Livro da Sé folhas 18 no titulo do Mestre da Capella em uma Carta, que lá tem registada de acrescmentamento de 10\$ reis mais além dos 20\$ pelo tempo de 3 annos.

Oliva.

Assentamentos das Dignidades, Conegos, Meios Conegos, Capellães, e Moços do Cõro.

(v. XXXVI, p. 83) Dom Sebastião por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquem, e dalem-Mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia Arabia, Persia, e da India etc. Como Governador, e Perpetuo Administrador, que sou da Ordem e Cavallaria do Mestrado de Nosso Senhor Jesus Christo aos que esta Carta virem. Faço saber que eu Hei por bem, e Me Praz de acrescentar as quatro Dignidades a saber Deão, Chantre, Mestre Escola Thesoureiro, e aos seis Conegos da Sé da Cidade do Salvador nas Partes do Brasil as quantias abaixo declaradas, a saber ao Deão vinte mil reis alem dos outros vinte, que já tem; e a cada uma das outras tres Dignidades quinze mil reis mais alem dos 20\$ reis, (p. 84) que tem de sua Instituição, e a cada um dos ditos seis Conegos dezoito mil reis alem dos dez mil, que tem para que daqui em diante tenham, e hajam em cada um anno a saber o dito Deão 40\$ reis, e cada uma das ditas tres Dignidades 35\$ reis, e cada um dos ditos Conegos trinta mil reis; e todas as ditas Dignidades, e Conegos não haverão a parte, que lhes cabia dos Dizimos das Miunças em que podiam montar a cada um por anno dez mil reis, e assim Hei por bem de acrescentar aos seis Capellães da dita Sé quatro mil reis alem dos oito mil, que têm, para que cada um delles tenha e haja outrosim daqui em diante doze mil reis cada anno e por esta Hei por bem, que alem das ditas Dignidades, e Conegos haja na dita Sé dois Meios Conegos, e que cada um delles tenham e hajam de seu mantimento ordenado quinze mil reis cada anno; e assim hajam mais dois Moços do Cõro, alem dos outros dois, que na dita Sé ha para serem por todos quatro, e que cada um dos ditos quatro Moços do Cõro hajam de mantimento ordenado em cada um anno seis mil reis entrando nelles os dois mil reis, que já tem cada um dos dois, que tégora houve na dita Sé os quaes acrescmentamentos, e mantimentos nesta Carta declarados, serão pagos ás ditas Dignidades, Conegos, Meios Conegos, e Capellães, e Moços do Cõro na fórma modo, e maneira conteuda, e declarada em uma Minha Carta, que vendei passar sobre os pagamentos dos mantimentos, Ordenados, e acrescmentamento do Bispo da dita Cidade do Salvador, e Ministros da dita Sé. E portanto Mando ao Provedor de Minha Fazenda nas ditas Partes do Brasil, que pela maneira declarada na dita Provisão faça pagar aos

sobreditos as quantias, que por esta Carta Hei por bem que cada um haja de seus accrescentamentos e mantimentos, e faça em todo cumprir, e guardar assim, e da maneira, que se nella contém; e assim Mando ao Barão de Alvim Veador de Minha Fazenda faça assentar os ditos accrescentamentos, e mantimentos no Livro da Fazenda da dita Ordem no modo declarado em esta Carta, que para firmeza dello lhe mandei dar. Simão Borrallho a fez em Lisboa aos 14 dias do Mez de Setembro anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1559. Eu Duarte Dias a fiz escrever.

(A' margem): — Ao 1.º de Junho houveram pagamento em Heitor Antunes, e Francisco de Aguiar rendeiros dos assucareos; a saber o Deão 15\$221, o Thesoureiro 1\$360, o Mestre Escola 13\$028, Pedro da Fonseca 6\$033, Antonio Gonçalves 1\$366, Ruy Pimenta 563. Domingos Martins 686, João Fernandes 1\$168. Francisco de Argolo 291, os quaes pagamentos venceram até o derradeiro de Abril do Anno de 1560 do 1.º Terço com o mais que lhes era devido do anno passado, que portanto puz aqui esta Verba hoje 5 de Junho de 1560 — 3\$380 reis desta verba pagou Heitor Antunes somente, e a mais quantia pagou Manoel da Costa rendeiro das miunças, e assucareos.

Outrosim houveram pagamento em Jorge Martins Almoxarife dos Ilhéus os Padres seguintes Domingos Pedro que lhes era devido de seus ordenados até o derradeiro de Abril deste presente anno de 1560 do 1.º a saber o (p. 96) Thesoureiro 11\$666 2/3 Chantre 3682, e ao dito Chantre do tempo que serviu de Conego 6833 2/3 Bartholomeu Garcia Conego 10\$000, Pero da Fonseca 10\$ reis, Antonio Gonçalves 10\$ reis Affonso Pires 10\$ reis, Domingos Martins 383 2/3 João Fernandes, João Barantes ambos 10\$ reis Francisco de Argolo e Meio Conego 5\$ reis, e a João Barantes, e a Francisco de Paiva do tempo, que lhe o dito João Barantes serviu a Meia Conezia a annos 4\$250, e sem embargo de ter postas verbas nas suas Cartas, lhe fiz aqui esta declaração de como houveram o dito pagamento.

Houve pagamento o Senhor Bispo D. Pedro Leitão, e o Cabido em Pedro Rodrigues Amzulho Almoxarife de Pernambuco, ou em quem o Cargo servir da quantia de 312\$773 reis que venceram de seus Ordenados té o derradeiro de Agosto do anno de 1560 a saber o Bispo 157\$777 reis 2/3 e o Deão Marcos Pires 13\$440 reis, e a Ruy Pimenta Chantre 11\$667 reis 2/3, e a Felipe Estacio Thesoureiro 12\$445 2/3, e ao Mestre Escola Silvestre Lourenço 12\$446 reis 2/3 e Henrique Nunes Capellão do tempo que serviu a Conezia de 5\$300 Antonio Gonçalves Conego 12\$466 reis 1/3. Pedro da Fonseca Conego 10\$800 reis Bartholomeu Garcia Conego 11\$416, e a João Baranches, que serviu a Conezia de Duarte Dias 10\$ reis, e a Francisco de Paiva Conego pelo Padre, que serviu a Conezia de Antonio Pinto, que ora é sua 8\$458 reis Francisco de Argolo Meio Conego 3\$891 reis 2/3. Miguel Martins do tempo que serviu a Capellania do dito Marçal Rodrigues 2333 reis, Diogo Rodrigues do tempo que serviu a Capellania de Henrique Nunes 933 reis 2/3 e ao dito Henrique Nunes Capellão 3\$086 reis 2/3; a Pedro Barboza Capellão 4\$312 reis, Jacobus Rodrigues Capellão 4\$312 reis, Diogo de Almeida 4\$312 reis 1/3. Pedro Gonçalves Capellão 4\$ reis, quatro Moços do Cõro 8\$460 reis. E portanto puz aqui esta Verba hoje 19 de Dezembro de 1561, que foi o dia, em que se lhe passou o mandado e assignou.

Oliva.

Ao 1.º de Junho houveram pagamento a saber Jacobus Rodrigues de 4421, Diogo de Almeida 4421, Henrique Nunes 4421, Pedro Gonçalves Nunes 3\$ reis João Gonçalves 2566, dois Moços do Cõro novos cada um 2216, outros 2 velhos cada um 2287, o Mestre da Capella 998 todos em Manoel das Costa, e Antonio de Souza do Rendimento das miunças, e portanto puz aqui esta verba,

e o dito pagamento foi do que lhe era devido até o derradeiro de Abril deste anno de 1560 annos.

(p. 98) Houve pagamento Pedro da Fonseca Conego do 1.º de Maio até 8 de Agosto do anno de 1560 do Officio de Tangedor dos Orgãos em Heitor Antunes Rendeiro dos assucares de 38200 reis, que se lhe montavam no dito tempo de Tangedor. E portanto puz aqui esta Verba hoje 8 de Agosto do dito anno de 1560.

Aos quatro de Janeiro de 1561 houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da terça derradeira do anno passado de 1560, que se começou o 1.º de Setembro, e se acabou o derradeiro de Dezembro do dito anno de 1560 a saber; 1818 reis em Manoel da Costa Rendeiro das Miunças, e 1098333 e 1/3 em Fernão Vaz da Costa Thesoureiro para os pagar do Rendimento do Engenho de Pirajá, que o Rendeiro havia de dar do anno passado, e se montou na dita quantia de 2508333 reis e 2/6 ao dito Senhor Bispo, e todo o Cabido a saber as 4 Dignidades e 6 Conegos, e 2 Meios Conegos, e 6 Capellães, e 4 Moços do Cõro; e portanto puz aqui esta Verba hoje 7 do dito Mez de Janeiro do dito anno de 1561 anno e assignei.

Oliva.

Houve pagamento Bartholomeu Pires Mestre da Capella de 138335 reis em Heitor Antunes Rendeiro dos assucares, que venceu até o derradeiro dos assucares, que venceu até o derradeiro de Dezembro de 1560, e portanto puz esta Verba hoje 8 de Janeiro de 1561 annos.

Houve mais pagamento Pedro da Fonseca Conego de 48 reis de Tangedor dos Orgãos do 1.º de Setembro de 1560 até o derradeiro de (p. 99) Dezembro delle a razão de 2008 reis por anno, e por que os recebeu no Thesoureiro Fernão Vaz da Costa puz aqui esta Verba hoje 8 de Janeiro de 1561 annos, digo que os recebeu em Gaspar de Barros Thesoureiro.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 48 reis em Gaspar de Barros Thesoureiro, que venceu de tanger os Orgãos da Sé do 1.º de Janeiro do anno presente de 1561 até o derradeiro de Abril delle a razão de 2008 reis por anno, e portanto puz aqui esta Verba hoje 4 de Julho de 1561, digo que houve o dito pagamento em Pedro Rodrigues Amulho (sic) Almoarife de Pernambuco, e portanto fiz esta declaração, e assignei no dito dia mez e anno acima.

Oliva.

Houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da Sé em Manoel da Costa da quantia de 283888 reis; que lhe montavam haver em a terça deste anno de 1561, que se começou o 1.º de Maio de 1561 digo de Maio e acabou o derradeiro de Agosto; a saber ao Senhor Bispo 1338333 reis 1/3 e ao Deão 138333 reis 1/3, e as tres Dignidades a cada um 118888 reis 2/3 e aos seis Conegos a cada um 108 reis, e aos 2 Meios Conegos a cada um 58 reis, e aos 8 Capellães a cada um 48 reis, e aos quatro Moços do Cõro a cada um 28 reis por mandado feito a 14 de Outubro de 1561 e portanto puz esta Verba em os 13 do dito mez e anno.

Oliva.

(p. 100) Houveram pagamento o Bispo D. Pedro Leitão e o Cabido, a saber Dignidades, Conegos, Ministros da Sé da quantia de 283\$688 reis, que lhas eram devidos do 1.º de Janeiro deste anno de 1562 até o derradeiro de Abril delle em Jorge Martins Almoçarife dos Ilhéus por mandado do Provedor-mor feito a 25 de Maio do dito anno; pelo que puz esta Verba no dito dia.

Oliva.

Houveram pagamento o Senhor Bispo e Cabido em Pedro Rodrigues Anzulho Almoçarife de Pernambuco da quantia de 283\$688 reis e 2/3 de real; que venceram do 1.º de Janeiro deste anno de 1561 até o derradeiro de Abril delle a saber o dito Senhor Bispo 133\$333 1/3, e o Deão 13\$383 reis 1/3 e as 3 Dignidades a cada um 11\$888 reis 1/3; e aos seis Conegos a cada um 10\$ reis e aos dois Meios Conegos cada um 5\$ reis, e a 8 Capellães cada um 4\$ reis e a 4 moços do Cõro cada um 2\$ reis, e portanto puz esta Verba hoje 17 de Julho de 1561 annos.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Pedro da Fonseca de 4\$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro, que venceu em tanger os Orgãos desde o 1.º de Maio de 1561 até o derradeiro de Agosto delle por mandado do Provedor-mor feito a 13 de Novembro de 1561. Pelo que puz aqui esta Verba no dito dia.

Oliva.

(p. 101) Houveram pagamento o Senhor Bispo, e Cabido da terça derradeira, que se começou o 1.º de Setembro de 1561 e se acabou o derradeiro delle, a saber o dito Senhor da quantia de 133\$333 reis 1/3 100\$ reis em Pedro Rodrigo Almoçarife de Pernambuco e os 33\$333 1/3, e as 3 Dignidades cada uma 11\$888 2/3 e aos seis Conegos a cada um 10\$ reis, e os dois Meios Conegos a cada um 5\$ reis, e aos seis Capellães a cada um 4\$ reis e aos 4 Moços do Cõro a cada um 2\$ reis tudo em Pedro Rodrigues por mandado de Provedor-Mor feito a 2 de Janeiro de 1562 pelo que puz esta Verba.

Oliva.

Houve pagamento o Padre Francisco da Luz da quantia de 4\$ reis em Gaspar de Barros Thesoureiro de tanger os Orgãos de Sé, que venceu do 1.º de Setembro de 1561 até o derradeiro de Dezembro delle a razão de 200\$ reis que tem, e portanto fiz esta Verba hoje 18 de Fevereiro de 1562.

Oliva.

Houveram pagamento o Bispo D. Pedro Leitão, e Cabido a saber; Dignidades Conegos, e Meios Conegos, Capellães, Moços do Cõro em Pedro Rodrigues Anzulho Feitor e Almoçarife de Pernambuco da quantia de 283\$688 reis 1/3, que todos venceram de uma Terça, que se começou o 1.º dia do Mez de Março do presente anno de 1562, e se acabou o derradeiro de Agosto do

dito anno por mandado do Provedor-(p. 102)por feito a 2 de Setembro deste anno de 1562, pelo que puz esta Verba no dito dia, mez, e anno de 1562.

Oliva.

Houveram pagamento o Deão, Mestre Escola, Chantre, Theoureiro, e seis Conegos, dois Meios Conegos, e seis Capellães, 4 Moços do Cõro de 150\$718 reis, que a todos era devido de seu Ordenado até o derradeiro de Dezembro de 1560 em Manoel Affonso Rendeiro das Miungas, por mandado do Provedor-mor feito a 12 (p. 103) de Fevereiro de 1563, pelo que puz esta Verba com a de cima a 17 de Fevereiro do dito anno de 1563.

Oliva.

Carta de Sua Magestade aoõra do Chantre Domingos Vieira de Lima e Manuel Antunes, Cura da Sé.

(v. LXVI, p. 327) Conde sobrinho, Vice-Rei do Brasil amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar, como àquele que muito amo. Recebi a vossa Carta de quinze de Abril do presente anno por que me destes conta da queixa que o cabido da Sé dessa cidade fizera das inquietações e perturbações que nele causava o Chantre Domingos Vieira de Lima, por ser homem naturalmente revoltoso e pouco timorato e porque contra ele nem contra Manuel Antunes, Cura da mesma Sé, que também me significastes, era pessoa de mau exemplo e vivia com grande escandalo à Mesa da Conciência e ordens não tem mandei por outra carta da data desta avisar ao cabido que como Juiz que era de ambos esses clérigos lhes mandasse notificar se emendassem de seus procedimentos e não o fazendo os castigasse como suas culpas merecessem dando apelação e agravo para o metropolitano me pareceu dizervô-lo para o terdes entendido. Escrita em Lisboa a 24 de Julho de 685. Rei. Conde de Castel Me-(p. 328)lhor. Para o Vice-Rei do Brasil. Bernardo Vieira Ravasco.

Portaria que se passou para se darem quarenta mil reis ao Padre Prior do Convento dos Carmelitas; vinte, e ao Mestre da Capella, outro tanto.

(v. VII, p. 252) O Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado, mande dar ao Reverendo Padre Frei Joseph do Espirito Santo Prior do Convento dos Carmellitas, vinte mil reis pelo sermão que fez nas exequias da Serenissima Rainha de Portugal (que está no Céu). E outros tantos ao Licenciado o Padre Francisco Luis Mestre da Capella pelo trabalho da Musica, que nella houve. Bahia e Junho 18 de 1688.

O Conde de Obidos.

Registo da Provisão por que Sua Magestade fez meroõ a Antonio de Lima Casares do officio de mestre da Capella da Sé desta Bahia.

(v. XIII, p. 389) Dom Affonso por graça de Deus Rei de Portugal etc. Como governador e perpetuo administrador que sou do nestrado Cavallaria

e orden de Nosso Senhor Jesus Christo faço saber a V. S. se (sio) a vacante da Sé da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos do Estado do Brasil que por ora estar vago o officio de mestre da Capella dessa dita Sé por fallecimento do Padre Joaquin Corrêa ultimo e immediato possuidor que delle foi. E respeito a sufficiencia e mais partes que concorrem na pessoa de Antonio de Lima Casares. Hei por bem e me praz de lhe fazer mercê do dito officio de mestre da Capella dessa dita Sé que servirá assim e da maneira que até agora serviram seus antecessores e o ultimo por quem vagou, e vos encomendo e mando lhe deis a posse do dito officio, e mantimento nelle ordenado salario proes e precalços que directamente lhe pertencerem assim como tudo tinham haviam arrecadavam e possuam os di-(p. 400)tos seus antecessores, e mando ao Provedor de minha fazenda do Estado do Brasil faça registrar nos Livros della esta minha carta para em virtude della se lhe fazer seu pagamento como dito é, e esta se cumpra e guarde como nella se contém sendo passada pela Chancellaria da Ordem. Nicolau de Carvalho a fez em Lisboa aos 22 de Setembro de 1686. João de Carvalho de Miranda a fiz escrever. El-Rei. Por despacho da mesa da consciencia e ordens de 20 de Setembro de 1686. Luiz Delgado de Abreu. Registada a fls. 140. Martinho Affonso de Mello. Luiz Delgado de Abreu. Registado no Livro da Chancellaria da Ordem de Christo a folhas 337. Canto. Pagou nada por ter pago na primeira via os officiaes Rs. 80 em 8 de Outubro de 1686. Belchior do Canto Velho. Despacho do Provedor-Mor da Fazenda. Registe-se para se lhe fazer seu assento nas folhas na forma costumada. Bahia 22 de Fevereiro de 1687. Ulhôa. No mesmo dia se registou.

Gonçalo Pinto de Freitas

Carta de Sua Magestade para se meter de posse de Mestre de Capela a Antônio de Lima Casares.

(v. LXVII, p. 16) Alexandre de Souza Freire, Governador amigo. Eu El-Rei vos enviei muito saudar. A Antônio de Lima Casares fui servido fazer mercê do officio de Mestre da Capela da cidade do Salvador por falecimento do Padre Joaquin Correia, último e immediato possuidor que dela foi, e porque me representou que indo tomar a posse do dito officio lhe viera com embargos o Padre Francisco Luiz, contra quem alcançara sentença na Mesa da Consciência e Ordens, me pareceu encomendar-vos que em virtude da Provisão de Antônio de Lima e sentença referida ordeneis que seja remetido de posse do dito officio sem contradição alguma, guardando-se uma e outra coisa muito pontualmente. Escrita em Lisboa a 16 de Dezembro de 1687. Infante. O Conde de Arcoz. Para o Governador e Capitão Geral do Brasil. Bernardo Vieira Ravasco.

Registo da patente do Capitão Antonio de Lima Casares.

(v. XXIII, p. 101) Alexandre de Souza Freire etc. Porquanto pela ausencia do Capitão Paulo de Azevedo está vaga a companhia de Infantaria com que servia no Terço do Mestre de campo Alvaro de Azevedo, e conven provel-a em pessoa de valor, pratica da disciplina militar, e experiencia da guer-(p. 102)ra: tendo eu consideração ao bem que todas estas qualidades concorrem na de Antonio de Lima Casares Cavalleiro Professo da Ordem de São Bento d'Avis, e a satisfação com que tem servido a Sua Magestade de 18 annos a esta parte em praça de soldado, e Alferes vivo, e reformado passando a esta praça de soldado na companhia do Capitão Diogo de Oliveira de Carvalho havendo-se honradamente em todo o decurso da viagem, e ficando nesta praça, assentou na

companhia do Capitão Bernardo Vieira Ravasco no Terço do Mestre de Campo Nicolau Aranha Pacheco com o qual passou ao Districto de Paraguassu em occasião que se temia ser invadido das armadas inimigas que costumavam vir queimar os engenhos, e continuando depois de Alferes do Capitão Luiz de Hello Pinto o acompanhou assim na esquadra de navios armados com que o Governador e Capitão e Capitão (sic) geral que foi deste Estado Francisco Barreto mandou correr a costa para desimpedir a barra dos inimigos que a infestavam como a todas as mais partes a que mandou com a sua companhia procedendo em todas estas occasiões com boa opinião de seus officiaes maiores, e tendo sobretudo respeito a uma carta escripta em 8 de Janeiro de 1684. Pela qual se serviu Sua Magestade mandar a este governo que em uma das companhias que houvesse vagas nomeasse ao dito Antonio de Lima Casares e satisfação de seu merecimento esperando delle que em tudo o de que o encarregar do serviço do dito Senhor se haverá muito conforme as obrigações que lhe tocaram e a confiança que faço de seu procedimento. Hei por bem de o eleger e nomear (como em virtude da presente elleja, e (p. 103) nomeio) Capitão da referida companhia para que como tal o seja, use, e exerça com todas as honras, graças, franquezas, preeminencias, privilegios, isenções, e liberdade que lhe tocam podem e devem tocar a todos os Capitães de Infantaria dos Exercitos de Sua Magestade assim de Portugal como dos presidios das praças deste Estado, e com elle haverá os quarenta cruzados de soldo que ha de vencer por mez enquanto servir com aquelle posto. Pelo que ordeno ao Mestre de Campo do dito Terço dê a posse e juramento na forma costumada de que se fará assento nas costas desta. E aos officiaes maiores e menores deste Exercito o hajam, honrem, estimem, e reputem por tal Capitão da dita Companhia, e aos officiaes e soldados mando façam o mesmo cumpram e guardem todas suas ordens de palavra, ou por escripto tão pontual, e inteiramente como devem e são obrigados. E ao Provedor-Mor da Fazenda Real deste Estado ordeno outrossim lhe faça assentar, livrar, e pagar della o referido soldo na forma que se pratica com os mais Capitães desta praça. Para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas a qual se registrará nos Livros a que tocar. Joseph Cardoso Pereira a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos em os 17 dias do mez de Dezembro Anno de 1687. Bernardo Vieira Ravasco a fiz escrever. Alexandre de Souza Freire. Registada na Secretaria a fls. 123. Despacho do Provedor-Mor da Fazenda. Assento-se-lhe a praça e registre-se. Bahia 19 de Dezembro de 1687. Ulhõa. No mesmo dia se registou e assentou a praça nos Livros da Matricula, e a entreguei ao mesmo Capitão. E em (p. 104) 30 do dito mez veio a registrar o Termo da posse que lhe deu o Mestre de Campo Alvaro de Azevedo que diz o seguinte. Fica dada a posse na conformidade que ordena o Senhor Governador. Bahia 23 de Dezembro de 1687. Alvaro de Azevedo. E depois de registada lha tornei.

Gonçalo Pinto de Freitas

Registo da Provisão por que serve Balthazar Fernandes Gago o officio de Escrivão dos contos de que é proprietario Antonio de Lima Casares.

(v. XXIV, p. 58) Alexandre de Souza Freire, etc. Faço saber aos que esta Provisão virem que havendo respeito ao que por parte do Capitão Antonio de Lima Casares proprietario do officio de Escrivão dos contos desta Cidade se me enviou a representar em sua petição acerca de ter a seu (p. 58) cargo a Capella da Sé Cathedral deste Estado de que (haver) mercê por provisão de Sua Alteza e ser incompativel, acudir ao mesmo tempo a ambas as occupações: pedindo-me proveesse a do dito officio de Escrivão dos contos em

peessoa que o exercesse. E visto concorrerem na de Balthazar Fernandes Gago todas as partes e sufficiencia necessaria, e a satisfacção com que se consta haver servido muitos annos o officio de Escrivão do Thesoureiro, e este dos contos esperando d'elle que em tudo o que tocar as obrigações de seu regimento, e direito das partes se haverá muito conforme a confiança que faço de seu procedimento. Hei por bem de o prover como pela presente faço de serventia do dito officio por tempo de um anno, esquanto Sua Alteza o houver assim por bem, ou eu não ordenar outra coisa, e com elle haverá o ordenado, e todos os mais proes, e precalços que directamente lhe pertencerem, e costumavam gozar seus antecessores. Pelo que ordeno ao Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado lhe dê a posse, e juramento na forma costumada de que se fará assento nas costas desta que para firmeza de tudo lhe mandei passar sub meu signal e sello de minhas armas a qual se registrará nos livros da Secretaria deste Estado e nos mais a que tocar, e se guardará e cumprirá tão pontual e inteiramente como nella se contém sem duvida, embargo nem contradição alguma constando haver primeiro pago o que della tocar á sua annata. Antonio Garcia a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos em os 9 dias do mez de Outubro de 1670. Bernardo Vieira Ravasco o fiz escrever. Alexandre de Souza Freire. Registrada (p. 80) no 32 livro dos registos da Secretaria do Estado do Brasil a que toca a fls. 228. Bahia 9 de Outubro de 1670. Ravasco. Cumpra-se, e registre-se e sirva o dito officio debaixo do juramento que tem recebido. Bahia 9 de Outubro de 1670. Brito.

Registo da Carta de Sua Majestade, escrita ao Provedor-mor em que dá os agradecimentos ao chantre pela obra do fôrro da Sé e que acabando a obra na forma que intenta ainda que falte lhe farei mercê do hábito de Cristo, com 50\$000 de tença para seu sobrinho.

(v. LXXXIII, p. 85) Francisco Lamberto, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Ordenando-vos por carta de 17 de janeiro do ano passado que o fôrro da capela-mor da Sé que se tinha dado principio se pudesse avaliar de novo e que a obra do cruzeiro e corpo da igreja se continuasse de prêto na forma do contrato e obrigação que fizera o Chantre Francisco Pereira visto o estado em que se achava a Fazenda (p. 86) Real, para se acudir a tão grande despesa e mandando ver o que me escrevestes em carta de 8 de julho do dito ano, acêrca de se empregar o dito chantre com tanto cuidado e dispêndio de sua fazenda em dar cumprimento a sua obrigação que em menos de dois anos cobrira a igreja e acabara o fôrro da capela-mor com muita perfeição e que tendo noticia da ordem referida para se continuar em prêto o cruzeiro e corpo da igreja e os requerera que tinha dado principio ao do cruzeiro semelhante à obra do fôrro da capela-mor por estar o madeiramento feito na mesma forma, e queria tomar em sua conta a despesa e maioria que havia do custo de seu o fôrro de talha e se lhe avaliaria como liso e no que toca no corpo da igreja seria liso porque determinara fazer pintado e dourado também a sua custa e que além do referido tinha feito por sua conta, com grande despesa, as cadeiras do côro e o presbitério da capela-mor correspondente a obra do fôrro. Me pareceu dizer-vos que ao Chantre Francisco Pereira mando agradecer esse seu zêlo e que obrigando-se elle a forma que intenta fazê-la ainda que elle falte lhe farei mercê do hábito de Cristo com 50\$000 de tença para seu sobrinho de que vos aviso para que tenhais entendido. Escrita em Lisboa a 14 de janeiro de 1680. Rei. Conde de Val de Reis. Presidente. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil. 2.ª via. Cumpra-se e registre-se como Sua Majestade manda. Bahia. 4 de abril de 1680. Francisco Lamberto. Matias de Miranda Oliveira a registou em 17 de junho do dito ano e se tornou a própria ao dito Provedor-mor. Francisco Dias do Amaral.

Carta para Sua Magestade sobre a informação do Padre Frei Agostinho de Santa Monica Mestre de Capella da Sé desta Cidade ter o Cargo de Capellão-mor do Terço.

Ultramarino

(v. *XXIV*, p. 14) Senhor. Por carta de 27 de Janeiro deste anno, foi Vossa Magestade servido remetter-me a copia da petição que fez a Vossa Magestade o Padre José Pereira de Castro, acerca de ser restituído ao cargo de Capellão-mor do Terço desta praça de que é Mestre de Campo Pedro Gomes, em que estava apresentado, e hoje se achava provido nelle o Padre Frei Agostinho de Santa Monica, Religioso de São Paulo, e que por ser juntamente Mestre da Capella da Sé, faltava ás obrigações do dito cargo; mandando-me Vossa Magestade que ouvindo ao Mestre de Campo neste particular, e ao Padre Frei Agostinho de Santa Monica, provido nesta Capellania sobre a incompatibilidade das duas occupações informasse a Vossa Magestade se este Religioso acudia a sua obrigação como convinha.

Obedecendo ao que Vossa Magestade me manda, me informei assim do Mestre de Campo Pedro Gomes, como do Padre Frei Agostinho de Santa Monica, e o Padre Joseph Pereira de Castro, oppositor ao cargo, e achei, que o Padre Joseph Pereira de Castro foi provido no lugar de Capellão-mor deste Terço, pelo Governador do Estado que então era o Marquez das Minas, e que Vossa Magestade foi servido prover-o no Padre Frei Agostinho de Santa Monica.

O que me parece neste particular é, que o Padre Joseph Pereira de Castro não é capaz para (p. 15) este cargo: porque tem algumas circumstancias que não são para aquelle lugar que pede. O Padre Frei Agostinho de Santa Monica que está provido nelle, não é possível acudir á obrigação que é possível digo precisa, assim de confessar os soldados, e acompanhá-los quando morrem, como de ir fora com o Terço, quando se embarca, porque actualmente está sendo Mestre da Capella da Sé desta Cidade, donde não pode deixar uma coisa para acudir a outra. Isto é o que me parece. Vossa Magestade mandará o que for possível. A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Nosso Senhor como seus vassallos havemos mister. Bahia 3 de Julho de 1692.

Antonio Luis Gls. da Cam.ª Coutinho

Registo da carta de Sua Magestade para o Provedor-mor Francisco Lamberto sobre se mandar avaliar a obra de carpinteiro que se mandou fazer e pagou o chantre por louvados na forma do contrato que com elle se celebrou.

(v. *LXXXIV*, p. 85) Francisco Lamberto, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se o que informastes por carta de 23 de julho do ano passado como se vos ordenou sobre o requerimento que por parte de José Bezerra Peixoto como administrador de pessoa e bens de seu filho José se me fêz, para efeito de ser (p. 86) pago da importância da obra de carpinteiro que o Chantre Francisco Pereira, seu tio, havia mandado fazer da sua Fazenda na Igreja da Sé dessa cidade cuja ação lhe havia deixado na forma do contrato que fizera visto estar paga a obra ao pedreiro pela consignação aplicada a elas e porque representais faltar ainda fora da obra da obrigação de pedreiro todo o reboque e guarnição das paredes por dentro e por fora da igreja se assentar o pavimento com suas divisões de parede, cobrir-se de frontal de tijolo a madeira das agulhas das duas torres e guarnecê-las com

os reboques e outras coisas mais pertencentes a perfeição de toda a obra. Me pareceu ordenar-vos que mandeis avaliar a obra de carpinteiro que mandou fazer e pagou o dito chantre por louvados na forma do contrato que com ele se celebrou e acabadas as de pedreiro que se estão fazendo e pagando-se pela consignação dos três mil cruzados se paguem este sem divertimento ao dito José Bezerra Peixoto, administrador dos bens de seu filho José Felix Peixoto Bezerra a quem por legado deixou esta dívida o dito chantre. Escrita em Lisboa a 11 de fevereiro de 1701. Rei. O Conde de Alvor, Presidente. Para o Provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil. Primeira via. Registe-se e se me torne. Bahia o 1.º de junho de 1701. Francisco Lamberto. Leonardo Lopes de Carvalho a registou em 30 do dito mês e ano e se entregou a própria ao mesmo Provedor-mor Francisco Lamberto. João Antunes Moreira.

488. PAPANEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latim*, v. II, 1712, p. 115), no verbete "cantor", informa: «As Capellas Reaes ha Clerigos com titulo de Cantores. Nas Igrejas Cathedraes o Cantor he dignidade, e chamam Chantre. Em algumas Religioes Monachaes, e particularmente na Cisterciense de aos de alguns Cantores, e então as Religiões, ou Paulas, ha um Cantor mór, e he o que rege toda a concórdia, e cousas concernentes ao canto do Coro, assia festivo, como funebre; e juntamente he o zelador da composição dos Religiosos, quando assistem no Coro». No verbete "Chantre", BLUTEAU (*op. cit.*, v. II, 1712, p. 272) acrescenta: «Aquelle, que numa Sé Collegiata, Capela de huma Universidade, &c. tem a direcção do governo do Coro, reitroação do canto chão, e que tem cuidado, que os officios divinos se celebrem com devação, silencio, e toda a decencia possível». Concordam FRANCISCO SOUZA COSTA (*Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*, 1863, p. 250), DOMINGOS VIETRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. II, p. 193), ISMAEL MENTON (*Dicionário musical*, 1904, p. 65) e NARUTO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 128). JOSÉ AUGUSTO ALEIRIA (*História da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. I, p. 9) traz informações sobre «o canto do Offício e da Missa», que em Portugal, na Idade Média, «O responsável dessa tarefa era um dos capitulares que recebia o título de Cantor, mais tarde, Chantre, a quem eram atribuídas duas prebendas da massa do Capítulo que o compensassem da responsabilidade inerente ao cargo. Competia-lhe zelar pela disciplina dos membros do coro e prevenir a ignorância musical de quantos participassem na execução dos salmos e antífonas». ALEIRIA (*idem*, pp. 32-33) transcreve, ainda, um texto do "Livro da Fazenda de D. Henrique", onde se explicita ao chantre Francisco Velaz, da Sé de Évora, que assumiu após a morte de Matheus de Aranda em 1544, a obrigação de «Insynar a cantar canto chão canto dorgão e contraponto na crista da dita see aos cantores moços do coro e da estante e aos crregigos e pessoas que ahy vierna e que sera obrigado a Insynar duas oras pella manhã e duas a tarde em cada hum dia, nas sendo sancto ou domingo. E as semanas ou tardes em que ouer canto dorgão não avera lição. Nos quaes ha daver pello Rendimento da obra se see enquanto o infante ouer por bem e não andar o contrario e lhe sera pago por ponto do apontador do Cabido por aluara feito a XII de dezembro de Ruy». A julgar pelo ordenado dos chantres no Brasil dos séculos XVI e XVII, este desempenhava a função musical mais importante para a Sé. Seus rendimentos eram cerca de três vezes maior que o do organista e, no séc. XVII, o dobro do salário do mestre de capela.

489. REGIS DUPRAT (*A música na Bahia colonial*, 1965, p. 96, nota 16) informa: «Renato de Almeida (*História da música brasileira*, 1942, parte II, cap. VII, p. 291) afirma que este Francisco de Vaccas veio com o primeiro Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, a 1 de janeiro de 1552, na qualidade de Mestre da Capela do Colégio dos Jesuítas e que, em 1554, era Chantre da Sé de Salvador. Por sua vez, Affonso Roy, na sua *História do Teatro na Bahia* ("Publicações da Universidade da Bahia", 1 - 1, 1959, p. 9), citando Pedro Azevedo (*História da Colonização Portuguesa*, vol. III, p. 370), informa-nos de uma carta do Bispo Pedro Fernandes Sardinha ao rei de Portugal, datada de 12 de julho de 1552, em que dizia que Francisco de Vaccas havia ido à Bahia dois dias antes e que procedia da Capitania do Espírito Santo no Brasil, onde se encontrava há muito». Na *Monarchia*

Brasilian, de SERAFIM LEITE, não existe a carta que acima se mencionou. Encontramos, no entanto, uma carta de D. DUARTE DA COSTA à (de 08 de abril de 1555) a D. João III, rei de Portugal, da qual transcrevemos uma passagem do § 3: « O Bispo quando veio do Reyno trouxe por Adryan Gomez Ribeiro, capellão de V. A., e por pregador, com vinte mil reis d'ordenado, e o encarregou também de Vigairo Geral e o mandou visytar a costa em seu nome com seus regimentos, e des que tornou da visytção esteve muito tempo nesta cidade na graça do Bispo, e lade-se para Fernanduz o deixava nesta Cidade por seu Vigairo Geral. E estando isto asy, Francisco de Vacas, chantre que he no Reyno, fez huma petição ao Cabido em como o Bispo não podia entrar na igreja nem celebrar os officios devinos por estar excomungado e irregular por fihery dos homens por sua mão em sua casa, dos quem hum esteve a morte que lhe parecya os meolos, sendo ambos d'ordens menores ». Cf. também SEBASTIÃO DA ROCHA PITA à *Ministéria de América Portuguesa*, 1730, livro II, § 25, pp. 79-80).

490. Este João Lopes, que aqui é chamado de « Mestre da Capella », é apresentado em 16 de maio de 1554 por Antonio Cardoso de Barros, Provedor-mor da Fazenda de El-Rei, na dignidade de chantre da Sé de Salvador, em substituição a Francisco de Vacas, recentemente falecido. Curiosa é a informação que dá ALBERTO SILVA (*A cidade de Tomé de Sousa*, 1949, p. 32), se não se tratar de coincidência, a respeito dos homens que foram trazidos à Bahia pela armada de Tomé de Sousa, que deixou Lisboa a 18 de fevereiro e chegou no Brasil a 29 de março de 1549: « Entre os funcionários notestos podemos citar ainda meirinhos e porteiros; meirinhos como Nancel Gonçalves, meirinho da correição; João Lopes, meirinho da nau capitânea; e Antonio Araújo, percebendo 14600 mensais ».

491. JOSE ALBERTO ALEGRIA (*Ministéria da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. 1, nº 2, pp. 49-57) traz uma quantidade de informações e documentos acerca dos aspectos do coro em Portugal. Em dois apêndices, no mesmo livro (pp. 129-139) fez imprimir o « Regimento p a capella da sé », de 1565 (Arquivo da Sé de Évora, EE 21 ff.) e o « Regimento dos cantores da sé de Évora » (Arquivo da Sé, « Instituições e Regimentos, que pertencem ao Padroado do Arcebispado de Évora mandados colleger pelos Srs. Deão e Cabido em Junho de 1634 », CEE 5-VIII, ff. 38r-43v). Esses dois regimentos, que não serão transcritos aqui pelo seu tamanho excessivo, são documentos extraordinariamente importantes para o conhecimento das funções dos aspectos do coro em Évora e para o estudo das informações que possuímos sobre essa classe de músicos no Brasil. TOMÁS BORDA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. II, 1963, p. 217), no verbete "Menino do coro", informam: « Rapaz que, de tenra idade, entrava para o serviço das catedrais, recebendo, nas respectivas escolas, além da cultura geral, uma perfeita instrução musical, oportunamente aproveitada nas formações corais, ou capelas, em que os meninos do coro executavam com proficiência o papel de sopranistas. (...) Os meninos do coro tiveram em Portugal várias denominações: menininhos, meirinhos, fradinhos, acanquinos, meirinhos e, mais modernamente, coristas e aspectos de capela ».

492. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 272) entende por "Chantredo", a « Dignidade, e officio de Chantre em hum Cabido ».

493. « Um Mestre de Canto, que sirva de Mestre de Capella ». O documento menciona funções diferentes, porém, compatíveis.

494. RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. V, 1716, p. 457) diz: « Mestre da Capella. Aquelle que governa os Cantores, fazendo o compasso, e ensinando os que errão ». DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. IV, p. 219) acrescenta: « Mestre da capella; professor de musica, compositor d'esta, para os templos, e o que nas funções da igreja dirige os musicos e cantores, batendo o compasso ». JOSE ALBERTO ALEGRIA (*Ministéria da Escola de Música da Sé de Évora*, 1973, cap. I, nº 2, p. 26) informa com maior precisão: « A função do mestre de capella consistia em ensinar os segredos tanto da música de cantochão como do canto de órgão. Era, a um tempo, teórica e prática. Deveria ensinar a ler a semiografia da música a vozes e realiza-la depois no coro da igreja. Os aspectos não poderiam ter mais de dez anos no acto da admissão e tinham que ser preparados para ler o livro que se lhes abrisse na estante, seguindo a respectiva linha melódica horizontal, medindo os valores e contando as pausas. O mestre da capella tinha que ser sempre compositor, adiante aquellos tempos em que era novidade as espécies musicais impressas ». Cf. também F. J. FETIS (*A música ao alcance de todos*, 1838, p. 70) e NÉRIO DE AMARAL (*Dicionário musical brasileiro*, 1969, p. 332).

495. Bartolomeu Pires foi adido e floresceu no Salvador em 1599. Diz a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, v. II, p. 614): « Primeiro mestre-de-capella da Sé de Salvador, cargo criado oficialmente a 15 de junho de 1599. Antes dessa data já exercia a função, anteriormente desempenhada pelo chantre Francisco de Vacas e, desde maio de 1554, pelo mestre-de-capella João Lopes. Mesmo cargo, além de ensinar gratuitamente aos órfãos e pobres, devia escrever música para festividades religiosas. Ao criar-se o estrado-de-capella, o número de componentes do coro foi aumentado de dois para quatro, instituindo-se também, a 12 de setembro de 1599, o cargo de organista, ocupado pelo padre Pedro da Fonseca e posteriormente pelo padre Francisco da Luz ». A coleção *Inventários e Testamentos* à (v. VI, 1920, p. 6) contém uma informação curiosa, proveniente do inventário de "Izabel Belidiaga" (Vila de São Paulo, 17 de fevereiro de 1623), quando se menciona o « padre vigario Bento Ferraz sobrinho do mestre da capella Bartholomeu Pires ».

SEÇÃO II - REGISTROS OFICIAIS

**B. Ordenados de músicos da
Bahia (1608-1638)**

[D. FELIPE III]

DOCUMENTO: ALVARÁ REAL DE 23 DE NOVENBRO DE 1608.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este alvará se encontra publicado numa prancha entre as pp. xvi e i dos *Anuaes do Rio de Janeiro* de BALTAZAR DA SILVA LISBOA (no canto superior direito da 24 prancha). Não foi publicado em nenhum dos 110 volumes da coleção *Documentos Históricas* (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional), mas sua existência é confirmada por SEBASTIÃO DA RODA PITTA & *(História de América Portuguesa, 1730, livro II, § 25, p. 79):* « sendo naquella tempo [1592] bruxas as rendas Reaes, tinham percos ordenados; depois se lhes acrescentaraõ por ordem do Rey Catholico Filippe III. em Castella, e Segundo em Portugal, no anno de mil e seis centos e oito ». Seu título, nos *Anuaes* é o seguinte: « *GRACIA concedida aos Ecclesiasticos do Estado do Brazil, em que Sua Magestade houve por bem augmentar os ordenados pelo Alvará de 23 de Novembro de 1608* ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: BALTAZAR DA SILVA LISBOA - *ANUAES* | do | Rio de Janeiro, | contendo | A Descoberta E Conquista desta Paiz, A Fundação | da Cidade com A História Civil E Ecclesiastica, | Até A Chegada d'El-Rei Dom João VI; Além de | Noticias Topographicas, Zoologicas, E Botánicas | Por | Baltazar da Silva Lisboa, (...) Tomo I | Rio de Janeiro, | Na Typ. Imp. E Const. De Seignot-Plancher E Ca, Rua d'Orizator, N. 95. | 1834. [XVI, 406 pp.] [BIBR: 3-d-7].

Bahia

Deão por anno	120\$000
Conegos, quatro dignidades a 80\$000	320\$000
Dez meios Conegos a 40\$000	400\$000
Doze Capellães, cada hum 40\$000	480\$000
Hum Mestre de Capella	50\$000
Hum Tangedor do Orgão	30\$000
Quatro Moços do Cõro ⁴⁰⁸ a 8\$000	32\$000
Hum Sacristão	30\$000
Sub Chantre ⁴⁰⁷	40\$000
Cura da Sé	50\$000
Coadjutor	30\$000
Porteiro da Maça	20\$000
Vigairos das Igrejas	...
Dito da Igreja de Sergipe	80\$000

[...]

496 . JOSÉ AUGUSTO ALEBRÍA (História da Escola de Música de São de Évora, 1973, cap. I, nº 2, p. 29) traz informação por onde se deza que o trabalho dos meços do coro e do mestre de capela valia, em termos aceretários, bem menos no Brasil, que em Portugal: « O mestre de capela em 1542 recebia por isso 60.000 réis por ano, sendo a média dos ordenados dos cantores 20.000 ». ALEBRÍA extraiu os dados de ARMANDO MORE DE BUSTO - Cantores e músicos em Évora nos anos de 1542 e 1552, separata dos Anais da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1964 (não cita número nem página). A diferença se torna absurda quando comparamos o salário dos músicos brasileiros com o « Quadro das despesas da Capella Real, segundo a letra de seus Estatutos, dados por Philippe II, a 2 de Janeiro de 1592 », transcrito por JOAQUIM DE VASCONCELLOS (Os Músicos Portuguezes, 1870, v. II, 2ª f. lnea., ao final do livro): « Ao Mestre de Capella 804000; A cada Cantor [eram 24] 504000 - 1.2004000; A cada Organista 504000 - 1004000; A cada Moço da Capella [eram 88] 204000 - 3604000 ».

497 . NATHIAS DE SOUSA VILLA-LORDS (Arte de cantochão, 1688, parte LJ, pp. 206-214) traz um longo texto sobre o "officio de Subchante", surpreendente pela sua riqueza em detalhes. Transcrevemos apenas o primeiro parágrafo: « He conveniente para perfeição do culto divino, que em cada coro aja hum subchante, cantoral, ou Vigairo do coro, ao qual estejam sujeitos todos os que estiverem no dito coro, & que todos o reconheçam por Mestre delle, & isto só a fim para que Deos Nosso Senhor seja louvado com mais perfeição, pois de o não haver nascem discordias, & escandalos, por quererem governalo todos; sendo pois o officio de subchante, cantoral, ou Vigairo do coro; emendar as composições falsas, & levar as boas toas o coro, & com boa ordem, he necessario dar humes particulares advertencias, & avisos, para que os que administrarem o dito governo acertem, & não sejam murmurados, conformandolos com os Autores, que nesta materia escreveram ».

[DIOGO DE CAMPOS MORENO (?)]

(1566 - entre 1617/1621)

DOCUMENTO: LIVRO QUE DÁ RAZÃO DO ESTADO DO BRASIL, c. 1616 ou antes.

TEXTO: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, nota 35, p. 457) indica a localização dos cinco textos conhecidos deste códice: « Três em Portugal e dois no Rio de Janeiro: os dois primeiros na Biblioteca Pública Municipal do Porto, um em letra do século XVII, e outro cópia posterior; e terceiro na Biblioteca Municipal de Lisboa, incompleto; o quarto, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em letra também do século XVII; e o quinto, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cópia do apógrafo do Porto. O primeiro e o quinto vêm acompanhados de 18 e 22 mapas, respectivamente, feitos, na sua maioria, por João Teixeira Albernaz, um dos grandes cosmógrafos da época. Veja-se *Livro que dá Razão do Estado do Brasil - 1612*. Edição crítica, com Introdução e notas de Hélio Viana; Arquivo Público Estadual (1958), pp. 60 e 71. O título do manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicado em 1968, é « Livro . que . dá . { resazão } do . es[tado] . do . brasil . ».

NOTA BIBLIOGRÁFICA: JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (op. cit., pp. 456-457), indica as inúmeras edições parciais e totais deste manuscrito. « A. G. Cunha (Rio de Janeiro, 1968) », na p. 7 da edição de 1968 comenta: « Dentre importantíssimos apógrafos, são conhecidos cinco cópias manuscritas, três das quais, do início de século XVIII, corvas de um original hoje perdido. Destas, a mais antiga é a da Biblioteca Municipal do Porto, geralmente datada de c. 1616. Uma outra pertence à biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; pelos dados que registra, é cerca de 10 anos posterior à primeira, isto é, de c. 1626/1627. ¶ A primeira notícia da cópia portuguesa foi-nos dada por Antônio de Moraes Silva, na 1.ª edição (1789) do seu famoso Dicionário da Língua Portuguesa. ¶ Na 4.ª edição (1831), revelou-se que o códice pertencia à importante biblioteca do segundo Visconde de Balsemão. Pouco depois, passava à Biblioteca do Porto, onde hoje se encontra. Foi lá desvendá-la o renomado incansável Varnhagen, para longa utilização na monumental História do Brasil, que na ocasião redigia. Depois de diferentes atribuições de autoria, fixou-se o grande historiador, a partir de 1854, em Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mor do Brasil nos primeiros do século XVII ». JOSÉ HENRÍQUE RODRIGUES (op. cit., 1979, livro 10, cap. II, n.º 4 « A Razão do Estado do Brasil », p. 455) indica: « A Razão do Estado do Brasil não é apenas uma estatística verdadeira das oito capitanias, desde a de Porto Seguro até o Rio Grande do Norte, mas uma verdadeira crônica da situação presente do Brasil, na época de D. Diogo de Meneses e Siqueira (1608-1612), com interpelações e acréscimos posteriores ».

AUTORIA: RODRIGUES (op. cit., 1979) comenta, à p. 456: « Coube a Varnhagen publicar pela primeira vez um largo trecho da introdução geral e mais tarde resumir os dados estatísticos de cada capitania. Na primeira conjectura a princípio que Manuel de Moraes seria o autor e depois considera tenebrosa a atribuição, para fixar-se no nome de Diogo de Campos Moreno, o autor da Jornada do Maranhão. A atribuição não era justificada e talvez repouse na referência textual "ao sargento-mor deste Estado", então exercido por Diogo de Campos. Não há dúvida que no começo do texto lê-se: "correndo a costa do sul para o norte no governo do dito Dom Diogo de Meneses somente como parte vista e visitada por quem fez esta relação e posta pelo dito governador na razão em hoje a vemos". Ora, sabemos todos que o sargento-mor do Estado era Diogo de Campos, e que este gozava da confiança do governador que sempre o incumbiu de tarefas da maior responsabilidade. Vemos também, nos mapas que acompanham o códice do Instituto Histórico, algumas informações sobre as fortificações francesas que se poderiam ter sido colhidas por Diogo de Campos, que lá esteve ao promover as tréguas de 1614, depois das quais partiu para a Espanha. ¶ Seja ou não obra de Diogo de Campos Moreno, a atribuição foi seguida, sem nenhuma outra justificação, por Cândido Mendes de Almeida, por Raíza Galvão, por Rodolfo Garcia e mantida como suspeita por Engel Sluiter. Hélio Viana, baseado na biografia de Diogo de Campos Moreno e na comparação dos textos da Razão e da Jornada, concluiu que ambas foram escritas pelo mesmo autor, o sargento-mor Campos Moreno. Apesar de meus eruditos esforços, suas razões não convenceram em definitivo e a suspeita fará prosseguir o processo de atribuição ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Livro que dá razão do estado do Brasil. Edição comemorativa do V centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1968. 85 pp.

(p. 41) [f. 11r - col. 1]

[3] BAHIA DE TODOS OS SANTOS

, A Igreja ,

C	Ao Bispo de seu ordenado	1100 U
C	Ao Vigairo geral	100 U
C	Ao Dayão da Sé	120 U
C	A quatro dignidades a cem mil rs	400 U
C	A seis conegos a oitenta mil rs	480 U
C	A dous meyos conegos a 40 U rs	080 U
C	A seis capellães a quinze mil rs	090 U
	[fol. 11r - col. 2]	
C	A quatro moços do coro a 8 U rs	032 U
C	Ao mestre da capella de seu Ordenado	050 U
C	Ao San Cristão de seu Ordenado	030 U
C	Ao Organista de de seu Ordenado	030 U
C	Ao porteiro da casa de seu Ordenado	20 U
C	Ao padre cura de seu ordenado	30 U
C	Ao coadjutor de seu ordenado	30 U
C	Ao sochantre de seu ordenado	40 U
C	Ao thf pellas Ordinaries	122 U
C	Ao thf da fabrica	200 U
		<hr/>
		2874 U -
C	Aos Padres da Companhia de JESUS	1200 U -
		<hr/>

(p. 42) [f. 12r - col. 1] Ministros de guerra [da Bahia]

[...]

C	Ao sargento mór do estado, e seu tanbor	208 U 800
	[...]	

CAPITANIA, DE, PERNAMBUCO,

(p. 61) [f. 20r - col. 1] ,Companhia do presidio,

[...]

[col. 2]

C	Ao tanbor desta compa	048 U -
	[...]	

, No Recife ,

[...]
C Ao Tambor 33 U 600 -
[...]

,RIO, GRANDE CAPITANIA, E SUA MAJESTADE,

(p. 78) [f. 27v - col. 1] ,Gente de guerra,

[...]
C A hã tambor 33 U 600
[...]

498 . Para RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latão, v. VI, 1720, p. 114), "Organista" e "Tangedor dos órgãos" são sinónimos. Chama a atenção o plural que, por sua frequência, é comentado por JACQUE DINIZ (Velhos organistas do passado, 1971, p. 38, nota 16): "Já o primeiro Bispo do Brasil pedia, em 12 de julho de 1552, 'mandar cá uns órgãos' (PEDRO ALEMEDO - História da colonização portuguesa no Brasil. Porto, Lit. Nacional, 1923, v. III, p. 364). Cardim [Tratado da terra e gente do Brasil. Rio de Janeiro, J. Leite, 1525, p. 324], fala de uma procissão com 'música de vozes, flautas e órgãos'. Em 1580, António Valente publicou 'Versi spirituali per suonare negli organi vesperi, messe e altri ufficii divini' (Sangiorgio, Carmelo. Il punto dell'organo. Catania, Tip. Frat. Viaggio Campo, s.d., p. 20). O Concílio Tridentino fala de 'Organorum melodia in templis...', uma expressão como 'in cantibus et organis in templo'. Outras expressões, no plural, encontram-se no Cerimonial dos Bispos: 'in Matutinis... possunt pulsari organa...' 'organa pulsari etiam inter horas canonicas'. Apud FONS, André. Avrit eclesiastiques et musique sacrée. St. Maurice, 1966. v. III, p. 102, 104, 133. O organheiro francês Pierre Thierry fala dos reparos que ele deve fazer (1644) 'aux organes de l'Eglise St. Paul' *. Ao organista, portanto, cabia executar um único instrumento, cujo nome era dado no plural.

[D. FELIPE III]

DOCUMENTO: ALVARÁ REAL DE 24 DE OUTUBRO DE 1616.

NOTA: Original do Museu Paulista (em 1927), onde se lê no verso da última folha: « fica Registrada no LB 28 dos Registos de | prouidões saculares desta Capp.^l de | Pernambuco a f. 159 | N.^o 100 des.^o 1110 ». Vai datado, no começo, de « 24. B.^o 1616 » e no fim « Escrita em Lisboa a 31. de oc.^o de 1616 ». Pertence ao códice « Livro Segundo do Governo do Brasil », que era de Eduardo Prado e foi comprado pelo Museu Paulista.

NOTA BIBLIOGRÁFICA: Na p. 6 dos RPP (ver referência abaixo), há a informação: « Já delle há um trecho conhecido: o que appareceu no tomo XVII dos *Anaes da Bibliotheca Nacional*. Entende Capistrano porê que este pedaço impresso - *Registo da folha geral do Estado do Brasil* é inferior ao que vai ser reproduzido no códice do Museu Paulista pelo facto de que foi mal copiado de cópia quando o original é o do Museu com todos os veras de authenticidade que lhe são os sellos officiaes. ¶ E depois a folha de despeza dos *Anaes* é de 10 de Junho de 1617 e a do Museu de 24 de outubro de 1616 ». Esse alvará com data de 19 de junho de 1617 volta a ser publicado na coleção *Documentos Históricos* (v. IV, 1930, pp. 25-66), com base em uma cópia de 9 de novembro de 1626, transladada no códice I-19, 7, 2 da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, cujo título é « *Registo da Folha Geral deste Estado por um traslado delle, que veio de Pernambuco sobscripta e assignado por Manuel Mendes de Vasconcellos Escrivão da Fazenda a fiz aqui trasladar para clareza delle por não apparecer o original* ». Comparando as 3 versões publicadas desse texto, não encontramos variações significativas nas informações que interessam à musicologia.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Anaes do Museu Paulista*. São Paulo, Diário Oficial, Tomo terceiro, Segunda parte, 1927, pp. 12-32.

Capitania da Bayad todos os sumtos

Despesas da Ig^{ra}

- [...]
 -(p. 13) A quatro dignidades quatrocentos mil rs. a rezão de cem mil rs a cada hua.
 [...]
 -A quatro Moços do Coro trinta e dous mil rs a rezão de oito mil rs a cada hua por anno.
 -Ao tangedor dos Organos trinta mil rs por anno.
 -Ao mestre da Capella⁴⁰⁰ cincoenta mil rs por anno.
 [...]
 -Ao Sochantre da dita See quarenta mil rs por anno.
 [...]

Fortede Tapeipe

- [...]
 -(p. 17) E ao Atambordo dito forte trinta e tres mil e seiscentos rs que tem desordenado poranno.
 [...]

Fortedessanto Antonio

[...]
 -(p. 17) Ahum Atambor trinta etresnil esseiscentos rs. por anno
 quevenaser poraes dous mil eoitocentos rs.

Presídio da Bahia

[...]
 -(p. 17) Ao atambornô²⁰⁰ quarenta eoit mil rs. poranno arezão de
 quatromilrs. poraes.
 -(p. 18) Aquatro Atambores dasditas Companhia cento trintaquatromil
 Equatrocentos rs. quevenaser acadahum trinta etresnil esseiscentos rs.
 poranno arezão dedous mil eoitocentos rs. por aes.
 [...]

Capitania de Pernambuco

Ordinarias particulares

[...]
 -(p. 25) E ao Atambor trinta etresnil esseiscentos rs poranno

Forte do Recife

[...]
 -(p. 25) E ahum Atambor trinta etresnil esseiscentos poranno
 [...]

Forte Roudalagem

[...]
 -(p. 25) Ao Atambor trinta etres mil esseiscentos rs poranno comosmais
 atambores

Capitania da Parahiba

Fortede Cabedello

[...]
 -(p. 27) Ao Atambor Vinteeoitomil eoitocentosrs poranno q uenaser poraes
 adous mil equatrocentosrs.
 [...]

Capitania do Rio Grande

Ordenado o Capp.== mor Emais off.== de milicia

[...]
 -(p. 28) Ao Atambor trinta etres mil e seiscentos e poranno.
 [...]

479 - RABIS DUPRAT (A música no Bahia Colonial, 1965, p. 98, nota 29, reapresenta em 1985, p. 14, nota 21) informa: « Em 1611 e 1626, a catedral de Salvador possui ainda um mestre-de-capela, um organista e quatro moços do coro, cujas despesas são levadas em conta. Cf. Braz do Amaral, nota nº 49 de *Memórias históricas e políticas da Província de Bahia*, de Ignacio Azeiteiro Cerqueira e Silva, Bahia, Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 3 vol., 1925, I, p. 435. Ver igualmente a nota nº 53, p. 477 ». JAIRO DINIZ (Uma notícia sobre a música no Brasil dos séculos XVI e XVII, 1972, p. 46), acrescenta: « Já o sacessor de Bartholomeu Pires, mestre de capela da Sé da Bahia e senhor de engenho, segundo se depreende de Gabriel Soares, pois tinha "em engenho de açúcar", deve ter sido Francisco Borges da Cunha, "cavaleiro fidalgo da casa real". Permaneceu aestrando, provavelmente, desde 1608 até 1660 ».

500 - DOMINGOS VIEIRA (Grande dicionário português, 1873, v. V, p. 621) esclarece: « Tambor-mór; o chefe dos tambores do regimento ».

ANÔNIMO

DOCUMENTO: *RELAÇÃO DA CAPITANIA DO BRASIL*. Escrita em partes, de pouco antes de 1617 até pouco após 1624.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Este manuscrito, publicado na RTMGG, vol. 62, parte I, pp. 5-25 sem indicação da localização do original, leva a nota de FRANCISCO ADOLPHO DE VARNHAGEN: « A seguinte Relação das Capitanias do Brasil foi escripta no principio do século dezessete ». JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES (*História da história do Brasil*, 1979, livro 10, cap. 11, nº 8, p. 499) comenta: « A "Relação das Capitanias do Brasil", diz Varnhagen na pequena nota que precede a publicação, "foi escrita no principio do século XVII e encerra-se o seu maior valor em pertencer a uma época de transição sobre a qual as mínimas notícias poderão interessar a quem fizer confrontações para acertar com a verdade histórica de algum fato importante". Foi o próprio Varnhagen quem a copiou e ofereceu ao Instituto Histórico. A relação não é datada, mas, começando a descrição setentrional pelo Rio Grande do Norte com pequenas referências ao Maranhão e Amazonas, deve ter sido escrita pouco depois da conquista do Maranhão iniciada em 1613, e concluída em 1616, com a fundação de Belém. ¶ Por outro lado, o fato de só descrever o sul, São Vicente, "que antigamente foi cabeça desta Capitania", faz supor que a relação houvesse sido escrita depois de 1624, pois entre esta data e 1679 deixou São Vicente de ser a capital [(nota 45): « Pedro Taques, *História da Capitania de São Vicente*, São Paulo, s/d, 102-115 »]. Ao tratar da capitania de Itamaracá escreve que o "capitão é morto pelo senhorio, e hoje está em litigio entre o Conde de Monsanto e Lopo de Sousa". Ora, a disputa entre D. Álvaro Pires de Castro e Sousa, foi decidida em 1617 [(nota 66): « Pedro Taques, *ob.cit.*, 92, nota 10 8 de Adolfo Garcia in Varnhagen, *História Geral do Brasil*, 11, 171 »]. Todo isso leva-nos a crer que tenha sido escrita aos poucos, em épocas diferentes, a partir de pouco antes de 1617, quando o pleito estava decidido e a notícia do Maranhão era recente, e depois de 1624, quando São Vicente foi destituída de cabeça de capitania. Como as demais relações da época, esta descreve a costa, as povoações, os povoadores, os produtos, as rendas, a organização civil, militar e religiosa, os ordenados dos funcionários e destaca os engenhos de açúcar ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 62, parte I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. 161 pp.

CAPITANIA DO RIO GRANDE

[...]

[5.] (p. 7) [da relação das atividades que existem na capitania] Um tambor que tem quatro cruzados [por mes].

CAPITANIA DA PARAIBA

[...]

[11.] (p. 8) Dois tambores, um no forte, outro na Cidade e sete mil reis por mez cada um.

[...]

CAPITANIA DE PERNAMBUCO

[...]

[11.] (p. 11) Quatro tambores, e dois pifanos destas duas companhias tem por mez mil e duzentos reis cada um e seu mantimento.

[...]

[17.] Tem mais um tambor na forma do regimento que tem cada vez mil e duzentos de soldo, e mil quatrocentos e vinte reis de mantimento.

CAPTANIA DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

[...]

[11.] (p. 14) Quatro tambores e dois pifanos, dois embandeirados, um Cirurgião, um barbeiro, vence cada um a dois mil e oito centos rs. por mez.

[...]

[22.] Tem mais de intertimento por vez oito mil rs. e assim mais um tambor com dois mil e oitocentos rs. por mez.

[...]

[24.] Hum tambor com dois mil e oitocentos rs. por mez.

[...]

[29.] Ha um tambor por afora os quatro das companhias o qual vence a quatro mil rs. por mez.

[...]

Ministros Ecclesiasticos da cidade da Bahia

[...]

[3.] (p. 16) As cinco dignidades a cinco mil rs. cada um. ⁵⁰¹

[...]

[6.] Quatro moços de Choro a seis mil rs. _____ d.^o

[7.] O Mestre da Capella quarenta mil rs.

[8.] O Tangedor dos Orgãos vinte mil rs. ⁵⁰²

[...]

CAPTANIA DO RIO DE JANEIRO

[...]

[7.] (p. 23) Dois tambores a seis cruzados cada um por mez.

[...]

501 . De nove itens do pagamento do cabido são precedidos pela informação (p. 16): « O Cabido da Sé tem de seus ordenados oito centos e dezanove mil rs. a saber ». A soma dos ordenados, segundo os números apresentados, é 544000 réis. Para a somatória ser 819000 réis, as 'cinco dignidades', entre as quais está incluído o chantre, deveriam receber, juntas, 300000 réis, ou seja, 60000 réis cada uma. De qualquer maneira, há erro evidente ao se registrar apenas 50000 réis para cada dignidade.

502 . Os salários dos músicos da Sé da Bahia provavelmente só voltaram a ser alterados no séc. XVIII. Pelo menos é o que se deduz desta passagem de FRANCISCO CURT LAMKE (A organização musical durante o período colonial brasileiro, 1966, p. 73), que usa como fonte o códice 96 do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (ff. 262r-262v): « O tal aumento veio, efectivamente, modificar a resolução de 9 de Abril de 1707 com data de 23 de Agosto de 1727, percebendo o mestre de capella 40000 réis com 20 de aumento, os quatro moços de coro 12000 réis com 6 adicionais e o organista passando de 25000 réis para 37000 réis com 12000 de melhora. Esta disposição foi tomada logo pelos outros bispos com de carácter geral, originando alguns protestos pela demora na sua aplicação ». Por fim, FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA (Estudo histórico-retrospectivo sobre as artes em Pernambuco, 1900, p. 16) cita uma « Provisão regia de 10 de Abril de 1697 », pela qual o mestre de capella, pelo menos na Sé de Olinda, passou a receber 60000 réis.

QUARTEL DE SÃO BENTO

DOCUMENTO: LISTA DE PAGAMENTOS DO QUARTEL DE SÃO BENTO. Bahia, 18 de outubro de 1638.

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Incluído por SERAFIM LEITE na edição do livro de VILHAGANTI (cf. infra), na parte II, apêndice I, documento II, (pp. 128-164), levo o título de « Nesta quartel de san Bento em deymto de outro de misc. tem trinta e cyto ». O manuscrito é do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: PEDRO CADEIRA DE VILHAGANTI - *Relação Diária do Qrtm de Baía de 1638 por Pedro Cadeira de Vilhaganti*. Prefácio de Serafim Leite; Notas de Manuel Múrias. Lisboa, Editorial Ática, 1941. 338 pp. (Coleção dos Clássicos da Expansão Portuguesa no Mundo).

[Anexo 10] Lista segunda

[...]

(p. 148) O atambor gn.¹ hñã 1

[...]

[Anexo 12] Segue o terço do mestre de campo Luiz Bardalho Bezerra

[...]

(p. 150) O Atambor mayor 1

[...]

[Anexo 14] Segue-se o terço de Castella de que foi m.^o de campo João Ortiz

[...]

(p. 151) O Atambor mayor hñã 1

[...]

[Anexo 18] Segue-se o terço de Nappoles de que he mestre de campo Hector de Lacalça

[...]

(p. 152) O Atambor mayor 1

[...]

[Anexo 20] Lista 3a

[...]

(p. 155) A quatro atambores mayores Uoo4

[...]

Ao atambor gn.¹ Uoo2

[...]

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

**C. Documentos sobre Atamboras, Caixas
e Trombetas na Bahia (1549-1703)**

[ESTADO DO BRASIL.]

DOCUMENTOS: MANDADOS DE PAGAMENTO A "ATAMBORES" E "TROMBETAS". Bahia, 1549-1553.

TEXTOS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS: As informações sobre « atambores » e « trombetas » estão incluídas no manuscrito « Registo de Provisões Reaes », códice 3-19-7-2 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, publicado nos volumes 13, 14, 37 e 38 dos DH. Há vários registros publicados duas vezes nos *Documentos Históricos*, entre os volumes 33-37, 14-37 e 14-38. Quando isso ocorre, indicamos, entre parênteses, o local onde há duplicata.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: *Documentos Históricos* 1677-1678; Patentes 1534-1551; Forais, Doações, Regimentos e Mandados; Vol. XIII da série E XI dos docs. da Bib. Mac. 1929. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C, 1929. 500 pp.

Documentos Históricos 1551-1625; Mandatos, Provisões, Doações. Vol. XIV da Série E XI dos docs. da Bib. Mac. Rio de Janeiro, Typ. Monroe, 1929. 499 pp.

OBSERVAÇÃO: A disposição dos fragmentos em ordem cronológica é nossa. A numeração dos parágrafos nem sempre corresponde a essa ordem.

[...]

25. — (v. *XXVII*, p. II) A dezesete de Junho de mil quinhentos, e quarenta, e nove passou mandado para o dito Thezoureiro pagar 80675 em resgate, em que monte o dito dinheiro a trinta e seis homens d'armas, dezesseis Espingadeiros, dois besteiros, e o atambor^{soo} de seu mantimento dos derradeiros quinze dias de Junho de quinhentos e quarenta, e nove á razão de quatrocentos reis por mez, e as trinta e uma pessoas, que no dito Rol vão menos o dinheiro houveram no Almozarife dos mantimentos cada um um alqueire de farinha da terra por outro mandado, e por este com Certidão do Escrivão da Matricula, que poz verba no Caderno dos mantimentos em seus titulos, que foran pagos pela dita maneira, e pagas postas no Rol pelo Escrivão de seu Cargo manda aos Contadores, que lho leven em Conta.

26. — A dezesete de Junho de mil, quinhentos, e quarenta, e nove passou mandado o dito Provedor-mor para Christovão de Aguiar Almozarife do Armazem pagar trinta e um alquei-(p. 12)res de farinha da terra a vinte e um homens d'armas, e sete espingardeiros, e dois besteiros, e o atambor de seu mantimento dos derradeiros quinze dias de Junho de seu mantimento á razão de quatrocentos reis por mez, porque dos cento e vinte, e cinco reis, que fallecem houveram pagamento em Gonçalo Ferreira Thezoureiro por outro mandado, e por este com Certidão do Escrivão da Matricula, que poz verba em seus titulos, que houveram o dito pagamento, e pagas postas no Rol pelo Escrivão do Armazem manda aos Contadores, que lhe leven em Conta os ditos trinta e um alqueires de farinha.

[...]

117. — (v. *XXVII*, p. 52 e v. *XIII*, p. 320) Ao primeiro de Julho de quinhentos, e quarenta, e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor Antonio Cardoso de Barros para Gonçalo Ferreira, que pagasse digo Ferreira Thesoureiro, que pagasse Vinte e um mil reis em resgate a trinta e dois homens d'armas, e vinte e um Espingardeiros, e tres besteiros, e ao atambor, que haviam de haver de seu mantimento de todo o mez de Julho de quinhentos, e quarenta e nove á razão de quatrocentos reis por mez.

118. — Ao primeiro de Agosto de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para Gonçalo Ferreira Thesoureiro, que pagasse mil, e seiscentos e vinte e cinco trombetas em resgate de todo o mez de Agosto de seu mantimento á razão de quatrocentos reis por mez porque o mais houveram em farinha em Christovão de Aguiar Almocharife.

[...]

274. — (v. *XXVII*, p. 98 e v. *XIII*, p. 364) A vinte e seis de Outubro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias⁵⁰⁴ Trombete⁵⁰⁵ dois mil duzentos, e quarenta, e oito reis de custos, que fez para as obras da dita Cidade do Salvador e que por elle com seu Conhecimento lhe sejam Levados em Conta. Resgate.

[...]

278. — (v. *XXVII*, p. 98 e v. *XIII*, p. 368) A tres de Novembro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Gonçalves, e a Sinão Rodrigues trombetas duas espadas para cada um sua á razão de quatrocentos, e cincoenta reis a espada para lhe serem descontadas de seus Soldos, e que por elle com seu Conhecimento, e Certidão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

283. — (v. *XXVII*, p. 104 e v. *XIII*, p. 371) A vinte de Novembro da dita era passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres Atambor, e Antonio Fernandes homem d'armas novecentos reis em duas espadas a quatrocentos, e cincoenta reis cada uma para lhe serem descolados de seus (p. 105) ordenados, e que por elle com seus Conhecimentos, e Certidão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

291. — (v. *XXVII*, p. 104 e v. *XIII*, pp. 370-371) A vinte e nove de Novembro de quinhentos, e quarenta e nove passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro, que pagasse a Vasco Gonçalves Espingardeiro seiscentos, e setenta reis, e a Jeronymo de Torres atambor outros seiscentos e setenta reis, e a João Fernandes de Villanova trezentos reis, e Antonio de Freitas trezentos, e vinte reis, a qual soma lhe havia de ser descontada de seus Soldos, e que por elle com seus conhecimentos, e Certidão do Escrivão da Matricula lhe sejam Levados em Conta.

[...]

835. — (v. *XIV*, p. 158 e v. *XXVII*, pp. 395-396) A treze de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor novecentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de mez, e meio, que começou ao primeiro de Setembro de mil quinhentos, e cincoenta té quinze de Outubro do dito anno a seiscentos reis por mez; e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

417. — (v. *XIII*, p. 418) [janeiro 1550] A dezasete do dito mez, e era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João Rodrigues da Bexiga trombete mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo do mez de Julho de mil quinhentos, e quarenta, e nove a dita razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos de como recebeu os ditos mil e duzentos reis, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

299. — (v. *XIII*, p. 373) [1550] A vinte e quatro de Janeiro da dita era passou o Governador mandado em ausencia do Provedor-mor para o dito Thesoureiro que pagasse a Jeronymo de Torres seiscentos reis, que lhe eram devidos do mez de Maio de quinhentos, e quarenta, nove a razão dos ditos seiscentos reis por mez de tambor, e que por elle com seu conhecimento, e Certidão da Matricula lhe sejam levados em conta.

[...]

447. — (v. *XXVII*, p. 169) A cinco de Maio de mil, quinhentos, e cinquenta passou o Governador mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor mil, e oitocentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos dos mezes de Junho, Julho, Agosto de mil quinhentos, e quarenta, e nove a razão de seiscentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por elle e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo que houve pagamento da dita somma lhe sejam levados em conta.

[...]

647. — (v. *XIV*, p. 31) [agosto 1550] A onze do dito mez, e anno passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor seiscentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de quatro de Outubro té vinte e seis de Novembro de mil quinhentos e quarenta, e nove a razão de seiscentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

355. — (v. *XIII*, p. 383) [agosto 1550] A dez de Dezembro da dita era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor, oitocentos reis, que lhe eram devidos de seu mantimento de dois mezes Novembro, e Dezembro da dita era a razão de quatrocentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento, e com Certidão da Matricula de como fica posta verba em seu titulo no caderno dos mantimentos lhe sejam levados em conta.

[...]

417. — (v. *XXVII*, p. 153) [janeiro 1551] A dezasete do dito mez, e era passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesou-(p. 154)reiro, que pagasse a João Rodrigues da Bexiga trombete mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo do mez de Julho de mil quinhentos e quarenta, e nove a dita razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos de como recebeu os ditos mil e duzentos reis, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam Levados em Conta.

[...]

983. — (v. XIV, p. 171) A dez de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a João da Bexiga trombetea sete mil, e duzentos reis em dinheiro, que lhe eram devidos de seu soldo de seis mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um até o derradeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta, e dois a razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

450. — (v. XXXVII, p. 170) A vinte e um de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias das Lapes trombetea dois mil, e quatrocentos reis em mercadorias, que (p. 171) lhe eram devidos de seu soldo de dois mezes Julho, e Agosto de quinhentos, e quarenta e nove á razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, em que declarasse receber a dita somma, e com Certidão do Escrivão da Matricula, que declarasse ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

682. — (v. XIV, p. 45) A seis do dito mez de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro que pagasse ás duas pessoas nelle contudas dez mil oitocentos, e trinta reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo por esta mansiral; á Jeronymo Machado homem d'armas sete mil, duzentos e cincoenta reis, os seis mil, e cincoenta reis de dez mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta a quinhentos reis por mez, e os cincoenta reis eram de resto de divida passa-(p. 46)da, e os mil, e duzentos reis de tres mezes de seu mantimento, que começaram ao primeiro de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta Março, e Abril do dito anno a quatrocentos reis por mez, e a Jeronymo de Torres atambor tres mil quinhentos, e oitenta reis de seis mezes, que começaram ao primeiro de Dezembro de mil quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Maio de mil quinhentos, e cincoenta a seiscentos reis por mez, e os vinte reis, que falleceram a dita razão tinha já recebidos, e que por elle com seus conhecimentos feitos pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas verbas em seus titulos lhe sejam levados em conta.

[...]

732. — (v. XIV, p. 68 e v. XXXVII, pp. 302-304) A dezasete de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse ás cinco pessoas nelle contudas cento, quarenta e cinco mil novecentos, e cincoenta reis, que lhe eram devidos de seus soldos; a saber a Diogo Dias trombetea vinte e sete mil, e seiscentos reis de vinte e tres mezes que começaram ao primeiro de Setembro de mil quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta e um a mil, e duzentos reis por mez; e a outro Diogo Dias trombetea trinta mil reis de vinte, e cinco mezes, que começaram ao primeiro de Julho de mil quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e a João Rodrigues da Bexiga trombetea vinte e oito mil e oitocentos reis de vinte e quatro mezes, que começaram ao primeiro de Agosto de mil quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e a Simão Rodrigues da Bexiga trombetea vinte e nove mil quinhentos, e cincoenta reis de quinze mezes, que começaram ao primeiro de Julho de mil quinhentos, e quarenta e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e

os quatrocentos, e cinquenta reis lhe foram descontados por os ter já recebidos; e a Pedro Gonçalves das Lapas trombeteira trinta mil reis de quinze mezes que começaram ao primeiro de Julho de mil quinhentos, e quarenta, e nove até o derradeiro de Julho de mil quinhentos, e cinquenta, e um a mil, e duzentos reis por mez, e que por elle e seus conhecimentos feitos pelo Escrivão de seu cargo assignados por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas verbas em seus titulos lhe sejam levados em conta.

[...]

833. — (v. XIV, p. 116) A vinte de Outubro de mil quinhentos, e cinquenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Pedro Gonçalves das Lapas trombeteira dois mil, e quatrocentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de dois mezes Agosto, e Setembro da dita era a razão de mil, e duzentos reis por mez, e que por elle e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

849. — (v. XIV, p. 123 e v. XXVII, p. 359) A quatro de Novembro de mil quinhentos, e cinquenta, e um passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor dois mil, e duzentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo, e mantimento, os mil, e oitocentos reis do dito soldo de tres mezes. Junho, Julho, Agosto de mil quinhentos, e cinquenta a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu Conhecimento lhe sejam Levados em Conta, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo, e os quatrocentos reis de seu mantimento do mez de Outubro do dito anno a quatrocentos reis por mez.

[...]

860. — (v. XIV, p. 179) Ao primeiro de Março de mil quinhentos, e cinquenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o Alcazarife Christovão de Aguiar, que pagasse a Jeronymo de Torres Atambor quatro mil reis em dois quintaes de ferro a dois mil (p. 180) reis quintal, que lhe eram devidos de seu soldo de seis mezes, e vinte dias, que começaram a quinze de Outubro até cinco de Maio de mil quinhentos, e cinquenta, e um a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula, em que declare ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

886. — (v. XIV, p. 186 e v. XXVII, p. 425) [março 1552] A dezesseis do dito mez passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor dois mil, e novecentos reis em mercadoria, que lhe eram devidos de seu soldo de quatro mezes, e vinte dias, que começaram a seis de Maio de mil quinhentos, e cinquenta, e um até o derradeiro de Setembro do dito anno a seiscentos reis por mez, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1003. — (v. XIV, p. 180 e v. XXVII, p. 429) A vinte e seis de Março de mil quinhentos, e cinquenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Diogo Dias de Lapas trombeteira mil, e duzentos em mercadoria, que lhe eram devidos de seu Soldo do mez de Agosto de mil quinhentos, e cinquenta, e um a razão dos ditos mil e duzentos reis por mez, e que por elle, e seu Conhecimento feito pelo Escrivão de seu Cargo assignado por ambos, em que declarasse receber a dita quantia, e com Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1087. — (v. XIV, p. 228 e v. XXVIII, p. 35) A sete de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor tres mil, e quinhentos reis em mercadoria, que lhe eran devidos de seu soldo de seis mezes, que começaram ao primeiro de Outubro de mil quinhentos, e cincoenta um té o derradeiro de Abril de mil quinhentos, e cincoenta e dois a sete mil reis por anno, e o serviu, e venceu, e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

1147. — (v. XXVIII, p. 62) A trinta de Julho de mil quinhentos, e cincoenta, e dois passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Simão Rodrigues Trombeta setecentos, e cincoenta reis em reagata para duas canisas por servir nas Ferrarias de Sua Alteza, e que por elle com seu conhecimento somente, em que declarasse receber a dita somma feito por seu Escrivão assignado por ambos lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1204. — (v. XIV, p. 278) [21/10/1552] No dito dia passou mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor seiscentos reis em mercadoria, que lhe eran devidos de todo o mez de Outubro de mil quinhentos, e cincoenta, e um a razão dos ditos seiscentos reis por mez, em que foi sentado, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento lhe sejam levados em conta.

[...]

1228. — (v. XXVIII, p. 100) [1551] No dito dia oito de Novembro passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse ás duas pessoas nelle conteudas cinco mil, e quarenta reis em mercadoria, que lhe eran devidos de seu soldo por esta maneira a saber; a Jeronymo de Torres atambor tres mil e quinhentos reis, que venceu em seis mezes do primeiro de Maio de mil quinhentos, e cincoenta, e dois té o derradeiro de Outubro delle a sete mil reis por anno; e a André Fernandes de Souza Calafate mil quinhentos, e quarenta reis, que venceu em um mez, e tres dias, que começaram ao primeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta té tres de Fevereiro delle a mil, e quatrocentos reis por mez e que por elle, e seus conhecimentos, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar postas Verbas em seus titulos lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1273. — (v. XIV, p. 310 e v. XXVIII, p. 121) [04/05/1553] No dito dia passou o dito Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro, que pagasse a Jeronymo de Torres atambor mil setecentos e cincoenta reis em mercadoria, que lhe eran devidos de seu ordenado, que começou em tres mezes do primeiro de Novembro de mil quinhentos, e cincoenta, e dois té o derradeiro de Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta, e tres, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta Verba em seu titulo lhe sejam Levados em Conta.

[...]

1407. — (v. XIV, p. 367 e v. XXVIII, p. 180) A dois de Agosto de mil quinhentos, e cincoenta, e tres passou mandado para o dito Thesoureiro que pagasse a Jeronymo de Torres atambor mil setecentos, e cincoenta reis, os mil e duzentos em dinheiro, e o mais em mercadoria, que lhe eran devidos de seu soldo de tres mezes, que começaram ao primeiro de Fevereiro de mil quinhentos, e cincoenta, e um té o derradeiro de Abril do dito anno a sete mil reis por anno, e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, lhe sejam levados em conta.

503. Para "Atambor", DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. I, p. 633) dá « O aresão que Tambor, usado na linguagem poética ». PEDRO SINTIO (*Pelo mundo de aço*, 1959, p. 31) e TOMAS BUREA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. I, 1962, p. 54) usam a grafia "altambor". WAÍLO DE ANDRADE (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 30), citando documento português antigo, afirma que "atambor" é « provavelmente o aresão que tambor em português arcaico ». O termo era corrente em Portugal no séc. XVI, como se vê na carta "A el-rei D. João", de FROVINCIO DE SÁ DE NEIRAMA (*Obras completas*, 1943, v. II, nº 133, estrofe LXI), p. 44): « Não assobertas soldados | aqui, nem soa atambor; | os outros reis seus estados | guardas de armas rodeados, | vós rodeado de amor ». No Brasil, é assinalado apenas entre portugueses e holandeses.

504. ALBERTO SILVA (*A cidade de Tomé de Sousa*, 1949, p. 33) menciona, entre os "muitos oficiais de muitos ofícios" que chegaram ao Brasil em 29 de março de 1549, na armada de Tomé de Sousa, « trombetas como Blogo Dias, Simão Rodrigues, João de Beniga etc. recebendo 18200 aresais de soldo; tambores como Jerônimo de Torres, etc. recebendo 400 rs. aresais de soldo ».

505. O "trombeta" é, para RICHARD BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. VIII, 1721, p. 307), o aresão que "trombeteiro". DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. V, p. 832) dá "Homem que toca trombeta".

[ESTADO DO BRASIL]

DOCUMENTOS: DIVERSOS SOBRE "ATAMBORÉ" E "CACIAS". Bahia, 1861-1703.

TEXTOS E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS: Estas informações, encontradas nos DAs, provêm de quatro códices diferentes: vol. VII: Códice I-4-1-43 na Biblioteca Nacional; vol. XI: « Registo de Provisões Reaes », códice I-19-30-1, vol. II da Biblioteca Nacional; vol. XXII: « Códice existente no Arch. Publ. Mineiro », « Registo de Provisões Reaes »; vol. LXXXIV: « Registo de Cartas Régias », livro 32, códice I-59-37-2 da Biblioteca Nacional.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: *Documentos Históricos* 1660-1670. Vol. VII da série E V dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Augusto Porto & C., 1929. 510 pp.

Documentos Históricos 1659-1662; Provisões, Alvarás e Sentenças. Vol. II da Série E XVIII dos docs. da Bib. Nac. Rio de Janeiro, Typographia Monro, 1930. 500 pp.

Documentos Históricos 1651-1693; Provisões, Patentes, Alvarás, Mandados. Vol. XIII. Rio de Janeiro, Typ. Arch. de Hist. Brasileira, 1936. 508 pp.

Documentos Históricos Registo de Cartas Régias 1697-1703; Pernambuco e outras capitanias do Norte; Cartas e Ordens 1717. Vol. LXXXIV. [Rio de Janeiro], Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional, 1949. 299 pp.

REGISTO DA PROVISÃO DO TAMBOR-MOR Antonio Francisco Barradas.

(v. XX, p. 373) Francisco Barreto etc. Porquanto está vaga a Praça de Tambor-Mor do Terço do Mestre de Campo João de Araujo por haver fugido Carlos da Luz que servia, e convém prover-a em pessoa que tenha a sufficiencia necessaria tendo eu respeito a concorrer esta na de Antonio Francisco Barradas, e nomeação que nelle fez o seu Mestre de Campo Hei por bem de o prover (Como pela presente faço) na Praça de Tambor-Mor do dito Terço e como tal haverá, e se lhe continuará o soldo na forma que se fazia a seu immediato antecessor Pelo que Ordeno ao Official Maior do dito Terço a que toca lhe dê a posse e Juramento na forma costunada de que se fará as-(p. 374)sento nas costas desta; E ao Provedor-Mor da Fazenda Real deste Estado lhe mande assentar a dita Praça livrar o soldo e pagar a razão na forma que se continuava ao dito Carlos da Luz. E aos Tambores daquelle Terço mando o hajam e conheçam por seu tambor-Mor para firmeza do que lhe mandei passar a presente sob meu signal e sello de minhas armas a qual se registrará nos Livros a que tocar Bento Pereira de Andrade a fez nesta Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos em os vinte e cinco dias do mez de Junho anno de mil e seiscentos e sessenta e um Bernardo Vieira Ravasco o fiz escrever. Francisco Barreto. Registrada no segundo Livro dos Registos a que toca desta Secretaria do Estado do Brasil a folhas quarenta e quatro verso Bahia e Junho vinte e sete de seiscentos e sessenta e um. Ravasco. Sente-se a Praça na forma do estylo para o que não está em uso passar-se Provisão mais que o numeramento Bahia dezasete de Julho de seiscentos e sessenta e um Brito. Registou-se em dezasete de Novembro do dito anno.

Gonçalo Pinto de Freitas.

Portaria para o Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado mandar á Companhia do Capitão Manuel de Figueiredo Mascarenhas a bandeira e caixas de guerra que lhe faltar.

(v. VII, p. 119) Porquanto a Companhia que El-Rei meu Senhor mandou vir de guarnição na nau em que passei a este Estado, de que é Capitão Manuel de Figueiredo Mascarenhas, se embarcou pela pressa com que parti, sem a bandeira e caixas que é estylo dar-se nos armazens, e os Ministros a que toca tinham dado para isso a ordem necessaria. O Provedor-mor da Fazenda Real mande prover a dita Companhia da bandeira e caixas que lhe faltam para servir como as mais desta praça no terço a que está aggregada. E por esta com recibo do mesmo Capitão se levará em conta a despesa que se fizer ao Alcazarife ou Thesoureiro por cuja mão correr nas que der de seu recebimento. Bahia e Setembro primeiro de 1683.

O Conde de Obidos.

Portaria para se darem tres bandeiras e duas caixas de guerra ás Companhias que vão de socorro a Angola.

(v. VII, p. 165) O Provedor-mor da Fazenda Real deste Estado mande dar ás tres Companhias que vão de socorro para Angola tres bandeiras, e duas caixas de guerra por conta do dinheiro de que se faz a mais despesa para o mesmo socorro, e por esta se levará em conta ao Thesoureiro Geral nas que der de seu recebimento. Bahia e Maio 4 de 1684.

O Conde de Obidos.

Portaria que se passou para os Capitães trazerem os seus tambores vestidos.

(v. XIII, p. 229) Porquanto os Capitães desta praça costumam trazer os tambores despidos quando entram de guarda, e em todos os mais actos em que marcham as suas companhias vencendo os ditos tambores a sua praça: o Provedor-mor da Fazenda Real os advirta logo na mostra que está passando que os vistam e não marchem sem os levarem vestidos, e calçados o que se entende naquelles actos militares em que os tambores têm exercido com comminação de que além de lhes extranhar qualquer descuido que no cumprimento desta ordem haja (o que não espero) lhes mandarei abater de seus soldos a (p. 224) importancia da despesa que farão em vestir os ditos tambores. Esta se registrará adonde tocar. Bahia 15 de Julho de 1684. O Marquez.

Registo da carta de Sua Magestade para o Governador Geral d'este Estado, sobre os tambores e pagens do Tërço dos Paulistas.

(v. LXXIV, p. 212) D. Rodrigo da Costa, amigo. Eu, El-Rei, vos envio muito saudar. Tenho visto vários papéis que aqui me fez José Peixoto de Moraes Castro, como Capitão e Procurador do Tërço dos Paulistas de que é Mestre de Campo Manuel Álvares de Moraes Navarro, sendo em d'elles sobre se lhe não querer assentar praça mais que um tambor em cada companhia do dito tërço, tirando-se-lhe o outro e o pagem da ginta, e o esouteirado que tem tódas as mais companhias dos tërços d'este Reino e d'esse Estado a cuja imitação se mandar levantar este dos Paulistas. Me pareceu ordenar-vos que façais guardar o contrato que se fez com o dito (p. 213) mestre de campo e quando nele se não ache que se mandarão dar dois tambores com embandeirado lhe não defirais a este particular. Lisboa, 4 de julho de 1703. Rei. Conde de Alvor, Presidente. Para o Governador Geral do Estado do Brasil. Matias Miranda de Oliveira a registou em 12 de abril de 1704, e se entregou a própria ao secretário. João Antunes Moreira.

SEÇÃO II - REGISTROS OFICIAIS

**D. Documentos sobre a Música em
São Paulo (1562-1705)**

CÂMARA DA VILA DE SÃO PAULO

DOCUMENTOS: ATAS. 1562-1700.

FEITOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Pertencentes ao Arquivo Municipal de São Paulo, as atas foram publicadas em 7 volumes em 1914 e 1915. Precedendo-as, foram publicadas as Atas da Câmara de São André da Borda do Campo; Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. 1914. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1914. 74 pp., sem conter, no entanto, informações que interessam à musicologia.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1562-1626. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. I. Seculo XVI. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1914. 508 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1596-1627. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. II. Seculo XVI-XVII. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1915. 500 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1623-1639. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. III. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1915. 333 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1639-1639. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. IV. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1915. 454 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1649-1652. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. V. Seculo XVII. S. Paulo, Duprat & C.* - Rua Direita, 8, 1915. 540 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1653-1679. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. VI. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 479 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1656-1669. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Volume anexo ao Vol. VI. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 615 pp.
 Atas da câmara da Villa de S. Paulo 1679-1700. Publicação oficial do Arquivo Municipal de S. Paulo. Vol. VII. Seculo XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1915. 550 pp.

Anno de 1563 (vol. I)

[...]

[4.] (p. 200) aos dezanove dias do mes de janeiro da era de mil e quinhentos e oitenta e tres anos se ajuntarão (p. 201) hos snõrs hofisiais da camara p^a acordarem algumas couzas q^a p^a proll e proveito do povo he necessarias <...> e assim mais requereu o procurador do conselho [Gaspar Nunes] que suas merces nãdasem que nenhuma pessoa fosse as aldeas a registarem os indios p^a causa dos muitos agravos que lhe fazem / e mais requereu ho dito procuador do conselho que todo homem cristão branco que não seja negro de fora que se achar em aldeas de negros foros ou cativos bebendo e bailando ao modo do dito jëtio e suas merces lhes nãdasem e puzesem pregão e pena contra os tais / <...>

[5.] <...> (p. 202) j^o nasiell [João Nasciell] escrivão da camara que esto escrivi - balltezar roiz [Baltazar Rodrigues, vereador] - salvador de paiva [Juiz] - paulo roiz [Paulo Rodrigues, vereador] - gaspar Nunes.

Anno de 1823 (vol. III)

[...]

[8.] (p. 55) Aos vinte e hã dias do mes de outubro do ano prezente do mil e seis centos e vinte e tres anos nesta villa de são paulo na casa do cõselho onde se custuma fazer vereação se juntarão ã camara os offisiaes della a saber o juiz ordinario m.^{al} esteves [Manuel Esteves] que serve ã sauzencia de fr.^{co} jorge e os vereadores bertholameu glz [Bartolomeu Gonçalves] g.^{co} made.^a [Gonçalo Madeira] e sinão borges cerqr.^a [Sinão Borges Carqueira] e o pd.^{or} [procurador] do cõselho luis furtado e sendo juntos ã camara puzerão ã practica as couzas do ben cumi da terra <...> (p. 56) E requereo mais o dito procurador que se fizesse acordo sobre o gentio q̃ nesta villa fazem bailes de noite e de dia perq̃to [porquanto] nos ditos bailes acoadia nt.^{os} peccados mortaes e ãsulencias contra o serviço de d.^e e ben cumi ã cometerã fugidas e levantant.^{os} e outras couzas q̃ não declaravão per não ser desentes a vt.^o [visto] o dito requerim.^{to} acordarão os ditos offisiaes da camara que antes da missa do dia nã de noite não ouvesse os ditos bailes so pena do dono do negro ou negra q̃ for achado nos taes bailes pagar cem reis per cada negro ou negra q̃ for achado pera qual efeito serão prezos e da cadeia pagara seu senhor e se pasase quartel pera vir a notisia de todos o qual quartel se pasou logo pera ser fixado <...> (p. 57) e de tudo mandarão fazer este termo e asinarão aqui eu callixto da nota escrivão da camara o escrevi - g.^{co} made.^a - M.^{al} esteves - bert.^o glz - Sinão borges Cerqr.^a - do pd.^{or} luis + furtado.

[...]

Anno de 1848 (vol. V)

[...]

[42.] (p. 372) Aos dous dias do mes de junho de mil seis centos e quarenta e nove annos nesta villa de san paullo na casa da camara della estando juntos nella os ofisiaes (p. 379) da camara os abaixo asinados ante elles apparece o p.^e vigr.^o domingos gomes albernaz e por elle foi dito que nam hera serviso de deos nam bem ornato do culto devino que m.^{al} pais de linhares ~~com~~ exersitase o ofisio de mestre da capella porquanto não hera util nam capas de servir o dito cargo por nelle ser ser [sic] m.^{to} serviso não tendo desipollos nam muzicos pera se selebrarem os offisios divinos como he uzo e costume en todos os mestres da capella assistindo com sua fazenda no aumento della e como por tres ou quatro vezes se tivesen todos indispostos com elle dito p.^e vigr.^o com palavras escandallozas diante do santissimo sacramento e do mais povo que prezente estava e em ocazia que estava revestido na selebrassam do santo sacram.^{to} e alen disto com os e confrades da dita igreja a todos em ocazia de se perderem com elle o sello tambem de que os ditos irmãos percam a sua de servirem aos santos e mais sendo de tudo elle dito manael pais de linhares cauza e como nesta semana santa pasada estando na selebrassam dos sacram.^{tos} do cento na dita igreja elle asentarse em hã arco da dita igreja por m.^{tas} vezes a fazer escarninhos e rirse dos que estavam ajudando aos ofisios divinos elle nam acudir com os que tinham de obrigassam pello que lhe requeria aos ditos ofisiaes da camara os abaixo asinados que o mandasen noteficar que não esersitase o dito cargo

ate se avisar ao s.^{or} prellado pera que proveesse no cauço como lhe paresesse justissa e mais ornato e serviso de deos o que visto pellos ditos officiaes da camera lhe mandaram tomar seu requerim.^{to} e que fosse notificado o dito mancoel pais de linhares uzasse da dita provizão de mestre de capella ate se avizar o s.^{or} prellado e juntam.^{te} por a (p. 374) dita provizão não ser registada em camera como he uzo e costume de que tudo fis esta termo em que asinaram com o dito p.^a vigr.^o domingos machado t.^{am} [tabelião] que o escrevi - gregorio joze [Gregório José de Moraes, Juiz] - o vigr.^o d.^{os} gomes Albernaz - Ant.^o de sigr.^a [Antonio de Siqueira, Juiz] - lionel furtado [Leonel Furtado, vereador] - D.^{os} teixeira vide [Domingos Teixeira Cid, vereador] - Theodoro [João Pereira Theodoro, vereador] - Belchior barreiros [Procurador do Conselho].

[...]

Anno de 1657 (anexo ao vol. VI)

[1.] (p. 38) o pro dia do mes de jan.^{ro} de mil e seis sentos e sincoenta e sette annos nesta villa de são paulo nas cazas do conselho della os juizes e vreadores do anno pasado com os vreadores do outro anno anteseidente forão ao colégio da companhia de jezus aonde estava o cofre dos pilouros e juntos o trouxerão a esta camera onde se abrio e por um menino foi tirado o piroulo de dentro do dito cofre e abrindosse se achou sairen por Juizes João pais e o capp.^{an} ant.^o do cento e vreadores o capitão asenço de quadros e m.^{el} pais de linhares e gaspar de godoy moreira e procurador Ant.^o barboza taborda aos quais se mandou logo chamar e vindo os ditos juizes, os do anno pasado lhe derão juram.^{to} de que ben e verdadeirant.^e farião seus cargos e pellos ditos juizes foi logo dado o juram.^{to} ao capp.^{an} asenço de coadros para que tambem fizesse o que devia a seu cargo e o mesmo juram.^{to} se deu ao dito an.^{to} Barboza taborda para servir de procurador e por os outros dois vreadores estarem en suas fazendas não forão logo chamados, e mandarão se lhe dese logo avizo de que de tudo mandarão os ditos officiaes q.^{ue} entrão fazer este termo em que asinarão e eu luis fr.^z crato escrivão da camera que o escrevi - João pais [Juiz] - Ant.^o do Canto de misqitta [Antonio do Canto de Mesquita, Juiz] - Ascenço D. q.^{das} - An.^{to} barboza Taborda [Proc. do conselho].

[2.] (p. 40) Aos dezanove dias do mes de janeiro de mil e sseis sentos e asinquenta e sette annos nesta villa de ssam paulo ffizeram vressas os offissiaes aBaixo assinados que sservem este prezente anno nesta dita villa <...> e de que fis esta termo de vressas en suzenssia do escrivão da Camara ffran.^{co} nabo de n.^{oa} t.^{am} [Tabelião] o escrevi - João pais - Ant.^o do Canto de misqitta [Antonio do Canto de Mesquita, Juiz] - An.^{to} barboza Taborda [Antonio Barboza Taborda, Procurador do Conselho] - B.^{on} Nunes do Passo [Bartolomeu Nunes do Passo, Almotace] - estevão fr.^z Porto [Estevas Fernandes Porto, Almotace].

[3.] E Logo na mesma vressão dito dia mes e ano assina declarado paresseo en Camera o vreador que ssahio no pelouro este prezente anno de sseis sentos e ssincoenta e sette Manoel pais de linhares e ahi loguo perante mim t.^{am} lhe foi dado o juramento dos ssantos evangelhos ao dito mancoel pais 507 pello juiz ordinario joan pais pera que debaixo delle exxerssiste seu carguo bem e ffielmente guardando o sssegredo da justissa e o direito as partes e sserviso de D.^e e de ssua mag.^{de} e assin o prometeo ffazer e guardar en que asinou e eu ffran.^{co} nabo x.^{oa} t.^{am} [Tabelião] o escrevi - João pais - M.^{el} paes de linhares.

[...]

Anno de 1680 (anexo ao vol. VI)

terno de vereança

[...]

[30.] (p. 191) Aos vinte he dois dias do mes de maio de mil he seis sentos he sesenta anos nesta vila de são paulo; na casa da camara dela aonde estavam os ofisiais dela que serveñ este prezente ano os abaixo asinados pera effeyto de tratar do Beñ comum deste povo; he logo por eles foy dito; ao procurador do conselho; que se tinha alguma couza que requerer o fizese; he pelo dito procurador. foy requerido aos ditos. ofisiais da camara que mandasem a todos os ofisiais de todos os ofisios maqunicos acodisen con suas danças. he insinar. a que são obrigados acodireñ as festas delrey. he que de prezente não tinha nada mais que requerer de que fis este terno andre de Barros de miranda escrivão da camara que o escrevi - M.^{al} Alvres de souza [M. Alves de Souza, Vereador] - João machado de lima [juiz] - Fr.^{co} miñ bonilha [Francisco Martins Bonilha, Vereador] - M.^{al} alvers pr.^{co} [Manuel Alves Preto, Vereador] - IOANVRA.

[...]

Anno de 1684 (anexo ao vol. VI)

[1.] (p. 347) Anno do nascimeñto de noso senhor jezu cristo de mil he seis señtos he seseñta he coatro ao primeiro dia do mes de janeiro da dita era nesta vila de são paulo. da capitania de são viseñte partes do brazil & nesta dita vila nas cazas do coñselho; eñ camara os ofisiais abaixo asinados mandarão fazer este auto; eñ como e verdade que viñdo as ditas cazas do coñselho; pera effeyto de abrir huñ pelouro; por tereñ acañado o teñpo; de seu julgado. de doñde mandarão chamar os omes Boñs do povo que tinham as chaves do cofre; he fazeñdose deligeñcia por francoisquo lene que tinha hama das chaves he por estar auzeñte eñ pernaçom he a mulher do dito francoisquo lene mandou outra chave; que não servia no dito cofre por cuja rezão por se não enpedir o auto mandarão os ditos juizes he vereadores se despregase o dito cofre. como se fes. he huñ menino de este anos baralhando os piloiros na forma da lei tirou huñ eñ que sairão por juizes doñ sinão de toledo; he joão gago da cunha he por vereadores An.^{co} da cunha daBreu he amador Bueno: he manol pais de linhares; prcurador do coñselho pañtalião de souza pereira de que fis este terno eñ que asinarão andre de Barros de miranda escrivão da camara o escrevy - L.^{co} Castanho Taques [Lourenço Castanho Taques, Juiz] - Bertholameu bueno [Juiz] - João baruel - Fran.^{co} cesar de miranda [Francisco Cesar de Miranda, Almotacel] - Geraldo corea soares - P.^{co} Vaz monis [Pedro Vaz Muniz, Vereador].

[...]

[9.] (p. 351) Aos desanove dias do mes de janeiro de mil he seis señtos he seseñta he coatro años nesta vila de são paulo na casa he paso do coñselho dela por doñ sinão de toledo juiz ordinario foi dado jurameñto dos señtos avañgelhos ao capitão manol pais de linhares ^{cos} pera servir de vereador este prezente ano; por aver saido no pelouro o coal jurameñto lhe deu que deBaixo dele exersese o dito cargo goardando eñ tudo o serviso de deñs he de sua magestade segredo de jústisa direito as partes o que ele

prometeu fazer como ds. lho dese a entender de que fis este termo eñ que asinarão andre de Barros de miranda escrivão da camera o escrevy - Dom Sinão de Toledo Piza [Juiz] - M.^{el} paes de linhares.
[...]

Anno de 1685 (anexo ao vol. VI)

termo de vereanças eñ 8

[...]

[55.] (p. 442) Aos oito dias do mes de dezembro de mil he seis seños he sesenta he siñquo; años se juntarão. eñ vereasão os officiais da camera os abaixo asiñados; he seño nela tratarão da memoravel vitoria; que ñoso seño foi servido dar; a elrei noso seño don afoño que ds. g.^{da} ñas fronteiras de portugal; pelo que aseñtarão; que eñ fazimeño de grasas: estive o s.^{er} eisposto; ña igreja matris a primeira outava do natal; doñde se cañtaria missa soleñe; coñ pregação; he q se fizese prosisão; pela vila; doñde saiseñ os ditos officiais. eñ forma he bañdeira real; coñ a mesma soleñidade que se costuma fazer a corpūs oriste; a custa do coñselho; do que mñdarão fazer este termo eñ que asinarão pera q a todo teño coñsta da verdade; feito eñ camera eñ o dia mes he ano asina decllarado andre de barros de miranda escrivão da camera o escrevi - Ant.^{co} de siq.^{ra} de mendoca [Antonio de Siqueira de Mendonça, Juiz] - Antonio de Freitas [Vereador] (p. 443) - Alberto dolivr.^a dorta [Alberto de Oliveira de Morta, Vereador] - Diogo frr.^a [Diogo Ferreira, Procurador do Conselho] - Joseph Ortis de Camargo [Juiz].

[...]

Anno de 1688 (vol. VI)

termo de juram.^{to} dado ao almotasel moel vieira

[...]

[49.] (p. 176) Aos tres dias do mes de novembro de mil he seis sentos he sesenta he nove anos nesta vila de são paulo na casa he pazo ao conselho dela pelo juiz ordinario An.^{co} ribeiro baião foi dado juram.^{to} dos sentos evangelhos sobre hun libro deles en que pos sua mão he lhe enoaregou o dito juiz que debaixo do dito juram.^{to} servise o dito cargo goardando en tudo o serviso (p. 177) de deos he de sua mag.^{da} direito as partes de que ele prometeu fazer o que deos lhe dese a entender de que fis este termo Andre de Barros de miranda escrivão da camera o escrevi - An.^{co} Rib.^{co} Bayão [Antonio Ribeiro Bayão, Juiz] - M.^{el} V.^{co} bairros [Manuel Vieira de Barros, Almotacel 508]

Ano de 1681 (vol. VII)

Termo de eleição

[...]

[5.] (p. 86) E sendo no dito dia atas escripto e declarado [20 de janeiro de 1681] estando juntos os senhores officiaes da camera em camera [sic] mandarão chamar os homens bons do Povo p.^a darem seus votos p.^a effeito de se fazer hum vreador porquanto o vreador que sahio neste pelouro Baltezar da costa da veiga estava no sertão e sendo juntos os ditos officiaes o Juiz ordinario o cap.^{mo} Diogo Bueno e os breadores Lucas de canargo e em ausencia de Joseph de godoes Diogo Barboza do Rago e o procurador o cap.^{mo} Roque furtado simois de que seja prezente foi preguntado a cada hum per si em prezencia de (p. 87) my escrivão em quem davão seus votos p.^a servir de vreador de que fis este termo eu Ambrozio Da Penna Jauffret escrivão da camera o escrevi

Manoel Vieira Barros p.^a vreador ///////////////
 O cap.^{mo} Gaspar cortes ////
 Joseph ortiz de canargo ////
 Luis Porrata penado /

[6.] E sendo feita a eleição como asina consta sahio por vreador em abzencia de Baltezar da costa da veiga M.^{al} Vieira de Barros que por estar ausente em sua fazenda não se lhe deu juram.^{to} e se mandou em busca d'elle de que mandarão fazer este termo em que asinarão eu Ambrozio Da Penna Jauffret escrivão da camera o escrevi - Bueno [Diogo Bueno, Juiz] - do Rago - Canargo - Roq fur.^{do} simois [Roque Furtado Simões, Procurador do Conselho].

[...]

Termo de Juramento dado aos vreadores
 M.^{al} Vieira Barros e Joseph de godoi mo.^{ra}

[...]

[8.] (p. 90) Aos vinte e oito dias do mes de Janeiro de mil e seis centos e oitenta e hñ annos plo Juiz ord.^{mo} o cap.^{mo} Diogo Bueno foy dado Juram.^{to} aos vreadores que sahirão este anno por eleição trienal, M.^{al} Vieira Barros sio

506. Segundo a *Enciclopédia de música brasileira* (1977, v. I, pp. 419-420), cujo verbete relativo a Manoel Pais de Linhares foi escrito por REGIS DUFRAY com base, entre outros documentos, nas próprias *Atas da Câmara* (cf. informação no final desta nota), este personagem foi músico e floresceu na Vila de São Paulo entre 1649 e 1657. Bz o verbete: « Mestre-de-capela

da matriz da vila de São Paulo, em 1649 foi acusado pelo vigário da mesma igreja, Domingos Gomes Albernaz, de desídia no desempenho do cargo, por não incentivar a instrução de discípulos, no sentido de formar e dirigir músicos, cantores e instrumentistas nos ofícios religiosos. Era vereador da câmara da vila de São Paulo em 1657, quando assinou, com os pares, o registro da provisão de mestre-de-capela, passada pelo vigário geral da diocese do Rio de Janeiro RJ, para Manuel Vieira de Barros, seu sucessor⁵⁰⁷. É EMB oite o segundo mandato de LINHARES como vereador em 1664, quando já não exercia mais a função de mestre de capela.

507. Manuel Pais de Linhares, eleito pelo « pilouro » da Companhia de Jesus assina, como vereador, atas dos dias 20/01 a 21/07/1657. A partir de 11/08/1657 (p. 56) não aparece em nenhuma outra reunião, tendo efetivamente exercido a função de vereador de 20/01/1657 a 04/06/1657, presente em 21 sessões e ausente em 3.

508. Manuel Pais de Linhares, diferentemente do ano de 1657, exerce todo seu mandato de vereador, novamente outorgado pelo sorteio do « pilouro », iniciando a função em 19/01/1664 e comparecendo a 29 sessões, até 28/12/1664, última sessão do ano. Como de costume, comparece também à sessão de 18 de janeiro de 1665. Das 10 sessões em que se assenta, apenas uma justifica sua falta, em 18 de julho de 1664, como se lê na ata do dia (p. 371): « declaro que se fez verossença o dia abas com o vereador do ano pasado fr.^{me} sezar de miranda por falta do verador manuel pais de linhares he por doçia do verador francisco cubas de que fiz esta declaração sobredito tabalião o es. digno escrivão da camera [André de Barros de Miranda] o escrivoy - ». A última notícia que dá a câmara da vila de São Paulo sobre Manuel Pais de Linhares encontra-se na ata da sessão de 02/04/1667, onde aparece como fiador no « termo de resatando da carne de vacua este año de 1667 a bastião alves piasentel » (pp. 534-535), assinando o mesmo. Porém, os *Inventários e Testamentos* (vol. IV, 1920, pp. 186-188) mencionam um « Manuel de Linhares acreador nesta villa de São Francisco des Chagas » em 24/09/1672.

509. Segundo a *Enciclopédia de música brasileira* (op. cit., vol. I, p. 74), Manuel Vieira de Barros foi músico e floresceu em São Paulo entre 1657-1685. Diz o verbete de RIBES DUFRAY: « Provisoriamente como mestre-de-capela da matriz de São Paulo a 6 de abril de 1657, por ordem do vigário-geral da diocese do Rio de Janeiro RJ, em 1669 é dado como alcaide (fiscal de pesos e medidas) e em 1681 como vereador. Em 1683, cedeu algumas casas na praça da matriz para hospedar a comitiva do bispo do Rio de Janeiro, d. José de Barros Almeida. Em 1685 doou-as ao bispado, concorrendo para a função e edificação do recolhimento de Santa Irmã, destinado a moças ». Manuel Vieira de Barros já fora testamenteiro de seu pai em 20/04/1660 (*Inventários e Testamentos* I, vol. XVI, pp. 197-202) e em 21/05/1667 já recebia para a execução de música na vila de São Paulo (*Inventários e Testamentos* I, vol. XVII, p. 35). A partir desta data seu nome aparece com frequência nos *Inventários e Testamentos*. Porém, esta é a última ata que assina antes de 1681, onde aparecerá como vereador. RIBES DUFRAY (*Música na Matriz de São Paulo colonial*, 1968, pp. 86-87 e *Música na matriz e Sé de São Paulo colonial*, 1977, p. 11) traz informações detalhadas sobre a vida deste músico, que já era conhecido de RENEU ALMEIDA (*História de música brasileira*, 1982, parte II, cap. VII, p. 294).

510. Manuel Vieira de Barros assina as atas como vereador de 28/01/1681 a 19/01/1682, ocasião em que se fizeram novas eleições. Outra notícia se tem deste paulista, quando participa como testamenteiro no inventário de Dumbóia Gonçalves, entre 07/12/1679 e 21/01/1682 (*Inventários e Testamentos* I, vol. IX, 1921, pp. 321-332).

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

DOCUMENTO: PROVISÃO DE MESTRE DE CAPELLA DE MANUEL VIEIRA DE BARROS. Rio de Janeiro, 06 de abril de 1657.

TEXTU: O « Translado da provisão de mestre de capella de Manuel Vieira de Barros » encontra-se no volume 135 do « Registro Geral da Câmara Municipal de S. Paulo » do Arquivo Municipal desta capital, referente ao « Anno de 1657 » e publicado na coleção de mesmo nome em 1917.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Registro Geral da Câmara Municipal de S. Paulo 1637-1660. Vol. II, Século XVII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1917. 547 pp. (Publicação official do Arquivo Municipal de S. Paulo).

[1.] (p. 468) Manuel Vieira de Barros morador na Villa de São Paulo que nelle supplicante concorrem as partes necessarias para servir de mestre da capella e por que na dita villa não / pede a vossa mercê seja servido mandar-lhe passar provisão pelo tempo que lhe parecer e receberá mercê / despacho / passe provisão na forma de estylo por tempo de um anno seis de abril de mil e seiscentos e cinquenta e sete / Araujo / provisão / o licenciado Manuel de Araujo provisor e vigario geral no espirital e temporal nesta cidade do Rio de Janeiro e sua diocese etc. Aos que a presente nossa provisão virem saude e paz para sempre em Jesus Christo nosso Salvador, fazemos a saber que havendo respeito ás partes qualidades e sufficiencia que concorrem na pessoa do supplicante Manuel Vieira havemos por bem de o prover como pela presente nossa provisão o provemos no cargo de mestre da capella da igreja matriz da villa de São Paulo e suas annexas para que nellas possa fazer o compasso e exercitar o dito officio de mestre de capella por tempo de um anno somente se antes disso nós não mandarmos o contrario com o qual cargo haverá os prós e percalços que directamente lhe pertencerem. E o reverendo parcho o deixará livremente exercer o dito cargo e mandamos sob pena de excomunhão maior que esta nossa provisão se cumpra e guarde etc. dada nesta cidade do Rio de Janeiro sob nosso signal e sello deste juizo aos seis dias do mez de abril João Lopes do Lago escrivão da Camara a fez de mil e seiscentos e cinquenta e sete annos / Manuel de Araujo / sello / A chancellaria e sello / novecentos e sessenta reis / provisão para servir de (p. 469) mestre de capella / pagou seiscentos e quarenta reis / Cumpra-se esta provisão do senhor provisão [sic] e vigario geral como nella se contem São Paulo vinte e oito de abril de mil e seiscentos e cinquenta e sete annos pelo vigario estar ausente o coadjutor desta matriz / Manuel da Camara de Bittencourt / Cumpra-se da Camara / Cumpra-se e registe-se como nelle se contem São Paulo vinte e oito de abril de mil e seiscentos e cinquenta e sete annos / Antonio do Canto de Mesquita / Domingos da Rocha / Manuel Passos de Linhares / Custodio Corrêa / Antonio Barbosa Taborda.

SÉ APOSTOLICA DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

DOCUMENTO: PROVISO DE MESTRE DE CAPELLA DE MANUEL LOPES DE SIQUEIRA. Rio de Janeiro, 8 de março de 1683.

TEXTOS: O « Registo da provisão de mestre da capella passada a Manuel Lopes de Siqueira » encontra-se no volume 136 do « Registo Geral da Câmara Municipal de S. Paulo » (« Anno de 1683 ») do Arquivo Municipal desta Capital, publicado na coleção de mesmo nome em 1917.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: Registo Geral da Câmara Municipal de S. Paulo 1661-1709. Vol. III, Séculos XVII e XVIII. S. Paulo, Typographia Piratininga, 1917. 574 pp.

[1.] (p. 373) José de Barros de Alarcão por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica bispo desta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e mais capitanias de sua repartição do conselho de Sua Alteza etc. aos que a presente nossa provisão virem saude e paz para sempre em Jesus Christo Nosso Salvador que de todos é verdadeiro remedio e salvação fazemos a saber que a nós enviou a dizer por sua petição Ma digo junta Manuel Lopes de Siqueira²¹¹ que estando actualmente servindo por provisão nossa o mestrado da capella da muito nobre e sempre leal villa de São Paulo e não tendo inda acabado o anno de seu provizento como constou da certidão do reverendo vigario da vara Pedro de Godoy Moreira fôra expulso do sobredito mestrado por Miguel Freire que ao presente está intruzo occupando o dito officio não attendendo ao requerimento que lhe fez o dito Manuel Lopes de Siqueira que lhe deixasse acabar o seu anno obrando nisto mais como por poder absoluto do que pelos meios da justiça o que tudo por nós visto e conforme o direito considerado e attendendo a informação dos senhores do Senado da Câmara da sobredita villa e certidões dos muito reverendos padres da Companhia de Jesus religiosos do Carmo e de outras muitas mais pessoas fidedignas havemos por bem e pela presente declaramos ter sido injustamente expulso do mestrado da capella o sobredito Manuel Lopes de Siqueira e assim mandamos com pena de excomunhão maior ex fute incorrendo o vigário da matriz da sobredita villa de São Paulo que sendo-lhe esta apresentada não consinta mais que Miguel Freire exer(p. 374)cite a occupação do tal officio em virtude desta netta logo de posse a Manuel Lopes de Siqueira do dito mestrado da capella com o qual haverá todos os emolumentos pertencentes a tal occupação o qual servirá enquanto assim o houvermos por bem e não mandamos o contrario e deixamos todo o direito reservado ao sobredito Miguel Freire a que perante nós possa allegar toda a perda ou injustiça que neste provizento se lhe faz para se lhe mandar satisfazer toda a perda ou danno que deste nosso provizento injustamente lhe resultar dada nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro sob nosso signal e sello aos oito dias do mez de março de mil e seiscentos e oitenta e tres annos eu Gaspar Galete de Andrade o subscrevi José bispo logar do sello a chancellaria gratis provisão para servir de mestre da capella da muito nobre e leal villa de São Paulo como sempre Manuel Lopes de Siqueira enquanto assim o houvermos por bem e não mandamos o contrario para vossa senhoria ver - Cumpra-se como nella se conta São

Paulo 27 de março 1683 annos Godoy - Registe-se em Camara São Paulo dezeseite de abril de seiscentos e oitenta e tres annos Moreira - Camargo - Raposo - Manuel de Lima - Antonio Garcia Carrasco a qual provisão registei eu Jeronymo Pedroso de Oliveira reportando-me ao original em letras mais ou menos que tudo vae na verdade e o corri e concertei em os dezeseite dias do mez de abril de mil e seiscentos e oitenta e tres annos e o tornei á parte. - Jeronymo Pedroso de Oliveira.

Concertado com o proprio

Jeronymo Pedroso de Oliveira

SIL - Manoel Lopes de Siqueira, segundo a *Enciclopédia da música brasileira* (1977, vol. II, p. 725), « nasceu na vila de São Paulo em 23/04/1661 e faleceu em 1715 ». Assim está o verbete, escrito por RIGGS DUPRAT: « Filho de comerciante de mesmo nome, procurador do conselho da câmara de São Paulo, tinha 19 anos de idade quando recebeu a provisão do mestre-de-capela da matriz de São Paulo, em substituição a José da Costa Moraes, seu provável professor, que deixara o cargo, transferindo-se para a vila de Parnaíba (atual Santana de Parnaíba) SP. Em 1683 polemizou com Miguel Freire, que se aposentara do cargo antes do término de seu ano. Apresentando certidões da câmara, do vigário, dos padres jesuítas, carmelitas e outros, requereu ao prelado do Rio de Janeiro RJ - a que estava subordinada a matriz de São Paulo - sua reintegração nas funções de mestre-de-capela. A 8 de março de 1683 foi provisionado no cargo, enquanto a autoridade eclesiástica do Rio de Janeiro não dispusesse em contrário, o que durou 30 anos. Manteve uma escola pública de música e vários de seus discípulos, já sacerdotes, integraram o coro da matriz. De seus alunos destacaram-se os mestres-de-capela Antonio Nunes de Siqueira e os padres Manoel Lopes de Siqueira e Anjo de Siqueira, ambos seus filhos - que o sucederam no cargo - dois do cinco que teve do casamento com Joana de Castilho. Exerciu ainda cargos de direção nas irmandades de São Miguel e Almas, do Santíssimo Sacramento e da Ordem Terceira do Carmo. RIGGS DUPRAT (*Música na Matriz de São Paulo colonial*, 1968, pp. 89-93 e *Música na matriz e Sé de São Paulo colonial*, 1977, pp. 13-16), após pesquisa esastiva, publicou excelentes informações sobre a vida deste mestre de capela.

CARTORIO DE ÓRFÃOS DA VILA DE SÃO PAULO

DOCUMENTOS: INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS. 1599-1705.

TEXTOS E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Os manuscritos, que pertencem ao Arquivo do Estado de São Paulo, vêm sendo publicados desde o ano de 1920 e, até 1977 a coleção atingiu 44 volumes, sem ter esgotado toda a documentação. A ordem cronológica nem sempre foi obedecida e estão incluídos papéis dos séculos XVI a XVIII.

TRANSCRIÇÕES: Vários tipos de documentos aparecem nesta publicação: testamentos, inventários, quitações, etc. Para facilitar o estudo e eliminar as complicações da transcrição, copiamos, entre aspas, apenas os trechos que interessam à musicologia, precedidos do nome do falecido, data e cidade da emissão do documento, tudo isso organizado em ordem cronológica, a despeito da ordem em que aparecem nos volumes da publicação.

PUBLICAÇÕES UTILIZADAS: Inventários e Testamentos. Papéis que pertenceram ao IP Cartório de Órfãos da Capital, S. Paulo, vol. I a XVII; Typographia Piratininga; vol. XVIII-XXIX; Edição do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo; vol. XXX-XXXIII; Typ. do Globo; vol. XXXIV; Grafica Bentivegas; vol. XLV-XLVI; Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda; vol. XLVII-XLIV; Publicação Oficial. (Publicação Oficial do Arquivo do Estado de S. Paulo), 1920-1977. Os 44 volumes foram publicados nos seguintes anos: 1920 (v. I-IX), 1921 (v. X-XVII), 1937 (v. XVIII-XXIX), 1939 (v. XXX), 1940 (v. XXXI), 1942 (v. XXXII), 1945 (v. XXXIII), 1951 (v. XXXIV), 1952 (v. XLV), 1953 (v. XLVI-XLVII), 1954 (v. XLVIII-XLIX), 1955 (v. LI), 1956 (v. LII), 1973 (v. LIII), 1975 (v. LIV), 1977 (v. LV).

AGUEDA DE ABREU

Testamento (São Paulo, 03/07/1599)

(vol. I - p. 269) "uma missa cantada" 512

MARIA ALVARES

Testamento (São Paulo, 15/07/1599)

(vol. I - p. 185) "tres officios de um nocturno cada um <...> com suas missas cantadas"

GASPAR FERNANDES

Testamento (São Paulo, 13/04/1800)

(vol. I - p. 378) "uma missa cantada de corpo presente" e "deus responsos"

FERNÃO DIAS

Testamento (São Paulo, 13/01/1603)

(vol. I - p. 411) "[missa] cantada"

Quitação do P. João Alvres (São Paulo, 05/10/1605)

(vol. I - p. 436) "uma missa cantada" e "tres missas mais rezadas" por 300 réis ⁵¹³

MANUEL CHAVES

Testamento (São Paulo, 30/03/1603)

(vol. I - p. 462) "outra [missa] cantada a Nossa Senhora da Misericórdia e outra a Nossa Senhora da Piedade"

Inventário (São Paulo, 04/10/1604)

(vol. I - p. 478) "Um pandeiro avaliado em cento e sessenta reis § 160"

Cousas que se deu à viúva em quinhão (São Paulo, 31/12/1605)

(vol. I - p. 480) "Um pandeiro em cento e sessenta réis § 160"

Contas... [quitação dos padres João Alvres e Diogo Moreira] (São Paulo, 08/03/1604)

(vol. I - p. 489) "[2] missas cantadas e [1] officios e [5] missas rezadas", por 6000 réis

MARCIA ROIZ

Testamento (São Paulo, 13/07/1605)

(vol. XXX - p. 34) "hua missa cantada cõ officio"

Inventário (São Paulo, entre 01/06/1605 e 04/02/1606)

(vol. XXX - p. 38) " / hua viola ⁵¹⁴ avaliada em trezentos e vinte rs. 320"

FRANCISCO BARRETO

Testamento (São Paulo, 06/03/1607)

(vol. II - p. 202) "missa cantada"

BELCHIOR CARNEIRO

Testamento (São Paulo, 08/03/1607)

(vol. II - p. 113) "um officio cantado de nove lições ⁵¹⁵ com sua missa cantada"

Quitação do Vigário João Pimentel (São Paulo, 30/12/1608)

(vol. II - p. 128) "um officio de nove lições e duas missas resadas", por 1\$320 réis

PEDRO ALVARES

Testamento (São Paulo, 03/02/1608)

(vol. II - p. 362) "uma missa cantada de offertada"

Legados e dívidas (São Paulo, 07/06/1610)

(vol. II - p. 409) "Uma missa cantada ⁵¹⁸ de tres lições offertada 2\$000"

CUSTÓDIO DE PAIVA

Quitação do frei Constantino da Cruz (São Paulo, 01/02/1611)

(vol. II - p. 506) "um officio de nove lições, com sua missa cantada", pelo qual recebeu "a esmola costumada"

ANTONIA GONÇALVES

Testamento (São Paulo, 12/11/1613)

(vol. III - p. 161) "nove missas resadas e uma dellas cantada"

PAULA FERNANDES

Inventário (São Paulo, 19/08/1614)

(vol. III - p. 290) "Viola" ⁵¹⁷ - "Foi avaliada uma guitarra ⁵¹⁸ em duas patacas seiscentos e quarenta réis 4\$40"

FRANCISCO RIBEIRO

Inventário (São Paulo, 22/08/1615)

(vol. IV - p. 28) "Foi avaliada uma cithara ⁵¹⁹ com uma roda de rendas e outra meia em mil e duzentos e oitenta réis 1\$280"

JUJO DO PRADO

Inventário (São Paulo, 23/08/1615)

(vol. V - p. 80) "Viola" - "Foi avaliada uma viola com quatro tastos de cordas digo oito tastos de cordas em mil duzentos e oitenta réis 1\$280"

Arrematação da viola (São Paulo, 28/08/1615)

(vol. V - p. 86) "Foi arrematada a viola com os oito tastos de cordas em Leonel Furtado em mil e trezentos e sessenta réis que nella lançou por não haver quem por ella mais dêsse a qual quantia logo pagou que o curador recebeu e assignou aqui eu Simão Borges Cerqueira escrivão dos orfãos o escrevi - Quadros - Domingos Martins."

ANTONIA DE SOVERAL

Testamento (São Paulo, 28/04/1616)

(vol. IV - p. 395) "uma missa cantada"

FRANCISCO GOMES BOTELHO

Testamento (São Paulo, 13/7/1616)

(vol. IV - p. 350) "um officio de tres lições com sua missa cantada pelo que se dará o costumeado"

ISABEL ANTUNES

Testamento (São Paulo, antes de julho de 1617)

(vol. V - p. 55) "uma missa cantada"

ISABEL FERNANDES

Testamento (São Paulo, 11/03/1619)

(vol. XXX - p. 186) "hã missa cantada"

FRANCISCO VELHO

Quitação do p. Manuel Vaz (São Paulo, 08/07/1618)

(vol. XIV - p. 58) "duma missa cantada" cobrou "uma pataca"

ANTONIO DA FONSECA

Testamento (São Paulo, 18/08/1618)

(vol. XVII - p. 7) "um officio <...> de tres lições cantado <...> sua missa tambe[m] cantada"

MARTIM RODRIGUES

Testamento (São Paulo, 19/08/1618)

(vol. II - p. 23) "uma missa cantada com officio de nove lições"

MARTIM DO PRADO

Quitação do vigário João Pimentel (São Paulo, 01/01/1620)

(vol. IV - p. 432) "duas missas cantadas e treze rezadas" por 4\$220 réis

ANTONIA DIAS

Testamento (São Paulo, 04/05/1622)

(vol. IV - p. 374) "um officio de tres lições que dirá o próprio padre vigário com sua missa cantada"

BALTHAZAR NUNES

Testamento (São Paulo, 28/05/1623)

(vol. VI - p. 17) "um officio de tres lições com sua missa cantada"

Inventário (São Paulo, julho de 1623)

(vol. VI - p. 25) "Uma viola de seis cordas avaliada em quatro pesos 1\$280"

DOMINGAS ANTUNES

Testamento (São Paulo, 18/02/1824)

(vol. VI - pp. 247-248) "um officio de nove lições e outro <...> cantados"

PASCHDAL MONTEIRO

Testamento (Santana do Parnaíba, 03/01/1828)

(vol. XIII - p. 125) "uma missa cantada com um officio de tres lições"

LOURENÇO FERNANDES SANCHES

Testamento (São Paulo, 28/03/1827)

(vol. VII - p. 205) "uma missa cantada"

JERONIMA FERNANDES

Testamento (São Paulo, 05/01/1830)

(vol. VIII - p. 236) "uma missa cantada com seu responso"

THOMAZIA DE ALVARENGA

Testamento (São Paulo, 14/04/1831)

(vol. VIII - p. 249) "um officio de tres lições <...> com sua missa cantada"

Quitação do Frei Manuel dos Anjos e Frei Domingos da Encarnação (São Paulo, 20/12/1832)

(vol. VIII - p. 268) "um officio" por 3\$000 réis

ANTONIA DE OLIVEIRA

Testamento (Santana do Parnaíba, 24/01/1832)

(vol. VIII - p. 310) "um officio de nove lições com sua missa

Quitação de Gaspar de Brito (Santana do Parnaíba, 25/02/1833)

(vol. VIII - pp. 332-333) "um officio de nove lições"

FRANCISCO LEZO

Inventário (Santana do Parnaíba, 18/02/1632)

(vol. XIV - p. vi) "uma cithara" ⁵²⁰ [no original: "uma sitra"]

Avaliação da fazenda que se achou (Santana do Parnaíba, 18/02/1632)

(vol. XIV - p. ix) "Uma cithara avaliada em pataca e noia \$480"

Contas (Santana do Parnaíba, 18/08/1632)

(vol. XIV - p. xvi) "Uma cithara que se vendeu e se pagou"

IZABEL MINDES

Testamento (Santana do Parnaíba, 11/01/1633)

(vol. IX - p. 25) "un officio de tres lições cantado"

ANTONIO DA SILVA

Testamento (São Paulo, 20/?/1635)

(vol. X - p. 8) "uma missa cantada"

LUIZ FURTADO

Testamento (São Paulo, 01/03/1636)

(vol. X - p. 138) "una missa cantada com un officio de tres lições"

Quitação do P. João Alvres (São Paulo, 07/03/1636)

(vol. X - p. 158) "un officio de tres lições" por 2\$000 réis

MANUEL PRETO, O MOÇO

Testamento (Rio Taquari, ?/?/1637)

(vol. XI - p. 177) "un officio de nove lições com sua missa"

Vista do Promotor (São Paulo, ?/02/1640)

(vol. XI - p. 191) "O que falta por cumprir neste inventário é o seguinte"
<...> "Un officio de nove lições e uma missa cantada"

ANGELA DE CAMPOS E MEDINA

Testamento (Santana do Parnaíba, 11/10/1638)

(vol. XIII - p. 100) "uma missa cantada com seu officio de tres lições"

obs.: o testamenteiro é "Manuel da Costa do Pimmo" 521

ANTONIA DE CHAVES

Testamento (Santana do Parnaíba, 20/12/1638)

(vol. XIV - p. 1v) "tres officios de defuntos 522 <...> de tres lições <...> com sua missa cantada"

ANASTÁCIO DA COSTA

Testamento (Santana do Parnaíba, 08/10/1640)

(vol. XIII - p. 221) "uma missa de corpo presente cantada e não podendo ser seja resada"

ISABEL FERNANDES

Testamento (Santana do Parnaíba, 28/01/1641)

(vol. XVIII - p. 153) "hóu missa cantada de cinco llisois" e "outra missa cantada de cinco llisois"

Quitação do P. Alvaro Netto Bicudo (Santana do Parnaíba, 04/05/1642)

(vol. XVIII - p. 185) "há officio <...> com sua missa cantada", por 8 pesos

obs.: na p. 187 é citado "o mestre da capella Mel. da Costa do Pimmo" (Santana do Parnaíba, 10/11/1644) 523

DOMINGOS CORDEIRO

Testamento (São Paulo, 14/08/[1642 ou antes])

(vol. VIII - p. 140) "um officio de nove lições com uma missa cantada"

AMBROSIO MENDES

Quitação de Alvaro Neto Bicudo (Santana do Parnaíba, 24/06/1643)

(vol. XIII - p. 505) "uma missa <...> cantada", "officio" e "missas", pelo qual recebeu mais de 8\$000 réis

Quitação de Manoel da Costa do Pino (Santana do Parnaíba, 08/08/1642)

(vol. *XIII* - p. 507) "Digo eu Manuel da Costa do Pino ~~na~~ mestre da capella desta villa de Santa Anna da Parnaíba que é verdade que estou pago e satisfeito da parte que coube á capella assim de um officio lições que cantei por Ambrosio Mendes defunto do acompanhamento que tudo junto se montaram nove petacas e quatro vintens"

obs.: Manuel da Costa do Pino também foi testador de Ambrósio Mendes, em Santana do Parnaíba, em ?/?/1642 (vol. *XIII* - p. 462)

NECIA LOBO DE OLIVEIRA

Testamento (Santana do Parnaíba, 25/02/1644)

(vol. *XXIX* - p. 162) "hã missa cantada com seu ofisio de tres llições"

ANTONIA DIAS

Testamento (Santana do Parnaíba, 11/04/1646)

(vol. *XXVI* - p. 84) "hã missa Cantada"

ANNA PEDRIZA

Testamento (São Paulo, 18/08/1648)

(vol. *XXXIV* - p. 48) "As missas de S. Nicolao de Tolentino são sete" - "Am de dizer seis missas rezadas, começadas em segunda feira, e no Domingo se hade dizer a ultima cantada"

ANA DE ALVARENGA

Testamento (São Paulo, 01/04/1648)

(vol. *XXXVI* - p. 27) "hu officio de corpo prezente e <...> hã de nove lições cantada"

IZABEL DE PROENÇA

Testamento (Santana do Parnaíba, 21/04/1648)

(vol. *XXXVII* - p. 68) "hã missa cantada"

THOME FERNANDES

Testamento (Santana do Parnaíba, 21/04/1648)

(vol. *XXVIII* - pp. 58-59) "hu ofisio de tres llixações e hua missa cantada"

GASPAR DE CUBAS

Testamento (São Paulo, 03/05/1648)

(vol. *XXVII* - p. 52) "hã ofisio de tres lispoins hua missa com seu Resposso cantado"

ANA DA COSTA

Testamento (Santana do Parnaíba, 21/12/1649)

(vol. *XL* - p. 36) "hã oficio cantado"

SIMÃO DA MOTA REQUETO

Inventário (São Paulo, 7/03/1650)

(vol. *XLIV* - p. 129) "hã arpe Sen cordas en Sua avaliasão de seis mil rz
6000"

PASCUAL DELGADO

Erdeira nestta fazenda Izabel Delgado orfã / Avaliação (Santana do Parnaíba, 18/07/1650)

(vol. *XL* - p. 144) " / Foi avaliado tres livros de quãto dorguo ⁵²⁰ e mais quarta passios e papeis ⁵²⁰ en quatro mil rs. 4.000"

LEONARDO DO COUTO

Inventário (Santana do Parnaíba, 03/08/1650)

(vol. *XLIV* - p. 144) "Foi avallida hua violla en hua pataca que são trezentos e vinte reis _____ \$320"

Quinhão dos orfãos (Parnaíba, 04/08/1650)

(vol. *XLIV* - p. 150) "hua violle ⁵²⁷ en hua pataqua _____ \$320"

DOMINGOS FERNANDES 828

Testamento (Sentana do Parnaíba, Paragem de Utuguaçu, 12/12/1852)

(vol. *XXVII* - p. 76) "uma missa de corpo presente cantada ou resada"

MIGUEL RODRIGUES VELHO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 21/02/1654)

(vol. *XV* - p. 357) "Recebi do capitão Francisco Nunes de Siqueira como testamentário do defunto Miguel Rodrigues Velho tres patacas de meu acompanhamento, e cruz, e quatro mil réis de um officio de tres lições de que se pagou a musica de canto de orgão e assim mais a esmola de cincoenta missas que se lhe disseram na conformidade de seu testamento, e por verdade lhe dei esta para seu resguardo por mim feita, e assignada. - São Paulo 21 de fevereiro 1654 annos. - O vigario Domingos Gomes Albernás."

FERNANDO RAPOSO TAVARES

Testamento (Ribeira Grande, Ilha de Santiago do Cabo Verde, 09/11/1656)

(vol. *XVI* - p. 130) "missa cantada de corpo presente"

LOURENÇO DE SIQUEIRA

Quitação de Domingos da Cunha (São Paulo, 21/05/1667)

(vol. *XVII* - p. 35) "Recebi mais do dito testamentário dois cruzados de uma missa cantada que disse pelo defunto Lourenço de Siqueira que Deus haja. En fé do que lhe passei esta, era ut supra. - Domingos da Cunha"

Quitação de Manuel Vieira de Barros (São Paulo, 21/05/1667)

(vol. *XVII* - p. 35) "Recebi de José Ortiz de Camargo dois mil réis de uma missa cantada com harpa e baixo a qual mandou cantar pela alma do defunto Lourenço de Siqueira, e por passar na verdade lhe dei esta por mim assignada hoje 21 de maio de 667. - Manuel Vieira Barros."

IGREJA PEDROSO

Quitação do vigário Pedro Lemme do Prado (São Paulo, 11/12/1670)

(vol. *XX* - p. 232) "de dois momentos que se cantaram duas patacas"

HENRIQUE DA CUNHA LOBO

Quitação de João Machado (São Francisco das Chagas, 22/02/1672)

(vol. IV - p. 181) "uma pataca de acompanhamento e um memento ~~que~~ que cantei no enterro"

CATHARINA DO PRADO

Quitação de Manoel Soeiro Ramires (São Paulo, 28/08/1674)

(vol. XVIII - p. 407) "um responso que se cantou", pelo qual recebeu 2 patacas

Quitação de Manoel Soeiro Ramires (São Paulo, 11/08/1674)

(vol. XVIII - p. 408) "Recebi dois mil réis da musica"

CATHARINA RIBEIRO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 30/04/1677)

(vol. XXII - p. 428) "dez mil réis se pagou a musica de canto de orgão de dois coros": "Recebi do capitão-mor o senhor Antonio Ribeiro de Moraes dez mil réis em dinheiro de um officio de nove lições que se fez em o Collegio desta villa pela alma da defunta Catharina Ribeiro sua mulher dos quaes dez mil réis se pagou a musica de canto e orgão de dois coros, e assin mais duas patacas do enterro, e por verdade passei esta por mim feita e assignada 30 de abril de 77 annos. O Vigario Domingos Gomes Albernás."

MATHEUS DE SIQUEIRA

Quitação de Manoel Lopes (São Paulo, 17/08/1680)

(vol. XIX - p. 470) "quatro mil réis por lhe cantar um officio que fiz na Matriz desta villa de São Paulo"

MARIANNA DE CAMARGO

Quitação de Antonio Raposo de Siqueira (São Paulo, 28/08/1680)

(vol. XXII - p. 211) "Recebi uma pataca do acompanhamento e tres mais do memento e harpa ~~que~~ de que passei a presents. São Paulo 28 de setenbro de 1680. - Antonio Raposo de Siqueira."

ANTONIO DE AZEVEDO

Quitação do vigário Domingos Gomes Albernás (São Paulo, 14/04/1681)

(vol. XXI - p. 159) "recebi tres patacas do nemento do mestre da capela"

DOMINGOS DA SILVA

Quitação do P. Antonio Raposo de Siqueira (São Paulo, 10/12/1681)

(vol. XXI - p. 258) "Recebi mais de um officio de dois côros de nove lições com harpa e baixos cinco mil e oitocentos réis. - O Padre Antonio Raposo de Siqueira"

ANNA MARIA RODRIGUES

Quitação de [Manuel] Lopes de Siqueira (São Paulo, 20/12/1682)

(vol. XXIII - p. 432) "Recebi cinco mil réis de officios, e tres patacas do nemento com harpa. - Lopes de Siqueira."

ANNA DA SILVA

Quitação do P. Bernardo de Quadros (Sentana do Parnaíba, 31/10/1686)

(vol. XXII - p. 175) "dois nementos", pelos quais recebeu 2 patacas

ANTONIO RIBEIRO DE MORAES

Quitação de Gaspar Corrêa de Alvarenga (São Paulo, 16/10/1686)

(vol. XXII - p. 415) "missa cantada e officio de nove lições", pelos quais recebeu uma pataca e meia

Quitação de Miguel Freire (São Paulo, 19/10/1686)

(vol. XXII - p. 416) "um nemento de canto de órgão", recebendo 4 patacas

Quitação de Pero Jacome Vieira (São Paulo, 19/10/1686)

(vol. XXII - p. 416) "officio de corpo presente de dois côros"

SEBASTIÃO PAES DE BARROS

Inventário (Sentença do Parnaíba, 24/12/1688)

(vol. *XXII* - p. 230) "Foi avaliada uma viola em sua avaliação em dois mil reis 2\$000"

(vol. *XXII* - p. 239) "uma harpa velha com sua chave ^{essa} em sua avaliação em meia pataca \$160"

Arrematação da viola (Sentença do Parnaíba, 25/12/1688)

(vol. *XXII* - pp. 236-237) "Foi arrematada uma viola por não haver quem por elle mais dêsse em Domingos Alvres em dois mil e duzentos e quarenta réis o qual dinheiro se entregou a Thomaz Fernandes como procurador de José Madeira a quem compete o dito dinheiro e assim com seu tio Sebastião Sutil de Oliveira de que fiz este termo em que se assignou com o dito juiz eu André Nunes de Oliveira tabellião que o escrevi. - Manuel Franco de Brito - Domingos Alvres Maciel - Sebastião Sutil."

FERNANDO DE CAMARGO

Quitação de Miguel de Freitas (São Paulo, 05/09/1690)

(vol. *XXIII* - p. 116) "Recebi quatro patacas de um nemento em canto de orgão hoje 5 de setembro de 890. - Miguel de Freitas."

JOANNA LOPES

Quitação de Miguel Freire (São Paulo, 25/01/1692)

(vol. *XXIII* - p. 105) "Recebi do senhor José Gonçalves, tres mil novecentos e sessenta de um nemento em canto de orgão e de um officio de tres lições tambem em canto de orgão hoje 25 de janeiro de 892 annos. - Miguel Freire."

PEDRO VAZ DE BARROS

Quitação de João Gonçalves da Costa (São Paulo, 28/03/1695)

(vol. *XXIV* - p. 22) "dois cruzados do acompanhamento com um nemento" ^{essa}

Quitação de Luis Porratte Penedo (São Paulo, 28/03/1695)

(vol. *XXIV* - p. 22) "dois mil réis de dois nementos com harpa"

CATHARINA DORTA

Quitação de Manuel Alves de Siqueira (São Paulo, 10 ou 11/12/1698)

(vol. *XXIII*, 1921, p. 455) "Recebi doze tostões do nemento que cantei. - Manuel Alves de Siqueira."

Quitação de João da Notta Pinto (São Paulo, dezembro de 1698)

(vol. *XXIII* - p. 456) "oito missas e assim mais uma missa cantada que tudo importa dois mil e oitocentos e oitenta réis"

JOSE PERES

Quitação de Manuel Lopes de Siqueira (São Paulo, 30/07/1698)

(vol. *XXIV* - p. 123) "Recebi doze tostões do nemento que cantei. - Manuel Lopes de Siqueira"

DIOGO BURRO

Quitação de João da Notta Pinto (São Paulo, 12/01/1700)

(vol. *XXIV* - p. 369) "trinta e cinco missas e assim mais uma missa cantada como tambem a esmola do habito que tudo somma em dinheiro quatorze mil e duzentos réis"

Quitação de Antonio Reposo de Siqueira (São Paulo, 12/01/1700)

(vol. *XXIV* - p. 370) "Acompanhamento gratis"

Quitação de João da Notta Pinto (São Paulo, 12/01/1700)

(vol. *XXIV* - p. 370) "missa cantada que se cantou em São Francisco por tres mil réis"

Quitação de Joachim de Godoy Moreira (São Paulo, 12/01/1700)

(vol. *XXIV* - p. 370) "Do acompanhamento, e nemento gratis"

AFONSO DIAS DE MACEDO

Testamento (Vila de Nossa Senhora da Candelária de Utuquassuú, 20/03/1700)

(vol. *XXIV* - p. 471) "declaro que tenho umas violas de pinho do reino"

ANTONIO CASTANHO DA SILVA

Quitação de Alvaro Neto (Sentana do Parnaíba, 23/04/1700)

(vol. XXV - p. 161) "dois mementos que cantei", recebendo 4 patacas

CONSTANTINO CORELHO LEITE

Quitação do Frei Ignacio da Luz (Santos, 10/07/1700)

(vol. XXV - p. 146) "da nissa cantada" recebeu 2 mil réis

ANTONIO MACHADO DO PASSO

Testamento (Nossa Senhora da Candelária de Utu, 14/11/1705) - "Codicillo"

(vol. XXV, 1821 - p. 170) "Declaro que me deve a fazenda de Cornelio Rodrigues Arzão que Deus tem dezesseis mil e oitocentos réis do ensino de dois meninos de nínhas musicas a clareza desta divida é Antonio Corrêa de Sá porque entregou Manuel Gomes Arzão antes que me pagassem o por onde constava que me era a dever e assim me deve em consciencia".

(vol. XXV, 1821 - p. 192) "Peço pelo amor de Deus a todos os senhores musicos que têm cantado comigo assim compadres como amigos e parentes que achar que lhe devo alguma coisa da musica peçam a meus testamenteiros senão me perdoem pelo amor de Deus".

512 . A grande maioria das alíquotas que se solicitava nesses testamentos era de « alíquotas cruzadas ». As « alíquotas cantadas » aparecem como exceções e com unitárias, dentre todas as alíquotas requeridas.

513 . Durante a maior parte do séculos XVI e XVII, os principais valores monetários que circulavam no Brasil eram o tostão (800 réis), o peso (6320 réis), a pataca (6320 réis) e o cruzado (6400 réis). Em O Museu de Valores do Banco Central do Brasil (1968, pp. 136-137) encontramos fotografias de moedas que existiram no Brasil durante os séculos XVI e XVII, acompanhadas do seguinte comentário: « Moedas portuguesas de diferentes reinados circularam em nossa terra. Aqui, em ouro, o cruzado de D. João III; em prata, tostão de D. Manuel I, meio tostão e dois vinténs de D. João IV e, em cobre, dez réis de D. João III. Ampliados, o vintém de D. Manuel I e o ceitil, com as muralhas de Ceuta e "três torres banhadas pelo mar". Outras moedas europeias, trazidas por expedições francesas, holandesas, inglesas, espanholas, também circularam, avaliadas por seu peso em ouro e prata ».

514. São poucas, nesse período, as informações do Brasil sobre a proveniência e características físicas da viola. No inventário de João do Prado (São Paulo, 23 de setembro de 1615, v. V, p. 25), encontra-se « uma viola com (...) oito tastos de cordas ». No inventário de Baltazar Nunes (São Paulo, julho de 1623, v. VI, p. 25) há « uma viola de seis cordas » e no testamento de Afonso Dias de Macedo (Ubatuba, 20 de março de 1700, v. XXIV, p. 471), o mesmo declara que possui « umas violas de pinto do reino ». A falta de notícias sobre a construção de violas no Brasil até 1700 e, mesmo as dificuldades que haviam para isso, fazem supor que esses, como vários outros instrumentos musicais, eram produzidos em Portugal e trazidos ao Brasil por comerciantes. Pela « Fauta da lizima da Alfandega da Villa de Santos pela do Rio de Janeiro anno 1739 » (Documentos interessantes para a história e costumes de S. Paulo, v. XLV, 1924, p. 168), ficamos sabendo que nesse ano entraram no Brasil « Violas Comas adozia 54000 | Violas archetadas cada uma 4800 | Violas pequenas adozia 19800 », além de (idem, p. 194) « Cordas de Viola ceasse 4500 ». Sobre sua construção, ao menos, há informações vindas de Portugal no séc. XVI. NERES DE AMORIM (Dicionário musical brasileiro, 1989, p. 362) cita um documento de 1572, do qual uma cópia datilografada lhe fora ofertada por José Bento Faria Ferraz (Flávia Casarço Toni enviou cópia a Edilton Glarden que, gentilmente, nos repassou um exemplar) e que está parcialmente transcrito em ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA (Instrumentos musicais populares portugueses, 1966, p. 137, nota 29). Trata-se de « Do Regimento dos Violeiros », Cap. III (ff. 157-159) do Livro dos Regimentos das Officias seculares da Mai Nobre e Sãpre Real Cidade de Lisboa; publicado e prefaciado pelo Dr. Vergílio Corrêa. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, pp. 138-139: « 4. - E o official do dito officio que tenha hauser de ter faraa hã viola de seis ordens de costilhas de pau preto ou vermelho laurada de fogo muito bem unida e laurada, tamão e fundo de duas metades - ss - junta pelo meo muito bem feita e archetada cõ m archete de oito e outro de quatro muito bem feitos, e pelo pescopo arriba leuara hã rotolo ou hã trina cõ suas encaixadoras cõ seus remates e seraa graduada cõ grade de peso, fundo e tamão, e seraa forrada per dentro cõ forros de pannos | Item faraa hã laço de talha fundo ou raso muito bem feito: | Item regara muito bem a dita viola e a aliapara e per esta man.ª seraa acabada: | Item encordoara a dita viola muito bem segundo pertencer ao tamão della, e apontara e afinara de maneira que possão nella tanger: | Item faraa hã taboleiro de saiz e taulas acastuado muito bõ despenado que seia para passar cõ as casas do taboleiro muito bem assentadas: | Item faraa hã arpa do tamão que quizerem hã laurada e bem junta e bem graduada cõ grade de peso e de bõ compasso das cordas que não vão mias mais largas que outras: | Item faraa hã viola de arco tigre ou cõ trabaa qual quizerem laurada de fogo e do tamão caudo de muito bom grossura toda igual e da regra que venha conforme ao cantele que não seia muito alto nem muito baixo: | 12. - Item mandã que os violeiros que tenha tueren que façã as violas de seis ordens de duas costilhas, e saão forradas cõ alons ou lenços. e os laços dellas de talha seão de folha. e se os quizerem fazer no tamão seão forrados de pargalho: ».

515. MATHEIAS DE SOUSA VILLA-LORDE (Arte de cantochão, 1668, cap. LVII, p. 179) dá o exemplo musical de um "Ponto" precedido pela frase: « As lições de defuntos se cantam desta maneira ».

516. JONQUIN DE SANTA ROSA DE VITERBO (Etiologia, 1865, v. II, p. 92) traz uma curiosa "Nota do auctor" anexa ao verbete "Missa dos diaconos, subdiaconos, e acolitos": « Havendo fallado da missa, não será desacerto dizer alguma coisa da sua escola, que parece foi subindo gradualmente com os generos de primeira necessidade. Segundo alguns documentos de Vizeu, no seculo XII não passava ell, de "um soldo". No seculo XIII, chegou a "dous soldos". No de 1304 era já de "tres soldos", como se vê por um documento da Igreja de S. Tiago de Coimbra. No de 1520 se pagava uma missa "de tres em renga", isto he, com ministros sacros, a canto de órgão, e com a assistencia da Comunidade de S. Francisco de Lamego, por "20 réis"; ficando-nos lugar de presumir, que a rezada, e de um só padre seria menos de "10 réis". Consta por um documento da Universidade que no de 1523 se mandou pagar a missa, a "18 réis"; pagando-se antes a "12 réis". No Synodo de Coimbra de 1566 se mandou que a escola da missa fozes de "30 réis" sendo antes de "20 réis". No de 1590 (Assim se lê na primeira edição) por uma sua providão para a Misericórdia de Coimbra concedeo o senhor Rei D. Manoel, que fozes de "40 réis" a escola de missa rezada. "Ibidem". Nada disto nos pôde causar admiração á vista de um documento de S. Christovão de Coimbra de 1401, pelo qual se comoutu a pensão de "sete alqueires de azeite por sete libras", cinco das quaes faziam um real de dez soldos. V. "Decimas", onde se achará a avaliação dos fructos no de 1515, e combinando o tempo que passou com aquelle os que vivamos, será facil o saber quanto excedia os 2, ou 3 soldos dos antigos, aos 120 réis, que algumas Constatações Diocesanas ultimamente prevoceraa ».

517. No v. III (1920) desta coleção, as pp. 273-285, está o inventário de Catharina Dorta (não há testamento), iniciando a 21 de abril de 1626. Não é a mesma Catharina Dorta, cujo inventário de 1696 foi publicado no v. XXIII (1921) da mesma coleção. Por um erro, um tanto grosseiro, de AFONSO D'ESCRIVANLE TALMAY (Música e pintura seiscentista em São Paulo, 1935, p. 11), esta "viola", que pertencera a Paula Fernandes, foi colocada entre os bens de Catharina Dorta, cujo inventário não acusa nenhum instrumento musical. A origem do erro é o fato de três processos terem sido publicados em conjunto nesse volume (pp. 271-360), a saber: Catharina Dorta, Paula Fernandes e Raphael de Oliveira. Ao encontrar essa informação na p. 290, TALMAY imediatamente a atribuiu ao inventário da primeira pessoa. Frequentemente citados, os instrumentos dos inventários seiscentistas vão sempre acompanhados do erro de TALMAY e de outros, por conta dos historiôgrafos que se seguiram.

518. Esta citação demonstra o quão antiga é a confusão que se faz entre esses dois instrumentos, diferentes tanto na estrutura quanto na origem. ERNESTO VIEIRA DE OLIVEIRA (*Instrumentos musicais populares portugueses*, 1966, p. 135, nota 1) esclarece a questão: « As palavras portuguesas Viola e Guitarra criam mal-entendidos que convém esclarecer desde já: Viola, em português, designa o instrumento a que em todos os países europeus compete o étimo de Guitarra (de caixa com enforcamento); Guitarra, em português, designa o instrumento que corresponde a uma espécie de cistro (sem enforcamento). Nos mesmos em Portugal a palavra Viola corresponde a dois cordofones de arco com enforcamento: no Norte, onde subsiste com plena vitalidade o velho instrumento quinhentista, a palavra Viola designa um cordofone daquele tipo, com cinco ordens de cordas metálicas duplas; no Sul, onde este instrumento se extinguiu, ela designa o seu substituto setecentista, de seis cordas singelas de tripa. A este último instrumento, no Norte, para o distinguir da Viola de cinco ordens, dá-se o nome de Violão. O instrumento que em todos os países europeus se designa pela palavra Viola - o "alto" dos cordofones de arco - é designado em português pela palavra Violetta (e às vezes por Viola, numa terceira aceção do termo) ».

519. "Cithara", para RAPHAEL BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, v. II, 1712, p. 331) é « instrumento musico, pouco diverso do alaúde; tem cordas de latão, & toca-se com uma penna ». Já ANTONIO DE MORAIS SILVA (*Dicionário da língua portuguesa*, 1789, v. I, p. 279) diz « instrumento musico, de braço mais longo que a viola, com cordas de arame, e trastes de latão huns inteiros, e outros de meia largura do braço ». O termo é extremamente antigo, como se vê em BLUTEAU (*Vocabulário português e latino*, suplemento, parte II, 1728, p. 285), tendo designado vários tipos de instrumentos de cordas. MARIO DE AMORIM (*Dicionário musical brasileiro*, 1989, p. 143) diz: « Família de instrumentos de cordas pinçadas com os dedos ou plectros, ou percussões com vaquetas ou martelos. A caixa de ressonância das cítaras pode ter formatos diversos como um tubo (V. Valiha), retângulo (V. Koto), trapézio (V. Saitirio, Santir) ou triângulo (V. Médio camên), com orifício para saída do som (V. Harpa edia) ou com uma cabeça acoplada para aumentar a reverberação. As cordas, em geral, acompanham todo o comprimento da caixa da ressonância ». TOMÁS BORJA e FERNANDO LOPES BRAGA (*Dicionário de música*, v. 1, 1962, pp. 325-326) acrescentam que « Finalmente, a cítara tende, nos últimos séculos, para uma evolução formal, que vai tomando definitiva em alguns países do Norte e pretende espalhar-se por toda a Europa; é a cítara chamada horizontal, que, quanto ao seu dispositivo, não tem ponto algum de contato já com a primitiva nem com o cistro, que o antecedeu ». O mais provável é essa cítara que veio parar em São Paulo fosse do tipo que tinha braço e caixa de ressonância, ancestral da atual guitarra portuguesa, e que naquela época também era chamada de guitarra. Cf. também F. J. FÉTIS (*A música ao alcance de todos*, 1856, p. 30), ISAC NEWTON (*Dicionário musical*, 1904, pp. 68-69) e PEDRO SONZIG (*Pelo audio do som*, 1959, p. 161).

520. Referente à cítara, PEDRO SONZIG (*Pelo audio do som*, 1959, p. 161) transcreve informação de ERNESTO VIEIRA (*Dicionário Musical*, Lisboa, E. Sáezta Musical, 1890): « consistia numa espécie de guitarra; denominava-se também cistro, cítala, cítara, cítala, cistro, cistro, (em fr.) sistre, sistre e guitarra alemã ».

521. Segundo a *Enciclopédia de música brasileira* (1977, vol. II, p. 611), MANUEL DA COSTA DO PINO foi músico e faleceu em Parnaíba no ano de 1653. Diz o verbete (de REGIS BUPPRT): « Filho de Belchior da Costa e Isabel Rodrigues, aprendeu música bem cedo e serviu no coro da matriz da vila de São Paulo SP. Em 1610, integrou a comissão da câmara que encarregou Cornélio Arzão de reedificar a matriz. Transferindo-se para Parnaíba, foi mestre-de-capela, organizando um coro que dirigiu até a morte. Juiz ordinário na vila de Parnaíba em 1627, era mordomo das confrarias do Senhor e das Almas em 1642. Homem de grande prestígio na Igreja e nas funções públicas, teve endinheiras solenísticas ».

522. DOMINGOS VIEIRA (*Grande dicionário português*, 1873, v. IV, p. 336) informa: « Offício de defuntos; preces pelo bem das almas. "Depois de o corpo ser na Igreja, e lhe fazerem todos os officios dos defuntos em pontifical, foi sepultado na mesma capella, onde jazia enterrada a Rainha dona Isabel sua mãe, filha do Infante dom Pedro". Basílio de Gues, *Chronica de D. Manoel* ».

523. Os *Inventários e Testamentos* fornecem várias informações que interressam ao conhecimento de MANUEL DA COSTA DO PINO: foi « juiz ordinario » no inventário e testamento de Manuel Pinto Siniga (vol. VII - pp. 331-337), « testamenteiro » de Angela de Campos e Medeiros (Santana do Parnaíba, 11/10/1639 - vol. XIII, p. 100), desde 1639 a 1641 (vol. XIII, pp. 97-114) e também « testador » de Ambrosio Mendes (Parnaíba, 1642 - vol. XIII - pp. 476-540). Em 19/04/1642 foi « procurador de sua irmã já viúva Visereia da Costa », no inventário de Ursula Colaco (v. XIII, p. 33). E no testamento de Antonio de Souza Couto (Parnaíba, 7/04/1652), vol. XIV p. 236, há a informação: « Me deve M^{te} da Costa do pino Sento e tantas perlasqas de faz.^{da} q^{ta} lhe vendi de panno, ».

524. PAULO FLORÊNCIO DE OLIVEIRA CHAVES (*História de Santana do Parnaíba*, 1971, cap. IV, nº 1, pp. 96-97) traz as seguintes informações sobre Santana do Parnaíba: « O primeiro maestro de capela, Manuel da Costa do Pino, era filho de Belchior Costa e de sua primeira mulher, Isabel Rodrigues, portanto, enteado de Suzana Dias; aprendeu música e serviu no coro de São Paulo e Parnaíba. Os cauaristas paulistanos de 1610 encarregaram Cornélio Arzão de reedificar a igreja matriz de São Paulo. Manuel da Costa do Pino, citado, teve que pagar a parte que fôra atribuída a Belchior da Costa, seu pai. Era a coleta

[falta] para terminar a Igreja; os camaristas não cumpriram o prometido. No sequestro dos bens do referido Arzão, todos pagaram o que coube aos vereadores do tempo do contrato ou quando falecidos a obrigação passou a seus herdeiros posteriores, todos concorreram para saldar o débito ao construtor. § Transferidos para Parnaíba, Pino formou o câro local com vários cantores e músicos para a orquestra. Pegou os cânticos até 1653, quando faleceu. Seu enterro e exéquias foram soleníssimas. Fora Manuel da Costa do Pino, com respeito à Igreja e cargos públicos, o homem de maior prestígio de seu tempo em Parnaíba, juntamente com André Fernandes, 12 capitão-mor daquela zona importante. Logo adiante, OLIVEIRA CANABED (op. cit., nº 3, pp. 106-107) acrescenta: « Enquanto se construía a nova Igreja [em c. 1640], passou a matriz a funcionar na capela, sedesdas das antigas escolas reunidas. Pensava André Fernandes em trazer novos sacerdotes para Parnaíba. Não tinha amizade com os jesuítas, nem estavam nessa época em boa paz com os paulistas. Com a publicação do Breve do Papa Urbano VIII que entregava a direção dos índios exclusivamente aos jesuítas, os paulistas ficaram desatinados. Romperam em franca hostilidade contra a Companhia de Jesus. Pensaram então os paraibanos nos beneditinos. Fizeram-lhes convite, com promessa de doação de terras para o estabelecimento de residência monacal. Nessa época Manuel da Costa do Pino era encarregado de efetuar o pagamento aos vigários como consta da seguinte quitação, onde além dos legados deixados pela sua esposa D.ª Ana de Chaves se lê os emolumentos do Vigário Padre Baltasar: "Estou pago e satisfeito do Sr. Manuel da Costa do Pino da porção do tempo que foi vigário desta vila de Santa Ana da Parnaíba e dos legados da defunta mulher, e das missas que lhe tocaram das confrarias do Senhor e das almas em que fêz e mandou, e de outras que me mandou dizer por sua devoção de que tudo estou pago e satisfeito de que já se não deve nada até hoje é de julho de 1640 e por verdade se assino - o Pe. Baltasar Gonçalves". O mesmo autor (op. cit., nº 4, p. 111) informa que em c. 1644 « Manuel da Costa do Pino continuava na regência do câro parquial. Tinha por auxiliar Anastácio da Costa: ambos foram bons músicos sacros em Parnaíba, depois em [tu] ».

525 . A expressão *livros de canto de órgão* pode indicar tanto tratados de música quanto coleções de obras vocais. Devem ser livros impressos, uma vez que o documento registra, logo em seguida, cartapácios (manuscritos encadernados) e papéis (que poderiam ter sido papéis de música). É mais provável que fossem tratados teóricos, mais úteis em Parnaíba daquela época que obras vocais escritas para cantores europeus. Em Portugal, foram publicados apenas quatro tratados até 1650: O *Tractado de canto llano...* (Lisboa, 1533) e o *Tractado de canto mensural...* (Lisboa, 1533), ambos do espanhol NATHIEL DE ARANDA, e *Arte de canto chilo...* (Coimbra, 1618), de PEDRO THALESJO, e a *Arte de musica de canto de órgão e canto chilo...* (Lisboa, 1626), de ANTONIO FERNANDES.

526 . Esses cartapácios e papéis, pelo contexto, parecem mesmo conter música escrita. JOSÉ DE MURBIS & (História da Companhia de Jesus na Província do Maranhão e Pará, 1799, livro III, cap. I, § 17) fala da catedral de « Bethlem do Grão-Pará », na época em que a escreveu: « A inata propensão do genio deste Excellentissimo Prelado de tal sorte adiantou a bella harmonia da sua musica, que não tem inveja á mais miuda e delicada solfa da corte, donde se extrahirão para esta cathedra os melhores e mais harmonicos papeis e cantorias ».

527 . Esta « violla » provavelmente ficou com a « orfã Joana », segundo a partilha de valores, na p. 152.

528 . PAULO FLORENCIO DE OLIVEIRA CANABED (História de Santana de Parnaíba, 1971, cap. V, nº 1, p. 120) informa: « Foi em janeiro de 1633 que faleceu Domingos Fernandes, fundador de [td. Manuel da Costa do Pino e Francisco Sanches de Aguiar eram cunhados do capitão Fernandes. Foram professores; o primeiro, já nosso velho conhecido, ensinava musica e outro gramática. Usavam a Arte e a Cartilha, livros da época, para o aprendizado musical e alfabético ».

529 . "Memório", segundo RAPHAEL BLUTEAU (Vocabulário português e latino, v. V, 1716, p. 413) é « Termo latino, de que usa a Igreja na quarta feira de Cinza, para incutir aos Christãos a memoria da morte; o qual tambem se diz da segunda parte do Canon da Missa, aonde se faz commoção dos vivos, e defuntos. (E não seus amentos. Chagas, 2. part. das Cartas Esprit. 323) ». Os Inventários e Testamentos mencionam dois tipos de amentos cantados: os solísticos, geralmente acompanhados por harpa, e os amentos de canto de órgão, peças polifônicas que exigiam mais de um executante.

530 . A harpa era frequentemente utilizada para acompanhar o canto solístico naquela época. GREGÓRIO DE MATOS & (Poesias, ed. de 1968, v. II, p. 328) comenta em verso esta função: « Ficou o Mestre salfista | sem chapéu destro, ou sinestro, | e ainda que na arpa é destro, | vós fôdes maior arpista ».

531 . A chave é o aparato usado para afinar ou temperar o instrumento.

532 . Já em 1692, durante o governo de Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, o Brasil começava a sofrer uma falta crônica de numerário, em circulação, fato que provocou a reforma monetária e a criação da primeira Casa da Moeda em 1694. FRANCISCO ADELPHO DE VIMMAGEN (História geral do Brasil, v. I, 1854, seção XIVII, pp. 91-92) discorre sobre os acontecimentos dessa época: « Propoz o governador Antonio Luiz [em 4 de julho de 1692] que a Corte arduisse ao Brasil com dois milhões de moeda provincial, que não podesse correr no Reino; sendo um milhão para a Bahia e villas annexas; 600 para

Pernambuco, e 400 para o Rio de Janeiro. - A moeda devia ser lavrada com 20 por 100 de excesso de valor extrínseco; dos que 55 por 100 seriam restituídos aos possuidores da prata com o valor anterior de 100 reis por oitava, e 5 por 100 ficariam para brachagem e senhorias. Assim as moedas de cinco oitavas valeriam 100 reis; as de duas e meia 300 reis, e as de uma oitava 600, e as de meia oitava 300 reis. - Propoz também que se lavrassem quarenta mil cruzados de moedas novas; pois que até então as minas eram de 40 reis; sendo obrigado quem lhe basta comprar dez reis ou um vintem de mais infima hortaliça a comprar dois vintens, ou dar dois vintens a um pobre mendigo, - alias ficar este sem escola, que é o que de ordinario succede.* O mal da falta de numerario, foi remediado, e em breve deixou de sentir-se; havendo-se elevado dez por cento o valor do marco de ouro e prata, prohibindo-se a circulação da moeda do Reino, e criando-se casas de fundição na Bahia (1694), em Tambatê (1695), e Olinda (1698); sendo esta depois (1702) transferida para o Rio de Janeiro, e mandando-se (1704) correr no Brazil a moeda de cobre d'Angola *. RODOLFO GARCIA, na edição de 1981 do livro de WARMAN (v. II, seção XIVII, pp. 282-283, nota VII) estuda essa passagem e faz imprimir documentação relativa aos episódios da época. ROBERT SOUTHEY (*History of Brazil*, v. III, 1819, cap. XXI, p. 23) informa os novos valores que foram postos em circulação a partir de 1694: « Three gold pieces were struck, the *moeda or moedore* of four alirela, the half *moedore*, and the quarter; six in silver, of two *patacas*, one *pataca*, and half a *pataca*, one, two, and four *vintens* *. A publicação *O Museu de Valores do Banco Central do Brasil* (1988, p. 140) traz boas reproduções das peças de ouro, com esta informação: « As moedas de ouro de 1.000, 2.000 e 4.000 réis denominavam-se, respectivamente, *quartinho*, *meia moeda* e *moeda*. As peças fabricadas no Brasil, para uso exclusivo da Colônia, traziam, no reverso, a cruz de São Jorge, enquanto aquelas que circulavam também em Portugal apresentavam a Cruz de Cristo ».

SEÇÃO II — REGISTROS OFICIAIS

**D. Documentos sobre a Música em
Belém do Pará (c. 1658-1694)**

ANTÔNIO VIEIRA

(1608 - 1697)

DOCUMENTO: VISITA DO P. ANTÔNIO VIEIRA. [Colégio do Pará, entre 1658 e 1661].

TEXTO E NOTA BIBLIOGRÁFICA: Exemplar único, encontrado no Colégio do Pará em 1760, começando com a seguinte justificativa: « Direcção do que se deve observar nas Missões do Maranhão ordenada pelo Venerável P. Antonio Vieira, Visitador Geral delas, com consulta de todos os Padres Missionários e aprovada por nosso M.R. P. Geral desde o principio das ditas Missões, a qual se guardou sempre, exceptuando o que se julgou já se não podia observar ». Foi publicada unicamente na *História de SERAFIM LEITE*, v. IV, cap. II - Regulamento das Aldeias ou a "Visita" do P. Antônio Vieira, pp. 105-124.

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugal, 1903. v. IV, pp. 105-124.

OBSERVAÇÕES: 1) Toda a "Segunda Parte" desta Visita será transcrita, dada a sua importância indireta com relação ao estudo da prática musical.

2) Todas as indicações entre colchetes são de SERAFIM LEITE.

3. — SEGUNDA PARTE. DO QUE PERTENCE À CURA ESPIRITUAL DAS ALMAS:

14 — (p. 112) [*Doutrina de manhã*]. Todos os dias da semana, acabada a oração, se dirá logo uma Missa que a possa logo uma Missa que a possam ouvir os Índios antes de irem às suas lavouras; e para isso se terá a oração a tempo que quando sair o sol esteja ao menos começada a Missa, a qual acabada se ensinarão aos Índios em voz alta as orações ordinárias: a saber Padre Nosso, Ave-Maria, Credo, Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja; e os Sacramentos, acto de contrição, e confissão, geralmente os diálogos do catecismo breve, em que se contêm os mistérios da fé.

15 — [*Escola*]. Acabada esta doutrina irão, podendo ser, todos os Nossos; para a Escola, que estará da nossa Portaria para dentro; onde os mais habéis, se ensinarão a ler e escrever, e havendo muitos se ensinarão também a cantar, e tanger instrumentos para beneficiar os officios divinos; e, quando menos, se ensinará a todos a doutrina cristã, e em caso que o não possa fazer o Padre, ou será seu Companheiro, que sempre é o que mais convém, ou fará algum moço dos mais práticos na doutrina, e bem acostumado.

16 — [*Doutrina da tarde*]. À tarde, antes de se pôr o sol, se tangerá a 2.^a doutrina, exortando a todos que venham a ela, e sendo obrigados a vir os meninos e meninas, como é de costume; e nessa doutrina se ensinarão as mesmas orações, que na de pela manhã, mudando somente o diálogo do catecismo, que será variadamente um dos outros. E acabada a doutrina sairão os meninos em orden, dando a volta a tódá a praça da Aldeia, cantando o Credo e Mandamentos; encomendando a espaço as Almas do Purgatório e rezando por cada vez um Padre Nosso e uma Ave-Maria.

Não basta para remédio das Almas e satisfação de nossas obrigações, que se ensine em geral a doutrina nas Aldeias; mas é necessário, que em particular se advirta, se há alguns mais rudes, que a não [saibam] ou não a entendam; e que estes se tomem a rol, para (p. 113) que sejam particularmente ensinados. Isto se poderá fazer mais comodamente, quando as Aldeias se desobrigam pela quaresma, pondo à margem das listas, defronte do nome do que há mistér ser ensinado este sinal † [uma cruzinha] para que o mesmo Padre, ou outro que lhe succeda, conheça os que necessitam de ser catequizados.

17 — [Catequese dominical]. Aos Domingos, e Dias Santos, se dirá a Missa a hora em que possam estar juntos, e se tomará conta dos que faltarem, para o que aproveitará muito terem lugar certo, na igreja, as casas e suas famílias, sendo primeiro admoestados em particular, e em público, e depois castigados os que forem mais remissos em acudir à Missa; e antes dela, alén da doutrina ordinária, se fará uma que contenha comumente dois pontos, e um de Mistérios, ou Evangelho, e outro moral e contra o vício de maior necessidade.

18 — [Bailes dos Índios]. Para que os Índios fiquem capazes de assistir aos officios divinos, e de fazer conceito da doutrina, como convém, se lhes consentirão os seus bailes nas vésperas dos domingos e dias Santos, até às 10 horas ou onze da noite somente, e para que acabem os tais bailes, se tocará o sino, e se recolherão às suas casas⁵³⁴.

19 — [Aldeias de visita]. Nas Aldeias de visita se fará tudo o sobredito nos dias, em que aí residirem os nossos, e quando estiverem ausentes, deixarão nas mesmas Aldeias, como também nas residências, algum Índio ou Índios de mais intelligência e cuidado, que tenham por officio acudir à Igreja e tanger a doutrina de manhã, e de tarde, e ensiná-la aos meninos, e aos mais, que concorrem a ela, os quais também terão cuidado de baptizar em caso de necessidade, e de ajudar a bem morrer, e de enterrar os mortos.

20 — [Devoções]. Todas as segundas-feiras, depois da Missa, sairá o Padre, acompanhado da gente que assistir na mesma missa, a rezar na Igreja e cemitério os responsórios na forma do *Catecismo*.

(p. 114) Aos sábados na doutrina de pela manhã, e aos dias de Nossa Senhora se acrescentarão nas orações ordinárias a Salvé-Rainha; e nos Sábados de tarde e vésperas da Senhora se rezarão em lugar da doutrina, as suas Ladinhas.

Na Quaresma podendo ser, se farão, todas as sextas-feiras, as procissões dos Passos com a Ladinha, prática da Paixão, disciplina; e o mesmo com maior solenidade na Semana Santa, na qual se não exporá o Santíssimo, se não houver a deoência necessária com licença do Superior.

21 — [Confrarias]. Se puder ser, haverá em cada Aldeia 3 Confrarias para que se nomearão seus officiais: uma do Santíssimo, que assistirá à administração d'este Sacramento, e da Santa Unção e lhe pertencerão todas as festas de Cristo; outra das Almas, que terá também cuidado de enterrar os mortos, e das outras obras de Misericórdia; outra do Orego da Igreja a quem pertencerão as festas da Senhora e dos Santos.

22 — [Assistência aos enfermos]. Todos os Padres que têm à sua conta muitas Aldeias, alén da em que residem, as visitarão dentro do tempo que lhes fôr assinado conforme a distância; em chegando a elas, a primeira coisa que farão, é saber se há doentes, acudindo logo aos que estiverem em algum perigo, e para que esta diligência seja efectiva não fiarão dos Principais, nem dos outros officiais da Aldeia, mas os mesmos Padres correrão

por si mesmos as casas, e não somente procurarão os doentes, que houver nelas, mas também os que estiverem pelas roças, mandando-os logo, e tratando do seu remédio espiritual, e quando se partirem da Aldeia, não deixarão enfermo algum sem primeiro ficar confessado, ainda que a enfermidade não prometa perigo.

23 — [Rito na administração dos Sacramentos]. Da administração dos Sacramentos todos se guardem inteiramente do Ritual Romano reformado, e só em caso de necessidade se deixem algumas cerimônias conforme a rubrica do mesmo Ritual.

24 — [Baptistérios]. Em todas as Igrejas das nossas doutrinas haja baptistério fechado, e lugar decente dentro do mesmo baptistério, adonde se conservem os Santos Óleos.

25 — (p. 115) [Registo dos baptismos]. Nos livros dos baptismos se declare o mês, ano, e se escrevam os nomes dos Padrinhos com seus sobrenomes, em caso que os não tenham, se lhes porão os de seus Pais, ou outros sinais que bastem a individuar as pessoas, e o mesmo se guarde nos nomes do Pai e Mãe do inocente; e se o inocente não fôr recém-nascido se escreverão também os anos de que era ou podia ser quando foi baptizado, para que conste das idades de cada um.

Nos baptismos dos adultos, se declarem os nomes que tiveram na Gentilidade, e os que lhes puseram de novo, para que por eles sejam conhecidos, e destes adultos, quanto fôr possível, se faça baptismo geral com grande solenidade.

26 — [Livro dos cristãos antigos]. Por quanto nas Aldeias que temos a nosso cargo não havia livro por que conste dos antigos Cristãos, se procure reformar este descuido com toda a exação que puder ser, declarando o nome dos baptizados e dos Padrinhos, se houver memória deles e da pessoa que os baptizou, e se baptizarem *sub condicione*, se faça assento no mesmo livro.

27 — [Baptismo de adultos]. Descendo do Sertão alguns Índios Gentios, de que haja provável [temor] de que poderão tomar a suas terras, ainda que digam que querem ser cristãos, se não baptizarão nem os Adultos, nem os inocentes deles, se não em perigo de morte, pela experiência que há da pouca constância de algumas destas nações.

Não Havendo perigo de tornarem para o Sertão se baptizarão logo todos os inocentes, mas os adultos, se não forem da Língua Geral ou de outra que saibamos, não se baptizarão fora do perigo de morte, senão de vagar, e com muita consideração pela pouca capacidade dos intérpretes, enquanto não há número dos sujeitos que se possam aplicar a diversas línguas.

28 — [Catecismos de línguas não tupis]. O Padre que os tiver à sua conta procurará com todo o cuidado fazer um catecismo breve, que contenha os pontos precisamente necessários para a Salvação, e deste usarão nos casos de necessidade, e por ele os irão ensinando e instruindo, mas em caso que totalmente não haja intérprete, nem outro modo por donde fazer o dito catecismo será meio muito acomo-(p. 116) dado o misturar os tais Índios com os da Língua Geral ou de outra sabida para que ao menos os seus meninos aprendam com a comunicação; e no entretanto se lhes mostrarão as Imagens e Cruzes, e os farão assistir aos ofícios divinos, e administração dos Sacramentos e as mais acções dos Cristãos, para que possam em caso de necessidade inculcar-lhes o baptismo por acenos, pois não há meio de receberem a fé pelos ouvidos, de modo que ao menos *sub condicione* nenhum morra sem baptismo.

29 — [Catequistas]. E para que não succeda, na ausência dos Padres, morrer alguma Criança ou Adulto sem baptismo um dos pontos de doutrina que se faz a todos será ensinar a forma e modo de baptizar, havendo em tôdas as Aldeias alguns índios mais antigos e práticos que tenham este cuidado; e porque elles não saberão como é necessário preparar os adultos, convenientemente, que a todos os que não forem baptizados tenham os Padres preparados, quanto fôr possível, e com as vontades dispostas para receberem o baptismo.

30 — [Confissões]. O Padre que tiver à sua conta alguma povoação, ou povoações de Índios, fará todos os anos lista de todos os que forem capazes de confissão, de modo que nenhum fique sem se confessar, e porque os Índios são muitos, e os Sacerdotes poucos, se lhes estenderá o tempo da confissão annual e se poderão desobrigar desde a Septuagésima até a Oitava do Espírito Santo.

31 — [Preceito pascal e viático]. Importa que se ponha toda a diligência para que todos os Índios se façam capazes de receber o Santíssimo Sacramento, ao menos pela obrigação da Páscoa, e este cuidado deve ser ainda maior para que na hora da morte tenham o viático, em cuja concessão e administração não devemos ser demasiadamente escrupulosos, fiados na benignidade e Misericórdia de Cristo, a quem não offende a rudeza, senão a malícia.

Parece mais decente e conveniente, e mais conforme ao costume universal da Igreja, que o Senhor, podendo ser, se leve aos enfermos, e não que os ditos o vão receber à Igreja em suas redes, e a este fim, se houver commodidade, haverá um lugar composto na enfermaria da Aldeia, para que nêle se possa administrar este Santíssimo Sacramento, fazendo para isto pália, e tudo o mais necessário com a maior decência possível.

32 — (p. 117) [Binação da Missa]. Para maior expedição das Missões, e consolação das Freguesias, que temos à nossa conta, será bom, e principalmente nos dias Santos, onde a distância der lugar, usem os Padres do direito e privilégio que têm os Párocos para poderem dizer duas Missas no mesmo dia, e o Cáliz depois de consumir o Sangue, e enxugado com a boca o melhor que puder ser, o levará o Sacerdote ou na mão junto ao peito, ou no Altar portátil sobre a Ara, e Corporal coberto com o sanguínio, seguindo tudo mais que faz em dia de Natal.

33 — [Casamentos dos Índios]. No livro dos Casamentos, que haverá em tôdas as Aldeias, se observará o mesmo, que nos baptismos, e distinção de nomes, e sobrenomes, declaração do ano, mês e dia, Pároco e testemunhas e quando houvesse de casar, em uma Aldeia, índio, que pertença a outra, o não fará o Padre em cuja Igreja se há de celebrar o casamento sem preceder informação do Padre que fôr Pároco do dito índio, e sem se fazerem as denúnciões em ambas as Paróquias. E o que se diz de diferentes Paróquias, se entende muito mais quando os contraentes são de diferentes Capitánias. E por que a experiência tem mostrado as inquietações e desgostos, e outros inconvenientes, que de semelhantes casamentos se costumam seguir, procurarão os Padres, quanto puder ser, evitá-lo sem impedir a liberdade do matrimónio, e quando finalmente se hajam de casar (o que nunca se fará sem aprovação do Superior) declarará o mesmo Padre à contraente que fica obrigada a seguir a seu marido, e ir viver à sua Aldeia tôdas as vezes que elle quizer; e este direito se declare em tôdas as Aldeias, e se intine aos Principais, para que o tenham entendido, e aceitado.

Nos casamentos dos Índios livres com escravas (em que são ainda maiores inconvenientes) se tenha a mesma vigilância, se guarde a concordata, que sobre esta matéria se tem feito com o Ordinário, não recebendo, nem consentindo que se receba índio algum das Aldeias sem primeiro ser examinado e desenganado pelo Superior da Colônia, para evitar os dolos, em que debaixo do nome de Matrimônio vêm estes casamentos a ser uma das espécies de cativar, que neste Estado se usa.

34 — [Assistência aos moribundos]. O maior cuidado de todos os Nossos nas Aldeias deve ser, o da morte dos Índios, pois é a hora em que se colhe o fruto de nossos trabalhos, em que se ganham ou perdem (p. 118) as Almas, que vimos buscar, e de que havemos de dar conta; e assim se encomenda e encarraga aos Padres com todo o encarecimento, que neste ponto empreguem todo o zelo, com maior aplicação, e vigilância, procurando que nem na Aldeia nem fora dela haja doente de que não tenha notícia, confessando-os logo no princípio da doença, e não lhe faltando com nenhum dos Sacramentos a seu tempo.

Depois de recebida a Santa Unção, ficará defronte do enfermo uma mesa coberta com uma toalha, e uma imagem de Cristo Crucificado, ou quando menos uma Cruz, e água benta; e depois, que o enfermo estiver neste estado o visitará o Padre mais vezes, procurando, quanto fôr possível achar-se presente ao expirar, em que lhe rezará o ofício da agonia, e lhe encomendará a Alma, pois a Igreja assim o encarrega a todos os que têm cuidado das Almas, bem se deixa ver a obrigação que corre aos que em tudo professam maior perfeição.

Em caso que succedesse morrer sem Sacramentos algum índio na Aldeia onde estivéssemos (que era vez succederá se não nos fiarmos na doença e acudirnos com cuidado) serão obrigados o Padre e seu Compenheiro a darem conta ao Superior, o qual achando que houve culpa penitenciará este descuido, e avisará ao Superior de toda a Missão.

35 — [Funerais]. Amortalhado o defunto, se meterá na tumba, e será posto em lugar decente com uma Cruz à cabeceira, e uma luz pelo menos quanto der lugar a pobreza da gente. E por que no modo de amortalhar há nações que usam algumas coisas supersticiosas, estas se lhes proíbem, e ainda alguns excessos com que costumam chorar o defunto, pôsto que sejam mais demonstrações de dor natural que uso gentílico, se procurará quanto fôr possível se acomodem à política cristã.

No enterramento nos acomodaremos com o Cerimonial Romano, quanto a limitação da Aldeia permitir; e nos lugares das sepulturas haverá tal diferença, que só os Principais de toda a Aldeia se enterrem nas grades para dentro, e no corpo da Igreja todos os fregueses da mesma nação; e no adro os escravos que aí se vierem enterrar.

36 — [Sufrágios]. No dia seguinte ao entêrro de algum, ou no mesmo dia, se houver lugar, acabada a Missa, lhe dirá o Padre um (p. 119) responso sobre a sepultura, e será caridade muito grata a Deus se todos os Sacerdotes, que têm cuidado destas tão desamparadas almas disserem uma Missa *in die obitus* por cada um dos que morrerem na sua Freguesia, pois carecem de todo o outro sufrágio; e por este responso o N. R. Padre alivia a todos os Missionários das Missas que por sua tenção deviam dizer.

Para suprir a falta dos sufrágios procurem os Padres introduzir nas Aldeias, podendo ser, o uso das Bulas de vivos e defuntos, pagando-se a esmola com alguma coisa, que o defunto deixar, ou de outro modo que facilmente pode descobrir a caridade: será bem, que os Padres apliquem as Indulgências que puderem, assim suas, como as Orações que fazem naquela hora publicamente na Igreja; e as que se fizeram até o fim do dia em que morreu o defunto, e as de encomendação das Almas.

38 — [Correção dos delinquentes]. Os Padres que têm à sua conta as Cristandades, como aquêles a quem pertence o governo espiritual delas, poderão repreender, e mandar castigar por si imediatamente os que delinqüirem *in spiritualibus*, fazendo executar os castigos ordinários como julgar *in Domino* importar à emenda do delinqüente, e o exemplo dos mais; entendendo por castigo ordinário até prisão de 3 dias; mas se o castigo houver de ser grave, ou executado em pessoa de respeito, como de capitão para cima, não o farão os Padres, sen approval do Superior.

533. SERAFIM LEITE [A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI, 1949, pp. 27-28] noticia: « A legislação interna da Companhia no Brasil, até agora inédita, sobre a música e o seu ensino, consta sobretudo de três Regulamentos, que dão as normas nessa matéria: a Visita do P. CRISTÓVÃO DE HOLMEIA para o Estado do Brasil (1568), a Visita do P. ANTÔNIO VIEIRA para o Estado do Maranhão e Pará (1658); e Regulamento do P. ALEXANDRE DE BUESIO, para o Colégio-Internato ou Seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia (1694) ». Em seguida, LEITE transcreve as informações significativas de cada um: « 1 - Regulamento das Aldeias do Brasil (1586), § 11: "havendo meninos de escola, ensinem-se por espaço de hora e meia, assim de manhã como à tarde, a ler e escrever; e depois disto, cantar, aos que parecer que têm habilidade para isso" [Arq., Bras. 2, f. 146]. § 2 - Regulamento das Aldeias do Maranhão e Pará (1658), § 15: Nas escolas de ler e escrever das Aldeias, havendo número bastante, ensinem-se também a "cantar e tocar instrumentos" § 3 - Regulamento do Seminário de Belém (1694). Cria-se a "Classe de Solfa" (§ 24 do Regulamento Geral). Além da classe, os alunos nos domingos, dias santos e feriados, podem à tarde durante a recreação, ocupar-se "aprendendo a tocar os instrumentos" (§ 6 do Regulamento Disciplinar) [Arq., BSB, Collg., p. 15] ».

534. Nota de SERAFIM LEITE, nesta edição (p. 153, nota 8): « Fiquem capazes... Entende-se. A questão não estava nos bailes, propriamente ditos, sendo nas bebidas que os acompanhavam. Acabando aquelas horas, havia tempo de se dissiparem, com o sono reparador, os possíveis efeitos delas, antes dos actos do culto e ensino do domingo de manhã. ».

SEMINÁRIO DE BELEM

DOCUMENTO: REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE BELEM. Belém, 1694.

TEXTU E NOTA BIBLIOGRÁFICA: SERAFIM LEITE, que publicou este regulamento no vol. V, cap. VIII, pp. 180-189 da NCLB, comenta à p. 179: « O Seminário de Belém, com a sua forma peculiar de Internato, destinado a receber alunos de todas as partes do Brasil, para serem instruídos no curso de Humanidades e serem educados na piedade cristã sólida e profunda, ficou a princípio sob a direcção directa do P. Alexandre de Gusmão, um pouco dependente da sua própria pessoa. Convinha, porém, que tivesse um Regulamento, que permanecesse firme, independente das pessoas que poderiam suceder-se. O Provincial Manuel Correia deu em 1692 algumas normas ao P. Reitor Alexandre de Gusmão, e indicou que se organizassem quanto antes os Estatutos (Bras. 3(2), 322-323v.). Aquelas primeiras normas foram examinadas, estudadas, revistas e acrescentadas, e, por fim, ordenadas e aprovadas pelo Padre Geral (Bras. 3(2), 326-326v.). ¶ O Regulamento do Seminário de Belém consta de 3 partes, com 44 parágrafos ao todo. A primeira contém a fim da instituição, género de estudos, regras económicas e financeiras, e normas gerais (24 §§). A segunda diz mais respeito aos mestres (5 §§). A terceira trata do horário, estudos, devoções, recreios, e disciplina escolar (10 §§) ».

PUBLICAÇÃO UTILIZADA: SERAFIM LEITE - História de Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portuguesa; v. V, 1945, cap. VIII, pp. 180-189.

REGULAMENTO DO SEMINÁRIO DE BELEM

[...]

12. (p. 183) Mestre da música ⁵³⁶ seja um secular ⁵³⁸, e de nenhuma maneira os Moços ensinem solfa nem toquem instrumentos, nem cantem e muito menos na Igreja e no oíro.

[...]

24. (p. 185) Haverá duas classes de Latim, além da classe da Solfa ⁵³⁷, e em uma se ensinará a Arte e na outra a mais Latinidade e Retórica, conforme a capacidade dos ouvintes, segundo a ordem das classes da Companhia.

ORDEN QUE SE DEVE GUARDAR NO SEMINÁRIO DE BELEM

[...]

3. (p. 187) Acabado o repouso, irão fazer breve oração ao Senhor ou à Senhora; recolher-se-ão a seus lugares, a estudar as obrigações da classe, até às três horas, e serão castigados os que neste tempo falarem. As três horas irão à classe; acabada ela poderão falar até à lição da solfa, à qual assistirão todos, e terão suas lições, e serão (p. 188) castigados os que faltarem. Acabada ela poderão espairer até às Avé-Marias, conforme a permissão do Padre Reitor.

[...]

8. Nos Dias Santos e suetos à tarde, depois de estudarem uma hora, terão o mais tempo de recreação, e poderão jogar os jogos costumeiros e merendar, e procurar de aproveitar o tempo, recordando o atrasado, fazendo suas composições, provando os tonilhos, e aprendendo a tocar os instrumentos, conforme a ordem que tiver dado o Padre Reitor.

[...]

535 . JEAN-JACQUES ROUSSEAU (*Dictionnaire de musique*, 1768, p. 272) informa: « Ainsi l'emploi de Maître de Musique n'a guères lieu que dans les églises; aussi ne dit-on point en Italie, Maître de Musique, mais Maître de Chapelle: dénomination qui commence à passer aussi en France ». Outro francês, F. J. FETIS (1858, p. 70), confirma as palavras de ROUSSEAU: « [1] É que dirige a Música d'uma Igreja, e dá lições aos membros do Coro. [2] Se diz também d'um músico que ensina princípios de solfejo ».

536 . SERAFIM LEITE (*A música nas escolas jesuíticas do Brasil no século XVI*, 1949, p. 28) traz o seguinte comentário: « Por serem poucos os padres e se ocuparem em ministérios sacerdotais, que não poderiam ser exercitados sendo por eles, o "mestre de Música será um secular" (§ 12 do Regulamento Geral). Esta última disposição legal, de serem de fora os Professores de Música, era de difícil execução, por se ter situado o Seminário em lugar sadio e amplo, fora de aglomerado urbano. Belém ficava longe da Bahia e a alguma distância da Vila da Cachoeira, onde poderiam morar esses Professores. Nas casas da Companhia não era costume viverem seculares. Circunstância que deve ter concorrido, não obstante o texto da lei orgânica, para se dispensar no decorrer dos anos; e, se não sempre, muitas vezes, alguém da casa, mais perito na arte, teria sido mestre de música. Deve ter sido o caso do fr. PEDRO DE NATOS, de Torres Vedras, a quem ofereceram outras Ordens Religiosas e admissão com o sacerdócio, preferido ele ficar irado leigo na Companhia, e, no Seminário de Belém, onde faleceu, em 1725, com a alcunha de "grande cantor" (*Arq. Bras.* 3(2), f. 294) ».

537 . MANUEL CARNEIRO em Serrão (1688, f. 84v) proferido ao "Colégio do Rio de Janeiro" em 1667, dá uma idéia do que deveriam aprender os iniciados nessa arte: « A Tres tempos costumam reduzir os Musicos toda a consonancia, & harmonia da solfa ao primeiro chamao tempo perfeito, ao segundo tempo imperfecto, & ao terceiro tempo de penuryo ». Mais adiante (f. 83v), acrescenta: « Na arte da solfa, dizem os Musicos, que mayor valia tem huma musica que hua longa; hua breve que hua semibreve; hua minima que hua seminima; hua figura branca que hua figura preta ».

ÍNDICE DE NOMES E TERMOS MUSICAIS

Acordes	590
Aguaí	158-180, 173, 176, 178, 351, 411, 482
Aiapar	351
Aimocininingo	352
Aimoin	351
Aimopu	352
Aiopig	352
Alaridos á portugueza	218
Alaúdes	242
Alalúia	517
Alto	407
Anchieta, José de (compositor de cantigas)	251, 452, 486
Anheeng	352
Apocem	350, 352
Aporacey	350, 351
Aragão, Baltazar de (senhor de capela de música)	317, 367
Arrabéis	524
Arrabéis (indígenas)	17
Arromba	524
Artes	582, 582
Arzão, Cornélio Rodrigues (senhor de capela de música)	670
Atabales	444
Atabales (indígenas)	133, 444, 544
Atabales (portugueses)	544

Atabaques	48
Atabaques (de negros)	403
Atabaques (indígenas)	544
Atambor	80, 139, 405, 627-629, 632, 634, 634-639
Atambor-mór	632
Atambores (holandeses)	404
Atambores (indígenas)	128
Atambores (portugueses)	140
<i>Aus tiefer Not schrei ich zu Dir</i>	83
Autos	243
<i>Ave Maria</i>	52, 115, 256, 275, 454, 468
<i>Ave Maria</i> (em tupi)	180, 181, 286, 307, 331, 474
<i>Ave Maria</i> (em português e cariri)	550, 552
<i>Ave Maris Stella</i>	150, 274
<i>Ay, verdades, que en amor</i>	527
Baixo	407, 867
Baixo (altura do instrumento)	516, 532
Baixões	265, 454, 468, 488
Bandas musicais (holandesas)	478
Bando	254, 424, 588
Bando com caixas	254, 424, 588
<i>Bangüê, que será de ti?</i>	513-515
Barradas, Antônio Francisco (tambor-mór)	841
Barros, Manuel Vieira de (mestre de capela)	649, 650, 652, 685
Barros, Pedro Vaz de (senhor de capela de música)	578
Belchior (moço do coro)	608
Benol	526

Benção cantada	132
Bendito da Senhora	584
<i>Bendito e glorificado seja</i>	321
Bendito e louvado da Conceição	587
<i>Bendito e louvado seja</i>	434, 454, 468, 488, 578, 581
<i>Benedicite</i>	304
<i>Benedictus</i>	519, 578
Benfeitores da música de festas	386, 464
Berimbau	41, 214, 218, 358
Bexiga, João da (trombeta)	637
Bexiga, João Rodrigues da (trombeta)	636, 637
Bexiga, Sinão Rodrigues da (trombeta)	637
Breve	534
Buraco	532
Buzinas	4
Buzinas (de negros)	403
Buzinas (indígenas)	73, 154, 230, 232, 364, 441, 493, 494, 544, 574
Buzinas (portuguesas)	426, 523, 588
Búzios (indígenas)	231, 233, 365
Búzios (portugueses)	525
Cadências	515, 518
Caixas	288, 575
Caixas (holandesas)	355, 357, 368, 375, 382, 400, 402, 407, 471, 472
Caixas (portuguesas)	254, 376, 387, 403, 424, 438, 510, 542-544, 582, 588, 642
Caixas de guerra	642
Caixas destemperadas	368, 438, 575
Compainhas	80, 344, 382, 405, 412

Canções devotas na língua	583
Canções lascivas e diabólicas	23
Cangüeras	81, 157, 164, 166, 179, 182, 283, 351, 364, 418, 447, 482, 485, 503
<i>Canindé-iune heýra-ueh</i>	177
Cantares	215
Cantares de Deus na língua	64
Cantares de Nosso Senhor	40
Cantares de Nosso Senhor (em tupi)	45, 51
Cantares desonestos	320
Cantares devotos	148
Cantares e tangeres indígenas	8, 9, 16, 28, 29, 32, 33, 36, 38, 41, 55, 56, 62, 63, 65-67, 73, 74, 78, 81, 83, 84-101, 106, 108, 111, 128, 131-133, 136, 141, 142, 154, 155, 157, 160-166, 169, 173, 175, 177, 182, 185, 188, 190, 195, 205, 210-212, 215, 223, 224, 227-233, 240-242, 246, 249, 250, 280-283, 279-283, 282, 284-288, 300, 301, 327, 328, 347, 383-385, 383, 384, 396-398, 406, 416, 417, 420, 421, 427, 433, 444, 447-450, 481, 485, 486, 493, 494, 501, 503, 505, 507, 549, 587, 588
Cantares e tangeres portugueses	363
Cantares e tangeres de negros	479
Cantares gentílicos	63, 246
Cantares santos	47
<i>Cântico espiritual a São Francisco</i>	558
<i>Cântico espiritual sobre o mistério da Encarnação do Verbo Divino</i>	556
Cânticos da mãe de Deus	584
Cânticos piedosos	320
Cantiga amatória	522
Cantiga das guitarras	519

Cantigas	25, 28, 36, 38, 57, 85, 76, 212, 214, 217, 228, 229, 231, 243, 251, 260, 282, 327, 381, 383, 452, 454, 455, 466, 467, 507, 513, 517, 582, 590
Cantigas (indígenas)	590, 592
Cantigas a modo do sertão	455
Cantigas ao divino	452, 467
Cantigas brutais e gentílicas	582
Cantigas de Deus na língua	452
Cantigas de improviso	228
Cantigas de Nosso Senhor	46
Cantigas de Nosso Senhor pela língua	38
Cantigas de trabalho	590
Cantigas devotas	214, 217, 582
Cantigas devotas na língua	243
Cantigas na língua	38
Cantigas na língua a seu modo	116
Cantigas pastoris	214
Cantigas pela língua	45
Cantigas piás	381, 467
Cantigas profanas	251, 466
Cantigas santas na língua	454
Cantigas torpes	513
Cantigas vãs e gentílicas	452
Cantilenas gentílicas	583
Canto	202, 218, 407
Canto a coros	434
Canto de órgão	29, 51, 128, 132, 134, 136, 140, 143, 146, 202, 205, 213-216, 218, 219, 225, 237, 248, 252, 285, 288, 321, 342, 344, 383, 434, 437, 452, 454, 456, 457, 467, 468, 575, 583, 885, 886

Canto de solfa	451
Canto fúnebre	324, 469
Canto público	424
Cantochão	252, 265, 321, 383, 434
Cantores	53, 124, 138-140, 144, 201, 210, 216, 217, 232, 237, 262, 264, 301, 344, 381, 382, 454, 468
Cantores da Igreja	454, 468
Cantores da Sé	217
Contraalta	260
Canudo de cana	232
Canudos	211
Capela	53, 134, 217, 223, 401, 542
Capela dos índios	217
Capelas de engenhos	217, 506, 578
Carioca, rio da	582, 590
Cartapácios	884
Casares, Antônio de Lima (mestre de capela)	614-618
Cascavéis	3, 5, 8, 13, 41, 73, 154, 210, 236, 262, 301, 358, 363, 418, 446, 575
Castanhetas	523
Catecismo na língua brasílica e portuguesa	168
Cateretês	200
Catharina, Dona (benfeitora da música de festas)	508
Cerecoara	352
Chacotas	381, 382, 402
Chançonetas	128
Chançonetas (indígenas)	590
Chantrado	604, 605, 608, 609

Chantre	39, 138, 527, 561, 601, 603, 604, 606, 810, 811, 814, 817, 818, 827
Chantria	604, 606, 609
Charangas	202, 248, 252, 264, 265, 344, 345, 368, 376, 377, 403, 404, 406, 440, 454, 468, 493, 502, 543, 575, 591
Charameleiros	328, 483, 487, 501, 502
Charameleiros indígenas de Pernambuco	493, 497
Chave	668
Cifra	534
Cistros	49
Cítara	658, 661
Clarins	373, 375, 504, 507, 529, 544, 572
Clarins (portugueses)	542, 544
Classe de solfa	682
Clave	518
Clavicórdios	206
Compasso	518
Completas	454, 466, 488
Confrarias	35, 203, 217, 218, 246, 248, 264, 265, 360, 384, 451, 454, 468, 482, 489, 570, 677
Consonância	533
Consonância de vozes e instrumentos	317
Contrabaixo	280
Contralto	210, 260, 520
Contrapontista	583
Cordas	532
Cornetas	454, 464, 468
Cornetas (indígenas)	16, 180, 591
Cornos	4, 8, 73, 154

Coroa da Santa Virgem	552
Coroa da Virgem	551
Coros	139, 212, 453, 455, 464, 468, 518, 551, 573, 581, 587, 808, 607, 686
Coros celestes	580
Coros iguais	468
Costa, Diogo da (praticante e mestre de música)	504
Costa, João Gonçalves da (músico)	668
Cravos	143, 213, 215-217, 237, 505, 507
<i>Credo</i>	52, 256, 275, 676
<i>Credo</i> (em tupi)	48, 160, 181, 288, 303, 307, 332, 474
<i>Credo</i> (em português e cariri)	552
<i>Dai vitória a nossos maridos</i>	560
Dança d'escudos á portugueza	214
Danças (de meninos catecúmenos)	214, 216, 217, 218, 223, 265, 380, 483
Danças (de negros)	478, 523, 524, 547
Danças (francesas)	141
Danças (holandesas)	368
Danças (indígenas)	4, 5, 8, 14, 16, 17, 29, 32, 74, 81, 95, 96, 111, 121, 128, 131, 136-142, 154, 155, 164, 169, 173-177, 180, 185, 188, 189, 193, 195, 196, 200, 201, 205, 209-213, 215, 217, 218, 227-229, 232, 233, 240, 241, 250, 260-283, 277-279, 281-283, 294-298, 298, 299, 305, 310, 327, 347, 360, 363, 364, 367, 393, 394, 397, 398, 412, 415-420, 427, 435, 437, 441, 443, 444, 447-450, 481, 485, 486, 492, 494-497, 505, 507, 510, 549, 553, 585, 575, 582, 587, 589, 593, 645, 646, 677
Danças (portuguesas)	4, 139, 140, 213-216, 218, 223, 402, 431, 513, 524, 531, 532, 646
Descante	215, 578
Descante divino	591
Descantes	213, 216, 217, 264

Destemperado	532
<i>Deus propitius esto mihi peccatori</i>	150
Devção do rosário	573
Devção do terço do rosário	575
Diácono	73, 132, 134, 137, 144, 214, 215
Diálogo	214, 217, 218
Diálogo pastoral	215
Dias, Diogo (trombeta)	635, 637
Diogo, filho de Matheus de Juro (moço do coro)	601
Diogo, filho de Diogo Rodrigues (moço do coro)	603, 606
Dissonar	519
<i>Do Santo Francisco tsoho festa doihi</i>	556
Dopainas	246
<i>Dokamara Cristãos han y</i>	556
Doutrina cantada	52, 203, 246, 306, 320, 450, 573
Doutrina na língua brasílica	246
<i>Dulce lignum, dulces clavos</i>	456
<i>Durandarte</i>	521
Epístola	382
Escaravelha	532
Escolas de ler, escrever e cantar	36, 53, 54, 59-61, 63, 115, 152, 201, 210, 216, 223, 224, 252, 265, 328, 347, 367, 424, 434, 435, 452, 453, 456, 467, 468, 488, 504, 583
Espelho	242
Exercícios de ler e cantar	577
Exercícios espirituais	489
Fabordão	518, 551, 552
Fagotes	454, 464, 468

Falsas	532, 533
Falsete	512, 520
Felipe (moço do coro)	806
Figuras	577
Flautas	41, 49, 53, 213-215, 217, 223, 245, 246, 260, 264, 265, 266, 321, 454, 468, 483, 497
Flautas (de negros)	403
Flautas (indígenas)	61, 106, 157, 164, 179, 182, 217, 283, 396, 414, 419, 565, 582
Flautas (portuguesas)	29, 76, 126, 143, 144, 202, 205, 206, 214, 216-218, 225, 252, 265, 575
Flautas 7 juntas	237
Flautistas	214
Folias	218, 500, 582
Folias (indígenas)	125, 128, 132, 140, 157
Folias (portuguesas)	128, 139, 140, 147
Folias de tamborim	125
Fonseca, Jorge Fernandes da (benfitor da música de festas)	368
Fonseca, Pedro da (tangedor dos órgãos)	605, 611-613
Fonseca, Pero da (tangedor dos órgãos)	611
Francoisco (músico indígena)	593
Freire, Miguel (músico)	687, 688
Freitas, Miguel de (músico)	688
Gabriel, Runo	52
Gaitas	4, 41, 49, 503
Gaitas (indígenas)	211, 231, 385
Gaitas (portuguesas)	215
Gaiteiro	41
Gaitinha	500

Garganta	518
Garganteados (indígenas)	233
<i>Gloria Patri</i>	321, 434, 453, 468
Godoi, Francisco Peres de (músico)	457
Gonçalves, Diogo (trombeta)	635
Gorzoni, João Maria (praticante de música)	500
<i>Gran Señor nos há nacido</i>	25
Guaibisbucu	447
Guaibipaie	447
Guarará	274, 350, 352
Guararaguassu	352
Guararamirin	352
Guararanopucara	352
Guararapes	544
Guatapy	350
Guatapyguassu	418
Guau	420, 447, 481
Guitarras	463, 512, 518, 524-527, 531, 657
Guitarrilha	523
Harmonia	515, 543, 574, 580
Harmonia celeste	581
Harmonia de vozes	437, 582
Harpas	383, 457, 464, 488, 489, 520, 664, 666, 667, 668
Harpista	520
<i>Hê, he ayre, hayrá</i>	168
<i>He, he, he, he</i>	183
<i>Hê, hyá, hyá, hyá</i>	188

Henrique, frei	3, 5, 73, 74, 346, 382
<i>Heu, Heu, Salvator noster</i>	147
Hino do Espírito Santo	42
Hinos	47, 51, 129, 139, 140, 289, 374, 519, 597
<i>Hosana [in excelsis Deo]</i>	532
<i>In exitu Israel de Egypto</i>	591
Instrumentos bárbaros	496, 562, 574
Instrumentos bélicos	359, 544
Instrumentos músicos	216, 342, 434, 452, 454, 456, 467, 468
Instrumentos rústicos	582, 591
Inybi-á	196
Itaguaí	351
Itamaracá	351
Itamaracanirin	351
Itamenbi	419
Itamynbi	352
<i>Jesú, morapysyroána</i>	334, 336
João, filho de João Velho (noço do coro)	801
Lá sól fá ni	519, 534
Lá sol fá ni ré	525
Ladainhas	11, 33, 41, 59, 61, 67, 72, 76, 124, 129, 135, 137-140, 189, 189, 200, 201, 204, 207, 213, 215, 217, 246, 257, 265, 360, 372, 382-384, 405, 406, 423, 424, 451, 453, 456, 457, 467, 489, 482, 495, 499, 502-505, 550, 572, 584, 586, 587, 593
Ladainhas a dois coros	76
Ladainhas cantada	75
Ladainhas da Mãe de Deus	572
Ladainhas da Senhora	505
Ladainhas da Senhora de Loreto	505

Ladainhas da tarde	585
Ladainhas da Virgem Maria	271
Ladainhas de Nossa Senhora	268, 382-384, 489, 503
Ladainhas dos santos	452, 467
Ladainhas em canto de órgão	140, 457
Ladainhas em cantochão	382
Lapas, Diogo Dias das (trombeta)	637
Lapas, Diogo Dias de (trombeta)	638
Lapas, Pedro Gonçalves das (trombeta)	638
<i>Laudate Dominum</i>	137, 138, 168
Leitão, Antônio (cantor)	124
Lente de Artes	582
Letrilhas	524
Lição	489
Lição da solfa	682
Lima, Domingos Vieira de (chantre)	614
Linhares, Manuel Pais de (mestre de capela)	846-848
Livros de canto de órgão	884
Lopes, João (mestre de capela e chantre)	602-604, 605, 608
Lourenço, Manuel	38
<i>Louvado seja</i>	453
Louvores ao Senhor	593
Louvores do Santíssimo Sacramento	52
Luís, Francisco (mestre de capela)	614, 615
Lundús	521
Luz, Francisco da (tangedor dos órgãos)	613
Mão	518

Machado, João (músico)	666
Machinho	512
Magalhães, Francisco de (músico)	457
<i>Magnificat</i>	150
Mandado	213
Mandamentos	46, 52, 303, 308, 676
Mandamentos (em tupi)	308, 309
<i>Mandamentos de Deus e da Igreja</i>	275
Mandato	129
Maracás	21, 28, 41, 71, 84, 85, 87, 91, 93, 95-97, 132, 154, 173, 173-175, 179, 186, 190, 191, 205, 210, 215, 229, 231, 260, 282, 282, 287, 305, 384, 396, 448
Maracatin	291
Matos, Eusébio de (compositor)	567
Matueto	352
Maus passos	534
Melodia	515, 543
Melodia das vozes	574
Mementos	665, 666, 667-670
Mementos com harpa	667, 668
Mementos em canto de órgão	667, 668
Mendes, Álvaro (músico)	457
Mestrado da capela	653
Mestre de canto	606
Mestre de capela	76, 228, 239, 486, 562, 603, 606, 608, 611, 615, 618, 622, 627, 631, 646, 652, 663, 667
Mestre de música	682
Mestre solfista	520
<i>Meu Deus, que será de mim?</i>	513, 514

Kiengarros	301
Miserere	122-124, 127, 213, 215, 264, 453, 507, 517, 520, 578
Miserere (em canto de órgão)	213
Missas cantadas	3, 5, 6, 32, 51, 70, 73, 76, 116, 117, 132, 135, 137, 147, 152, 154, 205, 215-217, 219, 225, 237, 245, 252, 257, 265, 348, 349, 360, 366, 382-384, 404, 405, 468, 476, 488, 488, 488, 491, 493, 496-500, 506, 570, 584, 596, 597, 648, 655-665, 657, 667, 668, 670
Missas cantadas (por índios)	60, 76, 118, 136, 202, 207, 214-217, 219, 237, 246, 258, 344, 347, 454, 457, 468, 583
Missas cantadas com harpa e baixo	665
Missas cantadas de defuntos	32
Missas cantadas de três coros	404
Missas cantadas de três lições	657
Missas cantadas de cinco lições	662
Missas cantadas de corpo presente	655, 662, 665
Missas cantantes	75, 129, 455, 522
Missas de canto de órgão	51, 129, 132, 134, 205, 214, 216, 219, 225, 237, 246, 268, 481
Missas de canto de órgão e flautas	245
Missas de defuntos	451
Missas de diácono e subdiácono	73, 132, 134, 214, 217, 218
Missas de dois coros	265, 581
Missas de réquiem	405, 586
Missas de três coros	348, 543
Missas secas	257
Missas solenes de diácono e subdiácono	215
Missas solenes em canto de órgão	457
Mistérios cantados	437, 451
Mogos do coro	228, 600-603, 602, 606, 607, 610-614, 622, 627, 631

Modulações	515
Moraceitara	351
Moraceya	350, 351
Mote	229
Motes de improviso	229
Notetes por solfa	582
Notetos	128, 132, 144, 215, 216, 237, 405, 488, 507, 515, 582
Notetos em canto de órgão	132
Mudanças	214, 216
Muré-muré	447
Música celeste	252, 253
Música celestial	322, 323, 394, 405, 437, 543, 580
Música da Sé Metropolitana	575
Música de canto de órgão de dois coros	666
Música de catequese	18, 23, 27, 31, 33, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 50-54, 57, 58, 64, 115, 118, 119, 124, 127, 132, 137, 149, 169, 214, 251, 256, 302, 455, 458, 550
Música de festas	126, 128, 138, 139, 143, 147, 208, 214, 216, 265, 386, 464, 499, 505, 551, 648
Música de festas (de negros)	485
Música de festas (holandesas)	368, 402
Música de festas (portuguesas)	402, 405, 408
Música de flautas	214
Música de negros	485, 486
Música de procissões	5, 18, 40, 41, 47, 78, 80, 123, 124, 129, 132, 138-140, 144, 204, 207, 213, 215, 217, 218, 284, 345, 349, 408, 454-456, 488, 587
Música de teatro	207, 214, 217
Música de vozes	213, 215-217
Música de vozes e instrumentos	321

Música do inferno	211
Música dos anjos	258
Música dos espanhóis	372
Música dos estudantes	505
Música dos franceses	141, 172, 181, 182, 289
Música dos holandeses	368, 369, 400-402
Música e danças indígenas (proibições)	587, 645, 646, 677
Música nas aldeias do Maranhão	303
Música nas aldeias jesuíticas	115, 224, 252, 321, 344, 433, 434, 453, 454, 468, 581, 676-681
Música naval	135, 213, 218, 257, 289, 381-383, 431, 457, 483, 488, 489, 495, 503, 575, 584
Música solene de instrumentos	488
Músicas de Sion	493
Músicas dos religiosos de Nossa Senhora da Mercês	501
Músicos	227-229, 233, 257, 265, 405, 432, 435, 457, 492, 493, 498, 506, 542, 582, 587, 589, 590, 670
Músicos da terra	435
Músicos de Nossa Senhora das Mercês	482, 507
Músicos indígenas de Pernambuco	432, 437, 493, 497, 575, 581
<i>Nyiape ybakugóara</i>	337
<i>Nymbi</i>	350, 351, 501
<i>Nymbiapara</i>	352, 447, 482
<i>Nymbiguassu</i>	447, 482
<i>Nanja do pernil bofé</i>	521
<i>Nésporas</i>	41
<i>Neto, Álvaro (músico)</i>	670
<i>Nheëgapaba</i>	351
<i>Nheëgapara</i>	351

Nheẽgara	351
Nheẽgaraipara	351
Nheenga	351
Nheengara	351
Nheengariba	351
Noturno	488
<i>Nun bitten wir den heiligen Geist</i>	88
Nunes, Manoel Ferreira (chantre)	594
<i>O Crux, ave spes unica</i>	271, 274
<i>O gloriosa Domina</i>	150
Oboés	485
Ofícios	79, 244, 360, 452, 658, 660, 662, 664
Ofícios da Semana Santa	144, 488
Ofícios de catruz	517
Ofícios de corpo presente	435, 663
Ofícios de corpo presente de dois coros	667
Ofícios de defuntos	662
Ofícios de dois coros	667
Ofícios de dois coros com harpa e baixos	667
Ofícios de dois coros de nove lições com harpa e baixo	667
Ofícios de nove lições	252, 657, 659-663, 666, 667
Ofícios de três lições	658-661, 663-665
Ofícios de três lições em canto de órgão	668
Ofícios de trevas	122, 127, 507, 578
Ofícios divinos	152, 228, 342, 434, 435, 440, 454, 467, 483
Ofícios divinos em canto de órgão	342, 434, 457, 483
Ofícios entoados	79

Ofícios sagrados	452
Ofícios solenes e cantados	72
<i>Ojos, que lo vieron ir</i>	530
Oliveira, Simão de, filho de Antônio de Oliveira (moço do coro)	602
<i>Ora pro nobis</i>	35, 41, 48, 50
Orações	252, 344, 434, 451, 452
Orações cantadas	18, 76, 482
Orações em canto de órgão	452, 487
Órgãos	203, 206, 207, 216, 217, 237, 284, 407, 605, 607, 612, 613
Órgãos que se tocam com a boca	17
Organista	625
<i>Os mandamentos de Deus</i>	28
Pandeirinhos	215
Pandeiros	41, 48, 214, 656
Papéis	664
Paracé	486
Passo, Antônio Machado (músico)	670
Passos	518, 532, 534
Passos de garganta	518, 521
Pastoris	214
<i>Pater Noster</i>	52, 256, 274, 454, 488
<i>Pater Noster</i> (em português e cariri)	550, 552
<i>Pater Noster</i> (em tupi)	27, 48, 160, 286, 303, 306, 330, 474
Paturi	523, 524
Pavana	533
Peças	381
<i>Peiorí, apyabetá</i>	336, 340

Pereira, Diogo (senhor de capela de música)	506
Pereira, Francisco (chantre)	617, 618
Pereira, Manoel (praticante de música)	506
Pereira, Pascoal (senhor de capela de música)	501
Pifaros	106, 179, 182, 381, 631
Pifaros (indígenas)	166, 217, 258, 419, 565
Pifaros (portugueses)	145, 218, 542, 544
Pimenta, Ruy (chantre)	139, 604, 605, 608, 609, 611
Pino, Manuel da Costa do (mestre de capela)	662, 663
<i>Pirá-uassá a uéh</i>	178
Pires, Bartholomeu (mestre de capela)	239, 609, 612
Pocenas	352, 494
Ponteado	532
Pontes, João de (praticante de música)	578
Pontos	532
Poracê	485
Postura	532
Pregões	80, 254, 392, 496
Pregões com caixas	254
Prima	533
Quadros, Bernardo de (músico)	667
Rabecas	506, 551
Ranires, Manoel Soeiro (músico)	666
Rasgado	532
Ré mi fá sol	519, 526, 534
<i>Réquiem</i>	522
Requintar	516

<i>Respice</i>	123
Responsórios	597
Respostos	345, 655, 660, 664, 666
Rodrigues, Antônio (mestre e praticante de música)	76, 124, 246
Rodrigues, Simão (trombeta)	635, 638
Romances	486
Romances pios	486
Roncadores	230
Rosário	321, 551, 573
Rosário da Virgem	321
Rosário do nome de Jesus	119, 124, 148, 150
Sacabuxa	265
<i>Salmo 5</i>	172
<i>Salmo 104</i>	181
<i>Salmo 140</i>	373
Salmos	139, 140, 168, 215-217, 368, 373, 405, 453, 581, 587
Saltarelo	529
Salve da Virgem Senhora Nossa	454
<i>Salve Rainha</i>	452, 482, 564
<i>Salve Regina</i>	32, 52, 61, 76, 115, 120, 124, 135, 136, 140, 452, 488, 492, 504, 561
<i>Salve Regina</i> (em português e cariri)	550
<i>Salve Regina</i> (em tupi)	48, 331, 474
<i>Santa Maria</i>	48
Sanfoneiros	212
Santa doutrina em verso	573
Santa Mônica, Agostinho de (mestre de capela)	618
Santo Elias, Antônio de (compositor)	597

<i>Senhor Deus misericórdia</i>	123
<i>Servio na maxinga a El-Rei</i>	530
Sete pontos	532
<i>Sete Sacramentos</i>	275
<i>Sete Sacramentos (em tupi)</i>	310
Sete signos	518
Siqueira, Antônio Raposo de (músico)	866, 867, 868
Siqueira, Manuel Alves de (músico)	869
Siqueira, Manuel Lopes de (mestre de capela)	853, 866, 867, 868
Solfa	500, 516, 567, 582, 583, 682
Solo	533
Son	214, 524, 527
Son de caixas	586
Stomp, Marten (trombeta holandês)	478
Subchante	622, 625, 627
Subdiácono	73, 132, 134, 137, 144, 214, 215
<i>Subvenite [sancti Dei]</i>	531
Sustenidos	531
Sustenidos de guitarra	531
Tabuadas	518
Tambor	236, 285, 288, 355, 356, 367, 372, 378, 381, 383, 405, 428, 429, 497, 825-831, 836, 842, 843
Tambor (português)	80, 138
Tambor da chacota	381
Tambor-mór	832, 841
Tambores	17, 249, 375
Tambores (de negros)	485

Tambores (franceses)	11, 275, 276
Tambores (holandeses)	354, 371, 380, 390, 391, 399, 404
Tambores (indígenas)	15, 16, 217, 231, 232, 258, 384, 385, 441, 494, 574
Tambores (portugueses)	49, 145, 215, 218, 238, 265, 343, 383, 391, 404, 428, 463, 507, 544
Tambores bascos	280
Tamborileiro	41
Tamborins (indígenas)	106
Tamboris	5, 214
Tamboris (indígenas)	125, 132, 164, 229, 230
Tamboris (portugueses)	223, 529
Tamborzinhos	582
Tangedor dos órgãos	607, 612, 822, 825, 827, 831
<i>Tantum ergo</i>	499
Taquaras	41, 232
<i>Te Deum</i> a 4 coros (de Antônio de Santo Elias)	587
<i>Te Deum laudamus</i>	137, 214, 260, 265, 268 , 270, 286, 311, 388, 441, 451, 494, 500, 502, 553, 574, 583
Telo, Barnabé (praticante de música)	214, 218
Temperilhos	532
Tenor	210, 260, 407
Terceira	533
Terço	423, 424, 489, 492, 495, 503, 573, 575, 584, 585, 587, 584
Terço da Senhora a coros	573
Terço da Virgem Senhora	584
Terço de charaneleiros	487
Terço de Nossa Senhora	489
Terço do rosário	423, 489, 492, 495, 498, 503, 573, 575, 584, 585, 587

Terço do rosário a coros	423, 424, 584, 585, 587
Terno de charameles	285, 542
Terno de flautas	144
Tiple	210, 237, 280, 282, 328, 407
Título (canto)	210
Ton	527, 532
Tomásio (trombeteiro indígena)	488
Toques	582
Toques lascivos	513
Torres, Jeronymo de (tambor)	635-639
Trastejado	532
Trastes	532
Tratadinho (sobre tangeres e modo de enterrar dos índios)	56
Trocados	218
Trombeta	273, 288, 289, 355, 368, 379, 388, 399, 402, 403, 478, 635, 635-639
Trombeta (holandês)	369
Trombeta (português)	529, 369
Trombetas	4
Trombetas (de negros)	485
Trombetas (francesas)	268, 275, 278, 283, 385
Trombetas (holandesas)	11, 354, 359, 375, 380, 389-392, 400, 402, 404, 407, 414, 419, 428, 478, 583
Trombetas (indígenas)	16, 17, 187, 232, 233, 288, 419, 441, 444, 485, 492, 493, 494, 501, 574
Trombetas (portuguesas)	19, 48, 236, 289, 368, 378, 403, 404, 431, 454, 463, 468, 484, 498, 543, 544
Trombetas bastardas	343, 359
Trombeteiro	498
Trombetinhas (holandesas)	357

Trovadoras	215
Trovas	215
<i>Tupã-sý angaturáua</i>	335, 338, 500
Urucá	447
Urucapi	447, 481
Uruguá	351
Vacas, Francisco de (chantre)	68, 601, 604, 608
<i>Vamos receber o padre Luís de Grã</i>	127
<i>Veni Creator Spiritus</i>	51, 149, 268, 272, 274, 311
Vésperas	78, 132, 134, 136, 140, 202, 207, 265, 348, 360, 381, 383, 384, 454, 488, 496
Vésperas em canto de órgão	132, 134, 136, 148
<i>Vexilla Regis prodeunt</i>	268, 271, 274
Vieira, João Fernandes (senhor de capela de música)	405, 408, 542
Vieira, Pero Jacome (músico)	667
Vilancicos	587
Violas	203, 207, 214, 216, 223, 237, 242, 280, 463, 486, 504, 508, 516, 524, 532, 551, 656-658, 657, 684, 688, 689
Violas de arco	431
Voltas	228
Voz entoada	3
Vozes	574, 576, 582, 590
Vozes divinas	384
Vozes suaves	562
<i>Wilhelmus van Nassouwen</i>	478
Xepu	352
Ypapaçaba	351